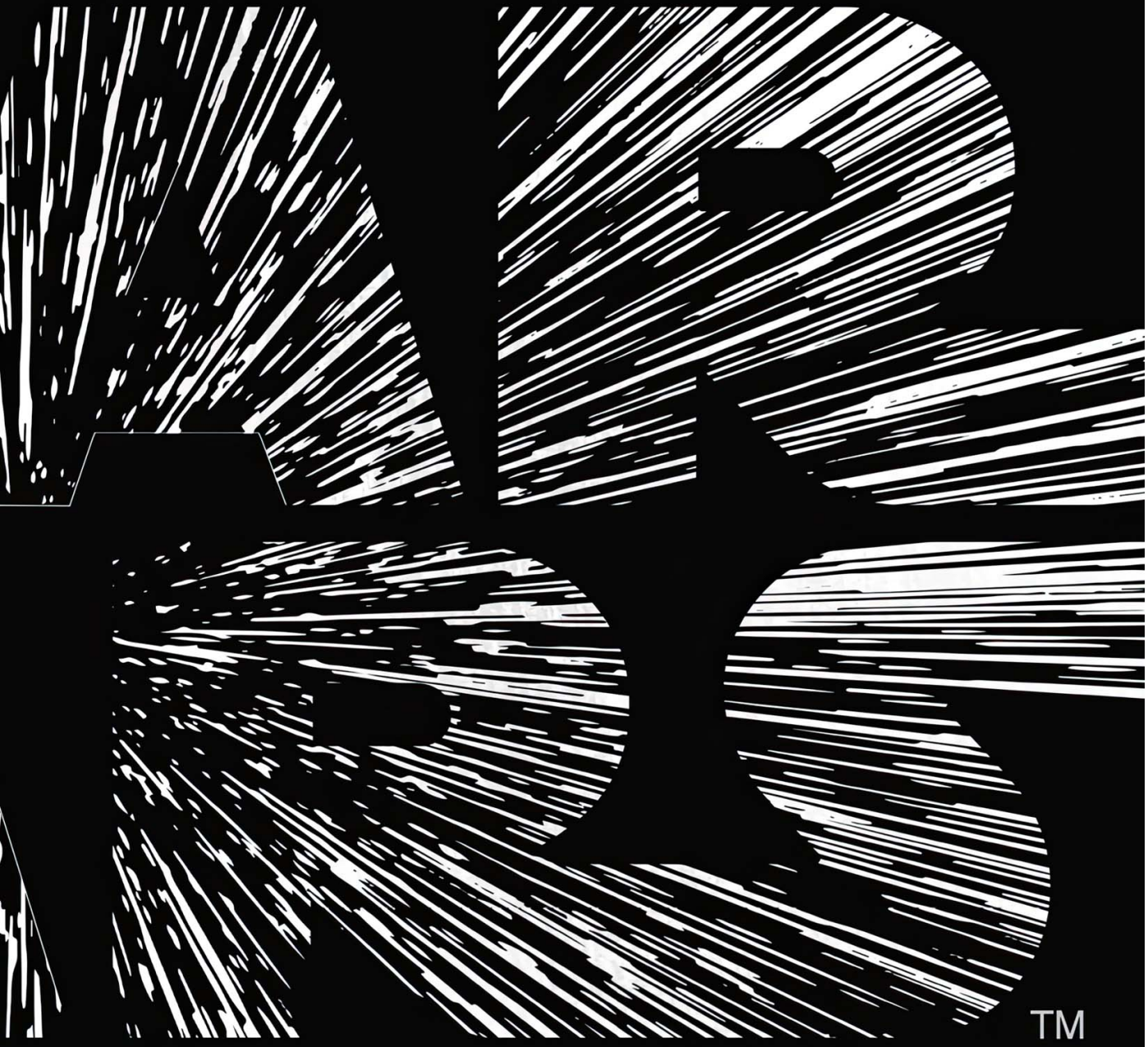
STAR WARS

A FORÇA VIVA

JOHN JACKSON MILLER

STAR WARS


TM

A FORÇA VIVA

JOHN JACKSON MILLER

TRADUTORES DOS WHILLS

Para Ann...
que acompanhou minha carreira com grande interesse
e ofereceu muitos sábios conselhos

Star Wars - A Força Viva é uma obra de ficção. Nomes, lugares, e outros incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usadas na ficção. Qualquer semelhança a eventos atuais, locais, ou pessoas, vivo ou morto, é mera coincidência.Direitos Autorais © 2024 da Lucasfilm Ltd. ® TM onde indicada. Todos os direitos reservados. Publicado nos Estados Unidos pela Del Rey, uma impressão da Random House, um divisão da Penguin Random House LLC, Nova York.DEL REY e a HOUSE colophon são marcas registradas da Penguin Random House LLC.

TRADUTORES DOS WHILLS

Todo o trabalho de tradução, revisão e layout desta história foi feito por fãs de Star Wars e com o único propósito de compartilhá-lo com outras que falam a língua portuguesa, em especial no Brasil. Star Wars e todos os personagens, nomes e situações são marcas comerciais e /ou propriedade intelectual da Lucasfilms Limited. Este trabalho é fornecido gratuitamente para uso privado. Se você gostou do material, ***compre o Original***, mesmo que seja em outra língua. Assim, você incentiva que novos materiais sejam lançados. Você pode compartilhá-lo sob a sua responsabilidade, desde que também seja livre, e mantenha intactas as informações na página anterior, e reconhecimento às pessoas que trabalharam para este livro, como esta nota para que mais pessoas possam encontrar o grupo de onde vem. É proibida a venda parcial ou total deste material. Este é um trabalho amador, não fazemos isso profissionalmente, ou não fazemos isso como parte do nosso trabalho, nem esperamos receber nenhuma compensação, exceto, talvez, alguns agradecimentos se você acha que nós merecemos. Esperamos oferecer livros e histórias com a melhor qualidade possível, se você encontrar algum erro, agradeceremos que nos relate para que possamos corrigi-lo. Este livro digital está disponível gratuitamente no Blog dos ***Tradutores dos Whills***. Visite-nos na nossa página para encontrar a versão mais recente, outros livros e histórias, ou para enviar comentários, críticas ou agradecimentos: tradutoresdoswhills.wordpress.com

Índice

Capa
Página Título
Dedicatória
Direitos Autorais
Índice
Epígrafo
Introdução

Parte Um: O Retiro Jedi
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10

Parte Dois: Boas Ações
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43

Parte Três: Regras do Conselho
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57

Parte Quatro: O Retorno Alegre
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60

Epílogo

Mapa
Sobre o Ebook
Agradecimentos
Sobre o Autor

Há muito tempo,
numa galáxia muito,
muito distante...

Esteja atento à Força viva, jovem Padawan.
—Qui-Gon Jinn

A FORÇA VIVA

Por gerações, a galáxia olhou para o CONSELHO JEDI, os Cavaleiros Jedi mais sábios da Ordem, em busca de sabedoria e orientação. Interpretando a vontade da FORÇA, o Conselho ajudou a trazer uma era de paz e prosperidade sem precedentes.

Porém, esse tempo está chegando ao fim. Rodeada pela corrupção, a REPÚBLICA GALÁCTICA desvia recursos vitais de muitos lugares merecedores. O Conselho se vê dividido entre atender aos desejos do Senado e sua missão de proteger todos os desamparados da galáxia.

Mas mesmo enquanto a Ordem se retira de algumas regiões, o compromisso do Conselho com o povo permanece inalterado. E assim como existem Jedi que acreditam que a Força espera mais deles, há forças mais sombrias esperando para aproveitar a sua partida...

PARTE UM

O RETIRO JEDI

CAPÍTULO 1

A BORDO DA *REGAL ZEPHYR*

HIPERESPAÇO

— Bom dia!

Apoiado contra a parede da nave interestelar, o Mestre Jedi Qui-Gon Jinn olhou pra cima ao som da voz de Obi-Wan Kenobi. As palavras não eram pra ele. Mais atrás na cabine lotada de passageiros da *Majestoso Zephyr*, seu aprendiz finalmente encontrara um assento vazio e havia falado com a mulher de cabelos escuros do outro lado do corredor. Qui-Gon não precisava ser um Jedi para sentir a apreensão da jovem enquanto ela segurava firmemente a sua bolsa de viagem.

Obi-Wan também notou e rapidamente procurou tranquilizá-la.

— Peço desculpas. Não sabia que você estava dormindo.

— Não estava, — respondeu ela curtamente.

— O hiperespaço torna isso difícil. — Ele fez um gesto para a névoa rodopiante do lado de fora das janelas sujas da *Majestoso Zephyr*. — É difícil saber que horas são. Sinto que você não gosta de voar mais do que eu...

Ela fez uma careta.

— Olha, esse assento está ocupado.

Ele olhou ao redor.

— Me desculpe, eu deveria ter...

— O meu marido estará aqui a qualquer minuto.

Obi-Wan rapidamente se levantou.

— Com licença.

Ele se curvou e caminhou alguns metros até o corredor da frente, onde Qui-Gon estava perto da porta da cozinha ao lado da grande maleta metálica que era a sua carga. O Mestre Jedi sorriu gentilmente.

— Problemas na aproximação?

— Nem mesmo estava na galáxia certa.

— Prometo que você fará pelo menos um amigo antes de chegarmos a Coruscant, Obi-Wan. — Qui-Gon esticou o pescoço para olhar ao redor da cabine, que continha muito mais passageiros do que assentos. — Diria que é matematicamente impossível não fazer.

No passado, Qui-Gon frequentemente incentivara o seu Padawan a usar os momentos mais tranquilos de suas jornadas para conhecer pessoas. Para se conectar com elas. Não é que o jovem tivesse problemas para fazer amigos; Obi-Wan tinha uma habilidade natural nesse sentido. Mas as estruturas que transformavam os jovens em Cavaleiros Jedi também tendiam a isolá-los, e isso poderia dar-lhes a ideia errada sobre os seus lugares na galáxia. Foi por isso que Qui-Gon muitas vezes escolhia o transporte comercial, como a *Majestoso Zephyr*, uma das poucas naves de passageiros que serviam a Ootmian Pabol, uma vez uma rota-chave que levava da Orla para Coruscant. Um voo aparentemente interminável a bordo de uma nave que cheirava a um compactador de lixo era ao mesmo tempo humilde e humilhante.

As portas automáticas se abriram à direita de Qui-Gon. Ele e Obi-Wan observaram enquanto um homem cansado entrava pela cozinha, carregando uma criança em cada braço. Ignorando os dois Jedi enquanto passava, o homem se aproximou da mulher com quem Obi-Wan havia falado. Depois de passar uma criança para ela, ele exibiu uma única bolsa de comida, uma das magras rações oferecidas pelo fornecedor da cozinha. A família reunida parecia exausta, mas também faminta. Eles devoraram a bolsa e a esvaziaram em segundos.

Qui-Gon caminhou pelo corredor e se aproximou dos jovens pais. Ele tirou um par de fichas das dobras de sua capa e chamou a atenção deles.

— Com licença. Vocês deixaram cair os seus cupons de refeição.

— Esses não são meus, — disse o homem, olhando para ele. — Acabei de usar o último.

— Então esses devem ter grudado no seu sapato. Fácil de acreditar, por aqui. — Ele olhou para as crianças famintas e depois para os pais. — Por favor. Eles não devem ser desperdiçados.

A mãe desconfiada olhou por um momento antes de pegar as fichas. Ela se levantou. Com a filha no colo, ela correu para a cozinha. Qui-Gon voltou à sua posição anterior.

Obi-Wan sorriu.

— Vamos pular o café da manhã, então.

— Você não teria gostado dele mesmo.

— Você provavelmente está certo. — Ele observou os rostos mal-humorados ao redor da cabine. — Reconheço que não tenho o toque comum, Mestre.

— Aí está essa frase novamente. — Qui-Gon balançou a cabeça. — Todo ser é melhor que você, Obi-Wan. Lembre-se disso, e o serviço se torna natural.

— Nunca me canso de ouvir isso. — Obi-Wan avistou outro assento vazio, mais perto de onde os dois Jedi estavam. Ele se endireitou. — De volta à batalha.

— Tente um pouco mais de energia desta vez. A cozinha está sem café.

— Entendido.

Qui-Gon observou enquanto o seu aprendiz se aproximava corajosamente e se sentava ao lado de uma grande figura encolhida. O Mestre Jedi o havia visto antes: um membro massivo da espécie Houk, com pele azul e sem orelhas ou nariz aparentes. Nada disso estava visível agora, já que estava envolto numa capa e capuz, escolhas estranhas, dadas a temperatura na cabine.

Verificando rapidamente para garantir que o Houk não estivesse dormindo, Obi-Wan adotou um sorriso animado e se dirigiu ao passageiro.

— Olá!

Os olhos amarelos e pequenos se arregalaram. O brutamontes rosnou e se levantou abruptamente para a sua altura imponente. O Houk jogou fora a

sua capa para revelar um blaster preso ao seu peito.

Os olhos de Obi-Wan se arregalaram.

— Se você quisesse ficar sozinho, só precisava dizer.

— Silêncio! — O muscular Houk se virou para enfrentar o resto da cabine e gritou: — *Agora*!

Dois passageiros mais encapuzados se levantaram e tiraram os seus disfarces. Um Klatooiniano com cicatrizes e um Devaroniano com chifres alcançaram as suas armas. Este último tinha o seu blaster na mão primeiro. Olhos dourados e presas afiadas brilharam enquanto ele gritava:

— Ninguém se mexa!

Qui-Gon viu Obi-Wan começar a se levantar, apenas para pausar. O seu Padawan olhou pra ele. Qui-Gon tinha a mão perto de seu sabre de luz, ainda escondido dentro de sua capa, mas também esperava. Lançou um olhar que sabia que o seu aluno entenderia. *Sem derramamento de sangue. Não com tantos inocentes por perto, sem ter pra onde ir.*

— Qual o significado disso? — exigiu um passageiro idoso.

O Devaroniano acenou com o seu blaster.

— Deixe-me me apresentar. Sou O Lobber , isso mesmo, *aquele* Lobber . Esta nave agora está sob o controle dos Infames!

Os Infames. Qui-Gon conhecia como uma das várias gangues interestelares ativas na Orla, a colossal faixa em forma de cunha de sistemas estelares que se estendia dos Mundos do Núcleo até a Orla Exterior. Não era um grupo que muitos de Coruscant teriam ouvido falar, e não parecia ser um ótimo nome para recrutamento. Mas claramente os passageiros sabiam o que era, dada as suas reações ansiosas.

O nome também pareceu perturbar outra pessoa: o Houk que estava perto de Obi-Wan.

— Os Infames? — ele perguntou. — Pensei que estávamos fazendo isso pelos Caveiras.

— Os Caveiras? — o Klatooiniano resmungou em voz baixa. — Nós discutimos isso, Ghor. A gangue Reputações Sujas paga mais do que qualquer um.

— Cale a boca, Wungo. — Lobber acenou com o seu blaster para o Klatooiniano. — Espere até terminarmos.

Os Caveiras Empaladas. Os Reputações Sujas. Qui-Gon conhecia os nomes. Mais operações de um submundo regional que estava cada vez mais exposto. Cutucou discretamente a mala com a qual estava viajando para debaixo de um assento próximo. Havia um jogo aqui, sabia o Mestre Jedi. Só precisava encontrá-lo.

— Isto é loucura, — declarou o jovem pai, segurando o seu filho chorando. — Não temos nada você pra roubar!

— Isso é óbvio, — disse Lobber , apontando para o teto com o seu blaster. — Estamos roubando a *nave*. — Ele apontou para o Houk. — Ghor, você sabe o que fazer.

Ghor pegou uma bolsa de lona vazia ao lado de seu assento e se moveu pelo corredor com ela.

— Qualquer arma, entreguem. — Ele se afastou de Obi-Wan, um golpe de sorte, pensou Qui-Gon, mas ainda era muito cedo para agir. Wungo, o Klatooiniano, também estava em movimento, com um saco próprio, só que ele estava exigindo objetos de valor.

— Você acabou de dizer que só queria a nave, — rosnou um passageiro Rodiano.

Wungo respondeu:

— Cale a boca!

Um viajante idoso começou a chorar.

— O que, o que vai acontecer conosco?

Lobber riu.

— Vamos deixar todos vocês na parada mais próxima.

— Onde? — perguntou o jovem pai. — O que tem pra nós lá?

Nervoso, o Devaroniano elevou a voz.

— Parem de reclamar. Vocês têm sorte de não termos apenas lançados a todos no espaço!

Qui-Gon viu e ouviu o suficiente. Os sequestradores não tinham plano ou mesmo um acordo sobre pra quem trabalhavam. Amadorismo muitas vezes significava imprudência e potencial para causar danos, se não agisse

rapidamente e com inteligência. Lançou outro olhar que sabia que o seu Padawan reconheceria e deu um passo longe da parede.

Colocando as mãos abertas diante de si, ele falou calmamente.

— Meus amigos, não há necessidade pra isso.

Lobber o encarou.

— Quem é você?

— Apenas alguém que quer uma viagem tranquila. — Qui-Gon cruzou os braços. — Não quero ver ninguém se machucar.

— A única pessoa que vai se machucar é *você*, — declarou Lobber.

Ghor apontou a sua arma para Qui-Gon.

— Tudo bem, valentão. Onde está o seu blaster?

— Normalmente, eu passo sem um.

O gigante riu alto.

— Você é tão bom assim, hein?

Lobber rosnou.

— Ensine uma lição ao grande herói e depois vá para a cabine.

— Você é quem sabe pilotar, — disse Ghor.

— Só obedeça!

Os companheiros de Lobber mal começaram a avançar em direção a Qui-Gon quando a porta da cozinha atrás dele se abriu. Olhou pra trás e viu a mãe segurando a sua criança agitada. Ela deu três passos para dentro quando viu os blasters sendo apontados em sua direção.

— Leerah, volte! — gritou o marido dela. Em pânico, ela deu um passo errado pra trás através do limiar e perdeu o equilíbrio, fazendo a sua filha escorregar de suas mãos e cair em direção ao convés de metal. A mulher gritou.

Rapidamente se endireitando, ela olhou pra cima maravilhada com o que havia acontecido com a sua filha. A criança flutuava de cabeça pra baixo, tão perto do chão que os seus cabelos roçavam nele.

— As pessoas continuam deixando cair as coisas por aqui, — disse Qui-Gon, com a mão pronta no ar.

A menininha gargalhou de felicidade até que a sua mãe a pegou de volta.

Os outros na cabine observaram, fascinados, mas nenhum com mais interesse do que os sequestradores. A boca de Lobber ficou aberta.

— Ele é um *Jedi*!

— Na verdade, — disse Obi-Wan, — ele é um Mestre Jedi. — Ele se levantou da cadeira. — E não é só *qualquer* Mestre Jedi. Eles o convidaram para fazer parte do Conselho Jedi. Você já ouviu falar disso?

A expressão carrancuda de Lobber indicava que sim.

— Eles deveriam ser os melhores. Os chefões.

Ghor encarou Qui-Gon.

— Então o que ele está fazendo aqui fora?

— Ele disse não a eles, — respondeu Obi-Wan. — Ele achou que isso tiraria tempo da sua principal busca.

— Que é?

— Segurança de espaçonaves comerciais. Nunca houve um único sequestro sob a sua vigilância.

Ghor resmungou.

— Segurança! Jedi não fazem esse tipo de coisa.

— Ele olhou para o Devaroniano. — Eles não fazem. Fazem?

— Claro que não. — Lobber debochou. — Os Jedi mal se importam com essa rota nos dias de hoje.

— E ainda assim, aqui estamos, — disse Qui-Gon.

Wungo olhou em pânico entre Qui-Gon e a garota que ele havia resgatado.

— Você viu como ele a fez flutuar? Eu não sabia que eles podiam fazer isso.

— Jedi não saem por aí se exibindo, — disse Obi-Wan, avançando. — Mas a notícia se espalha. Tenho certeza de que você ouviu os boatos.

Lobber franziu o cenho.

— Que boatos?

— Sobre poderes Jedi secretos. Alguns são bastante surpreendentes. Desarmá-lo de sua arma com apenas algumas palavras, por exemplo.

Ghor apertou mais firmemente seu blaster.

— É mesmo?

Qui-Gon balançou a cabeça.

— Eu não vou fazer isso. Ou nada... mais chamativo.

Wungo encarou.

— Como o quê?

— Não se preocupe. — Qui-Gon juntou as mãos. — Como era o nome do planeta para onde vocês estavam indo deixar todos?

Lobber tinha a resposta.

— Randon.

— Maravilhoso. Vou garantir que o piloto pare lá. E então *vocês três* desembarcarão e encontrarão passagem de volta para onde vieram. — Ele levantou uma sobrancelha. — Espero que numa nave para a qual tenham permissão para embarcar.

— 'Desembarcar'? — Lobber repetiu.

— Isso significa sair, — interveio Obi-Wan.

— Eu sei o que é, — O Devaroniano se interrompeu e riu. — Não vamos sair dessa nave.

— Oh, acho que vocês definitivamente vão querer.

— E se não quisermos?

— A alternativa é... desagradável, — disse Qui-Gon. Ele olhou para Obi-Wan. — O meu colega pode atestar isso.

Ghor seguiu o olhar de Qui-Gon.

— Você é o colega dele?

Obi-Wan se curvou.

— Outro Cavaleiro Jedi? — perguntou Lobber.

— Mais ou menos. — Obi-Wan mexeu em sua trança de Padawan. — É complicado.

Lobber praguejou e olhou ao redor.

— Ótimo. Tem mais algum por aqui?

— Esqueça isso, — disse Wungo. — Eu ainda quero saber sobre essa 'alternativa desagradável'.

— Não tenho certeza se você quer mesmo, — respondeu Obi-Wan, com apreensão visível. — Mestre, me diga que você não está considerando fazer

o que eu acho que você está. — Ele fez uma careta e deu um arrepio. — Eu preferiria não ter que limpar a bagunça.

— Eu não disse que era algo que eu preferia, — disse Qui-Gon, balançando a cabeça. — É um último recurso.

Lobber parecia incrédulo.

— Outra coisa secreta que os Jedi sabem fazer? Por que nunca ouvi falar disso?

— Uma excelente pergunta, — disse Obi-Wan. — Existe alguma razão pela qual você pode não ter ouvido falar disso?

— Isso não existe!

— Ou?

Levou um momento para os três sequestradores entenderem. Wungo foi o primeiro.

— Ninguém a quem você já fez isso sobreviveu?

— Certamente não. — Qui-Gon olhou nervosamente para Obi-Wan. — Eu deveria dizer *definitivamente* não.

Obi-Wan ficou enjoado.

— Quero dizer, mesmo que você *tenha* sobrevivido, você realmente não ia querer.

Wungo baixou o seu blaster.

— Chega. Estou fora.

— Sim, — disse Ghor, seguindo o exemplo. — Eu não vou fazer isso.

Lobber estava furioso.

— Do que vocês estão falando, seus idiotas? Vocês trabalham pra mim. Vamos só atirar neles!

— Ou talvez *nós* atiremos em *você*, — latiu Ghor. O seu blaster se ergueu novamente, desta vez apontado para Lobber. — Quem te colocou no comando, afinal?

Qui-Gon levantou as mãos.

— Não há necessidade de nada disso. Há uma saída.

— Pra começar, precisaremos dessas armas, — acrescentou Obi-Wan. Ele se aproximou de Ghor e abriu a mão. — Pra guardar com segurança.

Qui-Gon assentiu.

— Eu garanto que vamos devolvê-las.

Wungo mal podia se livrar de seu blaster rápido o suficiente. Ghor praticamente o empurrou para a mão de Obi-Wan.

Lobber os olhou, perplexo. Por fim, deu um gemido lamentoso antes de baixar o seu blaster. Obi-Wan o pegou.

— Seria mais confortável para todos se vocês esperassem no porão de carga, — disse Qui-Gon.

— O porão? — Wungo perguntou. Ele se animou. — Onde estão todas as coisas boas?

— Não, uma das baías vazias. Não seria bom vocês pegarem as coisas dessas pessoas. — Ele pegou de volta a bolsa de bens roubados do sequestrador.

Lobber protestou.

— Você vai nos trancar lá dentro!

— É melhor, eu garanto, — disse Qui-Gon, colocando a sacola de lado. — Assim, o meu colega e eu não precisaremos ficar de olho em vocês. E *vocês* não precisarão ficar trancados *conosco*.

Isso foi o suficiente. Obi-Wan acionou a porta e fez um gesto de boas-vindas.

— Por aqui, por favor.

O trio se olhou e resmungou enquanto seguia em direção à abertura.

— Espero mesmo que os Infames não fiquem sabendo disso, — disse Lobber.

— Eu não me juntaria a eles de qualquer maneira, — disse Obi-Wan. — Nome terrível.

Qui-Gon se virou para os passageiros.

— Desculpem pelo tumulto, pessoal. Mas vocês vão encontrar alguns novos assentos vazios.

CAPÍTULO 2

NA *REGAL ZEPHYR*

HIPERESPAÇO

— F*aça o truque, faça o truque!*

A criança mal tinha idade suficiente para falar, mas conseguia dizer essas palavras claramente, repetidas vezes. Elas se somavam ao barulho na cabine de passageiros da *Majestoso Zephyr* que havia seguido a partida dos sequestradores. Um único comissário, finalmente vindo verificar o tumulto, rapidamente se viu lidando com uma série de reclamações.

Qui-Gon se absteve de satisfazer a pequena garota com mais teatralidade. Apesar da pantomima bem-sucedida que ele e Obi-Wan haviam feito, os Jedi não gostavam de divulgar os seus talentos ocultos. Era uma boa política, pensou Qui-Gon. Acrobacias públicas ampliavam a distância entre a Ordem Jedi e as pessoas de uma maneira que deveria desconfortar a todos. Ainda assim, esperava que o clima a bordo da nave melhorasse.

Essas esperanças duraram até o seu aprendiz retornar do porão.

— Os nossos sequestradores foram seguramente guardados, — anunciou Obi-Wan ao entrar. — De agora em diante, deve ser uma viagem tranquila.

— Uma viagem tranquila...? — Leerah deu um passo à frente para pegar a sua filha agitada. — Você está prometendo uma viagem tranquila.

Obi-Wan ergueu a mão.

— Não há necessidade de agradecimentos. É o mínimo que poderíamos fazer.

— Eu *não* estou agradecendo. E literalmente *foi* o mínimo que vocês puderam fazer.

Os seus olhos se arregalaram.

— Desculpe?

Leerah girou com a criança num braço e gesticulou para os outros viajantes.

— A maioria de nós está vindo de Tharben. Vocês se lembram de Tharben, certo?

— Claro, — disse Obi-Wan. — Fiquei no entreposto Jedi anos atrás. Um planeta adorável.

— Era, — disse o marido dela. — As guildas começaram a abandonar a rota de Ootmian por causa de todo o crime nesta parte da Fatia, e os subsídios da República para a patrulha de segurança de nosso planeta acabaram. — Ele olhou atentamente para o Padawan. — Você realmente não sabe o que aconteceu depois?

Qui-Gon poupou-o do momento constrangedor.

— A Ordem Jedi fechou o entreposto em Tharben no ano passado, Obi-Wan.

— Oh. — Desanimado, o Padawan baixou os olhos para o convés.

— Meu aluno não está informado sobre essas coisas. — Qui-Gon inclinou a cabeça. — Qual foi o impacto do fechamento?

Um passageiro idoso sentado a alguns metros de distância se manifestou.

— Tharben estava na beira do espaço Hutt, então tanto a República quanto os sindicatos tinham interesse em manter o planeta funcionando. Um posto de parada, para fazer negócios com os lugares mais perigosos. Mas agora não há mais contrapeso. — Ele apontou para os Jedi. — *Vocês* eram ele.

Obi-Wan olhou pra cima.

— Espere. Se fica ao longo da rota de Ootmian, ainda há proteção. A República policia...

Qui-Gon ergueu a mão. Era hora de ouvir.

O comissário, encantado por não ser mais o foco da ira, contribuiu.

— Os mapas estelares não contam a história real. A fronteira da República além da Orla Média, isso é imaginário e tem sido há anos. As vias de hiperespaço na Fatia que se aproximam do espaço Hutt têm muita atividade de piratas. Há uma grande faixa onde ficou muito perigoso operar. — Ele parecia envergonhado. — Como vocês já viram.

Leerah explicou mais enquanto prendia a sua filha em seu assento.

— Nasci e cresci em Tharben. Coisas ruins às vezes aconteciam lá, mas eu nunca vi. Agora estão à mostra. Quando as fábricas não puderam mais pagar pela proteção, as gangues as incendiaram, e os empregos de Vale e eu foram junto. — Ela se levantou e fez um gesto para a nave ao redor deles. — Pelo menos esta rota ainda está em funcionamento. — Seus olhos se voltaram para o comissário. — Ela *está* ainda está em funcionamento, não está?

O comissário foi rápido em defender a sua empresa.

— A linha Viagens Real teve sorte, os problemas de hoje foram muito uma exceção. Enquanto isso continuar, continuaremos voando. Ainda há muito tráfego de negócios para Ord Jannak e Kwenn.

— Para... — Obi-Wan começou. Ele se interrompeu e olhou de volta para Qui-Gon, claramente sem saber se deveria dizer o que sabia.

O seu mestre respondeu por ele.

— Ontem mesmo, supervisionamos o fechamento do entreposto Jedi em Ord Jannak. — Qui-Gon ergueu seu estojo. — Estamos entregando os últimos efeitos a Coruscant agora.

Tumulto se seguiu, à medida que muitas pessoas falavam ao mesmo tempo.

— Maravilhoso, — disse Leerah, elevando a voz. — A rota de Ootmian toda está entrando em colapso. Saímos bem a tempo!

Quando finalmente pôde ser ouvido acima da conversa, Obi-Wan ergueu as mãos.

— Esses entrepostos. Eles não são delegacias de polícia, apenas lugares para os Cavaleiros Jedi ficarem e estudarem quando visitam. — Ele virou as palmas pra cima. — Os Jedi mal estavam lá.

— E não pense que não sabíamos disso, — disse o passageiro idoso. — Mas nem sempre foi assim. Os meus avós disseram que o posto em Tharben sempre estava ocupado na época deles. Os Jedi estavam frequentemente fora dele. Estavam ajudando as pessoas. — Ele balançou a cabeça. — Mas mesmo quando as visitas diminuíram, sabíamos *que alguém* voltaria. O prédio ainda significava algo.

Mais vozes se ergueram. Uma mencionou um novo assunto. Um Ithoriano segurando uma criança apontou para Leerah e Vale.

— Eu vi o que vocês fizeram pela família deles, Jedi. Vocês deram vales-refeição. Vocês trouxeram o suficiente pra todos?

— E amanhã? — alguém mais exigiu. — O que vocês vão fazer então?

Qui-Gon lutou para manter a conversa calma.

— Assim que chegarmos a Coruscant, eu lhes asseguro que o corpo da República que trabalha com refugiados...

— Nós não somos refugiados! — alguém gritou.

— Perdão, os *recentemente realocados* trabalharão com vocês para fornecer moradia e sustento.

Um passageiro falou.

— Eu tenho uma condição médica. Não posso ficar sem tratamento.

— Eles cuidarão disso.

— Eu estava quase terminando os meus estudos, — disse outro. — Como vou obter a minha certificação agora?

— Também isso. — Qui-Gon sabia que não era o seu papel fazer tudo, nem poderia razoavelmente ser esperado que o fizesse. Mas tentaria. Pegou um comunicador. — Eu juro a vocês, farei os contatos imediatamente.

— Vocês estão nos passando pra frente, — disse Leerah. Ela jogou as mãos para o alto. — Sempre ouvi falar tanto sobre os Jedi. Nunca vi um, mas me disseram que era porque vocês salvavam as pessoas, *e depois vocês saíam.* — Ela olhou para Obi-Wan e resmungou. — Finalmente chegou a nossa vez, eu acho!

— Isso não é justo, — Obi-Wan disparou antes de moderar o seu tom. — Quer dizer, isso não está correto.

Abalados pelo tumulto, os filhos de Leerah começaram a chorar.

Obi-Wan parecia sobrecarregado. Qui-Gon podia entender muito bem o porquê. A escala galáctica de suas responsabilidades significava que os Jedi estavam concentrando mais atenção do que nunca no que muitos chamavam de Força cósmica: o quadro maior, envolvendo todos agora e no futuro. Ninguém fazia isso mais do que os membros do Conselho Jedi. Aprendizes aspirantes que os tomavam como modelos buscavam igualmente passar o seu tempo na cena astropolítica galáctica, nas grandes questões.

Mas mesmo que membros do Conselho como o Mestre Yoda regularmente instruíssem os Padawans a prestar atenção ao presente e onde estavam, muitos alunos tendiam a esquecer que preocupações que pareciam pequenas em nível galáctico muitas vezes eram enormes para o indivíduo. As esperanças e medos dos vivos se uniam num aspecto da Força que Qui-Gon dedicou a sua carreira a entender melhor.

E quando se tratava da Força viva, não havia literalmente tempo como o presente. Qui-Gon colocou a caixa com um baque forte que silenciou a multidão.

Os seus olhos encontraram o comissário.

— Senhor, quanto falta para Coruscant?

— Ainda falta um pouco. Temos várias paradas antes.

— Está bem. — Qui-Gon colocou as mãos à sua frente e dirigiu-se aos viajantes. — É verdade que temos tarefas que nos mantêm em movimento. Mas estamos com vocês agora. E o meu aluno e eu ouviremos tudo o que vocês têm a dizer. — Ele olhou para Leerah e manteve o olhar. — E farei mais do que enviar mensagens. Vocês têm a minha palavra.

Ela retribuiu o olhar.

— A palavra de um Jedi?

— A palavra de alguém que quer ajudar.

Depois de alguns momentos, ela assentiu.

A cabine se dividiu em múltiplas conversas novamente, enquanto os passageiros se organizavam para falar e sobre o que falar. Obi-Wan se aproximou, pegou a caixa e falou no ouvido de Qui-Gon.

— Acho que sinto falta quando as pessoas estavam apontando blasters pra nós.

— Eu sempre digo pra você estar atento à Força viva. Você recebeu uma chance incomum de ouvi-la falar. — Ele colocou a mão no ombro de Obi-Wan e sussurrou: — *Não perca isso.*

CAPÍTULO 3

CORUSCANT

— Um volume de anotações manuscritas sobre o reparo de sabres de luz. Uma obra erudita discutindo a *Poética dos Jedi*. Um manual de códigos, desatualizado.

Na antessala dos arquivos no Templo Jedi em Coruscant, Eeth Koth observava enquanto um funcionário organizava a caixa que Qui-Gon Jinn havia trazido do entreposto fechado em Ord Jannak. O Mestre Jedi sabia que não deveria haver muito valor restante naquele local, e o conteúdo parecia provar isso.

O funcionário começou a falar novamente.

— Um passe de visitante para o Capitólio de Ord Jannak, vencido. Dois cartões de dados, marcados como PURGADO. Um... — O funcionário fez uma pausa, olhando para um pedaço de flimsiplast. — Uma coisa que eu não reconheço. — Ela se virou para Eeth. — Mestre?

Pegou o objeto. Raridades eram a sua especialidade, mas isso estava além de seu conhecimento.

— Você terá que me ajudar com isto.

— Demorou um pouco pra descobrir, — disse Qui-Gon, divertido. — É a conta de alimentação da época em que um Hutt foi autorizado a visitar o entreposto, séculos antes.

Os olhos do Mestre Jedi zabrak escanearam a lista de números no documento.

— Impressionante. Posso ver por que escolheram mantê-lo. Uma comemoração.

— Ou um aviso para nunca gastar tanto novamente com um convidado, — disse Qui-Gon.

Uma das adições mais recentes ao Conselho Jedi, Eeth havia assumido a supervisão da última rodada de fechamento de entrepostos. O descomissionamento era uma questão rotineira numa galáxia onde o comércio crescia e diminuía, fazendo com que os ativos fossem realocados para melhor uso. Mas até mesmo pequenas instalações Jedi escassamente usadas como a de Ord Jannak requeriam cuidados especiais para serem fechadas adequadamente. Muitas vezes, a Ordem tinha que transferir formalmente o prédio do posto para um governo planetário. E em todas as circunstâncias, materiais sensíveis e históricos precisavam ser avaliados no local, com itens-chave devolvidos a Coruscant, onde um membro do Conselho Jedi dava a palavra final sobre o que pertencia aos arquivos de Jocasta Nu.

Eeth tinha uma boa mente para informações espaciais e um controle ainda melhor sobre onde a maioria dos ativos dispersos da Ordem estava. O que começou como uma tarefa temporária evoluiu para uma responsabilidade regular e, cada vez mais, uma tarefa árdua. Parecia que toda vez que Yoda e Adi Gallia emergiam de uma reunião com o Chanceler Valorum, logo em seguida outro entreposto era fechado.

Para Eeth, no entanto, a natureza trivial dos materiais recuperados de Ord Jannak confirmava a sabedoria da mudança.

— O lugar ficou desocupado por anos a fio.

— Parecia isso, — disse Qui-Gon.

— Então é isso. — Depois que Eeth fez um gesto para que os seus funcionários se livrassem dos materiais, ele notou a caixa de transporte que Qui-Gon havia trazido. Um emblema elevado num dos lados dele mostrava um cálice dourado dentro de uma estrela de oito pontas. — Este não é um dos nossos recipientes.

Qui-Gon assentiu.

— Não tínhamos um conosco quando você nos direcionou para Ord Jannak. A linha Viagens Real, esse é o logotipo deles, me forneceu uma de suas maletas de segurança antes de embarcarmos.

Eeth examinou o interior.

— Da marca CaixaSegura. É muito bom. — Ele sentiu ao longo dos cantos. — Contramedidas eletrônicas, para frustrar digitalizações. Fortes.

— A linha os aluga para mensageiros, banqueiros, qualquer um que viaje com itens que não queiram fora de sua vista. Com uma trava de senha ativada por voz, como você viu. Foi ideia de Obi-Wan escolher o mantra do Código Jedi.

Eeth sorriu.

— Um código de um Código.

— Ele não está acima de um jogo de palavras.

— Vou devolvê-lo ao escritório da Viagens Real. — Eeth fechou a caixa. — Isso conclui o assunto. Os dois são sempre confiáveis, Mestre Qui-Gon. Eu percebo que esse tipo de atribuição é menos do que envolvente, mas deve ser realizado por um Jedi de alto escalão, e não por um civil. Agradeço a sua atenção aos detalhes.

— É bom para os alunos verem como as coisas são feitas.

— Ainda assim, não há necessidade de exagerar. Enquanto você permanecer de prontidão para este detalhe, está livre até ser reatribuído. Obrigado novamente.

— Agradeço isso, Mestre. — Qui-Gon fez uma pausa. — Antes de ir, gostaria de chamar a atenção do Conselho para algo.

Eeth olhou pra cima.

— Isso está relacionado ao posto?

— Sim, mas há mais. — A testa de Qui-Gon franziu. — É realmente uma questão para todo o corpo. Quando vocês se reúnem novamente?

Eeth admitiu que não sabia.

— Estamos atrasados, mas estive tão ocupado aqui que não sei quem está onde. Muitos de nós estão fora do mundo. Isso não é um impedimento...

— Mas requer arranjos. — Qui-Gon assentiu. — Eu mesmo tenho outras coisas para atender. Esse estojo não é a única coisa que trouxemos pra casa conosco.

—

— CHEGUEI à turbina, — ecoou uma voz de cima.

— Excelente, — disse Plo Koon enquanto empurrava contra a pesada grade de metal. — Não se apresse.

À primeira vista, qualquer pessoa olhando para a cena no hangar de manutenção de veículos no Templo Jedi poderia pensar que Plo estava tentando segurar a enorme nave com as mãos enluvadas. A nave estava suspensa dois metros acima do convés em seu ponto mais baixo, onde o Mestre Jedi Kel Dor ficava, com as mãos prontas. Na verdade, quatro unidades repulsoras à popa e à frente mantinham a embarcação no ar enquanto Plo passava ferramentas para dentro e para fora da escotilha de serviço ventral.

A voz ressoou novamente de dentro da escotilha, acima.

— Estou drenando o líquido refrigerante. Fique pronto.

Plo assumiu que seria mais um minuto e olhou pro lado. Os seus olhos se arregalaram. Um sentido de perigo iminente chamou a sua atenção para um dos geradores de repulsão que seguravam a frente da nave. Com um brilho elétrico, a unidade parou de funcionar. Toda a nave tombou, ameaçando os trabalhadores no convés abaixo na extremidade oposta.

À medida que a enorme nave começou a se esmagar em direção à sua posição, Plo estendeu uma mão. Usando a Força, bloqueou o declínio adicional da nave. Era apenas uma solução temporária; sabia desde o início que a levitação não era a resposta. Fez um gesto com a outra mão em direção ao gerador de repulsão falhado. Vendo a alavanca que mudava a máquina de uma célula de energia para a reserva, pressionou com a sua mente. A Força respondeu, e o dispositivo voltou à vida.

Impulsionada novamente pela antigravidade, a esquina da nave subiu novamente, rápido demais. Chaves inglesas e chaves de boca caíram da escotilha acima de sua cabeça. Manipulando mentalmente objetos pela terceira vez em segundos, Plo pegou os vários instrumentos no ar antes que atingissem sua cabeça. Infelizmente, a mesma habilidade não podia fazer nada contra a última coisa a cair da nave oscilante: um balde aberto de

refrigerante de motor drenado. A visão disso o fez soltar as ferramentas com a mente, apenas a tempo para o Mestre Jedi levar uma explosão de líquido no rosto.

— Mestre Plo!

— Fiquem pra trás, — Plo chamou os outros trabalhadores, com uma voz que agora soava como um gorgolejo. Ele cuidou disso primeiro, expelindo o fluido de seu aparelho respiratório. Em seguida, esfregou os seus óculos para que pudesse avaliar o estado da nave. Parecia estável.

E viu mais uma coisa, um rosto sem pelos com chifres apontando pra baixo, espiando pela escotilha acima. Saesee Tiin olhava para o seu colega com calma.

— Então é pra onde você foi.

Plo varreu as gotas de refrigerante de sua túnica.

— Não ria.

— Já ri alguma vez?

— Suponho que não.

Os olhos âmbar de Saesee fulguravam.

— Você deveria ter me passado as minhas ferramentas.

— Diga-me, Mestre Tiin, você notou a nave balançando?

— Estou trabalhando. — Saesee olhou para as ferramentas espalhadas pelo chão. — Elas estão lá embaixo.

Era tudo a simpatia que se podia esperar de Saesee, Plo sabia. Nem ele nem Saesee eram os Jedi mais pessoais, mas onde Plo se destacava no manejo da logística para grandes grupos de pessoal, as naves estelares eram a especialidade de Saesee. Pilotá-las e consertá-las. Cada vez mais, significava que a maioria das interações de Saesee era com empreiteiros e droides, sem mencionar os alunos recrutados por Plo para consertar os transportes Jedi que precisavam de manutenção constante. Um grupo frustrante de liderar, com certeza, ainda mais por suas lutas atuais para atualizar a frota.

— Mestre Plo, — alguém disse atrás dele. Não era a voz de um trabalhador, mas sim de Obi-Wan Kenobi. O Padawan ofereceu-lhe uma toalha.

— Obrigado, Obi-Wan. — Plo enxugou o rosto. — Vejo que você voltou do Sector.

— Eu queria ter chegado um minuto antes. — Obi-Wan se ajoelhou e começou a recolher as ferramentas do chão.

Saesee desceu da nave, caixa de ferramentas vazia na mão. O robusto Iktotchi habilmente evitou escorregar nos fluidos no chão.

— Kenobi, — disse ele. Era toda a saudação que Saesee costumava dar. — Você veio se juntar à equipe de trabalho?

— Tenho medo de estar em outra missão no momento, Mestre Tiin. — Ele empilhou as ferramentas na caixa. — Qui-Gon gostaria de requisitar uma das naves de transporte. Há novos chegados no espaçoporto que não podem pagar a passagem para o centro migratório do outro lado de Coruscant.

Saesee encarou.

— Isso é um pedido oficial?

— Não, mas está relacionado a algo que aconteceu em nossa última missão. No caminho de volta dela, na verdade.

— A República não está lidando com isso? — Plo Koon perguntou.

— Há uma questão de financiamento. Mestre Qui-Gon esperava contornar o problema. — Obi-Wan endireitou-se. — Estamos, uh, cuidando disso no nosso tempo livre.

— Bondade sua, — disse Plo, antes de fazer um gesto. — Infelizmente, como você pode ver, grande parte da frota está parada.

Obi-Wan assentiu.

— Foi bom perguntar.

— Um mecânico só pode trabalhar tão rápido, — disse Saesee, — e mesmo um Jedi só pode fazer tanto. Paciência.

Plo não tinha ilusões sobre a fonte do pedido, ou sobre quão paciente Qui-Gon seria, quando se tratava de aliviar o sofrimento dos outros. Plo aprovava a intenção caridosa, se não inteiramente o uso dos recursos Jedi. No entanto, ele sabia que Qui-Gon certamente procuraria uma maneira.

— A Força pode prover, — ele disse.

— Um momento, Mestre Plo, — disse uma voz amigável por trás.

Plo se virou para ver que um dos especialistas em manutenção de droides, Heezo, havia se aproximado para ajudar a limpar a bagunça. O Seloniano se dirigiu aos outros.

— Peço desculpas, mas ouvi o seu problema. — Ele olhou para Obi-Wan. — Há uma chofer para um ato musical que me deve um favor, eu consertei o droide dela uma vez. Os seus amigos se importariam de andar num hoverbus de luxo?

— Se importariam? — Obi-Wan sorriu. — Eles adorariam. Eles não têm sido bem tratados há muito tempo.

— Posso fazer os arranjos. — Heezo se curvou para Plo. — Com a sua permissão, Mestre?

— Certamente. — Ele pegou o esfregão de Heezo. — Por favor, cuide disso. Eu terminarei aqui.

O trabalhador se curvou e correu para a saída.

Plo fez um gesto amplo.

— Viu? A Força *já* providenciou.

Obi-Wan agradeceu aos ouvintes e fez mais um pedido.

— Mestre Qui-Gon gostaria de falar com o Conselho completo. Vocês esperam se reunir em breve?

Saesee resmungou.

— Você me diz. — Ele fez um gesto para a bagunça ao redor deles. Transportes e naves em levitação por toda parte estavam passando por cirurgia.

— Entendi. — Obi-Wan assentiu e se curvou. — Como vocês dizem: paciência.

De pé juntos, os dois Mestres Jedi o observaram sair.

— Um aluno digno, — disse Plo. — Espero que Qui-Gon não o meta em encrenca.

Saesee pressionou a caixa de ferramentas nas mãos de Plo.

— Preocupe-se menos. Trabalhe mais.

CAPÍTULO 4

QUARTEL DOS CAMINHANTES DA FENDA

KELDOOINE

Não se pode ter uma reunião de mentes se ninguém presente tem uma. Zilastra havia cunhado o ditado no início de sua carreira, e havia sido útil muitas vezes na década desde então. Mas esta foi a primeira vez que ela pensou nele no meio de um tiroteio.

Os tiros de blaster chiavam pelo ar no corredor do cargueiro *Morleen*, linhas brilhantes nunca a serem cruzadas. Mesmo espiar ao redor do canto era morte. Tudo o que Zilastra podia ver do seu corredor lateral era a abertura do outro lado do corredor, onde o seu segundo em comando acabara de notar a sua chegada. Um Feeorin, Burlug tinha tentáculos na cabeça como os dela; os dele eram azuis, enquanto os dela eram verdes de Nautolano. Mas ele era um alvo muito maior. Burlug gritou sobre o fogo inimigo:

— Fique pra trás, Zil!

— Luggy, qual é a situação?

— Tal e Krins foram atingidos. O nosso *convidado surpresa* os pegou assim que começaram a conversar.

— Me poupa de matá-los, — respondeu Zilastra. Adeus para tentar uma reunião pacífica. A sua raiva cresceu. *Uma ação de abordagem, no meu próprio porto. Que bagunça!*

O embarque era uma das tarefas mais simples que a sua tripulação era esperada para lidar. Na segurança de uma de suas próprias instalações de pouso em Keldooine, naves espaciais recém-capturadas passavam por uma

inspeção. Cargas valiosas eram localizadas e removidas, enquanto outra equipe avaliava a condição da embarcação usando uma lista de verificação que seria a inveja de qualquer burocrata da República.

Antes que tudo isso pudesse acontecer, no entanto, a nave tinha que ser segura. Capturar e redirecionar uma grande embarcação era uma tarefa agitada, e raramente havia tempo para evacuar todos os ocupantes durante o voo. Isso tendia a ser apenas uma formalidade uma vez no porto, onde os números favoreciam as suas forças. A partir daí, progredia como tinha sido desde a aurora da pirataria. A maioria dos membros da tripulação capturados tendia a mudar de lado sem muita resistência. Se juntar era melhor do que o desemprego, ou uma morte violenta. Mesmo os capitães presumivelmente leais dos cargueiros comerciais mudariam de lado assim que um pouco de pressão fosse aplicada.

Mas os donos de cargueiros independentes como a *Morleen* eram uma raça diferente: protetores de suas embarcações, e ainda mais apaixonados por suas próprias histórias. Uma lenda-em-sua-própria-mente após outra tinha se recusado a desistir da nave, alguns se escondendo nos dutos de ventilação por dias, esperando a sua chance de serem derrubados pelas forças dela.

Ou para causar um pouco de estrago por conta própria.

Com os tiros continuando a estalar, Zilastra ajustou as suas luvas primeiro e depois puxou os seus blasters. Detonadores térmicos não seriam úteis, danificariam o cargueiro. E uma bomba de gás simplesmente significaria um atraso ainda maior antes que o embarque pudesse começar. Não, isso teria que ser feito do jeito difícil, antes que...

Os tiros pararam.

Burlug olhou pra trás para ela.

— Não. É uma armadilha.

— Você *acha*?

Ouviu a porta da cabine se fechar, e segundos depois o zumbido baixo dos motores do cargueiro começou. *O dono ainda está tentando salvar a maldita nave!*

Felizmente, havia uma opção que Zilastra havia ignorado enquanto todos os tiros estavam acontecendo: o intercomunicador, na parede ao lado dela. Colocou um de seus blasters de volta no coldre e ativou o dispositivo de comunicação.

— Ei, escute. Aí na cabine.

Estática. Então uma voz rouca.

— Eu não estou falando com você. Saia da minha nave!

— Sim, ouço isso com frequência. Sou Zilastra.

Uma pausa. Então o alto-falante soou.

— Você é *Zilastra*? Dos Caminhantes da Fenda?

— Fico feliz que tenha ouvido falar de mim. Isso significa que você sabe o que vou fazer.

Silêncio seguiu. Burlug sacudiu a cabeça.

— Eu não acho...

Espera, Zilastra murmurou. Geralmente levava dez segundos.

O dono do cargueiro estava pronto em cinco.

— Deixe-me ficar com a *Morleen*.

— O *que*?

— Esta nave. É minha. Apenas leve a carga.

Zilastra já ouvira essa antes também.

— O que você está transportando?

— Tanques de ácido industrial. Quatro milhões de litros, a caminho da Introsfera em Gorse.

Ehh. A boca verde de Zilastra se enrugou.

Ainda assim, os motores realmente estavam começando a funcionar. Acionou o intercomunicador.

— Certo, você tem sorte. Por acaso temos um comprador pra isso aqui em Keldooine.

— E?

— Eu te darei um dos tanques. Você vende, pode encontrar o seu caminho para fora do mundo.

— *O quê?* — O dono claramente ficou desprevenido. — Não! Eu quero a minha nave!

— A oferta está de pé. A *Morleen* é minha. Se quiser negociar, da próxima vez seja pego por um revendedor de naves espaciais usadas. — Ela ouviu os motores. — Se a sua nave sair das instalações, minha tripulação vai derrubá-la, comigo dentro.

— O quê? Você realmente daria essa ordem?

— Pensei que já tivesse ouvido falar de mim antes. Você tem dez segundos. — Zilastra desligou o dispositivo e sacou o seu outro blaster.

Levou ao dono todos os dez segundos para ver a razão. Os motores pararam. E quando a porta da cabine se abriu, o dono também morreu, atingido uma vez por cada um dos blasters de Zilastra ajustados para matar.

Burlug saiu e encarou o cadáver, que agora repousava ao lado dos corpos dos dois ex-capangas de Zilastra.

— Boa e velha Zilastra. Sorria e atire.

— Ela estava perdendo tempo. — Zilastra guardou as suas armas. — Tire-a daqui.

Com quase o dobro do peso de Zilastra, Burlug não teve dificuldade alguma em pegar o corpo inerte do piloto.

— Pra onde?

Zilastra apontou com o polegar pra trás.

— Ela possui um daqueles tanques de ácido no porão. Um acordo é um acordo. — Ela olhou para os corpos de seus capangas caídos. — Eles também.

— Entendido.

Zilastra queria um banho, ela mesma, se em algo muito menos perigoso. Os Nautolanos se sentiam em casa perto da água, e embora o seu trabalho a mantivesse no espaço, Zilastra gostava de um bom banho. Mas ainda havia mais o que fazer.

— Luggy, onde ela estava se escondendo?

— Debaixo do trocador de calor. Se infiltrou na cabine sem que ninguém percebesse.

— Maravilhoso. — Isso não deveria acontecer. Zilastra olhou para os lados. — Onde está a garota?

Começou a pegar o seu comunicador, e decidiu usar o sistema de alto-falantes da nave. A sua voz ecoou pelos corredores.

— *Kylah Lohmata! Mostre-se!*

Um painel de metal atrás de Zilastra foi disparado para fora, caindo no convés com um estrondo. Uma garota humana de doze anos de cabelos escuros escorregou pra fora de um espaço com pouco mais de um metro de altura. O seu rosto e roupas estavam completamente cobertos de manchas de graxa, e os seus olhos castanhos arregalados brilhavam enquanto ela saudava.

— Relatando, Vossa Majestade!

Zilastra acenou com a mão enluvada.

— Não estou com vontade. Tenho dois mortos por causa de uma piloto que escapou. Verificar os espaços apertados é a *sua* responsabilidade!

Kylah se levantou.

— Encontrei outra coisa. Sabia que você ia querer ver.

— E você achou que a maneira de me alcançar era rastejando até aqui?

— Estavam atirando. — Kylah ergueu o painel que acabara de derrubar. Como a maioria do corredor, estava marcado por tiros do blaster do piloto. A garota sorriu largo. — Vamos lá! Me siga até o porão!

A garota magra mergulhou de volta no túnel de manutenção antes que Zilastra pudesse agarrá-la. Ajoelhada, viu Kylah se arrastando como um roedor pelo túnel. Incapaz de passar, Zilastra gritou lá dentro.

— Qual é o problema em usar as escadas?

— *Atalho!*

Fervendo de raiva, Zilastra ouviu um comentário de cima.

— Garota esperta. — O corpo do piloto sobre o seu ombro massivo, Burlug riu da chefe. — Ela se livra de ser repreendida. Eu seguiria se pudesse passar!

— Vá para o porão antes que eu liquide todos vocês. — Zilastra viu ele passar e virou para seguir. O longo caminho até o porão, pelos corredores.

Não havia lugar na vida de Zilastra para ter filhos próprios. Já havia sido difícil começar os Caminhantes da Fenda a partir dos resíduos das outras quatro gangues que trabalhavam neste setor da Fatia. Ainda assim, de

alguma forma se tornara uma espécie de mãe adotiva para Kylah. A órfã tinha sido uma clandestina numa nave mercante que Zilastra tinha agarrado; sem ter para onde ir, ela ficou. O talento da garota magra para entrar em lugares onde mais ninguém conseguia e encontrar coisas que ninguém sabia procurar tinha sido útil de se ter por perto.

Ainda assim, dado todos os pretendentes a tenentes querendo impressioná-la o tempo todo, uma órfã incorrigível proporcionava uma mudança de ritmo. Kylah era toda esforço, sem nenhuma trapaça. Zilastra não era exatamente igual nisso, mas certamente sabia o que era estar sozinha, e ela respeitava o desempenho. Ela ultimamente tinha confiado à fugitiva um projeto muito especial, na verdade.

Começou a duvidar da sabedoria disso quando chegou ao porão. Fiel à palavra do capitã falecida, tanques autônomos estavam no amplo espaço. Eles estavam parafusados no convés, e a única maneira de esvaziá-los era numa instalação de reservatório, usando o equipamento adequado. Foi por isso que Zilastra instantaneamente soube que o prêmio era menos útil do que pensava.

— Nada da garota, — disse Burlug. — Eu estava certo de que ela nos venceria aqui.

O sangue de Zilastra ferveu.

— *Clandestina!*

— Estou aqui em cima! — veio uma voz lá de cima.

Zilastra olhou para o topo de um dos tanques. De alguma forma, Kylah tinha subido lá e estava empoleirada ao lado de uma abertura no enorme recipiente.

— Qual é a ideia? — Zilastra perguntou.

— Você vai querer ver isso, — disse Kylah. — *Não sou a única Clandestina nesta nave!*

CAPÍTULO 5

CORUSCANT

O Grande Mar Ocidental em Coruscant estava longe do Templo Jedi, mas Yaddle sentia como se estivesse se afogando mesmo assim. Não em líquido, mas em detalhes.

— Isso novamente, — ela disse, respirando fundo para mais um mergulho. — Item Cinquenta-Sinusite-Dezessete, no caso de Yash Helgan, em Corellia.

O seu pequeno corpo verde estava encolhido pela mesa semicircular na sala de leitura, enquanto lia no datapad para o benefício de seu droide de ditado. Pelo menos, ela assumia que ainda estava lá. Os holo livros que estava usando estavam empilhados, obstruindo a sua visão dos arredores.

Mas não à sua direita, onde viu um rosto familiar e amigável.

— Mestre Qui-Gon!

— Mestra Yaddle. — Qui-Gon se curvou. — Desculpe incomodá-la. Estava apenas passando.

Ela sorriu.

— Estou sempre disposta a interromper o meu dia de julgamento.

— Perdão?

— Assuntos legais. — Dedos verdes pequenos apontaram para o trabalho ao seu redor. — Os Tribunais Galácticos de Justiça geralmente sustentam que os Jedi não são responsáveis pelos eventos que ocorrem durante os seus deveres oficiais dentro dos limites da República.

— Geralmente. Mas nem sempre?

— Correto, e há outros tipos de questões. — Ela apontou para o datapad. — Aqui, por exemplo, estão as ações civis por prisões indevidas, todas as quais envolveram um Jedi durante a investigação ou apreensão. Os Jedi não podem ser responsabilizados, mas garantimos que forneçam testemunho. E isso é apenas uma variedade.

— Parece complicado.

— Hmm. Uma das razões pelas quais assumo esse dever é que vivi tanto tempo, vi tanto. Sempre há precedentes. Exceto quando não há. — Ela apontou para o último item. — Considere o infortúnio de pobre Yash Helgan, um Padawan que, durante uma viagem de táxi aéreo, ativou o seu sabre de luz na tentativa de usá-lo como fonte de luz. Ele atravessou o assento, empalando o droide motorista e resultando na entrada não programada do táxi no Desfile da Noite da Lembrança.

O droide de ditado deu um passo pra trás. Qui-Gon deu um tapinha no ombro de metal.

— Tenho certeza de que o droide foi consertado.

— Depois que encontraram tudo dele, — disse Yaddle. — Digamos apenas que houve uma variedade de reivindicações legais.

O comunicador de Qui-Gon apitou. Ele pediu desculpas a Yaddle e respondeu.

— Sim, Obi-Wan?

— Organizei transporte para aqueles que precisam.

— Ótimo. Apenas tenha cuidado com o seu sabre de luz.

— *O quê?*

— Não importa. Ainda estou trabalhando na minha parte da lista. — Qui-Gon encerrou a chamada e pediu desculpas a Yaddle. — Receio que eu precise partir.

— Como o futuro, Qui-Gon está sempre em movimento, — disse Yaddle. Ela sorriu enquanto ele desaparecia atrás da alta pilha de materiais.

Então ela olhou pro trabalho diante dela e suspirou. *Indo a lugares. Lembro-me do que era isso!*

—

POR QUE TUDO é tão azul*?*

Quando se tratava de ter uma mente disciplinada, Adi Gallia tinha poucos iguais. Era uma das razões pelas quais os seus colegas no Conselho Jedi muitas vezes contavam com ela em questões diplomáticas, e particularmente, nas relações com o Senado e outros funcionários da República.

Não era apenas que lembrava de nomes e títulos; qualquer droide de protocolo poderia fazer isso. Adi também conhecia os pontos de vista daqueles com quem falava. Os seus registros legislativos e os detalhes minuciosos de seus projetos pessoais. Na maioria das vezes, não precisava de um datapad, embora achasse reconfortante para os seus contatos vê-la segurando um. Foco, pra ela, era tudo.

Mesmo assim, as coisas mais estranhas podiam chamar a sua atenção. Uma hora e meia numa das frequentes reuniões dela e do Mestre Yoda com o Chanceler Supremo Valorum e o Senador Palpatine em Coruscant, encontrou a sua atenção cada vez mais atraída pelas paredes e pelos móveis. Finis Valorum tinha celebrado a sua reeleição da maneira usual, mudando completamente o esquema de cores do escritório a um grande custo. Ele escolhera um azul quase hipnoticamente profundo, talvez para deixar os seus visitantes à vontade.

Ou para dormir, mas então, as reuniões de Valorum tendiam a ter esse efeito por si só.

— E há outra preocupação no horizonte, — disse o Chanceler. Sentado numa cadeira azul cerúleo, Valorum se inclinou sobre a enorme mesa e falou com grave intenção. — Houve uma redução de zero vírgula dois por cento na receita turística em Garqi.

— Dois por cento? — Yoda perguntou.

— *Zero vírgula dois* por cento, — corrigiu Palpatine, sentado ao lado dos dois Mestres Jedi. — Mas foi em excesso ao que os modelos previam.

Valorum consultou um datapad.

— O grupo de trabalho econômico que o Senador Palpatine lidera tem uma teoria de que é um efeito indireto da ação trabalhista no setor de plantações de caf, que fornece grande parte do turismo na entressafra.

Adi percebeu para onde estava indo.

— Você está sugerindo que enviemos Cavaleiros Jedi para ajudar nas negociações trabalhistas?

— Enviá-los lá de férias não ajudará muito, — disse Valorum.

Yoda e Adi trocaram um olhar. *Paciência.*

— Há uma situação semelhante em Chamble, — acrescentou o Chanceler. — Apenas lá é a força policial local que está em greve. A agitação resultante impactou a capitalização de mercado da Bansche Tecnologia. Sofreu muito.

Adi fez uma anotação mental.

— Negociadores para Chamble.

— Oh, não. — Palpatine olhou pra cima de seu datapad. — A Senadora de Chamble disse que o seu governo não negociará por qualquer motivo. Ela apenas quer que as empresas sejam protegidas.

— Não somos policiais, — disse Yoda. — Nem seguranças corporativos.

Era a milésima dessas situações, e todos presentes lidavam com isso de maneira calma.

— Uma visita seria suficiente, — disse Valorum, olhando vagamente para o dorso de sua mão. — Algo onde os locais possam vê-los nos terrenos da empresa. Um passeio, talvez?

— Somente se os mestres julgarem que seja digno de seu tempo mais valioso, — disse Palpatine, sorrindo brandamente para os Jedi. — Essas decisões são totalmente de sua competência. Talvez vocês possam organizar uma missão de treinamento lá. Elas fazem um grande espetáculo.

Yoda olhou para Adi.

— Mestra Gallia...

— A nota está feita, — ela disse, usando o seu datapad desta vez para mostrar. Um aliado do Chanceler, Palpatine sempre parecia ter uma sugestão pronta para cada problema que ele trazia à atenção do Conselho. Era parte do motivo pelo qual Valorum o trouxera para suas reuniões.

Ela respirou fundo.

— Próximo item?

As portas se abriram atrás dela. Um ajudante droide caminhou até a mesa carregando um par de botas cor de vinho. O primeiro pensamento de Adi foi que elas não combinavam com a sala. Um pouco vermelhas demais, e os enfeites de pedras cintilantes que corriam pelos lados eram absolutamente berrantes. Certamente não pareciam algo que Valorum usaria.

— Essas são fabricadas em Hafernia, um novo membro da República, — disse Valorum. Ele ordenou que o droide as mostrasse para Adi.

Ela as examinou. *Bem, talvez os Hafernianos gostem delas.* Ela encontrou uma maneira de não mentir.

— Tenho certeza de que estão orgulhosos de seu trabalho.

— Estão, — disse o Chanceler. — Eles gostariam de enviar algumas paletes para o Templo.

— Paletes? — Yoda perguntou.

— Das botas.

A ideia pegou Adi desprevenida.

— Estamos felizes em transportar itens para causas beneficentes, — Ela olhou para as ofensas à criação. — Se você não acha que são um pouco requintadas demais pra isso.

— Oh, não, — disse Valorum. — Elas não são para caridade. São para *você*.

— Para mim?

— Os Jedi. Para usar, é claro.

Ela fez uma dupla tomada.

— Jedi. Usando *isso*.

— Apenas de vez em quando, — ele disse. — Para mostrar a Hafernia que a República recebe bem as suas manufaturas.

Palpatine moveu a mão com displicência.

— Eles estão fornecendo-as sem custo, é claro.

As botas eram adequadas para uma sala de dança, não para ação.

— Não acho que essas serão adequadas, Chanceler. — Ela ofereceu para passá-las para o seu colega. — Você concorda, Mestre Yoda?

Ele riu.

— Eu sei de muitas coisas. Mas nunca usei sapatos!

— Não, eu acho que não. — Ela franzia o cenho. — Agradeço o presente dos Hafernianos, Chanceler, mas os Jedi não endossam produtos.

Palpatine levantou uma sobrancelha.

— Ah, mas vocês endossam. Vocês endossam a República Galáctica e a disseminação da boa governança.

Isso era verdade o suficiente, pensou Adi, mas toda a situação era ridícula. Valorum havia feito uma série de pedidos igualmente impossíveis em reuniões anteriores, e ficou claro para ela que ele não se importava muito com muitos deles. O Chanceler era um tubo pelo qual todas as demandas de seus patronos fluíam. Muitas vezes, ele só queria poder dizer que fez o pedido.

Isso parecia ser um deles.

— Elas *são* bastante horríveis, — disse Valorum das botas. Ele e Palpatine se olharam e riram.

— Os Hafernianos raramente deixam o seu planeta, — disse Palpatine. — Eles nunca saberão a diferença.

Que alívio. Adi passou as botas de volta para o droide e escorregou um pouco em sua cadeira. Mais minutos gastos, debatendo algo que nunca fariam de qualquer maneira.

Antes de partir, o droide os dirigiu.

— Um Jedi chegou na antessala. Disse que se chama Qui-Gon Jinn.

Adi não sabia que ele havia retornado a Coruscant.

— Isso provavelmente é para nós, — ela disse.

— Sempre há coisas que exigem atenção, — disse Yoda. Ele olhou para Adi. — Por favor, cuide disso. Velho demais, estou, para ficar indo e vindo.

Pôde perceber que ele estava tentando resgatá-la da reunião, e não aceitaria.

— Tenho certeza de que o Mestre Qui-Gon provavelmente veio vê-lo.

— Não devemos atrasar o Chanceler. Mais longas, são as suas pernas.

Não podia discordar disso. Levantou-se e seguiu o droide, sem saber como Yoda tinha lidado com séculos de reuniões.

A antessala do lado de fora do escritório no Edifício Executivo da República estava na cor original; aparentemente, os decoradores de

Valorum ainda não haviam alcançado esta câmara. Sorriu ao ver quem estava esperando por ela.

— Mestre Qui-Gon. É bom vê-lo de volta.

Ele se curvou.

— E você também, Mestra Gallia. — Ele parecia apreensivo. — Eu disse ao droide para não te interromper.

— Ele me fez um favor, — disse ela, antes de sorrir. — O que te traz aqui?

— Estava lidando com alguns assuntos relacionados à minha viagem recente. Mas quando ouvi que você e o Mestre Yoda estavam aqui, decidi passar para o caso de vocês já terem concluído. Há um assunto que estou esperando levar ao Conselho completo.

— Estou esperando sobreviver ao dia. — Ela lançou um olhar para a porta do supremo Chanceler. — Nosso trabalho aqui pode levar algum tempo, e não espero conseguir entrar em contato com os outros membros. Mas se você os vir primeiro, sinta-se à vontade para pedir a eles que marquem um horário para você.

— Eu farei isso. — Ele se curvou novamente. — Sinto muito por ter te tirado da reunião.

— Eu disse, nunca peça desculpas por fazer a coisa certa. — Ela sorriu. — Mas olhe para quem estou dizendo isso.

Depois de assistir Qui-Gon partir, ela se preparou e voltou para dentro. Os outros haviam avançado para o que se tornara uma fase cada vez mais regular de suas reuniões: o que todos concordavam alegremente em chamar de realocações de força. Valorum e Yoda estavam no meio da discussão quando Palpatine notou o seu retorno.

O senador de Naboo se inclinou e entregou-lhe um datapad.

— Aqui está uma lista dos movimentos que recomendamos até agora, Mestra Gallia.

— Darei a minha atenção total a isso.

Mas, em vez disso, os seus olhos foram para outro lugar. Não para a discussão, nem mesmo para as naves voando do lado de fora da grande

janela retangular. Inclinando-se para Palpatine, cobriu a boca para falar confidencialmente e gestos para as paredes.

— Por que *isso* tom de azul?

— Gosto não se discute, — sussurrou Palpatine. — Às vezes, me pergunto como seria em vermelho.

CAPÍTULO 6

QUARTEL DOS CAMINHANTES DA FENDA

KELDOOINE

— Olhe só para *estes* espécimes, — murmurou Zilastra na sala de carga da *Morleen* em Keldooine. Zilastra tinha chamado o IK-111, o seu droide assassino, para apoiá-la, mas mal parecia necessário para as três figuras cambaleantes com roupas sujas e expressões doloridas diante dela. Eles lutavam para ficar em posição de sentido diante dos blasters do droide ébano. Balançou a cabeça. *Que bando!*

— Olhe só para *estes* espécimes, — murmurou Zilastra na sala de carga da *Morleen* em Keldooine. Zilastra tinha chamado o IK-111, seu droide assassino, para apoiá-la, mas mal parecia necessário para as três figuras cambaleantes com roupas sujas e expressões doloridas diante dela. Eles lutavam para ficar em posição de sentido diante dos blasters do droide ébano. Ela balançou a cabeça. *Que bando!*

O trio foi retirado do único tanque a bordo do cargueiro que não continha ácido. A única entrada era uma escotilha no topo; lá dentro havia uma queda de dez metros. Levou meia hora e um cabo para tirar os ocupantes.

— Eu os ouvi gritando mais cedo quando passei, — disse Kylah. — Acho que eles não são da tripulação, cheiram como se estivessem lá dentro há um tempo. Acho que ficaram presos.

— Recue, IK. — Zilastra observou enquanto o IK-111 obedecia. — De onde veio essa nave?

— De Randon. — A resposta veio de Burlug, que estava na escada ao lado de outro tanque, se preparando para se livrar da piloto. — Garota, você

acha que são clandestinos?

— Eu nunca me esconderia num lugar tão bobo, — disse Kylah.

Devaroniano. Houk. Klatooiniano. Zilastra estalou os dedos.

— Vocês são os caras que tentaram 'roubar a *Majestoso Zephyr*!

O trio não disse nada. Mas como qualquer bom jogador de cartas, ela lia rostos. O Houk estava sério, mas os seus olhos estavam sempre em movimento. Ele temia que ela fosse a lei. O Klatooiniano temia que ela não fosse. Tudo *exceto* os seus olhos estava em movimento, graças ao seu nervoso contínuo.

Mas o Devaroniano olhou pra cima quando ela mencionou o crime que tentaram. Aquilo era orgulho, por mais equivocado que fosse, e significava outra coisa. Zilastra se dirigiu a ele.

— Quem é você?

— Lobber. *O* Lobber.

— Há mais de um?

Lobber estendeu a mão, arrancando um piado irritado do droide. O Devaroniano recuou e tentou se recuperar.

— Eu sou o cérebro.

— Que terrível pra todos vocês.

Zilastra começou a andar de um lado para o outro na frente deles. Do lado, Kylah a observava.

— Você já ouviu falar desses caras?

— Três criminosos atacaram uma nave espacial em Ootmian. Você pode ver como foi bem isso pelas acomodações deles aqui. — Ela olhou para o Klatooiniano trêmulo. — Pegaram o primeiro transporte de volta que tinha um motor. Estou certa?

O Klatooiniano lançou um olhar pra cima de Burlug, deixando cair um corpo em outro tanque com um som doentio, e quase desmaiou.

Lobber interveio.

— Não se incomode em falar com Wungo, parceira. Eu disse a você, eu sou quem movimenta aqui. — Ele bateu no peito. — Vejo que você está no mesmo ramo. É bom encontrar uma companheira...

Zilastra se lançou em direção a Lobber, suas mãos avançando para os chifres do Devaroniano. Apertou com força, usando-os como alavanca para torcer o seu pescoço.

— Ai! Me solte!

— *Ninguém ataca as naves da linha Viagens Real!* — Zilastra declarou, apertando o aperto. Os joelhos de Lobber cederam.

Wungo se encolheu.

— S-são... são eles do seu território?

Lobber falou com dor.

— Nós, nós íamos te dar a nave, eu prometo. Estávamos conversando sobre isso, certo, Ghor?

— É isso mesmo! — o Houk declarou. — Íamos dar a nave para os Infames!

Zilastra o encarou com raiva.

O lábio de Ghor tremia.

— Espera, isso está errado. Dissemos que era para os Caveiras Empaladas.

Depois de ela não responder, Wungo gaguejou:

— N-não, espera. Dissemos que era para os Reputações Sujas!

Mais um instante. Lobber, ofegante, perguntou com uma voz pequena:

— Os Lâminas Envenenadas?

— *Eu sou Zilastra,* — ela declarou. Ela puxou os chifres de Lobber pra cima, deixando-o cara a cara com ela, em agonia. — E eu comando os *Caminhantes da Fenda*!

— É isso! — Lobber disse, como se de repente lembrado. — Íamos roubar a nave para os Caminhantes da Fenda!

Ghor concordou.

— Sim. Como Caminhante da Fenda. O jogo de pazaak.

Zilastra fez uma careta.

— É *sabacc*, idiota. E o que você quer dizer com roubar pra mim?

— Para te mostrar o que podíamos fazer, — Lobber disse. — Quero dizer, se tivesse funcionado.

— Eu não quero *ninguém* atacando as naves da Viagens Real. Pra mim ou para qualquer outra pessoa. Todo mundo trabalhando no Submundo deveria saber disso. Entendido?

Lobber a encarou.

— Uh... não.

Zilastra certamente não ia explicar isso para eles. Soltou Lobber, que caiu de joelhos. Ela se virou e olhou para Burlug.

— Mais três para um banho de ácido, — ela disse, estalando os dedos. — E não um por momento muito breve. Vamos, Kylah!

Ainda sob a mira dos blasters, os companheiros de Lobber protestaram. O Devaroniano era o único cujas palavras formavam frases.

— Espera! Eu não entendo, — ele disse enquanto ela começava a se afastar. — Você acabou de nos dizer que não queria que ninguém roubasse as naves da Viagens Real. Bem, nós não fizemos isso! Os Jedi nos pararam *antes* de assumirmos o controle!

Os seus olhos se estreitaram ao ouvir uma palavra odiada, e ela parou. Ela se virou.

— Você está dizendo que os três foram parados por um *Jedi*?

— Isso mesmo. — Ghor acenou vigorosamente com a cabeça. — E não foi apenas qualquer Jedi, era um Mestre Jedi!

— Não apenas qualquer Mestre Jedi, — Wungo corrigiu. — Ele era um *psiquiatra*!

Zilastra o encarou, perplexa.

— O quê?

— Você sabe, uma daquelas pessoas que conversam com você, perguntando por que você rouba coisas. — O nome finalmente chegou. — Um conselheiro.

Possíveis explicações passaram por sua mente. Semicerrando os olhos, ela optou pela explicação mais estúpida possível.

— Você quer dizer que ele estava no *Conselho Jedi*?

— Isso mesmo, — Lobber disse. — Só que ele não estava. Ele *ia* ser um desses, mas era muito perigoso e poderoso.

— Sim, — Ghor interveio. — Ele fazia disparos de blaster com os olhos!

Wungo concordou.

— E o outro me congelou como gelo, só de me tocar!

— Não seja ignorante, — ela disse. Ela os encarou. — E o que você quer dizer com 'o outro'?

— Haviam dois, — Lobber respondeu. — Acho que aquele era um consultor também.

— *Conselheiro*, — Zilastra corrigiu. Percebendo como ela tinha passado o último minuto de sua vida, ela respirou fundo. — Se os Jedi realmente os pegaram, por que vocês não estão sob custódia, ou mortos? E não me digam que escaparam. Vocês nem conseguiram sair daquele tanque.

Uma pausa silenciosa enquanto o trio decidia sua história. Lobber finalmente deu algo como uma confissão.

— Eles controlaram as nossas mentes.

— Alguém com certeza precisa disso. — Ela não acreditava naquela história também. Dizia-se que os Jedi podiam influenciar os de mente simples, mas o efeito não durava muito. Por outro lado, nenhuma outra explicação fazia sentido. Ela olhou para Kylah. — Garota, procure o relatório de...

— Entendido. — A garota já tinha um datapad em mãos. — Sua fonte em Randon diz que era um único Jedi com um aprendiz. — Ela riu. — E eles nem ativaram os seus sabres de luz.

Eles têm coragem, Zilastra pensou. Mesmo com a República e a Ordem recuando da rota comercial, os Jedi ainda operavam com impunidade, ou pensavam que podiam. Tolos como Lobber e os seus amigos facilitavam as coisas. Não havia lugar para eles em qualquer organização respeitável e, definitivamente, não nos Caminhantes da Fenda.

Ainda assim, havia algo preocupante aqui. *Jedi a bordo de um voo da Viagens Real?* Isso estava ficando muito próximo. Poderia ser aleatório, mas mesmo uma pequena chance de que os seus inimigos mais odiados estivessem bisbilhotando por causa de seus planos significava que tinha que tomar uma decisão que odiava ainda mais.

— Não vamos matá-los, — Zilastra anunciou. — Em vez disso, vocês vão nos contar tudo o que aconteceu. *Cada. Coisinha.*

Cheios de alívio, os três sequestradores em potencial começaram a falar todos de uma vez.

Zilastra levantou o dedo indicador.

— *Depois* de ajudar a limpar esta nave.

— Ela olhou para Burlug. — Ainda tem dois corpos na frente?

— E mais cadáveres atrás. A parte da tripulação que não quis se juntar. — Burlug fechou a tampa de um tanque de ácido. — Ficou meio bagunçado.

— Leve essas figuras com você. E se eles derem algum problema...

Não precisou terminar a frase. Os três se afastaram para seguir Burlug.

Zilastra olhou para Kylah.

— Você vai para o centro das Viagens Real no espaçoporto de novo esta noite, certo?

— Sim. Mesmo esquema de sempre, só posso trazer as mercadorias uma de cada vez.

— Enquanto estiver lá, veja se há algo nos arquivos sobre os Jedi. Eu não quero que eles fiquem bisbilhotando. Entendeu?

— Entendi.

— E tenha cuidado, aquele bairro está no território dos Lâminas. Alguém te incomodou?

— Uma vez, mas me livrei. Eu tenho uma guarda-costas. Ela me ajudou a afastar um monte de arruaceiros.

Zilastra franziu a testa, e não apenas com o pensamento de Kylah ser desafiada.

— Que guarda-costas? Eu não te designei nenhuma.

— A conheci na rua roubando um speeder, a chamo de Ligação Direta. Mas você deveria tê-la visto lutar! Eu a contratei como a minha motorista pra me ajudar a ir e voltar.

— Provavelmente ajuda ela poder alcançar os controles. — Zilastra riu. — Então a Clandestina tem sua própria força. Você tem certeza de que pode confiar nela?

— Eu confiaria em mais alguém que você mandasse me levar?

Pelo menos alguém *lembra das minhas lições,* Zilastra pensou. Ela sorriu.

— Saia daqui. Tenho que garantir que não há uma banda de cantina escondida sob as placas do convés.

CAPÍTULO 7

CORUSCANT

— Agora, alunos, vamos considerar posições de duelo quando confrontados com um oponente de estatura diferente.

Cercado por jovens Padawans com capacetes na área de treinamento do Templo Jedi em Coruscant, Ki-Adi-Mundi assumiu uma postura de prontidão e ativou o seu sabre de luz. Era revigorante pra ele se conectar com a próxima geração de Jedi, e sabia que sempre era um prazer para eles aprender com um membro do Conselho Jedi.

Hoje eles estavam recebendo dois, graças ao oponente de Ki-Adi-Mundi. Um membro da espécie Quermiana, Yarael Poof, se erguia sobre o mestre e as crianças graças ao seu pescoço excepcionalmente longo. No entanto, o Jedi de pele alabastro não estava desempenhando o seu papel.

— Você não sacou a sua arma, — disse Ki-Adi-Mundi. — Vamos lá. Em guarda!

Mestre Yarael alcançou o seu sabre de luz, apenas para agitar os seus dedos espinhosos no ar.

— *Você não quer me atacar.*

— Isso não vai funcionar.

— Não? Bem, tente isso. — Yarael se virou para o grupo mais velho de crianças, encarou e fez gestos. — *Vocês não querem que ele me ataque.*

— Nós não queremos que ele te ataque, — as crianças disseram em uníssono.

— *Vocês querem bloquear o caminho dele.*

— Nós queremos bloquear o caminho dele. — Aturdidas, várias das crianças marcharam na frente de Yarael. Elas se viraram, encararam Ki-Adi-Mundi e ativaram os seus sabres de luz de treinamento.

A boca larga de Yarael se curvou num sorriso.

— E assim é como eu posso me defender contra um oponente de estatura diferente. O que, pra mim, é praticamente todo mundo.

As crianças mais novas que Yarael não havia falado riram, assim como aquelas que tentara influenciar. Ki-Adi-Mundi lhe deu o devido crédito.

— Muito esperto. Mas não é um método confiável. Nem todo mundo é membro do Conselho, capaz de projetar um pensamento para várias pessoas de uma vez. E é muito difícil fazer as pessoas enfrentarem o perigo contra a sua vontade. — Ele lançou um olhar severo para Yarael. — Também é bastante imoral.

— Há uma preocupação maior do que isso, — disse Yarael. A sua cabeça baixou em seu longo pescoço, e ele olhou para os alunos mais velhos. — Vocês deviam se envergonhar. Cadê a disciplina mental que eu ensinei a vocês? Eu nunca deveria ter sido capaz de influenciá-los desde o início.

— Oh, você não nos controlou, — disse uma Rodiana. Ela encarou Yarael. — Nós realmente não queríamos que ele te atacasse, Mestre.

Os olhos de Yarael se arregalaram.

— Nenhum de vocês foi influenciado?

As crianças começaram a rir.

— Muito gentil, — disse Yarael, batendo no capacete dela com uma longa mão branca. — Vê, Mestre? Vale a pena ser popular!

Ki-Adi-Mundi desativou o seu sabre de luz. Mais um grupo de alunos havia adotado Yarael como o seu mascote. O seu grande corpo espinhoso e os seus olhos enormes o faziam parecer um desenho infantil, e a sua jovialidade só aumentava o efeito. Ele também tinha séculos de idade e adorava contar histórias de aventuras Jedi passadas para as crianças. Ki-Adi-Mundi era mais sério e seriamente irritado com a interrupção.

— Se pudermos guardar a hilariante conversa para outro momento...

— Com licença, — anunciou um visitante.

Esperando estar ainda mais incomodado, Ki-Adi-Mundi olhou pra cima, só para se animar quando viu quem era.

— Jovem Kenobi. Você voltou de sua missão.

— E de muitas outras menores desde então, — disse Obi-Wan, entrando. — Esta é uma delas. — Ele olhou ao redor. — Mas eu não quero atrapalhar.

— Não estamos fazendo nada importante. — Ele lançou um olhar para Yarael.

Obi-Wan soou aliviado.

— Há uma jovem família, na verdade, várias famílias, com crianças precisando de ajuda.

— São candidatos a Jedi?

— Acho que não. Várias chegaram a Coruscant às pressas. Elas precisam de roupas, roupas de cama, brinquedos, itens que eu esperava encontrar aqui.

— As agências de assistência não conseguiram ajudar? — Yarael perguntou.

— Não hoje.

Ki-Adi-Mundi e Yarael se olharam e depois para o jovem, esperando em esperança.

— Eu acho que podemos fazer algo, — disse Yarael.

— Melhor ainda, — acrescentou Ki-Adi-Mundi. Ele fez um gesto ao redor da sala. — Vamos perguntar aos nossos alunos aqui que coisas próprias eles estão dispostos a dar. É uma oportunidade de ensino.

Yarael resmungou.

— Bobagem. Podemos nos dar ao luxo de dar às crianças algo novo e feito sob medida pra elas.

Ki-Adi-Mundi levantou uma sobrancelha para Obi-Wan.

— Meu amigo nunca gostou de roupas de segunda mão. Problemas com o ajuste.

— Podíamos falar sobre você e capacetes, — Yarael respondeu, juntando as mãos num cone imitando o que estava sobre a cabeça de Ki-Adi-Mundi.

As crianças riram, e quando Obi-Wan viu que Ki-Adi-Mundi não se importava com a piada, o Padawan sorriu também. Claramente, os dois

mestres tinham um entendimento sobre esse tipo de humor.

— O que vocês decidirem estará bem.

Antes de sair, Obi-Wan perguntou:

— O Mestre Qui-Gon falou com você sobre se dirigir ao Conselho?

— Teria que ser depois das nossas lições. — Ki-Adi-Mundi lançou outro olhar para Yarael. — Por algum motivo, hoje estamos atrasados.

—

DUAS CONTAS. MUITAS joias.

Um manto, abandonado.

Mãos. Transparentes, não, invisíveis.

Um cálice, transbordando de dor.

Botas.

Mace Windu abriu os olhos e expirou. *De onde* vieram as botas *mesmo?*

O complexo do Templo Jedi havia sido construído sobre o que um dia foi um pico de montanha imponente, lar das capelas originais da caverna e de uma torre sagrada. À medida que a superfície artificial de Coruscant alcançava cada vez mais o céu, o Templo moderno sobrepujava o original, deixando apenas o pináculo isolado em seu centro, e uma nova torre moderna sobre ele, cercada por outras quatro colunas.

No alto da Torre Central da Tranquilidade, na mesma câmara de meditação onde anos antes passara a noite antes das cerimônias que o elevaram à categoria de Cavaleiro Jedi e depois a Mestre Jedi, Mace se conectava com o futuro. Não era o seu ambiente normal de contemplação, mas algo sobre habitar a sua vida antes que os seus deveres se expandissem apelava para ele.

Mas os seus pensamentos estavam desordenados o dia todo, obscurecidos com preocupações rotineiras e elementos aleatórios que não significavam muito. Nunca um para exercícios fúteis, Mace se lembrou das palavras do Mestre Yarael: *A Força não pode ser forçada.* Levantou-se e desceu da câmara pela torre.

Saiu na base, onde encontrou Qui-Gon Jinn num dos antigos balcões que cercavam o pico original abaixo, sentado numa meditação silenciosa. Ou...

— Mestre Qui-Gon, você está *dormindo*?

Qui-Gon abriu os olhos.

— Peço desculpas, Mestre. Eu tive uma longa jornada, sem descanso desde então.

Mace assentiu.

— Me disseram que você e o jovem Kenobi viram alguma ação.

— Felizmente, a ação não foi necessária. — Os olhos de Qui-Gon foram para a torre acima. — Eu não queria interromper as suas meditações.

— Você não interrompeu. — Mace balançou a cabeça. — Eu temo que nunca conseguiremos substituir o que o Mestre Zaifo-Vias podia fazer quando se trata de sentir o futuro. Há muitos fios neste planeta. — Qui-Gon se levantou, e eles começaram a caminhar em direção à grande escadaria. — O Mestre Rancisis está fora do mundo, — disse Mace, — tentando se comunicar com a Força num lugar mais pacífico. Eu o invejo.

— Você também poderia ter ido a outro lugar, Mestre.

Mace queria acreditar nisso. Mas ele balançou a cabeça.

— Tenho muitas responsabilidades aqui, ultimamente.

— Mestre Yarael tem um ditado sobre trabalho demais...

— Eu estava lá quando ele disse pela primeira vez. — Mace observou Qui-Gon. — Também me disseram que você tem algo para trazer à atenção do Conselho. Por mais de uma pessoa, na verdade.

— Entre mim e Obi-Wan, conseguimos encontrar um quórum do Conselho desde que retornamos. Mas eu preferiria falar com todos de uma vez.

— E você me procurou. — Mace considerou. — Nós precisamos de nos reunir.

— Isso toca nos eventos que ocorreram em nossa rota de volta de Ord Jannak.

— Esse é o corredor onde a Mestra Billaba está trabalhando, — disse Mace. Pensou em sua ex-aluna, agora colega no Conselho, ausente por muitas semanas em missão. Não tinha falado com ela, não desde...

Mace parou no último degrau e fechou os olhos. *Duas contas, as marcas da cultura Chalactan, que Depa Billaba usava na testa. E um manto abandonado...*

Tirado de seu transe, viu que Qui-Gon havia parado ao seu lado.

— Mestre?

— Tudo bem, é hora, — disse Mace. — A notícia será dada. O Conselho vai se reunir.

—

A MOTORISTA na cabine do caminhão speeder olhou para as sombras alongadas da maior cidade de Keldooine. Em algum lugar daquela massa indústrial moribunda estava o porto planetário dos Caminhantes da Fenda. Era fácil ver isso a partir das naves, em sua maioria capturadas, voando. Mas a entrada terrestre para a instalação estava escondida dentro de um labirinto de becos cobertos.

A jovem Kylah Lohmata nunca pedira para ser deixada fora do caminhão speeder no mesmo lugar, e nunca convidara a sua motorista para se juntar a ela. Os locais de coleta também mudavam toda vez. Era notável que alguém tão jovem tivesse adquirido tanto conhecimento clandestino.

— Ei, Ligação Direta! — Kylah chamou. A adolescente saiu de uma porta que não ficava nem perto da direção do local declarado da base dos Caminhantes da Fenda.

— Não é onde eu esperava te ver.

— Somos assim. — Kylah abriu a porta do passageiro e bateu no painel. — Ande. — O caminhão speeder estava em movimento antes mesmo de a garota estar completamente sentada em seu assento.

Tudo isso era de se esperar. Não era o medo das autoridades que motivava tanto cuidado; o domínio da República sobre Keldooine era um detalhe trivial mesmo antes do entreposto Jedi fechar. As gangues rivais eram outra história. Tudo no mundo era um jogo de soma zero; espiões e traidores estavam por toda parte. Era bom ser cuidadoso.

Isso se aplicava especialmente quando se tratava de novo talento, como a mulher que Kylah chamava de Ligação Direta. Ela parecia uma ladra de speeders especializada, desde seus grandes óculos e antigo capacete de couro até seu rosto e roupas manchados de graxa. Ela havia chegado a Keldooine apenas alguns dias antes de encontrar Kylah pela primeira vez; a garota estava em apuros e precisava de uma rápida fuga de um grupo de ladrões. O motorista tinha proporcionado isso e mais proteção, desde então, ganhando um pouco de confiança. Não o suficiente para entrar no espaçoporto dos Caminhantes da Fenda, mas isso realmente não era algo que um motorista de superfície deveria se interessar.

— Preciso que você me deixe perto do Espaçoporto Leste novamente, — disse Kylah. — O beco atrás do complexo executivo.

— Você nunca dorme?

— Planeta errado pra isso. — Kylah colocou a mão no bolso de sua jaqueta e colocou um pequeno saco no painel. — Aqui.

— Créditos da República?

— São bons. Por um tempo. Dobre isso quando me buscar. Vamos!

O sol se pôs durante a viagem, um passeio durante o qual Kylah mal parou de falar com a motorista, a quem Kylah continuava se referindo como a sua 'nova funcionária'. A garota queria desesperadamente ser uma pirata, *por que* ainda não tinha sido mencionado, e estava encantada em mostrar a alguém mais que o dobro de sua idade na sua maestria nas ruas. A própria motorista era nova em Keldooine e mais do que disposta a ouvir.

O caminhão speeder parou no beco na escuridão.

— Você tem certeza de que *aqui* é onde você quer sair?

— Desta vez, sim. — Kylah abriu a porta. — Vou demorar algumas horas novamente. Vou sinalizar pra você. Você pode se esconder até eu chamar?

— Sem problema. — Antes que a motorista pudesse dizer mais alguma coisa, o seu comunicador bipou. Ela olhou pra uma mensagem nele. — Até tenho algo para fazer. Os meus amigos de volta pra casa se encontram de vez em quando para uma chamada.

— Deve ser bom *ter* um 'lar.'

— Estamos por toda parte, essas sessões não são fáceis de organizar. — Não era o melhor momento para isso, também. Ela acenou para a adolescente.

— Fique segura... *chefe*.

Foi talvez mais cuidado do que a maioria dos motoristas de gangues teria exibido, mas Kylah tendia a despertar isso, e parecia apreciar. A garota desapareceu na noite, enquanto o motorista encontrava um novo local de estacionamento a várias quadras de distância.

Lá ela entrou na parte de trás do veículo e configurou o seu comunicador holográfico. Sentando-se numa caixa, ela tirou o capacete e os óculos, revelando longos cachos de cabelo preto e duas contas em sua testa. Falou num tom muito mais refinado do que havia usado antes com Kylah.

— Aqui é a Depa Billaba, em missão, respondendo a convocações.

— Controle de Comunicação do Templo, bem-vinda, Mestra Billaba. Fique pronta para se juntar ao Conselho, que já está em andamento...

CAPÍTULO 8

CORUSCANT

— Quando o Mestre Windu finalmente convocou o Conselho Jedi, Qui-Gon estava sem o seu Padawan, tendo libertado Obi-Wan após atender aos pedidos dos passageiros da *Majestoso Zephyr*. Todos mereciam um tempo pessoal após uma longa missão, e embora trazer o seu aluno para reuniões importantes fosse educativo para ele, Qui-Gon achou que esta era uma boa sessão para comparecer sozinho.

Teve tempo para repensar isso, e muitos outros, enquanto esperava do lado de fora da Câmara do Conselho. O seu pedido estava no final da agenda, e pelo som, alguns dos membros viajantes demoraram para ligar. Pior, Adi Gallia havia entrado e saído da reunião várias vezes, passando por Qui-Gon no antecâmara para descobrir algum fato que os outros precisavam.

— Isso parece familiar, — ela disse a ele.

— Admiro a sua resistência.

Finalmente, chegou a vez dele. Mas em algum lugar durante as cinquenta passos que Qui-Gon deu para dentro da sala redonda, as coisas mudaram novamente. O Mestre Even Piell apareceu holograficamente, trazendo o número de membros do Conselho, reais e virtuais, para a dúzia completa. Mace apelou a Qui-Gon por mais paciência e falou com Piell.

— Entendi que você está em Yitabo a pedido do senado?

— Isso mesmo, — respondeu Piell, de orelhas longas. — Duas corporações agrícolas aqui estão em conflito com o governo civil. O Chanceler Valorum solicitou a intervenção Jedi.

Mace franzia a testa.

— E enviamos um *membro do Alto Conselho Jedi*?

— Eu estava na vizinhança. E conhecia algumas das pessoas envolvidas. Tem sido exatamente tão emocionante quanto você imagina.

Ki-Adi-Mundi balançou a cabeça.

— Em breve eles nos farão resolver disputas de estacionamento.

— Vamos torcer pra que isso nunca aconteça, — disse Mace. Ele olhou para Qui-Gon. — Você tinha algo para compartilhar?

Qui-Gon assentiu.

— O Mestre Piell está na região que vim discutir. Tenho evidências em primeira mão de que os nossos recentes fechamentos de entrepostos avançados no Setor estão tornando a vida mais difícil para as pessoas lá.

Descreveu o que ele e Obi-Wan viram em sua recente viagem e, mais importante, o que ouviram daqueles na *Majestoso Zephyr*.

— Cada vez que uma corporação se muda do Setor, a região perde poder no Senado e se torna menos segura, — disse Qui-Gon. — As pessoas se mudam, e tudo começa novamente.

— Posso confirmar isso, — disse Depa Billaba. A sua imagem holográfica estava de má qualidade, e a sua voz tinha um eco. — Estou no Setor agora, investigando as raízes da pirataria com a ajuda da Frota Diplomática das Forças Judiciais. Vi em primeira mão como a ilegalidade se espalha. Até os jovens são impactados.

— *Principalmente* os jovens, — disse Piell. — Há uma geração em risco aqui.

Adi reagiu como se não fosse nada novo.

— Lugares caem em desgraça. Servimos ao Senado.

Isso produziu um burburinho de vários de seus colegas. Mace falou por eles.

— Somos independentes.

— Com licença, Mestres. Quero dizer que levamos em conta as necessidades deles ao fazer os nossos planos. — Ela apontou para o seu datapad. — Uma quantidade tremenda de informações vai para essas decisões. Elas não são tomadas levianamente.

De outro planeta, o de rosto peludo Oppo Rancisis concordou.

— Não somos encarregados de mudar as leis da economia. A oportunidade flui e reflui, e busca o seu equilíbrio.

— É claro, — disse Qui-Gon, virando-se para encarar o sábio de cabelos brancos. — No entanto, houve um tempo, Mestre Oppo, em que os Jedi patrocinavam obras que mudaram a vida de muitos.

Mace franzia a testa.

— Cuidado, Qui-Gon. Aqueles que invejam o passado podem perder de vista onde estão.

— Concordo, Mestre Windu, mas isso se refere ao meu argumento. As decisões são tomadas aqui com a melhor das intenções, fortalecidas tanto pelo que sabemos do passado quanto pelo que a Força nos diz sobre o futuro. Somos bem guiados. Mas raramente vemos os resultados de nossas ações pessoalmente.

— Pra isso enviamos Jedi para o campo, — interveio Saesee com aspereza.

— E como um deles, Mestre Tiin, sou obrigado a relatar o que vejo.

O membro mais ríspido do Conselho olhou por um momento.

— Justo.

Qui-Gon respirou fundo. Falar ao Conselho Jedi era literalmente uma tontura. O design circular da sala pretendia significar que todos eram iguais, mas aqueles que tinham uma audiência definitivamente não eram. Comentários podiam vir de qualquer direção, forçando o entrevistado a girar, procurando pelo orador, momento em que outra voz soaria de trás. Adicionando à desorientação estavam as janelas voltadas para fora em todas as direções, apresentando uma vista panorâmica do espaço e do tráfego aéreo sobre o planeta mais movimentado da galáxia. A antiga Ordem Jedi pode ter descoberto algo, reunindo-se em cavernas.

O maior perigo, pensou Qui-Gon, era a tentação de percorrer a sala. Isso não era um tribunal e júri, nem uma apresentação de vendas. Era preciso ficar firme. Ideias, não teatralidades, eram importantes. Centrava-se e adotava uma postura humilde ao retomar o seu apelo.

— Sabemos que o nosso trabalho afeta bilhões. Impedimos ameaças, algumas antes mesmo de se desenvolverem. Salvamos sistemas estelares inteiros de uma só vez. — Ele se concentrou num ponto vazio no chão. — E ainda assim, quando foi a última vez que um de nós aconselhou alguém que estava enlutado? Ajudou alguém a superar comportamentos autodestrutivos? — Ele olhou pra cima. — Disse a alguém que as *suas* decisões, as *suas* vidas são importantes?

Silêncio.

Yoda quebrou o silêncio.

— De pequenas centelhas, cresce a luz.

Satisfeito, Qui-Gon inclinou a cabeça.

Adi balançou a dela, com evidente tristeza.

— Simplesmente não há tempo pra fazer essas coisas. Não no nosso nível.

— Mas não estamos num nível diferente, — disse Piell. — Pelo menos, não deveríamos estar. Somos como qualquer outra pessoa.

— Com uma grande responsabilidade, Mestre. — Adi agitou o seu datapad diante dela. — Temos mundos de responsabilidades. O que queremos não entra em questão. É o que a Força quer de nós.

— Ah, mas será? — Qui-Gon ergueu a cabeça e arqueou uma sobrancelha. — Mesmo enquanto olhamos através do espaço e do tempo, a Força viva nos pede para olhar bem diante de nossos olhos. O que você vê lá?

— Não muito, — respondeu Eeth. — Estamos muito enraizados aqui, ultimamente.

— Os nossos cuidados são ditados pelo que está diante de nós. — Os olhos de Qui-Gon se moveram de um rosto para outro. — As pessoas que Obi-Wan e eu conhecemos pensavam pouco nos Jedi porque sentiam que pensávamos pouco neles.

— Nada poderia estar mais longe da verdade, — disse Mace.

— É *a* verdade deles. A verdade que veem em suas vidas diárias. E à medida que os entrepostos avançados fecham, o que eles não veem, somos

nós. — Qui-Gon fez uma pausa para respirar. — É mais do que uma negligência de nossa parte. De fato, acho que pode ser bastante perigoso.

Vários membros do Conselho falaram ao mesmo tempo. Ki-Adi-Mundi declarou:

— Essa é uma conclusão extrema.

— Concordo, — disse Plo Koon. — Só porque eles não veem ou entendem nossas ações, não significa que não nos importamos. Ou que não fizemos nada.

Qui-Gon balançou a cabeça.

— Com todo respeito, Mestre, para uma pessoa em crise, significa *exatamente* isso. Somos conhecidos pelo que fazemos. Uma galáxia na qual os Jedi são cada vez mais invisíveis permite que uma imagem diferente se forme no vazio. E isso *é* perigoso.

Yaddle concordou.

— Essas pessoas pensam mal de nós. O que pior elas poderiam pensar?

Ou ser feitas *a pensar?* Qui-Gon pensou em acrescentar. Mas isso era um pensamento incendiário, e ele decidiu que era melhor manter o curso.

— Não estou aqui para questionar a grande sabedoria deste corpo ou desafiar a maneira como as coisas são feitas...

— Mas você *está*, — disse Yoda. — Você, Qui-Gon, já nos encontramos antes.

Vários dos Mestres Jedi riram, e Qui-Gon ficou aliviado ao ouvi-los. Humilde, sorriu e olhou pra baixo.

— Vou colocar isso de outra forma, então. Passamos muito tempo buscando o equilíbrio, e fazemos isso porque sabemos inerentemente quando algo está fora de equilíbrio. Bem, algo *está* fora de equilíbrio, pra cada um de nós. — Ele olhou pra cima. — Felizmente, não requer nenhum grande plano, nenhuma grande obra. E este sábio Conselho já sabe do que é necessário.

Escaneando os rostos ao seu redor, Qui-Gon pôde perceber que eles o haviam ouvido.

Mace assentiu gentilmente.

— Obrigado, Mestre Qui-Gon.

— E eu agradeço a todos vocês. — Qui-Gon fez uma reverência. Ele começou a se virar para sair, apenas para gesticular com as mãos. — *Ajudar uma pessoa*. Um Jedi não precisa de permissão pra isso.

CAPÍTULO 9

CORUSCANT

— Parece que nos foi dado um desafio, — disse Mace, com certo humor, depois que as portas se fecharam atrás de Qui-Gon. — Não consigo imaginar como melhorar as vidas nunca nos ocorreu.

Risadas leves seguiram, mas não de todos.

— Todos nós respeitamos o Mestre Qui-Gon, — disse Ki-Adi-Mundi. — Mas já ouvimos isso dele muitas vezes. — Ele cruzou os braços. — A Ordem Jedi serve à sociedade, mas não é uma agência governamental.

Yoda olhou pra cima de sua contemplação.

— Não da Ordem fala Qui-Gon. Ele se refere aos Jedi individuais.

Ki-Adi-Mundi assentiu deferencialmente.

— É verdade, histórias de Jedi isolados da Ordem sempre o fascinaram. E ao seu mestre também, se me lembro bem. Eles mostram o bem que poderia ser feito sem os nossos cuidados com o Estado. Mas os membros do Conselho Jedi são capazes de considerar o galáctico e o local. De fato, é o nosso trabalho.

Saesee deu de ombros.

— Isso é clássico do Qui-Gon. Nada de novo.

— Discordo, — disse Mace, pausando um momento enquanto refletia. — Isso foi diferente. *Nós* somos diferentes.

Os outros o encararam surpresos. Depa olhou pra ele buscando algo.

— Continue, Mestre.

Mace olhou ao redor.

— Vocês todos sabem que eu protejo as tradições da Ordem. Há sabedoria nelas. E ainda assim, até eu posso ver: Raramente agimos como indivíduos. As nossas responsabilidades aumentam, mas este corpo permanece do mesmo tamanho. Membros do Conselho estão ligados a Coruscant mais do que nunca. — Ele apontou para as figuras holográficas. — Apenas três de nós estão ausentes, e apenas a Mestra Billaba está realizando trabalhos de investigação.

— E passei três horas me escondendo pra comparecer a esta reunião, — disse Depa. — E me perdoem, mas apenas agora, perto do final, chegamos à parte produtiva.

— Uma parte que nunca esteve na agenda, — disse Yaddle. Ela olhou para o centro da sala. — Qui-Gon vê claramente a nossa condição. Mas não tenho certeza do que prescrever.

Adi Gallia levantou o seu datapad e falou com hesitação.

— Estou relutante em trazer assuntos de volta aos negócios, mas o escritório do Chanceler nos forneceu a lista final deste ano de sugestões sobre os ativos Jedi.

Piell resmungou.

— Final como a promessa de um político.

Mace acenou com a mão. Todos os membros tinham uma boa compreensão da natureza do Senado e um saudável ceticismo. Concordava completamente com Piell. Mas chamar a atenção pra isso não servia pra nada no momento.

— Continue, Mestra Gallia.

— Cobrimos os locais onde o Senado espera crescimento, — disse Adi, — onde as suas solicitações da ajuda Jedi provavelmente aumentarão. Como de costume quando isso acontece, compilamos uma lista de entrepostos avançados que os Jedi não frequentam mais, seja para pesquisa ou para outras atividades, para equilibrar a necessidade.

— A nossa pesquisa foi concluída? — perguntou Mace.

— Agora mesmo. — Ela leu enquanto as informações passavam pela tela de seu datapad. — Janaus. Tontakoh Menor. Barayfe.

Yarael riu.

— *Alguém* mora nesses lugares?

Adi pausou, e os seus olhos se arregalaram.

— O que foi? — Mace perguntou.

Ela olhou pra cima.

— *Kwenn.*

Silêncio atordoado.

Oppo foi o primeiro a quebrá-lo com um meio sussurro.

— *Não.*

O seu choque foi compartilhado por membros do Conselho jovens e velhos.

— Aquilo está aberto há quase duzentos anos, — disse Piell.

— Quase exatamente, — respondeu Eeth. — Isso seria o bicentenário de sua fundação.

— Presente, vários de nós estávamos, — disse Yoda. — Um símbolo, na borda do espaço Hutt.

Plo concordou.

— Um grande gesto. Mostrou que não havia lugar para onde não iríamos.

— E coroou o que foi mais uma grande conquista, no planeta em si, — disse Yaddle. — Um trabalho monumental que esta Ordem, incluindo um de nós aqui, teve muito a ver.

Os seus olhos se voltaram para Oppo, assim como os de vários outros que conheciam o seu papel. Mas a figura holográfica parecia perdida em pensamentos.

— Muitos estavam envolvidos, — ele finalmente disse, antes de desviar o olhar.

Mesmo os membros mais taciturnos pareciam afetados pela notícia.

— Visitei Kwenn pela primeira vez quando era um Padawan, — lembrou Saesee.

— Todos nós visitamos, — acrescentou Ki-Adi-Mundi. — Alguns, muitas vezes.

Yarael parecia atordoado.

— Eu amava o teatro ali.

Mace não podia discordar das preocupações dos outros, mas também não pôde deixar de notar algo.

— As nossas experiências lá são muitas. Mas quão recentes são algumas delas?

— Não muito, — disse Adi após consultar o estudo. — Os sistemas vizinhos não tiveram escavações de relíquias ativas há anos, e nossas missões na área têm diminuído assim como o comércio. E deixar instalações em regiões instáveis sem vigilância por muito tempo coloca os materiais dentro delas em risco.

Mace assentiu.

— É por isso que fechamos Tharben e Keldooine, e agora, Ord Jannak. Esses eu entendi. Mas Kwenn mudou tanto?

Adi inclinou a cabeça.

— Entre piratas e impostos, a rota Ootmiana está em desuso. O tráfego na Estação Espacial de Kwenn está em baixa; suspeito que o mesmo ocorra para o planeta abaixo. As corporações partem, e resta o povo. Isso é o que o Mestre Qui-Gon viu.

Piell levantou um dedo holográfico.

— Você perdeu um passo. Nós partimos. *Então* o povo parte. — O Lannik de tapa-olho falou sobre as suas experiências recentes. — Qui-Gon não é o único que testemunhou isso. Vi pessoas se dirigindo para o Núcleo naquela rota o tempo todo em que estive em Yitabo.

Mace ia perguntar a Depa sobre as suas observações quando notou a sua antiga aluna olhando pra trás dela.

— Há algo errado, Mestra Billaba?

— Posso ser chamada aqui a qualquer momento, — disse Depa, falando rapidamente. — Mas temo que o fechamento do entreposto de Kwenn possa fortalecer o elemento criminoso lá. Aconteceu quando fechamos o local em Keldooine, e estou vendo o resultado agora. — Um bip soou de onde ela estava. — Eu devo ir.

— Que a Força esteja com você, — disse Mace, mas a sua imagem desapareceu antes que ele terminasse a frase.

Eeth respirou fundo.

— Se fecharmos o entreposto de Kwenn...

— Isso não foi decidido, — interveio Oppo.

— Claro, — Eeth se corrigiu. — Eu simplesmente quis dizer que, se concordarmos com o estudo que sugere o fechamento, afetaria alguém que não é um Jedi: o zelador.

Vários reagiram com reconhecimento, incluindo Yarael.

— Ah, o senescal. Não o vejo há anos. — Ele olhou para Adi. — Espera. O local *não* está desassistido!

— Verdade, — disse ela, — mas nosso relatório conclui que ele é quase incapaz de continuar suas funções. E não é provável que uma alternativa adequada seja encontrada. É uma existência solitária.

— Voh esteve lá a maior parte de sua vida, — disse Yoda. — Notícias difíceis, isso seria.

Oppo assentiu.

— Se alguém merece saber disso diretamente, é o Senescal Voh.

Yaddle olhou para o espaço vago pela imagem de Depa.

— Tantas de nossas reuniões eram presenciais uma vez. — Ela baixou a cabeça, e um peso caiu sobre os seus companheiros.

Parte da mente de Mace ainda estava na saída abrupta de Depa e no que isso poderia prenunciar para a sua missão. Mas ele estava ouvindo e lutando com todos os problemas que lhes foram apresentados.

Os seus olhos se arregalaram, e Yoda viu isso.

— Conheço esse olhar, Mestre Windu. Um plano, você tem.

— De fato. — Mace juntou as mãos. — Vamos visitar o entreposto em Kwenn.

Os outros o encararam.

Adi respondeu consultando o seu datapad.

— Isso... pode ser difícil. Mas me deixe ver quem está disponível. Talvez alguém possa se ausentar.

— Não alguém, — disse Mace, levantando o dedo indicador. — *Todos nós.*

As suas palavras surpreenderam muitos.

— *Todos?* — perguntou Oppo.

— Vamos nos reunir lá, pessoalmente. Vamos conhecer as pessoas, aprender sobre as suas vidas e mostrar o nosso apoio. Tanto individualmente quanto coletivamente, numa comemoração pública do aniversário da fundação do entreposto.

Saesee parecia confuso.

— Celebrar a fundação do entreposto, só para fechá-lo?

Eeth apontou o que acabara de ser lembrado, que nenhuma decisão havia sido tomada.

— Mas estamos sendo honestos? O fechamento foi recomendado por nossos próprios pesquisadores.

— Pessoas em quem confiamos, — disse Ki-Adi-Mundi. — Sentimento e nostalgia não devem nos fazer ignorá-los. Nem é certo enganar as pessoas de Kwenn.

— Não há engano, — disse Yaddle. — Realmente desejamos comemorar, e podemos aprender algo que altere a nossa visão.

Yoda assentiu.

— Mudado, o destino de Kwenn poderia ser.

Adi parecia preocupada. Ela falou com hesitação.

— O Chanceler receberá uma cópia de nosso estudo. É uma cortesia. Você sabe que o Senado quer que comprometamos a nossa atenção em outro lugar, e eles sabem que sempre seguimos as orientações de nossos pesquisadores. Eles podem não entender por que não estamos fazendo isso agora.

Saesee bufou. Ele olhou ao redor.

— Não me parece ver o assento do Chanceler aqui dentro.

Yaddle assentiu.

— O Senado e os Jedi são aliados. Mas mantemos o nosso próprio conselho.

Mace concordou.

— Mestre Tiin está correto, nós *podemos* fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. Mesmo enquanto conhecemos as pessoas de Kwenn, podemos identificar os artefatos que precisamos recuperar antecipadamente de qualquer fechamento.

— É um entreposto grande, — disse Yarael. — Tem espaço pra todos nós.

Plo olhou ao redor.

— Duvido que haja provisões suficientes para um grupo do nosso tamanho.

— Sem problema, — disse Piell. — Estou perto, lembra? Yitabo é a despensa para metade dos mundos ao redor. Vou abastecer aqui.

Yaddle juntou as mãos em deleite.

— Atendendo ao chamado. Parece certo.

A sua apreensão passando, Adi concordou.

— Seria bom sair daqui um tempo. — Ela colocou o seu datapad no colo.

Mace ouviu apenas concordância dos outros.

— Está decidido. Faremos os nossos próprios caminhos até lá, chegando como pudermos. A Mestra Depa também será informada.

— Veremos as pessoas de Kwenn, e elas verão *a nós*, — disse Yaddle. — E ouvirão nossa mensagem: *Os Jedi estão ao seu lado.*

CAPÍTULO 10

DISTRITO DE EMBARQUE

KELDOOINE

— *Onde está aquela garota?*

Depa Billaba não sabia a resposta, mas estava longe de ser a única pergunta em sua mente. A reunião improvisada do Conselho Jedi tinha lhe dado muito mais com o que pensar. Era a primeira vez que participava de uma enquanto estava sentada na área de carga de um caminhão speeder. Pelo menos agora estava no banco da frente, embora ainda estivesse no escuro, tanto literal quanto figurativamente.

A Fatia se estendia para dentro do espaço Hutt, estendendo-se ao longo das rotas comerciais em direção ao Núcleo como uma adaga apontada para o coração da galáxia. Nenhum Hutt sensato agiria diretamente na região, mas todos os piratas locais pareciam estar se candidatando a empregos com eles, contando com um futuro sem a República e os Jedi para interferir. Os Hutts eram inevitáveis, pensavam eles. Era apenas uma questão de tempo antes que as gangues da região se tornassem as suas subsidiárias.

Mas informações tentadoras haviam sido desenvolvidas por um estudante que Depa uma vez tutelara, o saudoso Xaran Raal. Uma única gangue de piratas na região não tinha vínculos com os Hutts, abertos ou não: os Caminhantes da Fenda. Os mais novos e, segundo todos os relatos, os mais intrépidos das gangues, liderados por alguém chamada Zilastra. A maioria no submundo local conhecia o nome dela, mas pouco além disso, exceto que ela jogava para valer, enquanto também supostamente jogava um jogo de sabacc fenomenal.

Depa havia se comprometido a remediar essa falta de informação. Não havia dúvida de que um único Jedi, mesmo membro do Conselho Jedi, poderia levar uma operação multi planetária como os Caminhantes da Fenda à justiça. Mas a líder de tal grupo não podia permanecer um enigma. Maz Kanata, que havia governado o seu castelo por séculos, havia mostrado que um estado pirata nem sempre era o pior vizinho a se ter. Se uma 'Rainha Zilastra' seria outra Maz estava nos interesses vitais de segurança da República em saber.

E a melhor conexão de Depa para descobrir era uma garota de doze anos. E atrasada.

Onde ela está? Depa verificou os monitores do veículo pela milésima vez antes de decidir sair do veículo. *Deve ser assim que é ser um pai esperando para buscar uma criança.*

Por outro lado, a rua suja atrás do espaçoporto depois da meia-noite não era uma instituição educacional, e Kylah não era uma estudante, a menos que o furto fosse o assunto. E os tiros de blaster que Depa ouviu agora sinalizavam que a escola ainda estava em sessão.

— *Ligação Direta!* — Kylah gritou.

Depa viu a garota correndo em sua direção pela escuridão, com um grande embrulho nas mãos. Atrás dela, o beco estava iluminado por holo faróis vermelhos emanando dos corpos de pelo menos meia dúzia de droides. Eram unidades de patrulha privadas, leves em inteligência, pesadas em agressão. Eles gritavam em uníssono, com as suas vozes amplificadas:

— Pare, ladrão!

Depa sacou o seu blaster instantaneamente. Os droides ignoraram os seus tiros de advertência, avançando enquanto Kylah corria freneticamente em direção ao caminhão speeder.

Sabendo que usar o seu sabre de luz revelaria a sua identidade, Depa se estendeu através da Força e trouxe uma onda de contêineres de carga abandonados para os caminhos dos droides atrás de Kylah. A garota não viu o feito, mas se beneficiou dele, chegando ao veículo flutuante assim que Depa abriu a porta do passageiro.

Kylah gritou:

— *Vai, vai, vai!*

— Se abaixe! — Depa gritou. Tiros de blaster atingiram o lado da porta fechada, atrás da qual Kylah se encolheu. A própria Jedi já estava em movimento, indo para o lado do motorista. Em questão de segundos, o veículo estava em movimento.

— Cuidado! — Kylah gritou quando dois dos droides bloquearam o caminho deles.

— Segure-se, — Depa gritou. Agarrando o manche de controle, ela dirigiu o veículo direto para os atacantes. Luzes vermelhas giraram enquanto os droides voavam barulhentamente de cabeça pra baixo. Tiros de blaster continuaram a atingir a estrutura do veículo, mas por trás, enquanto ela acelerava pra frente.

Curvada sobre o grande saco de pano que carregava, Kylah comemorou.

— *Uhu!* Foi divertido!

— Não é a palavra que eu usaria. — Depa acelerou até não conseguir mais ver os droides atrás dela. — Estamos seguras, — anunciou.

A garota olhou pra cima e sorriu.

— Casa. Sem luzes acesas.

— Entendido. — Depa respirou fundo. Olhando para a escuridão, ela observou o embrulho no colo de Kylah. — Conseguiu o que estava procurando?

— Você não precisa saber.

Depa se endireitou.

— Como quiser.

À medida que o veículo se afastava do espaçoporto, Kylah relaxava, e falava muito mais.

— Eu fui perfeita.

— Foi mesmo?

— Entrar nunca é um problema. Eu espero até escurecer e pulo uma cerca. Então eu subo neste poste com uma câmera de segurança rotativa...

— Você sobe num poste com uma câmera nele?

— Não é ótimo? — Kylah praticamente pulava no assento, satisfeita com a sua astúcia. — Logo abaixo da câmera, posso pular para este telhado

próximo, onde há um respiradouro que tem mais ou menos esse tamanho. — Com as mãos, ela traçou uma forma que não era muito maior que o saco que estava segurando. — Eu deslizo pra baixo e estou dentro.

— E você saiu com isso.

— Sim, mas só posso pegar um por viagem, e só há dez minutos por dia em que posso entrar na sala de estoque, durante a troca de turno.

— Parece que eles perceberam desta vez.

— Só na saída. Enquanto eu puder continuar entrando, estamos em negócios.

Sem ter certeza do que era o negócio, Depa olhou para o saco.

— Deve valer muito.

Kylah riu.

— Isso, você realmente não precisa saber.

— Você é a chefe.

Nos dias desde a chegada de Depa a Keldooine, a Jedi tinha se insinuado na vida da maior megalópole. Encontrar uma maneira de entrar no submundo em expansão não tinha sido fácil. A competição entre várias bandas de piratas as havia levado a todas as posturas defensivas, tornando-as paranoicas com relação a recém-chegados. Fingir ser uma ladra de speeders para alugar não lhe rendeu nenhuma vantagem. A única coisa que se aproximava de uma oportunidade havia vindo de seu resgate por acaso de uma criança na rua sendo perseguida por bandidos. Ao perceber que Kylah era mensageira dos Caminhantes da Fenda, Depa se tornou indispensável como motorista e guarda-costas, ao ponto em que Kylah ofereceu compartilhar a sua habitação com a mulher que ela chamava de Ligação Direta.

Depa estacionou atrás dela e saiu, verificando o beco em busca de ameaças. Antes de terminar, Kylah saiu pulando. Trabalhou numa fechadura e deixou os dois entrarem num apartamento escuro, abandonado por um dos muitos moradores que haviam deixado Keldooine com pressa.

Como havia feito após suas outras incursões noturnas, a garota carregava o seu saco em direção a um depósito.

— Volto num minuto.

— Certo. — Depa trancou a porta atrás deles e rapidamente se aproximou da abertura pela qual Kylah havia entrado.

Ela ouviu, e ouviu Kylah falar.

— *Uauu bibibi zip zap shoo!*

Depa inclinou a cabeça. Era uma frase infantil, sem sentido. Mas então ela ouviu uma voz mecânica vinda do depósito.

— Frase de bloqueio inicializada. — Um clique leve seguiu-se.

Não havia tempo para pensar sobre isso. Depa rapidamente se afastou da abertura e fez um show de verificar novamente a porta da frente.

Olhou pra trás e viu Kylah jogando o saco vazio no chão.

— Estou pingando de suor. Vou trocar de roupa.

— Você teve um dia longo.

Depois de ver Kylah desaparecer em seu espaço pessoal, Depa se arrastou para o depósito. O aparente prêmio da garota estava em cima de uma mesa: um estojo com um emblema em seu lado. Um cálice dentro de uma estrela.

Depa começou a entender. Era de uma das linhas de passageiros, Viagens Real. A caixa tinha peso, ela descobriu ao levantá-lo, mas não fazia barulho quando ela o sacudia. Também estava bem trancado. Ela se perguntou sobre o conteúdo. *Dinheiro, gemas, armas? Ou algo pior?*

Examinando o mecanismo, ela entendeu o que Kylah acabara de fazer.

— Espero que eu acerte isso, — sussurrou, antes de falar com a própria caixa. — *Uauu bibibi zip zap shoo.*

A fechadura clicou e a caixa se abriu. Depa recuou, em guarda, mas não havia ameaça. Na verdade, não havia nada dentro. Percebeu que o peso vinha do revestimento interior que funcionava como uma contramedida contra escâneres.

Não eram necessários sentidos Jedi treinados para saber que Kylah estava quase pronta para voltar; a garota fazia tanto barulho em casa que era difícil acreditar que ela era uma ladra bem-sucedida, muito menos a melhor esperança de Depa para se conectar com a sua presa, os Caminhantes da Fenda. Depa fechou rapidamente a caixa e saiu do quarto.

Kylah apareceu vestindo roupas mais claras e mais leves do que as suas roupas de trabalho. — Vamos comer. Eles ainda estão servindo no Palácio de Jammah.

— Um restaurante? É meio caro, não é?

— Você está pagando. Eu apenas te paguei, lembra?

A sua memória voltou, Depa assentiu.

— Deixei o dinheiro no caminhão.

— Que profissional é você. — Kylah riu enquanto destrancava a porta. — Fique comigo. Você vai aprender!

Depa observou a garota voltar para o beco. Essa tinha sido a dinâmica delas: alguém com a idade de um jovem Padawan, tratando *ela* como a aprendiz. Mas as conversas soltas da criança já tinham contado muito para Depa, e sentiu que valeria a pena continuar desempenhando o seu papel.

Fechando o apartamento, a Jedi notou que uma mensagem havia chegado em seu comunicador silenciado enquanto estavam dirigindo. Era de Mace, um holograma extenso, o registro de tempo aconselhava. Depa decidiu esperar para assisti-lo até que estivesse sozinha novamente. Provavelmente era apenas mais sobre o fechamento do entreposto em Kwenn. Essa era uma discussão sobre a qual ela já tinha decidido. Ela já estava vendo como era a vida num lugar sem Jedi. Casas se tornavam barracos, e crianças se tornavam gângsteres.

Mas aqui fora, posso fazer algo a respeito.

— Você vem? — Kylah chamou, já no banco do passageiro e segurando a bolsa de créditos de Depa. — Mais um minuto e eu vou começar a esvaziá-la. Se eu não comer primeiro!

— Estou indo. — Depa guardou o comunicador no bolso e dirigiu-se para o caminhão.

—

DEPA NÃO TINHA respondido, pensou Mace enquanto examinava o seu comunicador em Coruscant. Não era incomum. Ela estava em missão;

poderia ser muito tempo antes que ela fizesse o registo novamente. Tentar contatá-la repetidamente poderia comprometer a sua posição. Podia esperar.

As partidas dos vários membros do Conselho para Kwenn não estavam acontecendo imediatamente de qualquer maneira, graças ao trabalho em andamento no hangar do Templo Jedi. Plo Koon e Saesee Tiin tinham se mudado de lá da garagem da frota terrestre, e o humor deste último não tinha se beneficiado com a mudança de cenário.

— De quem foi a brilhante ideia de atualizar as frotas terrestres e espaciais ao mesmo tempo? — rosnou Tiin.

— Se bem me lembro, foi sua, — respondeu Mace.

— Hmpf. — Saesee balançou a cabeça. — Tenho tentado esquecer.

Vários de seus colegas já haviam visitado o hangar, organizando passagens para Kwenn que correspondessem aos seus horários. Mesmo com muitos de seus veículos pessoais temporariamente fora de ação, naves sempre poderiam ser arranjadas, mas poucos queriam tirar naves disponíveis de Jedi com necessidades mais urgentes.

Saesee apontou para Mace os outros, já no chão do hangar, fazendo os seus planos.

— Há alguma preocupação com todos nós deixando o Templo Jedi?

— Mal está sem atenção, — disse Mace. — Inúmeros Jedi estão presentes. É o lugar mais seguro da galáxia. — Mas ele viu o que Saesee estava insinuando. — Você prefere ficar para terminar as atualizações das frotas.

— Sim, mas lembro-me de Kwenn, como todos nós. Mestre Plo e eu faremos o máximo possível antes de nos juntarmos a vocês. — Saesee se virou para onde Heezo estava esperando pacientemente, segurando a metade superior de um droide astromecânico em ambos os braços. Saesee apontou para um caça. — Ali.

— Claro, Mestre. — O Seloniano carregou o equipamento pastando Mace, pausando tempo suficiente para sorrir. — Parece que todos estão indo embora. Isso deve ser uma grande aventura!

Saesee olhou pra ele e franziu a testa, o suficiente para fazer o seu assistente se mover novamente. Um Padawan que falhou em seus testes há

muito tempo, Heezo ainda tinha talentos, e por isso tinha sido dado vários trabalhos no Templo Jedi. Ele era bem quisto pela maioria, mas Mace sabia que a paciência de Saesee tinha o seus limites.

Cruzando o convés, Mace viu Yoda e Adi Gallia terminando as suas conversas com um trabalhador.

— Tudo resolvido? — Mace perguntou.

— Mestre Yoda e eu estaremos indo para Kwenn depois, — respondeu Adi.

Yoda assentiu.

— Temos assuntos a finalizar, de nossa reunião com o Chanceler.

Mace levantou uma sobrancelha.

— Você não vai vê-lo novamente antes de nossa viagem?

Adi balançou a cabeça.

— Talvez seja melhor assim, — disse Mace. — Não estamos escondendo nada, mas onde o Conselho se reúne é a nossa prerrogativa.

Enquanto Adi partia para retornar à sua lista de tarefas, Mace caminhava lentamente, combinando o seu ritmo com o de Yoda. O mestre enrugado apontou para a nave que ele havia reservado.

— Você vai viajar conosco?

— Não, — disse Mace, indicando o seu caça estelar. — A Mestra Depa já está na área. Vou me juntar à força-tarefa da República com a qual ela está trabalhando.

Yoda parou e o encarou.

— Você não ouviu falar dela.

— Ainda não.

Um murmúrio de Yoda.

— Preocupado, você está, com a sua ex-Padawan.

— Ela não é mais isso há muito tempo, — disse Mace. — Ela cresceu além, no caminho de todos os alunos que têm sucesso. Só quero garantir que ela compareça à reunião em Kwenn.

— E se ela estiver em apuros?

— Você concordaria que ela é igual a qualquer dificuldade que possamos imaginar. — A testa de Mace se franziu. — Mas se houver algo que não

possamos imaginar, algo que detenha até mesmo um membro do Conselho Jedi, pode exigir a presença de *dois*.

Yoda o estudou.

— Você sentiu perigo pra ela.

— Não posso afirmar com certeza. Mas ela assumiu esta missão contra a pirataria após a morte de Xaran Raal, e ela ficou nela mais tempo do que a maioria dos membros do Conselho.

— Uma tragédia. — Yoda inclinou a cabeça. — Uma coisa difícil, a perda de qualquer Jedi é.

— Emboscado na sua primeira missão, por forças desconhecidas.

— Ela conhecia o jovem Xaran?

— Ele foi um dos muitos iniciados que aprenderam técnicas de meditação com ela, e uma vez que ele foi nomeado Cavaleiro, foi ela quem o enviou para investigar a situação na rota Ootmiana.

— Ah, — disse Yoda, olhando pra cima. — Conflituosas, você sente que são as suas intenções.

— De jeito nenhum. Ela está além de apegos, como todos nós do Conselho estamos. Mas ela sentiu que a missão que Xaran empreendeu valia a pena, senão ela não o teria enviado. Isso exigia encerramento.

— Bom. — Yoda começou a andar novamente. — Nos vemos em Kwenn.

Mace se curvou.

— Que a Força viaje com você.

— A Força viajou mais rápido, uma vez, — disse Yoda, olhando para a enorme extensão do piso do hangar à sua frente, e riu. — Heh! Muito mais rápido, sim!

PARTE DOIS

BOAS AÇÕES

CAPÍTULO 11

TRANSPORTE JEDI

APROXIMANDO-SE DE KWENN

— Memória, pensou Oppo Rancisis, era uma coisa mágica, capaz de trazer vivamente o passado com apenas um pensamento. Nas espécies de vida longa, como a sua própria raça Thisspiana, a memória podia alcançar séculos num instante. Nem sempre cooperava e muitas vezes preservava coisas que as pessoas queriam esquecer. Mas no seu melhor, a memória era um presente: um recurso disponível para todos, independentemente de seu relacionamento com a Força.

Viajando pelo hiperespaço em direção a Kwenn, Oppo supôs que se lembrava do planeta melhor do que quase qualquer pessoa viva. Certamente, entre os membros mais antigos do Conselho, ele havia passado mais tempo no mundo da fronteira. De fato, tinha sido o seu projeto pessoal, a sua fixação por anos a fio.

A população de Kwenn tinha crescido rapidamente na era anterior à Alta República; o seu tesouro de pedras preciosas era tão próximo da superfície que nenhuma empresa mineradora conseguia resistir ao lugar. Eles nivelaram montanhas, rasgaram as planícies e realocaram oceanos. Depois de desenterrarem tudo de valor, deixaram os restos indesejados em colossais montes de rejeitos, montanhas de escória pairando ao redor de centros de manufatura uma vez movimentados. Em troca, o clima do planeta, quebrado pelo abuso, devolveu alguma crueldade própria, inundando as áreas baixas com uma mistura tóxica.

Um Oppo muito mais jovem havia visto a miséria depois que os mineradores partiram e ouvido os gritos das pessoas que permaneceram, incapazes de reviver o seu mundo. Realocar uma civilização inteira parecia um desafio impossível. Mas deixá-la no lugar era uma sentença de morte para milhões. Algo tinha que ser feito, e como membro do Conselho Jedi, Oppo estava em posição de fazê-lo.

Liderou muitas missões ao planeta, importando as mentes mais brilhantes e os financiadores mais responsáveis da República, incentivando-os a procurar respostas. Com os Jedi os inspirando, eles juntos alcançaram o que veio a ser visto como uma das Grandes Obras da era da Alta República: a Grande Renovação.

Enquanto máquinas colossais purificavam mares e céus, montanhas de lixo eram descontaminadas, cobertas e remodeladas em grupos de ilhas artificiais que ficaram conhecidas como as Cidades Gemas de Kwenn. Formas de terra mais altas eram cercadas por terraços povoados, enquanto no mar brilhante entre eles, chaves de menor elevação proporcionavam parques em abundância. Pontes majestosas que teriam sido maravilhas arquitetônicas em qualquer mundo atravessavam os muitos estreitos.

Indústrias quase mortas foram ressuscitadas com o objetivo de proteger o ecossistema. Espaçoportos, colocados de forma sensata, prosperaram. Até mesmo o uso de airspeeders foi limitado, mantendo a maioria dos transportes a centímetros do chão e os céus entre as ilhas abertos. Dentro de alguns poucos anos, Kwenn tornou-se uma parada escolhida para viajantes na Fatia.

Mesmo na época, Oppo sabia privadamente que Kwenn era um exemplo, recebendo uma quantidade desproporcional de atenção quando havia outros mundos necessitados em outros lugares. Mas justo ou não, achava importante mostrar o que era possível não apenas para o setor corporativo, mas também para os Cavaleiros Jedi.

Esse último impulso levou à criação da assinatura do artista, um dos poucos entrepostos avançados Jedi com nome: Monte Santuário.

Era o título tanto da característica natural, um promontório alto sobre Capital Key, a mais alta das cidades de montículos, quanto da elaborada

estrutura de pedra esculpida nele, maior do que muitos outros entrepostos avançados. Durante o dia, não havia nada ostensivo sobre isso. Mas logo após o pôr do sol, todas as noites por duzentos anos, um grande braseiro era aceso no nível mais alto. A luz que o entreposto projetava era visível de todas as ilhas ao redor. A galáxia poderia ter perdido um símbolo semelhante na estação espacial Farol Luz Estelar naquela era, mas o Fogo Inextinguível de Kwenn servia ao mesmo papel em microcosmo, lembrando aos cidadãos de que tinham aliados contra a noite.

E por muito tempo, isso foi verdade, já que o Monte Santuário era regularmente ocupado. Inúmeros Jedi pararam lá por sua biblioteca e vistas inspiradoras de um mundo trazido de volta da beira do abismo. Oppo se lembrava bem disso.

— Eu *tenho* estado ausente por muito tempo, — ele pensou em voz alta enquanto sua pequena nave se aproximava do fim de sua jornada. Outros deveres o mantiveram em outros lugares pelo que agora percebia serem décadas. Havia considerado brevemente Kwenn como o local para o seu retiro meditativo truncado, decidindo contra isso apenas porque assumia que estar num mundo tão adorável o tentaria a sair de sua solidão. Boas lembranças eram poderosas, mas às vezes tornavam difícil focar no futuro. Agora, porém, mais novas lembranças poderiam ser feitas.

O seu longo corpo semelhante a uma serpente sentiu o solavanco da nave emergindo do hiperespaço. Passando pela gigantesca estação espacial de Kwenn, olhou pra baixo uma memória de outro tempo: o *tempo errado*. As nuvens escuras perto dos centros urbanos, vistas pela primeira vez em sua visita séculos atrás, começaram a retornar. O arco do horizonte tinha um leve tom alaranjado. Surpreso, Oppo guiou a nave para mais perto para dar uma olhada.

Parte da névoa vinha de chaminés de fábricas que não se lembrava de sua última visita. Algumas das chaves reservadas como reservas naturais estavam em chamas, com florestas em brasas. O mundo ainda estava vivo com atividade, mas o tráfego de veículos estava congestionado, em parte, por speeders terrestres abandonados em pontes e estradas. Trazer a nave

para mais perto para observar os veículos, viu que muitos deles foram desmontados para peças.

Este ainda é Kwenn. Mas as gemas estão manchadas.

Pelo menos o Monte Santuário parecia inalterado. Pousou logo antes do pôr do sol na plataforma de pouso que ficava na extremidade inferior de uma longa e sinuosa rampa de pedra que espiralava pra cima. Essa característica também tinha sido ideia dele; optar por não usar escadas era uma prerrogativa de design de um Thisspiano. Fez o seu caminho até a rampa quando a luz apareceu de cima. O Fogo Inextinguível estava aceso.

Soltou um suspiro profundo. Algumas coisas permaneciam as mesmas.

Isso o levou a subir mais rápido. No topo, chegou à porta da frente e usou a pesada aldraba. O eco alto dele deu lugar ao som de passos apressados sobre pedra.

— Um momento!

A porta rangeu aberta, revelando uma figura um pouco mais alta que um metro. Um Bimm idoso, ele tinha orelhas caídas e olhos pretos minúsculos, e era tão careca em cima quanto o Jedi era peludo. A sua mandíbula alongada se abriu momentaneamente, apenas para se transformar num amplo sorriso.

— Mestre Rancisis!

— Senescal Voh. — Oppo tirou todas as quatro mãos de seu manto e as envolveu nos pulsos do pequeno zelador. — Faz muito tempo.

— Uma era.

— A culpa é minha. — Oppo sabia que os Bimms viviam mais de um século; o senescal havia cuidado do Monte Santuário pela maior parte de uma era.

— Entre, entre! — A pequena figura abriu caminho. — Eu acabei de acender o braseiro.

— Eu vi. Sempre em serviço.

— 'O Fogo Inextinguível de Kwenn' sempre foi um equívoco, nunca queima durante o dia. Mas é claro, você sabe disso.

— De fato, o nome foi meu. Eu gostava do som.

Oppo serpenteou pela área de recepção. A base de uma rampa estava à sua esquerda; ela espiralava para dentro da estrutura, indo para os andares superiores e terminando no nível do farol. Escalá-la era um exercício estimulante para os Jedi que ficavam ali; não conseguia imaginar Voh lidando com isso diariamente na sua idade.

Mas o zelador vestido de robe parecia ágil.

— Por favor, desculpe a poeira, não tenho visitantes há muito tempo.

Oppo tinha notado. Havia bastante de um Thisspiasiano em contato com o chão a qualquer momento. Mas apesar de um pouco de sujeira, Voh parecia ter mantido o lugar em boa ordem.

Isso era especialmente verdadeiro para a biblioteca. Mais de cem cubículos haviam sido trabalhados nos colossais pilares de pedra que sustentavam o teto alto da sala central. Um entreposto normalmente teria apenas alguns textos disponíveis, dado o fato de que os Jedi raramente ficavam lá por muito tempo. Mas essa coleção não vinha de Coruscant, mas dos visitantes. Viajantes ao longo dos séculos trouxeram consigo textos e histórias pessoais armazenadas numa variedade de mídias, desde datapads e cartões de dados comuns até o ocasional pergaminho ou livro; muitas vezes, eles os deixavam para outros. Se os visitantes quisessem descobrir o que Avar Kriss estava lendo durante as suas viagens no espaço Hutt próximo, havia um cantinho onde eles poderiam descobrir.

Não era ideia de Oppo, mas tinha apreciado assistir ao desenvolvimento ao longo dos anos. Voh claramente também tinha, adicionando à coleção enquanto respeitava a história do prédio. Oppo avistou uma parte disso agora.

— Isso é o que eu acho que é?

— Oh, sim, — disse Voh, indo até o carrinho de livros com rodas. — Uma peça artesanal feita pelo morador mais antigo em Kwenn antes da Grande Renovação, apresentada na fundação do entreposto. — Ele empurrou pra frente e pra trás. — Ainda funciona!

— E você ainda o usa, vejo.

— Uma vez eu tentei um carrinho repulsor para carregar para os níveis mais altos, mas eles não são projetados para rampas em espiral. Ele ficava

arranhando as paredes. Às vezes, os velhos métodos são melhores.

— De fato. — Oppo olhou ao redor com admiração. — Eu poderia passar dias nesta biblioteca, Senescal. Uma coleção maravilhosa.

— Pode parecer menor do que você lembra, — disse Voh com alguma trepidação. — Eu consolidei um pouco, não tenho mais o alcance que costumava ter. E não há muitos visitantes, então há poucos novos materiais desde a última vez que você esteve aqui. — Ele observou Oppo. — Você trouxe algo, por acaso?

— Na verdade, vim com novidades.

Voh respirou fundo e se endireitou, apenas para os seus ombros caírem quando a vida saiu dele.

— Suponho que sabia que este dia chegaria.

— Como assim?

— Está claro pra mim há algum tempo que o entreposto seria fechado. — Voh olhou ao redor e balançou a cabeça. — Keldooine e Kwenn, esses eram os mundos-chave nesta região. Mas Keldooine já caiu no caos, e os negócios que permanecem aqui se recusam a manter as torres de limpeza atmosférica de Kwenn, mesmo quando as suas práticas industriais sobrecarregam o seu desempenho. Ninguém se importa em... — Ele se interrompeu, olhando para longe envergonhado. — Nós desperdiçamos a promessa que você trouxe para este planeta.

— Você não fez nada do tipo, Senescal, e você interpretou mal o meu significado. — Ele olhou pra cima. — Antes que qualquer decisão desse tipo seja tomada, o Conselho elegeu realizar uma celebração em Kwenn, comemorando a Grande Renovação.

Voh ficou surpreso.

— Você... está aqui para organizar isso? Sozinho?

— Você novamente me entendeu mal, meu velho amigo. Eu também passei dos dias de rastejar por aí, fazendo tudo sozinho. — Oppo riu. — Todo o Conselho está vindo.

Os olhos do zelador se arregalaram.

— Todos?

— Exatamente. Trabalharemos juntos para elevar Kwenn.

Voh levou as mãos à testa e começou a andar de um lado para o outro.

— Isso é incrível, é claro. Mas se você tivesse me contatado, eu poderia ter planejado a sua chegada. — Ele olhou para outra porta. — Os estoques de comida devem ser reabastecidos!

— O Mestre Piell está cuidando disso.

— Mestre? — Voh reuniu tudo por um momento, antes de sorrir. — Será maravilhoso ver todos novamente. E tê-los aqui. — Ele ficou um pouco mais alto. — Como posso servir?

A reação de Voh gratificou Oppo. *Ajude uma pessoa*, disse Qui-Gon. Isso claramente não era o que tinha em mente, mas era bom trazer vida a velhos amigos. Orgânico e arquitetônico.

— Temos muito o que preparar, — disse ele, serpenteando entre torres cheias de conhecimento das eras. — Vamos começar.

CAPÍTULO 12

DISTRITO DE EMBARQUE

KELDOOINE

Kylah corria pela chuva da meia-noite, mais um caso roubado da Viagens Real.

— Vamos!

Depa acelerou.

— Não ouvi tiros.

— Eles não podiam me ver. O nosso plano funcionou!

Desde o incidente após a reunião do Conselho Jedi, os droides sentinela dentro da instalação da central da Viagens Real em Keldooine estavam cientes das invasões noturnas de Kylah. Descobrindo que nenhuma quantidade de persuasão poderia impedir a garota de enfrentar perigos, Depa mudou para eliminar ameaças, empregando uma nova tática a cada vez. Esta envolvia criar e colocar bombas de fumaça do tipo que o Mestre Windu havia usado durante uma missão em Dallenor. Kylah passou pela névoa sem que um tiro fosse disparado contra ela. As duas tinham passado de estranhas para uma equipe eficaz em menos de uma semana.

Embora não fosse estranha ao trabalho disfarçado, Depa ainda se sentia estranha participando dos roubos. Até mesmo secretamente pagara pelo caminhão speeder que alegava ter roubado. Kylah, por sua vez, não tinha tais escrúpulos. Os seus furtos sempre eram para a mesma coisa: as mesmas maletas da marca CaixaSegura, todas vazias. Não mais escondendo-as de Depa, Kylah disse que havia centenas de casos na central; a instalação de Keldooine os desinfetava, os mantinha em funcionamento e os fornecia para

todas as rotas da Viagens Real. A garota confessou que os vinha roubando para os Caminhantes da Fenda há meses. A empresa finalmente reconheceu os arrombamentos, como os droides demonstraram, mas parecia não ter ideia do que exatamente estava sendo levado.

Afinal, quem roubaria caixas vazias?

A garota sacudiu as gotas de chuva do cabelo.

— Você colocou as outras caixas do meu armazém lá atrás?

— Todas as quatro. — Depa ajustou os seus óculos. — Então, não vamos voltar lá hoje à noite?

— Não. Vamos para o oeste. — Kylah apontou para uma localização no monitor.

Depa reconheceu como sendo perto do esconderijo dos piratas suspeitos e arriscou uma pergunta direta.

— Por que os Caminhantes da Fenda querem essas coisas?

— Eu não pergunto. Faço o que o Zil diz.

Um nome. *Agora estamos chegando a algum lugar.*

— Acha que estão usando para contrabando?

— Os Caminhantes da Fenda não contrabandeiam. Eles *acertam* contrabandistas, *pou*! — Kylah socou a mão com o punho. — Quem se importa com o que eles querem com elas?

Eu me importo, pensou Depa enquanto dirigia. Havia algo nisso, uma possibilidade de encrenca, ou de perigo real. Ainda não sabia qual, mas significava algo que estava sob as ordens do líder da gangue. Depa ganhara a confiança de Kylah e finalmente estava se aproximando do centro das operações.

No entanto, os seus pensamentos estavam nublados. Em vez de antecipação, Depa se viu se preocupando mais com o que significa avançar numa organização criminosa para alguém tão jovem. Kylah adorava interpretar o criminoso ousado, mas não era uma Padawan, treinada para o perigo. Depa tinha certeza de que havia uma criança ali em algum lugar.

A ideia era usar Kylah para entrar na gangue. Agora só penso em maneiras de tirá-la de lá!

A chuva continuou a cair enquanto ela dirigia em direção a uma encruzilhada.

— É aqui em cima?

Kylah verificou o mapa.

— Sim, é...

— *Segure-se!* — Depa sentiu antes de ver: uma van speeder preta, correndo pela chuva em direção a elas pelo beco à direita. Virou o caminhão bruscamente, protegendo a sua passageira de um possível impacto, apenas para acabar no caminho de uma máquina idêntica que se aproximava delas pelo outro lado.

O golpe foi de raspão, mas o suficiente para fazer o caminhão girar em sua almofada repulsora. Depa segurou uma Kylah gritando com uma mão enquanto lutava para recuperar o controle com a outra. Uma fila de veículos estacionados encerrou essa tentativa, a colisão resultante lançando o caminhão para o ar. Não havia nada para Depa fazer além de segurar Kylah enquanto ele virava.

Quando o veículo parou de cabeça pra baixo, a Jedi não viu nada. O problema eram os seus óculos, desalinhados. Depa soltou Kylah e os ajustou, apenas para ver a garota frenética rolar para fora da janela aberta.

— Kylah, não! — Ela sabia que isso não era um acidente. Depa rapidamente se endireitou e seguiu.

De quatro na poça do lado de fora, Depa olhou para os dois lados. Outro grito a colocou de pé e contornando o acidente. Lá, na chuva, um grupo de várias figuras sombrias estava diante da van speeder preta que havia acabado de passar raspando por ela antes. O atacante mais alto havia capturado Kylah, segurando-a pelo colarinho de sua jaqueta. A garota gritou.

— *Ligação Direta! Ajude!*

Depa tateou o seu sabre de luz apenas dentro do colete. Ela poderia tê-lo num segundo, mas os blasters apontados para a garota a aconselhavam a extrema cautela. Uma série de relâmpagos iluminou a cena, mostrando-lhe que Kylah estava machucada pelo acidente, com um corte na testa. Um Rodiano com um espinho de metal em cima da cabeça, a meio caminho

entre suas antenas, apontou o seu blaster para Depa e rosnou: — Não se mexa.

— Não vou. — Ela mostrou que as suas mãos estavam vazias. — Não machuquem a garota.

— Você deveria se preocupar com *você.*

Notando que o tema do espinho se repetia com os companheiros do Rodiano, Depa falou calmamente enquanto o trovão rolava.

— Os Caveiras Empaladas, suponho. — Ela tocou o topo da cabeça. — São decorativos? Parecem que doem.

— Cale a boca!

Mantenha-os falando.

— O que vocês querem?

— O que você está carregando. Sabemos pra quem a pirralha trabalha, e a vimos se esgueirando no espaçoporto. — O Rodiano direcionou dois de seus companheiros para o destroço do caminhão.

— O que quer que ela esteja roubando, deve valer bastante.

— Vocês acreditariam em mim se eu dissesse que vocês estão errados?

— Não.

Dado o formato deformado do veículo, Depa não achou que as portas de carga seriam fáceis de abrir. Elas não eram, o que levou o Rodiano a enviar outro de seus companheiros para lá. A boca da Jedi se contorceu. Era uma abertura. Depa só precisava garantir que ela não fosse...

Outra luz de relâmpago cegante foi acompanhada por um grito de cima e atrás dela.

— *Garota, se abaixe!*

Depa não reconheceu a voz, mas Kylah claramente sim. A garota se contorceu pra fora de sua jaqueta, deixando o colarinho nas mãos de um Caveira surpreso. Foi a última surpresa de sua vida, já que tiros gêmeos sibilaram sobre a cabeça da garota e atingiram o suposto captor em cheio no rosto.

A Jedi mergulhou em direção à garota, incapaz de distinguir o trovão dos sons dos tiros açoitando a rua. Abrigando Kylah sob ela, Depa pegou o blaster do Caveira caído no chão e atirou no alvo mais próximo. Outro de

cabeça de espinho caiu, mesmo enquanto seus companheiros enfrentavam atacantes por todos os lados. Depa se levantou, apenas para ter o Rodiano tentando agarrá-la. Depa desferiu um chute circular que parou a sua tentativa, e outro que o jogou na rua, seu blaster arremessado para longe. Kylah se escondeu atrás da van preta.

Com a garota segura atrás dela, a Jedi se virou para ver a salvadora inicial de Kylah: uma mulher Nautolana em cima do caminhão destruído, disparando blasters com ambas as mãos. Com precisão, ela derrubou todos os Caveiras Empaladas que os seus companheiros não tinham lidado. O trabalho feito, ela se levantou, relâmpagos piscando atrás dela enquanto o fazia.

— *Zil!* — Kylah gritou, sorrindo.

Os guerreiros da salvadora no chão se viraram para Depa e Kylah, armas em punho. A Jedi não largou o seu blaster.

— Esperem. Estou com Kylah!

Um Feeorin colossal rosnou em resposta.

— Se afaste, garota!

— Vocês a ouviram, Luggy! — Kylah se colocou na frente de Depa. — Ela está comigo!

O Feeorin olhou para Depa e depois olhou para a mulher Nautolana, que acabara de descer do caminhão.

— O que fazemos aqui, Zil?

— Fiquem tranquilos, Burlug. — A mulher se aproximou sem se preocupar, e olhou para o blaster na mão de Depa. — Você tem planos pra isso?

A Jedi a estudou e largou a arma no chão.

— Eles a chamaram de *Zil*. Você é Zilastra. A *Zilastra*?

— Como oposto à *Lobber*?

— O quê?

— Esqueça. Relíquia de um encontro com um tolo. — Um dos Caveiras Empaladas se mexeu, e Zilastra disparou um tiro mortal em suas costas. — Parece ser minha semana para eles, — disse, guardando as suas armas.

Implacável. Depa fez uma nota mental disso e verificou Kylah.

— Você está bem?

A garota tocou a testa.

— Apenas abalada.

Zilastra circulou-os.

— Você deve ser a guarda-costas. Ligação Direta, não é?

Depa deu de ombros.

— É como ela me chama.

— Alguém te chama de outra coisa?

— Ligação Direta está bom.

Zilastra voltou a sua atenção para Kylah.

— Você está atrasada, Clandestina.

— Não é minha culpa. — A voz de Kylah subiu uma oitava. — O alvo está desconfiando de nós.

— Do que você está falando? — Zilastra perguntou.

— Eu quase fui pega mais cedo nesta semana quando você me pediu para verificar a história sobre o Jedi a bordo da *Majestoso Zephyr.*

O pirata franziu o cenho.

— Você não me contou isso.

Kylah gaguejou.

— Desculpe, — finalmente disse. — Eles me viram saindo do centro de dados.

Depa assentiu.

— Eles a expulsaram todas as noites esta semana.

— E ela me ajudou a escapar todas as vezes, — disse Kylah, indicando Depa. A cabeça da garota baixou em culpa. — Mas acho que hoje à noite poderia ter sido o fim. Eles me viram saindo da gaiola onde as caixas são armazenadas.

Os olhos de Zilastra se arregalaram.

— Me diga que você conseguiu o que eu pedi!

— Sem problemas! — Kylah apontou para o caminhão de hover destruído. — Quatro atrás, um na frente. — Ela olhou para os corpos deitados na chuva e rapidamente desviou o olhar. — Os Caveiras Empaladas também estavam nos perseguindo.

— Isso, eu sabia. — Zilastra andou até o destroço. — Sempre há um vazamento em algum lugar. Eu imaginei que eles tentariam algo. — Ela fez um gesto para os seus associados. — Peguem as minhas caixas.

— Estamos nisso, — declarou Burlug. Ele e os seus companheiros foram trabalhar na porta traseira do veículo danificado.

A chefe pirata voltou-se para Depa.

— Boa direção e boa luta.

— Só estou fazendo o meu trabalho.

— Se a garota estivesse te pagando, é isso aí. Não espere uma recompensa.

— Eu estava esperando me juntar, — disse Depa. — Muitas opções em Keldooine. Mas Kylah diz que você é a melhor.

Zilastra riu.

— E você está acreditando na palavra de uma garota?

— Ela está errada?

— Eu não preciso de mais motoristas, ou ladrões de speeder, ou o que quer que você faça.

— Você viu como eu luto.

— Eu vi muitas pessoas lutando. Mas não estou com escassez de pessoal. Estou literalmente pescando pessoas de tanques. — Zilastra olhou Depa de cima a baixo. — Você não parece faminta. Volte quando estiver faminta.

Depa inspirou. Mãos escorregadias pela chuva significavam que os capangas de Zilastra estavam tendo problemas com as portas danificadas, assim como os Caveiras Empaladas. Havia tempo para agir, mas também precisaria esconder o seu sabre de luz e o comunicador.

Uma ideia ocorreu a ela.

— Deixe-me entrar lá. O mínimo que posso fazer é terminar a entrega.

Zilastra deu de ombros.

— Vai em frente.

Passou pela líder pirata e contornou o veículo até a janela aberta do passageiro do lado de cima. Enquanto Depa se ajoelhava, Kylah chamou por ela.

— Ei, eu posso fazer isso!

— Você está machucada. Fique quieta. — A Jedi entrou.

Depois de um minuto de tatear no escuro, encontrou o que precisava encontrar e fez o que precisava fazer. Usou a Força para empurrar uma das portas da seção de carga por dentro. No momento em que a porta começou a ceder, ela a chutou, fazendo-a voar para abrir. O ato abrupto acertou Burlug na lateral da cabeça, derrubando-o na rua.

Depa olhou pra ele.

— Desculpe, — ela disse, sem parecer que se importava. Ela encarou Zilastra, segurando uma maleta numa mão. Ela alinhou outras quatro, duas de cada lado. — Sua entrega, — Depa disse.

— Agora estamos conversando! — Zilastra disse.

Kylah passou por ela.

— Essa é a que eu roubei hoje à noite?

Depa entregou a maleta pra ela.

— Sem amassados. Estou impressionada.

A garota entregou-a a Zilastra.

— Essa deveria estar aberta, — disse Kylah. — Eu nunca a inicializei.

Zilastra mexeu na trava e franziu o cenho.

— Tem algo errado. Está trancada.

Assustada, Kylah pegou de volta e mexeu sem sucesso. A maleta estava impenetrável.

— Você poderia ter pego uma que já estava ativada?

A garota balançou a cabeça.

— Nenhuma das outras estava. Não faz sentido. — Seus olhos foram para as outras quatro maletas, agora do lado de fora do destroço. — Ela vai abrir, eu sei.

— É melhor ela abrir.

Zilastra e Depa assistiram em silêncio enquanto Kylah falava a sua frase de código sem sentido. Nada aconteceu. Ela repetiu várias vezes. A sua voz subiu.

— Alguém mudou os códigos!

— Oh, — disse Depa, vagando para o lado. — Essa seria eu.

— O quê? — Zilastra explodiu.

Kylah olhou para ela, confusa.

— Quando?

— Agora mesmo no caminhão, — disse a Jedi. — Eu conhecia o seu código, então eu o reinicializei.

— Você fez *o quê*? Por quê?

— Você estava roubando ela para a sua chefe, aqui. Mas a entrega não está completa até eu dar a palavra. *Ou palavras.*

— A sua *funcionária* é uma verdadeira comediante, — disse Zilastra, sacando os seus blasters. — Eu não gosto de palhaços. — Ela fez um gesto com uma das armas em direção às maletas. — Ela não me serve assim. Fale o código. Agora.

— Eu não acho que vou fazer isso. Eu dei uma boa olhada nessas maleta. Sem a frase de código, você não vai abri-la sem um detonador térmico.

Zilastra encarou.

— Eu vou enviar a Clandestina de volta para pegar mais. Certo, garota?

Kylah, ainda parecendo traída, afundou.

— Eu não acho que posso. Os droides viram onde eu estava hoje à noite. Acho que essas são todas que eu vou conseguir.

Cada vez mais enfurecida, a pirata chamou um de seus associados.

— Tokchi, podemos acessá-las de alguma outra forma?

Um Ithoriano usando um colar de tradução dourado brilhante balançou a sua enorme cabeça.

— Não sem quebrar os mecanismos.

— Considere isso um bônus de assinatura reversa, — disse Depa, indiferente. — Me traga e eu abrirei uma por dia.

Zilastra cuspiu numa poça.

— Quem garante que eu não vou te matar no Dia Cinco?

— Talvez você faça. Mas eu vou ter ganhado o meu lugar até lá. — Depa pegou a primeira maleta, a daquela noite. — Eu até acho que vou guardar esta até o final.

A Nautolana encarou Depa, fulminante, apenas para começar a rir. Ela sorriu para a sua tenente.

— Você acredita nisso, Luggy?

— Não. — Massageando a sua mandíbula, ele encarou Depa. — Não, eu não acredito.

Zilastra baixou as suas armas.

— Certo, estou te aceitando. Um dia de cada vez. — Ela fez um gesto para os seus rivais caídos. — Mas vamos revistar você primeiro. Caso você seja uma infiltrada.

— Fique à vontade. — Depa olhou para Kylah e sorriu. — Parece que você é uma recrutada agora.

Kylah observou confusa enquanto Burlug revistava Depa. Ele não foi gentil, mas a Jedi não se importava, sabendo onde estavam o seu sabre de luz e comunicador: bem ao seu lado, trancados dentro de uma maleta que só ela poderia abrir. Ela seria capaz de pegar a sua arma numa situação apertada, e ela esperava que o escudo da maleta a protegesse de varreduras.

É claro, também significava que o Conselho não seria capaz de alcançá-la. Esperava que eles entendessem. Algumas coisas eram mais importantes do que reuniões.

CAPÍTULO 13

ESSAFA KEY

KWENN

— Onde eu vou se quiser levar um soco na mandíbula?

O assessor no posto de informações turísticas fora da parada de transporte de speeder em Essafa Key franziu os olhos para Even Piell.

— Pode repetir isso?

Em Kwenn ou em outro lugar, Piell estava acostumado com as pessoas não entendendo o seu sotaque espesso.

— Soco na mandíbula, — ele repetiu. — Surra. Apanhar. Ser espancado.

— Foi o que pensei que você disse. — O assessor olhou para o recém-chegado diminuto com evidente desdém. — Tenho certeza de que não posso te ajudar.

— Você mora aqui, não mora?

— Eu preferiria não discutir onde eu...

— Quero dizer nesta ilha. As cidades montes de Kwenn, elas não são todas iguais, certo? — Piell sorriu. — Me mostre a parte ruim desta aqui.

O rosto do assessor perdeu toda a emoção.

— Eu odeio esse trabalho, — ele finalmente disse, antes de se virar e sair.

Piell se inclinou sobre o balcão e gritou por trás dele.

— Ei, agora, obrigado pela sua ajuda! — Ele se virou e saiu para a rua lotada.

O Mestre Jedi não sabia por que tinha tanto problema com estranhos. Não era *tão* assustador de se ver; era construído como um tanque, mas um

que só tinha pouco mais de um metro de altura. E entre os de sua espécie, as suas longas orelhas cor-de-rosa eram consideradas cativantes, mesmo que o jeito como elas se destacavam às vezes tornasse as portas automáticas um perigo.

Talvez fosse porque a cicatriz sobre o seu olho ruim sempre o fazia parecer estar franzindo a testa, assim como a sua voz sempre soava como se estivesse rosnando. Seja qual for o motivo, era o seu destino na vida. Amava as pessoas, mas elas raramente sabiam o que fazer com ele.

Como a maioria dos Jedi, Piell havia deixado o planeta de seu nascimento numa idade precoce. Jovens com potencial na Força eram trazidos à atenção da Ordem, que oferecia criá-los; raramente retornavam para casa. Mas mesmo no meio da mistura de espécies no Templo Jedi, Piell falava de maneira diferente de seus companheiros, mais direta, mais coloquial. E quando finalmente voltou para visitar o mundo natal de Lannik, isso mudou a sua consciência. O lugar estava em constante estado de instabilidade política; os seus pais provavelmente pensaram que tinham feito bem em enviá-lo embora. Mas se via nos rostos duros daqueles com quem havia vivido separado. Foi apenas um pequeno salto para entender que todos os seres eram os seus parentes.

Por esse motivo, sentia que era provavelmente o membro do Conselho Jedi mais próximo de Qui-Gon em termos de sua atenção à Força viva. Isso não era uma decisão fácil, no entanto. As opiniões no atual Conselho eram as nuances; num espectro. Mesmo aqueles focados em preocupações galácticas ainda se importavam com indivíduos. Eles apenas chegavam a esses sentimentos de uma direção diferente. Era bom que fosse assim, pensava Piell. Os Conselhos Jedi historicamente tendiam a não ter facções, e aqueles que tinham não eram muito eficazes.

A resposta do Conselho ao desafio de Qui-Gon agradou a Piell. Verdade, ir a Kwenn lhe dava uma desculpa para encerrar as deliberações entediantes sobre Yitabo; teria deixado feliz para celebrar o aniversário de um caroço de fruta cozida. Mas a chance de ajudar o público em geral era néctar para ele. Queria começar onde o sofrimento era mais óbvio. Sem ajuda do guia,

seguiu em direção à colina, seguindo uma lição que aprendera anos antes durante os seus dias de Padawan.

O problema encontra o seu próprio nível, geralmente perto da beira-mar.

Estava quase lá quando ouviu uma comoção numa rua lateral. Um oficial de patrulha estava apenas parado lá, sem fazer nada a respeito. Piell chamou.

— Ei!

— O que?

— É aqui que você mantém a violência?

O guarda robusto o encarou.

— Do que você está falando?

— Eu sou de fora do mundo, e tenho alguns dias antes da minha reunião, — disse Piell. — Quero ver onde está a confusão.

— Você veio ao lugar certo. — O sentinela fez um gesto com o seu bastão. — Essafa Key é a ilha que abriga várias das escolas locais.

— Por que *isso* é um problema?

— Porque as crianças não estão nelas. Elas têm causado problemas, assediando pessoas e negócios.

— Vocês deveriam ter um inspetor escolar.

Nós tivemos um. Ele simplesmente desistiu.

— O oficial removeu o distintivo de seu uniforme e entregou a Piell. — Vou tentar algo mais relaxante, como transportar explosivos.

Piell ouviu vidro quebrando ao longe. Esticou o pescoço para ver a fonte do barulho e prendeu o distintivo em seu uniforme.

— Eu vou cuidar disso.

Começou a marchar em direção à praça. O agora ex-oficial gritou por trás dele:

— Ei, eu não iria para lá. Com essas orelhas e esse topete, eles vão te devorar vivo.

— Guarde o bastão, — Piell respondeu. — Lembrança.

As crianças corriam de um lado para o outro na praça, um quadrilátero movimentado entre fileiras de edifícios de mármore. Um plinto massivo

ficava no meio da área, lar de um grupo de estátuas que já não estavam mais lá. As datas gravadas nas pedras de cantaria dos edifícios os marcavam como tendo sido erguidos na primeira onda de melhorias durante a Grande Renovação. Mas isso não era tudo o que tinha sido esculpido ou pintado nas paredes das estruturas.

Piell riu enquanto lia as pichações.

— Alguém tem algumas opiniões.

Olhou por cima do ombro e viu a aproximação de uma dúzia ou mais de jovens maltrapilhos de várias espécies. Eles variavam em idade, mas o mais baixo era tão alto quanto ele.

Ninguém parecia estar no comando, mas um Twi'lek desengonçado se adiantou.

— Admirando o meu trabalho?

— Isso é seu?

— E daí se for?

Piell apontou para a parede.

— Você errou a grafia de *poodoo*.

— Você é um professor?

— Não de poodoo. — Piell olhou novamente para a pichação. — Embora eu veja que você estava realmente se referindo a um professor aqui onde usou isso.

— *Ex*-professor, — disse outro garoto. — Ele saiu pela janela.

— Do térreo, espero.

— Ele acabou lá, sim.

Os outros riram. Piell decidiu rir também.

— Isso é um feriado ou algo assim?

— É um feriado, — o Twi'lek imitou, distorcendo a sua voz para que soasse ridícula. — É um feriado para você? Porque você está claramente no lugar errado.

— Estou? — Surpreso, Piell começou a olhar ao redor. — Kwenn. Essafa Key. — Ele fez um show cômico disso, provocando risadas. — Não, estou no lugar certo.

— Hadaro diz que você não está. — O Twi'lek avançou, estufando o peito. — Eu sou Hadaro!

— Acho que ter o seu nome escrito na metade das paredes ajuda você a lembrar disso, — disse Piell. — A escola é boa para alguma coisa.

— Cara engraçado. — Quatro dos companheiros de Hadaro se posicionaram ao lado dele, dois de cada lado.

O Jedi reagiu levemente.

— Ah, entendo. Você acha que por ser mais alto que eu, pode me empurrar.

— Ninguém está te empurrando, — disse Hadaro. — Agora, nós podemos *levar* você a algum lugar!

As crianças avançaram, cada uma agarrando um pedaço de Piell, um membro ou a sua roupa. Nada além de seu orgulho estava em perigo, Piell decidiu deixá-los se divertirem. Um desfile o carregou ao redor de uma esquina para o espaço entre os prédios.

— Para o compactador de lixo! — alguém gritou.

Empurrado sobre as mãos deles, o Jedi respondeu:

— Obrigado, mas eu prefiro que não.

— Não se preocupe, — disse outro garoto. — Ele não funciona. Estão todos entupidos.

— Então não há espaço para mim. — Deitado de costas sobre as mãos dos que o carregavam, avistou um cano que atravessava o espaço entre os prédios. Tendo uma boa ideia do que era, conectou-se à Força e o partiu ao meio em sua junta. Espuma branca explodiu dele, parte do sistema de supressão de incêndio conectado que protegia a academia aqui. Fechou os olhos e a boca rapidamente quando a cascata desceu, causando gritos selvagens das crianças.

Os seus carregadores seguiram em todas as direções tentando escapar, e o seu controle sobre ele falhou. Rolou até alcançar a calçada encharcada de espuma, momento em que a diversão realmente começou. Limpando o jato dos olhos, Piell irrompeu do tumulto como um animal lubrificado. Possíveis perseguidores escorregaram e caíram enquanto corria de volta em direção à praça.

Quando Piell se aproximou do plinto de dois metros de altura no centro do quadrilátero, percebeu que nenhum adulto havia sido atraído pelo caos. Não importa: Metade das crianças da galáxia pareciam estar aqui. Quando um grupo tentou bloqueá-lo, usou as suas habilidades Jedi para saltar sobre eles. Deu um duplo mortal antes de pousar no plinto.

Seguro por enquanto, o Jedi encharcado de espuma virou-se, ficando no lugar onde as estátuas costumavam estar. O tumulto havia dado lugar a suspiros de admiração por sua proeza. O choque aumentou quando removeu a sua capa para torcê-la, revelando a arma presa ao seu uniforme.

— Isso é um sabre de luz! — Similarmente encharcado, Hadaro olhou para Piell com admiração. — Como *você* conseguiu?

— Fui à escola.

Hadaro fez careta.

— Você não é um Jedi!

— Sim, você está certo, — Piell disse, dobrando a sua capa. — Eu só sou muito bom em fingir.

A multidão murmurava.

— Os Jedi só vão ao entreposto, — disse uma criança. — Mamãe diz que nenhum deles desceu daí há anos.

— Ouvi dizer que todos estão mortos, — disse outro.

— Aqui está uma lição, — disse o Jedi. — Acreditem nos seus olhos. — Ele sorriu. — Vocês se divertem bastante aqui.

Um toque soou da torre do outro lado do quadrilátero, e Piell olhou para o céu.

— Meio-dia. Por que vocês não entram e fazem uma pausa para o almoço?

Hadaro franziu o cenho.

— Que almoço?

— Não os alimentam aqui?

— Onde *você* esteve? A Rendili Hyperworks parou de patrocinar a cafeteria há um mês.

Piell franziu o cenho.

— Uma empresa estava subsidiando isso?

— Até que não estar mais. A Guilda Mercantil administra a escola, mas cortou o financiamento quando as pessoas começaram a se mudar.

Então eles não são apenas selvagens. Eles estão com fome. Ele encontrou o seu comunicador e falou nele.

— Sim, eu preciso de um transporte.

Hadaro revirou os olhos.

— O que você está fazendo, pedindo ajuda?

— Eu não preciso de ajuda. Achei que já tínhamos estabelecido isso. — Ele se concentrou em Hadaro. — E as suas aulas?

— E quanto a elas? Metade nem se reúne mais. Eu te disse...

— A Guilda Mercantil. Entendi. — Era assim em muitos planetas; a educação primária existia principalmente para os filhos dos trabalhadores e dependia da generosidade corporativa. Mas esses compromissos sempre estavam sujeitos ao mercado.

Piell passeou ao redor do plinto, pensando, enquanto as crianças murmuravam entre si, decidindo o que fazer. Ainda estavam fazendo isso quando o som acima anunciou a chegada de uma pequena espaçonave.

A nave correio da classe *Limulus* era um veículo de metade lua e rechonchuda, capaz de transportar carga. O droide em seu assento de copiloto podia realizar trabalhos simples como voar uma curta distância. Piell falou mais alguns comandos no comunicador, fazendo a nave pousar ao lado dele. Ela conseguiu caber no plinto.

Mais gritos de espanto vieram das crianças maravilhadas com a nave Jedi. Mas não de Hadaro.

— Então é isso? Você vai embora?

— Errado de novo. Vocês realmente *precisam* ir para a escola. — Piell contornou o veículo e abriu a comporta de carga. Ele removeu um contêiner e o arremessou na multidão. — Peguem.

Estava descarregando mais quando Hadaro abriu o primeiro.

— É comida!

— Não é só comida, — disse Piell, passando outro contêiner. — Refeições fornecidas, de Yitabo. Isso aqui é o rango que eu estava trazendo para o Monte Santuário para os Jedi comerem.

— Você come muito.

— Nada disso é para mim. Na verdade, nada disso é para mim. É de vocês. — Ele calculou que, no mínimo, tinha o suficiente para as crianças presentes naquele dia. — Parece que não te ensinam muito sobre os Jedi, quando você vai para a escola, é isso mesmo?

Segurando o contêiner enquanto crianças menores agarravam o seu conteúdo, Hadaro assentiu.

— Nós não ouvimos nada.

— Sabe de uma coisa. Uma vez que todos tenham algo para comer, eu respondo qualquer pergunta que alguém tiver sobre os Jedi. Alguém está interessado?

Gritos de aprovação sobrepostos se afogaram uns aos outros.

— Tudo bem. — Piell fez um gesto para os prédios e sorriu. — Se alguém perguntar, estamos tendo aula ao ar livre.

CAPÍTULO 14

A BORDO DA *GARANTIA*

A FENDA

— Manobra de emergência! — ordenou o capitão.

A corveta *Garantia* deu um solavanco. Os asteroides que preenchiam o visor frontal da ponte de comando saíram de vista, sendo substituídos por uma área ligeiramente mais clara. Lá, no centro, estava uma única nave a vários quilômetros de distância.

Mace viu o capitão cerrar o punho.

— Mire nos propulsores, — disse o homem. — Fogo de desativação!

Tendo acabado de chegar à apertada ponte de comando, Mace sabia que já era tarde demais. Com relutância audível, o jovem oficial de armas da *Garantia* anunciou o óbvio.

— A nave alvo acabou de entrar no hiperespaço, Capitão.

Pell Baylo encarou.

— Eu percebi isso, Tenente. Mas desta vez não é sua culpa. — Ele se virou e apontou para Mace. — É culpa do Jedi.

Sem pestanejar, Mace olhou para a estação de rastreamento.

— Capitão, ainda há uma chance de você encontrar...

— Esqueça. Estamos no limite de nossa área operacional de qualquer maneira. — Desgostoso, Baylo avançou para olhar para um visor.

O engajamento foi breve. A *Garantia* estava no cinturão de asteroides quando a nave estelar de Mace chegou; ela saiu para aceitar a sua chegada. A sua nave mal tinha se conectado ao anel de ancoragem da corveta CR56

da Engenharia Corelliana quando a nave alvo correu de volta para o cinturão. Mas a batalha não aconteceu.

Mace falou calmamente.

— Quem eram eles?

— Corsários, — disse Baylo sem olhar pra cima. — Estamos perseguindo-a o dia todo. Aliada a uma organização chamada os Infames. — Depois que acertamos alguns tiros, ela se escondeu nesse breu pra se esconder. — Ele se afastou do visor e encarou Mace. — Teríamos os derrubado, mas tivemos que dar o fora do cinturão para pegar *alguém*.

Mace sentiu o gelo em suas palavras.

— Se você tivesse me informado quando eu liguei, eu poderia ter esperado, ou ajudado.

— Não havia tempo para uma conversa. Voltamos atrás deles, mas acho que foi tempo suficiente para eles se repararem.

— Eu nunca pretendi interromper as suas operações.

Baylo fez careta.

— Você nem é o primeiro membro do Conselho Jedi a interromper as minhas operações este *mês*. — Ele olhou novamente para as rochas à frente da nave e jurou. — Nellis, tire-nos daqui.

O seu operador de direção respondeu:

— Sim, Capitão.

Se houvesse uma entrada de banco de dados para um oficial militar modelo, Mace imaginou que Pell Baylo teria sido a ilustração. Um humano na casa dos cinquenta anos, estava elegantemente vestido com o uniforme cinza ardósia da Força de Defesa Comercial Perlemiana, um corpo extinto que existira tempo suficiente para gerar alguns uniformes realmente bons. Luvas pretas e um chapéu com insígnias que Mace nunca tinha visto completavam o conjunto. Os outros a bordo da nave estavam vestidos de forma semelhante, mas não idêntica. Era como se todos que se alistavam tivessem que fornecer o seu próprio equipamento.

Por outro lado, Mace pensou, isso pode não estar longe da verdade. A *Garantia* em si estava numa classe própria. Isso não era uma declaração sobre a sua qualidade, mas sim sobre a sua singularidade. Numa República

sem um exército organizado, a padronização não era esperada, e o mais incomum, de longe, era o complemento de tripulação da nave. Para cada veterano como Baylo, Mace tinha visto dois oficiais muito mais jovens, geralmente muito mais jovens. A equipe de ponte de serviço no momento incluía vários adolescentes uniformizados, bem como aprendizes que pareciam ainda mais jovens.

A pessoa mais jovem que Mace encontrou, um humano de cabelos arenosos com no máximo onze anos, entrou na ponte, ofegante. Com uma voz aguda, ele chamou:

— Capitão, o Mestre Windu... — Ele viu a expressão do capitão e parou de falar.

— Continue, — rosnou Baylo. — Você ia me dizer que o Mestre Windu chegou, e eu ia dizer que alguém que nunca esteve nesta nave antes chegou à ponte três minutos antes de você.

Mace levantou a mão.

— Eu vim correndo quando você entrou em ação.

— Não dê desculpas por ele, Mestre. Esta nave pode ser uma relíquia, mas o seu sistema de comunicação interna funciona bem. — Ele apontou o polegar para o cadete desanimado. — Se houver uma marinha adequada algum dia, o jovem Veers aqui estará no comando dela, anote as minhas palavras. Eu tenho tantas pessoas que podem te contar o que já aconteceu que eu poderia começar um holo informativo. — Ele deu uma olhada no garoto. — Estação de comunicação. Siga o seu mentor por mais um turno, começando agora.

Mace observou enquanto o menino se apressava e substituía o outro aprendiz.

Reconhecendo o tipo de pessoa com quem estava lidando, Mace aproveitou a oportunidade para ir direto ao ponto.

— Você mencionou outro membro do Conselho. A Mestra Billaba está a bordo?

— Ainda em sua missão, — disse Baylo. — Nos encontramos com uma nave civil há dez dias, ela ia pegar isso para Keldooine.

Mace assentiu. Isso fazia sentido, se ela estivesse viajando disfarçada.

— Quando ela deve voltar?

— Daqui a alguns dias.

Mace ficou aliviado ao perceber que ela estaria de volta a tempo da comemoração em Kwenn.

— Você tem atuado num papel de apoio pra ela?

— Transporte, e de prontidão se ela precisar de algo. Me parece que existem serviços de táxi mais baratos, mas eu não tomo as decisões.

Baylo começou a andar pra trás, e Mace o acompanhou. Três vezes, o capitão parou para repreender um oficial da ponte por algum detalhe ou outro. De alguma forma, uma ação que durou apenas alguns minutos gerou muito para ele reclamar.

Eles saíram da ponte para o corredor.

— Muitos jovens em sua tripulação, — disse Mace enquanto caminhavam. — E esta nave entra em combate?

— Quando não somos chamados. E eu já vi os garotos que vocês Jedi arrastam por aí.

Mace levantou uma sobrancelha.

— Os casos não são semelhantes.

— Eu preciso de tripulação, mas mais do que isso, eu preciso de recursos. E isso significa cortejar o favor dos aristocratas que querem construir currículos políticos para os seus filhos, ou simplesmente se livrar deles. Se eu tiver que cuidar dos filhos inúteis de famílias dispostas a contribuir para manter a *Garantia* voando, eu farei isso.

Mace entendeu.

— Você os faz trabalhar muito.

— Eu vou manter as coisas nos padrões navais, mesmo que isso me mate.

O comentário deixou Mace confuso.

— Não há marinha da República.

— Eu sei disso. Mas nós, que estamos no serviço, qualquer serviço, agimos como se houvesse. E a *Garantia* faz parte.

— Notei que você não a chama de a *Garantia*.

— A linguagem faz parte do treinamento. Você não quer que a tripulação pense que a nave é um objeto inanimado. Eles têm que se apegar pessoalmente. As pessoas te chamam de *o* Mace Windu?

— Já percebi..

Baylo levou Mace para o seu escritório. Estava pouco mobiliado, mas as paredes estavam adornadas com placas registrando diferentes ações das quais o capitão havia participado, concedidas por tantos comandos diferentes, parecia.

— Eu andei pelos deques das naves desde que tinha a mesma idade daquele garoto lá atrás, — disse o capitão. — A maior parte desse tempo, neste. — Servindo-se de uma bebida, Baylo fez um gesto para a seção da parede que Mace estava olhando. — Essas são todas as organizações das quais a *Garantia* fez parte.

Mace recusou o copo oferecido. As placas contavam uma história fascinante.

— Eu assumi que a sua nave fazia parte da Frota Diplomática das Forças Judiciais.

— Foi, por exatamente três semanas. Desta *vez*.

— Desta vez?

— Oh, a *Garantia* circula, Mestre. Esta nave já operou como parte da Frota Diplomática, como parte de nove diferentes forças de defesa planetária e como segurança comercial para oito corporações diferentes. E voltará a uma delas assim que esta fase de financiamento acabar.

— Você tem certeza disso.

— Já está reservado, — disse Baylo, afundando-se em sua cadeira de escritório. — Daqui a duas semanas estaremos fazendo escolta na Via Hydiana para a Indenizações Chokoll.

— A companhia de seguros?

— A *Garantia* é muito popular entre as seguradoras. Elas gostam do nome.

Nenhum Jedi poderia ajudar a República contra a pirataria sem conhecer a natureza fragmentada das forças que protegiam as rotas interestelares, mas Mace teve que admitir que estava surpreso.

— Esses períodos operacionais, têm diminuído nesta região?

— Você pode apostar. Quando alguém puxa a coleira do Senado, tudo é arrastado com ele. — Ele deu um gole. — Os Jedi também. Mas olha só para quem estou falando.

Mace não gostou da implicação, mas queria manter uma postura positiva.

— Suponho que cabe a nós aproveitar ao máximo as oportunidades de cooperação que conseguirmos.

Baylo resmungou.

— Não sinto falta delas. Acredite em mim.

— Capitão, você não gosta de trabalhar com Jedi, não é?

— O que te faz dizer isso, Mestre Jedi? — Baylo lançou um olhar que não era para agradar. — Você não pode ter disciplina com passageiros dançando pela ponte.

— Nós não somos meros passageiros.

— Mas vocês também não são meros observadores. — Baylo largou a xícara e se levantou. — Você já viu a minha tripulação e sabe de onde muitos deles vêm. Nenhum deles jamais conheceu disciplina. Então eu passo todos os momentos acordados tentando impressionar essa turma sobre a importância de respeitar a cadeia de comando. E então alguém *que não está uniformizado* entra na ponte e mina as minhas ordens!

— Você gostaria que os Jedi se vestissem como membros de sua tripulação?

— Eu gostaria que vocês encontrassem as suas próprias malditas naves. Vocês Jedi simplesmente passam por aí, esperando que todos deixem tudo de lado, e então vocês se vão, e nós ficamos para reparar o estrago.

Eles se olharam por um longo momento. Mace ajudava a liderar uma das organizações mais importantes da galáxia, e ainda assim não tinha certeza de como lidar com Pell Baylo. Estava claro que o capitão era um representante excepcional de sua profissão. Mas era uma profissão que tinha sido restringida pela política de forma ainda maior do que a Ordem Jedi tinha sido.

Ficou feliz que, quando saíram do escritório, o capitão se tornou mais conciliatório.

— Suponho que seja uma necessidade, — disse Baylo. — Provavelmente foi a missão da Mestra Billaba que nos fez conseguir esse contrato. Lutar contra piratas só importa para a República quando alguém se interessa o suficiente para pagar por isso, mas ainda posso fazer algo aqui, mesmo quando ela não está. — Ele parou e encarou Mace. — A menos que você tenha algo mais para nós fazer.

— Estou aqui apenas para encontrar a Mestra Billaba. Uma vez que ela se juntar a nós, iremos partir.

— Isso eu gosto de ouvir. — Eles continuaram até a ponte.

Mace olhou para o espaço do lado de fora e de repente parou. Dirigiu-se a um terminal de exibição tático e olhou por cima do ombro do oficial que o operava.

— O que foi agora? — Baylo perguntou.

Mace estudou o quadro, que exibia sistemas estelares e contatos suspeitos de piratas. Ele apontou.

— Essa região. Algo não está certo.

Baylo se aproximou e estudou o escopo.

— Puxa vida, — Baylo balançou a cabeça. — Parece uma fragata, saindo de Keldooine, nesse vetor.

Mace olhou para o contato detectado. Era maior do que eles.

— Há algum tráfego oficial desse tamanho?

— De jeito nenhum. — Baylo estalou os dedos. — Pode ser a *Aleatoriedade*, esse é a nau capitânia dos Caminhantes da Fenda! — Ele esfregou as mãos enluvadas. — Eu queria uma chance com esses caras.

— Eles são muito maiores.

— Chances como essa não aparecem com frequência. E já perdemos uma hoje. — O capitão ficou de pé e se virou para o leme. — Nellis, vá atrás deles. *Garantia*, pronta para ação.

Mace ficou de lado e juntou as mãos. Ele não ia impor a sua ajuda a Baylo, mas certamente não ia fugir de uma situação onde ele pudesse ser útil.

Mas a corveta não havia se movido quando o garoto nervoso de antes chamou pelo capitão.

— O que foi agora?

— Comunicação recebida. — Os olhos do garoto se arregalaram enquanto olhava para o visor.

— Diga logo, Veers.

— Se-se-senador Palpatine e o Chanceler, para o Mestre Jedi.

O capitão jogou as mãos para o alto.

— Maravilhoso.

Mace estava confuso. O escritório de Valorum não tinha sido informado de seus planos de visitar Kwenn. Ele esperava que o Chanceler ouvisse eventualmente; não era segredo, e a palavra se espalhava rápido em Coruscant. Nem todos os membros do Conselho ainda haviam deixado Coruscant, mas o suficiente tinham ido embora para que alguém notasse. Mesmo assim, isso foi mais rápido do que esperava.

— Capitão, talvez precisemos...

— Já estou cuidando disso, — declarou Baylo. Ele já estava dirigindo a sua tripulação. — Desista da caçada, novamente. Saia do cinturão para que o nosso *passageiro* possa atender a ligação. — As suas palavras se tornaram um rosnado sombrio enquanto ele saía da ponte. — Este não é o jeito de comandar uma marinha!

CAPÍTULO 15

ESPAÇOPORTO DE CAPITAL KEY

KWENN

— Mensagem do Mestre Windu, — disse Plo Koon, com o comunicador na mão. — O Chanceler está ciente de nossa visita aqui em Kwenn. Ele está... curioso. E o Gabban, o senador de Kwenn, também.

Saesee Tiin franzia o cenho.

— Pousamos há três minutos. Como isso é possível?

— Nenhum hiperdrive pode se aproximar da velocidade com que as notícias viajam em Coruscant.

— Um motivo suficiente para sairmos daqui.

Enquanto Saesee pegava a bagagem da nave Jedi na qual haviam voado até o espaçoporto, Plo ajustava a sua unidade respiratória para a atmosfera local. Kwenn havia sido uma parada frequente para ele nos últimos anos, mas não ficou surpreso ao descobrir que a qualidade do ar piorou; a vista do planeta durante a entrada o preparou para isso. Mas o ar ainda era melhor do que em Coruscant. Os oceanos, ainda não poluídos, certamente ajudavam.

Saesee chegou ao lado dele, carregando uma bolsa sobre cada ombro.

— Eu posso carregar a minha, — ofereceu Plo.

— Tenho certeza de que você pode. — Saesee andou na frente dele. — Para onde vamos?

— Sair do espaçoporto seria um começo.

— Hmph.

Embora terminar o seu trabalho na frota os tivesse levado a viajar juntos para Kwenn, Saesee não era um dos companheiros mais frequentes de Plo em jornadas. Isso foi por design, e não por falta de amizade; as suas habilidades os chamavam para diferentes tipos de missões. Saesee podia pilotar ou consertar qualquer nave já feita; a força de Plo como estrategista significava que sempre sabia qual nave era a certa para levar. E embora cada membro do Conselho tivesse uma extensa experiência em diplomacia, mesmo Saesee, nenhum deles era muito falante.

No entanto, uma coisa era desconhecida para ambos: ser turista. Plo esperava seguir o exemplo de outros viajantes que chegavam à saída da instalação, mas não havia muitos. Por outro lado, ele viu muitas famílias alinhadas com suas bagagens prontas para deixar o planeta. A área estava barulhenta, e teve a sensação de que os passageiros ali estavam esperando há muito tempo.

Saesee não falou novamente até estarem na rua.

— Estamos fora do espaçoporto. E agora?

— Estamos aqui para prestar ajuda.

— A quem. Onde? — A praça de partida do Espaçoporto de Capital Key estava vazia, exceto por vários landspeeders parados nas proximidades. O Mestre Jedi Iktotchi franzia o cenho. — Prefiro uma missão.

— Dar ajuda *é* uma missão, — disse Plo. — Mas concordo que não está bem definida.

— Ficamos numa esquina? Você vai segurar um cartaz? — Saesee sorriu. — O Mestre Yarael sugeriu no mês passado que alguém deveria começar uma cadeia de barracas Jedi.

— Sei que você não está falando sério, meu amigo, e nem ele estava. Certamente você não está muito longe dos seus dias como Cavaleiro Jedi ou estudante. Não era *só* lutar. Você não ajudava as pessoas naquela época?

— Eu pilotava. Eu dirigia. Eu consertava. Eu considero isso útil.

— Talvez não para as pessoas que faziam essas coisas para viver, talvez.

Saesee encarou.

— Agora *você* está tentando ser engraçado.

— Não muito. — Plo avistou um veículo à frente. — Vamos fornecer emprego para alguém agora. — Ele chamou o táxi.

Aproximou-se rapidamente, a cabeça do motorista brilhando no sol.

— Lá se vai a ideia, — disse Saesee. — É um droide.

— Droides também precisam de trabalho, — disse Plo, pegando uma das bolsas do parceiro e colocando-a em cima do landspeeder. Cumprimentou o motorista. — Qual é a sua designação?

O droide respondeu com uma voz agradável.

— SK-89.

— Eu visitei um lugar aqui há muito tempo, SK. Você conhece a Colônia Bivall?

SK-89 piou.

— Fica em Parva Key. É longe, várias pontes de distância. Há uma taxa adicional.

— Nos leve lá. — Plo se instalou no banco de trás e olhou para Saesee. — A ilha foi colonizada por vítimas da tempestade solar em Protobranch. Isso foi há décadas, mas desde então serviu a outros necessitados. Onde há refugiados, há necessidade.

— Pelo aspecto das pessoas partindo, Kwenn está gerando refugiados próprios.

— Isso só aumenta a razão para fazer uma visita.

— Hmm. — Saesee entrou e partiram.

O veículo seguiu em silêncio por vários minutos. Plo e Saesee observaram um Kwenn que, embora ainda reconhecível, havia passado por muitas mudanças recentes. Vários prédios exibiam silhuetas onde os logotipos corporativos costumavam estar fixados. Quanto mais se afastavam de Capital Key, mais deles viam. Não era decadência, pelo menos não ainda. Mas Plo sentia que algo estava faltando.

O seu colega também notou isso.

— Isso é uma bobagem, — murmurou Saesee. — Você realmente acha que podemos fazer muito por Kwenn com alguns dias de caminhada e uma festa?

— A Força deve guiar os nossos...

Plo não terminou a sua frase. O seu landspeeder passou por um cruzamento, ameaçando bater numa speeder bike. Ele usou a Força para desviar a pequena nave e o seu piloto a tempo.

— Cuidado! — chamou Saesee.

SK-89 rapidamente admitiu que estava errada.

— Peço desculpas, passageiros.

Plo sabia que as pontes e terraços de Kwenn não eram os mais fáceis de navegar.

— Há quanto tempo você dirige nesta área?

Uma pausa.

— Vocês são a minha primeira corrida.

— Nesta rota, quer dizer.

— Em qualquer lugar.

Os Jedi se olharam.

— Você é um modelo de propósito geral, — disse Saesee, franzindo o cenho. — Dirigir não é a sua especialidade.

— Eu funciono ao prazer da Corporação Kwikhaul de Fuselagem. A minha última atribuição foi como guia turístico, mas não há muita demanda para isso. Então, esta é minha tarefa agora. — SK-89 fez uma curva, mais cautelosa. — Gostariam de ouvir sobre as esculturas na ponte à nossa esquerda?

Plo viu Saesee lhe lançar um olhar de lado. O piloto mais experiente que ele já conheceu, Saesee era improvável que achasse muito alguém que considerasse dirigir uma tarefa para os não qualificados. Mas não era culpa do droide.

Plo tentou parecer acomodado.

— SK, não estamos com pressa. Use toda a cautela que quiser.

O ritmo mais lento do landspeeder e o trabalho anterior do droide não eram as piores coisas, já que os Jedi viam mais do entorno, com o droide preenchendo-os com a história mais recente do lugar. Plo calculou que estavam cerca da metade do caminho até a Colônia Bivall quando outro landspeeder os ultrapassou.

E então dois. E um terceiro e quarto, um de cada lado. Os veículos não tinham nada em comum, exceto que os seus operadores pareciam ter animosidade em relação ao táxi. Era fácil perceber, dada a pouca distância que existia entre os seus landspeeders e a SK-89.

— Amigos da pessoa que quase atingimos? — Plo perguntou a Saesee.

— Pouco provável. — Saesee franziu o cenho. — Alguém está tentando nos matar.

— Há atividade criminosa organizada neste planeta, SK? — Plo perguntou.

— Não é algo que eu discutiria com turistas, — disse o droide.

— Anule esse protocolo. Diga o que você sabe.

— Cada grande grupo de piratas na região tem uma base em alguma ilha. Eu sei porque me dizem onde evitar.

Eles foram atingidos pelo landspeeder atrás deles. Mais golpes de raspão vieram dos veículos dos lados. Ele olhou para a droide.

— Agora *estamos* com pressa.

SK-89 travou nos controles.

— Devo obedecer a todas as regulamentações de trânsito.

— Houve um tempo e um lugar para isso. — Saesee começou a se arrastar sobre o assento. — Eu estou assumindo.

— Não estou autorizado a permitir que passageiros dirijam.

— Me desculpe. — Plo estendeu os braços sob a droide e começou a puxá-la sobre o assento pra trás. — SK, você sabe o que é o Conselho Jedi?

— Não.

— Então você terá muito o que contar para os outros droides.

Havia realmente muito o que ver assim que Saesee assumiu os controles. Ele acelerou o landspeeder, indo rápido. Mas mesmo ao perder dois dos veículos que os seguiam, mais emergiram das interseções. No momento em que os Jedi cruzaram a ponte para Zyboh Key, os veículos estavam correndo lado a lado, muito para o pânico do tráfego que vinha na direção oposta.

— Blast, — disse Saesee, enquanto as faixas se estreitavam do outro lado. — Plo, você está planejando alguma coisa?

Na verdade, Plo já estava de pé na parte de trás do táxi aberto, sobre os protestos relacionados à segurança do droide. A sua mão foi para o cabo do sabre de luz, apenas para pairar sobre ele. Havia algo errado ali. Poucas pessoas sequer os viram chegar ao espaçoporto. E embora o Chanceler e o Senador Palpatine também estivessem cientes de sua visita, era ridículo considerar algo de preocupação em relação a eles. Não estava disposto a usar a força letal contra agressores quando ainda não sabia quem eram.

Um repentino solavanco o desequilibrou e tirou o assunto de suas mãos. O landspeeder diminuiu a velocidade, perdendo parte da liderança que Saesee acabara de construir.

— Os controles não estão respondendo!

Enquanto o landspeeder virava uma esquina, Plo notou uma luz vermelha piscando no painel.

— Estamos sem combustível?

O droide falou.

— A Kwikhaul detectou a nossa operação anormal. Estamos sendo direcionados de volta para o depósito.

Saesee não acreditou.

— Este modelo de landspeeder não tem um piloto automático inteligente. É por isso que *você está* aqui!

— Funciona para curtas distâncias. O depósito está à vista.

Plo mudou o olhar de trás pra frente. Os seus braços pendiam inertes enquanto via o que os aguardava. Uma selva imensa de veículos, estacionados ao redor e na frente dos portões do complexo da Kwikhaul, esperando por eles. Dentro de instantes, o seu landspeeder estava envolto no engarrafamento. Uma cacofonia de motores, sinais sonoros de advertência e gritos vinha de todos os lados. Muitos motoristas e passageiros saíram, muitos segurando pé de cabra ou outras ferramentas. Não havia nenhum blaster que Plo conseguisse ver, mas numa multidão desse tamanho, pouco importava.

O motor morreu. Saesee olhou pra trás.

— Não consigo fazê-lo funcionar de novo.

Plo estava muito preocupado, mas mais confuso quando a multidão se aproximou.

— O que fizemos para merecer isso?

Não esperava uma resposta do droide, mas conseguiu uma.

— Eles não estão atrás de vocês, passageiros. Eles estão atrás *de mim*.

CAPÍTULO 16

A BORDO DA *ALEATORIEDADE*

A FENDA

— Sabres, paus, moedas, frascos.

Zilastra estava sentada na sala de jogos que servia como centro nervoso de sua nave estelar, a *Aleatoriedade*, enquanto esperava perto de um cinturão de asteroides na rota Ootmiana. Com cuidado praticado, embaralhava o seu baralho de cartas de sabacc. As suas luvas eram extremamente finas, especialmente feitas para não interferir em seu embaralhar ou manuseio de cartas. Estava completamente concentrada na atividade ao seu redor. Não importava que loucura estivesse acontecendo em sua vida, não importava quais confrontos perigosos de importância estivessem ocorrendo perto ou longe, sempre conseguira contar com o seu baralho.

Quando era uma refugiada no espaço Hutt, as imagens curiosas nas cartas que a sua mãe lhe deixou proporcionavam à jovem Zilastra conforto e companhia. Aprender o jogo quando era jovem adulta a manteve longe de situações ruins em lugares onde dinheiro significava controle. E desde que subiu ao poder sobre uma gangue própria, o baralho a ajudou a organizar os seus pensamentos e estratégias.

Bandos de piratas interestelares surgiam e desapareciam em importância, fundindo-se ou desintegrando-se. Desde que podia se lembrar, os conhecedores ao longo da rota Ootmiana se referiam aos Três Grandes, ou Dois, ou Quatro, dependendo de quais gangues estavam ascendendo. Por mera coincidência, as organizações mais ativas quando Zilastra partiu com

a sua própria tripulação tinham nomes que correspondiam aproximadamente aos quatro naipes do sabacc.

Jogava as cartas na mesa, observando que alguns dos significados mais conhecidos das cartas em leituras de sorte se alinhavam bastante bem com as gangues:

— Sabres. — Os Lâminas Envenenadas, traidores do pior tipo.

— Paus. — Os Caveiras Empaladas, contundentes e incendiários.

— Moedas. — Os Reputações Sujas, que compravam lealdade quando não estavam sendo comprados.

Frascos só se encaixavam quando Zilastra percebeu que a palavra 'frasco' lembrava os Infames, um grupo cruel que sempre correspondia ao seu nome.

Conexões fantasiosas, é claro, mas que permitiam que modelasse visualmente os poderes e posições relativas de seus rivais. Um jogo de paciência para o tipo conquistador, passava o tempo enquanto esperava para ouvir como as suas últimas jogadas eram recebidas.

Distribuiu uma carta após a outra.

— Frasco. Frasco. Frasco. — Então, Fim, uma dos valetes.

— Destino, você está interessante hoje.

— Equipe de abordagem retornando, — anunciou Burlug enquanto passava. — Ligação Direta está pilotando a nave.

— Hmm. Então ela sobreviveu à sua missão.

Teve que dar crédito a Kylah: a sua guarda-costas era realmente algo. Levou apenas algumas horas para Ligação Direta fazer sua própria marca. Com os furtos de Kylah em Keldooine concluídos, Zilastra partiu para o espaço na *Aleatoriedade*, a fragata da classe *Pelta* mais antiga que servira como a sua nau capitânia desde a sua 'libertação' da Federação do Comércio anos antes.

Não muito depois do voo, a *Aleatoriedade* foi escaneada por um dos muitos inimigos de Zilastra, Pell Baylo da *Garantia*. Mas a nave da República partiu, nunca chegando perto o suficiente para uma luta. A Ligação Direta teorizou que Baylo deve ter estado lá caçando alguém mais. Ligação Direta então detectou uma nave dos Infames, movendo-se

lentamente por um cinturão de asteroides. Relutante em arriscar a *Aleatoriedade* naquele local, Zilastra enviou Ligação Direta na nave de abordagem, acompanhada por membros da tripulação que ela considerava dispensáveis. Os Infames nunca cedia sem lutar.

Zilastra ouviu uma comoção que reconheceu e pegou as cartas.

— Onde *você* estava, Clandestina?

Kylah praticamente entrou pulando.

— Eu fui com a Ligação Direta!

— Para abordar uma nave dos Infames? — A pirata a olhou, atônita. — Você quer morrer?

Ligação Direta entrou.

— Eu não sabia que Kylah estava conosco. Minha ex-chefe tem uma afinidade por armários de manutenção.

— Eu a trancarei num na próxima vez, — disse Zilastra.

Embora Kylah inicialmente estivesse chateada por sua guarda-costas de uma vez fazendo um movimento por conta própria, isso durou cerca de cinco minutos. Foi o tempo que Kylah levou para decidir que ter sua motorista protegida incorporada aos Caminhantes da Fenda era um sinal de distinção. Kylah circulou a mesa, alegre.

— Você não vai acreditar no que a Ligação Direta fez!

Ligação Direta interveio.

— Nós nos aproximamos do alvo no cinturão. Eu estava certa, era um IPV-1 Sienar modificado, provavelmente um defensor planetário em algum lugar, capturado e reaproveitado pelos Infames.

— Fingindo ser a lei? Isso é mais uma truque dos Lâminas.

— Não quando você pinta desenhos obscenos por todo o lado de fora. — Ela ofereceu um datapad a Zilastra. — Provavelmente você vai querer limpar aquilo, aliás.

— E desinfetar o interior. — Zilastra estudou as imagens da nave. — Ela estava abandonada?

— Ainda não, mas estavam indo nessa direção. Eles disseram que o hiperpropulsor sobreviveu a um salto curto de distância daquela corveta da

República quando tudo explodiu. Todos os sistemas, incluindo suporte de vida.

— Quem disse isso?

— Os Infames, assim que chegamos perto o suficiente para eles pegarem o nosso sinal. Pegamos a nave sem um único tiro. Reboquei-a de volta aqui.

Os olhos de Zilastra saltaram.

— Só você e a garota?

— E os seus droides de ataque, e os novos membros da tripulação que você enviou para a ação de abordagem.

— Os Três Idiotas?

— Ghor, Wungo e O Lobber.

— Não o chame assim. Não deixe ele pensar que é famoso! — Zilastra ficou frustrada. — E eles não fazem parte da tripulação! Eu esperava que os Infames os matassem num piscar de olhos. Se eu mandá-los para o espaço agora, as pessoas vão pensar que eu não recompensava o desempenho.

— Não é melhor mantê-los vivos se estão realizando algo?

— *Você* realizou algo. Se os outros chefes virem aqueles caras trabalhando pra mim, eles vão morrer de rir.

Zilastra olhou novamente para as imagens no datapad e sorriu apesar de si mesma. Ligação Direta, quem quer que fosse, havia tido sucesso numa missão que ninguém esperava que ela sobrevivesse, com os tontos e uma jovem como tripulação. Ela ainda não havia matado ninguém a serviço de Zilastra, mas não houvera oportunidade pra isso. Isso viria depois. Sempre vinha.

A mulher havia compartilhado partes suficientes de sua história que era fácil para Zilastra preencher o resto. A Ligação Direta havia sido parceira de alguém na rota Ootmiana, seja romântica ou comercial, e fora abandonada e deixada sem nada. *Traços de minha mãe,* pensou Zilastra. Não era sobrecarregada por filhos, Ligação Direta tentara ganhar a vida honestamente até que isso não fosse mais possível.

Estava claro que o seu disfarce, os óculos e o capacete de voo que ela usava dia e noite, era uma disfarce, mas Zilastra não viu nada de estranho nisso. Muitas pessoas macias que ela encontrava tinham medo de serem

vistas como tais, enquanto outras abrigavam fantasias sobre voltar ao mundo respeitador da lei um dia. Máscaras faziam parte do território. Jodak, seu piloto, ainda usava uma em todos os lugares, apesar de ser provavelmente o único Yinchorri onde quer que fosse. Era difícil viajar incógnito quando você era um réptil de nariz achatado e olhos cruéis mais alto que um Wookiee.

Colocou o datapad de lado e distribuiu as cartas novamente. Kylah notou.

— Eu esqueci. Qual naipe somos nós?

— Eu continuo te dizendo, somos o *jogo*. Caminhante da Fenda é uma variante de Valnoos.

— O que há de tão especial nisso?

— Muitas coisas, mas a principal é que quem paga não precisa apostar. Eles entram no jogo de graça.

— Posso ver como isso seria atraente, — disse Ligação Direta. Ela olhou para a mesa. — Sozinha ou adivinhando?

— Os dois, — disse Zilastra. Ela convidou as mulheres a se sentarem. — Vocês notaram todos os cinco?

Kylah assentiu.

— Isso significa que você está perdendo?

— Não. Pense nisso. Existem cinco grandes sindicatos criminosos na galáxia, mas também existem cinco famílias nos sindicatos Hutt e Crymorah.

— E nós somos o quinto grupo nesta parte da Fatia!

Ligação Direta tocou no ombro da garota.

— Duvido que alguém tenha planejado isso, — disse ela.

— Será que não? — Zilastra separou as cartas em dois montes. — Olhe para a matemática. Jogos com dois jogadores são equilibrados, golpe e contragolpe. Adicione um, no entanto...

Ligação Direta pegou o raciocínio dela.

— Sistemas tripolares são instáveis. O mais fraco passa de um parceiro para o outro.

— E vice-versa. — Zilastra dividiu os montes. — Quatro se divide uniformemente. Você acaba com dois cartéis, e as coisas congelam novamente. Se um terceiro se juntar a outra dupla, o menor dos dois apenas muda de lado.

— Porque ninguém quer ser o sócio minoritário, mas especialmente não na terceira posição.

— Exatamente. — Zilastra quebrou as cartas em cinco montes. — Mas cinco, agora, é o número *maldito*.

— Maldito? — Ligação Direta perguntou.

— Um cara num jogo de cartas me contou sobre um estudo que alguém fez. Planetas com cinco grandes potências tiveram mais conflitos. Lutas de três contra dois espalham muita destruição, mas raramente terminam de forma conclusiva. Ninguém quer ser a potência ímpar, então estão sempre se realinhando, e os jogadores da terceira posição estão constantemente mudando de lado.

— E com mais de cinco? — Kylah perguntou.

Zilastra dividiu os montes novamente em pilhas menores.

— Há mais brigas, mas são menores, menos destrutivas. — Os dedos trabalhavam rápido demais para serem vistos, ela os ordenou novamente e novamente. — Uma organização, *qualquer* organização, é apenas uma forma de trazer ordem ao caos, para tornar o que fazemos mais eficiente. Mas lucramos com tudo o que permanece uma bagunça, então ainda há território para conquistar, naves para roubar. E então, não importa quantas gangues diferentes você comece, sempre terminamos... em cinco.

Ligação Direta assentiu.

— Cinco, então sempre há uma briga em algum lugar. Cinco, então ninguém nunca realmente perde.

— Oh, eu não sei sobre isso. — Zilastra cortou o baralho em cinco montes e distribuiu a carta superior em cada um. Cinco nos quatro naipes, e uma carta especial.

— Belo truque, — disse Ligação Direta. — A Rainha do Ar e da Escuridão.

— É um título que não me importo de reivindicar. — Zilastra olhou para a sua nova recruta. — Agora vou reivindicar outra coisa. O segundo caso.

Ligação Direta se levantou.

— Volto num minuto.

Ela saiu e retornou segurando um das caixas da Viagens Real. Ela o abriu.

— Você pode reprogramar a frase de código como quiser. Com essa são duas que eu desbloqueei. Você recebe o próximo amanhã, como concordamos.

— Essa sincronia funciona perfeitamente, — disse Zilastra. Ela se levantou da mesa e pegou o caso. — Faça Keldooine enviar alguém para levar a nave dos Infames. Eu estarei na oficina de Tokchi. Há uma reunião muito importante chegando, e quero estar pronta!

CAPÍTULO 17

ZYBOH KEY

KWENN

— Fora dos portões do complexo de Kwikhaul, Saesee Tiin estava de costas para Plo Koon em cima de seu landspeeder parado. Os dois Jedi haviam acendido os seus sabres de luz anteriormente, provocando o choque e depois a confusão da multidão enfurecida. Ninguém havia chegado mais perto deles ou da aterrorizada SK-89, mas muitas pessoas haviam atirado coisas neles.

— Tanto para ajudar as pessoas, — disse Saesee.

— Estamos ajudando essa droide, — respondeu Plo.

E a nós mesmos, pensou Saesee, *caso eles decidam nos despedaçar também.*

De seu ponto de vista em cima do landspeeder, podia ver vários outros táxis parados em meio à loucura. Os seus motoristas droides haviam sido todos desmembrados. As barras de metal que pensou ter visto nas mãos dos revoltosos eram na verdade membros. As pedras jogadas nos Jedi incluíam mais de algumas cabeças.

Um crânio prateado voou em sua direção. Saesee pegou este no ar.

Já eletronicamente apoplética, SK-89 olhou para a cabeça decepada de um membro de seu próprio modelo.

— Oh, não! Oh, não, oh não!

Plo Koon entendeu a resposta dela.

— Talvez você devesse largar isso, Mestre Tiin.

Saesee jogou no chão. Ele olhou por cima do ombro para o seu companheiro.

— Já está na hora de dizermos algo.

— Concordo. Você tem a voz mais alta.

— Eu sabia que você ia dizer isso. — Olhando pra baixo, Saesee viu o controle do sinal de alerta do landspeeder perto do câmbio. Ele pisou nele e manteve o pé lá. O landspeeder emitiu um berro ensurdecedor que continuou até ele tirar o pé. — *Silêncio!* — Saesee ecoou.

A multidão ficou momentaneamente quieta.

— Nós somos Jedi, — continuou Saesee. — O nosso trabalho é manter a paz. *Isso não é paz!*

— Isto não é da sua conta! — uma mulher humana gritou. — Isso é entre nós e os droides!

— Que droides? Vocês despedaçaram todos eles!

— Não todos, — disse uma Togruta, apontando para a SK-89. — E há dezenas de naves nas ruas agora sendo dirigidas por eles!

— E daí?

— Essas pessoas são os motoristas, — disse o droide. — Ou eram.

Saesee olhou para o droide e depois para Plo.

— O que é isso?

Plo apontou para o composto cercado.

— Acho que estamos prestes a descobrir.

Da instalação da garagem dentro da cerca, uma Muun alta de pele alabastro avançou em direção aos portões. A multidão começou a gritar novamente e a atirar peças de droide, embora desta vez não mirassem nos dois Jedi. O rosto da Muun era quase sem características, mas a sua raiva era inconfundível. Enquanto várias partes de droide batiam contra os trilhos da cerca, ela estendeu os seus braços finos diante dos Mestres.

— Graças aos céus que vocês estão aqui, Jedi. Prendam essas pessoas!

Saesee olhou ao redor. Havia facilmente cem pessoas na multidão.

— Como você espera que façamos isso?

— Não me importo. Eles estão destruindo propriedade privada!

— Sua?

— Sim, — gritou a mulher que havia falado com Saesee primeiro. — Ela é a Fraxa, a proprietária!

Vários gerentes se juntaram a Fraxa no portão. Ela observou a destruição que a multidão havia causado.

— Veja o que essas pessoas fizeram, Jedi. Eu digo de novo: Vocês têm que prendê-las!

Plo balançou a cabeça.

— Nós não somos polícia.

— Então por que vocês estão aqui? — Fraxa perguntou. — De que adiantam vocês?

— Nós mantemos a paz.

— Não parece.

— Também fazemos justiça, — disse Saesee. Ele apontou para a SK-89. — Ela disse que você substituiu esses motoristas por droides. É verdade?

— Só hoje de manhã! — alguém gritou. — Toda a frota. — Outros se juntaram aos gritos.

Quando Fraxa pôde ser ouvida novamente, a executiva estava no meio de um discurso sobre as condições de negócios em Kwenn.

— O turismo está em baixa. O negócio de transporte está afundando. Não posso pagar motoristas orgânicos!

— Você não pode se dar ao luxo de não tê-los, — disse o Togruta. — Eu sou Teeler, estou dirigindo aqui há décadas. — Ele apontou para SK-89. — Vi esta droide mais cedo. Ela quase atropelou alguém!

Fraxa acenou com a mão.

— Absurdo!

Plo a corrigiu.

— É verdade.

— Você colocou um droide não treinado nas ruas, — acrescentou Saesee.

— Estou no meio de uma ação trabalhista, — disse Fraxa. — Como eu deveria manter a frota funcionando?

— Pagando-nos! — gritou Teeler. — Nós sabemos que você se paga. Já vi aquele hangar o seu lá atrás com aquela velha nave estelar que você está restaurando.

— Um antiquário, tirado do ferro velho, e não gastei um crédito nele num ano. Um terço do nosso tráfego diário estava levando executivos pra lá e pra cá até o espaçoporto. Você deve ter notado que muitos deles levaram as suas empresas junto. E o boato é que a Rendili Hyperworks é a próxima a ir!

Enquanto a Muun e a multidão trocavam insultos através da cerca, Saesee se inclinou e falou com Plo.

— Você é o grande organizador, e queria ajudar.

Havia consternação na voz de Plo.

— Resolvemos grandes disputas. Isso é menor, mas não mais simples, por causa disso.

Saesee assentiu concordando.

— Não é o tipo de coisa que fazemos.

A cabeça de Plo se inclinou.

— O que?

— Talvez, — disse Plo, — a situação exija o tipo de coisa que *você* faz, ao invés disso. — Ele bateu no ombro de Saesee.

No meio do barulho, Saesee olhou para o landspeeder em que estava e percebeu algo. Ele apontou e gritou.

— *Vocês têm barcos!*

As partes pararam de discutir.

— O que? — Fraxa perguntou.

Saesee pulou do landspeeder e pousou ao lado dele.

— Vocês têm usado esse modelo nas ruas da cidade. Mas muitas das pontes estão em mau estado, e algumas estão fora de serviço completamente. — Saesee se virou e olhou na direção do cais. — Essas unidades poderiam funcionar como táxis aquáticos com apenas alguns ajustes.

— E veículos de observação oceânica, — acrescentou Plo quando se juntou a Saesee no chão. — Pelo que vi na viagem, essa é uma área do turismo que vocês não desenvolveram.

Fraxa levantou um dedo.

— Nenhum landspeeder é permitido em Kwenn.

— Mas embarcações repulsoras flutuantes *são* permitidas, — disse Plo. — Não faz diferença se um veículo cruza centímetros acima da terra ou acima da água.

Saesee concordou.

— E quanto àquela grande balsa à vela que vi quando cheguei voando? Ela paira sobre a água.

— A *Pelágica*? — Fraxa coçou o queixo. — É um cassino. Sempre assumimos que eles tinham uma exceção.

— Se uma exceção for necessária, — disse Plo, — sabemos um pouco sobre negociação.

Teeler levantou a mão.

— Esse tipo de adaptação requer ajustes finos. Os nossos mecânicos não estão à altura disso.

— Eu estou, — disse Saesee. — E tenho feito upgrades em speeders com novatos por anos. Podemos fazer isso em alguns dias.

A dona balançou a cabeça.

— Não seria o suficiente, — disse Fraxa. — Os viajantes simplesmente não estão aqui, e você viu como algumas das ilhas estão.

— Então mudem elas. — Saesee apontou para um grupo de transporte estacionados. — Essas funcionam?

— As embarcações de turismo? — Ela deu de ombros. — Não conseguimos enchê-las há anos.

— Tudo bem. Vou te mostrar como cortar os tetos.

— O que? — Os olhos minúsculos de Fraxa se arregalaram. — Por que você faria isso?

— Para que eles possam levar o lixo das ruas.

Exclamações de choque da multidão, mas Plo pareceu entender a sugestão de Saesee.

— Conheço algumas autoridades aqui. Tenho certeza de que posso negociar um contrato.

Risos da multidão. Teeler falou por todos.

— Nós somos motoristas, não coletores de lixo.

— E os droides são trabalhadores e não motoristas, — respondeu Plo. Ele se dirigiu a SK-89, ainda encolhida no banco de trás do landspeeder. — Você poderia assumir esse papel?

— Certamente. Podemos cumprir essa função e de forma mais segura, se outros dirigirem. — O droide olhou em volta. — Mas, hm, eu pareço ser a única que resta.

— Não é um problema, — disse Saesee. Ele apontou para as peças de droide espalhadas no chão. — Nós os consertaremos também.

Desta vez, as gargalhadas vieram da proprietária.

— Agora você vai me dizer que são especialistas em reparo de droides também!

— Nós conhecemos pessoas que são. — Saesee indicou o seu comunicador. — Heezo, de volta ao Templo Jedi, faz reparos em droides para os Jedi. Chame-o no holo e ele pode nos guiar em qualquer coisa.

Vergonhosamente, um dos motoristas levantou o braço de um droide.

— Não sei, eles estão bastante danificados.

— Nós temos fé em Heezo, — disse Plo.

A multidão se acalmando finalmente, Saesee se virou para o portão e usou a Força para abrir o cadeado que o segurava. Ele se abriu e o Mestre Jedi entrou no pátio. Ele pegou o cadeado quebrado do chão e entregou a Fraxa.

— Vou consertar isso também, — disse ele, antes de caminhar decididamente em direção à garagem. Lá, e no quintal além, ele notou várias outras coisas que, com um pouco de reaproveitamento, poderiam ajudar Kwikhaul em tempos difíceis. Rebocar destroços das pontes para salvamento resolveria até dois problemas de uma vez.

Os seus olhos permaneceram por mais de um momento no conteúdo do pequeno hangar nos fundos: o já mencionado caça estelar que Fraxa estava restaurando. Mesmo em sua forma lamentável, o ARC-8 da era da Alta República era uma visão rara e bem-vinda para Saesee. Deu um passo hesitante dentro do hangar quando uma mão pousou em seu ombro, o detendo. As palavras de Plo o trouxeram de volta à realidade.

— Não agora, meu amigo. Você é necessário.

— Hmph. — Saesee se virou para longe do hangar e viu os motoristas interagindo pacificamente com a proprietária e a sua equipe de gerenciamento. Ele respirou fundo. — Você percebe, — ele disse a Plo, — que cruzamos as estrelas para fazer o mesmo trabalho que estávamos fazendo em casa.

— Não é o mesmo, — disse seu colega. — Não, não é a mesma coisa de jeito nenhum.

— Isto será difícil de completar antes do início da celebração.

— Nisso, meu amigo, você está correto. É melhor começarmos.

CAPÍTULO 18

A BORDO DA *GARANTIA*

A FENDA

— Depa Billaba oficialmente estava atrasada.

Mace Windu estava na ponte da *Garantia*, fazendo o possível para não atrapalhar. Ele suportara várias ressurgências do temperamento incendiário do Capitão Baylo, apesar de ter sido útil para o caçador de piratas em várias ocasiões desde a sua chegada. Baylo tolerava por um tempo, apenas para encontrar alguma razão para lembrar Mace de que ele era um hóspede indesejado.

O pior que ele poderia fazer era perguntar por Depa, e ele evitara fazê-lo. Nenhuma comunicação havia chegado dele, nem pelos comunicadores Jedi que compartilhavam, nem por qualquer outro meio de comunicação que a *Garantia* pudesse receber. Baylo não concordara em buscá-la em nenhum local específico, presumindo que a sua missão a manteria em movimento. Ele também desencorajara Mace de viajar para a superfície de Keldooine por conta própria, aconselhando que não havia lugar para ele começar no pântano de criminalidade em que o mundo se tornara.

Mace estava certo de que as suas habilidades investigativas estavam à altura do desafio, mas o fato de Baylo argumentar para ficar a bordo o persuadiu. Um capitão que desprezava Jedi em sua ponte não era provável que impedisse um de partir, a menos que tal ato fosse verdadeiramente inútil. Ou, como Baylo havia dito de forma mais colorida:

— Se eu perder dois membros do Conselho Jedi, posso dizer adeus ao futuro desta nave.

Assim, a *Garantia* permaneceu em órbita perto de Keldooine e permaneceu visível. Mace esperava que isso facilitasse para Depa encontrá-los, mesmo enquanto Baylo via valor em mostrar força ao longo da rota comercial. À medida que as naves civis se aproximavam no espaço normal, a corveta as escoltava por algumas horas. Era o tipo de gesto que certamente chegaria à sede corporativa.

— O que é isto? — Baylo perguntou quando uma nave de carga emergiu do hiperespaço.

Um membro da tripulação respondeu.

— A *Regal Hopper*. Grãos de Yitabo, com destino a Keldooine.

— Cargueiro Estelar Regal. — Baylo resmungou. — Eles não precisam de ajuda.

Mace ouviu algo que valia a pena perguntar.

— Isso está ligado à linha de passageiros, certo?

— Mesma empresa, — respondeu Baylo. — Nós escoltamos algumas. Eu estava certo de que estavam prontas para serem atacadas. Elas não foram atacadas em meses. A maldita sorte.

— A sorte raramente entra nessas coisas, na minha experiência. — Mace olhou para a nave de carga. — Eles estão fazendo algo melhor do que as outras linhas?

— Não que eu possa dizer. Quero dizer, existem as contramedidas que todas as linhas de transporte praticam. Minimizando o tempo fora do hiperespaço. Descendo da órbita para diminuir a área de superfície que atravessam durante a descida. Transmissores desligados durante as paradas no espaço profundo.

— Essas funcionam?

— Para qualquer outra pessoa, não muito. Até os Caveiras Empaladas estão por dentro desses truques, e eles têm buracos na cabeça. — Ele olhou para o transporte. — Os pilotos do Viagens Real levam vidas abençoadas.

Mace olhou nos olhos de Baylo.

— Você conheceu muitas pessoas com vidas abençoadas, Capitão?

— Você acha que há algo armado? — Baylo balançou a cabeça. — Impossível. Pagar por proteção não funciona, não aqui fora. Você pode

fazer um acordo com uma gangue, mas então outra iria te atacar.

— Eu tendo a concordar. Mas vale a pena investigar.

O capitão se aproximou de um terminal. Mace ficou de pé e observou enquanto ele procurava nos registros.

Baylo apontou para uma entrada.

— Parece que a sorte deles acabou alguns dias atrás. *Majestoso Zephyr*, tentativa de sequestro durante uma viagem para Coruscant. — Notando um símbolo, ele estudou mais de perto. — Diz aqui: *Ataque mal sucedido: intervenção Jedi*!

Mace se aproximou da tela.

— Posso ver?

— Veja você mesmo. — Baylo se afastou. — A sorte deles continua.

Investigando mais a entrada, Mace percebeu por que o nome da empresa chamou a sua atenção.

— Conversei com os Jedi envolvidos logo após isso. Mas os detalhes do ataque não estão aqui. — Ele olhou pra cima. — Capitão...

— Se você vai pedir permissão novamente, vai me irritar mais do que se não o fizesse, — disse Baylo. — Configure uma chamada para Coruscant para o Mestre Windu, — ordenou.

Mace assentiu.

— Eu aprecio isso.

— Pelo menos não temos que deixar nada importante desta vez.

A conexão foi feita após vários minutos, com o Templo Jedi redirecionando a ligação de Mace. Uma imagem holográfica apareceu na ponte, mas não era do grupo que ele esperava.

— *Mestre Windu!* — Obi-Wan Kenobi disse.

— Seus Cavaleiros Jedi estão cada vez mais jovens, — murmurou Baylo.

Mace o ignorou.

— Obi-Wan, onde está o Mestre Qui-Gon?

— Estamos no centro de imigração. — Obi-Wan fez um gesto pra trás. — Ele está dentro, falando em nome de alguns dos passageiros da *Majestoso Zephyr*.

— A mesma nave que quero perguntar. Não consigo encontrar o seu relatório sobre o ataque.

— Lamento dizer que ainda não o arquivamos. Foi um incidente menor, e estávamos ocupados com outras tarefas.

— E elas são dignas. Mas os procedimentos têm propósitos. Me fale sobre o ataque.

Obi-Wan sorriu.

— Não foi grande coisa.

— Como assim?

— Como eu disse, foi menor. Havia apenas três agressores. Completos amadores. Teria sido cômico, se não estivessem ameaçando pessoas.

— A que grupo de piratas estavam afiliados?

— Nenhum.

A resposta surpreendeu Baylo.

— Repita isso?

— Nenhum. Eles mencionaram grupos para os quais poderiam vender a nave, mas nem mesmo concordaram com isso. Eram novatos, cheios de fanfarronice, mas facilmente assustados.

— Aposto. — O capitão olhou para Mace. — Os perdedores locais não podem pegar uma nave desse tamanho.

— O que aconteceu com os sequestradores? — Mace perguntou.

— Nós os libertamos em Randon.

— Você os deixou *ir*? — Baylo se virou e jogou o seu boné no convés.

— Não haviam feito mal a ninguém, e Qui-Gon achou certo. — Obi-Wan empalideceu um pouco com a reação do capitão. — Mestre Windu, cometemos um erro?

Mace dispensou o assunto.

— Tenho plena confiança na avaliação do Mestre Qui-Gon da situação. — Outra pergunta lhe ocorreu. — Como a tripulação da *Majestoso Zephyr* respondeu?

— Como você esperaria, — disse Obi-Wan. — Conversei com vários deles. Eles não enfrentavam ameaças assim ultimamente, mas estavam

resignados a isso acontecer eventualmente. Eles ficaram aliviados que estávamos a bordo.

— Estou certo disso. — Mace assentiu levemente. — Agradeço as informações. Diga ao Mestre Qui-Gon que ele pode considerar o relatório arquivado.

Obi-Wan se curvou.

— Me disseram que você está em retiro, Mestre. Espero que esteja indo bem.

— Para alguns de nós, ainda não começou. — Mace fez um sinal com a mão, e o oficial de comunicações encerrou a ligação. Em seguida, o jovem aprendiz ao seu lado, Veers, correu para entregar o chapéu de Baylo.

O capitão o colocou.

— Você tirou alguma coisa de tudo isso, Windu?

Mace juntou as mãos.

— A linha Viagens Real raramente foi atacada. Mas não está imune à pirataria, e os seus funcionários não esperam que seja.

— E daí?

— Tem a ver com essa sorte da qual você fala. — Mace se virou para Baylo. — Um jogador honesto que vê um mau lançamento de dados após muitos bons fica chateado, mas não com raiva. Mas um trapaceiro fica furioso, porque os seus artifícios foram derrotados. — Ele olhou para a nave de carga no espaço. — Se há algo protegendo as naves desta linha, até os seus trabalhadores não estão cientes disso.

Baylo entendeu o que ele queria dizer e riu.

— Por que pagar para proteger as suas naves se você ainda vai voar assustado o tempo todo? — Ele apontou pra fora, onde a *Regal Hopper* começara a sua descida rápida e cautelosa para Keldooine. — Então, por que pagar, então? Qual é o sentido?

Mace não sabia. Mas se perguntava se Depa Billaba sabia.

CAPÍTULO 19

MONTE SANTUÁRIO

KWENN

Esses números não batem.

De pé na biblioteca dentro do Monte Santuário, Eeth Koth franziu os olhos para os números em seu datapad e esfregou os olhos. Precisaria revisar tudo novamente, percebeu. Não era como havia planejado passar o seu precioso tempo em Kwenn.

Eeth apoiava as missões do Conselho no planeta tanto quanto qualquer outro. Tendo gerenciado recentemente vários fechamentos de entrepostos avançados, conhecia o escopo completo da redução da Ordem Jedi ao longo da rota Ootmiana. Acreditava no que Depa Billaba e Even Piell haviam dito sobre as condições na região. O Mestre Jedi zabrak ainda apoiava o apelo de Qui-Gon por mais interações pessoais em nome dos Jedi. Eeth certamente não havia tido muitas dessas ao fazer trabalhos burocráticos.

E ainda assim as suas interações pessoais desde que chegara em Kwenn haviam sido limitadas a conversas dentro do posto com Oppo Rancisis e Senescal Voh, ambos ocupados com questões relacionadas à celebração do bicentenário. Aquele evento não era responsabilidade de Eeth, e esperava descer até a cidade para começar a exploração que prometera a si mesmo.

Mas nunca conseguira escapar de seu senso de dever, e isso lhe dissera para adiantar um inventário da biblioteca do Monte Santuário na chance de que o local tivesse que ser fechado. Era uma questão pequena. Sabendo da reputação de precisão de Voh, esperava estar nas ruas em menos de uma hora.

Com uma tarde, uma noite e a maior parte da manhã seguinte passadas, ainda não havia deixado o posto. O trabalho simples tornara-se difícil.

Houve alguma redução na coleção ao longo dos anos, já que os Jedi pegaram mais itens do que deixaram. Voh havia consolidado a coleção em recantos que ele, dada a sua pequena estatura e idade avançada, conseguia alcançar. Mas Eeth descobriu que o número de materiais estava errado numa grande porcentagem. Os itens faltantes cobriam uma variedade de assuntos: alguns de significado histórico, outros registrando a tradição Jedi, outros ainda triviais. Vários eram únicos de Kwenn, não sendo encontrados em nenhum outro lugar.

A notícia de que Yoda e Adi Gallia estavam se aproximando de Kwenn nas próximas horas fez Eeth perceber que o seu tempo para exploração era limitado. Ele não teve escolha senão perturbar Voh.

— Senescal, você está certo de que os registros estão corretos?

Voh pareceu surpreso.

— *Meus* registros?

— Sim. O seu inventário está correto?

O zelador olhou fixamente, como se não soubesse o que dizer.

Em vez disso, Oppo interrompeu os seus outros assuntos para responder.

— Mestre Koth, o bom senescal tem cuidado do Monte Santuário desde muito antes de você se juntar ao Conselho. O seu conhecimento do lugar é incomparável.

— Eu certamente concordo. Eu só procuro respostas. — Eeth entregou o datapad a Voh. — Estes materiais estão faltando.

Os olhos de Voh se fixaram nos dados, e enquanto ele percorria o relatório, o seu rosto caiu.

— Eu conheço esses itens, é claro. Eles não estão aqui?

— A menos que estejam em algum lugar que eu não olhei. — Ele olhou para o teto. — Há mais armazenados acima?

— Não.

Eeth assentiu e deu tapinhas no braço do senescal. Ele não queria alarmar o velho.

— Tenho certeza de que há uma resposta simples. Será que alguns foram emprestados para estudiosos locais?

— Eu pensaria que isso estaria nos registros, — voluntariou Oppo.

— Não está.

Voh balançou a cabeça. Então pareceu que a sua respiração parou, e ele falou em voz baixa.

— *Haviam os ácaros.*

— Ácaros?

O senescal olhou pra baixo.

— Me envergonha dizer isso, mas houve uma infestação de ácaros egralla nesta ilha há alguns anos. Aconteceu quando o espaçoporto começou a economizar nos protocolos de descontaminação. Os insetos subiram as altitudes, procurando qualquer coisa que pudessem consumir. Eles são para dispositivos de dados o que os minoks são para naves estelares.

Eeth ficou alarmado.

— Os tecnívoros consumiram vários dispositivos de armazenamento? Você não teria notado os restos não comidos que eles deixaram pra trás?

Voh mordeu o lábio.

— Sim, provavelmente eu teria, não teria?

— Com certeza. — Eeth pegou de volta o datapad e sentiu algo. Ele olhou pra baixo para o zelador. — Você acha que há outra explicação.

Voh deu um suspiro profundo.

— Uma relacionada.

Oppo falou gentilmente.

— Conte-nos.

— Os ácaros estavam colocando a coleção em perigo, e estava muito além da minha capacidade de impedir. Então eu contratei uma exterminadora da cidade abaixo.

— Uma resposta sensata, — disse Eeth. — Isso encerrou a ameaça?

— Encerrou. Mas... eu fui obrigado a me ausentar da biblioteca por dias enquanto ela fazia o trabalho.

— Você saiu do prédio?

— Tive acesso à rampa para o braseiro, então pude acendê-lo. Mas sim, a exterminadora estava sozinha na biblioteca.

Eeth levantou uma sobrancelha.

— Você não permaneceu?

Oppo olhou severamente pra ele.

— Ele respondeu a você, Mestre.

— Não, tudo bem. — As palavras de Voh vieram mais rapidamente. — A exterminadora disse que o pesticida teria sido prejudicial pra mim. Só ela tinha a proteção adequada. — Ele olhou em volta para os nichos, abalado. — Eu não consigo acreditar que ela teria roubado deste lugar, de todos os lugares. E que eu não teria percebido! — Ele baixou a cabeça envergonhado.

— Se for verdade, a culpa é dela, não sua. — Oppo colocou dois de seus braços em volta dos ombros de Voh.

— Talvez eu seja velho demais para este trabalho.

Oppo riu.

— Diga isso quando chegar à minha idade!

Eeth foi rápido em parecer conciliador.

— Há muitas pessoas precisando lá embaixo e nas ilhas vizinhas. Esta deve ser a explicação. — Ele olhou para as prateleiras. — Você pode identificar a empresa de controle de pragas, Senescal?

Voh não pôde.

— Pode ser que ela não esteja mais em funcionamento, e foi há algum tempo. Mas eu não sei que valor os trabalhos teriam para além dos Jedi.

— Nunca se sabe. — Eeth fez uma reverência. — Obrigado. Por favor, volte aos seus deveres.

Ele voltou, e Oppo seguiu Eeth pra fora através da antessala.

— O que você acha? — Eeth perguntou.

Oppo lançou-lhe um olhar de lado.

— Acho que você teve uma oportunidade maravilhosa de conhecer este planeta e o seu povo, e você transformou isso numa tarefa burocrática. E agora você transformou isso num mistério que pode resolver. — Ele olhou

para dentro. — Eu suspeito que aquele velho simplesmente perdeu a conta ao longo dos anos.

— Tenho certeza de que você está certo.

— Vá ver o mundo, meu amigo. Ajude alguém, como Qui-Gon sugeriu.

— Eu farei. — Os olhos de Eeth se estreitaram. — Eu devo começar por algum lugar. Talvez haja alguém na cidade abaixo que lida com materiais raros.

Oppo balançou a cabeça.

— E as pessoas dizem que *eu* estou preso em meus caminhos. — Ele riu enquanto se afastava. — Você será uma atração maravilhosa para a celebração, Mestre Koth. Venham, pessoas de Kwenn, e conheçam o jovem que é mais velho que eu!

CAPÍTULO 20

A BORDO DA *ALEATORIEDADE*

HIPERESPAÇO

— Hotwire, acorde!

Depa Billaba estava acostumada a dormir em pisos nus. Já havia feito isso muitas vezes como Jedi. As suas explorações da herança Chalactana de seu povo haviam adicionado ainda mais ascetismo à sua filosofia Jedi. Alojamentos humildes não a incomodavam nem um pouco.

O que Depa não estava acostumada era a ser acordada com um cutucão no pé. Abriu os olhos e olhou irritada para Kylah.

— Posso te ajudar em alguma coisa?

— Desculpe, mas você queria saber. — Kylah apontou. — Estamos no hiperespaço!

Depa se sentou no convés da *Aleatoriedade*. Os seus óculos haviam escorregado durante a noite, e ela os reposicionou. Não era o disfarce mais confortável, percebera. Mas havia dormido tão profundamente que nem percebeu o salto.

— Para onde estamos indo?

— Ninguém vai dizer. Eu não vi Zil.

Outra manhã, outro mistério.

Depa tinha merecido o seu sono. A sua missão havia se tornado uma odisseia, e embora não soubesse o destino, tinha feito o melhor possível com o tempo que tinha. Em qualquer outro lugar, a confiança levava meses para ser construída. Mas num mundo onde a vida era barata e as associações eram passageiras, as coisas se moviam num ritmo mais

acelerado. E os termos de sua permanência a forçaram a agir ainda mais rapidamente.

Quase imediatamente após conhecer os Caminhantes da Fenda em Keldooine, Depa, ainda conhecida pelos piratas como Ligação Direta, começou a provar o seu valor, ganhando a chance de acompanhar Zilastra quando ela saiu de sua toca para a sua próxima missão de caça. Ela pensou que a missão terminaria rapidamente quando a *Aleatoriedade* encontrou por sorte a *Garantia*; a corveta até mesmo escaneou a nave dos Caminhantes da Fenda. Mas antes que Depa pudesse chegar onde o seu comunicador estava escondido, a *Garantia* deixou a cena. Tinha certeza de que o Capitão Baylo tinha uma boa razão, mas foi uma oportunidade perdida de derrubar a nau capitânia dos Caminhantes da Fenda, de dentro e de fora. Mesmo assim, a sequência foi significativa, pois Depa capturou a nave abandonada operada pelos Infames.

Tomar um prêmio sem disparar um tiro a tornou uma pessoa de destaque. Sim, isso a havia afastado do momento de seu encontro pretendido com a *Garantia*, mas sentiu que valia a pena. Baylo era a pessoa menos compreensiva da galáxia, mas até ele deveria ver o valor das informações que ela estava reunindo.

No entanto, Depa teve dificuldades para entender os últimos dias. Depois que a nave dos Infames capturada foi enviada em seu caminho, a *Aleatoriedade* pulou para o espaço profundo. A Jedi viu Zilastra algumas vezes depois disso. Uma vez, ela estava numa conversa furtiva com Tokchi, o seu engenheiro residente de considerável talento; o colar tradutor dourado era de sua própria criação. E outra vez, Zilastra estava lidando com um grupo de droides protocolares. *Servos estranhos de se ter*, ela pensou. Foi durante esse encontro peculiar que Depa entregou o quarto e penúltimo caso do Viagens Real a Zilastra.

E foi a última vez que viu a líder pirata.

Depa se preparou para o dia. Estava no último dos casos, e decidiu mantê-lo ao seu lado o tempo todo. Ainda faltavam várias horas antes de entregá-lo a Zilastra; não permitiria que ele saísse de sua vista. Sentiu o mesmo em relação a Kylah. A Jedi poderia ter que sair da *Aleatoriedade* a

qualquer momento, e ela não queria partir sozinha. Decidiu que enquanto tivesse alguma liberdade, poderia muito bem ver quais naves estavam disponíveis nos dois hangares.

Da próxima vez que eu a 'ligação direta' algo, será por uma boa causa.

No convés de aterrissagem estibordo, ela e Kylah encontraram três dos outros novos recrutas dos Caminhantes da Fenda. Ghor, Wungo e O Lobber não haviam alcançado rapidamente o mesmo status de Depa; em vez disso, os três estavam movendo caixas de um lado para o outro do convés do hangar sob a supervisão de IK-111. Eles estavam terminando quando Depa chegou.

— É isso. Terminamos, — declarou O Lobber, ofegante depois de ter movido o último contêiner gigantesco.

— Parabéns, — declarou IK-111. — Agora movam eles de volta.

Gemidos do trio, que cessaram quando o droide disparou o seu blaster no teto. Eles voltaram ao trabalho.

Kylah sussurrou para Depa.

— Não vejo sentido nisso.

— Esse *é* o sentido disso. — Ela não sabia de onde os Caminhantes da Fenda tinham pegado os três, mas não tinha ilusões sobre o valor deles aos olhos de Zilastra, ou o seu futuro provável. Em qualquer organização que praticasse violência, carne de canhão era uma posição que precisava ser constantemente preenchida. Eles seriam mantidos vivos até então. Não mais tarde.

Satisfeito ao ver o trabalho retomado, o droide fez barulho ao entrar no corredor. Depa se aproximou dos três.

— Quanto tempo vocês estão nisso?

— Tempo suficiente para eu nomear as coisas que estamos carregando, — disse Wungo. O Klatooiniano cansado olhou para o barril em seus braços. — Isso é Sarla.

Depa viu o túnel turbilhonante do hiperespaço passando pela entrada hermeticamente selada para o convés do hangar.

— Há quanto tempo nós saltamos?

— Duas viagens pelo convés atrás, — disse Ghor. — Mas os pods de vida partiram muito antes.

— Pods de vida?

— Eles não eram pods de vida, — rosnou O Lobber. — Eram apenas pequenas naves. Elas saíram pelo outro hangar.

Depa estava considerando o que isso poderia significar quando Ghor cutucou Wungo nas costelas e apontou na direção da Jedi.

— Isso parece familiar pra você?

Wungo se virou para Depa e fez uma careta.

— Eu estava tentando esquecer disso.

— Do que você está falando? — ela perguntou. Ela seguiu o olhar dele para o caso em sua mão. — Você quer dizer isso?

O Lobber assentiu.

— Logomarca da Viagens Real. Nós atingimos uma nave deles outro dia.

Isso surpreendeu Depa.

— Vocês fizeram isso pelos Caminhantes da Fenda?

— Nem, antes. Bem antes, na verdade, — disse Ghor. — Não deu certo, e... uh, não deu certo.

— Cale a boca, — disse O Lobber. — Estava tudo bem antes dos Jedi se envolverem.

Os olhos de Depa se arregalaram. Qui-Gon havia contado ao Conselho sobre um evento assim.

— Vocês dizem que *não* estavam trabalhando para Zilastra naquela época?

Wungo assentiu.

— Se estivéssemos, nunca teria acontecido. Zil nos disse que não queria que atacássemos a nave.

— Porque ela queria para ela mesma?

— Não, ela só não queria que *ninguém* a atacasse. — Envergonhado, Wungo falou em voz mais baixa. — *Ela gritou conosco.*

Uma teoria surgiu na mente de Depa. Talvez Zilastra estivesse extorquindo a linha da Viagens Real. Corrupção no transporte comercial

não era incomum, infelizmente. Isso explicava a resposta da líder pirata ao trio.

Mas não isso. Depa olhou para o caso em sua mão. *Como os casos se encaixam nisso? Por que ela os quer?*

Ouviu a voz de Zilastra.

— Aqui está, — disse a chefe, dando a volta numa esquina e olhando para o último caso. Ela olhou para Depa e Kylah. — Sumam daqui, tolos.

— Sumindo, — respondeu O Lobber. Ele, Ghor e Wungo largaram sem cerimônia o que estavam carregando e saíram rapidamente.

Antes que Depa pudesse dizer qualquer coisa, a nave sacudiu, e um lampejo amarelo substituiu as estrias de luz do lado de fora. Levou um momento para perceber que estava olhando para um planeta brilhante, quase sem características.

— Agora orbitando Valboraan, — anunciou o piloto pelo sistema de som público.

Zilastra tocou o intercomunicador.

— Nos leve lá, Jodak.

— Sim sim.

Depa nunca havia visitado Valboraan, mas sabia que não estava longe de onde havia começado. Kwenn e Keldooine estavam a uma curta distância. Mas ao contrário desses planetas, Valboraan parecia desabitado de cima.

— Destino popular? — ela perguntou.

— Nem a menos que você goste de espeleologia, — disse Zilastra. — Está cheio de cavernas. Mas isso tem o seu apelo. — Ela virou. — Siga-me.

Depa e Kylah fizeram como ordenado. Elas viram mais de Valboraan enquanto a nave descia. Keldooine, caótica como era, fazia sentido como um centro; um lugar para comer, abastecer e vender mercadorias roubadas. Valboraan, por outro lado, era um verdadeiro ninho de piratas. Um reduto, um esconderijo. A única indicação de que algo estava no planeta apareceu quando uma seção do chão do deserto se abriu, permitindo que uma matriz de transmissores subisse mecanicamente de baixo da superfície. Depa viu isso apenas por alguns momentos, no entanto, enquanto a nave seguia em direção a um afloramento montanhoso próximo, e as cavernas escuras que

eram maiores até mesmo que o tamanho maciço da *Aleatoriedade*. A nave encontrou uma grande abertura e entrou nela.

Com Zilastra ocupada em conversa com a sua tripulação, Depa se virou para Kylah, grudada na janela ao lado dela.

— Você já esteve aqui antes?

— Nunca. — A garota sorriu. — Estamos realmente por dentro agora!

De mais de uma maneira, Depa pensou. A escuridão interrompida por luzes artificiais fugazes lá fora tirava qualquer referência que ela pudesse ter. Não havia como dizer o quão longe dentro do sistema de cavernas eles haviam ido, apenas que as perspectivas de tirar Kylah dos Caminhantes da Fenda eram remotas.

— Eu queria que você tivesse ficado em Keldooine quando voltamos, — disse Depa.

— O que eu iria fazer lá? Aquele lugar estava morrendo. — Ela apontou para fora. — Aqui é onde está acontecendo.

Depa ia dizer que não sabia do que *isso* se tratava, mas então voltou o seu olhar pra fora. Mais luzes apareceram. Um complexo de pouso massivo no meio da montanha, onde dezenas de naves estavam estacionadas. Muito poucas pareciam iguais. Algumas eram naves comerciais; outras pareciam ser naves de patrulha de algum tipo. A instalação dos Caminhantes da Fenda em Keldooine era menor, no meio de uma área urbana num mundo contestado. Aqui em Valboraan, Zilastra podia guardar os seus ganhos ilícitos fora de vista enquanto decidia o que fazer com eles.

A *Aleatoriedade* implantou as suas asas antes de pousar, uma manobra que permitiu que ela colocasse mais trens de pouso no chão. Entre a fragata e a base, a Mestra Jedi teve que admitir que estava impressionada. Zilastra tinha alcançado muito. Depa se perguntou o que ela poderia ter se tornado, numa vida diferente.

E para que é tudo isso?

Zilastra se voltou para Depa e fez um gesto.

— No último caso?

A Jedi apertou o cabo firmemente e respirou calmamente.

— Entendo que chegamos ao fim do nosso acordo. Mas pensei que você fosse me manter.

Zilastra deu de ombros.

— Não se preocupe com isso. Nem preciso abrir. Só preciso que você traga.

Ótimo, Depa pensou.

A pirata a encarou, e depois para Kylah.

— Nos siga, Clandestina. Você pode aprender algo.

CAPÍTULO 21

KINNAWAH KEY

KWENN

— Meios de comunicação permanentes, pensou Eeth Koth, ocupavam um lugar curioso na cultura galáctica. Uma razão pela qual os meios eletrônicos há muito tempo eram o padrão quando se tratava de comunicação era que a maioria dos dispositivos de armazenamento podia ser alterada, permitindo atualizações, ou fácil apagamento e reutilização. Mas outros dispositivos e materiais eram bloqueados, os pensamentos registrados neles nunca mudavam.

Os *meios* mais permanentes não eram eletrônicos de forma alguma. O flimsiplast era frequentemente usado em locais sem energia confiável e por criminosos que queriam impedir o acesso computadorizado aos seus registros. Muito menos comuns eram pergaminhos e edições encadernadas, subprodutos de culturas desconectadas da galáxia moderna.

Na experiência de Eeth, aqueles que preferiam meios permanentes, desde o comum datapad com conteúdo bloqueado até as mais raras tabuletas de pedra, tendiam a ter um viés filosófico. Eles estavam confortáveis com a ideia de que o conhecimento armazenado dentro nunca mudaria, mesmo que um dia fosse provado errado ou superado por eventos. E mais do que qualquer coisa, possuir tais itens sugeria tempo de lazer amplo e meios suficientes para ter espaço para coisas.

Eeth rapidamente aprendeu que a exterminadora que trabalhara no Montanha Santuário provavelmente não tinha espaço para sobrar. Os registros governamentais de Kwenn mostraram a ele que ela havia

emigrado do planeta com a sua família logo após seu trabalho no entreposto. O Jedi raciocinou que havia uma boa chance de que qualquer mercadoria retirada do prédio ainda estivesse no planeta, e todos com quem conversava diziam que só havia um lugar para ir vender trabalhos impressos. Se materiais tivessem sido roubados da biblioteca, um possível lugar para encontrá-los era a Boutique Lamplighter, um empório no quarto terraço de Kinnawah Key, de propriedade e operado por um certo Hadden Shrag.

Infelizmente, não era mais um lugar para encontrar o próprio Hadden Shrag. A sua esposa, Pogee, informou Eeth desse fato quando o encontrou na porta. O Jedi ouviu, mas mal registrou. Em vez disso, a surpresa superou completamente a sua famosa polidez e ele respondeu com a mesma pergunta que qualquer um faria:

— *O que é isso em sua cabeça?*

Pogee Shrag gargalhou. Ela e o marido eram Nosaurianos, e como os outros membros dessa espécie reptiliana bípede, as suas cabeças eram coroadas com espinhos escamosos. Isso não era um conceito estranho para Eeth; o seu povo Zabrak tinha chifres próprios, embora não tão proeminentes. Mas os espinhos de Pogee estavam escondidos por pelos. Pelos brancos e ondulantes. Ela sorriu.

— São magníficos, não são?

— Eles?

— *Eles!* — Ela balançou a cabeça vigorosamente de um lado para o outro, e Eeth viu que ela realmente tinha meia dúzia de roedores compridos e flexíveis enrolados em seus espinhos. O seu movimento os fez se mexer, enquanto se enrolavam de um espinho para outro, escorregando por baixo e por cima uns dos outros.

Eeth não conseguia parar de olhar.

— O que *são* esses?

— Filhotes de Boolah. Órfãos, coitadinhos. Estou criando eles. — Pogee deu um chamado guerreiro na língua nativa de sua espécie e estendeu os braços. Um após o outro, os criaturas pularam em seu ombro e desceram ao

longo de seus braços. Por fim, ela tinha três pendurados em cada pulso por seus rabos preênseis. — Você quer ouvir os nomes deles?

— Só vê-los já é experiência o suficiente.

Ela sorriu.

— Venha cá!

Eeth não conseguiu encontrar falhas em sua hospitalidade. A limpeza da casa de sua família era outra história. O Mestre Jedi viu dezenas de filhotes de Boolah dentro, se contorcendo de um lado para o outro. Avistou alguns espécimes maiores pendurados em fixações; presumiu que fossem Boolahs adultos.

Contrariando as suas expectativas, a casa tinha um cheiro floral decente, não ofendendo os seus sentidos nem um pouco. Mas os filhotes de Boolah imediatamente o viram como algo novo a ser explorado, e em segundos ele tinha o seu próprio suprimento.

Tentou ser respeitoso com o que presumia ser seus animais de estimação.

— Por que tantos?

— Ah, eles não são meus, — disse ela, começando a gargalhar novamente. — Boolahs são uma das poucas criaturas nativas em Kwenn. Toda criança quer um, e todo mundo que sai do planeta quer deixá-los pra trás.

Um filhote em sua cabeça abanando o rabo passou pelos seus olhos, Eeth começou a entender a lógica dos emigrantes. Gentilmente retirou a criatura de sua cabeça e lembrou-se do que viera fazer.

— Você disse que Hadden Shrag não está aqui?

— Meu marido foi para uma das luas para se recuperar. Baixa gravidade, sabe.

— Ele está doente?

— Ele não está bem desde que o conheço. — Ela riu novamente.

Eeth não sabia de onde ela tinha pegado seu sotaque, mas parecia normal vindo dela.

— Eu achei a pessoa certa? Estou procurando pelo comerciante de efêmera.

— Você quer dizer a tranqueira?

— Não tenho certeza. O que *você* quer dizer?

— Venha. — Ela pegou um filhote de seu pulso e o jogou por cima do ombro como se estivesse descartando lixo. O animal pousou em pé e pulou para longe.

As criaturas, que Pogee disse terem medo do ar livre, não as seguiriam pelo quintal dos Shrags até o prédio maior ao lado. Isso era bom, pensou Eeth, já que ela disse que era onde ficava a loja de seu marido. Mas estava claro pela maneira como a porta não queria se abrir para dentro que a Boutique Lamplighter não tinha clientes recentemente.

— Não há onde ficar em pé, — ele disse, assim que a porta se abriu.

— Não, não há. Eu te disse, está uma bagunça.

Datapads ultrapassados. Holo livros empoeirados. Caixas transbordando de células de flimsiplast. Documentos emoldurados, com séculos de idade. Até mesmo algum livro ou pergaminho ocasional. As ideias mumificadas de cem mundos pareciam estar em todos os lugares, empilhadas até o teto. Em alguns lugares, literalmente, com vigas segurando o que estava por baixo. Eeth não conseguia ver nenhuma prateleira ou estante de livros em lugar algum, mas não juraria que elas não estavam lá também.

Recebendo permissão de Pogee, entrou cautelosamente, tentando não danificar nada enquanto passava entre as colunas. Eeth meio que se perguntou se o seu marido tinha um problema psicológico, mas ele nunca perguntaria tal coisa. Em vez disso, ele disse:

— Ele deve ter tido um apetite insaciável por conhecimento.

— Hah! O problema dele era que ele via créditos em tudo que entrava. Mas ninguém nunca poderia oferecer o suficiente para ele se separar de qualquer coisa.

Eeth tinha encontrado o tipo, mas nunca alguém como este.

— Você diz que Hadden está se reabilitando?

— A seção de culinária caiu sobre ele. — Em pé na soleira, ela apontou para uma área mais escura do outro lado da sala. — Levou um dia para as pessoas tirarem ele daqui. Mas pelo menos não foi minha a culinária que o pegou! — Pogee riu de sua piada e deu um tapa nas costas de Eeth. Levou todos os reflexos Jedi dele não cair numa calamidade própria.

Deu outro passo cauteloso pra dentro.

— Hadden vai voltar para casa em breve?

— Eu tentei fazê-lo fazer o tratamento de bacta como qualquer outra pessoa, mas ele disse que queria tempo para ler. Acho que ele nunca vai voltar.

Eeth não achou que Pogee parecia muito infeliz com isso. Sabia que *Lamplighter* era um nome pobre para o lugar. Uma vela colocaria o prédio inteiro em chamas num instante.

— Estou procurando, — ele disse, — por materiais que foram vendidos por uma ex-exterminadora da costa norte. Isso teria sido há alguns anos.

Ela resmungou.

— Não faço ideia. Tudo o que posso dizer é que se eles trouxeram um Boolah com eles, provavelmente já têm netos agora. — Ela cruzou os braços. — Você não pode ter esses.

Eeth balançou a cabeça. *Isso é loucura.*

Começou a se virar pra sair quando um dos datapads se mexeu debaixo de seus pés, com o seu estojo dourado piscando na luz da porta aberta. Ajoelhou-se cuidadosamente para inspecioná-lo.

A Sabedoria do Mestre Jedi Fogo Charu.

Eeth ativou o dispositivo e estudou o seu conteúdo. Embora escrito por um Jedi, a 'sabedoria' estava inteiramente relacionada à pesca. Fogo Charu, quem quer que fosse, sabia o que gostava de fazer. Era uma obra menor, com certeza, mas trazia o símbolo impresso de ter circulado pela biblioteca do Montanha Santuário.

Olhou ao redor em vão por mais. Havia simplesmente demais de tudo. Ainda assim, era evidência de que estava no lugar certo.

Eeth se levantou e saiu. Enfrentou-a.

— Este datapad. Foi tirado do meu pessoal.

— Você pode levar, e tudo o mais. Fique à vontade para levar tudo. — Ela o pegou pela gola de sua túnica e fixou os seus olhos gigantes nele. — *Por favor, leve tudo.*

— Eu não posso fazer isso, mas gostaria de continuar procurando. Precisaria arrumar um pouco, se não se importar.

Ela riu novamente.

— Leve todo o tempo do mundo. — Então a sua expressão mudou, e ela cruzou os braços. — Só não leve nenhum dos meus preciosos Boolahs. Não posso me separar deles.

— Entendo completamente. — Ele não entendeu completamente, mas se curvou mesmo assim.

Enquanto a via sair, Eeth lembrou que não tinha todo o tempo do mundo. Já havia vários membros do Conselho em Kwenn, e não havia ninguém melhor para avaliar o que pertencia ao entreposto.

Mas as respostas às suas chamadas ao longo da próxima hora não foram encorajadoras.

— Não, não, Mestre Piell. O seu trabalho com as crianças é definitivamente mais importante, — ele disse na primeira conversa. — Não, por favor, não envie nenhum deles. Duvido que uma lição em identificar o antigo manuscrito Coremaico seja de serviço para eles.

— Deixa pra lá, Mestre Tiin. Os trabalhadores de Kwenn são melhor servidos com você onde está. Mas eu aprecio a oferta de um caminhão de lixo. Talvez mais tarde.

— Obrigado, Mestre Yoda, mas você acabou de chegar. E para ser honesto, eu teria medo de você entrar na sala.

Resignado, Eeth olhou para o comunicador. Qualquer boa ação dele em Kwenn quase certamente se limitaria a ajudar Pogee a limpar depois de seu marido. Claro, provavelmente não era o que Qui-Gon tinha em mente quando desafiou o...

Percebeu. Havia um jeito. Afastou-se do prédio e usou o seu comunicador para chamar pra fora do mundo.

Qui-Gon respondeu.

— Mestre Koth. O que posso fazer por você?

— Uma pergunta apropriada, — disse Eeth. — Você está ciente da missão que as suas palavras inspiraram?

— A visita do Conselho a Kwenn? Eu soube disso pela Mestra Yaddle. — Qui-Gon soou um pouco desconfortável. — Eu não pretendia causar tanto problema para todos.

Eeth achou que isso era pelo menos um pouco discutível, mas nunca teria dito isso.

— Se você quiser ver os resultados de nossa visita, você tem a chance. Eu estou te convocando de volta ao dever. A biblioteca no Montanha Santuário requer a sua atenção.

Qui-Gon soou confuso.

— Estava em perfeita ordem quando eu visitei pela última vez. Certamente o Senescal Voh pode ajudar...

— Você terá que ver por si mesmo. — Eeth olhou ao redor da sala. — E traga o seu Padawan. Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir.

CAPÍTULO 22

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

— Isto é interessante! — declarou Kylah.

Não é como eu descreveria a toca subterrânea de um criminoso mortal, pensou Depa, mas manteve a boca fechada. Ela não estava feliz por Kylah se juntar a ela dentro do refúgio de Zilastra em Valboraan, mas também não queria perdê-la de vista. Neste lugar, ela poderia nunca mais encontrá-la.

Apesar das tendências mais sombrias de Zilastra, Depa teve que saudar a sua inventividade. Nenhuma tentativa foi feita para escavar corredores ou quartos nas paredes de pedra do covil dos Caminhantes da Fenda dentro do sistema de cavernas de Valboraan. Em vez disso, espaços de escritório e de estar foram criados ao esvaziar naves estelares piratas e fundi-las juntas. Sistemas de energia e ventilação, de alguma forma restaurados para funcionamento, tornavam o amontoado habitável para dezenas, se não centenas, de pessoas que Depa viu.

— Não é o Castelo da Maz, mas é meu, — disse Zilastra.

Ela os levou mais para dentro, onde Burlug e IK-111 se juntaram a eles. Havia também um droide de outro tipo, um modelo básico de protocolo do tipo que Depa tinha visto Zilastra e Tokchi trabalhando anteriormente abaixo dos convés. A Jedi estava ficando mais curiosa a cada segundo.

No final de vários corredores, o grupo chegou a uma sala que Depa imaginou que devia ter sido uma cúpula de observação em outra nave. Não havia muito para ver do lado de fora além de paredes de rocha, e pouco

mobiliário dentro também. Apenas uma cadeira de capitão perto da circunferência externa, virada para o centro da sala.

O droide de protocolo se aproximou dela.

— A caixa.

O pedido surpreendeu Depa.

— Você disse que eu não precisava abrir este.

Sentando-se na cadeira, Zilastra dispensou a sua preocupação.

— Eu te disse, é só pra mostrar.

Pra quem? Depa não sabia, mas não conseguia ver o mal, também. Apenas ela poderia abrir o cadeado. Passou para o droide, que o pegou e tomou posição ao lado esquerdo de Zilastra.

Burlug e IK-111 ocuparam as suas próprias posições, e mais capangas entraram para fazer o mesmo. Depa juntou-se a eles perto da parede e tentou descobrir o que estava acontecendo. *Por que isso parece familiar?*

Zilastra chamou Kylah para se aproximar.

— Você quer entrar para este negócio, garota? Aqui está uma instrução, de verdade.

Hipnotizada pelos misteriosos acontecimentos, a garota ficou a alguns passos de distância, à direita da cadeira.

A voz de Tokchi veio de um alto-falante em seu descanso de braço.

— Eles estão na sala.

— Acione, — disse Zilastra.

Um por um, outras quatro imagens piscaram em existência holográfica, formando um anel ao redor do centro da câmara, um Conselho Jedi em microcosmo. Mas ali, as semelhanças pararam. Cada imagem retratava dois seres: um em pé, outro sentado. Os que estavam em pé em cada caso eram droides de protocolo, assim como o que estava ao lado de Zilastra; cada um segurava uma caixa selada da Viagens Real.

Os seres sentados eram outra história. Cada um parecia diferente, assim como as suas cadeiras.

Zilastra falou primeiro.

— Caminhantes da Fenda, — ela declarou, dizendo o seu nome depois.

— Lâminas Envenenadas, — murmurou uma mulher Twi'lek sinuosa numa cadeira felpuda. — Aqui é a Venom Vee.

— Caveiras, — rosnou um Iotran careca e gigantesco com meia dúzia de espinhos de metal saindo de sua cabeça. O objeto manchado de sangue em que ele estava sentado parecia também servir como dispositivo de tortura. — Eu sou o Eviscerador.

— Chefe Executivo Darwoh, — anunciou um humano mais velho e bem vestido sentado numa cadeira de época dourada. — Por todos os Reputações Sujas.

— Os Infames, — disse um Sanyassan de aparência assustadora, sua voz gotejando com malícia. Olhos dourados encaravam de um rosto escamoso manchado com algo negro e oleoso. Era difícil dizer onde terminava o seu choque de cabelo e começavam as peles que ele usava. Juntando as mãos, ele se inclinou pra frente em seu trono de ferro. — Me chame de Bobo.

A discrepância entre o nome e a aparência do último participante provocou risos dos outros. Todos menos Zilastra, que demonstrou preocupação.

— O que aconteceu com Jupas? Ele é o líder dos Infames.

— *Não mais.* — Bobo mostrou um excesso de dentes. — Agora eu estou no comando.

Zilastra deu de ombros.

— Acontece. Isso não muda o nosso acordo.

— Me informe sobre este acordo. — Bobo bateu na caixa que o droide estava segurando. — Este droide apareceu e disse que eu tinha que ligar.

Venom Vee gemeu.

— Lá vamos nós. Toda vez que alguém é eliminado, temos que explicar tudo de novo.

Depa ficou feliz com a mudança de pessoal, apenas porque significava que receberia uma explicação. Darwoh a forneceu com uma elegância que contrastava com a companhia em que ele estava falando.

— É muito simples, meu temível amigo. Os droides vieram até nós meses atrás com uma proposta da Viagens Real. Todas as cinco de nossas

organizações concordaram em não atacar nenhuma de suas naves, seja a linha de passageiros ou o seu serviço de carga.

— Eu sei disso, — disse Bobo. — Coisa mais estranha, mas Jupas nos fez jurar isso. Não nos contou o por quê.

— Estas caixas são por isso, — disse Zilastra. — Pagamentos. Grandes pagamentos, nos mesmos valores para serem entregues no mesmo horário todo mês.

O representante dos Infames olhou para a caixa.

— Isso guarda dinheiro?

— Créditos, gemas, metais preciosos, o que quer que solicitemos, — disse Darwoh. — Mas os valores são iguais. Eu insisti.

— Todos nós insistimos, — disse Zilastra. — O acordo da Viagens Real só dura enquanto nenhum de nós quebrar o acordo. Se um de nós renegar e atacar as suas naves, o acordo está desfeito.

— Eu não consegui abrir a minha, — disse Bobo. — Nem conseguimos escanear para ver o que tem dentro.

— Esse é o truque, — explicou Venom Vee. — Para garantir que todos recebam a sua parte, e apenas a sua parte, cada um dos droides sabe uma palavra da frase de código que abre as caixas.

O autoproclamado Eviscerador falou.

— É um bom negócio. Os Caveiras Empaladas fazem extorsões o tempo todo, mas nada nessa escala.

— De fato, — disse Darwoh. — A Viagens Real é um enorme conglomerado. O seu tráfego de carga sozinho vale uma fortuna. A passagem segura pelo Corte é vital para eles.

— E eles pensaram nisso, — disse Zilastra. Ela parecia satisfeita com o arranjo.

Depa ouviu e maravilhou-se. Os gângsteres estavam certos. Corporações eram extorquidas o tempo todo. Uma extorquindo a si mesma, por ganho competitivo, era uma história diferente, e inaudita nesse tipo de escala.

Mas então os seus olhos foram para Kylah, ajoelhada e assistindo em fascínio. Estes eram exatamente os tipos de caixas que ela vinha roubando

da central da Viagens Real por meses. E Depa acabara de ajudá-la a conseguir mais quatro, além do que o droide ao lado de Zilastra segurava.

Quatro.

Os olhos de Depa saltaram de uma imagem holográfica para outra e depois para Zilastra, que olhou diretamente de volta.

— Chega de conversa, — declarou a líder dos Caminhantes da Fenda. — Vamos a isso.

— Muito bem. — Darwoh juntou as mãos avidamente e dirigiu-se ao droide ao lado dele. — É hora, droides. A frase!

O droide ao lado dele falou.

— Wookiee.

— Colher, — disse o que estava ao lado de Bobo.

— Turbo.

— Relâmpago.

Os olhos de Depa se arregalaram quando tudo se juntou. Ela tinha que dizer algo...

Mas Zilastra falou primeiro.

— *Morte!*

— *Não! Mantenha-os fechados,* — Depa gritou. — *Mantenha...*

Era tarde demais. Ao som da quinta palavra de uma frase de código ouvida ali e em salas por todo o universo, estalos vieram das caixas nas imagens holográficas. Clarões cegantes seguiram, acompanhados por gritos horríveis que eram tanto orgânicos quanto eletrônicos.

E tão rapidamente quanto haviam aparecido, todos os quatro chefes piratas rivais desapareceram. Enquanto isso, a caixa nas mãos do droide ao lado de Zilastra permaneceu trancado. E a pirata não parecia nem um pouco surpresa.

— O que aconteceu? — Kylah perguntou. — Pra onde eles foram?

— Embora, para sempre! — Burlug gritou com alegria. — Havia baradium-357 suficiente nessas caixas para destruir naves inteiras!

— Mas nada aconteceu aqui!

— Eu não diria isso. — Zilastra sacou os seus blasters e apontou para Depa. — Você tinha algo a dizer... *Jedi*?

Os olhos de Kylah se arregalaram, assim como os de Depa. Ela não sabia como Zilastra sabia, mas sabia o que precisava fazer.

— Sim, eu tenho algo a dizer. *Paz, conhecimento, serenidade, harmonia, Força!*

Ao recitar as últimas palavras das linhas do mantra Jedi, a caixa nas mãos do droide, o que Zilastra não tinha desbloqueado, se abriu, surpreendendo-a. O comunicador dentro dele caiu em direção ao chão. O outro item lá não caiu: o sabre de luz de Depa, que puxou para a sua mão através da Força. Ativou a lâmina azul, e precisou fazer isso, já que a chefe pirata começou a disparar.

Depa desviou os tiros na direção de Burlug e do droide assassino, que estavam alcançando as suas próprias armas. Nenhum móvel na cúpula significava nenhuma cobertura, exceto pela cadeira de Zilastra, atrás da qual uma Kylah aterrorizada se escondeu, e os corpos de seus agressores.

Depa tentou usar essa cobertura, pulando alto no ar e pousando atrás de dois dos outros Caminhantes da Fenda. Cortando a arma de um e derrubando outro, ela usou os seus corpos como tela para permitir que ela se aproximasse de IK-111 e Burlug. Ela jogou o droide pra trás com a Força e atacou Burlug, desequilibrando-o e bissectando a sua arma. A única maneira de escapar do combate era ser a última pessoa de pé.

Mas havia outra pessoa, cujo grito ela ouvia agora sobre o barulho. Vinha de Kylah, encolhida atrás da cadeira.

Zilastra a segurava pelo cabelo, com uma blaster na cabeça.

— Acabou, Jedi!

A ponta da lâmina de Depa brilhava na nuca de Burlug.

— Solte a garota!

Zilastra puxou o cabelo da garota com mais força, produzindo lágrimas.

— Não vai acontecer. Não adianta. — Mais de seus guardas apareceram na porta. — Rendam-se, agora!

Depa queria gritar de volta que não achava que Zilastra faria isso, mas se lembrou de como ela havia lidado com os atacantes de volta a Keldooine. Kylah gritou.

Não havia mais nada a fazer. Depa deu um passo pra trás, desativando o seu sabre de luz. Ela o manteve em sua mão até ver Zilastra chamar os seus capangas.

— Peguem ela viva. Eu tenho perguntas!

Também tinha Kylah, a quem ela liberou. A garota se afastou e enxugou os olhos.

— Por que você fez isso? — ela perguntou a Zilastra.

— Eu tive que fazer. Eu te disse. Ela é uma Jedi.

A garota piscou, ainda processando. Ela olhou para Depa.

— Você é uma Jedi?

Depa permaneceu imóvel enquanto Burlug se aproximava e pegava o seu sabre de luz. Ela encarou Zilastra.

— Como você sabia?

— Eu não sabia, não no começo. Você fez um bom teatro. Mas é como qualquer jogo, eu precisava encontrar a jogada que fizesse você revelar a sua mão. E você acabou de fazer isso. — Zilastra sorriu para Kylah. — Sem ressentimentos, garota. Quatro chefes e uma Jedi em trinta segundos, fizemos história hoje!

CAPÍTULO 23

RAYLEY KEY

KWENN

— O que foi, Mestre Yoda?

De pé no parque mais famoso de Kwenn, os Caminhos da Harmonia, Yoda abriu os olhos e olhou para Adi Gallia.

— Um pensamento, eu tive. Sofrendo uma dor grande e repentina, muitas pessoas estão.

O rosto de Adi ficou sério.

— Aqui em Kwenn?

— Não. Muito claro, isso está.

Yoda exalou. Por todos os presentes que a proximidade com a Força proporcionava, os avisos que sentia através dela poderiam vir a qualquer momento e em qualquer lugar. Mesmo aqui, num lugar que tinha aprendido a amar anos antes. Havia aprendido a conviver com isso.

— Pausa no caminho, — disse Adi, e sob os seus pés, a seção da passarela automatizada em que estavam parou de se mover. — O Mestre Windu está viajando com o esquadrão da Depa, — ela disse, com um comunicador na mão. — Devo alertá-lo?

— Isso, ele certamente sentiu. Mais perto, ele está.

Adi guardou o dispositivo e fechou os olhos. Alguns segundos depois, ela os abriu e balançou a cabeça.

— Vejo aflição em muitos lugares ao mesmo tempo. Mas esta região é conhecida por isso. — Ela soltou um suspiro profundo. — Isso é tudo. A minha mente está muito confusa.

Yoda sabia que aquilo era culpa dele. A Ordem Jedi tinha uma estrutura bem estabelecida para lidar com as complexidades mundanas da vida, para que os seus membros mais sábios pudessem se concentrar nos mistérios da Força. Mas alguns assuntos eram tão delicados que apenas um membro do Conselho Jedi poderia lidar com eles, e depois de centenas de anos de serviço, o seu apetite por minúcias havia diminuído.

Adi era uma mestra talentosa por mérito próprio, tanto como lutadora quanto como diplomata. Ela não merecia passar tantas horas ajudando um colega mais velho quando poderia estar forjando o seu próprio futuro. Yoda tinha dito isso a ela muitas vezes. No entanto, nada poderia dissuadi-la de querer ajudar, mesmo que isso tivesse um custo.

Mas se houvesse algum lugar que pudesse restaurar o espírito, era o lugar onde estavam. Yoda fez um gesto para os jardins.

— À situação em que estamos, nossa atenção pertence.

Uma das primeiras coisas que os restauradores de Kwenn precisaram considerar durante a Grande Renovação foi como lidar com as diferenças de elevação nas montes mais altos. Terraços se tornaram o principal elemento topográfico, e eles trabalharam em torno do que antes eram montes de detritos de maneiras inteligentes, empregando técnicas não encontradas em nenhum outro lugar da galáxia. A expressão mais interessante disso eram os Caminhos da Harmonia, um parque em Rayley Key que combinava tecnologia com horticultura.

— Retomemos o caminho, — disse Adi, e eles começaram a se mover novamente. — Vejo por que você gosta deste lugar.

Yoda riu.

— Isso, eu sugeri!

Os Caminhos da Harmonia eram passarelas automatizadas disfarçadas de trilhas naturais, então todos que estavam sobre elas se moviam no mesmo ritmo. Os visitantes tinham a capacidade de controlar as velocidades das subseções em que estavam com comandos falados. Outra inovação inteligente esperava os visitantes nos muitos pontos de observação que interrompiam as passarelas. A área dentro do corrimão de observação era dividida em várias seções que se elevavam do chão, equalizando as alturas

de todos que estavam ali. As pessoas podiam ver a beleza natural de Kwenn, enquanto dos dois lados, podiam olhar para os rostos de seus vizinhos, independentemente de suas diferenças de estatura.

Por mais que fosse um truque, Yoda apreciava o esforço que tinha sido feito.

— Estou acostumado com a vida do meu tamanho. Mas aqui, todos que caminham são iguais.

— E a beleza está por toda parte, — disse Adi, fazendo um gesto para as árvores floridas em flor. Famílias caminhavam à frente, crianças ao lado de seus pais, maravilhadas. Adi suspirou. — Como um lugar assim poderia estar em aflição?

Yoda sabia que ela já tinha a resposta. Adi tinha lido as estatísticas sobre Kwenn na recomendação do gabinete do Chanceler, tinha visto os sinais de declínio durante o voo. Mas ficou contente em ouvir que ela tinha enxergado além disso.

Além da folhagem, o caminho deles terminou juntamente com vários outros num mirante. O cais podia ser visto, mais abaixo. As ilhas e as suas pontes de ligação pareciam adoráveis contra o horizonte. O sol de Kwenn estava começando a se esconder por trás de Capital Key, a ilha em que estava o entreposto Jedi. Uma dúzia ou mais de pessoas se alinharam diante da parede externa para assistir, dando comandos vocais para ativar os elevadores que elevavam os seus pés. Os espectadores olhavam para fora como um só.

Yoda notou que a pessoa à sua esquerda não estava olhando para o sol, mas pra baixo, para a água lá embaixo. Era um Sullustano, aproximadamente a meio caminho entre a altura dele e a de Adi, e o Mestre Jedi podia sentir a sua agitação.

— Um lugar bonito, — disse Yoda.

Por um segundo, o Sullustano agiu como se não ouvisse. Então ele olhou para a direita e encarou o rosto de Yoda. Vendo bondade, ele falou.

— Isso *é* bonito. Apenas duas semanas do ano o sol passa por trás do Monte Santuário daqui.

— Somos afortunados por estar aqui hoje. Eu sou Yoda. Esta é Adi Gallia.

O Sullustano se curvou.

— Eu sou Lyal Lunn.

— Você vive em Kwenn?

— A minha vida toda. — Lyal fez um gesto para aqueles que observavam o mar. — Costumávamos ter cinquenta pessoas ou mais para os pores do sol. Nos dias comuns.

— Eu me lembro, — respondeu Yoda. — Não havia caminhos suficientes para todos.

— Mas as pessoas se alinhavam mesmo assim. Elas vinham de outros planetas. — Lyal sorriu com nostalgia. — O meu pai especialmente adorava vir aqui. O seu hobby era fazer holos dos pontos turísticos de Kwenn, mas nunca aqui. Ele dizia que não havia como capturar a beleza. Tenho medo de que ele não saia mais. — Ele suspirou e balançou a cabeça, antes de olhar para os Jedi. — Suponho que vocês não sejam de Kwenn?

Adi sorriu para ele.

— Somos de Coruscant.

— E eu pensei que tinha vindo de longe. — Lyal apontou para a ilha distante, agora mergulhada na sombra. — Eu trabalho com relações de artistas na arena em Gala Key.

Yoda sabia disso.

— Vi sendo construído.

Lyal riu.

— Isso foi há muito tempo. É bem antigo agora, como muita coisa aqui. Os nossos sistemas se deterioraram, nem podemos obter peças para algumas coisas.

— Isso prejudicou a presença nos eventos? — Adi perguntou.

— Não podemos nem *fazer* os eventos. Não podemos realizar nenhuma das óperas modernas. Muitos atos musicais não vêm mais para Kwenn apenas por causa de onde fica, praticamente temos que dar o mundo para trazê-los aqui. E não podemos garantir as plateias como antes podíamos. As pessoas estão em movimento.

Yoda sentiu a preocupação emanando de Lyal. À noite era quando a arena fazia a maioria dos seus negócios, no entanto, ali estava ele, observando as Cidades de Gemas afundarem na escuridão.

Adi aparentemente sentiu a mesma angústia e viu nela uma oportunidade.

— Lyal, você acha que haveria uma abertura para um evento na arena num futuro próximo? Eu sei que está em cima da hora.

Lyal bufou.

— Diga o dia, provavelmente está disponível. — Ele olhou para ela. — O que é, uma celebração de nascimento? Aniversário?

— Os dois.

— O local é realmente grande demais para essas coisas, mas é tudo o que temos recebido ultimamente.

— Quantas pessoas cabem?

Ele riu.

— Bem, vinte mil. Mas é claro, vocês não precisarão acomodar tantas.

— Pelo contrário, — disse Adi. — Precisaremos de mais.

— Mais? — Lyal estava perplexo.

— Há espaço do lado de fora?

— Bem, há terrenos de festival ao redor.

— Ótimo. Vamos complementar com meios eletrônicos para aqueles nas ilhas mais distantes, ou para os que estão em casa.

Yoda sorriu.

— Sim, todos são bem-vindos. Afinal, é o aniversário de Kwenn.

Lyal riu.

— Uma festa para Kwenn? Isso é impossível. — Ele recuou, começando a se ofender. — Você está brincando comigo. Quem você pensa que é?

— Jedi, — disse Adi. — São os Jedi que desejam uma celebração.

Lyal encarou.

— Vocês dois trabalham para os Jedi?

Yoda assentiu.

— Nós trabalhamos pra todos.

Lyal olhou para o mar, bem a tempo de ver a luz vinda do farol no topo do entreposto Jedi. Um aplauso isolado veio dos outros na área de observação enquanto a Chama Inextinguível brilhava novamente.

Sincronia fortuita, coincidente, e parecia deixar o Sullustano atordoado.

— Vocês são realmente Jedi?

Yoda e Adi se olharam. Seria fácil exibir um sabre de luz ou fazer um truque. Mas ele tinha algo mais em mente.

— O senescal ainda está perto do braseiro.

— Entendido. — Adi acionou o seu comunicador. — Senescal. Azul, por favor.

— Claro, Mestre.

Ela fez um gesto para Lyal olhar novamente para o entreposto. Após um momento, a luz no topo dele brilhou num azul brilhante, resultado de um punhado de pó lançado sobre a chama pelo zelador. Um sinal antigo, e que fazia maravilhas com Lyal.

O Sullustano sorriu.

— É verdade!

A mudança em sua expressão aqueceu o coração de Yoda.

— Estamos falando sério. Gostaríamos de usar a sua arena.

Agora levando a sério, Lyal pareceu concentrado.

— Não sei se é possível realizar tal evento, não em nosso local. Isso exigiria muito trabalho. E a promoção...

— Não estamos sozinhos aqui, — disse Adi. — Somos hábeis em fazer as coisas acontecerem.

— Vocês terão que ser. — Lyal compartilhou com ela as informações de contato do responsável pelas reservas da arena. — Liguem agora, mas depois eu iria pessoalmente. Não acho que ela acreditará em vocês se não forem. — Ele apontou para o entreposto. — A menos que vocês tenham mais truques como aquele!

Adi agradeceu e se afastou.

Yoda observou Lyal. A notícia tinha momentaneamente levantado seu ânimo, mas o Mestre Jedi podia sentir uma nuvem retornando.

— Algo te incomoda?

— Não é nada.

— Você ficou bravo antes.

— Desculpe por isso. Eu pensei que vocês estavam brincando comigo.

— Não naquele momento. — Ele olhou para Lyal. — Você reagiu quando minha colega disse 'os que estão em casa.'

Olhos escuros olharam para a costa envolta em sombras abaixo.

— O hospital mandou o meu pai pra casa.

Yoda assentiu.

— Ele está muito doente?

— Ele é idoso. Cada doença o ameaça, e tem sido custoso. Ele não pode ir aos lugares que amava, como este. Eu o trouxe para a minha casa.

— E a sua família.

— Ele *é* a minha família. E eu sou dele. Mas ele precisa de cuidados constantes. — Ele olhou pra cima. — Acho que todos precisamos, alguma vez. Mas ainda assim...

— Ele começou a sua vida, e ele a pausou. Você sabe qual é o seu dever, mas também sente culpa por se sentir incomodado com isso.

Ele olhou para Yoda e assentiu.

Yoda falou com compreensão.

— É difícil pensar além de nós mesmos. Não recebemos nenhum reconhecimento. Mas em tais atos, a alma mais pobre encontra a nobreza. — Ele cutucou suavemente Lyal no peito. — Você é um bom filho.

Um sino de aviso tocou, e as luzes se acenderam por todo o parque. A vantagem de altura de Lyal sobre Yoda se manifestou lentamente à medida que as plataformas de observação em balanço se moviam de volta para um estado achatado para que todos pudessem sair em segurança. Os Caminhos da Harmonia estavam encerrados por mais um dia.

Os outros visitantes partiram, mas uma figura encapuzada permaneceu sob uma das luminárias longe de onde estavam. Lyal olhou naquela direção antes de se virar para Yoda.

— Há alguém que eu preciso ver aqui. Mas eu aprecio vocês terem conversado comigo, e definitivamente os seus negócios. — Ele olhou para

ver que Adi havia terminado a sua ligação. — Espero que nos encontremos novamente.

Yoda se curvou.

— Boa noite.

Enquanto Lyal caminhava lentamente na direção onde o seu acompanhante o aguardava, ele olhou de volta através das sombras para eles mais de uma vez.

Adi se aproximou de Yoda.

— A ligação foi feita. A notícia de Lyal é boa. Temos uma reunião esta noite.

— Tão rápido?

Adi assentiu.

— É como você disse. Às vezes a Força provê.

Às vezes ela provê, pensou Yoda. Mas enquanto observava Lyal, perguntava-se se isso era realmente um daqueles momentos.

CAPÍTULO 24

A BORDO DA *GARANTIA*

NEBULOSA AKLASIANA

— Fogo! Fogo! Fogo!

Mace mal ouviu as palavras do Capitão Baylo enquanto corria de volta para a ponte. Enquanto caçavam piratas numa nebulosa, a *Garantia* finalmente viu a ação que Baylo havia buscado, e vários deques da corveta estavam queimando como resultado.

Inicialmente, a sua incursão na nebulosa na rota Ootmiana parecia mais um desperdício de tempo enquanto continuavam a esperar notícias de Depa Billaba. Uma nave de reconhecimento pertencente às Lâminas Envenenadas estava bisbilhotando na nuvem. Baylo esperava que ela entrasse no hiperespaço antes que a *Garantia* entrasse no alcance das armas. Mas ela havia permanecido além do tempo em que deveria ter sentido a presença da corveta. Mace e Baylo perceberam algo errado ao mesmo tempo, mas tarde demais. Uma nave de guerra dos Lâminas Envenenadas atacou de dentro da massa nebular, de acordo com a reputação de engano do bando.

Embora bem liderada, esta iteração da tripulação de Baylo era inexperiente, e os danos à *Garantia* rapidamente se acumularam. O perigo escalou tão rapidamente que o capitão não pensou duas vezes em permitir que Mace substituísse um oficial de armas ferido. As ações do Jedi contiveram a nave inimiga, até que a ponte perdeu todo o controle de fogo. Com os propulsores danificados, a única pergunta que restava era se os Lâminas iriam para a captura ou para o abate.

O Jedi chamou:

— Capitão, selamos o hangar de pouso. Não estamos mais ventando para o espaço.

— Cauterizamos o ferimento. — Baylo curvou-se sobre um painel de controle faiscante, desocupado por um oficial de navegação que ainda estava inconsciente no convés. — Preciso dessas armas e motores de volta a ativa, agora!

Mace olhou para a frente pela janela. Por alguma razão, os Lâminas haviam parado de atirar, mas Baylo estava ansioso para se engajar novamente. Mace disse:

— Você não pode querer continuar a luta. Precisamos chegar à segurança.

— Não me diga o que fazer! — Baylo digitou furiosamente, tentando fazer alguma coisa acontecer. — Tenho feridos. Eles não vão sair impunes!

Mace sabia que os Lâminas Envenenadas teriam vantagem em qualquer novo engajamento, mas não havia como dizer isso ao capitão. Ele se ajoelhou e começou a cuidar do tripulante ferido.

— Nellis está vivo.

— Mantenha-o assim, ou os seus pais vão nos matar!

Mace considerou as poucas opções que restavam. Uma ação de abordagem, poderia lidar. A outra perspectiva era algo que não sabia como...

— Está acontecendo alguma coisa, — disse Mace, com os seus sentidos alerta. — Algo mudou.

Baylo olhou perplexo enquanto as naves dos Lâminas viravam rapidamente.

— O que...?

Mace não tinha respostas para o capitão. Por algum motivo, os Lâminas os abandonaram e estavam gritando em direção à borda da nebulosa.

— O alvo foi para o hiperespaço, — disse um oficial.

— Você sempre diz isso, — rosnou Baylo. Ele desistiu do console e bateu com o punho nele. — Malditos sejam!

Ele se afastou do painel. Um oficial júnior, machucado e enegrecido pela fumaça, assumiu o leme prontamente e pediu ordens. Baylo ordenou que a

Garantia deixasse a nebulosa com qualquer meio de propulsão disponível.

— Abra uma escotilha se precisar.

— *Capitão*, — disse Mace, olhando pra cima enquanto cuidava do tripulante ferido. Não era a coisa certa para Baylo dizer, não com as cabines despressurizadas e tripulantes sofrendo ao fundo. Mace não disse mais nada, apenas mantendo o seu olhar fixo no homem mais velho.

Admoestado, Baylo baixou um pouco a voz.

— Você estava abaixo do convés antes. Como estão os garotos lá atrás?

Mace queria ser diplomático.

— Estão tentando.

— Nunca iam aguentar sob fogo.

— Mas aguentaram, como nós sobrevivemos. A sua tripulação se saiu admiravelmente. — Mace olhou ao redor da ponte. — Especialmente aqui.

— Porque eles podem me ver. — Baylo olhou para ele. — E você.

Mace não sabia o que pensar sobre isso. Mas o capitão o ajudou a levar Nellis para uma maca à espera.

A *Garantia* estava incomunicável com o mundo exterior não por causa da nebulosa, mas devido a um tiro em sua antena receptora, um evento que produziu um retorno explosivo ferindo o seu oficial de comunicações. O jovem Veers havia assumido o lugar de seu mentor lá, mas não havia muito que ele pudesse fazer. O dano significava que não houve comunicação com os piratas que os atacavam, nem qualquer explicação sobre por que haviam fugido quando a vitória estava ao alcance das mãos.

— Não entendo, — disse Baylo enquanto os médicos levavam Nellis embora. — Eles nos pegaram. Eles nos pegaram!

— Hiperdrive disponível em cinco minutos, — veio um chamado pelo intercomunicador.

Mace olhou pra frente. A *Garantia* estava apenas saindo da nebulosa.

— Capitão, não estamos nem perto de estar prontos para...

Uma voz rachada veio pela estibordo.

— As comunicações estão de volta.

Baylo e Mace viraram-se para Veers, apenas para ver o recruta parecendo muito menos confiante. Baylo franziu o cenho.

— *Então?*

— Desculpe, Capitão, estamos recebendo muitos alertas ao mesmo tempo. Mensagens urgentes para nós em muitos canais diferentes.

Mace assentiu.

— O acúmulo.

— Parece que dois, não, três rastreadores piratas no setor se desvincularam das naves que estavam perseguindo e partiram, — disse Veers.

— Boas notícias.

— Um cargueiro SoroSuub relata ter testemunhado uma explosão numa estação espacial privada. Muitas vítimas.

— Deixe-me ver isso, — disse Baylo, movendo-se para o lado do jovem, mas sem afastá-lo. Ele olhou fixamente. — Puxa vida. Isso é no espaço dos Lâminas Envenenadas. Não é de se admirar que tenham partido tão rápido!

Mace achou uma resposta suficiente, mas as coisas se complicaram quando o aprendiz encontrou outra coisa.

— O canal de socorro dos viajantes da República relata que uma nave em órbita ao redor de Ord Jannak explodiu.

— Ord Jannak? Estava sob fogo? — Mace perguntou.

— Não de acordo com o relatório.

— Falha? — Baylo perguntou.

Mace franziu o cenho.

— Em outro momento, eu poderia considerar isso. Agora não tenho tanta certeza.

Veers viu algo que o fez empalidecer. Ele pigarreou.

— Um arranha céu em Keldooine explodiu.

A notícia atingiu a ponte como um torpedo.

— *Explodiu?* — Baylo perguntou.

— Sim, Capitão. Os dez níveis superiores.

Mace se dirigiu para um conjunto adjacente de terminais. Os outros desastres eram ruins. Isso era potencialmente catastrófico para milhares, e para uma pessoa.

— A Mestra Billaba estava por último em Keldooine. — Mace manuseou os controles. — Traga-nos os informativos do planeta, rapidamente!

Mace observou a carnificina e os droides de combate a incêndios lutando para responder.

— Área urbana. Distrito de Horoja?

Baylo coçou o queixo e pensou por um momento.

— Conheço essa cidade. As corporações se retiraram de lá há dois anos. Agora é território dos Reputações Sujas. — Ele olhou para o visor e depois para Mace.

— Oito quarteirões em chamas. Ela poderia estar lá?

Mace concentrou-se. Havia sentido angústia através da Força durante o ataque à *Garantia*, que então aumentou na época da explosão relatada. Agora não conseguia mais dizer. Queria muito ir, responder à crise, mas a Ordem Jedi não confiava nele por causa de como respondia aos seus desejos. Ela queria algo mais dele.

Certeza.

Baylo o viu olhando para o espaço e balançou a cabeça perplexo. Ele caminhou atrás do operador do leme.

— Configure o computador de navegação para as coordenadas de Keldooine!

Mace olhou para ele.

— Revogue essa ordem.

— O quê? — Baylo explodiu. — Isso não é decisão sua, Windu!

Mace soube instantaneamente que havia se esquecido de si mesmo. Mas algo maior estava acontecendo, e não era apenas em Keldooine.

— Capitão, devemos manter a posição.

— Manter a posição? — Baylo sputou. — Eu sabia que você era um sujeito frio, Windu, mas há pessoas em perigo lá. Incluindo a pessoa que fui contratado para escoltar. Claro, provavelmente são muitos piratas que estão queimando, mas a Mestra Billaba...

— Pode não estar lá. E se estiver, já está no local, ajudando pessoas, sejam elas piratas ou não.

— E se ela não estiver?

— As autoridades locais...

— São uma piada. E o por que disso? — Baylo olhou fixamente para ele. — *Porque vocês deixaram.*

Mace travou o olhar com o capitão. Ele sentia o perigo para as pessoas em Keldooine, mas também podia sentir outros pontos de tensão. A razão sempre havia guiado suas ações, e fazia isso agora. Palavras calmas eram a única resposta.

— Capitão, a sua tripulação está ferida, e seja lá o que for, não é uma equipe de resgate. Você deve ver que há algo mais acontecendo. *E não é apenas em Keldooine.*

Os olhos de Baylo se estreitaram. Ele chamou sem se virar.

— O que você está ouvindo, cadete?

O jovem falou novamente.

— Mais tráfego do canal de comboio. Relatos de tiroteios em vários locais no espaço. Participantes não identificados.

Baylo olhou novamente para as imagens dos incêndios em Keldooine.

— Sistemas restaurados, Capitão, — disse o operador de leme substituto. — Pra onde vamos?

Baylo praguejou para Windu.

— Você está certo, droga.

Mace ergueu uma sobrancelha.

— Estou?

O capitão coçou o queixo.

— Pessoas como eu têm lidado com crises há séculos. Um bombeiro vai para um incêndio. Um médico vai para um paciente. Mas uma nave militar...

— Não vai direto para o que pode ser uma provocação. — Mace considerou todos os relatos de incidentes. — Nem mesmo sabemos qual é a provocação.

— Quando não sabemos, não vamos. — Baylo deu um passo à frente e se virou para a tripulação da ponte. — *Garantia*, estamos recuando. Vamos cuidar dos feridos e consertar essa lata velha.

Mace respirou fundo e verificou o seu comunicador. Era raro a calma do Mestre Jedi vacilar, e isso quase nunca acontecera desde que se juntou ao Conselho Jedi. Mas este incidente havia testado a sua reserva. Não estava sentindo Depa, e ainda não havia mensagem dela. Mas isso não significava o pior.

Acionou o dispositivo.

— Alguns dos meus colegas ainda estão a caminho de Kwenn. Vou alertar a todos sobre o que aconteceu. Se Keldooine precisar deles, eles responderão.

— Espero que saiba o que está fazendo, Windu.

— Eu também espero, Capitão. Eu também espero.

CAPÍTULO 25

LANGDAM KEY

KWENN

— Eu quero o monte de gelo.

— Um monte de gelo do Cometa Saboroso. — O vendedor de sobremesas congeladas no mercado do porto em Langdam Key olhou pra cima de sua carroça para Ki-Adi-Mundi. — Que sabor de monte de gelo será, senhor?

— Gelo.

— Gelo?

— Sim, eu disse isso, — respondeu Ki-Adi-Mundi. — Um monte de gelo.

O Mestre Jedi conhecia os problemas ocasionais de Even Piell em ser entendido. Não tinha tais problemas. A sua dicção era impecável. Aqui em Kwenn ou em qualquer outro lugar, se uma pessoa entendesse o Básico Galáctico, ela entenderia o Jedi Cereano.

No entanto, o operador do carrinho Cometa Saboroso ainda estava tendo problemas.

— Você só quer gelo. Sem aromatizante.

— Gelo *é* um aroma.

— Se você diz. — O vendedor suspirou e pegou um monte de cristais de gelo de sua carroça flutuante e os colocou num cone. Ele entregou para o Jedi. — Isso será, — Ele pausou.

— Tem algo errado?

O vendedor coçou a cabeça.

— Nós cobramos pelo aromatizante. Não há um preço para o gelo.

Ki-Adi-Mundi olhou para a sinalização na carroça.

— Isso *é* um descuido. Um que você provavelmente deveria corrigir. — Ele colocou um crédito na mão do vendedor de qualquer maneira. — Para ajudar na confecção de uma nova placa.

O Mestre Jedi se afastou do vendedor, sentindo-se bem por ter ajudado alguém. Não entendia o que Qui-Gon Jinn sempre falava. Os membros do Conselho eram prestativos onde quer que fossem.

O mercado do porto em Perro Quay ainda parecia próspero. As condições de vento aqui tornavam o dia ensolarado mais aparente, e várias famílias circulavam, aproveitando-o. E se não houvesse tantos visitantes quanto ele havia visto em anos anteriores, eles pareciam felizes o suficiente.

Ki-Adi-Mundi aproveitava o intervalo que isso oferecia enquanto direcionava os seus pensamentos para outros lugares menos afortunados. Estava ciente de histórias de tumultos em sistemas próximos, mas o que o surpreendeu foi a explosão em Keldooine. O Mestre Windu havia enviado um alerta sobre isso da *Garantia*, a nave de patrulha a bordo da qual ele estava, e Yarael Poof desviou a sua nave para o planeta para oferecer ajuda.

Pelo que Ki-Adi-Mundi ouvira, a tentativa do Mestre Yarael de ajudar havia sido rejeitada pelos sobreviventes dos Reputações Sujas. Isso não surpreendeu Yarael, nem ninguém mais. Os criminosos estavam atordoados com o que provavelmente era um ataque. Não foi surpresa que eles tenham fechado o acesso ao seu território. Frustrantemente, a República não emitiu nenhum alerta em relação a esses lugares, deixando as coisas nas mãos locais. Como tal, nenhum dos Jedi em Kwenn havia deixado o planeta, ou as suas preparações.

Por mais preocupado que estivesse com os eventos em Keldooine, ficou feliz por Yarael não ter chegado com ele. Os dois haviam sido destacados para ficarem juntos demais ultimamente, e a disposição do Quermiano havia se tornado mais excêntrica ao longo dos séculos. Ki-Adi-Mundi não era de pedra, mas achava que o cargo exigia um pouco mais de decoro. E Kwenn precisava de atenção séria. Era um mundo que a Ordem não havia

abandonado, pelo menos não ainda, e isso tornava o evento que estavam planejando mais importante do que nunca.

Ao virar a esquina, encontrou vários quiosques móveis especializados em almoços prontos. Ki-Adi-Mundi não era um esteta, mas conseguia inferir a popularidade pelo número em cada quiosque, a competência pela rapidez das filas e a satisfação pela expressão dos que saíam. Determinando a melhor opção, curvou-se para um dos operadores, uma Snivviana.

— Estou procurando uma empresa para fornecer alimentos para um evento que será realizado em breve.

— Muito bem, — disse a mulher. — Qual é a data?

Ki-Adi-Mundi compartilhou a informação, que ela inseriu em seu datapad.

— Isso não deve ser problema, — disse ela. — Quantas pessoas vamos atender?

— Eu quero ser preciso. Aproximadamente vinte mil dentro. Outros cem mil em vários pontos de observação externos pelas ilhas.

Ela olhou para Ki-Adi-Mundi.

— Você está louco.

— Eu lhe asseguro que ambos os meus cérebros estão em perfeito estado de funcionamento, de acordo com o meu último exame físico.

— Você quer cem mil almoços?

— Cento e vinte.

— Cento e vinte mil almoços.

— Talvez precisemos de jantares também. Não sabemos quanto tempo o evento vai durar. — Ele olhou ao redor. — Você pode fornecer esse serviço?

— Não sozinha. — Ela o encarou. — Você tem certeza de que há tantas pessoas dispostas a comer?

— Oh, os almoços serão de graça.

Ela riu.

— Não, não serão.

A voz de Ki-Adi-Mundi subiu.

— Uma celebração do tipo que pretendemos deve ser aberta a todos. Queremos que a nossa mensagem seja ouvida e atender às necessidades de nossos ouvintes, tanto mundanas quanto espirituais.

— Mundanas e espirituais. — Ela coçou a cabeça. — E quem vai pagar?

— A Ordem Jedi.

Ela fechou os olhos e massageou a testa.

— Tem algo errado?

— Não, foi só uma manhã longa. — Ela abriu os olhos e fez uma marca em seu datapad. — Vou precisar ver uma forma de identificação.

Ki-Adi-Mundi pensou por um momento. Nada mais ocorrendo a ele, desprendeu o sabre de luz do cinto e o acendeu.

— 'Ordem Jedi', — ela disse enquanto fazia sua anotação. — Bem, desde que o seu crédito seja bom.

Depois que desativou a arma, ela pegou o restante de suas informações de contato.

— Vou falar com algumas pessoas e depois volto para você. — Ela olhou para o cone em sua mão. — Seu gelo está derretendo.

De fato, ele viu. Ki-Adi-Mundi endireitou-o e aventurou-se de volta para a multidão.

Estava prestes a experimentar o monte de gelo quando, sem aviso, uma mulher alta Yarkora num vestido floral irrompeu da multidão. Cabelos bem arrumados enquadravam o seu longo focinho e narinas largas, e ela usava um sorriso enorme.

— *Olá!* — ela gritou.

Ki-Adi-Mundi olhou para ela com leve desinteresse.

— Saudações.

Ela olhou pra trás antes de encará-lo.

— E qual é o seu nome?

— Ki-Adi-Mundi.

— Você diz as coisas mais maravilhosas! — Longos braços cor de tan seguraram o Jedi surpreso, puxando-o para um abraço.

Olhou para além dela para a rua.

— Eu deixei cair o meu monte de gelo.

— Você comprará outro. — Ela o soltou. — Você comprará um pra mim também. Não vai, querido?

Ki-Adi-Mundi tentou se afastar.

— Eu temo que você me tenha confundido com outra pessoa.

— Oh, eu nunca poderia querer outra pessoa. Que perfil você tem. Essa estrutura robusta. Essa barba. — Ela acariciou o lado do rosto dele. — Essa cabeça!

O Mestre Jedi olhou ao redor, envergonhado pela demonstração de afeto. Era uma sorte que ninguém o conhecesse aqui, e que os seus colegas do Conselho Jedi não estivessem por perto. Isso teria sido pior que a morte.

Ainda assim, preferia não agir abruptamente. Se ela estivesse passando por instabilidade mental ou emocional, isso poderia causar um retrocesso. Então teve cuidado ao tentar escapar dela.

— Desculpe, mas você deve...

— Chega! — Um Yarkora de aparência robusta saiu de uma loja na direção deles. Ele parou diante do par e examinou Ki-Adi-Mundi. — Ahá! Um Cereano! — Ele encarou a mulher. — A verdade, Varralis! Ele é o daquela conferência de vendas?

— Eu não vou te dizer nada! — A fêmea se agarrou mais firmemente a Ki-Adi-Mundi. — Nos deixe em paz, Aptorr!

O Jedi ergueu as mãos.

— Bons cidadãos, eu não tenho...

O homem que ela chamara de Aptorr gritou:

— Uma história convincente!

— Eu não contei nenhuma história.

— É isso aí! — Aptorr bateu o punho na mão. — Eu não sei quem você pensa que é, mas vamos lá!

— Ir? Ir aonde?

— Bem aqui. — Ele apontou para o chão. Pisou no monte de gelo caído e o pulverizou com o sapato. — Essa será a sua cabeça se você não deixar Varralis ir!

Desta vez, o Jedi conseguiu se libertar dela. Havia uma multidão ao redor agora.

— Eu lhe digo, nunca vi esta pessoa antes.

— Então o que você está fazendo, assediando ela?

— Assediando?

Aptorr apontou para Varralis.

— Ela e eu estamos tendo uma desavença. Isso não tem nada a ver com você, e agradeço que você se mantenha fora disso.

— Seria um profundo prazer meu, — disse Ki-Adi-Mundi.

Varralis estendeu a mão, impedindo-o de sair.

— Deixe Kee-Odee-Modee em paz, Aptorr. Nós terminamos.

— Terminamos? — Aptorr pisou no chão novamente. — E as crianças?

Com dificuldade, Ki-Adi-Mundi recuperou o braço.

— Estou entendendo que vocês têm uma família juntos?

— Família, sim; juntos, não. — Varralis encarou Aptorr. — Eu sou a sua sócia comercial há vinte anos. Nós temos uma casa juntos. Temos cinco filhos.

Aptorr colocou as mãos nos quadris.

— Você esqueceu das hipotecas, dos empréstimos comerciais, o seu pai no sótão e uma árvore cheia de boolahs!

Ki-Adi-Mundi piscou.

— Boolahs?

— E nenhum deles foi treinado para fazer as necessidades no lugar certo!

O Cereano colocou a mão na parte de trás do crânio.

— Estou perdendo informações vitais.

O casal continuou a discutir entre si. Ki-Adi-Mundi considerou fugir. Havia uma saliência à esquerda, sobre a qual uma queda de vinte metros levava à costa abaixo. Mas havia cipós que poderia usar para escapar. Era isso que o Mestre Tiin faria num piscar de olhos, e não poucos outros membros do Conselho.

Então outro pensamento o atingiu. *O que Qui-Gon faria?*

Aproximou-se do casal, que agora estava cara a cara, gritando. Trabalhou para entrar em seus campos de visão e levantou a mão.

— Vocês não querem discutir.

Eles o olharam e falaram em uníssono.

— O quê?

— Eu não achei que isso funcionaria. — Ki-Adi-Mundi levantou a outra mão e usou-a para fazer um gesto de paz. — Por favor, me escutem.

Aptorr cuspiu no chão.

— Por que deveríamos?

— Silêncio, — Varralis latiu. Ela olhou para o Jedi. — O que é, meu querido?

Ki-Adi-Mundi se remexeu desconfortavelmente com o nome, mas continuou.

— Você, — disse, indicando-a. — Você se sente negligenciada. Daí essas atuações.

— Você vê? — ela disse para o seu parceiro. — Ele me entende. Não como...

— E você, — disse, apontando para Aptorr, — você luta com as demandas do trabalho e da família. Vejo pela sua aparência que faz tempo desde que comprou roupas novas.

Aptorr olhou para as suas roupas esfarrapadas.

— Eu faço sacrifícios, sim. E daí?

Ki-Adi-Mundi continuou.

— Aparentemente você tem visto tão pouco de Varralis que quando ela me abordou, você suspeitou porque não tem estado presente.

Varralis cruzou os braços.

— Ele tem saído todas as noites neste mês!

O Cereano olhou para Aptorr.

— Isso é verdade?

Aptorr encarou com raiva, e então baixou a cabeça.

— Eu tenho.

— Eu sabia! Ele está vendo alguém, — disse Varralis. — Quem é?

Ele falou em voz baixa.

— Um Wookiee.

— Um Wookiee? — A palavra não veio apenas de Varralis, mas também de vários dos compradores que escutavam.

Ki-Adi-Mundi levantou a mão.

— Eu não acho...

Aptorr olhou para os lados e fez um gesto para Varralis e Ki-Adi-Mundi seguirem-no para longe dos transeuntes. Relutantemente, o Jedi concordou. Varralis seguiu-os pisando duro.

Longe dos outros, ele falou baixinho.

— Tenho treinado um Wookiee após o expediente para operar a minha fábrica em Brazatta Key.

Ki-Adi-Mundi o encarou, e a reação chocada de Varralis. Não viu mentira nisso.

— E por que estava mantendo isso em segredo?

— Se alguém descobrir que Gartabba está por trás disso, posso perder a minha franquia. — Ele apontou para a loja atrás dele. — Os produtos da Indústrias Aptorr são anunciados como cem por cento feitos por Yarkora!

— Mas por que não contar *a mim*? — disse Varralis.

Aptorr riu.

— Então *todos* saberiam!

Ki-Adi-Mundi viu a ira de Varralis subindo novamente. Pediu paciência a ela.

— Eu não concordo com a desonestidade, — disse o Jedi. — Por que vocês não podem contar a verdade?

— O comércio em Kwenn está no fio da navalha, — disse Aptorr. — O mundo de cadeiras de tecido de qualidade, guarda-chuvas e equipamentos de campismo é brutal. É matar ou morrer!

Aquilo eram três metáforas violentas a mais do que Ki-Adi-Mundi achava necessário, mas continuou.

— Me diga o que você ganha com isso. Você não está maltratando o Wookiee?

— Oh, não! — Aptorr olhou pra cima. — Gartabba recebe um salário justo. Com a presença dele, eu obtenho segurança adicional para a fábrica, você ouviu falar dos esquemas de proteção que estão surgindo lá.

Ki-Adi-Mundi não tinha ouvido falar.

— O que mais você recebe?

— Tempo, que é o mais precioso.

— Com certeza seria precioso para a sua esposa. — O Jedi olhou para Varralis. — Ela *deve* receber algum benefício.

Aptorr olhou para o lado e então para Varralis.

— Sim, posso garantir isso, — ele disse. — Você me verá mais, se é isso que você quer.

Varralis pegou as suas mãos e sorriu.

— Obrigado, Kee-Olee-Molee.

O Cereano decidiu não corrigi-la. Nem mesmo mencionou que era um Jedi, muito menos um membro do Conselho, mas ele causara impacto.

Agora era Aptorr quem segurava o seu braço.

— Você não vai contar a ninguém sobre Gartabba?

— Eu acho que isso é entre vocês dois. Você pode treinar os seus clientes para considerar os produtos feitos por Gartabba como superiores. — Ki-Adi-Mundi coçou a barba. — E posso ter o evento exato onde vocês poderiam estreá-los.

— Isso é maravilhoso! — Varralis disse. — É incrível que eu tenha encontrado você!

— A Força, — ele começou, só para mudar de ideia. As pessoas logo descobririam isso. — As coisas têm um jeito de se resolver, — ele disse enquanto olhava para o sol. — Mas posso precisar de outro monte de gelo.

CAPÍTULO 26

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

— Onde está aquele blasted de garota?

Kylah Lohmata observava através da grade do duto enquanto Burlug marchava ao redor da base secreta dos Caminhantes da Fenda em Valboraan. Já era hora de alguém notar que tinha sumido, mas ser maltratada e depois esquecida era a história de sua vida.

Nasceu no espaço Hutt, num mundo que nunca viu paz ou justiça. Kylah mal conheceu o seu pai antes que ele morresse numa luta de blasters por algo que não tinha nada a ver com ele; pelo menos, essa era a história que a sua mãe contava. Viagens árduas seguiram-se, culminando com o novo casamento de sua mãe e alguns meses de relativa paz numa comunidade migrante em Chalacta. Mas depois que a sua mãe morreu repentinamente, aquela família não quis mais saber de Kylah, e quando a colônia migrante se desfez, foi deixada pra trás.

Acabara de completar nove anos.

O que se seguiu foi uma vida a bordo de uma nave estelar após outra, nunca como passageira oficial. As embarcações sempre estavam indo e vindo ao longo da rota Ootmiana, e sempre havia uma refeição para uma pessoa perspicaz que conseguisse entrar e sair de pequenos esconderijos. Permaneceu na Fatia durante tudo isso; era um lugar que conhecia bem, e embora não tivesse um lar, nunca estava perdida. Descoberta ou captura, quando aconteciam, eram apenas oportunidades para mudar de nave. Kylah

não se importava com nenhum dos perigos, depois de um tempo. Uma pessoa ou surfava as ondas ou era arrastada pra baixo.

Por isso, Kylah achou que tinha encontrado uma alma gêmea quando conheceu Zilastra. Ela também tinha sido deixada pra trás em algum lugar, ou pelo menos foi o que ela disse. Kylah testemunhou ela fazendo coisas violentas, até cruéis. Mas até o impasse com a Ligação Direta, a pirata nunca levantou a mão pra ela, tratando-a como uma parte importante da família dos Caminhantes da Fenda.

Era isso que significava para Kylah. Ou tinha sido.

Olhou novamente para Burlug, o seu grande e rabugento tio Feeorin que adorava amedrontar as pessoas, a maioria das quais merecia. Ele parou de procurá-la e passou para outra coisa. Kylah virou-se, rastejando mais pra trás pelos dutos. Se os Caminhantes da Fenda não eram mais um lugar para ela, tudo bem. Haveria alguma maneira de sair de Valboraan. Sempre havia.

Uma coisa ainda a incomodava. Não tinha visto Zilastra desde o incidente na cúpula, e não queria. Mas Ligação Direta, *uma Jedi*? Não sabia o que pensar sobre isso. Presumivelmente, a mulher agora era uma prisioneira. Por que a Ligação Direta não tinha contado a verdade a ela? Parecia mais uma traição, mas ainda tinha perguntas.

Ouviu uma comoção por um túnel à direita. Uma seção que não tinha entrado, estava escuro e fedido. Tais condições nunca a detiveram antes, no entanto, e não a detiveram agora. Uma luz fraca apareceu além de uma grade no final. Quando ela viu quem estava do outro lado, chutou a tampa do duto.

— Ei!

Três figuras sujas olharam pra ela na fraca luz de uma lanterna brilhante. Ghor, Wungo e O Lobber estavam imundos enquanto ficavam cercados pelo que provavelmente eram os intestinos mecânicos de uma nave muito maior. Todos tinham pequenos pincéis em suas mãos.

— E aí, — disse Ghor pra ela, sem entusiasmo.

Kylah se levantou.

— O que vocês estão fazendo?

— IK disse que há fungos crescendo nos dutos. Algo que estava numa dessas naves em que construíram este lugar. Ele nos mandou limpar tudo.

— Nós temos o compactador de lixo a seguir, — disse Wungo. — Estamos subindo na vida.

Em contraste com os seus companheiros miseráveis, Lobber parecia energético. Se a sua confiança tinha sido abalada com a sua última tarefa, o rosto do Devaroniano não mostrava isso.

— Você teve a ideia certa vindo aqui, garota. Este lugar é o centro nervoso.

Kylah não entendeu.

— Centro nervoso?

— Sim, o cérebro!

Ghor fez uma careta.

— É um dos órgãos, com certeza.

— Você tem sorte, — disse Wungo ao Houk. — Você não tem um nariz.

Lobber estava imperturbável.

— Estamos ouvindo *tudo.* Em todos os lugares desta base inteira. Coisas estão acontecendo por todos os lados.

Kylah assentiu.

— Vocês ouviram o que aconteceu com as outras gangues?

— Sim, todas ficaram abalados. Uma oportunidade atrás da outra. Estou dizendo a esses caras, isso pode ser o começo de algo grande.

A garota não estava interessada.

— Vocês viram Ligação Direta?

— O quê, a sua amiga motorista?

— Ela é sua amiga também. Ela deu crédito a vocês por pegarem aquela nave Infame quando Zil estava pronta pra acabar com vocês.

— Isso é verdade. — Wungo olhou para os seus amigos. — Isso é verdade.

— Bobagem, — Lobber estalou. — Ninguém fez nada por nós. Por que deveríamos saber onde ela está?

— Eu pensei que vocês ouvissem tudo, — disse Kylah. — Não a vi desde que Zilastra a pegou.

— Pegou ela? Por quê?

— *Ela é uma Jedi.*

Os olhos de Wungo se arregalaram.

— Zilastra é uma Jedi?

— Não, — disse Kylah. — A Ligação Direta é!

Explicou a briga que aconteceu na sala redonda. Não conseguia dizer se eles acreditavam nela ou não, mas podia dizer que tinham um respeito saudável pelos Jedi e pelo que eles podiam fazer.

Pelo menos pelo que eles *pensavam* que podiam fazer.

— Aquilo foi por pouco, — disse Ghor. — Estar na sala com uma Jedi zangada? Ela poderia ter te transformado numa árvore. Ou pior!

— O que é pior do que uma árvore? — Lobber perguntou.

Wungo estava impressionado.

— Ela realmente tinha um sabre de luz? Os nossos Jedi nem tinham isso! — O Klatooiniano juntou as mãos e olhou para Kylah. — Ghor está certo. Você tem sorte de estar viva.

— *Tudo bem, já chega!*

A atenção de todos foi para uma escotilha aberta. Zilastra atravessou. Um segundo depois de vê-la, os seus três subordinados mais humildes estavam de volta às paredes, esfregando.

— Estamos trabalhando, — disse Lobber. — Estamos trabalhando.

Zilastra olhou para Kylah.

— Burlug achou que você estava aqui embaixo. Você não é tão silenciosa quanto pensa.

A garota cruzou os braços.

— Você veio me caçar para me eliminar, suponho.

A líder pirata balançou a cabeça.

— Eu te disse, fiz o que tinha que fazer. Eu estava contra uma Jedi.

Ghor e Wungo se olharam. Lobber falou por ambos.

— Então é verdade. Ela *era* uma Jedi.

— E eu disse 'já chega' porque estou cansada de vocês três quando se trata dos Jedi. — Os olhos de Zilastra se encheram de raiva. — Todos tratam os Jedi como se fossem deuses, mas eles não são invencíveis. Eles

podem fazer truques bonitos, mas são apenas pessoas. Pessoas que podem ser derrotadas.

Kylah deu de ombros.

— Como vamos saber? Só ouvi histórias. Nunca vi um Jedi antes.

Zilastra franziu a testa e tomou uma decisão.

— Certo. A única maneira de alguém nesta organização aprender é se as pessoas virem por si mesmas contra o que estão lutando. Pode muito bem começar pela base, e ninguém está mais próximo do fundo do que vocês três. Sigam-me. — Zilastra olhou para Kylah. — Você também.

Os três subordinados seguiram Zilastra. Kylah os seguiu por um labirinto de corredores até uma seção do ninho dos piratas que não tinha visto antes.

Um som agudo à frente sugeriu que estavam se aproximando de algo, mas não soava mecânico.

— O que é esse barulho? — Ghor gritou.

Lobber cobriu os ouvidos.

— Seja o que for, poderia enlouquecer um Wookiee!

Zilastra os ignorou, levando-os para dentro da sala de onde vinha o som. O droide IK-111 ficava de guarda diante de uma figura suspensa a um metro do chão num raio de imobilização.

— Ligação Direta! — Kylah descobriu os ouvidos e correu para o lado da mulher aprisionada. Os óculos e o capacete de Ligação Direta tinham desaparecido, revelando que o seu cabelo era escuro e trançado em loops, e que ela tinha duas pequenas contas na testa entre os olhos. Os seus olhos estavam fechados, mesmo quando os de Kylah estavam bem abertos. — Ela... ela está morta?

— Não. Estamos tentando descobrir quem ela é e por que está aqui. — Zilastra indicou a mesa e a cadeira nas proximidades. — Mas ela está resistindo.

Wungo gritou sobre o barulho.

— Pra que é esse barulho?

— Caso ela acorde. Não é o suficiente para mantê-la em estase. Jedi podem fazer coisas com as suas mentes. Manipular pessoas, objetos. — Ela

encarou a figura suspensa. — Só quero que ela consiga se concentrar quando eu tiver algo para perguntar.

Lobber olhou fixamente.

— Ela não parece ser grande coisa.

— É isso que estou dizendo. As coisas que eles podem fazer podem todas ser derrotadas. Só precisa de um pouco de inteligência. — Ela se virou e enfrentou o trio. — Vocês viram ela. Agora voltem ao trabalho.

Lobber e os seus companheiros se apressaram pelo corredor. Vendo uma mensagem em seu comunicador, Zilastra seguiu para a saída.

— Vamos lá, enquanto vocês ainda podem ouvir.

Kylah deu uma olhada triste em Ligação Direta e obedeceu.

Zilastra falou com Kylah por cima do ombro enquanto caminhavam.

— Não quero mais você se esgueirando por aí, — disse a chefe pirata. — Expliquei sobre mais cedo. Acabei de ter uma grande vitória, e você fez parte dela. Mas se você quer ficar por aqui, não seja mal educada. Não tenho tempo pra isso.

Kylah olhou para a sala onde Ligação Direta estava presa.

— O que você vai fazer com ela?

— Eu te disse. Vou descobrir quem ela é e por que está aqui. E então vou matá-la.

— Mas ela é minha amiga! Ou, era.

— A amizade é superestimada, garota. Não é para pessoas como nós. — Zilastra parou e se virou para enfrentar a garota, os olhos em chamas. — Não. Isso será um prazer.

CAPÍTULO 27

ADDOA KEY

KWENN

— Com licença!

Yaddle direcionou a sua speeder bike ao redor de um veículo estacionado e acelerou até o cruzamento. Parando ali, chamou a atenção de um droide de patrulha vermelho rubi no centro do cruzamento.

Ele chamou:

— Conduções infantis não são permitidas na via!

— Oh, céus, sou mais velha do que cada parafuso em seu corpo. — Yaddle acenou enquanto colocava a moto de volta em movimento. — Tenha um bom dia!

Yaddle não conseguia se lembrar da última vez que tinha pilotado uma speeder bike, ou quando tinha se divertido tanto. Quando encontrar um veículo fora do speederporto tinha sido impossível, algum tipo de ação trabalhista ainda estava sendo resolvida, disseram a ela, contatou o Mestre Piell em busca de ajuda. Ele respondeu enviando uma speeder bike para ela, de todas as coisas. Uma criança Rodiana de talvez oito anos chegou com a nave turbinada, entregou a ela e saiu na garupa de uma speeder de uma criança mais velha.

Logo percebeu que todos os protocolos de segurança da pequena máquina tinham sido ignorados; o seu motor vinha de algum outro veículo completamente diferente. Até onde Yaddle sabia, corridas de pods nunca haviam se firmado como um esporte sério em Kwenn, provavelmente não

havia espaço pra isso, mas isso não impediu os jovens do planeta de quererem viver rápido e voar jovens.

Jovem era como Yaddle se sentia, passeando pelas sinuosas estradas em terraço. Às vezes rápido, às vezes devagar, cruzando de uma ilha artificial para outra. Rayley, Malbaira, Addoa, todos nomes que conhecia de séculos atrás. O Mestre Oppo e o conselho por trás da Grande Renovação tinham considerado nomear os ilhéus com os principais sistemas da República. Um viajaria de ponte em ponte da Pequena Coruscant para Nova Corellia, e assim por diante. Certamente tinha incentivado investidores, que viam bairros inteiros surgindo celebrando as culturas de mundos distantes.

Yaddle liderou a oposição a isso. Kwenn não era um parque de diversões para forasteiros; pertencia àqueles que já tinham vivido lá antes e tinham permanecido durante o colapso ecológico do planeta. E assim, nomes de locais do passado do mundo foram escolhidos para as ilhas. Até conseguiu adiar o uso do *novo* antes de qualquer nome de lugar. Uma cidade 'nova' poderia se tornar uma antiga rapidamente com a falta de cuidado. Era melhor que as pessoas sentissem que os lugares onde viviam eram eternos, conectados tanto ao passado quanto ao futuro, e sempre precisavam de renovação enquanto passavam de uma geração de zeladores para outra. Era o ciclo da vida.

As pessoas tinham esquecido disso. As viagens de Yaddle a levaram por ilhas bonitas com parques e portos com vendedores ambulantes. Essa era a parte de Kwenn que ainda funcionava. Quanto mais avançava, no entanto, mais ficava convencida de que era vestigial, um eco do passado. O declínio pairava no ar. De quem era a culpa não fazia diferença para ela. Ainda havia uma chance de reverter as coisas.

Yaddle cruzou outra ponte em direção a Addoa Key, a mais industrial das ilhas de Kwenn. Isso antes não tinha sido algo ruim. Os fabricantes no planeta durante a Grande Renovação tinham melhorado as suas práticas voluntariamente, respondendo ao chamado à ação dos Jedi. Mas Yaddle viu em sua aproximação a Kwenn que algo tinha mudado. Com a ausência da liderança anterior, as regulamentações locais tinham preenchido o vácuo; agora, parecia pelo fumo, que nenhuma das duas estava tendo algum

impacto. Esperava encontrar condições severas ao se aproximar da primeira de muitas fábricas.

O que não esperava encontrar era um verdadeiro exército de crianças em idade escolar fora dos muros da fábrica da Rendili Hyperworks. As paredes eram algo que Yaddle definitivamente não se lembrava de ter visto antes em sua última visita a Kwenn. Pelo que podia dizer, as crianças estavam pintando-as.

Parou a speeder bike logo fora do grupo e desmontou.

— Mestra Yaddle! Você chegou! — uma voz familiar chamou. Yaddle seguiu-a e viu Even Piell emergir da multidão carregando um monte de recipientes. Ele os colocou no chão pavimentado, revelando que a parte da frente de sua túnica estava coberta de respingos de tinta. — Bem-vinda à aula de arte!

Yaddle olhou pra ele incrédula.

— As crianças me disseram que você queria me ver, mas não disseram o que você estava fazendo. — Ela olhou para as crianças. — O que *vocês* estão fazendo?

— Eu te disse. *Arte*. — Piell conduziu Yaddle pela multidão. — Abram caminho para outro Jedi, — ele chamou.

Os aplausos aumentaram enquanto as crianças abriram caminho para a nova chegada. Yaddle viu que a parede era relativamente nova, uma barreira cor de ébano, estendendo-se alta e larga até a beira do terraço. Mas a área onde as crianças trabalhavam ganhava vida com cores. Abaixo, haviam animais fantásticos e ilhas fantásticas, enquanto acima, planetas, estrelas e auroras quebravam o monumento à monotonia.

— Maravilhoso, — disse ela, juntando as mãos. Ela olhou novamente para os pintores, jovens de todas as espécies e idades. — Vocês os encontraram aqui?

— Eu os trouxe pra cá.

— Há uma escola nesta ilha?

— Não, — ele disse. Ele a levou para longe do grupo e apontou com o polegar para um hoverbus. — Plo Koon os enviou.

Yaddle olhou fixamente.

— Plo tem acesso a um transporte espacial?

Piell riu.

— Você realmente acabou de chegar, não é?

— Admito que estou um pouco atrasada. Pensei por um momento que o problema de emprego aqui era pior do que eu imaginava!

Piell explicou que a Rendili tinha parado de financiar programas nas instalações educacionais em Essafa Key, devido ao que chamava de um clima de negócios deteriorado em Kwenn e nas proximidades. Tinham usado o mesmo raciocínio para transformar a fábrica numa fortaleza. Eles fizeram isso de tal forma que tornou a ilha feia e menos como o Kwenn que Yaddle lembrava.

Viu o motivo de Piell e não ficou totalmente feliz com isso.

— Não tenho certeza se deveria incumbir crianças de trabalhar para uma corporação para se alimentarem.

— Tudo que sei é que eles adoram pintar e desenhar. Eles iriam fazer isso em algum lugar. Eu sugeri aqui. — Ele apontou para o mar. — Esta manhã, estávamos do lado da sede da Guilda Mercantil, eles administram as escolas em Essafa, ou deveriam. Estávamos plantando árvores.

— Aula de botânica. — Ela olhou para a speeder bike que dirigiu e sorriu. — Suponho que você também tenha ensinado mecânica por um tempo.

Isso foi o Mestre Tiin quando ele trouxe o transporte. É bom pra eles saberem um ofício.

Um caminhão speeder chegou. Por um momento, Yaddle ficou preocupada que trouxesse alguém da fábrica, ou alguma outra autoridade aqui para interromper os esforços das crianças. Mas um assobio de Piell indicou que era outra coisa.

— Eles chegaram! — Ele bateu palmas. — São do Kwenn Holo informativo.

— Repórteres. — Ela olhou para ele. — Iniciativa sua?

Ele apontou para os pintores.

— Um garoto ali chamado Hadaro os conhecia. Aparentemente, ele tentou decorar o exterior do estúdio deles uma noite. Eles já tinham ouvido

falar do que estamos fazendo.

— E se outras pessoas ouvirem, *isso* poderia pressionar a Rendili a ficar por perto. — Yaddle assentiu. — Bom trabalho, Mestre Piell.

— O problema é que eu não sou o rosto mais bonito, nem a melhor voz. Por isso, disse às crianças para mandarem você aqui.

Yaddle ficou um pouco surpresa.

— Você poderia ter me pedido diretamente.

— Você teria dito que deveríamos consultar Mace ou Yoda ou Adi em vez disso, e me dado um pouco de trabalho por você não ser uma porta-voz. Mas você é exatamente quem eles precisam ouvir.

Absorveu isso. Nenhum deles tinha a figura mais imponente, pelo menos no que dizia respeito ao público em geral. Yaddle sempre esteve ciente disso e nunca foi autoconsciente sobre isso. Não importava o que o público imaginasse sobre os Jedi. Mas então se lembrou de toda a razão pela qual estavam lá, em Kwenn.

Eles nos verão, e as nossas obras.

Caminhou em direção à área de estacionamento. Vários outros veículos estavam chegando. Mais membros da mídia, pelo aspecto dos dispositivos que carregavam, mas também um veículo do governo local. Dois jovens amigos de Piell trouxeram uma caixa e a colocaram diante da montagem da holo câmara. Yaddle saltou habilmente sobre ela, arrancando risos e sorrisos.

Eles podem rir se quiserem, desde que escutem.

— Saudações, meus amigos. Eu sou Yaddle, membro do Conselho Jedi. Sejam bem-vindos.

Havia vários jornalistas ávidos na multidão que se formou, mas os olhos de Yaddle foram para uma mulher Woostroid segurando uma holo câmara. Com olhos ovalados pretos e um rosto roxo esguio, ela parecia abalada por estar no meio do grupo. Yaddle chamou por ela.

— Você tem uma pergunta?

— Oh, eu não faço perguntas, — disse ela em voz baixa. — Meu repórter ainda não chegou.

— Qual é o seu nome?

— Uh, Morna. — Ela olhou em volta de forma constrangida, e quando os outros ao seu redor começaram a chamar Yaddle em voz alta, ela encolheu.

— Fico feliz em responder a *sua* pergunta, Morna. — Yaddle sorriu educadamente até que os outros se acalmassem.

Morna engoliu em seco, claramente não acostumada a falar em público.

— Mestra, espalhou-se a notícia de que os Jedi retornaram a Kwenn após uma longa ausência. Mais de uma, na verdade. O que você tem a dizer sobre isso?

— Muita coisa, Morna. — Yaddle levantou os braços e fez um gesto para o céu. — Vocês sabem, os Jedi podem não frequentar mais tanto o entreposto, mas nunca realmente *os* deixamos. — Ela baixou os braços e os estendeu largamente. — Da mesma forma, Kwenn permanece com aqueles de nós que visitaram. Agora, sei que houveram momentos difíceis. Mas este ainda é um lugar especial pra nós, e embora todos os lugares sejam especiais para os Jedi, isso enche todos os nossos corações de alegria por estarmos de volta.

— Você disse 'todos'. Quem *todos* estão aqui? — Morna perguntou.

Yaddle sorriu.

— Há uma cadeira disponível? A lista pode levar algum tempo para ser concluída.

CAPÍTULO 28

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

— Vinte e dois batem doze. Ganhei de novo.

Depa Billaba abriu os olhos. Sempre que fazia isso ao longo das últimas horas, ou seriam dias?, se arrependia. Os Caminhantes da Fenda não tinham droides interrogadores; os seus métodos eram mais primitivos e dolorosos. O som ensurdecedor sendo desativado geralmente significava mais interrogatório pela frente.

Desta vez não. O raio de imobilização lhe dava apenas um pouco de movimento para ver que Zilastra tinha montado uma mesa com as cartas que ela tanto gostava. Só que ela não estava jogando paciência.

— Kylah, — Depa murmurou.

A jovem se virou da mesa e olhou pra ela.

— Você está acordada!

— Uma questão... de opinião.

Zilastra reuniu as cartas.

— Desculpe por invadir o seu espaço. Enquanto esperávamos você acordar, eu estava ensinando a nossa amiga um pouco mais sobre o sabacc. Incluindo como as coisas podem mudar rapidamente.

Depa não disse nada.

A pirata embaralhou o baralho.

— Existe algo chamado deslocamento do sabacc, tenho certeza que já ouviu falar. Os valores mudam. Você pode ter uma carta ótima e, de repente, ela não vale nada. Ou você pode descobrir que de repente tem um

vencedor, feito do nada. — Ela olhou para a garota enquanto apontava para Depa. — Pegar *ela*, por exemplo. Qual é o nome dela?

Reagindo desconfortavelmente à condição de Depa, a garota falou.

— Ela é Ligação Direta.

— Hilário. — Zilastra se levantou, cortando as cartas agilmente com as mãos uma sobre a outra enquanto falava. — Gostaria que conhecesse Depa Billaba. Ela não é apenas uma Jedi, ou mesmo uma Mestra Jedi. Temos aqui uma membro real e viva do Conselho Jedi.

Depa ficou surpresa por ser identificada, mas ainda assim não disse nada.

— O que é o Conselho Jedi? — Kylah perguntou.

— Os tolos no comando dos tolos. — Zilastra fez uma careta para Depa. — Você está péssima, Mestra. Viu um espelho ultimamente? — Ela cortou direto para uma única carta em seu baralho. — Aqui está um.

Depa olhou para a carta. O Idiota.

Zilastra riu.

Depa tentou ignorá-la e se concentrou em respirar. Tinha que haver alguma maneira de escapar, algo na sala que pudesse manipular. Mas a sua condição precária impedia qualquer coisa extravagante, e Zilastra continuava andando de um lado para o outro, distraindo-a.

— Não foi difícil descobrir o seu nome, — ela disse. — Estivemos escondidos desde a grande reunião, então não tínhamos o transmissor implantado. Assim que conseguimos entrar em contato com a nossa rede, levou cerca de cinco segundos. — Ela parou e olhou para Depa. — O que aconteceu? Ficou entediada sentada em sua torre lá em Coruscant, sequestrando crianças e se metendo nos negócios alheios?

Os olhos de Depa se desviaram para Kylah, que a olhou suplicante.

— Você mentiu pra mim, — a garota disse, a dor evidente em sua voz. — Você disse que era daqui.

— Eu não menti, — a Jedi respondeu, sua voz tensa. — Eu nasci em Chalacta.

— Ela simplesmente não ficou. — Zilastra deu um sorriso debochado. — Nenhum deles fica. Levados para a sua torre de prata no centro de tudo, deixando pessoas como nós sem nada.

Kylah pareceu confusa.

— Então por que você voltou?

— Eu estava tentando descobrir o que aconteceu com alguém, — Depa disse. — Alguém que conheci quando ele não tinha muito mais idade que você. Xaran era o nome dele. Eu fui um de seus professores. Ele foi morto nesta região.

— E você veio aqui para encontrar o assassino dele?

— Não. — Depa respirou fundo. — Eu vim aqui para entender o lugar que produziu o assassino dele. Eu não posso proteger todos os membros da Ordem Jedi. Mas se coisas ruins estão acontecendo com pessoas como nós, elas estão certamente acontecendo com muito mais frequência com pessoas como você.

Zilastra fez uma careta.

— Uma forma bonita de colocar, *você* e *nós*. — Ela apontou para Kylah. — Eu sou a melhor coisa que aconteceu para a garota. Eu realmente ofereço a ela alguma coisa. Uma vida.

— De quê? — Depa perguntou. — De assassinato? Ou é genocídio agora?

— Eu estou apenas jogando as minhas cartas.

Depa queria discutir mais, mas a sua cabeça doía demais.

Zilastra voltou para a mesa.

— Veja, Clandestina, eu jogo quantas mãos forem necessárias para entender quem está no jogo comigo. Para estabelecer minha persona. Para fazê-los pensar que eu não sei mais do que eles sobre o jogo.

— Mas é tudo blefe? — Kylah perguntou.

— Ela não blefa, — Depa respondeu. — Ela trapaceia. — Seu tempo em suspensão lhe deu o tempo necessário para entender algo. — Nunca houve qualquer acordo com a linha Viagens Real, não é?

Zilastra sorriu. Ela colocou o seu baralho de volta na mesa e se inclinou atrás dele. A última caixa estava lá. Ela o levantou.

— Tenho certeza que você se lembra disso.

Depa se lembrou. Também sabia que o seu sabre de luz não estava mais lá dentro. Perguntou onde estava.

A pirata passou os dedos sobre o emblema em relevo.

— Eu tive a ideia quando matei um mensageiro viajando com um desses. Eu nunca consegui abrir, ou descobrir o que tinha dentro. É o código falado ou nada.

— Então você começou a roubar aqueles que já estavam abertos.

— Oh, eu tentei conseguir os fáceis, enviando viajantes em voos e alugando-os. Mas havia um problema. Os viajantes podiam ficar com os casos por uma semana após a chegada, mas depois os bloqueios travavam.

— O jeito da Viagens Real de impedir que as pessoas ficassem com as caixas.

— Isso mesmo. Não havia como eu pegar as caixas e entregá-las a tempo. Foi aí que Kylah entrou. Quando descobri que a transportadora estava obtendo as caixas do depósito em Keldooine, assumi um pátio de pouso nas proximidades. Ninguém mais era pequeno e ágil o suficiente para se infiltrar lá.

Depa já tinha descoberto o que aconteceu em seguida.

— Você armou as caixas e as enviou para os seus inimigos. Mas você teve que atrair eles primeiro.

— Ninguém iria abrir uma caixa e explodir, — Zilastra disse. — Nem mesmo aquele idiota dos Infames. Foi aí que os droides entraram. Eu enviei um para cada gangue, carregando uma mensagem do presidente da Viagens Real, querendo estabelecer um relacionamento.

— As mensagens eram falsas, — Depa disse, observando Zilastra. — Mas os subornos dentro eram reais. *Você* ofereceu o dinheiro.

Zilastra revirou os olhos.

— Eu coloquei uma fortuna nessas caixas. Chame de investimento inicial. Nos primeiros meses, os chefes se recusaram a abri-las por conta própria, eles faziam os seus droides ou lacaios fazerem isso. Mas as regras nunca mudaram. Todos as cinco caixas tinham que ser abertas de uma vez, na holo câmara.

— Você os atraiu e os colocou pra dormir. Quando os chefes começaram a abrir as caixas?

— Há alguns meses. Levou uma eternidade. Venom Vee foi a última a comprar a história de cobertura. — Zilastra sorriu. — Mas eu a peguei. Enchi as mãos deles com cartas vencedoras de novo e de novo. E todos dividiram o pote, levando o meu dinheiro todas as vezes.

Depa entendeu tudo. A necessidade de Kylah continuar fornecendo aos Caminhantes da Fenda caixas vazias, em primeiro lugar. Mas também entendeu agora por que Zilastra não precisava ser capaz de abrir a último caixa. Daquela vez, não estava planejando mostrar aos seus rivais o que estava dentro do seu recipiente. Todos estariam mortos.

Kylah entendeu também. Os seus olhos se arregalaram enquanto encarava a caixa na mão de Zilastra.

— Então as coisas que eu levei mataram todas aquelas pessoas?

A pirata passou a caixa pra ela e sorriu.

— Garota, você tornou tudo isso possível.

Depa pôde perceber pelo modo como a garota olhava para a caixa que ela não estava confortável com o pensamento. Ela tentou tranquilizá-la.

— Você não sabia com o que estava envolvida, Kylah.

— Ela estava envolvida no maior golpe já realizado na Fatia, — Zilastra retrucou. — Eu diria que ela se saiu muito bem. — Ela se sentou para terminar a sua bebida. — O pote é seu, garota. Estamos feitas aqui.

Depa tinha apenas mais uma coisa para perguntar.

— E agora?

Zilastra olhou pra trás.

— O que você quer dizer?

— Pra que fim? Toda essa estratégia que você faz com as cartas. Você decapitou os outros regimes. E agora?

— Eu ganhei.

— E isso é *tudo*?

— Você está começando a me irritar.

— Estou falando sério, — Depa disse. — Você superou a carta principal em todos os outros naipes. Mas o próximo melhor de cada um está na fila. Novos chefes.

— Ainda não. — Zilastra pegou o seu baralho e sorriu. — Pelo que estou ouvindo, tirei *muitas* cartas. E enquanto eles estão organizando as coisas, vou conquistar muito território novo. Haverá tripulações dissidentes querendo se juntar a alguém sólido.

— Mas você está se escondendo agora, provavelmente fingindo que também foi atingida. Quando eles perceberem que você não foi, virão atrás de você.

— Estou esperando pra ver como está a situação, é só isso. — Zilastra abriu suas cartas. — Posso cuidar de mim mesma. Com certeza mais ninguém nunca fez isso.

Depa olhou para a garota.

— Deixe Kylah ir.

— O quê?

— Você acabou com ela. Ela fez o que você pediu.

— Ela não quer ir. O que você vai fazer, levá-la embora? — Zilastra a encarou. — É isso que vocês fazem, não é?

Depa franziu a testa.

— Você já mencionou isso antes. O que você sabe sobre isso?

— O que eu...? — Zilastra deixou o seu baralho cair na mesa e olhou para Kylah. — Imagina só, garota. Eu estou numa colônia infernal que a República abandonou. Minha mãe, desesperada para ganhar o suficiente para nos tirar de lá, morreu num desabamento na mina, me deixando com nada além de um baralho de cartas para lembrar dela. Eu acabei num orfanato que está caindo aos pedaços, só tem um droide babá cuidando, e eu sou uma das únicas três crianças lá. Mas eu não estou sozinha, porque estou com meus dois melhores amigos da galáxia.

Ela se levantou da mesa.

— Agora, ah, aqui vem um Jedi. Alguém vai nos salvar, melhorar as nossas vidas, certo?

Kylah encarou.

— O que aconteceu?

— Com os meus amigos? Tudo. O Jedi os levou embora, e me deixou para apodrecer!

Depa sentiu a raiva de Zilastra através da Força. Tamanha animosidade, mais do que ela havia sentido em muito tempo. A sua única defesa era a razão.

— Os Jedi não roubaram os seus amigos, Zilastra. Eles só poderiam ter ido com a permissão de seus guardiões.

— Guardiões? Só havia um velho droide quebrado que não durou mais um mês. O droide implorou para os Jedi me levarem também, mas eu não era querida. Eu não era boa o suficiente. Eu não era *digna* de uma vida melhor!

Kylah olhou para Zilastra, e depois para Depa.

— É assim que realmente funciona?

Depa teve que admitir.

— Às vezes. Os Jedi deveriam ter feito algo para ajudá-la. — Ela falou mais baixo. — Mas nem sempre acontece.

— 'Nem sempre acontece', — Zilastra repetiu. Ela se levantou abruptamente, derrubando a cadeira. — Passei uma vida em lugares que vocês abandonaram, Mestra. As pessoas que vocês chamam de criminosos foram as únicas que me ajudaram, me deram um lar. E quando os Jedi apareceram, foi para tentar me destruir. A mim, e às pessoas que me acolheram.

— Por causa do que essas pessoas estavam fazendo. Porque...

— Porque agora eu estava com o inimigo. Eu *era* o inimigo!

Depa olhou para Kylah e falou rapidamente.

— É isso que eu quero dizer. Você não pode ficar aqui. Existem outras pessoas que podem ajudá-la, podem lhe dar uma mão.

— Você quer falar de mãos? — Zilastra pegou a cadeira e a virou na frente de Depa. Ela subiu nela para ficar cara a cara com a prisioneira suspensa. — Vou te mostrar as mãos do seu inimigo.

Zilastra tirou uma luva apertada, e depois a outra. Depa observou, hipnotizada, enquanto via que, em contraste com a pele verde Nautolana dela, ambas as mãos de Zilastra eram rosadas.

— Gostou delas, Jedi? — Zilastra virou-as pra trás e pra frente na frente dos olhos de Depa. — Eu sei o que você está pensando. Elas não são da

minha cor. Mas foi o mais perto que os droides cirurgiões conseguiram chegar.

Depa encarou. Ela sabia que havia algo mais, algo mais profundo.

— Um Jedi fez isso com você.

— É isso que você pensa, não é? E você perdoaria quem quer que fosse, porque eles estavam lutando contra os malditos piratas.

— Me conte.

Zilastra a encarou e riu.

— Eu estava com outra gangue naquela época. Um Jedi entrou a bordo. Houve uma explosão. Eu me machuquei com isso, gravemente. Eu ainda rastejei pra frente, atrás dele, mas era tarde demais. Ele arrasou o lugar, destruindo tudo.

Zilastra se virou para Kylah.

— As coisas estavam voando por toda parte. E aquela lâmina dele, eu nunca vou esquecer. Assassinou o chefe, a esposa dele, todos que me ajudaram.

Com o rosto torcido de raiva, ela se virou para Depa.

— Eu me ajoelhei e encontrei o armário de armas. Quando ele estava no convés abaixo, no meio de uma luta, eu fiz. Eu me joguei pela passarela sobre ele.

Depa imaginou a cena, e entendeu.

— Ele cortou as suas mãos.

— Vocês fazem isso muito, não é? — Zilastra balançou a cabeça. — Não naquela vez. Porque eu não era como os outros. Porque quando eu caí sobre ele, eu tinha um carga térmica. Uma granada. Eu perdi minhas mãos, mas ele perdeu tudo. *E valeu a pena!*

Depa ouviu Kylah ofegar. Os seus próprios olhos se arregalaram.

— As suas mãos. *Você* fez isso.

— Não. *Ele* fez isso, ao nos abordar. O que eu fiz, fiz porque valeu a pena. Eu tinha uma boa causa! Aquela nave era nossa. Aquele território era nosso. — Ela desceu da cadeira e encontrou as suas luvas no chão.

Depa viu que Kylah estava encolhida na cadeira, olhando horrorizada para Zilastra. A pirata olhou para a garota.

— Não é ruim, garota. Elas são ótimas para jogar cartas. Você já me viu embaralhar. E são boas para outras coisas.

— Outras coisas. — Os olhos de Depa se estreitaram. — Xaran Raal morreu investigando os Caminhantes da Fenda, por estrangulamento.

Zilastra deu de ombros enquanto colocava as suas luvas.

— Eu não me lembro de nomes. Mas é engraçado, Mestra. Os Jedi fazem os mesmos sons quando você os estrangula como todo mundo. Acho que você não é tão especial afinal.

— Xaran teria lutado com você!

— E você já sabe que eu não luto limpo. Depois que terminamos de questionar, trocamos para o gás paralisante. E então a diversão começa. — Ela sorriu enquanto recuava em direção à porta. — Vejo você em breve.

CAPÍTULO 29

CAPITAL KEY

KWENN

— Mestra Yaddle, — Morna disse. — Esse é o seu único nome?

Yaddle riu da pergunta do jovem engenheiro de holo informação.

— Se o povo de Kwenn ainda não consegue me identificar à primeira vista agora, acho que outros detalhes não ajudarão!

A sua improvisada coletiva de imprensa do lado de fora da Rendili Hyperworks a lançara numa série de entrevistas. Sobre os Mestres Jedi chegando ao planeta, Yarael logo elevaria o total para dez, e também sobre algumas das atividades das quais já haviam participado.

A grande novidade, no entanto, havia decidido guardar para este momento, agora que todos os detalhes haviam sido acertados. O programa de holo informação com a maior audiência regular no planeta, *Lembrando Kwenn*, era apresentado por Reezingrom Abbayav, membro da espécie Troig de duas cabeças e quatro braços. Dois indivíduos ligados pelo pescoço, Reez e Grom não concordavam absolutamente em nada, o que os tornava amados e odiados igualmente por seus espectadores.

Eles mostraram nada além de gentileza e cortesia a Yaddle quando organizaram a entrevista, embora pudesse perceber pela expressão de Morna, a sua engenheira técnica, que viver com eles diariamente poderia ser um teste.

Apontando para a mesa no palco, Reez chamou a atenção da engenheira.

— Monah, cadê a minha xícara favorita?

— Estou resolvendo, — Morna respondeu.

Grom acrescentou a sua própria reclamação.

— Morrena, eu disse que queria a iluminação azul do meu lado!

— Estou resolvendo isso também, — Morna disse.

A engenheira aflita permaneceu em movimento, cuidando diligentemente de necessidades que Yaddle imaginava não fazerem parte de sua descrição de trabalho. Finalmente, ela levou Yaddle ao palco e ajustou a altura da cadeira da Jedi. Ela sussurrou em seu ouvido:

— *Boa sorte.*

— Obrigada, — Yaddle disse. — Morna, não é?

A engenheira pareceu surpresa ao ouvir isso.

— Estou aqui há três anos e eles nunca acertaram.

— Não sei por quê. Tem um som bonito.

Morna viu os seus chefes subindo ao palco e desceu apressadamente.

— Bom vê-la aqui, Mestra, — Reez disse com uma voz mais aguda. Ela ofereceu uma de suas mãos.

— Sua tolinha, — respondeu Grom com uma voz mais profunda. Ele pegou a mão pelo pulso e a puxou pra trás. — Você não aperta a mão de um Jedi! — Ele tentou se curvar em vez disso, um movimento que a metade de Reez de seu corpo compartilhado resistiu.

Yaddle não sabia com quem responder, então apenas sorriu.

— Um prazer.

Reez revirou os olhos e acenou para a sua outra metade.

— Desculpe por minha parceira. Eu continuo falando em acabar com o ato, mas ninguém acredita em mim.

Grom riu.

— É por isso que a empresa acha que pode nos pagar apenas um salário.

— Não sei se nem mesmo uma Jedi poderia te ajudar nisso, — Yaddle disse.

— Estamos ao vivo agora, — Morna disse.

A música e as amenidades acabaram em segundos.

— Todos ouviram as histórias, — Grom disse. — Jedi estão em Kwenn em números não vistos desde a Grande Renovação. E não apenas qualquer

Jedi, mas membros do Alto Conselho, como a nossa convidada, Yaddle.

Yaddle sorriu docemente, mas não teve a chance de dizer uma palavra antes que Reez atacasse.

— Admita, Mestra. Os Jedi estão aqui agora pelos mesmos motivos que você estava em Keldooine. E depois em Ord Jannak. Você está aqui para fechar o Monte Santuário.

Grom foi mais suave, mas não menos direto.

— Todo mundo está com medo, Mestra. Você vai apagar a luz e realmente nos deixar no escuro!

Yaddle esperava a pergunta. Havia sido feita muitas vezes desde aquela tarde no muro; todas as vezes, ela havia evitado. Tomou o seu tempo para escolher as suas palavras cuidadosamente.

— O Conselho Jedi não tomou nenhuma decisão sobre o entreposto, exceto que todos nós o estamos visitando.

— Para fechá-lo, — Reez disse.

— Temos uma celebração para organizar. Até os Mestres Jedi precisam de um lugar para dormir.

— Celebração? — Grom perguntou. — Que celebração?

— O bicentenário da Grande Renovação, é claro.

Yaddle podia ver a surpresa deles. Olhou também para Morna, e leu a sua expressão. Sugeria que Reez e Grom nunca haviam ficado sem palavras antes.

Isso foi útil para Yaddle, que falou longamente sobre o plano que estava se concretizando. Dentro da arena em Gala Key, o Conselho Jedi realizaria uma reunião diante de milhares de membros do público em geral, enquanto muitas vezes esse número se reuniria nos parques do terraço do lado de fora e em outras ilhas, assistindo à transmissão enquanto faziam piquenique. O evento culminaria com os Jedi caminhando até o topo do Monte Santuário, onde o Fogo Inextinguível seria aceso por mais uma noite.

— As pessoas que nunca viram um Jedi antes verão todo o Conselho em ação, — Yaddle disse. — É o tipo de coisa que fazíamos há muito tempo, em lugares como as Fontes Kublop no planeta Tenoo, onde os Jedi emergiam do entreposto para se juntar ao festival local.

Os seus anfitriões estavam surpresos, mas também confusos.

— O Mestre Rancisis está aqui, — Grom disse. — Ele lançou a Grande Renovação. Por que *ele* não está aqui falando sobre isso?

— Assim como o meu amigo Oppo coordenou muitas coisas há dois séculos, ele está fazendo isso novamente agora, — ela disse. — Mesmo enquanto estive falando com o público, ele esteve fazendo acordos com as autoridades locais. Mas garanto que, quando partirmos, muitas pessoas terão tido a chance de conhecer um de nós.

Tendo recuperado o rumo, Reez foi novamente para o ataque.

— Perdoem a minha ignorância, mas quem está protegendo a galáxia enquanto vocês estão aqui, comemorando? E todos esses desastres que estão ocorrendo? Como o de Keldooine?

Ela balançou a cabeça em tristeza.

— Tão trágico. Mas nós respondemos. — Yaddle não acrescentou que Yarael tinha sido rejeitado. As intenções eram o importante.

Reez continuou.

— Tudo bem, bem, que tal esse negócio de andar por aí com uma gangue de ouriços?

— Os jovens artistas?

— É assim que você os *chama*. Mais parece com encrenqueiros. Jedi também interferiram em uma disputa trabalhista, tomando o lado dos trabalhadores Kwikhaul contra uma empresária honesta...

Grom chamou a sua outra metade pra isso.

— Isso não é verdade, e você sabe disso. Eles estavam ajudando a gestão!

— Aí vem a exploração de novo!

Yaddle olhou agradavelmente para a câmara holográfica enquanto discutiam. Atrás do dispositivo, Morna tinha a mão sobre o rosto.

Reez finalmente retornou a Jedi.

— Há inúmeros relatos de encontros com os Jedi nesta semana. Os recibos estão na barcaça do cassino *Pelágico* depois que um Mestre Jedi falou com uma multidão sobre apostas.

— Alguém convenceu três membros de um grupo musical local a procurar tratamento, — disse Grom. — Um membro do Conselho praticamente se mudou com uma pobre mulher, limpando a sua casa.

— E a notícia é que um dos seus foi até visto comendo montes de gelo no Mercado do Porto de Langdam e oferecendo conselhos de relacionamento!

Yaddle não tinha ideia sobre alguns dos incidentes a que os anfitriões se referiam. Mas não importava.

— As responsabilidades de um Jedi vão muito além das proteções básicas que fornecemos. Buscando a paz, que podem assumir muitas formas. O mesmo é verdade para a justiça.

— Mas vocês não podem estar em todos os lugares e fazer tudo, — disse Grom.

— Isso é absolutamente verdadeiro, — respondeu Yaddle. — E parte do trabalho do Conselho Jedi é determinar exatamente quem vai onde, e por quais razões. Mas nossa carga inclui ajudar pessoas individuais, bem como planetas individuais. E se um Cavaleiro Jedi ou Mestre Jedi no curso da ação tem a oportunidade de agir em menor escala, queremos que eles o façam. Também procuramos encorajar aqueles que encontramos a realizar mudanças em suas próprias vidas. Todos vocês têm esse poder. Todo mundo tem.

A sua voz era calorosa e calma, e esperava que estivesse conquistando pessoas na plateia. Mas os anfitriões estavam muito envolvidos em conflitos. Reez a desafiou.

— Diga-me novamente, a quem os Jedi servem?

— As pessoas. — Yaddle ergueu a mão para fazer um pronunciamento. — É por isso que escolhemos estas notícias para abrir a celebração no palco da arena: *Os Jedi estão com vocês.*

— Bonito, — respondeu Reez. — Mas com quem mais *vocês* estão?

— Nós protegemos a paz e a justiça. E a República Galáctica.

— Isso é contraditório, — disse Grom. — É como eu tenho dito há anos. A República *é* o problema.

— Lá vamos nós, — respondeu Reez. — Outra reclamação sobre a ganância corporativa. Tudo o que as boas pessoas de Kwenn querem é um lugar decente para...

Yaddle viu Grom fazendo um sinal com a mão.

— ...dar uma pausa para algumas mensagens de importância comercial, — disse Reez, sem perder o ritmo. — Mas quando voltarmos, teremos um convidado surpresa via holograma: o próprio Senador Gabban de Kwenn, falando de Coruscant sobre essa notícia incrível que acabamos de ouvir. Fiquem conosco!

O programa pausou. Yaddle ficou surpresa.

— O Senador? Já?

Reez tocou o seu fone auricular.

— O velho Gabban estava assistindo, junto com todos os outros a nossa transmissão interplanetária.

— Sim, se algo é até um pouco popular, Gabban, o Tagarela, está lá, na hora, pegando o crédito. — Grom revirou os olhos. — Eu o odeio.

— Eu também.

Era a única coisa que Yaddle ouvira ambas as metades de Reezingrom concordarem.

— Estique as pernas, — disse Reez pra ela. — Vamos te trazer de volta aqui quando ele terminar de falar.

— Como vou saber quando isso vai ser?

— Quando o sol explodir, — disse Grom.

Abaixou a cadeira e desceu. Cruzando o pódio, viu que a engenheira deixara outro trabalhador ocupar o seu lugar.

Yaddle encontrou Morna no corredor externo, olhando para a escuridão se espalhando pelo porto através da parede de janelas do prédio do estúdio.

— Há algum problema, minha criança?

A engenheira olhou pra trás, com os olhos grandes e escuros brilhando.

— Desculpe. Só de ouvir você falar sobre este lugar, e ajudar as pessoas a se ajudarem. — Ela balançou a cabeça. — Desculpe, — ela disse novamente. Ela olhou para fora novamente.

— Você continua se desculpando. — Yaddle caminhou até ficar ao lado dela. — Pelo que você precisa se desculpar?

— Por estar infeliz. — Morna caiu de joelhos, chorando.

Surpresa com o desabafo, Yaddle colocou a mão na testa da mulher.

— Ninguém é culpado por uma coisa assim.

— Mas eu sou. Deveria ser mais feliz.

— Você deveria ser *você*. Negar como você se sente seria negar a si mesma. — Yaddle olhou de volta para o estúdio. — Você tem um trabalho difícil gerenciando aqueles dois. O seu trabalho é exemplar.

Morna balançou a cabeça.

— Eles não estão piores hoje do que em qualquer outro dia.

Yaddle achou isso desanimador.

— Você já procurou por um emprego melhor?

— Não há um. E não importaria. — Morna enxugou os olhos e se levantou. — Você não precisa ouvir isso.

— Mas você precisa ser ouvida. Eu estou aqui.

Yaddle caminhou ao lado dela, pronta pra ouvir.

Depois de um longo silêncio, Morna se abriu.

— Eu vim pra cá do espaço Hutt, pensando que as coisas seriam melhores. Sempre ouvi dizer que Kwenn era o lugar mais bonito daqui. As chaves, os oceanos, os Caminhos da Harmonia. O farol na torre.

O entreposto Jedi.

— As coisas que te atraíram para Kwenn, elas acabaram sendo o que você acreditava que eram?

— Não. Quer dizer, sim, elas pareciam com os holos que eu tinha visto, em sua maioria. Mas é verdade que as coisas estão piorando. As pessoas dizem que num ano, Kwenn vai parecer com Ord Jannak. Que Ord Jannak está se transformando em Keldooine.

— Então é sobre segurança.

— Sim. E não. — Morna suspirou. — Tenho tido medo o tempo todo, não importa onde tenha morado. É tudo a mesma coisa em todos os lugares. Ninguém se importa com ninguém. Eles ficam bravos se você *se importa*, como se houvesse algo que eles sabem e você não.

— E você teme isso também.

— Eu sei, parece bobo. — Ela balançou a cabeça. — Talvez eu esteja imaginando tudo isso.

Yaddle balançou a cabeça.

— Seu mundo é aquele que você percebe.

— Mas eu *tenho* pensado que sou só eu. Que nunca vou ser feliz em lugar nenhum. — Morna deu um suspiro profundo. — Eu tenho visto o droide médico da empresa, e tenho procurado outras ajudas. Já passei por tudo isso antes. — Ela olhou para o vazio. — Há alguns anos, senti que as coisas começaram a desmoronar. Como se a gravidade tivesse parado de funcionar.

— Até a gravidade não é constante, — disse Yaddle. — O que *você* tem se agarrado?

— Nada, muito. Meu trabalho, eu acho. Mas você acabou de ver como Reezingrom é. Imagine isso por cinco anos.

— E as pessoas dizem que nós Jedi enfrentamos desafios difíceis.

— Há isso. — Morna olhou para fora e apontou. — *Isso*, isso tem sido a única constante. A Chama Inextinguível. Ela ainda está lá. Isso me deixa menos assustada. É por isso que ouvir você falar meio que me fez...

Ela parou.

Yaddle estendeu a mão pra segurar a dela.

— Aquela luz, Morna, aquela está fora de você. Há uma luz que está dentro.

— Uma luz. O que eu devo fazer com ela?

— Os Jedi passam a vida toda tentando ver essa luz, em si mesmos e nos outros. É parte de algo maior. *Você* é parte de algo maior.

— É algo que não me quer.

Yaddle balançou a cabeça.

— A Força existe para todos, porque ela *é* todos. Os Jedi, alguns podem pensar que somos favorecidos, porque temos um relacionamento mais próximo com ela. Mas tudo o que fazemos é cavalgar ao vento. O ar, o sol, isso é para todos os outros.

— Gostaria de sentir que eu era parte de algo assim. Só não consigo imaginar sentir isso em algum lugar deste planeta.

— Eu sei. Há *angústia* em Kwenn. Do tipo cotidiano e do tipo que se instalou em Keldooine e nesses outros planetas. Tudo é real. O sofrimento está no fim de uma corrente que começa com o medo, e o medo é algo que carregamos conosco, de mundo em mundo, emprego em emprego, lar em lar. Mas há algo mais.

— O que?

— Outra corrente, — disse Yaddle. — A coragem leva à paz. A paz leva ao amor. O amor leva à cura.

Morna olhou para ela e depois se assustou quando uma sirene soou pelos corredores.

— O segmento do Senador Gabban acabou de terminar. Você deveria voltar para lá. — Ela enxugou os olhos. — Você tem muito mais pessoas para falar.

— A Força decide com quem eu preciso falar. E eu vou decidir quando terminar. — Yaddle começou a andar com Morna, afastando-a do estúdio. — Tenho certeza de que 'Gabban, o Tagarela', pode preencher todo o tempo que lhe for oferecido.

CAPÍTULO 30

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

— *Depois da neve e da chuva, o sol sempre volta novamente...*

— Depois da mágoa e, em seguida, a dor, ambas vão, enquanto você permanece...

Era uma rima dos seus primeiros anos em Chalacta. Um verso infantil, para joelhos e cotovelos arranhados. Depa teria aprendido mais deles se tivesse ficado, mas a Força tinha outros planos para ela. Levaria muito tempo até que absorvesse mais, e depois de anos como aluna do Mestre Windu. Naquela época, Chalacta era como muitos outros planetas ao longo da rota Ootmiana: um mundo com muitas dores, e a iluminação que muitos de seus habitantes buscavam se tornara elusiva.

E ainda assim, apesar de todos os mantras usados pelos Jedi para afastar a dor e a desarmonia, durante o seu aprisionamento foi essa rima infantil que repetiu pra si mesma, várias e várias vezes. Não estava claro para ela quanto tempo havia sido mantida prisioneira por Zilastra. Apenas que a mulher parecia se deleitar em mantê-la suspensa na maioria do dia, bombardeada por tortura sonora.

Pelo que Depa podia perceber, Zilastra a estava usando como um objeto. Uma ferramenta de ensino, para convencer os membros de sua gangue de que os Jedi, mesmo aqueles que pertenciam ao Alto Conselho, não eram invencíveis, mesmo enquanto demonstrava o poder e a habilidade da pirata. Depa não conseguia lembrar de todos os rostos que havia visto. O que sabia era que a última visita indicava que tudo poderia acabar em breve. Zilastra

havia gravado um holo vídeo na sala, aparentemente dirigido aos membros dos Caminhantes da Fenda que não estavam em Valboraan. Foi isso, então: o fim de seu valor educacional. O fim deve estar próximo.

Não havia como contornar isso. O droide, IK-111, não tinha dificuldade em funcionar na câmara quando estava cheia dos sons eletrônicos ensurdecedores; ela desejaria ter o mesmo interruptor auditivo. Desde que despertou de outro meio sono, ela o viu preparar um spray tranquilizante. O cilindro era diferente dos que haviam usado antes, sugerindo uma dose mais forte. Zilastra poderia ter seu final sádico afinal.

O droide ergueu os olhos de seu trabalho. Virou-se e partiu, deixando a ameaça sonora operando. *Acho que estamos quase prontos*, pensou Depa.

Infelizmente, ela já sabia que a solidão não oferecia nenhuma oportunidade de fuga. As tensões de seu cativeiro haviam ultrapassado a resistência superior de até mesmo um Mestre Jedi. Não havia interruptor para manipular, nenhum item para projetar contra uma fechadura eletrônica. Não em sua condição, e nada que fosse provável de funcionar. Ela simplesmente não conseguia se concentrar.

— *Depois da neve e depois da chuva... machucado e dor?* — Isso não estava certo, ela percebeu. Ela cometeu um erro. Assim como cometeu um erro ao ser imprudente, se interessando por uma região que havia deixado quando criança. Ela tentou permanecer de forma responsável distante, seguindo o exemplo do Mestre Windu; ela enviou Xaran Raal para investigar a área em seu lugar. Tornou-se pessoal depois disso, não importando quais fossem as suas protestações em contrário. E Kylah tornou ainda mais pessoal.

— Kylah, — murmurou ela, com os olhos fechados. — Kylah... você precisa... ir embora. Você precisa ir.

— Mas eu acabei de chegar, — veio uma resposta gritada de baixo.

Depa abriu os olhos e lutou para se concentrar. Lá estava Kylah, à direita. A garota correu para os controles do gerador de som e desativou o barulho.

Kylah esfregou os dedos nos ouvidos.

— Chega disso!

Depa encontrou forças para falar.

— Como...?

A garota apontou para um duto de ventilação recém-aberto à esquerda de Depa.

— Não foi difícil encontrar um caminho aqui pra dentro. Eu só segui o som.

— Zilastra não sabe... que você está aqui?

— Não. Eu queria falar com você de novo. — Ela espiou ao redor do canto. — Se o IK foi buscar a Zil, vai demorar. Ela está terminando um jogo.

— Ela está... ganhando?

— Todos trabalham pra ela. Quem a vencesse acabaria esfregando fungos das paredes com os garotos. Ou pior.

Uma busca tão mundana, logo antes de uma execução. Depa havia enfrentado muitos mestres da destruição em sua carreira. Todos eles tinham grandes planos para os dias após os golpes principais, se tivessem sido bem-sucedidos. Zilastra tinha seguido seu golpe contra as outras gangues com umas férias caseiras com pausas ocasionais para brutalidade educacional. Ela podia imaginar alguns membros do Conselho se ofendendo com a ideia de morrerem pelas mãos de uma pessoa como ela. Não Depa. Morte era morte.

Viu Kylah na parede, tentando operar o painel de controle do raio de suspensão. Tentando, mas sem sucesso.

— Eu não consigo desligar isso. Zilastra entra com um código. Eu não tenho.

Depa não tinha criado expectativas.

— O que importa é que você veio.

Kylah olhou para o armário onde os sprays médicos estavam guardados.

— Eu poderia roubar todos eles!

— Adiando o inevitável. Zilastra só vai te machucar, então.

O rosto da garota caiu. Ela começou a chorar.

— Ela realmente vai fazer isso.

— Não esteja aqui. Ela vai fazer você assistir.

— Por quê?

— Pelo mesmo motivo que ela teve você aqui antes, — disse Depa. — Para que você se torne como ela. Cruel e sem coração.

— Mas você ouviu como ela cresceu.

— Eu não posso fazer nada sobre isso. Nós três viemos desta região. Isso não fez nenhum de nós se tornar como ela.

Kylah olhou para ela com os olhos brilhando de lágrimas.

— Os Jedi realmente levaram os amigos dela?

— Não tenho motivo para duvidar disso. Fazemos isso com os jovens que mostram talento. Como você ouviu, o droide aprovou.

— Onde estão eles? Os amigos dela?

— Eu não sei. Provavelmente não os teríamos criado juntos. Eles teriam sido separados desde cedo.

— O quê? Isso é terrível!

— As conexões, os laços pessoais, tornam difícil para nós realizar o nosso trabalho. Temos uma galáxia inteira para cuidar. Os vínculos comprometem o nosso julgamento.

— Então você não tem amigos? Nem família?

— Temos o restante da Ordem Jedi, e eles são os nossos amigos, a nossa família. Mas não permitimos que isso governe a nossa tomada de decisões. A responsabilidade que nos foi dada é grande demais pra isso.

Kylah olhou para o buraco na parede, ainda sem entender.

— Então você realmente não veio aqui porque o seu amigo foi morto?

— Eu vim, admito. Mas também queria saber o que havia neste lugar que poderia fazer alguém cometer uma coisa tão terrível, para que eu pudesse impedir que acontecesse novamente. — O rosto de Depa caiu. — O pobre Xaran se foi. A vingança não o trará de volta.

Kylah balançou a cabeça.

— Ainda bem que eu não sou Jedi.

Depa achou uma declaração estranha.

— Por quê?

— Eu não acho que quero confiar no julgamento de alguém que não está ligado a outras pessoas. — As suas palavras ficaram no ar por vários

momentos. Então ela acrescentou, — Eu também não gosto que Zilastra mate Jedi. E se ela encontrar um dos amigos dela do orfanato e não os reconhecer? Ela pode matá-los por acidente!

E como você acha que ela se sentiria se fizesse isso? Depa queria fazer a pergunta, mas era tudo muito horrível.

Kylah olhou novamente para o corredor.

— Você vai morrer a menos que eu te ajude.

— E se você me ajudar, *você* vai morrer. — Depa colocou toda a pouca força que tinha num último apelo. — Eu preciso que você vá. Você sempre se esconde em naves. Vá. — Ela travou os olhos com ela. — *Estou te implorando.*

Relutantemente, a garota acionou o controle de som e cobriu os ouvidos. *Adeus*, ela falou com a boca. Então, após um último olhar para Depa, ela se esgueirou para dentro do duto e fechou a grade.

O ataque sonoro durou menos de um minuto, desta vez. O droide assassino reentrou e o desativou. Zilastra logo seguiu, liderando uma grande comitiva. Burlug configurou a holo câmara novamente.

— Bem-vinda de volta, — disse Depa.

— Ei, você ainda pode falar! — Zilastra deu um polegar pra cima. — Isso aí, Mestra. Fale até o fim.

Depa observou os presentes. Eles exalavam ameaça. Apenas os capitães de Zilastra, desta vez; sem soldados ou subordinados.

— Uma plateia e tanto.

— Eu queria que a Kylah visse, mas ela desapareceu novamente. — Zilastra sorriu. — A pirralha melhorou pra ter um estômago mais forte. — Ela apontou para a câmera. — Ela vai assistir depois. Eu vou garantir disso.

— Estou surpresa que você nunca trouxe O Lobber e os seus amigos aqui.

— Oh, eu trouxe, enquanto você estava fora. Mas não espere a ajuda deles. Eles conhecem o poder. Eles não o têm, então são atraídos por ele. Eles o seguirão para qualquer lugar. — Ela piscou para os seus capitães. — É exatamente o que queremos, certo?

Os olhos de Depa se estreitaram.

— Parece pra mim que poder não é drogar alguém para matá-lo.

Zilastra a encarou.

— Você terminou?

— Está tudo bem. Estou pronta. A Força está comigo. Eu tenho uma consciência limpa.

— E *por isso* esta galáxia ficará melhor sem você. — Ela assentiu, e IK-111 obteve o spray preparado.

Depa sabia como funcionaria, em seguida. Nada que fizesse mentalmente derrubaria da presa magnética do droide; o raio de suspensão não teria efeito sobre as gotas. Zilastra e os outros estavam se protegendo, caso algo desse errado. Com o traje de proteção no lugar, a líder pirata juntou as mãos enluvadas e estalou os dedos.

— Vejo você na pista.

A Jedi tinham uma última jogada. Algo, qualquer coisa, que a Força pudesse fazer para prejudicar a eletrônica. As luzes na sala, os mecanismos do droide, qualquer coisa. Mas estava muito fraca. Tudo o que ouviu foi um leve zumbido.

— E agora? — Zilastra rosnou. — Sempre quando a diversão está prestes a começar.

Ela tirou um dispositivo do bolso do colete e leu uma mensagem nele.

— *O quê?*

Zilastra leu novamente, só pra mostrar Burlug.

— Você acredita nisso?

Ele leu duas vezes.

— Isso não faz sentido.

— Convidados inesperados? — Depa perguntou.

— Não, você não vai escapar tão facilmente. — Mas Zilastra pegou o dispositivo de volta com certa urgência. O que quer que estivesse ali a hipnotizou. A Nautolana estreitou os olhos, da mesma forma que fazia quando estava calculando.

Esta é a execução mais longa de todas.

— O quê? — Depa finalmente perguntou.

— Espere. — Zilastra tirou a máscara e instruiu o droide. — Você também espera. Eu volto.

Burlug a olhou com espanto.

— Você vai deixá-la?

— Vou lidar com ela depois, — Zilastra chamou por cima do ombro enquanto se apressava para a saída. — Você queria que eu visse o quadro geral, Mestra? Bem, eu acabei de ver. Fique por aqui, quero que você também veja!

CAPÍTULO 31

BRAZATTA KEY

KWENN

Sempre o último a chegar de novo! Previsível.

Yarael Poof não tinha realmente um complexo de perseguição. Apenas fingia ter um. Como um dos membros mais antigos do Conselho Jedi, o Quermiano tinha conquistado o seu lugar cem vezes mais. A sua habilidade de persuadir as pessoas através do uso da Força era incomparável, e empunhava o seu sabre de luz com habilidade consumada. Mas enquanto Yarael ainda estava em sua melhor forma física, uma consequência de sua vida extremamente longa era que já tinha visto de tudo. Entediava-se facilmente.

Crescentemente no último século, havia buscado se entreter respondendo aos eventos de maneira diferente do que teria feito antes. A expressão mais extrema era uma nova predileção por brincadeiras, mas havia outros elementos. Agora se envolvia em trocas de palavras, algo que uma vez considerou perda de tempo e foco. Também reagia a insultos com pesar fingido, só para ver o que os outros diriam.

Na verdade, era por acaso que tendia a chegar às reuniões por último. Às vezes, a sua distração era a culpada, mas muitas mais vezes estava ocupado fazendo algo altruísta. A sua chegada em Kwenn se encaixava no último caso; havia sido atrasada por sua viagem bem-intencionada, embora fútil, para Keldooine.

Então, quando pousou num pequeno pátio em Brazatta Key, onde Ki-Adi-Mundi havia dito que ele poderia ser encontrado, Yarael determinou

que não mencionaria a sua chegada tardia. Ki-Adi-Mundi tinha pouca paciência para trocas de palavras, e isso incluía tentativas de provocação. *Ele é uma pessoa boa e trabalhadora,* Yarael pensou, *e não devo aborrecê-lo.*

Ki-Adi-Mundi o viu se aproximar.

— Saudações, Mestre Yarael.

— Diga o que quer dizer. — Yarael cruzou os seus longos e ossudos braços. — Eu sempre sou o último a chegar.

— Você me disse que ia parar de provocar discussões.

— Essa era a minha intenção, até cinco segundos atrás.

— Isto é progresso, — respondeu Ki-Adi-Mundi. Eles começaram a caminhar pelas ruas da área industrial, cobertas por fábricas de ambos os lados. — De qualquer forma, você não é o último a chegar. O Mestre Windu ainda está procurando a Mestra Billaba. E o Mestre Koth me disse que tinha mandado chamar o Mestre...

— Todo mundo que conhecemos é mestre. Você pensaria que poderíamos usar os primeiros nomes das pessoas.

— Você simplesmente quer que o *seu* primeiro nome seja usado.

— Poof é um nome grandioso e histórico entre os Quermianos. Não é a *minha* culpa que, quando é traduzido para Básico, soa como o final de um truque de mágica.

— De qualquer forma, — disse Ki-Adi-Mundi, — os nossos colegas merecem os seus títulos honoríficos. Eles os conquistaram.

— E eu conquistei o meu muito antes de você nascer. — Yarael balançou a cabeça. — Não importa.

Viu Ki-Adi-Mundi dar o mais leve traço de um sorriso.

— Você pretendia inicialmente não me provocar desta vez. Isso é progresso. E enquanto a celebração do bicentenário é anunciada e o nosso tempo fica curto, você chegou com bastante antecedência pra me ajudar.

— Ajudá-lo, a encontrar entretenimento? — Yarael sorriu. — Eu ajudei a financiar o anfiteatro para o grupo de repertório local, sabe.

Ki-Adi-Mundi acenou com a mão.

— Eu não procuro distrações. Eu disse ao Mestre Rancisis que estava investigando um problema que os locais estão enfrentando.

— Falei com ele quando cheguei na órbita. Tudo o que ele disse foi que você estava numa das ilhas resorts. Se esta é uma delas, vai perder o endosso do departamento de turismo.

Yarael fez um gesto para os prédios deteriorados que ladeavam a rua. Havia visitado Kwenn muitas vezes, mas não se lembrava de ter algum lugar que se parecesse com aquele.

Ki-Adi-Mundi apontou para o sul.

— Um casal que conheci é dono de uma empresa industrial nesta key. Os produtos que fabricam são realmente impressionantes. O seu principal produto é uma barraca que protege os acampantes contra sol, vento, fogo, eles afirmam que refletiria um disparo de blaster, e eu não duvido. Muito útil nas key onde os incêndios têm sido frequentes.

Yarael viu alguns dos incêndios durante a sua descida.

— Parece uma boa ideia.

— É, e eu confirmei o que mais me disseram: Há pessoas ameaçando os proprietários de negócios e os moradores.

— E você achou que era uma oportunidade para algum trabalho de campo. — Yarael bateu em seu sabre de luz dentro de sua capa. — Eu passei o dia todo numa nave. Direcione-me aos vândalos!

— Isso seria imprudente. — Ki-Adi-Mundi enumerou alguns dos outros fatores com que tinham que lidar. O fato de os arruaceiros estarem armados não era motivo de grande preocupação, mas o número de civis ao redor era. Haviam crianças e idosos nas ruas, assim como seres de pequena estatura. Eles, também, estavam sendo vitimizados pelos incômodos itinerantes.

Ki-Adi-Mundi apontou para um humano calvo de couro com espinhos de alguma forma enfiados em sua cabeça.

— Ele é um membro dos Caveiras Empaladas. Um dos cinco trabalhando nesta rua.

— Por aqui. Durante o dia.

— Sim, quanto mais longe se viaja do Monte Santuário, mais ousados eles se tornam. Eu tenho estado perplexo a maior parte da manhã sobre

como extrair essas pessoas da população.

— Isso é tudo? — Yarael ergueu a cabeça até sua altura máxima e acenou para o valentão. — Ei! Aqui!

O baderneiro se virou para longe do comerciante que estava assediando e caminhou na direção deles. Os olhos de Ki-Adi-Mundi se deslocaram da esquerda para a direita.

— Eu disse a você, a batalha aqui seria...

— Imprudente. Deixe comigo.

O Crânio usava blasters num coldre duplo e carregava um bastão, o que Yarael achava exagerado. Ele se aproximou de Ki-Adi-Mundi e Yarael e grunhiu.

— Você é novo.

Yarael baixou a cabeça.

— Eu sou na verdade muito velho, mas obrigado.

— Você não pagou os seus impostos.

Yarael estava prestes a dizer algo quando Ki-Adi-Mundi interveio.

— Meu associado e eu somos turistas.

— Bom pra você, — disse o Crânio. — Há um imposto turístico de vinte créditos. — Deixando o bastão pendurado numa corrente ao seu lado, ele abriu uma bolsa. Haviam créditos da República dentro dela. — Pague.

Ki-Adi-Mundi levantou uma sobrancelha branca.

— Por que este imposto não foi cobrado quando pousamos?

— Falta de atenção.

— Que triste. — Ki-Adi-Mundi balançou a cabeça. — Talvez se você nos mostrasse as suas credenciais, nós poderíamos contatar alguém que pudesse resolver o assunto.

— Resolver *o que*?

Yarael colocou a mão sobre o rosto. *Podemos fazer isso o dia todo.*

Ki-Adi-Mundi estava prestes a falar novamente quando Yarael se inclinou e acenou com a mão diante do membro da gangue.

— *Você não quer o nosso dinheiro.*

O Crânio congelou.

— *Eu não quero o seu dinheiro.*

— *Você nos deixará em paz.*

— *Eu os deixarei em paz.* — Aparentemente confuso, ele se virou e se afastou.

Yarael estendeu os seus longos braços e sorriu.

— Viu? Simples.

— Bom trabalho. — Ki-Adi-Mundi acenou na direção do próximo estabelecimento. — O que você fará sobre *isso*?

O Crânio voltara a incomodar o comerciante anteriormente.

Yarael viu isso e se aproximou dele.

— Ei!

— O que?

— *Você já cobrou dele,* — disse Yarael.

— *Eu já cobrei dele.*

O restante da interação continuou como antes, e o Crânio seguiu em frente pelo quarteirão.

Yarael se virou para ver Ki-Adi-Mundi batendo o pé contra a calçada.

— Como você informou aos jovens no Templo Jedi, não é possível afetar a sua tomada de decisão além dessas breves interações. Você pretende segui-lo o dia todo?

— Eu vou dizer a ele que ele já cobrou de todo mundo. — Yarael estalou os dedos. — Um dia mais cedo!

— E o que você fará quando ele chegar aos seus empregadores, pois ele certamente os tem, sem nenhum ganho?

Yarael franzia a testa.

— Acho que poderíamos dar a ele alguns créditos nossos. — Ele alcançou a sua bolsa de crédito, apenas para dizer, — Quanto você tem?

O olhar frio foi resposta suficiente.

Ki-Adi-Mundi estava certo, Yarael sabia. Subsidiar todos os bandidos na ilha provavelmente não era uma solução viável, e certamente não a longo prazo. Nem qualquer uma das brincadeiras que ele conseguia imaginar seriam úteis.

O Cereano parou ao notar vários outros baderneiros em movimento. Essa parte de Brazatta Key parecia ser território dos Caveiras Empaladas, com

certeza.

— Talvez se entrássemos num prédio. Confinássemos a ação a um espaço onde ninguém será prejudicado, ou até mesmo verá.

Yarael esfregou o queixo.

— Quando Qui-Gon sugeriu que conhecêssemos as pessoas, duvido que ele quisesse que as arrastássemos para fora da rua. — Ele pensou por um momento. — A melhor opção seria descobrir o que leva alguém a perfurar um buraco na cabeça, e resolver isso.

— O que eu ficaria feliz em fazer, — disse Ki-Adi-Mundi. — Mas suspeito que a resposta possa variar de indivíduo para indivíduo, e enquanto eu disse que tínhamos muito tempo antes da celebração...

— Não *tanto* assim.

— Você capturou os meus pensamentos sucintamente.

— 'Sucinto' não está em seu vocabulário, mas você está certo nessa. — Yarael suspirou. — Economizaríamos tempo se seguíssemos esse dinheiro, e descobríssemos o que motiva quem está liderando essa operação?

Ki-Adi-Mundi fitou.

— Isso poderia ter um impacto maior. E no mínimo, pode ser um lugar mais apropriado para o combate.

Os Caveiras Empaladas que aparentemente haviam completado suas rondas se dirigiram a um landspeeder marrom estacionado no final de uma ponte que saía da ilha. Um por um, eles entregaram as suas bolsas de crédito para alguém dentro da cabine fechada.

— Agora, — disse Ki-Adi-Mundi, alcançando o seu sabre de luz. — Vamos devolver o dinheiro dessas pobres pessoas.

Yarael puxou a sua túnica.

— Ou!

— Ou o que?

Yarael já estava andando.

— Você aí!

O Crânio com quem tinham conversado antes olhou pra trás para ele.

— O que agora?

— Onde vamos nos inscrever?

— Inscrever?

— Com a sua ordem, — disse Ki-Adi-Mundi.

— Ordem?

— O seu caos organizado, — respondeu Yarael. — O que quer que você chame. Onde nos juntamos?

O homem careca o examinou de cima a baixo.

— Um Crânio Quermiano? Ridículo!

— Você me fere. — Yarael apontou para Ki-Adi-Mundi. — E o meu amigo aqui? Imagine aquela coroa proeminente, enfeitada com espinhos. Ele estará comandando o bairro em pouco tempo.

Ki-Adi-Mundi entrou na brincadeira.

— Sim, eu gostaria de... fazer o que quer que você faça. — Ele ofereceu um punhado de créditos. — E estes seriam para você.

— Agradecimentos de um turista, e de um futuro colega de trabalho, — disse Yarael.

O Crânio balançou a cabeça. Então ele pegou o dinheiro.

— Seu funeral. O chefe comanda as coisas no Pub do Gutson, ali em Vorah Key. — Ele se afastou.

Yarael aplaudiu.

— Vorah! — Então ele lembrou de algo, e os seus lábios se curvaram pra baixo. — Essa é a próxima ilha. Como chegamos lá?

— Da mesma maneira que eu cheguei aqui. — Ki-Adi-Mundi alcançou o seu comunicador. — Os Mestres Plo e Tiin estão operando um serviço de táxi.

Yarael riu.

— Você quer dizer que eles têm o único speeder e Saesee está preso dirigindo todos nós por aí.

— Eu falei precisamente. *Eles estão operando um serviço de táxi.*

Perplexo, Yarael chamou atrás dele.

— Você vai me dizer sobre o que está falando?

— Eu não posso explicar tudo. — Ki-Adi-Mundi começou a andar. Ele olhou pra trás por cima do ombro. — Tente chegar mais cedo da próxima vez.

CAPÍTULO 32

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

Zilastra apressou-se pelos corredores da base dos Caminhantes da Fenda em Valboraan, com Burlug seguindo atrás dela. Ele quase a alcançou quando ela parou abruptamente e começou a escalar uma escada.

— Zil, espere! — O Feeorin começou a subir. — Pra onde você está indo?

Ela não respondeu. Chegando ao nível superior, dirigiu-se ao centro de comando improvisado. Lá encontrou Ventner, o seu sabe tudo residente, curvado sobre o terminal através do qual mantinha controle sobre a região. Ela deu um tapa na cabeça escamosa de Rodiano dele.

— Acorde!

Ventner gemeu e olhou para ela.

— O que foi, chefe?

— O que você tem sobre as outras equipes?

— Nossas equipes?

— Não, pastor de nerfs. As outras gangues!

— Não muito. — Ele esfregou a parte de trás da cabeça onde foi atingido. — Eu teria mais se você me deixasse colocar a matriz de receptores por mais de um minuto de cada vez.

— *Ventner!*

— Está bem, está bem. — Ele balançou a cabeça e puxou uma tela de situação. — Aqui está o que temos.

Zilastra examinou as informações. Burlug chegou enquanto ela estava lendo.

Ela riu.

— Sim. Eles ainda estão dilacerando uns aos outros, — disse ela. — E atacando, procurando alguém para atingir.

— Nós sabíamos disso. — Burlug cruzou os braços. — Eu pensei que você ia matar a Jedi!

— *A Jedi*, — ela murmurou. — Como ela pudera ser tão tola?

— Do que você está falando? O que fazemos com a Billaba?

— Oh, eu vou matá-la. Não duvide disso. Mas há algo mais, e não pode esperar mais um segundo. — Zil apontou para a tela. — Isso já é o bastante. Mostre-me o pessoal das outras gangues.

Ventner bocejou.

— Por quê?

— *É pessoal!*

— Tudo bem, tudo bem. — O Rodiano fez o ajuste e olhou para a Feeorin. — Sobre o que é tudo isso?

— Você me pegou, — disse Burlug.

Zilastra examinou os nomes. Todos pertenciam a membros de alto escalão das outras quatro gangues, ou pessoas que os Caminhantes da Fenda suspeitavam estar nessas posições, de qualquer maneira.

— Esses em vermelho estão confirmados como mortos?

Ventner deu de ombros.

— Até onde algo pode estar. É de interceptações e rumores passados por nosso pessoal, então é irregular.

Zilastra assentiu. Ela não sabia se estava sozinha entre os chefes de piratas em manter controle sobre essas informações, mas certamente tinha se beneficiado disso. Sem isso, nunca teria sido capaz de realizar o esquema com os casos que começaram o caos.

— As caixas, — ela disse. — Meses. Meses que passamos coletando e preenchendo essas caixas bobas!

— Qual é o seu problema? — A paciência de Burlug havia se esgotado. — Foi genial, Zil. Foi uma grande ideia, e você conseguiu o que queria.

Abrimos um buraco nos lados das outras quatro gangues, para que pudéssemos ter alvos mais fáceis. Talvez possamos pegar algumas das coisas boas que eles deixaram nos destroços. Valeu o investimento.

— Mas eu ainda não coletei esse pote. Ninguém sabe ao certo que fui eu responsável. Sabe? — Ela agarrou a gola de Ventner. — *Sabe?*

— O que? Não! — Ele balançou a cabeça. — Não, não. Eles também acham que você está morta.

Zilastra assentiu enquanto olhava para a tela.

— Eles não sabem que fui eu.

— Então, você certamente não pode dizer a eles que fez, — disse Burlug. — Você teria todo mundo contra nós. Quatro contra um geralmente vence.

— Não contra a Rainha do Ar e da Escuridão. — Ela ficou ereta.

— O quê, a carta de sabacc?

Não deu uma resposta a Burlug. Zilastra estava novamente a caminho da toca oficina de Tokchi, o seu especialista técnico.

Chegou lá assim que ele, sem fôlego, acabara de retornar da execução interrompida. O Ithoriano olhou pra ela.

— O que está acontecendo?

— Aquele holo vídeo que fizemos mais cedo com a Jedi. Já enviamos para as nossas equipes?

— Claro que não, — disse Tokchi. — Você disse que íamos esperar até você matá-la e colocar isso no final.

Zilastra pensou por um momento.

— Vamos guardar essa parte, caso precisemos de um adocicante.

— Precisar de um o quê? — Burlug tinha chegado atrás dela, parecendo frustrado. — Não estou entendendo para onde você está indo, Zil.

— Quero a sala do conselho pronta para eu fazer uma ligação, — disse ela para Tokchi. — Prepare o vídeo para quando eu pedir. Ventner tem a lista de contatos.

Tokchi balançou a cabeça e procurou o seu fone de ouvido.

Zilastra girou novamente, pronta para sair correndo, apenas para Burlug segurá-la pelos ombros.

— Pare!

Ela rangeu os dentes.

— Tire as suas mãos de mim, Luggy.

— Não até eu saber o que você está fazendo!

— Não há tempo.

— Tempo pra quê?

— É como eu disse. O pote ainda está na mesa. Mas vou deixar rolar. Vou apostar mais alto, muito mais alto.

— Não sei do que diabos você está falando.

Burlug a soltou, e ela respirou fundo.

— Os canais que estávamos usando para alcançar as outras gangues, — ela disse. — Ainda temos eles.

— Sim, mas não há ninguém do outro lado. Nós explodimos todos eles!

— As pessoas no topo, Luggy. Os vermelhos na lista do Ventner. Mas as organizações ainda existem. Alguém vai responder. E as chances são de que será quem estiver no topo no momento.

— Não sei não. Todos ainda estão cambaleando. Estão indo atrás uns dos outros, com certeza, mas é para encobrir a sua fraqueza. E para manter os seus próprios membros de tentar se matar. — Burlug balançou a cabeça. — Você fez um estrago maior nas outras gangues do que você sabe.

— E assim ainda é minha jogada.

Observou enquanto ele a encarava. Conhecia-o há mais tempo do que qualquer outra pessoa nos Caminhantes da Fenda; na verdade, ele tinha sido o líder do bando em seus primeiros dias. Mas ele reconheceu sabiamente a sua habilidade como tática e a sua prontidão para fazer qualquer coisa para ter sucesso. Isso era raro entre as gangues. Confiava nele e o mantivera vivo como consequência, onde outros poderiam ver um usurpador em potencial. Ele confiava nela também, e parecia confiar novamente agora.

— O que você tem em mente?

— Você se lembra da coisa que conversamos de volta em Aggarda? Com o velho que estava no negócio há um século?

Ele coçou o queixo.

— Você não quer dizer...?

— Sim, a *coisa*!

Burlug claramente se lembrou.

— Zil, mas isso era só desejo. Um veterano, bêbado e meio morto, lamentando o que poderia ter sido.

— Eu não bebo, e estou viva.

— É um sonho. Um sonho de pirata. Isso é tudo que é. Você tem mais chances de pastorear... o que são aquelas coisas em Kwenn?

— Boolahs.

Tokchi levantou o fone de ouvido e falou.

— Fiz algumas das conexões que você pediu.

Zilastra sorriu.

— Eles responderam!

— Eles estão, uh... surpresos. — Ele fez uma careta. — E xingando.

Ela cutucou Burlug no peito.

— Vai funcionar. Me observe.

— Mas e os Jedi?

— Apenas traga a caixa! — Ela apontou para Tokchi. — E você, depois, se prepare. Vou precisar que você faça uma viagem!

— Eu? Pra onde?

— Depois. A ligação primeiro!

Ignorou os seus pedidos adicionais por informações enquanto corria pelo corredor. Não havia tempo para trocar de roupa, para encontrar algo adequado para a próxima jogada, a mais importante de sua vida. Cada segundo desperdiçado aumentava as chances de fracasso. Tinha que agir enquanto as memórias estavam frescas.

Entrou na sala circular. As marcas dos tiros que o Jedi havia desviado ainda estavam visíveis na parede.

— Tokchi, a câmera está ligada?

A sua voz veio pelo intercomunicador.

— Está ligada, chefe.

Acomodou-se em sua cadeira, apenas para mudar de ideia.

— Vou andar enquanto falo. Tem problema?

— Estou apenas te conectando a quatro partes diferentes a anos-luz de distância, nenhuma das quais quer ouvir você. Claro, posso improvisar.

Respirou fundo, se recompondo, e sorriu quando Burlug entrou com a última caixa da Viagens Real dos dias anteriores. Ainda estava aberta e não perdeu o seu valor como adereço. Se algo, a sua importância tinha crescido.

Pegou a caixa dele.

— Obrigada. Agora saia da minha frente.

— Com prazer. — Burlug foi para a parede redonda.

— Todas as quatro partes estão conectadas, — anunciou Tokchi.

Zilastra olhou de um lugar vazio para outro. Nenhuma cadeira holográfica desta vez, ou qualquer outra coisa.

— Não consigo ver ninguém.

— Ninguém está disposto a aparecer em holograma. Eles estão apenas assistindo e ouvindo. Mas estão lá.

— Tudo bem.

Ela começou a caminhar no meio da câmara.

— Vocês são todos novos aqui, então se ainda não ouviram falar, sou Zilastra dos Caminhantes da Fenda. Como podem ver, estou viva. — Ela levantou a caixa e mostrou que estava aberta. — E estou viva porque fiz isso com todos vocês. As bombas que estavam aqui, todas vieram de mim.

Silêncio. E então uma voz pôde ser ouvida do espaço vazio à sua esquerda.

— Você está mentindo.

— É, — disse alguém à sua direita. — Bela história.

— Oh, estou dizendo a verdade. Acho que vocês já perceberam que essas foram as que mataram os seus chefes. Talvez alguns de vocês gênios até já tenham retaliado contra a Viagens Real.

Silêncio. Até que alguém disse:

— Não, mas é uma boa ideia.

— É uma *ideia estúpida*. Mas tudo bem. Estou aqui pra pensar por todos vocês.

Lançou um olhar para Burlug. Ele estava cobrindo o rosto com as mãos. Mas não havia mais como parar agora.

— Fui eu quem fez tudo isso, — ela disse. — Um golpe grande, tirando todos os seus chefes do jogo. A verdade é que todos vocês me devem. Eu tomei as medidas que alguns de vocês provavelmente já estavam pensando em tomar. A diferença é que eu agi primeiro.

Ainda ninguém aparecia. Mas alguém disse:

— Continue.

Continuou a andar em círculos.

— Vocês provavelmente vão caçar os Caminhantes da Fenda junto com todos os outros que estão perseguindo. Talvez vocês tenham notado que estamos escassos. Isso deveria ser prova suficiente de que estou dizendo a verdade. Alguns de vocês estão pensando ainda mais em me atingir agora.

— *Todos nós!* — Foi um grito que certamente veio do representante dos Infames.

Não estava intimidada.

— Claro, vocês podem perder tempo fazendo isso. Mas pensem: se fui capaz de colocar baradium-357 bem debaixo dos narizes de seus chefes, que outras surpresas eu plantei? Devo ter pessoas por toda parte, certo?

Uma mulher Twi'lek num traje de três peças apareceu holograficamente. Ela, também, estava de pé. Zilastra a identificou imediatamente como uma Reputações Sujas.

— Eu sou a Diretora Executiva Linn, sucessora de Darwoh, — disse a mulher, cautelosa. — Onde você quer chegar com isso?

— Estou dizendo que se eu posso fazer o que quiser com vocês, quando quiser, então a rota Ootmiana é um jogo completamente novo.

Um membro dos Caveiras Empaladas apareceu por holograma. Ele segurava uma corrente coberta de sangue, claramente algo que tinha acabado de ser usado.

— Você acha que pode nos extorquir? Nos fazer seus escravos?

— Esperem aí, — ela disse. O cara se parecia muito com o Eviscerador, o seu líder falecido. *Eles devem pegar esses caras da mesma fábrica*, ela pensou. — Eu nunca disse nada sobre escravidão. Apenas descrevi a nossa relação, a nossa nova relação, em termos que vocês devem entender. — Ela

levantou a caixa em sua mão. — Já lhes dei um exemplo muito vívido, apenas alguns dias atrás.

Um Trandoshano vestido de preto apareceu no espaço reservado aos Infames.

— Você está blefando, — disse ele com um rosnado.

— Alguém muito importante, alguém que vou mostrar a vocês num momento, diz que eu nunca blefo. — Zilastra foi para o centro. — E isso chega ao motivo de eu ter chamado vocês hoje. Eu disse que o jogo mudou. Quis dizer que há um *novo jogo*, se estiverem interessados. — Ela levantou a caixa novamente. — Realmente, estejam ou não interessados.

O último membro apareceu, representando os Lâminas Envenenadas.

— O que você está oferecendo?

— O sonho de uma velha pirata. Um bando de piratas por toda a rota. Unida, *às minhas ordens*, e fazendo todos vocês mais ricos do que jamais imaginaram. — Ela sorriu para Burlug. — Mas vamos ter que agir rápido. *Muito* rápido.

CAPÍTULO 33

MALBAIRA KEY

KWENN

— Prontos, — gritou Plo Koon. — Agora!

O Kel Dor observou enquanto Saesee Tiin acelerava os motores do airspeeders. Era algo ridiculamente perigoso que estavam tentando. Civis não tinham permissão para ter aeronaves em Kwenn, mas Saesee havia usado vigas para conectar vários motores da Kwikhaul excedentes numa plataforma voadora de estrutura aberta, capaz de levantar algo grande a um metro do chão.

O item a ser içado era verdadeiramente colossal: um marreco oroko. O equinodermo de nove pontas era achatado, com apenas dois metros de altura, mas compensava isso em área de superfície. Plo Koon achava que cobriria a maior parte do chão aberto da Câmara do Conselho Jedi em Coruscant. Ele estava caído na praia em Malbaira Key, sem resposta, mas ainda vivo.

Através da estrutura do levantador pairando, Plo podia ver os cabos que ele havia cuidadosamente amarrado ao redor das nadadeiras dorsais da fera. O movimento do repulsor fez os cabos ficarem tensos, mas a enorme criatura não se moveu.

— Parem! Vocês devem parar! — Oppo Rancisis gritou lá de baixo. — Cessem antes que façam mal!

Plo transmitiu a ordem e olhou pra baixo.

— O que é isso?

— Não está funcionando. — Coberto de respingos do mar, Oppo estava ao lado da criatura. — Kooroo-coo está aterrorizado. A sua ligação com o chão só aumenta à medida que os cabos puxam ele.

Plo olhou para ver se Saesee tinha ouvido a instrução. Ele ouviu. Os motores diminuíram, permitindo que a plataforma improvisada pairasse a alguns metros sobre o corpo escorregadio da criatura.

O marreco oroko era nativo de Kwenn antes do desastre ecológico, séculos antes. Muito antes da Renovação, a academia zoológica em Alderaan havia julgado Kwenn como uma causa perdida, removendo um cardume de oroko para uma reserva de lagoa naquele planeta. Eles mais tarde devolveram as criaturas ao seu habitat nativo, graças aos esforços do Mestre Oppo e dos Jedi. A reintrodução do oroko em Kwenn havia sido o momento culminante do esforço de resgate de vários anos. Oppo havia nadado com os seres na época.

A espécie havia prosperado, mas agora parecia estar em perigo novamente. Yoda relatou ter visto um oroko encalhado enquanto era passageiro num dos novos aqua speeders da Kwikhaul. Tais eventos estavam acontecendo com mais frequência ultimamente, de acordo com as pessoas bem-intencionadas reunidas por perto. Sem um retorno rápido à água, a morte do oroko era inevitável. Isso foi o suficiente para tirar Oppo de seus preparativos para o evento e colocá-lo na ação.

Oppo pressionou as suas mãos e bochecha contra a superfície viscosa da criatura.

— Sim, meu amigo. Tudo ficará bem.

— Seu amigo? — Plo perguntou.

— Kooroo-coo eu conheço desde sempre, — respondeu o Jedi Thisspiasiano. — Ele é o líder, e com isso quero dizer que ele lidera o cardume.

— Se ele é inteligente, peça pra ele soltar o chão, — disse Saesee.

— Ele é um velho amigo, mas não conquistamos substantivos.

Eles já haviam considerado e rejeitado a ideia de mover o oroko com a Força. A naturalista que haviam convocado da universidade sugeriu que voar poderia causar uma reação de pânico fatal.

Plo ajustou o seu filtro de respiração. Ele olhou para os metros que a criatura havia percorrido pela praia antes de ficar presa.

— O que o fez encalhar?

Oppo fechou os olhos enquanto segurava o oroko.

— Sinto perda. Confusão. Tristeza.

— Algo próximo a ele morreu? — Saesee perguntou.

— Ou vai. — Oppo abriu os olhos. — Não posso dizer mais.

— O que são esses? — De seu poleiro na plataforma voadora, Plo apontou para os pequenos buracos ao longo da praia. — Parece que alguém esteve cavando.

A naturalista se apressou na multidão para dar uma olhada.

— Esses eram depósitos de nódulos de orokite, — ela disse. — Esses podem ser tesouros!

— Tesouros? — Oppo perguntou, e ao fazer isso, o oroko estremeceu.

— Ele respondeu a isso, — disse Saesee.

— Ou aos meus pensamentos. — Oppo deu um tapa na testa. — Maldito seja eu por ser um tolo. O corpo do proctor acumula minerais do leito do mar em grandes nódulos polidos, que ele deposita na areia. Eles se secam ao longo de décadas.

A naturalista se juntou à conversa.

— Ele estava tentando devolver isso para alimentar os jovens. O oroko deve estar dando à luz lá fora!

Oppo tocou o oroko e se concentrou novamente.

— Sim. Alguém desenterrou os tesouros de Kooroo-coo. Quando ele não conseguiu encontrá-los, ficou tempo demais e a maré baixou.

— Abutres, — a naturalista disse com um olhar de desaprovação. — As pessoas vendem os nódulos para os Reputações Sujas em Quarney Key. Eles fazem isso por milhares no mercado ilícito.

— Nós sabemos como lidar com isso, — disse Saesee. — Mas a água ainda está a metros de distância.

— Então precisamos mudar a maré, — disse Plo. Ele soltou um cabo e foi até outro.

A sua ação alarmou o seu colega.

— O que você está fazendo?

— Não podemos levá-lo para o mar. Mas podemos levar o mar até ele!

Levou alguns momentos antes de Saesee entender o que ele tinha em mente, mas pareceu concordar com isso. Ele guiou o veículo alguns metros para o mar.

— Depois de todo nosso trabalho de reparo, será uma mudança destruir algo!

Informados sobre o que fazer, Oppo ordenou que os espectadores se afastassem mais para o interior. Tirou a sua capa externa e subiu e se posicionou em cima do corpo do oroko. Enquanto isso, Plo e Saesee ágilmente caminhavam ao longo das vigas que seguravam as turbinas juntas, fazendo alterações-chave, e destrutivas, nos motores que os mantinham no ar.

A plataforma de treliça começou a girar. Lentamente, a princípio, mas com motores rugindo cada vez mais rápido. Ao mesmo tempo, a aeronave improvisada perdeu altitude. Estava a apenas um metro acima da superfície quando os Jedi mergulharam dela. Eles permaneceram na água por meros segundos, nadando o mais rápido que podiam. Atrás deles, o que seria o transportador de oroko girava loucamente, o vórtice de sua rotação levantando água de baixo.

Plo olhou para ver que Oppo estava nas costas de Kooroo-coo, agarrado a uma das nadadeiras. O que ele gritou não pôde ser ouvido sobre o barulho, mas os três sabiam o que viria em seguida. Plo e Saesee viraram na água.

Saesee tinha ajustado o veículo para um passeio curto, e terminou abruptamente quando toda a engenhoca perdeu a pequena elevação que lhe restava, um cata-vento em queda livre. As turbinas explodiram no horário previsto, uma carga explosiva rasa enviando uma colossal pluma de água do mar para o alto.

Mas *não* em todas as direções. Boiando na água, Plo e Saesee levantaram simultaneamente as mãos e dirigiram a cascata para dentro com a Força. Uma parede de água gritava em direção a Oppo e ao oroko, esmagando-os.

À medida que mais água caía, a criatura perdia a sua firmeza na praia e pegava a onda de saída.

Plo olhou para Saesee, tão encharcado quanto ele estava.

— Você viu, Mestre Tiin? Eu poderia ter redirecionado aquele líquido refrigerante que você derramou em mim de volta no hangar.

— Eu *derramei*?

Eles ouviram um feliz balido animal. Encharcado e se agarrando, Oppo espiralava junto com a criatura, girando num redemoinho criado pela explosão. Plo gritou:

— Você precisa de ajuda, Mestre?

— De jeito nenhum, — Oppo disse. — Kooroo-coo sempre fica feliz no mar e pronto para encontrar os seus outros tesouros. Eu vou andar com ele para garantir que ele não se machuque!

Saesee olhou para Plo e fez um gesto com as mãos para chamar.

— Você tem um evento para planejar!

Oppo não respondeu, a menos que gritar como um Thisspiasiano com um décimo de sua idade contasse. Deixou Plo feliz ver isso.

Molhado, voltou para a praia, onde os espectadores aplaudiam.

— Isso não é necessário, — ele disse, limpando os óculos. — A crise acabou. Malbaira Key é uma reserva natural. Deixe-a novamente em paz.

Enquanto os civis se dirigiam para os seus veículos, Plo viu que o seu companheiro ainda estava na água, tendo encontrado uma lâmina de turbina da plataforma explodida.

— Você poderia ter pedido a eles para nos ajudar a retirar esses destroços daqui, — disse Saesee.

Plo não respondeu. Em vez disso, ele se juntou ao seu companheiro para retirar pedaços de destroços do mar.

Saesee falou enquanto trabalhavam.

— Então os Reputações Sujas estão estabelecidos em Quarney Key.

— Entre outros lugares. — Trabalhar com a Kwikhaul tinha sido para o benefício dos trabalhadores e do proprietário da empresa, mas tinha lhes dado muitas informações sobre quem estava onde em Kwenn. — Todo

mundo tem recrutas aqui, se não uma base real. É como se estivessem esperando por algo. Ou *alguém* sair.

— Lá vai você de novo. Nos culpando. — Saesee levantou uma placa de motor retorcida da lama. — Nós não dissemos a essas pessoas para se mudarem para cá e roubar um mamífero marinho.

— *Equinoderme*, — Plo corrigiu. — E vamos ser claros. Os criminosos não surgiram simplesmente aqui organicamente à medida que as oportunidades neste planeta diminuíam. As organizações-mãe observaram os nossos movimentos em outros lugares, dos Jedi e da República, e preveem que vamos partir.

— Eles são profetas agora?

— Não é preciso ser capaz de profetizar. Basta acreditar em algo para agir de acordo.

— Pensamentos ponderados, Plo Koon. Mas os Jedi não devem desafiar a realidade mantendo o entreposto aberto. Fizemos muito para reviver um negócio aqui e vários associados, mas apenas adia o inevitável. Se o Senado não vê mais valor em Kwenn, eventualmente haverá menos pessoas aqui para servir, não importa o que os Jedi possam preferir. — Saesee arrastou parte de um motor para a praia e o deixou cair. — Não se presta serviço a um veículo que não está mais em uso.

— Você fala de um mundo como falaria de um cargueiro?

Saesee se ajoelhou sobre os destroços.

— Máquinas têm ciclos de vida, assim como seres conscientes. Assim como todo operador de speeder entende a obsolescência, você e eu vemos a morte como parte da ordem natural das coisas. — Ele se levantou e fez um gesto para a terra verdejante atrás deles. — A Ordem há dois séculos deu o passo extremo de trazer todo esse planeta de volta da beira do abismo. Mas podemos não estar fazendo nenhum favor tentando prolongar o seu tempo de vida. — Ele olhou atentamente para Plo. — Você e eu concordaríamos que qualquer pessoa que tentasse usar a Força para prolongar a vida estaria cometendo um crime de alta ordem.

— Claro. — Plo não conseguia imaginar alguém tentando, muito menos como poderia ter sucesso. Mas olhando para a beleza ao redor deles, ele

rejeitou a analogia. — Estamos ajudando este planeta, essas pessoas, a se curarem.

— Jedi não são curadores.

— Talvez não. Mas somos professores. E aquelas pessoas hoje viram algo.

CAPÍTULO 34

KINNAWAH KEY

KWENN

— Mestre Qui-Gon, você está aí? — Eeth Koth olhou para o seu comunicador para confirmar se estava funcionando. — Obi-Wan? Alguém?

De pé no pátio fora da Boutique do Lamplighter em Kinnawah Key, em Kwenn, Eeth Koth olhou para o céu da noite. Às vezes, a atividade solar interferia nos sinais, mas Kwenn tinha uma grande estação espacial que atuava como um retransmissor. Estava certo de que as suas mensagens estavam sendo enviadas.

Talvez a interferência esteja do lado deles, ele pensou enquanto desligava a unidade. A natureza de Eeth era assumir tudo menos incompetência ou insubordinação, e certamente Qui-Gon e Obi-Wan tinham ganho o benefício da dúvida.

Ainda assim, Eeth desejou ter alguém para culpar enquanto olhava pelas sombras que avançavam para o prédio cheio de objetos efêmeros. A classificação o havia mantido longe de todas as outras atividades, e com a celebração agora anunciada, suas chances de ver algo além do Lamplighter enquanto estivesse em Kwenn estavam se tornando cada vez menores. O grande triunfo de seu longo dia foi limpar a porta da frente da boutique o suficiente para que ela pudesse se abrir.

— *Mestre Reeth!*

Não precisava se virar; o brado só podia ter vindo de Pogee Shrag, arruinando o seu nome como só ela poderia fazer. Ela estava parada na

porta lateral de sua casa, com filhotes de Boolah rastejando por todo o seu corpo.

— O que posso fazer por você? — Eeth perguntou.

— Seus amigos estão aqui para te ver. Yoddle e Odd Peel.

Levou um segundo para Eeth entender.

— Yaddle e Even Piell?

— Foi o que eu disse! — Ela cutucou a lateral da cabeça. — Seus ouvidos estão do lado de fora. Eu pensei que funcionassem!

Ela se afastou, revelando os convidados em sua casa.

Ah, não. O fôlego de Eeth se prendeu ao ver seus colegas. Yaddle segurava um filhote de boolah nos braços como um bebê. Piell era menos afortunado. Um par de filhotes tentava se pendurar em suas orelhas, que, embora proeminentes, não conseguiam sustentar o seu peso, dando a impressão de que ele estava usando longos burns brancos. Eeth não precisava da Força para ver que Piell não estava em paz.

— Obrigado por nos convidar para a sua adorável casa, — Yaddle disse a Pogee. Yaddle soltou o seu filhote, que se contorceu até a perna de sua dona. — Eles são animais encantadores.

— Sim, — disse Piell, desprendendo uma criatura e depois outra. — Estou organizando uma campanha de arrecadação de alimentos. Tenho certeza de que essas coisas dariam uma boa sopa.

— *Mestre Piell!* — Yaddle sussurrou.

Em vez de se ofender, Pogee riu alto.

— Você é um caroço, Mestre Pile!

A mulher Nosauriana voltou para dentro, seguida por suas criaturas rastejantes.

Eeth ofereceu desculpas aos seus amigos e algumas boas notícias.

— As criaturas não nos seguirão para o pátio.

Yaddle olhou pra trás para ver a porta se fechar.

— Pogee é algo mais, não é?

— Ela se encaixa nessa definição, sim.

— Generosa, — disse Piell, massageando as orelhas.

Eeth ficou feliz em vê-los, mas confuso.

— Por que vocês estão em Kinnawah Key? Eu pensei que estivessem trabalhando com as crianças da escola.

— Elas têm que voltar para casa em algum momento. Mesmo que algumas delas precisem ser convencidas disso. — Piell balançou a cabeça. — Algumas de suas vidas em casa, bem, são mais do que poderíamos lidar num ano aqui. Mas há problemas suficientes acontecendo em Kwenn para que não possamos deixá-los fora a qualquer hora também.

Yaddle assentiu.

— Um quebra-cabeça difícil. E um que fala com a urgência de nossa missão.

Eeth finalmente percebeu o pôr do sol. O seu trabalho o fez esquecer a hora novamente.

Encarou Yaddle.

— Assumi que você continuaria o seu trabalho de divulgação.

— Eu tenho feito isso, — ela respondeu. — Também tenho aconselhado uma jovem que está passando por um momento difícil.

— E eu tenho cem novos alunos, — disse Piell.

Eeth sorriu.

— Então ambos responderam ao desafio de Qui-Gon!

— Você poderia dizer isso, — Piell respondeu.

Eeth não podia dizer o mesmo, de muitas maneiras. Olhou para o seu comunicador antes de guardá-lo.

— Estou feliz por vocês dois.

Yaddle assentiu.

— Senti que você estava se sentindo um pouco abandonado.

— Posso lidar com isso. — Eeth se animou.

— Você não me engana nem um pouco, Eeth Koth. Viajamos parsecs até um arquipélago lotado de pessoas para conhecer, e você está de volta a um arquivo.

— A utilidade vem de muitas formas, — ele disse.

— Sim, tenho que ser lembrada disso uma vez ou outra. — Piell se aproximou do depósito. — Como está a sua busca?

Eeth gesticulou para dentro.

— Encontrei nove obras pertencentes à biblioteca do entreposto, muito menos do que a lista do senescal me levou a esperar. — Ele entrou por um momento e trouxe um monte de materiais. Ele os mostrou aos seus colegas.

Piell leu os títulos na luz que diminuía e resmungou.

— Coisas chatas. Essas com certeza fariam as minhas crianças dormirem.

Eeth assentiu.

— Todos textos menores, concordo. Continuo esperando encontrar material mais valioso mais adiante. — Ele encarou as pilhas. — Mas estou ficando sem tempo.

— *Nós* temos tempo. — Yaddle caminhou até o limiar. — Você tem luzes que podemos usar?

Eeth ficou surpreso.

— Sim, mas...

— Então abra espaço. — Piell passou por ele, e Yaddle o seguiu.

— Eu aprecio isso, — Eeth disse, juntando-se a eles. — Mas vocês têm trabalhos mais importantes...

— Somos todos iguais, — Yaddle disse, — e vamos compartilhar este trabalho. — Ela olhou pra cima para ele. — A Força não nos pede para nos martirizarmos por ela, para nos dedicarmos demais aos trabalhos mais humildes, permanecendo sempre num só lugar. Devemos nos mover, experimentar a vida. Essas obrigações mecânicas podem ser compartilhadas.

Eeth olhou com apreensão para as pilhas de datapads e outros materiais enquanto seus colegas de estatura baixa se infiltravam.

— Realmente, é mais seguro se eu fizer isso...

— Bah! — Piell olhou pra cima das torres que o cercavam. — Acho que podemos aguentar umas pancadas na cabeça.

— Hadden Shrag não aguentaria, — Eeth murmurou.

— O que?

— Deixa pra lá. — Ele contornou algumas das pilhas mais organizadas que ele havia feito. — Se vocês dois conseguirem cuidar dessas pilhas mais baixas, seria de grande serviço.

— Sem problemas, — disse Piell.

— E há água ao lado da entrada.

Yaddle sorriu gentilmente.

— Isso é bom, Eeth, mas o que você ainda está fazendo aqui?

Isso surpreendeu Eeth.

— Desculpe?

— Não estamos apenas te ajudando. Estamos *aliviando* você.

Piell deu um tapa em suas costas.

— Saia. Veja Kwenn. Faça alguma coisa.

Eeth começou a objetar, apenas para sorrir.

— Obrigado, meus amigos.

Passou pela porta recentemente desbloqueada e para a rua. Era um lado de Kwenn que ele não via há anos. Os prédios ao longo da praça de pedestres em Kinnawah Key se iluminavam, e as pessoas se instalavam em mesas ao ar livre para jantar. Não conseguia distinguir os turistas dos moradores locais, e gostou disso. Esta Cidade das Gemas ainda estava brilhando. Talvez houvesse esperança para todos eles.

Eeth logo perdeu a noção do tempo novamente, mas desta vez, não se ressentiu disso. Circulou vários quarteirões, apenas observando as pessoas e sentindo a sua contribuição para a Força.

Obrigado, Piell e Yaddle, ele pensou.

Quando se lembrou de sua fome, o serviço de mesas ao ar livre estava acabando. Mas a balsa-cassino *Pelágica* estava em Kinnawah, e isso significava que ainda havia atividade perto do cais. Encontrou um bar ao ar livre no térreo de um pequeno hotel e se acomodou, pedindo uma refeição e continuando a observar as pessoas.

O barman explicou que, ao contrário de outras partes da economia de Kwenn, o jogo havia prosperado nos últimos anos; por ser tão grande, a balsa havia sido forçada a limitar quantas pessoas embarcavam de uma vez, levando as pessoas para e da *Pelágica* em seus botes de excursão. Os presentes no bar ainda tinham o seu dinheiro e estavam dispostos a gastá-lo enquanto esperavam sua vez de embarcar no bote.

Assim muitas pessoas gastavam os seus dias, pensou Eeth. Vivendo, enquanto esperavam viver.

Quase terminara a sua refeição quando viu uma mulher olhando para ele do outro lado da sala. O seu cabelo era escuro como o de outros Falleen, mas a forma como o usava não era. Em vez de um coque, deixava-o solto, enfeitado de um lado com uma flor amarela brilhante que contrastava com a sua pele verde. Ela estava vestida de forma elegante, embora não destoasse considerando o número de turistas abastados que ele tinha visto.

De fato, sou eu quem está fora do lugar.

Ela se aproximou enquanto ele comia.

— Olá, olá.

— Saudações.

— Sua linha é 'saudações'? — Ela sorriu. — Você não sai muito, não é? — Ela se inclinou ao lado dele. — Inisa.

— Como a flor. — Não era o tipo de flor que estava em seu cabelo, mas ele decidiu não mencionar isso. Ele se levantou e se curvou. — Sou Eeth.

Inisa o surpreendeu ao estender a mão para tocar o lado de seu rosto.

— Zabrak. Eu gosto. Espinhoso.

Eeth a olhou.

— Tenho poucos créditos. Estou assumindo que é por isso que a sua mão está no bolso de meu manto.

Ela registrou o que ele disse e rapidamente retirou a mão. Ela fez uma careta. — Ah. Todo mundo sempre está sem dinheiro.

— Quando não pertencem a seitas ascéticas.

Ela fez uma pausa.

— Como?

Reformulou rapidamente a sua declaração.

— Eu pertenço a uma *seita*, a Ordem Jedi. Nós temos dinheiro, mas não costumamos carregá-lo.

— Entendi. — Ela deu de ombros. — Bem, continue. — Ela começou a se afastar.

— Você não precisa ir. — Eeth fez um gesto para o barman se aproximar, mas olhou para Inisa antes de fazer o pedido. — Com a sua permissão?

Ela pareceu surpresa.

— Você vai pedir por mim?

— Posso pagar isso.

— Esses Jedi, eles te deixam comprar bebidas para estranhos?

— Já está pago. — Seus créditos estavam no balcão.

Logo a bebida estava em sua mão. Ela sorriu para ele através do copo enquanto ele terminava de comer.

— Eu não acredito em você nem por um segundo. Ouvi um pouco sobre os Jedi. Você não parece se encaixar.

Apontou para um Twi'lek no canto oposto do bar.

— Aquele ali é seu associado?

Inisa olhou naquela direção. O Twi'lek estava rindo alto, com o braço em volta de um companheiro bem vestido.

— O que te faz pensar que eu o conheço?

— Ele acabou de colocar algo na bebida da pessoa de negócios ao lado dele.

À vista de Inisa, Eeth moveu rapidamente a mão na direção da vítima desavisada, e o copo em questão saltou, derramando-se sobre o Twi'lek. Isso causou um pequeno alvoroço.

— Ei, você *é* um Jedi! — Inisa parecia deslumbrada. Ela apontou para outro copo no bar. — Faça isso de novo.

— Já fiz bagunça suficiente. — Eeth olhou para ver se a vítima estava segura. — Mas se o seu amigo tentar de novo, eu vou intervir.

Encostada no balcão, ela o encarou e sorriu, um novo respeito se formando.

— Então. É um Jedi de verdade, hein?

— Correto.

— Ouvi dizer que vocês estavam aqui. Para uma celebração.

— Sim. Você vai?

Inisa riu.

— O que tenho para comemorar?

Eeth falou com reverência.

— Nós celebramos a vida.

— Enquanto vive uma vida em que você não precisa se preocupar com dinheiro. Eu também celebraria isso. — Inisa se virou e deu um gole em sua bebida. — Tenho medo que a seita a que *eu* pertenço se importe muito mais, Jedi.

— Me conte sobre essa seita. O que eles te oferecem?

— Um lugar.

— Para viver?

— Para pertencer. Entre outras coisas.

— Mas não um lugar que vale a pena comemorar. — Eeth olhou ao redor, e depois voltou a olhar para ela. — Esta ilha parece próspera. O que te traz a esse tipo de atividade?

— Esse tipo de atividade me traz para esta ilha. — Ela ergueu a mão. — Se você vai julgar...

— Os Jedi são chamados para agir como juízes e mais, em muitas situações. Esta não é uma delas. Mas estou disposto a ouvir.

Ela o encarou, avaliando.

— Não estava esperando encontrar um Jedi.

Eeth considerou isso como um elogio.

Eles conversaram mais ao longo da próxima hora. Eeth descobriu que Inisa e os seus amigos eram informantes dos Lâminas Envenenadas, um grupo que aos poucos começava a se afirmar em Kwenn. Menos ousados, mas não menos perigosos do que algumas de suas gangues rivais, eles haviam se infiltrado na sociedade das ilhas mais prósperas de Kwenn, como Kinnawah. As pessoas que eles recrutavam careciam de esperança e oportunidade, e embora nenhum deles fosse tão imponente quanto os Caveiras Empaladas ou tão depravados quanto os Infames, eles tinham outras armas à disposição. Incluindo, Eeth podia ver, um suprimento interminável de pessoas dispostas a sacrificar os seus ideais pela promessa de status.

Eeth compreendeu, e a aconselhou.

— Seja qual for a sua situação, Inisa, as suas ações trazem tristeza para os outros.

— Eu só roubo e encontro vítimas para os chefes. Eu não...

Eeth ergueu a mão.

— Isso não importa pra mim. O que importa é que você reconheça quando contribui para as trevas. E que você se importe.

— Suponho que você vá me convencer a ter uma vida normal e um emprego sem futuro, — disse Inisa. — Bem, eu tive um. Tenho certeza de que um Jedi nunca poderia imaginar como é destrutivo para a alma ficar o dia todo vasculhando minúcias administrativas.

— Você pode se surpreender, — disse Eeth. — Mas é para quem esse trabalho ajuda, e o que você faz o resto do tempo, que importa.

Não disse mais nada depois disso. Ela o observou.

— Estava brincando, mas você realmente *não* sai muito, não é?

— Não ultimamente. — Eeth olhou para além do bar. — Vim a Kwenn porque permiti que as minhas responsabilidades para com os Jedi me fizessem esquecer o que significava *ser* um Jedi. E então imediatamente voltei a fazer isso de novo.

— O que significa *ser* um Jedi?

— Oh, isso é fácil. Eu sou um com tudo. Eu sei que o universo tem significado, e que o que as pessoas fazem importa. E meu papel é ajudar as pessoas a verem isso.

— Mas você evitou isso, mesmo aqui?

— A cada passo que dei dentro da Ordem, vi o quão grande e complicada é a galáxia, e o quão necessários são os Jedi, agindo como grupo e através de distâncias imensas. E não posso me afastar disso. — Ele olhou pra cima. — Ainda assim, sinto falta de quando eu era mais *Jedi* do que *Ordem.*

Ela riu.

— Eu não quero fazer parte da máquina de outra pessoa. Você quer esquecer a máquina.

Eeth refletiu sobre isso. Mas apenas por um momento.

— Você tem um comunicador? — ele perguntou. — Se precisar falar novamente, quero que tenha a oportunidade.

Os olhos de Inisa se arregalaram de incredulidade quando ele forneceu os seus dados.

— Um Jedi está me dando as suas informações de contato?

— Obviamente eu trabalho em outro lugar. Mas há muitos de nós. E se você se encontrar precisando sair da vida em que está, podemos encontrar alguém para ajudar.

— 'Alguém para ajudar'. — Ela sorriu. — Mas não você, né?

— Nós não fazemos...

— É, é, é.

Eeth se afastou, agradeceu ao barman pela refeição e se curvou.

— Tenho muito ainda a fazer antes...

O dispositivo na mão de Inisa vibrou, assim como pelo menos três outros que Eeth conseguia ouvir ao redor da sala. Incluindo, ele viu, o do Twi'lek em que havia derramado a bebida. Inisa leu a mensagem.

— Ah, — ela disse. — Apareceu algo.

— A sua *seita* chama, imagino.

Ela olhou para o seu associado do outro lado da sala, e então colocou a mão no pulso de Eeth.

— Eu também tenho que ir. Mas aprecio você ter falado comigo, Eeth. — Ela se afastou e sorriu. — Ou devo chamá-lo de Mestre Eeth?

— Me ligue, — ele respondeu, — se precisar de ajuda.

Observou enquanto ela saía para a escuridão.

CAPÍTULO 35

A BORDO DA *GARANTIA*

ROTA OOTMIANA

— Coloque esses canhões na ativa, Windu!

Mace não estava acostumado a falarem com ele dessa maneira, mas o protocolo tinha ficado pra trás no rastro da *Garantia*. Respondeu ao Capitão Baylo com um olhar que o outro agora entendia: *ele estava trabalhando nisso.*

Nos dias desde o encontro na Nebulosa Aklasiana, a *Garantia* havia sido parcialmente reparada quando encontrou um novo alvo: uma nave caça de cabine dupla pertencente aos Caveiras Empaladas. A espaçonave estava *decorada* com tantos canhões que Baylo duvidava que carregasse pessoal suficiente para operá-los todos. Uma primeira passagem resultou num tiro de sorte dos Caveiras danificando os escudos da corveta e fazendo com que Baylo mais uma vez confiasse a estação de armas a Mace.

Não foi falha do Jedi que fez as coisas virarem para os Caveiras; o canhão turbolaser principal da *Garantia* havia superaquecido pelo uso, uma consequência dos reparos incompletos. Isso forçou a nave a uma ação evasiva, que também não estava funcionando.

— Nós não vamos conseguir, — disse Baylo. Ele olhou para Mace. — Pelo menos eles não são os Infames. Aqueles cabeças de pedra destroem metade de suas capturas por pura incompetência. Os Caveiras vão nos abordar.

O Mestre Jedi se levantou.

— Vou ganhar tempo para reparos, com a ajuda de sua tripulação.

— Você terá. — Baylo falou no comunicador da nave. — Prontos para repelir invasores!

Mace estava chegando à saída quando parou. Virou e olhou para fora através da janela principal para o espaço.

— O que você está fazendo? — gritou o capitão.

— Ali! — Mace apontou. Um cruzador emergiu do hiperespaço logo à frente da corveta. As marcas inconfundíveis da nave, os grafites berrantes dos Infames, eram visíveis à medida que se aproximava. A nave abriu fogo, mas não contra a *Garantia*.

— Novo contato está mirando os Caveiras, Capitão!

Baylo estava perplexo.

— Os Infames vieram nos resgatar?

Mace se aproximou do centro da ponte ao lado dele, e percebeu que o drama ainda não havia acabado. Apontou para o portal estibordo.

— Outra!

A nave que chegou por aquela direção também era facilmente identificável: um elegante cruzador prateado pertencente aos Reputações Sujas. A nave igualmente ignorou a *Garantia*, atirando na nave dos Caveiras a caminho de atacar os Infames.

— Canhões prontos, — disse o oficial que ocupara o lugar de Mace. — Em quem devemos mirar, Capitão?

Baylo estudou a cena.

— Tenho certeza de que há algo sobre isso nas histórias em algum lugar. Mas sou amaldiçoado se já li isso.

Mace sentiu a sua confusão.

— Sugiro que tomemos posição próxima para reparar e observar.

— Observar. É. Por todo o bem que isso vai fazer. — Baylo deu a ordem de qualquer maneira.

A observação paciente tinha beneficiado Mace muitas vezes em seu tempo no Conselho Jedi, mas não nasceu com isso como padrão. Quando era mais jovem, poderia ter respondido de maneira diferente ao conjunto de eventos que ele e a *Garantia* tinham aprendido. Provavelmente teria corrido para ajudar aqueles em perigo em Keldooine. Também teria ido se a única

pessoa ameaçada fosse uma associada próxima, como Depa. Mas nos últimos anos, Mace aprendeu a lidar com o esquema mais amplo, com o que a Força queria dele. Ela aconselhou cautela e observação repetidamente. Isso sempre dera certo.

Não tinha certeza se qualquer escolha teria funcionado desta vez. Os incêndios em Keldooine estavam apagados; o Mestre Yarael havia sido implantado lá, mas no final não conseguiu ajudar. Nem Yarael encontrou Depa, embora houvesse evidências de que ela estivera lá: um caminhão speeder demolido que ela alugara de um intermediário que Baylo sabia ter aparecido em território contestado entre várias gangues, grupos que agora estavam em guerra total entre si. O rastro de Depa estava frio.

Mas ficar com a patrulha também não tinha sido a resposta. O choque dos eventos que fizeram as várias tripulações de piratas recuarem deu lugar a atos de retaliação no espaço também. Estava claro pelos relatórios que vários grupos haviam perdido a sua liderança num ato concertado de terrorismo, mas ninguém sabia exatamente quem ainda sobrevivia. Isso tornava todos um suspeito em potencial e um alvo. Os caminhos espaciais refletiam o que estava acontecendo na superfície de Keldooine, e provavelmente em outros lugares de Fayia. As gangues haviam se voltado umas contra as outras.

Com a *Garantia* fora do alcance das armas da conflagração furiosa, Mace e Baylo caminharam até onde o Tenente Nellis, ainda se recuperando de seus ferimentos, estava posicionado diante de uma tela de exibição estelar indicando confrontos relatados e as partes envolvidas.

— Acho que esta é uma novidade para o conselho, — disse Baylo.

Nellis fez um registro da batalha em andamento e direcionou a sua atenção para relatórios anteriores.

— Essas marcas aqui foram batalhas entre a Lâmina e os Infames. Os Reputações e os Infames estão aqui. E os Caveiras, bem, você pode ver que eles estão apenas atacando tudo.

Mace absorveu todos os dados. Ele não viu nenhum padrão, mas observou a relativa ausência de algo.

— Com que frequência as naves Caminhante da Fenda estiveram nessas ações?

— Não com muita frequência. — Nellis apontou para alguns símbolos, um número menor. — Eles têm fugido muito.

Baylo riu.

— Acho que eles realmente são os mais espertos.

O capitão não derramou lágrimas por ver outros fazendo o seu trabalho, mas Mace sabia que o caos em tal escala não traria nada de bom. Pessoas estavam morrendo. Podia sentir isso acontecendo nas três naves em guerra enquanto trocavam tiros.

E então sentiu algo mais.

— Algo aconteceu.

Baylo olhou para ele.

— O quê?

— Espere.

O capitão olhou pra fora novamente e viu as três naves se desengajarem. Todas elas fugiram, indo para o hiperespaço tão rapidamente quanto haviam chegado. Ele se virou para Mace, espantado.

— Elas simplesmente fugiram!

Mace foi até uma tela de status. O último escaneamento da *Garantia* das três naves mostrou que nenhuma delas estava em perigo iminente de destruição, e ele disse isso.

Baylo ergueu as mãos.

— Tenho quarenta anos e nunca vi nada assim. O que está acontecendo, Windu?

Mace olhou pra fora.

— Eu não sei. Mas algo mudou.

Concentrou-se na Força.

— Seja o que for, todas descobriram sobre isso ao mesmo tempo.

Baylo olhou para a sua estação de comunicações.

— Pegamos alguma interceptação?

O jovem cadete, Veers, balançou a cabeça.

— Os sistemas ainda estão reiniciando, Capitão.

Baylo soltou um suspiro exasperado.

— Talvez todas tenham recebido um convite para um almoço. — Ele tirou o chapéu e enxugou o suor da testa. — Esqueça. Já fui pago o suficiente. Não me importo mais.

Mace o olhou.

— Você se importa.

Baylo olhou de volta para Mace, com os olhos estreitos. Finalmente, ele falou.

— Droga! — O capitão endireitou o chapéu e o colocou de volta.

À medida que a notícia de que os reparos foram concluídos chegava, Mace e o capitão passeavam pela ponte, que agora olhava para o espaço vazio. Mace parou.

— Eu tenho um dilema, Capitão. Estou programado para a celebração do bicentenário em Kwenn. Mas não quero sair sem ter encontrado a Mestra Billaba.

— Não há muito que você possa fazer aqui, — disse Baylo. — Nós também não. Nossa comissão está prestes a acabar, lembra?

— Posso fazer com que os seus superiores estendam o seu destacamento para nós.

— Não posso acreditar que vou dizer isso, mas você estaria desperdiçando os seus créditos. E meu tempo. — Baylo balançou a cabeça. — Quando chegar o dia em que alguém puder entender essa área, os Hutts estarão comandando. É isso aí. — Ele deu de ombros. — Talvez já estejam comandando, e simplesmente não recebemos a notícia.

Mace respirou fundo. Não estava em sua natureza desistir, especialmente quando nada fazia sentido. Mas assim como na câmara de meditação em Coruscant, ele sabia quando não estava chegando a lugar algum.

— Não vou arriscar mais nenhum do seu pessoal, — disse ele. — Capitão Baylo, solicito passagem para Kwenn. Após a minha chegada, declaro que a obrigação da *Garantia* para com a Ordem Jedi está cumprida. Por sua parte, tenho certeza de que a República concordará.

— Então estou de volta ao jogo do seguro. É isso. — Baylo girou e se dirigiu ao seu oficial de convés.

Ele estava se preparando para dar um comando quando o cadete na estação de comunicações falou novamente.

— Sinal interestelar codificado chegando. Relativamente forte, não muito longe.

— Agora funciona, — disse Baylo.

Mace procurou pelo comunicador em sua túnica e o retirou.

— A chamada é pra mim.

Não criou expectativas. Era mais provável que fosse de um dos Jedi em Kwenn do que de Depa. Ele a conectou através dos projetores holográficos da ponte.

— Qui-Gon?

— Saudações, Mestre Windu. — O fone de ouvido que Qui-Gon estava usando indicava que ele estava pilotando uma pequena espaçonave.

— Mestre Qui-Gon. Tenho o Capitão Baylo da *Garantia* ao meu lado. — Mace franziu a testa. — Por que você não está em Coruscant?

— O Mestre Koth nos convocou para ajudá-lo num projeto em Kwenn.

Isso é incomum, pensou Mace.

— Então por que vocês não estão em Kwenn?

— Estávamos a caminho. Mas pausamos quando estávamos passando pelo sistema Valboraan, saindo do hiperespaço para uma verificação mecânica. E então ouvimos, cerca de dez minutos atrás.

— Ouviram o quê?

— Era no canal de emergência Jedi, mas só conseguimos receber uma transmissão muito fraca. Ninguém que não estivesse passando pelo sistema poderia tê-la recebido. Fizemos uma gravação.

— Coloque para tocar.

A imagem de Qui-Gon desapareceu e uma garota humana apareceu num holograma tremeluzente. A sua voz estalava com estática.

— Meu nome é Kylah Lohmata. Sou amiga da Depa Billaba. Os Caminhantes da Fenda em Valboraan a têm, nas grandes cavernas. Eles vão matá-la!

Mace e Baylo se olharam.

— Este comunicador estava nas coisas que eles pegaram dela. Eu roubei, mas só tenho alguns minutos. Jedi, se vocês estão por aí, por favor venham. Ela precisa de vocês!

Baylo olhou para a imagem congelada, que logo foi substituída pela de Qui-Gon.

— É falso, — disse o capitão. — Exatamente o tipo de coisa que os Lâminas Envenenadas fariam.

Qui-Gon respondeu.

— Eu também tinha as minhas suspeitas, Capitão. Não respondi imediatamente, e a chamada não foi repetida.

A testa de Mace se franziu. Ele se aproximou para verificar a localização de Qui-Gon.

— Capitão, mais ninguém ouviria aquela transmissão. Não há nada por perto. — Ele olhou para o holograma. — A mensagem tocou apenas uma vez?

— Isso mesmo, Mestre. Isso torna a decepção improvável, ou pelo menos improvável de alcançar qualquer alvo potencial. Acredito que a mensagem é sincera.

Baylo resmungou.

— Como você pode saber disso?

Qui-Gon pausou antes de responder.

— Sinto isso na voz dela.

O capitão olhou, e ergueu as mãos.

— Jedi!

Mace continuou a estudar a localização. As características de Valboraan tornavam cada vez mais evidente que era um lugar que os Caminhantes da Fenda poderiam frequentar. Ele traçou um curso e mostrou ao capitão.

— Emergimos aqui. Correto?

Baylo olhou e assentiu.

— Ainda acho que você está errado, Windu. É outra coisa maldita como os Lâminas Envenenadas fizeram conosco na névoa.

— Mas tudo o que observamos sugere que os Lâminas estão sem líder e sem direção. Enquanto os Caminhantes da Fenda foram poupados no atual

surto de violência. — Mace assentiu lentamente. — Concordo com Qui-Gon.

Um momento. E então, Qui-Gon disse:

— O que você gostaria que fizéssemos, Mestre?

— Você e Obi-Wan permanecerão perto de Valboraan. Se alguém partir, ou outra transmissão for enviada, nos avise, e use o seu próprio julgamento sobre como seguir. Mas não pousem. Se for a base dos Caminhantes da Fenda, entrar sozinho só levará a mais Jedi mortos. Um ataque desse tamanho requer apoio. — Ele olhou pra cima e para Baylo. — Apoio naval. O que você acha, Capitão?

A sugestão surpreendeu Baylo, que ergueu uma sobrancelha.

— Operações combinadas?

— Por que, Capitão, pensei que você fosse um homem de história. Você deveria saber que a Coalizão de Defesa da República já realizou ações combinadas com os Jedi. — Ele olhou para Baylo. — Elas deram certo, pelo que me lembro.

O capitão considerou.

— Uma ação conjunta. Mas eu permaneceria no comando.

— Insisto. A menos, é claro, que você prefira trabalhar para a Indenizações Chokoll.

— Feche essa comunicação, Veers. — Baylo bateu com o punho no console e mostrou o que Mace pensou ser o início de um sorriso. — *Garantia*, todos aos postos, coloquem esse rebocador em funcionamento. Temos um trabalho a terminar!

CAPÍTULO 36

VORAH KEY

KWENN

O alto e imponente Trandoshano do lado de fora da boate em Vorah Key encarou o ainda mais alto Yarael Poof e sibilou:

— Não quero você rondando por aqui.

O Jedi acenou com a mão.

— *Você quer que eu fique por aqui.*

— *Quero que você fique por aqui,* — disse o durão de pele verde.

Mas o trabalho do guarda era permanecer em seu posto, e Yarael não se afastou de sua posição a alguns metros de distância. Então, após vinte segundos, o segurança falou novamente.

— Espere. *Por que* eu quero que você fique por aqui?

Outro aceno.

— *Você não precisa saber a resposta para essa pergunta.*

— *Não preciso saber a resposta para essa pergunta.*

Isso produziu dez segundos de calma, seguidos por crescente consternação para o Trandoshano.

E então:

— Qual era a pergunta mesmo?

Yarael colocou a mão sobre o rosto. Eles estavam nisso há quinze minutos, desde que Ki-Adi-Mundi entrou no Pub do Gutson, do outro lado da rua.

Hora de tentar outra abordagem.

Estendeu um longo braço em direção a uma lanchonete algumas portas adiante. Estava extremamente tarde, mas isso não parecia importar em Vorah Key. As luzes ainda estavam acesas lá dentro.

— Você vê aquele lugar?

O segurança olhou.

— E daí?

Yarael fez um gesto.

— *Você realmente gostaria de um rolinho de nuna com curry.*

— *Eu realmente gostaria,* — O gigante pausou. — Isso é muito apimentado.

Yarael colocou a mão no ombro do segurança.

— Peça o cardápio infantil. — Ele o empurrou. — Até mais.

O Mestre Jedi confiava muito em usar a Força para persuadir as pessoas, mas não porque tinha medo de lutar. Simplesmente não tinha predileção por isso. O combate com sabre de luz poderia ser elegante para alguns seres, mas mesmo com armas adaptadas para ele, a grande altura de Yarael sempre o fazia sentir como se estivesse cutucando um animal com uma vassoura. E os sentidos olfativos dos Quermianos estavam em suas mãos, o que significava que era impossível pra ele se envolver em brigas sem saber o que o seu oponente tinha comido no almoço.

Havia, é claro, uma dimensão moral em forçar as pessoas a agir contra a sua vontade, independentemente dos motivos envolvidos. O abuso desse poder era um caminho certo para o lado sombrio. Mas incontáveis dias interagindo com outros seres haviam lhe mostrado que a vontade era uma coisa multifacetada. No caso recente, suspeitava que o Trandoshano realmente estava com fome e provavelmente tinha um histórico de deixar o seu posto. A Força apenas o guiou para uma decisão que provavelmente tomaria de qualquer maneira.

De qualquer forma, Yarael havia estabelecido a sua posição na calçada e não iria abandoná-la. A hora estava avançada, e já tinha tido a sua cota de desvios. Ir ao pub mencionado pelo membro do Caveira Empalada teria sido uma questão relativamente simples, se o chamado por uma carona não tivesse resultado em outro desvio. Plo Koon os havia pedido para visitar

Quarney Key e verificar o mercado de nódulos minerais ilícitos, que ele disse que eram altamente valiosos. Suplementos dietéticos para criaturas marinhas não significavam tesouro para Yarael, mas eles concordaram em ir.

Eles pegaram alguns dos caçadores ilegais em flagrante no meio de uma venda. Depois de uma breve batalha que terminou como inevitavelmente tinha que terminar, Ki-Adi-Mundi falou com os criminosos em tons severos. Ele provavelmente poderia dar lições sobre repreensão. O Cerean tinha investido contra profanar lugares naturais tão fortemente que Yarael começou a se sentir culpado por ter pisado na grama mais cedo.

Os dois Jedi saíram do incidente com um táxi cheio de nódulos de orokite recuperados no valor de milhares de créditos no mercado negro, mesmo estando cobertos de muco. Isso significava que tinham sido recentemente desenterrados e que eram certamente os roubados do oroko em Malbaira Key. Mas 'fresco' realmente não parecia uma palavra apropriada para Yarael, como descobriu para o seu horror persistente depois de pegar as coisas rançosas. Não tinha desejo de saber como o oroko os carregava por aí. Ele ficou aliviado em enviar o speeder e a sua carga em seu caminho.

Outra Trandoshana espiou pra fora da boate.

— Pra onde Blaask foi?

— Ele saiu pra comer.

Ela gemeu.

— Típico. — Então ela se concentrou em Yarael. — Não fique por aqui.

O rosto do Quermiano se torceu de irritação, mas apenas por um segundo. A porta do Pub do Gutson se abriu, permitindo que os sons da música alta escapassem. Uma figura encapuzada também saiu. A menos que ele tivesse uma melancia na cabeça, havia apenas uma pessoa que poderia ser.

Yarael o encontrou na rua.

— Vamos, me deixe ver.

Ki-Adi-Mundi estava sem emoção.

— Eu preferiria que não.

— Qual é. Você me insulta, meu amigo.

Relutantemente, Ki-Adi-Mundi abaixou o capuz, revelando uma cabeça adornada com pequenos espinhos, decorações no estilo Caveira Empalada.

— Você está satisfeito?

— Eles ficaram!

Yarael realmente apoiou a companhia de teatro de repertório, e embora tenha ficado desapontado ao saber que ela havia se dissolvido devido a tempos difíceis, ele conseguiu procurar a sua maquiadora veterana. Ela tinha sido a sua parada antes do Gutson, e as suas aplicações pareciam ter aguentado.

— Você deve ter feito sucesso, — disse Yarael. — O número de espinhos é um sinal de sucesso entre os Caveiras, não é?

— E também, aparentemente, um indicador de postura atrevida. Foi difícil ganhar a confiança de alguém, — disse Ki-Adi-Mundi. Ele olhou para o pub. — Não sei por que tive que ser o infiltrado.

— Yaddle anunciou que membros do Conselho Jedi estavam no planeta. Todo pirata em Kwenn tem que ficar atento. Eles me reconheceriam num piscar de olhos.

— Ah. Porque você é tão mais conhecido.

Yarael o encarou.

— Isso foi quase uma piada. Muito bom, Mestre. Quero dizer, não há muitos Quermianos no submundo. Eu me destacaria.

Ki-Adi-Mundi continuou.

— Eu vi alguns dos agentes de extorsão dos Caveiras de Brazatta Key, e a chefe local para quem estavam fazendo pagamentos. Mas seria difícil alcançá-la. Havia dezenas de criminosos presentes.

— Tenho visto pessoas entrando o tempo todo. Você acha que é apenas o dia em que fazem os pagamentos?

— Me parece que você as veria saindo. Mas só ficou mais lotado.

Yarael viu as luzes de um landspeeder se aproximando.

— Está prestes a ficar ainda mais movimentado. Vamos. — Ele fez um gesto em direção a um beco.

Ki-Adi-Mundi apontou para a calçada em frente à boate.

— Podemos ficar apenas ali.

— Não. — Ele estendeu a mão e puxou a túnica de seu colega. — Vamos!

O speeder preto tinha uma cobertura dura blindada e iluminação de néon luxuosa ao redor da estrutura. Um veículo de luxo para aqueles que precisavam de proteção extra.

— Os Reputações Sujas tinham um assim em Quarney Key, certo? — Yarael perguntou.

— Você está correto, — disse Ki-Adi-Mundi. — O comprador de nódulos de orokite tinha um.

Parou diante do Pub do Gutson. Yarael avistou um par de Caveiras Empaladas armados saindo do prédio.

— Isso pode ser problema.

Estava ciente da guerra de gangues acontecendo ao longo desta parte da rota Ootmiana, mas não havia infectado Kwenn, até agora. Parte disso, ele e os seus colegas haviam deduzido, era a distância que as dificuldades se colocavam entre as ilhas onde os vários grupos tinham seguidores. Os relatos de membros do Conselho Jedi estarem no planeta também provavelmente fizeram diferença. Yarael achava que era um bom argumento para manter o entreposto aberto.

Ainda assim, parecia um lugar ruim para os Reputações pararem para beber, e ainda assim o motorista saiu e trocou palavras com os Caveiras.

— Eles são rivais amargos, — disse Ki-Adi-Mundi. — Apesar do meu disfarce, podemos precisar intervir para manter a paz.

Mas para surpresa de ambos os Jedi, o motorista abriu a porta traseira e escoltou dois humanos bem vestidos, quase certamente capitães dos Reputações, para fora do veículo. Os Caveiras os cercaram enquanto todos entravam na boate.

Ki-Adi-Mundi começou a se mover em direção à entrada, mas speeders chegando de ambas as direções na rua o fizeram pausar. A grafia cobrindo o primeiro veículo entregou a sua propriedade: os Infames. Nenhum dos mestres reconheceu a segunda máquina, embora a maneira como seu

ocupante encapuzado se esgueirou furtivamente dela para dentro do pub sugerisse uma conexão com os Lâminas Envenenadas.

— Aqui está mais um, — disse Ki-Adi-Mundi enquanto outro speeder sem luzes aparecia. — O que está acontecendo aqui?

— Talvez estejam realizando uma festa. — Yarael deu de ombros. — Será que a própria chefe dos Caveiras estaria pagando as outras gangues?

— Ou estão pagando a ela? Resgate? Uma oferta de paz?

Yarael sabia que era exatamente o tipo de quebra-cabeça que cativaria seu companheiro. Olhou para o prédio e suspirou.

— Vamos ficar aqui fora assistindo a noite toda, não é?

— Determinar o que esses criminosos estão tramando realiza exatamente o que o Mestre Qui-Gon nos desafiou a fazer. Isso ajuda as pessoas. — Ki-Adi-Mundi chegou a uma decisão. — Vou voltar ao estabelecimento e redobrar os meus esforços.

— Espere aqui alguns minutos. Se você vai voltar pra dentro e eu vou ficar de vigia, vou me servir de um rolinho de nuna com curry.

CAPÍTULO 37

GALA KEY

KWENN

Yoda gostava de alvoradas, onde quer que estivesse, e ver o de Kwenn do Montanha Santuário havia sido revigorante. Mesmo com a introdução indesejada da poluição, havia se maravilhado com a sua beleza serena. A Força estava aqui, como em todos os lugares.

Uma consequência do entreposto estar no ponto mais alto do planeta, no entanto, era que ver o nascer do sol significava que estava acordado antes de todos os outros Jedi em Kwenn, incluindo vários que, segundo o senescal, tinham chegado extremamente tarde. Yoda estava certo de que havia muitas histórias para ouvir, mas a sua missão para o dia estava clara. Ficou feliz por sua parceira nisso, Adi Gallia, também ser uma madrugadora.

— É como eu suspeitava, — ela disse do lado de fora da porta da Arena de Gala Key. — Ainda não está aberta.

Yoda juntou as mãos.

— Para todas as coisas, há um tempo. Vamos caminhar.

Não havia sentido permitir que a sua ansiedade se transformasse em impaciência, e eles estavam ansiosos para terminar os preparativos para a celebração. Adi tinha sido sempre incrível, reunindo uma variedade de convidados especiais de Kwenn, incluindo muitas pessoas de vida longa que poderiam testemunhar tanto o estado do planeta antes da Grande Renovação quanto as ações tomadas durante ela.

— Haverão hologramas em exibição no hall de entrada, — ela disse, olhando para o seu sempre útil datapad. — As pessoas poderão ver Kwenn como era e os esforços para mudá-lo.

— Alguns de nós serão difíceis de reconhecer. Mudamos.

— Nunca você, Mestre!

Yoda riu.

Eles contornaram a circunferência da arena. Vários parques adjacentes estavam começando a se transformar em áreas de festival, com pessoas acampando antecipadamente para a celebração, seja para entrar ou para conseguir um bom espaço. Gala Key estava lentamente ganhando vida, à maneira preguiçosa de um paraíso insular.

Adi fez um gesto para as nuvens.

— A única outra complicação é o clima. Dada a situação declinante do clima, as chuvas tropicais surgem com menos aviso prévio. Estive trabalhando com as equipes meteorológicas para me alertar sobre qualquer coisa prejudicial.

Yoda sorriu.

— Pensou em tudo, você. Aqui, enquanto...

Um Ithoriano saiu de uma porta lateral da arena, quase tropeçando em Yoda ao fazê-lo. As ferramentas em seu cinto de utilidades tilintaram uma contra a outra, e algo caiu de sua mão. Ele bateu no chão na frente de Yoda.

O Ithoriano se desculpou nervosamente.

— Sinto muito, — as palavras saíram de seu colar tradutor dourado. A porta da arena fechou atrás dele. — Ainda não estamos abertos.

— Nós sabemos, — disse Yoda. Ele pegou o item errante, que parecia ser algum tipo de mecanismo de controle. Ele passou para o Ithoriano o que ele havia deixado cair.

Ele pegou o mecanismo, se virou e apontou para a porta. Ele o acionou. Yoda ouviu o clangor das braçadeiras enquanto a porta se trancava.

— Não pode perder isso!

— Estamos ansiosos para trabalhar com você em breve, — acrescentou Adi.

— Humm?

Ela acenou com a cabeça para a porta.

— Na arena.

— Ah, sim, claro. — Ele acenou com a cabeça antes de caminhar apressadamente na direção de onde Adi e Yoda tinham vindo.

Os dois olharam pra trás para ele. Um caminhão speeder parou na rua. Ele entrou e saiu dirigindo.

Yoda e Adi se olharam por um momento e retomaram a caminhada. Logo outro veículo chegou de uma direção diferente. A LiteVan parou a duas quadras da arena, ao lado de um beco. Lá, ele despejou duas figuras corpulentas. O Besalisk com tatuagens pra cima e pra baixo de seus quatro braços parecia ameaçador o suficiente, mas o seu companheiro era algo diferente: um massivo Cathar felino com a cabeça completamente sem pelos e piercings parafusados em seu crânio. Eles caminharam propositadamente em direção à abertura e desapareceram entre os prédios.

Nenhuma palavra passou entre os Jedi. Algo estava errado, e estava naquele beco. Enquanto Yoda e Adi se aproximavam, o motorista de terno de negócios saiu da van estacionada e bloqueou o caminho deles.

— Vocês precisam se afastar, — disse o humano. — Inspeção de segurança.

Yoda não viu nenhuma marca no veículo, e certamente, os passageiros do veículo não se pareciam em nada com o motorista bem vestido. E o que sentiu lhe disse para não oferecer o benefício da dúvida.

Ao seu lado, os olhos de Adi se arregalaram de repente, sugerindo que ela sentia o mesmo perigo.

— Mestre!

— Eu sei. — Yoda se conectou a Força e empurrou o motorista contra o capô do caminhão speeder com tanta força que o tirou o fôlego.

Ele começou a correr, e Adi virou a esquina com ele. Os dois associados do motorista estavam na metade do beco, se aproximando de outras duas figuras no final. Uma delas era um Twi'lek masculino com um manto; o outro era mais baixo e muito obscuro para ser distinguido.

Uma voz que soou familiar para Yoda veio do par.

— Isso não estava no plano! Você deveria...

Um grito horrível completou a frase. A figura mais baixa caiu na rua.

Adi ainda não havia sido notada pelos brutamontes, que se aproximavam rapidamente do Twi'lek e da outra pessoa. O Besalisk falou com o Cathar careca.

— Rápido, coloque-o no speeder!

Enquanto Yoda avançava, Adi estava muito à frente, fechando a distância com os agressores em segundos. Ela parou de correr e usou os seus poderes para arrancar os dois oponentes grandes cujas costas estavam viradas para ela. Ela ativou o seu sabre de luz e gritou:

— Fiquem onde estão!

O Twi'lek, voltado na direção dela, tinha visto a sua abordagem e retirou um blaster de seu manto. Ele atirou sobre os seus robustos companheiros, que rolaram para o lado, olhares atônitos em seus rostos ao verem os Jedi. Yoda avistou um corpo caído diante dos pés do Twi'lek.

Entre os tiros desviados, Yoda viu Adi pausar para olhar pra trás para ele. Era o olhar de alguém completamente no controle da situação. Não esperava menos da Mestra Gallia.

— Cuide da vítima, — ela disse. — Eu cuido isso!

Os tiros pararam quando o Cathar, de joelhos, saltou em direção a Adi. Ela saltou mais alto, fazendo uma cambalhota sobre ele e pousando atrás dele. Um balanço preciso de seu sabre de luz tirou o topo de uma das espinhas do agressor.

— Rendam-se, ou perderão mais um!

Yoda não havia assistido Adi em ação há algum tempo. Na verdade, não sabia há quanto tempo ela não via nenhuma ação. Mas a Mestra Jedi havia caído num ritmo perfeito para se defender contra ataques de múltiplas direções: desviando os disparos do Twi'lek, enquanto evitava os movimentos brutos dos dois companheiros dele.

O foco do Twi'lek em Adi era tanto que ele nunca notou Yoda, não até o Mestre Jedi atacar. Entre os tiros, Adi estendeu a mão e deu a Yoda um impulso através da Força, tornando o seu salto alto verdadeiramente prodigioso. Desceu portrás do Twi'lek e o jogou pra frente

telecineticamente, para longe da vítima caída. Somente então Yoda ativou o seu sabre de luz, assumindo uma postura defensiva sobre o corpo no chão.

Imediatamente, mais tiros de blaster encheram o beco, embora não do Twi'lek, que havia perdido o seu blaster. Eles vinham de trás de Adi. Yoda olhou pra trás e viu a LiteVan agora bloqueando a saída, e o motorista, recuperado de sua queda, de pé na porta, atirando. Adi e Yoda repeliram os seus disparos num turbilhão de paradas que fizeram os seus três agressores se esconderem onde não existia cobertura.

— Estou indo, — Adi chamou.

De fato, ela estava, viu Yoda. Mesmo enquanto desviava os tiros do van com a sua mão com o sabre de luz, ela usava a outra para nocautear o Besalisk e o Twi'lek, um após o outro, lançando-os telecineticamente contra as paredes dos prédios ao redor. O Cathar chegou mais longe, pulando no capô da LiteVan enquanto o seu motorista começava a recuar. Adi correu atrás do veículo e o seu passageiro improvisado.

Yoda olhou pra baixo para a vítima e a rolou. Era Lyal Lunn, o sombrio Sullustano de várias noites antes nos Caminhos da Harmonia. O cabo de uma adaga saía de seu peito.

Lyal olhou para ele atordoado.

— Yoda?

Yoda se inclinou sobre o seu corpo.

— Eu devo te ajudar.

O Sullustano balançou a cabeça.

— Não é possível. Você não pode estar aqui, não agora...

— Mas aqui, estou. — Yoda o achou delirante. Estava claro que Lyal estava em má forma. O Mestre Jedi acionou uma chamada de emergência em seu comunicador e começou a fazer o que podia.

Percebeu que algo preto estava revestido na lâmina. Se fosse veneno, poderia ser excessivo. Yoda temia estar envolvido num esforço perdido, capaz de aliviar a dor, mas pouco mais. Mas era importante manter Lyal falando.

— Quem te atacou?

— Eu não sei, eu não, — Lágrimas surgiram nos olhos de Lyal. — Yoda, estou tão envergonhado. — A voz de Lyal se quebrou. — Eu estive vendendo drogas ilegais para os Infames.

Yoda havia suspeitado de algo nos Caminhos da Harmonia, mas não disso. Isso contradizia a sua imagem do Sullustano.

— Você trabalha para a arena.

— Eu trabalho. Mas...eu te disse. Os atos eram difíceis de encontrar, e eu tinha que pagar pelo cuidado do meu pai. — Ele soluçou. — Eu ia comprar um droide pra ele.

— A ajuda está chegando. Descanse, — disse Yoda. A luta de Lyal estava piorando o sangramento. Ele tentou usar a Força para acalmar o Sullustano.

Mas ele não parava de se contorcer. Entre tosses, ele continuava falando.

— Eu nunca usei. Mas os atos musicais, as suas festas, sempre havia demanda.

As pessoas haviam desabafado com Yoda muitas vezes, inclusive em seus últimos momentos. Queria dizer a Lyal que este não era um daqueles momentos, mas não tinha certeza.

O corpo de Lyal se contorceu enquanto tentava se mover.

— Minha bolsa.

Yoda encontrou. Estava cheia.

— Créditos.

— Jure...que você levará esse dinheiro para o meu pai em Addoa Key. Eu não posso deixá-lo sozinho agora. Veja... que ele consiga o droide.

Yoda tinha todas as razões para suspeitar que era dinheiro de um ato ilícito, mas não havia menção disso agora. Segurou a mão de Lyal.

— Visitar o seu pai, eu irei.

— Você é tão...gentil. E isso, depois...

Há mais, existe. Mas Lyal estava desaparecendo rapidamente.

Com esforço inesperado, Lyal ergueu a cabeça do beco e agarrou a manga de Yoda.

— Me desculpe. Foi um erro. Eu não posso...deixar você...

Aquilo era toda a energia que ele tinha. A cabeça de Lyal tombou para o chão. O Sullustan ainda estava respirando, Yoda viu com alívio.

Olhou pra trás e viu Adi trotando pelo beco.

— A LiteVan está batida num poste, — ela disse. — Os guardas já estão lá. — Ela observou as condições dos dois agressores caídos no beco. Eles ainda estavam inconscientes. — Sem funerais hoje. — Então ela viu Lyal e disse o seu nome chocada. — Ele está...?

— Muito mal com a gente. Mas a ajuda vem.

Adi ajoelhou-se ao lado deles.

— Pobre Lyal. O que foi isso?

Yoda contou o que Lyal havia dito, e o rosto de Adi caiu.

— Acho que eles decidiram não pagar a ele e fizeram isso.

— Ele foi pago. — Yoda segurava a bolsa de créditos em sua mão.

— Por que eles o pagariam e depois o matariam?

Não fazia sentido para Yoda também.

— Há algo mais, há. — Ele olhou de volta pra cima do beco. — Os quatro agressores não eram os mesmos.

Adi se levantou e foi até um dos caídos.

— Este aqui tem as marcações dos Infames, — disse do Besalisk. — E o Cathar com certeza era um dos Caveiras Empaladas.

Uma ambulância speeder chegou trazendo médicos. Yoda ficou de pé e os apontou para Lyal.

— Há pouco tempo. Envenenada, aquela lâmina pode estar.

Enquanto os médicos começavam a trabalhar, os Jedi viram veículos policiais se aproximando, carregando as pessoas que inevitavelmente teriam que lidar com as consequências de tais incidentes. Mas havia ramificações mais amplas a serem consideradas.

— Este é um péssimo momento para a celebração, — disse Adi. — Eu sei que Lyal não estava diretamente envolvido na organização. Mas tão perto da data, e a arena...

Yoda sabia que também tinha algo com que lidar.

— Sobre o que aconteceu aqui, prenda o que puder. Ao pai de Lyal, eu devo ir. — Ele segurava a bolsa em sua mão.

Adi encarou.
— Isso não é evidência?
— De uma promessa. Mantê-la, eu vou.

CAPÍTULO 38

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

— Viver a vida, preparar-se para a morte. — Depa havia aprendido esse ditado há muito tempo, não do Mestre Windu ou de qualquer um de seus colegas, mas sim do diário de uma Jedi que vivera séculos antes. Trabalhando numa região remota, a jovem mulher havia sido cortada de toda esperança de assistência, mas nunca deixou de lutar. Uma vez que ela entendia o papel da morte na ordem natural das coisas, não tinha reclamação ao dar tudo de si.

Depois de dias pendurada num campo de estase e suportando tortura sonora, a citação era tudo o que Depa tinha restado. Em outras missões em que fora mantida cativa, fazia parte de algum esquema maior; os seus captores geralmente precisavam mantê-la viva para que os seus planos funcionassem. Mas Zilastra carecia de inspiração. Como os assassinatos dos líderes piratas, a captura de Depa era um exemplo de pura força bruta sem segundo ato. A crueldade era o objetivo. Isso, e Zilastra provando que não era preciso nenhum esforço especial para destruir um membro do Conselho Jedi. Levava apenas paciência e dor.

Mas enquanto Depa mal conseguia pensar claramente, o ditado sobre vida e morte era fundamental para o seu ser. Vivera a sua vida sempre preparada para a morte. Então, quando Zilastra entrou na câmara e desativou o som estridente, e quando Depa percebeu que não era um truque de sua mente, não estava preocupada. A Força estava com ela.

Os seus olhos seguiram preguiçosamente Zilastra enquanto a pirata atravessava a sala. Até mesmo o droide assassino tinha ido embora.

— Onde está... a plateia... desta vez?

— Eles estão ocupados. Mas eu posso fazer isso sozinha.

— Então a execução está de volta. — Depa percebeu que não tinha ideia de quanto tempo havia se passado desde que a última tentativa fora interrompida. — Essa demora... foi só mais tortura?

— Eu te disse, finalmente vi o quadro geral. Tudo o que fiz? Era prólogo, e eu não sabia disso. — A pirata encontrou o spray de nocaute. Ela olhou de volta para Depa. — Fiquei surpresa com o quão fácil foi. Só precisei fazer algumas ligações. Está tudo em movimento agora, em todos os lugares. Você não pode parar!

— Parar... o quê?

— Ah, não. Você não vai ganhar mais tempo assim. — Zilastra encontrou uma máscara facial. — Tenho um lugar para estar. — Ela olhou para o teto. — Terminei de me esconder em buracos. Esses dias acabaram. Mas não perderia isso por nada na galáxia.

Zilastra atravessou de volta para Depa e viu a mesa onde ela já jogara cartas. Com a memória aparentemente despertada, ela colocou o spray no chão.

— Ah, e vou precisar de uma dessas. — Quando se virou, trouxe um punhado de cartas sabacc do bolso e as abriu. — Escolha uma.

— Não.

Zilastra balançou o polegar, e uma das cartas saltou de sua mão. Ela a virou. É claro, era O Idiota.

— Cartão de... visita, — Depa murmurou.

— É seu. Assim eles vão te reconhecer quando te encontrarem.

— Você não... vai poder... jogar sem ele.

— Engraçado, Mestra. Mas não. Não é o baralho da minha mãe. Eu não desperdiçaria uma carta dela com você. — Ela colocou a carta na mesa e as outras de volta no bolso. Então deu um passo pra trás para examinar a holo câmera no suporte perto da porta. — Apenas verificando se nossa conexão ainda está transmitindo de volta para a nave.

Depa fez uma última tentativa, usando a sua mente para alcançar o suporte, a mesa, o frasco, qualquer coisa, tentando mover algo através da Força, para utilizá-lo como arma. Tudo o que ela conseguiu fazer foi derrubar o frasco de spray de nocaute.

Zilastra riu disso.

— Fraca, Mestra, fraca. — Ela colocou a sua máscara facial e pegou o spray caído. — Hora de dormir.

— Você... não vai precisar disso.

— Provavelmente não. Mas não sou boba.

Zilastra contornou na frente dela, levantando o frasco em direção ao rosto de Depa. Depa reuniu energia para encará-la.

— Você... é uma covarde.

— É irônico, de uma Jedi querendo uma luta justa. Você não vai me provocar.

— Eu tenho amigos.

Zilastra abaixou o frasco tempo suficiente para rir.

— Tem uma história engraçada aí. Mas você nunca vai...

As luzes piscaram, e toda a sala virou de lado. Literalmente, com um som que machucou os tímpanos de Depa.

Terremoto!

Zilastra, a mesa e todos os equipamentos da sala caíram para longe de Depa. Um armário tombou e rolou. Ele atingiu a pirata, prendendo-a contra a parede.

Depa piscou. As luzes piscantes mostravam que a entrada pela qual Zilastra tinha entrado agora estava abaixo do nível do Jedi, tendo se deslocado quarenta graus pra baixo. O feixe de paralisia ainda funcionava, mantendo Depa suspensa, mas agora ela estava flutuando, angelical, sobre a pirata.

Com um grunhido doloroso, Zilastra empurrou o armário para longe dela. Ela olhou pra cima para Depa, apenas para perder o equilíbrio conforme algo alto estalava. O chão começou a inclinar ainda mais, forçando Zilastra a se debater como um roedor contra uma parede escorregadia.

O tremor diminuiu. A Jedi assistiu, surpresa, enquanto Zilastra se arrastava pela superfície inclinada até o interfone na parede. Ela arrancou a sua máscara.

— Luggy! Algo explodiu de Tokchi?

A resposta, quando veio, estava distorcida.

— ...atirando na...

— O quê?

Mais estática, enquanto as luzes piscavam. Outra explosão enviou outra onda de choque. Tudo se moveu novamente, desta vez numa direção diferente.

Depa reconheceu o que era mesmo quando Zilastra disse:

— Aquilo foi um tiro de turbolaser!

Burlug falou novamente.

— ...o último tiro derrubou parte do teto da caverna sobre o complexo!

— Tiro? Por quem? O quê? — A sala estremeceu. Zilastra lutou para permanecer no controle. — Por que tudo virou de lado?

— ...o chão da caverna pode estar danificado. Nós podemos estar...

O áudio foi cortado. Depa lembrou que o ninho dos piratas na verdade era uma série de deques de naves interconectados dentro de uma gruta. E num planeta tão cheio de buracos como Valboraan era, um desabamento poderia muito bem levar qualquer estrutura em que estivessem pra baixo. Pra baixo, pra sabe-se lá onde.

Incapaz de fazer o interfone funcionar mais, Zilastra xingou. E então xingou Depa.

— Você ainda vai morrer aqui! — Ela sacou um de seus blasters, apenas para perdê-lo, já que a nave perdeu a sua própria posição em qualquer posição precária em que estivesse. Com um gemido de raiva, a sala inclinou pra trás na direção oposta. O conteúdo da sala se chocou com a pirata gritando contra um canto. A entrada, antes abaixo de Depa, agora estava inclinada parcialmente acima dela.

As luzes se apagaram, e com elas, o raio de estase. Como uma folha murcha, o corpo de Depa caiu, batendo contra uma parede que se tornara um chão. Podia ouvir Zilastra em algum lugar, também lutando.

Isso foi confirmado quando tiros de blaster sibilaram passando, disparados às cegas no escuro. Zilastra ainda vivia, e tinha uma de suas armas. Outros poderiam ter sido tentados a dizer algo, a provocar, mas Depa sabia que qualquer som revelaria sua posição. Não havia luta aqui, com certeza, não no estado de Depa, presumindo que a estrutura desgarrada permitisse isso. Mas enquanto seus dias de aprisionamento tinham sido intermináveis, eles tinham lhe fornecido tempo suficiente para memorizar a sala em que estava.

A ventilação!

Kylah tinha entrado na sala por ela, abrindo e fechando a grade. Depa sentiu ao longo da parede, e encontrou a grade na escuridão. Encontrou forças para puxar a grade aberta. Mais tiros foram disparados, direcionados desta vez ao barulho. Mas com a sala virada de lado e muito mais barulho ao redor, os tiros erraram o alvo.

Ainda assim, Zilastra continuava a gritar.

— Morra!

Entrar no duto era um risco; todo o asilo de Kylah com os Caminhantes da Fenda tinha sido a sua capacidade de percorrer áreas onde nenhum adulto caberia. Também fazia sentido que os choques que pudessem virar um deque de nave pudessem mutilar um duto de ventilação com facilidade. Mas tinha que arriscar.

Lançou o seu corpo na abertura, os tiros de blaster continuando atrás dela. Eles continuaram até outro rangido metálico evidentemente mudar a mente da pirata. Permanecer na estrutura era loucura, para ambas.

— Você ainda vai morrer aqui, — ela ouviu Zilastra gritar. — De uma forma ou de outra, Jedi. Você vai morrer aqui!

Depa sabia que ela poderia estar certa. Mas também estava preparada para viver. Encontrou energia para rastejar.

CAPÍTULO 39

SOBRE VALBORAAN

— Novas torretas, a nordeste!

A nave estelar de Mace Windu avançou à frente da *Garantia* através da atmosfera de Valboraan. Lá embaixo, na poeira do deserto, outra torreta havia surgido, erguendo-se mecanicamente de uma posição numa crista.

— Estão mirando em você, — disse Baylo no fone de ouvido de Mace.

— Esse é o plano, Capitão.

Tiro carmesim irrompeu da crista, direcionado a Mace. Guiado pela Força, fez uma curva para a esquerda e depois para a direita, antecipando e evitando os tiros.

Não sentia inteligência por trás deles.

— O tiro é automatizado.

— Ainda vai doer muito.

— Então nós atacamos primeiro.

Mace enviou o Delta-7 interceptor num mergulho direto para o local da torreta de canhão, apenas para desviar no último instante. Tiros de laser muito mais poderosos do que qualquer coisa que a sua nave pudesse gerar cortaram o ar abaixo dele, atingindo não a torre, mas a crista em que estava implantada. Uma formação terrestre que não havia sido atingida por nada mais do que vento em eras entrou em movimento, com a gravidade derrubando os canhões numa explosão.

— Meus cumprimentos ao seu artilheiro, — disse Mace.

— Poupe-os, — respondeu Baylo pelo comunicador. — Aquilo estava fora do alvo. — Mace ouviu o capitão gritar, mais fracamente, para alguém em sua própria ponte. — Se concentre!

A Corporação de Engenharia Corelliana não projetara a linha CR para combate, mas isso não impedira Baylo e outros de usarem as suas naves para esse fim. A *Garantia* fora equipada com uma formidável instalação de turbolaser dorsal, mas isso não servia para bombardeio terrestre a menos que realizasse uma manobra de inclinação permitindo que os canhões entrassem em ação. Isso significava ataques difíceis numa altitude mais baixa do que Mace ou Baylo estavam confortáveis, e a decisão do Jedi de interferir pela corveta.

Com a *Garantia* seguindo, Mace fez uma curva de volta. Desde a sua chegada surpresa sobre Valboraan, um círculo de posições de canhão havia surgido, todas a poucos quilômetros de uma cordilheira central; mais torres haviam aparecido no próprio afloramento. Várias delas estavam fora de combate, mas o território ainda estava fortemente disputado. O anel, Mace estava certo, circunscrevia algo importante lá embaixo. E um de seus aliados no ar sabia mais sobre isso.

— Estamos vendo várias aberturas na cordilheira central, — sinalizou Qui-Gon. — Definitivamente há cavernas lá, Mestre Windu.

Qui-Gon e Obi-Wan tinham vindo de Coruscant numa nave de transporte Jedi T-5, tendo sido ordenados para Kwenn em alguma missão que Mace ainda não sabia. Seja qual fosse, a sua decisão de pegar uma nave de transporte significava que não esperavam problemas; a nave estava desarmada. Mas ela poderia observar de uma altitude segura e também ajudar na evacuação.

Este último estava na mente de Mace quando o mapa em seu monitor foi preenchido com as aberturas de caverna que Qui-Gon havia marcado.

— Você tem certeza de que a Mestra Billaba ainda está lá embaixo?

— Só vimos uma nave de uma pessoa partir desde que recebemos a mensagem da garota, — respondeu Qui-Gon. — Permanecemos aqui, conforme instruído.

Mace concordou. Se Depa tivesse escapado naquela nave, alguém já teria ouvido falar. Chamou a *Garantia*.

— Capitão, precisamos ter cuidado com qualquer ataque adicional à cordilheira central.

Baylo riu.

— Como o cuidado que estão tendo conosco?

— Não sabemos quem está lá embaixo. — Havia uma pequena chance de que as instalações terrestres estivessem associadas a colonos ou a alguém que não tivesse nada a ver com piratas, mas o fato de que os canhões abriram fogo sem aviso prévio tornava isso remoto. E havia outra preocupação: — Se a Mestra Billaba estiver presente, não queremos derrubar uma montanha em cima dela.

— Se é que já não fizemos, — interveio Qui-Gon. — Você atingiu muitas baterias.

— Correto. Os nossos próximos passos devem ser na superfície.

— Seus próximos passos, — corrigiu Baylo. — Eu não tenho uma equipe de ataque terrestre. Diga à República para pagar por uma da próxima vez.

Mace poderia ter dito a ele que a República não tinha intenção de criar uma força armada, mas Baylo não era um Zaifo-Vias. O capitão sabia bem disso. Mas ele estava certo sobre quem teria que pisar no chão.

Mace estava trabalhando num plano quando o seu comunicador apitou indicando uma mensagem no canal dedicado dos Jedi. Ele pensou em não respondê-la: Voar sob fogo não era o melhor momento para responder a alguém em Kwenn sobre a celebração iminente. Mas transmitiu para o seu fone de ouvido de qualquer maneira.

— Windu.

Um guincho surpreso.

— Você é um Jedi?

Os olhos de Mace se arregalaram. Parecia a garota da mensagem anterior.

— Você é a pessoa que nos chamou?

— Sim! E está tudo desabando aqui!

A garota parecia aterrorizada. Mace franziu a testa.

— Você está ouvindo isso, Mestre Qui-Gon?

— Estou, — disse Qui-Gon.

— Quem está ligando, Depa Billaba está com você?

— Não, quer dizer, eu não sei, — disse a garota. — Mas eu preciso da sua ajuda!

— Você terá. Continue transmitindo, se puder. — Mace ajustou os controles de sua nave. — Capitão Baylo, preciso que você nos ganhe algum tempo. Mestre Qui-Gon, após a próxima passagem, iremos para a estratosfera. Junte-se à formação atrás da *Garantia*, e na nosso próxima ataque você vai se separar e pousar nas seguintes coordenadas. — Mace sinalizou para o seu droide astromecânico compartilhar as informações. — Eu te encontrarei no chão!

—

COM A LUZ PORTÁTIL NA mão, Zilastra corria aparada pela parede do que já fora o corredor de uma nave estelar. Inclinado de lado, tornara-se um percurso de obstáculos. De tempos em tempos, uma passagem aberta exigia um salto, e toda vez que pousava, sentia o metal sob os seus pés tremer. Construir uma base de caverna a partir de restos de espaçonaves fora uma ótima ideia; o casco provavelmente tinha salvo a sua vida. Mas nunca considerara que o chão da caverna sob as naves pudesse ceder sob fogo.

Aquilo era uma lição. *Você pode fixar o valor de uma carta de sabacc para que não mude. Mas tudo na vida está sujeito a mudanças.*

Depois de tomar um tempo para se orientar, percebeu que o corredor que levava à próxima seção do complexo se abria para nada além de rochas. Duas naves haviam se separado onde se conectavam, e a sua parte havia caído pra baixo. Isso significava que não havia saída por ali, mas subindo, ela poderia encontrar uma saída.

Um corredor de manutenção transformado em poço oferecia promessa. Nenhuma escada ou elevador poderia ajudá-la, mas os canos expostos no que antes era o teto serviam como excelentes apoios para os pés. Subiu,

com a sua raiva crescente competindo apenas com o medo do som de cada explosão remota.

Finalmente, chutou uma escotilha e emergiu em algo que parecia um ferro-velho. Não era, é claro; era uma confusão de vigas de duraço e rochas levemente iluminadas. No entanto, havia um caminho ao redor e sobre elas, e avançou com velocidade.

As suas roupas estavam esfarrapadas quando subiu para uma parte ainda de pé do chão da caverna. Levou um momento para perceber que a luz acima não vinha dos dispositivos que instalaram. Eles não estavam funcionando. Em vez disso, uma parte do teto da caverna tinha desaparecido, os seus restos agora estavam sobre a parte virada de seu complexo de metal. Em algum lugar nas alturas, a luz entrava por um novo buraco.

Havia movimento à frente. Na parte intacta do complexo, viu Caminhantes da Fenda frenéticos correndo em todas as direções, tentando salvar as suas vidas ou recuperar algo. Inicialmente, ninguém a notou, coberta de poeira.

Então alguém a viu.

— Zil!

Zilastra se virou para ver Burlug se aproximar. A sua reserva estoica havia desaparecido; ele parecia mais agitado do que jamais o vira.

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

— O que está acontecendo? — Ele apontou para o novo clarão no teto. — Eu te disse. Estamos sob ataque!

Tinha ouvido parte disso antes, e isso a preocupara. Significava que todo o seu plano tinha falhado.

— Qual gangue nos atacou?

Burlug gaguejou.

— Que diferença isso faz? — Ele a repreendeu, algo que não fazia há anos. — Você só precisava chamar todo mundo com o seu grande plano. O transmissor foi implantado do lado de fora o tempo todo para qualquer um ver!

— Essa era a única maneira.

— Pra fazer o quê? Dizer a todo mundo onde estávamos, para que pudessem nos matar? — Burlug olhou em volta para o que restou de sua base. — Isso é um pesadelo. Por que fizemos isso?

— Supere isso. *Sempre* houve uma chance de que as outras gangues encontrassem Valboraan. Pra isso servem as torretas.

— Bem, metade delas se foi. *Acho*. Perdemos a conexão de dados quando o teto desabou!

Não havia nada a ser feito. Zilastra apressou-se de uma câmara para outra, indo em direção à área de pouso principal. A sua primeira visão a deixou sem fôlego. Várias naves estacionadas haviam sido destruídas. Outras haviam caído pelo chão da caverna, pelo menos parcialmente. E o restante, incluindo a sua nau capitânia, a *Aleatoriedade*, havia sido atingida por escombros. Jodak, o piloto reptiliano massivo, liderava os outros membros dos Caminhante da Fenda em trabalhos para remover os destroços.

— Ainda está de pé, — ela disse. — O casco parece intacto.

— Por enquanto, — disse Jodak, parando para limpar a poeira de seu focinho rombo. Ele indicou a nave. — Tenho medo de que ligar os motores possa trazer tudo abaixo!

— Quem quer viver pra sempre?

Tanto Jodak quanto Burlug estavam animados, com certeza, mas nem eles nem os outros haviam partido sem ela.

Ventner desceu a rampa da *Aleatoriedade*. Ele parou na frente dela, parecendo frenético.

— Tem uma ligação chegando.

— De quem?

— Ele diz que são os que estão atirando em nós. — Ventner passou a unidade portátil para ela.

A tripulação limpando as pedras da *Aleatoriedade* parou, ouvindo enquanto Zilastra alternava a unidade.

— Você tem algo a dizer?

A voz que ouviu não era de nenhum de seus adversários do submundo, mas conhecia o nome.

— Aqui é o Capitão Baylo da corveta da Frota Diplomática *Garantia*. As suas instalações são suspeitas de atividade pirata. Sob autoridade das Forças Judiciais, estou autorizado a instruí-los a parar de atirar e se render!

Zilastra nunca tinha ficado tão feliz em ouvir alguém em sua vida. Sorriu enquanto respondia.

— Olá, Pell Baylo. Sob a minha própria autoridade, estou autorizada a dizer a você para ir comer tijolos!

— Ótimo. Você vai gostar quando derrubarmos o resto da montanha em cima de você.

— Você é República. Não tenho certeza se você conseguiria acertar a cordilheira duas vezes no mesmo dia. — Ela sorriu de lado. — Eu te conheço, Baylo. Você tem uma nave que ninguém aceitaria nem como sucata, tripulada pelos filhos de gente rica e dirigida por um grupo de nunca-foram e desdentados, com você como o fóssil chefe. Isso soa familiar?

— Eu vou gostar disso. Baylo encerrando.

— Você nunca gostou. — Zilastra sorriu para Burlug. — Isso é ótimo!

— Ótimo? Ele vai nos enterrar!

— Se ele quisesse, já teria feito. — Ela balançou a cabeça. — Mas não é isso. É a República lá fora, não outra gangue. O que significa que o plano ainda está de pé!

Burlug a olhou. Então ele entendeu. Ele se virou e se juntou a Jodak e os outros membros da tripulação em seu trabalho.

Ela subiu numa pedra e chamou:

— Escutem, Caminhantes da Fenda! Ainda estamos em andamento. Limpe as suas naves e dirijam-se para o ponto de encontro. As torretass de entrada irão cobri-los no caminho pra fora. *Estamos indo atrás do maior pote de todos!*

CAPÍTULO 40

ACIMA DO QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

Em um pequeno platô perto do topo da crista em Valboraan, Qui-Gon e Obi-Wan ajoelharam-se ao lado de sua nave. Estava estacionada perto de um tubo de lava que os seus sistemas tinham mapeado durante o reconhecimento; ele se conectava à rede abaixo.

— Ventilação natural, — disse Qui-Gon, prendendo a sua linha de rapel no conjunto de guincho atrás do trem de pouso. — Todas as comodidades.

Obi-Wan terminou de verificar a sua própria linha e olhou pra baixo da montanha.

— Eu me pergunto por que o Mestre Windu não nos mandou entrar pela boca da caverna?

Como se em resposta, um sibilar irrompeu do turbolaser dentro da abertura. Direcionado para a *Garantia*, falhou em atingir o seu alvo, mas a ação enviou um estremecimento pelo sistema de cavernas.

— Isso responde a isso. — Qui-Gon pegou o seu comunicador na mão. — Capitão Baylo, você pode querer evitar ser alvo.

A resposta de Baylo foi abrupta.

— Vou levar isso em consideração, Mestre. Nunca pensei em tentar isso!

— Quero dizer que os tiros da bateria automatizada está colocando o complexo em perigo.

— Aquele que estamos atacando, — respondeu Baylo. — Então não podemos atirar nele e não podemos voar além dele. Conferido e conferido.

Com a *Garantia* fora.

— Ele parece encantador, — disse Obi-Wan.

Ele parece ter muitas pessoas sob os seus cuidados, pensou Qui-Gon. Ele puxou a sua linha.

— Vamos lá.

O transporte T-5 estava equipado com tudo o que um Jedi poderia pedir, mas enquanto a linha abundante poderia trazê-los pra cima rapidamente, descer era com eles. Eles desceram metros de cada vez, impulsionando-se contra as rochas enquanto mergulhavam na escuridão. O tubo ficou preocupantemente estreito num ponto, apenas para se abrir novamente antes de tocarem o fundo.

Ele e Obi-Wan desataram as suas linhas e ativaram os seus sabres de luz. A luz verde e azul revelou uma gruta com três saídas. A montanha estremeceu, causando chuvas de sedimentos em duas das três passagens.

— A escolha fácil nem sempre é a certa, — disse Qui-Gon. — Ainda assim, não há razão para ser imprudente com isso. — Ele seguiu para a abertura que parecia mais segura.

Obi-Wan o seguiu, falando baixo para não deixar a sua voz ecoar.

— O que devemos fazer?

— Procurar pela Mestra Billaba, assim como pela garota que enviou o aviso, e encontrar o Mestre Windu.

Ir daqui pra lá, Qui-Gon sabia, dependia deles. A imagem da montanha fornecida pela nave era rudimentar, e claramente, a geologia estava mudando a cada minuto.

Eles deram mais alguns passos quando Qui-Gon sentiu algo. Era familiar, mas a sua presença aqui estava completamente fora de lugar. Estava pronto para ignorá-lo quando os seus sentidos naturais lhe disseram que havia vozes e movimento à frente, onde o corredor se cruzava com outro.

— Esteja pronto, — disse Qui-Gon, empunhando o seu sabre de luz diante dele. — Esteja atento ao inesperado.

As vozes se transformaram em gritos e trovões, de passos. Três figuras correram pelo corredor à frente deles de um lado para o outro,

completamente alheias aos Jedi.

Obi-Wan levantou uma sobrancelha.

— Isso *foi* inesperado.

Qui-Gon entrou na interseção. A luz era fraca demais e as figuras fugitivas muito rápidas para que ele pudesse distinguir algo sobre elas. Foi apenas quando os corredores alcançaram um beco sem saída e retornaram pelo corredor, discutindo, que ele percebeu que o seu pressentimento estava certo.

Abaixou o seu sabre de luz e fez sinal para Obi-Wan entrar na interseção.

— Você não vai acreditar nisso.

Ele mal acreditava, também, quando os três supostos sequestradores da *Viagens Real* se apressaram em sua direção, discutindo um com o outro todo o caminho sobre quem os tinha enviado na direção errada. Liderando estava Lobber, que tinha várias bandoleiras de detonadores térmicos penduradas no peito. Ghor, o Houk, estava coberto de graxa e poeira, como os seus companheiros. Wungo, o tímido Klatooiniano, estava em pânico suado, e os seus olhos só ficaram maiores quando viram os sabres de luz diante dele, e os seus portadores.

— *É vocês!*

— E vocês. — Perplexo, Qui-Gon coçou a cabeça com a mão livre.

— Olá, — disse Obi-Wan, dando um aceno. — Bem-vindos à nossa caverna.

Lobber rosnou.

— *Sua* caverna? Esta é a nossa base!

— E vocês fizeram coisas maravilhosas com ela, — disse Qui-Gon. — Alguém os está perseguindo?

Ghor ofereceu uma explicação.

— Estávamos no arsenal quando o tremor começou.

— Parecia um lugar para não se estar, — acrescentou Wungo.

Lobber andou entre os dois grupos e bateu no peito.

— O que vocês estão fazendo conversando com esses caras? Eles são Jedi. Somos Caminhantes da Fenda!

— Oh! — Obi-Wan olhou para Qui-Gon. — Você ouviu isso? Eles encontraram posições.

— Não recebemos o memorando, — disse Qui-Gon. — Fico feliz por vocês. Mas, como você disse, este não é um bom lugar para se estar.

Outra pedra rangia, e a caverna tremia um pouco mais.

Lobber não percebeu.

— Estou falando sério. Eles não são invencíveis. Você sabe o que a Zil disse.

— É melhor não ouvir você chamá-la assim, — resmungou Ghor. — Zil é para os amigos.

— Seja como for. Você a viu com a Depa!

— Depa! — Obi-Wan disse. — Depa Billaba?

— Sim, ela era prisioneira da Zilastra, — disse Lobber. — E ela nos ensinou que vocês Jedi são apenas pessoas. Não mágicos!

A paciência de Qui-Gon era infinita, mas o tempo disponível para a sua missão não o era.

— Apenas nos diga onde a Depa estava.

Ghor estava prestes a responder quando Lobber saltou na frente dos Jedi.

— Fiquem pra trás, ambos. — Ele pegou um detonador térmico de sua bandoleira e o acionou, apenas para colocar o polegar sobre o dispositivo de segurança.

— Cuidado, — disse Qui-Gon, alarmado. — Isso não é brinquedo.

Obi-Wan assentiu.

— Segure o dispositivo de segurança!

Lobber os olhou com desdém.

— Não me fale sobre detonadores térmicos. Eu conheço as granadas! *Por que você acha que me chamam de Lobber?*

—

ISSO TAMBÉM NÃO FUNCIONA. Mais uma passagem!

Mace queria entrar no ninho dos piratas por duas direções, para aumentar as chances de encontrar Depa e a garota. Mas depois de escoltar a nave de

Qui-Gon até o local de pouso, Mace descobriu que a sua entrada planejada não existia mais. Toda vez que a sua nave ou a *Garantia* atingiam uma torreta nas encostas, o impacto resultante remodelava um pouco da paisagem por baixo. As mesmas características geológicas que tornavam Valboraan um lugar atraente para se esconder também tornavam aqueles buracos perigosos.

A garota que disse se chamar Kylah continuou falando, embora o seu discurso tivesse se transformado num sussurro.

— Depressa. Não posso sair para encontrá-la. Eles vão me pegar.

Mace a tranquilizou, mesmo que rastrear a sua transmissão o tranquilizasse de que o seu objetivo estava em algum lugar atrás da entrada guardada pelas torretas. Por instinto, fez uma passagem extremamente baixa. Estava deslizando a menos de um metro acima da encosta superior quando percebeu.

Um sumidouro. O local havia sido alvo da primeira rajada que a *Garantia* disparara, uma saraivada de alta potência que Baylo chamara de seu 'chamariz de atenção'. Agora, era mais do que uma cratera: era um possível caminho para dentro.

Diminuiu o Delta-7, aproximando-se do buraco como faria em qualquer plataforma de pouso numa baía de uma nave. A diferença é que essa não tinha superfície para pousar. Mudou para repulsores verticais e viu o céu desaparecer, cercado por uma escuridão rochosa. O nariz afiado da nave colidiu com rochas salientes várias vezes no caminho pra baixo, e Mace teve que girar a nave continuamente em espaços mais estreitos.

O seu astromecânico guinchava, incapaz de compreender, muito menos navegar, a descida. Com uma cascata de rochas caindo de todos os lados da abertura, ele se preparou para abortar, girando a seta voadora para que o seu nariz apontasse pra cima, para uma saída rápida. Em vez disso, essa manobra trouxe o Delta-7 para a forma exata que precisava ser para passar pelo último buraco de pedra pra baixo.

A nave entrou numa câmara em forma de cúpula. Destroços do sumidouro haviam formado uma nova pequena montanha no chão abaixo;

as luzes da nave revelaram caixas, enterradas e espalhadas. Era uma área de armazenamento, ou foi.

Depois de estacionar a nave num local relativamente livre, Mace desembarcou e olhou ao redor. Um feixe de luz vinha de cima, lembrando-o de quão estreita tinha sido a sua passagem. Agradeceu à Força por estar com ele.

Vários corredores largos se abriam horizontalmente para a câmara. O maior era grande o suficiente para a nave e ainda mostrava evidências de marcas de pneus no meio da poeira; claramente, um caminho para os piratas trazerem seus ganhos ilícitos da baía de pouso para cá.

— Estarei lá em breve, — disse Mace baixinho no comunicador. Ele o silenciou e o guardou antes de seguir pelo corredor.

—

— ONDE VOCÊ FOI? — perguntou uma voz fraca.

Zilastra não tinha certeza se tinha ouvido. Tanto barulho, tantas vozes ecoavam por seu esconderijo precioso na montanha que era difícil acompanhar qualquer coisa. Tudo o que sabia enquanto se ajoelhava em cima da asa a estibordo da *Aleatoriedade* era que ela e Burlug tinham que limpar as entradas se quisessem escapar. Jodak estava certo: danos na turbina poderiam detê-los antes mesmo de chegarem ao espaço.

— Jedi, onde você está?

Os olhos de Zilastra se estreitaram.

— Definitivamente ouvi isso! — Ela chamou Burlug para se juntar a ela. — Aqui! Temos um morcego.

Juntos, eles abriram uma tampa do coletor na fuselagem, revelando Kylah, agachada num nicho impossivelmente pequeno. Ela segurava algo tremendo em suas mãos.

— Ops, — disse Kylah.

— 'Ops' está certa. — Zilastra e Burlug seguraram um membro cada um e arrastaram Kylah para fora da abertura.

— Solte-me, Luggy! — ela gritou. — Me deixem em paz!

— É bom pra você que tenhamos te encontrado, Clandestina. Esse compartimento não é pressurizado. — Zilastra franzia a testa. — Você geralmente é mais esperta que isso.

— Ela está segurando algo, — disse Burlug.

— Vamos ver o que você tem aí, — disse Zilastra enquanto Burlug a segurava. Era o comunicador que Depa carregava na última caixa.

Burlug franzia o cenho.

— Você, pequena ladra. Arrancou isso da sala de segurança! Você pegou o sabre de luz dela também?

Zilastra não estava preocupada com isso. Ela estava mais alarmada com o comunicador de Depa.

— Ela provavelmente estava falando com os Jedi. É assim que eles descobriram!

Pensou por um momento e decidiu que não podia resistir. Ela ativou o comunicador e falou com uma voz alta, imitando Kylah.

— Mestre Jedi! Mestre Jedi, onde você está? — Ela sorriu maliciosamente para Kylah. — Mestre Jedi, você é uma decepção para mim. Me abandonando no meio da minha hora de necessidade!

Um tumulto soou a oeste, na direção das áreas de armazenamento. Gritos, a princípio, seguidos por tiros de blaster. Zilastra correu para a beirada da fuselagem, sua arma restante na mão. Ela gritou:

— Caminhantes da Fenda, fiquem atentos para...

Gritos a interromperam. Corpos voaram pelo ar, lançados por algum poder invisível. Quando outros Caminhantes da Fenda levantaram as suas armas para a entrada oeste, as próprias rochas do chão se ergueram, atingindo-os até ficarem inconscientes.

— Não há mais necessidade do comunicador, — ecoou uma voz vinda do corredor. Um Jedi determinado entrou, com um sabre de luz roxo aceso. — Eu sou Mace Windu. E eu vim pela Mestra Billaba!

CAPÍTULO 41

QUARTEL GENERAL DOS CAMINHANTES DA FENDA

VALBORAAN

— Que alívio, — disse Zilastra enquanto caminhava sobre a asa da *Aleatoriedade*. — É só outro Jedi!

— *'Só outro Jedi'?* — A resposta veio de Ventner. A chegada de Mace Windu tinha causado uma onda de Caminhantes da Fenda a se dirigirem para a rampa de acesso à estibordo da *Aleatoriedade*, com o seu especialista em sinalizações entre eles. Ele olhou pra cima para Zilastra, incrédulo. — Mace Windu é membro do Conselho Jedi!

— O que não deveria significar nada para você, se a última semana lhe ensinou alguma coisa.

— Não estou sozinho, — disse Mace, caminhando na direção dela. — Estou apoiado por uma nave de guerra da República.

— Ah, claro. Pell Baylo e a tripulação da *Incontinência*. Isso é ainda melhor! — Zilastra bateu palmas. — Com certeza vamos escapar agora.

Vários Caminhantes da Fenda, encorajados pela exibição confiante dela, alinharam-se com suas armas em punho, protegendo os outros ainda embarcando. Mace assumiu uma postura defensiva, aparentemente sem se preocupar com o número de blasters apontados para ele.

— Onde ela está?

— Estou aqui! — Kylah gritou de trás de Zilastra. Burlug segurava a garota pelos ombros. — Estou bem aqui!

— Eu quis dizer a Mestra Billaba, — disse Mace. — Mas estou aqui por você também.

Zilastra sorriu.

— Depa está morta, Jedi. E eu nem mesmo fiz isso. Você a matou quando atingiu este lugar.

Mace encarou.

— Não acredito em você.

— Ninguém deveria, — veio uma voz de um corredor distante. — Errada novamente, Zilastra.

A pirata assistiu, estupefata, enquanto Depa cambaleava pra dentro. As suas roupas estavam em farrapos sujos, e onde a sua pele estava exposta, cortes e hematomas eram visíveis. Parecia que ela havia subido cem metros verticais de joelhos. Talvez tivesse. O blaster de Zilastra, guardado para a chegada de Windu, saiu.

— Você não sabe quando desistir, não é?

— Não. — Depa parou. Era claramente uma luta pra ela ficar de pé, mas estava intacta. — Acabou.

— De forma alguma. Ainda tenho minha carta na manga. — Zilastra olhou pra trás para Burlug. — Mostre a ela.

Burlug avançou na asa, suas poderosas mãos de Feeorin no colo de Kylah. Os seus olhos nos dois Jedi, ele falou com a sua chefe.

— Você tem certeza disso, Zil?

— Tenho.

Kylah se esforçou contra o seu domínio.

— Luggy, nós não somos mais amigos!

— Sinto muito, garota.

Zilastra encarou Depa, que havia se arrastado para uma posição ao lado de Mace. O Jedi mais velho não se moveu de sua posição, mas pareceu surpreso com a sua condição.

— Você está bem, Mestra?

— Não se preocupe comigo. — Depa manteve o seu foco em Zilastra. — Não posso acreditar que está fazendo isso de novo.

— Funcionou da primeira vez.

— Como eu disse antes: você não tem imaginação. Deixe Kylah ir.

— Nem pensar.

Mace estudou a jovem garota.

— Kylah parece conhecer essas pessoas. Ela é uma delas?

— Era, — Kylah gritou, se contorcendo. — Definitivamente *era*!

— Fico feliz, — disse Depa. — Mas não importa. Eu a salvaria de qualquer maneira.

A chefe pirata olhou para Depa e depois para Kylah. De alguma forma, num curto espaço de tempo, os Jedi haviam completamente substituído a influência de Zilastra. Ela não fazia ideia de como isso tinha acontecido, mas isso não importava.

— Comovente, — disse Zilastra. — Não vou machucá-la, mas aqui está o que quero. Passagem segura para além de Baylo.

Mace rejeitou isso imediatamente.

— O capitão não responde a mim.

— De jeito nenhum. A República paga as suas contas. Você é da República.

Kylah se esforçou novamente, e o aperto de Burlug ficou mais forte.

Depa, de alguma forma ainda de pé, nunca tirou os olhos de Zilastra.

— Se você quer passagem segura, deixe Kylah aqui conosco. Vou garantir que Baylo aguarde.

— Não confio nele, nem em você, — disse Zilastra. — Se Baylo de alguma forma conseguir nos vencer, ele a matará também.

Observou Depa considerar o que tinha dito. A pirata tinha visto aquele olhar em muitas mesas ao longo dos anos. Ela vendeu a sua mão como vencedora. O Jedi estava olhando para a derrota, e a sua próxima declaração a confirmou.

— Se a deixarmos ir, como sabemos que ela não será maltratada?

A garota chamou por Depa.

— Não deixe ela me levar. Ela vai me pendurar no ar, como fez com você!

— Ela não vai. Ela não ousaria. — Depa encarou Zilastra. — Ela sabe o que farei com ela se o fizer.

— E o que é isso? — Zilastra perguntou. — Você não está em condições de espantar uma mosca.

— Haverá outra mão. — Ela apontou. — Você não fará mal. Na sua próxima aterrissagem, você a solta.

— Não! — Kylah gritou. — Depa, não deixe ela me levar!

Zilastra olhou pra trás para a garota.

— Qual é, Clandestina? Tem medo de que se esqueçam de você? — Ela olhou de volta para Depa com um sorriso de escárnio. — 'Os Jedi estão com você.' Que piada.

A caverna tremeu, enviando mais pedras caindo. Elas bateram no casco da *Aleatoriedade*. Zilastra viu isso e fez um cálculo.

— Trato.

Depa se virou para Mace.

— Chame Baylo. Deixe-os ir.

Mace balançou a cabeça.

— Você não pode confiar nessa mulher.

— Eu sei, Mestre. Estou pedindo para confiar em *mim*.

—

EM OUTRO LUGAR SOB a montanha, Qui-Gon desligou o seu sabre de luz. Isso reduziu a luz na caverna pela metade, mas ele achou necessário acalmar Lobber. Nada mais durante o impasse de minutos havia funcionado.

— Por favor, — implorou Qui-Gon, — desative o detonador térmico. Você está nos colocando a todos em perigo.

Obi-Wan olhou nervosamente para Qui-Gon. Ele manteve seu sabre de luz aceso, mas o abaixou para pendurar ao seu lado.

— Por favor, Lobber, faça o que ele diz.

— 'Por favor!' 'Por favor', ouviram isso? — Lobber zombou de seus companheiros. — *Ah, por favor, Mestre Lobber! Por favor, estamos tão assustados com você!* — Ele riu e encarou os Jedi. — Quem está no comando agora?

Antes que Qui-Gon pudesse aconselhá-lo de outra forma, Obi-Wan acenou com a mão.

— Você quer desativar o detonador térmico.

Lobber olhou pra ele.

— O quê? Por quê?

Isso é algo que eu estava *com medo*, pensou Qui-Gon. Se alguém acreditasse em bobagens com bastante intensidade, uma mente vazia poderia ser tão difícil de mudar quanto uma cheia.

Lobber percorreu ao redor.

— Agora, deixe-me dizer como vai ser. Este lugar está uma bagunça. Vocês vão nos levar pra fora.

— Pra onde?

— Pra sua nave.

— Isso pode não ser tão fácil, — disse Qui-Gon. — Descemos por cabos. Eles se retraem, mas não vão levar cinco.

— Ah, então vocês terão que ficar. — Lobber não parecia muito decepcionado com isso.

— Eles não podem levar três também, — acrescentou Obi-Wan.

Lobber franziu o cenho. Ele pareceu fazer algum cálculo mental antes de olhar para os seus companheiros.

— Acho que é hora de uma decisão de comando.

Qui-Gon ia tentar uma tática diferente quando Wungo gritou, assustando todos. Ele agarrou Lobber pela gola e gritou em seu rosto de Devaroniano.

— Estou cansado de você! Toda vez que você tenta assumir o controle, algo terrível acontece conosco. Não aguento mais!

— Ei, eu sou o...

— Não diga que você é o cérebro! O Voxx Cluster não é um tipo de doce! O número no final do nome de um droide não é a sua idade!

Ghor acenou para Qui-Gon.

— Sim, é verdade. Eu perguntei para um.

— Você não é o cérebro e não é o chefe, Lobber. Você não é nada. Você é apenas *mais barulhento*!

Rangendo os dentes, Lobber levantou uma mão para Wungo, apenas para o Klatooiniano a afastar. Então Lobber levantou a outra mão, resultando na mesma resposta de Wungo. Infelizmente, como Qui-Gon viu, essa era a

mão em que Lobber segurava o detonador térmico. O dispositivo voou e bateu na parede da caverna, girando na escuridão.

Não havia tempo para tentar encontrá-lo e desativá-lo; apenas uma opção permanecia. Qui-Gon chamou:

— Obi-Wan!

O seu aprendiz entendeu o que precisava ser feito. Ambos varreram as mãos na direção em que a esfera havia caído e empurraram com força com suas mentes. Funcionou: A granada disparou pelo corredor, quicando até que não pudessem mais ouvi-la.

Lobber não pareceu apreciar o gesto.

— *Ah, não.*

Obi-Wan olhou pelo corredor.

— Agora está longe. O que?

— Naquela direção está o arsenal!

Os olhos de Obi-Wan se arregalaram.

— Outro memorando que não recebemos.

— Corram! — Lobber, Wungo e Ghor saíram correndo por um corredor.

Qui-Gon agarrou Obi-Wan antes que ele pudesse seguir. Ele apontou pra cima de um corredor diferente.

— Por ali!

—

— OBRIGADA, CAPITÃO, — disse Depa no comunicador de Mace. — Agradeço.

A ordem fora dada para não atacar, e Baylo, querendo ou não, havia concordado. Depa ficou ao lado de Mace e assistiu enquanto o último dos Caminhantes da Fenda subia a rampa. Zilastra, agora no chão, ficava de guarda enquanto Burlug passava, carregando Kylah em seu ombro. Ela gritava o tempo todo enquanto subia a rampa.

Ver e ouvir aquilo dilacerava Depa, mas mesmo com Mace presente, temia que levasse apenas um segundo para Zilastra ou o seu capanga concretizarem a sua ameaça. Havia chegado tão longe em parte na

esperança de tirar Kylah da vida de pirataria. Mantê-la viva significava que essa esperança ainda permanecia.

Os motores da *Aleatoriedade* se aqueciam, preenchendo o recuo de pedra com o seu zumbido. Mace deu um passo à frente.

— Eu não confio nela.

— Nem eu, — disse Depa. — Mas eu acredito nela.

— Boa escolha, — disse Zilastra. — Ainda tenho o seu sabre de luz a bordo. Tenho certeza de que te machucaria saber que ele foi mal utilizado...

— Pare com isso. Você é desprezível.

— Vocês perderam, Jedi. Eu continuo dizendo isso, mas vocês não ouvem. São só palavras, mas as suas próprias palavras irão destruí-los.

Mace ainda estava pronto pra ir.

— Ela vai virar os canhões da nave contra nós quando partir.

O sorriso de Zilastra desapareceu, e ela coçou o queixo.

— Agora, isso *é* uma ideia interessante...

Uma explosão colossal sacudiu a caverna. O chão sob eles se agitou, jogando Depa e Mace no chão. A fragata saltou um metro do chão da caverna, batendo com raiva quando pousou. Rachaduras se formaram onde aterrissou. Acima, mais rochas caíram, batendo no casco.

Zilastra havia caído num dos suportes da rampa e se agarrou a ele. Recuperou-se assim como Mace.

Segurando a caída Depa, Mace olhou pra trás. Fumaça e poeira entravam na câmara oscilante pelo oeste. Depa conhecia o olhar, mas teve que gritar para ser ouvida.

— Nossa rota de fuga?

Ele assentiu.

— Meu caça estava lá atrás, — ele gritou.

— Que pena, — Zilastra gritou. — Aquilo seria o depósito explodindo. Nosso amigo Tokchi mistura coisas desagradáveis, não acha? Mas vocês não precisam esperar para abrir uma caixa para experimentar isso. — Ela virou e subiu a rampa. — Nos tire daqui e não parem por nada. Eles estão acabados!

Depa se levantou com a ajuda de Mace. O cataclismo provavelmente significava que Zilastra não se incomodaria em fazer a *Aleatoriedade* disparar contra eles, se ele pudesse partir. Mas isso era um consolo fraco. A fragata decolou, avançando lentamente enquanto pairava um metro acima do solo. A sua rampa ainda estava abaixada, no entanto, e Mace olhou para ela.

Ele olhou para Depa primeiro.

— Podemos salvar a garota e a nós mesmos.

— Eu não acho que consigo, — disse Depa. — Mas vá. Kylah nunca deveria estar nessa posição. Deixei isso ir longe demais. Salve-a!

— Eu voltarei! — Mace começou a correr em direção à nave, apenas para parar subitamente quando uma série de pedras desabou da escuridão acima. Mace mergulhou para o chão e rolou, onde então usou a Força para desviar as pedras de caírem sobre Depa.

Antes que Mace pudesse se recuperar, Depa ouviu risadas estridentes. *O que em nome da...?*

Lobber, Ghor e Wungo emergiram da gruta ocidental cheia de fumaça, gritando o tempo todo. Enquanto corriam em direção aos Jedi, Mace retirou a mão e preparou o sabre de luz, pronto para a batalha.

Depa o dispensou com um aceno.

— Acho que eles estão comigo.

O trio passou direto pelos dois Jedi e continuou correndo atrás da nave estelar que partia. Um após o outro, eles pularam para a rampa da *Aleatoriedade*, agarrando-se. Lobber, o último a alcançá-la, pendurou-se precariamente e estava em perigo de cair antes que os seus companheiros o puxassem para dentro. A rampa se fechou.

Mace olhou pra ela.

Ela deu de ombros.

— Eu só disse que *achei* que eles estavam comigo.

Outra explosão abalou o complexo. Atrás deles, uma coluna de rocha desabou, esmagando as naves mais próximas que restavam e bloqueando o acesso a qualquer coisa além. A *Aleatoriedade* avançou, para fora de seu alcance. Os seus olhos a seguiram até que ela desapareceu.

Mace olhou naquela direção também.

— A entrada da caverna é um abismo. Não sei se a *Garantia* pode nos alcançar lá.

— Você colocará toda a nave em perigo, — ela respondeu. O seu corpo afundou. — Não mais. Não por mim.

Dizer a Mace para não fazer nada era inútil, ela sabia. Ele colocou o braço em volta do ombro dela e começou a ajudá-la na direção da saída. — A Força encontrará um caminho.

Um som agudo veio de trás deles.

— Não olhe pra trás, — Mace a aconselhou.

Ela olhou mesmo assim.

— Mace. Olhe!

A fonte do som emergiu da nuvem escura. Era o caça estelar de Mace, surrado e machucado, e pilotado por Obi-Wan. O Delta-7 era monoposto, mas a sua cabine estava aberta, e Qui-Gon estava empoleirado no fuselagem e segurando-se com uma mão, enquanto com a outra usava a Força para afastar as rochas que caíam.

— Seu caça? — ela perguntou a Mace.

— E o nosso transporte!

Obi-Wan parou o caça bem diante deles e implantou o trem de pouso. Qui-Gon soltou a sua aderência tênue e deslizou da superfície inclinada pouco antes da nave pousar. Ele correu para o lado de Mace e ajudou Depa a se levantar.

Depa olhou para as superfícies inclinadas no caça.

— Não há como eu me segurar nisso, — ela gritou. — Por favor, apenas...

— Eu tenho uma solução, — Obi-Wan gritou. Ele pulou para fora da nave e trabalhou com Mace e Qui-Gon para ajudar Depa a entrar na cabine.

Qui-Gon se certificou de que ela estava segura.

— Você se segurou bastante, Mestre. Agora é nossa vez.

Depa entendeu. Ela acionou um controle e elevou a nave um metro.

— Eu não consigo ver vocês lá embaixo, então estou indo para dez! — O teto desabou sobre a passagem pela qual a nave havia entrado, mudando de

ideia. — Estou indo para cinco, — ela corrigiu.

Os outros três Jedi desapareceram sob o Delta-7, e um segundo generoso depois que a sua contagem terminou, ela dirigiu a nave pra frente. Quando passou por uma bateria de turbo laser apontada para fora, sua respiração prendeu momentaneamente. Mas todo o complexo havia perdido energia. Não havia ameaça além da montanha em si, que tremia. Uma mandíbula se fechando, relutante em deixar escapar qualquer coisa.

Depa acelerou o Delta-7 pra frente e viu o sol pela primeira vez em dias. Atrás dela, a abertura do esconderijo dos Caminhantes da Fenda se fechou, expelindo uma explosão de fumaça e poeira.

Cautelosa para não perder aqueles que carregava, ela cruzou o vale a uma distância segura. Ela conseguia ver a *Garantia* muito acima, no alto. Baylo provavelmente estava mantendo um olho nos sobreviventes abaixo, enquanto tentava calcular o vetor de partida da *Aleatoriedade*. *É o que eu faria*, ela pensou. Pairou acima do chão do deserto por vários segundos, e quando viu Obi-Wan, Qui-Gon e Mace novamente, pousou a nave.

Os Mestres correram ao redor da nave e da cabine aberta. Obi-Wan ficou à parte, olhando para a bagunça que havia sido feita na cordilheira.

— Não tenho certeza em que estado a nossa nave estará.

— Estou mais preocupado com *você*, — disse Qui-Gon ao lado de Depa. — Está tudo bem, Mestra?

Qui-Gon perguntou primeiro, mas Mace perguntou de qualquer maneira.

— Você está bem, Mestra?

— Eu tinha tudo sob controle, — Depa disse, recuando em seu assento. — Mas agradeço pela ajuda.

CAPÍTULO 42

ADDOA KEY

KWENN

— Depa está salva.

— Graças à Força, — disse Yoda. — E a você, Mestre Windu.

Yoda guardou o comunicador. Sabia que os seus colegas estavam quase certamente ocupados, ouvir as suas histórias poderia esperar por outro momento. A pessoa com quem estava não tinha muito a oferecer.

O Mestre Jedi havia estado ao lado de Lyal Lunn quando ele foi levado pelos médicos; desde então, passou todo o tempo com o pai do Sullustano, tentando garantir que não sofresse devido à ausência de seu filho.

Erwen Lunn era de Kwenn, geração em geração. Os seus bisavós haviam assistido à Grande Renovação quando crianças. Os hologramas que eles gravaram foram passados pela família, que continuou a comemorar os eventos muito depois que a maioria dos outros em Kwenn decidiu que o passado não era mais relevante para suas vidas.

Assim, mesmo com a sua visão falhando, Erwen reconheceu Yoda quando apareceu no pequeno apartamento dos Lunn em Addoa Key. Yoda lembrava que a ilha era mais bonita; ela havia passado por tempos difíceis. Mas isso dizia algo para Yoda que Erwen, que mal conseguia se movimentar, ainda estava disposto a abrir a porta para receber um visitante inesperado. O Kwenn da Grande Renovação era enérgico, otimista e hospitaleiro, e assim tinha permanecido o velho Lunn, apesar de suas e das quedas do planeta.

Ao saber que uma figura famosa do passado havia sido enviada por seu filho, o idoso Sullustano convidou o Jedi para entrar. A notícia de que Yoda havia ordenado a entrega de um droide médico com créditos que Lyal havia arrecadado deixou Erwen encantado, que então pediu ao Mestre Jedi para esperar com ele por sua chegada. Yoda achou difícil recusar.

A sala principal era simples e aconchegante, e Yoda admirou os esforços que Lyal havia feito para deixar o seu pai confortável. Corrimãos haviam sido colocados em todas as paredes pelas quais alguém pudesse andar. Havia buracos em outras paredes, que Yoda percebeu serem de Lyal reposicionando as prateleiras para que fossem mais fáceis de alcançar. Erwen ofereceu a Yoda sua cadeira confortável e desgastada sem hesitação; Yoda recusou, escolhendo uma cadeira diferente. A partir daí, Erwen o bombardeou com perguntas sobre o passado. O Mestre Jedi, que raramente falava com civis, muito menos jornalistas ou biógrafos em potencial, falou com ele sem reservas.

Com o passar das horas, ficou claro que Erwen estava próximo da morte e já estava antes da chegada de Yoda. Medicamentos estavam armazenados ao lado de sua cadeira; havia mais no pequeno quarto, para onde Yoda o levou quando a sua tosse se tornou intensa. As suas horas na sala de estar eram, para Erwen, apenas isso: mais uma chance de viver, mais um dia, tendo sido dado um motivo para ficar.

Uma vez na cama, Erwen continuou a falar, mas agora falava de sua própria vida, não de Yoda. De como os seus avós haviam construído uma casa em Zyboh Key, posicionada para que o Santuário e o Fogo Inextinguível fossem visíveis do alpendre da frente. De como a falecida esposa de Erwen, quando oferecida a chance de mudar a família para os mundos do Núcleo quando a sua corporação se realocou, havia deixado o emprego, assumindo trabalhos mais difíceis, mas em Kwenn, o seu lugar escolhido para criar Lyal.

E, acima de tudo, Erwen falou de seu orgulho nas realizações de seu filho, apesar de entender que cuidar de suas muitas condições havia atrasado Lyal para começar a sua própria vida. Lyal havia tomado a mesma decisão de seus pais, recusando oportunidades de sair para permanecer em

Kwenn. Erwen estava encantado por seu filho ter feito amizade com o Mestre Jedi.

— Ele tem tão poucos amigos, — ele disse. — E ele trabalha tão duro, tentando fazer as pessoas visitarem aqui novamente.

Quando a noite começou a cair, Erwen ficou cansado e falou menos, a sua respiração ficando superficial. A voz de Yoda encheu o ar, então, com palavras reconfortantes em tons suaves.

— Descanse. Descanse, você mereceu. — Yoda segurou a sua mão. Era isso, ele entendia. Erwen estava a caminho de outro céu.

— Espere! — Erwen abriu os olhos.

Yoda não se assustava com frequência. Desta vez, ele o fez.

— Sim, Erwen?

— Me sente.

Yoda fez o melhor para ajudá-lo a se sentar na cama.

— Pronto, — disse Erwen. — Isso mesmo. — Ele virou o rosto para longe de Yoda.

O Mestre Jedi olhou para o velho, e os seus olhos se arregalaram quando ele percebeu o que Erwen estava olhando. O apartamento era pobre, com certeza, e o seu quarto minúsculo, mal mais que um armário. Mas Lyal Lunn havia selecionado um lugar onde a pequena janela de seu pai dava para os telhados industriais sujos da Addoa Key. E embora o mar não fosse visível, o pico do Santuário estava apenas visível, entre nuvens que se acumulavam.

Erwen observava. E Yoda o observava.

— Está... ali, — disse Erwen quando a braseiro no topo do posto foi aceso. — Ali está.

— Sim, Erwen. Ali está.

— Diga a Lyal...

— Sim. Ele sabe, sabe?

Erwen recostou-se nos travesseiros, olhos ainda na janela e na luz, que ficava mais brilhante conforme a escuridão tomava o resto de Kwenn.

E então ele se foi.

Yoda soltou um suspiro profundo. Soltou a mão de Erwen.

Sentiu que não estava sozinho.

— Mestra Gallia, pode vir.

Com relutância óbvia, Adi se colocou na frente da porta do quarto.

— Eu não queria te incomodar. — Ela fez um gesto para a sala de estar. — O droide foi entregue assim que cheguei aqui. Um modelo completo de enfermagem e assistência à mobilidade. — Ela olhou para Erwen. — Devo ativá-lo?

— Não há necessidade.

Adi abaixou a cabeça.

— Chegamos tarde demais.

Yoda não concordou.

— A natureza seguiu o seu curso, em seu próprio tempo. Nos ouviu, ouviu?

— Eu receio que sim. Novamente, desculpe. Foi um momento privado.

— Tal é a jornada que nos espera a todos. — Yoda finalmente olhou para Adi. — E Lyal?

— Em bacta. Ele não recuperou a consciência.

— Mas ele não se juntou ao pai dele.

— Não. Ele é mais forte do que os médicos podem explicar.

Yoda ficou feliz em ouvir isso.

— Outras coisas, você aprendeu.

Adi assentiu. Eles cobriram Erwen e caminharam para a sala de estar escura.

— Estávamos certos sobre as afiliações dos três atacantes, — ela disse. — Dois, sabíamos. A faca, veneno zolall, geralmente mortal para Sullustanos. Apenas os Lâminas Envenenadas em Kwenn realmente saberiam disso. Isso também significa que o ataque foi direcionado e preparado.

Yoda podia acreditar nisso.

— O motorista era um dos Reputações Sujas, o traje denunciou. O speeder parecia mais barato do que eles gostam de usar, mas provavelmente estavam tentando se misturar. Isso faz quatro grupos diferentes que

desempenharam um papel nisso, quatro que, quando verificamos pela última vez, estavam se destruindo mutuamente.

— Você falou com os atacantes de Lyal?

— Não, e ninguém mais. As suas libertações foram arranjadas antes mesmo de chegarem à estação do delegado. — Adi franzia o cenho. — Caveiras e Infames não têm representantes legais, e certamente não de alto custo. Os Reputações parecem ter garantido a sua liberdade.

— Precisamos falar com os nossos colegas. Eles podem saber mais.

— E concordo que havia algo mais envolvido. A conexão de drogas de Lyal era membro dos Reputações, o que faz sentido, não consigo imaginá-lo falando com os Infames ou os Caveiras. As autoridades de Kwenn estão caladas sobre as atividades de Lyal, como era de se esperar. Mas conversei com alguns dos outros trabalhadores da arena. Ninguém sabe por que ele estava no bairro, tão cedo quanto estava. Ele não trabalha nessa hora do dia. É um lugar estranho para ele estar fazendo contato com membros de gangue, com certeza, eu esperaria que ele estivesse obtendo o seu produto ilícito em locais remotos.

— Como os Caminhos da Harmonia. — Yoda lembrou de Lyal falando com alguém lá depois do anoitecer. — Você esteve ocupada.

Adi olhou para a porta do quarto.

— De alguma forma, sinto que o seu dia foi bem gasto, também.

— Estranho que usemos esses termos. Passamos os dias, como créditos. Às vezes por coisas de valor. Às vezes não. E às vezes não sabemos. — Ele olhou para a porta. — Bem gastos, foram os dias de Erwen.

Quando ele olhou para ela novamente, viu Adi pensativa.

— Mestre, preciso perguntar...

— Sim?

— Você não contou a ele sobre Lyal, não é?

— Dos seus crimes, ou da sua facada?

— Nenhum dos dois.

— Não teria feito bem. Há momentos em que a verdade não ajudará. — Ele olhou para a porta. — Não é uma boa maneira de passar este dia.

Adi não respondeu.

Aproximou-se do droide.

— Devemos ativá-lo agora para ajudar a levar Erwen ao seu lugar de repouso.

— Sim, claro.

Mas Adi ainda não se moveu, ele percebeu. Ele olhou para a escuridão à frente.

— Tem mais a dizer?

— Esteja atento, Mestre Yoda. Uma mentira pelo bem maior ainda é uma mentira.

— Eu sei. — Ele olhou pra cima. — Viverei com isso.

Ela o ajudou com o droide.

CAPÍTULO 43

A BORDO DA *GARANTIA*

EM ÓRBITA DE VALBORAAN

A *Garantia* não tinha um tanque de bacta, mas tanto fazia; Depa o teria recusado de qualquer maneira. Não teria feito muito contra a privação de sono e as outras armas que Zilastra havia usado contra ela, e teria se sentido muito parecido com estar no feixe de estase. E embora ela tivesse sofrido cortes e contusões ao subir pela base destruída para alcançar a liberdade, essas feridas serviram mais para mantê-la em movimento do que qualquer outra coisa.

E embora não tivesse seu sabre de luz, ainda tinha sua cota na corveta, o que significava que tinha suas vestes Jedi novamente. Ficou bom deixar "Ligação Direta" pra trás, embora o sentimento de quanto ela deixara inacabado a atormentasse. Ela havia aprendido muito sobre Zilastra e os Caminhantes da Fenda, mas eles ainda estavam soltos, com Kylah como refém. Como Depa esperava, Baylo havia sido fortemente tentado a perseguir a *Aleatoriedade*, mas permanecera na estação para buscar os seus passageiros Jedi. Estava comprometido com o dever, independentemente de sua opinião sobre aqueles a quem devia o dever.

Tão comprometidos estavam Qui-Gon e Obi-Wan, que ressuscitaram o seu transporte T-5 e o trouxera ao lado da *Garantia* em órbita sobre Valboraan. Eles tinham que seguir em frente para Kwenn, e a sua missão anterior até o Mestre Koth.

— Obrigada, Qui-Gon. Obrigado, Obi-Wan, — disse Depa da ponte da *Garantia*.

— Foi um prazer, Mestra, — respondeu Obi-Wan no holograma. — Graças à Força que decidimos sair do hiperespaço onde estávamos, permitindo-nos ouvir o chamado de Kylah.

Qui-Gon concordou.

— Sei que você a encontrará, Mestra.

Depa assentiu.

— Que a Força esteja com vocês.

A imagem desapareceu, e lá fora, viu a nave partindo para o hiperespaço.

A celebração estava próxima, e embora Depa pretendesse evitá-la para encontrar Kylah, com as suas opções estavam se estreitando. Eles não tiveram sorte em rastrear a rota da *Aleatoriedade*; o seu destino poderia ser qualquer uma das dúzias de tocas dos Caminhantes da Fenda. Isso não impediu Mace e Baylo de examinar tudo disponível, incluindo as informações impressionantes que ela trouxera de que Zilastra havia assassinado os outros líderes de gangues, precipitando a guerra que viram. E era a última fase, mais peculiar, que os ocupava mais.

— Ainda não há informações sobre por que vimos as gangues se desvincularem, — disse Baylo. — Acho que eles pediram uma trégua.

— Há mais do que isso, — respondeu Mace. — Tenho relatórios de vários colegas em Kwenn, Mestres Yarael e Gallia os mais recentes, de algum nível de cooperação em andamento.

— Essas pessoas? Isso é impossível.

— Acredito nos meus colegas Mestres. Eles viram o que viram.

— Hmm. Deve haver algo mais. Oficial de sinais, entre em ação!

Depa viu Baylo colocar o jovem no terminal de comunicações à prova. O transmissor de Zilastra foi uma das primeiras vítimas do ataque da *Garantia*, mas a nave continuou a monitorar a base na caverna mesmo durante o tiroteio, procurando por outras mensagens potenciais além da de Kylah.

O rapaz tinha pego algo.

— Capitão!

— O que foi, Veers?

— Você me fez gravar todas as transmissões. Esta foi uma mensagem da holo câmara de baixa potência, provavelmente apenas interna.

A imagem apareceu no convés da ponte diante deles. Era uma vista de Zilastra por trás, e Depa, suspensa no ar.

Depa reconheceu.

— Da minha prisão. Zilastra queria um registro da minha morte. Imagino que estava sendo transmitido de volta para a fragata.

O jovem assentiu.

— Terminou com o terremoto.

— Aquilo não foi um terremoto, fomos nós! — disse Baylo, dando um tapinha nas costas da cadeira do rapaz. Depois olhou para Depa. — Oh. Desculpe. Acho que aquilo foi difícil lá embaixo.

— Não peça desculpas. Você me salvou. — Ela observou o registro sinistro.

Mace também. Enquanto a fantasmagórica Zilastra trazia algo diante de Depa, seu interesse foi despertado.

— O que ela está segurando?

Baylo olhou fixamente.

— Esta é uma execução muito estranha. Ela está fazendo truques de cartas!

Depa pediu para pausar a imagem.

— É isso, — disse, apontando para a única carta que Zilastra havia tirado do baralho. — O Idiota.

Mace ergueu uma sobrancelha.

— A carta de sabacc?

— Sim, ela a reserva aparentemente para os Jedi que ela mata.

Os olhos de Mace se arregalaram.

Ela conhecia aquele olhar.

— O que foi, Mestre?

Mace pareceu sério.

— Quando os Cavaleiros Jedi descobriram o corpo de Xaran Raal, ele tinha uma carta de sabacc, com ele.

— Com ele?

O Jedi mais velho expirou.

— Enfiado na boca dele.

Aquilo era novidade para Depa.

— Isso não estava no relatório que você me deu. Como é que você só está me contando agora?

Mace olhou para Baylo e a sua tripulação, e decidiu levar a conversa para um lugar mais privado. Ele levou Depa para um recanto.

— Eu não te contei, — disse em tons mais baixos, — porque achei que isso te incomodaria.

— Me incomodaria?

— Pareceu que você estava desanimada depois de saber de sua morte. E eu estava preocupado que isso te levasse a uma odisseia para encontrar o seu assassino. Aquilo não era sua responsabilidade. Eu já havia enviado outros Jedi para isso.

— Que voltaram de mãos vazias. — Sua compostura característica deslizando, Depa franziu o cenho. — Você contou *a eles* sobre a carta?

— Claro.

A cabeça de Depa girou.

— Mace, o que você pensava que estava fazendo?

O seu antigo mentor pareceu surpreso.

— Eu sempre te ensinei a evitar ligações, e você fez um trabalho admirável. Você fez isso tão bem que impactou as suas escolhas quando se tornou uma mestra. Você teve a chance de pegar Xaran como um Padawan e escolheu ensiná-lo em vez disso.

— Eu poderia ajudar mais alunos dessa forma, em vez de apenas um. E daí?

— Eu vi vocês dois interagindo. Acredito que você fez essa escolha porque temia o que aconteceria se ele fosse o seu Padawan. Se ele se perdesse numa missão...

— Eu o teria lamentado. Assim como fiz na realidade.

— E na realidade, você aceitou uma missão que a trouxe até aqui, perseguindo aqueles que o mataram. — Mace levantou as mãos

deferencialmente. — Eu sei, você nos disse que estava apenas buscando aprender mais sobre a região e as suas gangues...

— Eu admito. Eu me importava. Não negarei que isso me motivou, em parte.

— E é essa parte que eu temia. — Mace a encarou. — Depa, a sua ascensão ao Conselho Jedi é um dos momentos de mais orgulho da minha carreira. Eu não gostaria de ver você perder eficácia caindo nas mãos de sentimentos que uma vez você lidou facilmente.

Encarou-o, e então olhou de volta para a imagem congelada dela e de Zilastra juntas. A compostura de Depa estava abalada. Falou com ele de forma incisiva.

— Não fui sua Padawan por muito tempo. Sou membro do Conselho Jedi, e guardo o meu próprio conselho quando se trata do que me importa. A minha tomada de decisão não foi comprometida.

— E a garota?

— A garota?

— Kylah Lohmata, — disse Mace. — Você não está indo para a celebração em Kwenn, porque espera continuar procurando por ela.

— Claro. Prometi salvá-la. *Nós* prometemos salvá-la.

Mace assentiu.

— Eu tentei também...

— E eu sou a razão pela qual ela está em perigo. Ela *implorou* pra nós não deixá-la ser levada embora. Eu devo a ela. Mesmo que eu já lhe deva minha vida, *eu lhe devo*.

— Eu sei. — Ele juntou as mãos. — E estamos fazendo tudo o que podemos para encontrá-la. Mas essa não é nossa única responsabilidade. Kwenn é importante pra toda a região. O quadro maior...

— O quadro maior chamava vocês para bombardearem a base dos Caminhantes da Fenda, não para me procurarem. Mas vocês bombardearam.

Vendo os seus olhos, ele ficou em silêncio.

Depa juntou as mãos.

— Mace, aconselhamos contra conexões, para garantir que os Jedi não causem danos para preservá-las. Mas se realmente pensamos que permitir que até mesmo um inocente sofra para impedir outro dano é a vontade da Força, então talvez nós não a entendamos de verdade.

As suas palavras pairaram no ar entre eles.

De volta ao centro da ponte, Baylo ainda estava checando relatórios, e não acreditando no que ouvira de Mace.

— Cooperação entre gangues? Isso é ridículo.

— O que poderia trazê-las juntas? — Perguntou o Tenente Nellis.

— Nada. — Baylo riu. — Mas consiga imaginar? Você quer falar sobre uma verdadeira mão do idiota, aí está.

Aí está. Os olhos de Depa se abriram bem.

Deixou o lado de Mace e caminhou em direção ao holograma.

— Cadete, amplie essa imagem.

Veers assim o fez, e ela caminhou ao redor dela. Era o momento em que Zilastra tinha aberto as cartas diante dela. Mas desta vez, ela podia ver as cartas na mão da pirata por trás. Ela se aproximou mais.

— É um baralho viciado. Todos Idiotas! — Ela contou. — Um pra mim. E então na mão dela. — Depa contou as cartas. — *Onze!*

— Onze? — Mace apareceu ao lado dela.

Depa pensou em sua primeira execução abortada, e na mensagem que Zilastra recebeu.

— Mace, quando foi anunciada a celebração em Kwenn?

— Yaddle cuidou disso. — Ele citou a data e a hora. — Foi numa transmissão. Foi captada em todos os lugares.

— Em todos os lugares. — Depa virou para ele e Baylo, tão confiante quanto jamais havia sido. — Zilastra é quem está unindo todas as gangues. E o prêmio somos *nós*!

PARTE TRÊS

REGRAS DO CONSELHO

CAPÍTULO 44

A BORDO DA *ALEATORIEDADE*

SE APROXIMANDO DE KWENN

— O conselho será convocado!

Zilastra não sabia se alguém no Conselho Jedi realmente dizia essas palavras para abrir as suas reuniões. Antes da transmissão de Yaddle, duvidava que muitos ouvintes já tivessem pensado nos Jedi tendo conferências. Mas Zilastra havia representado muitas vezes em reuniões holográficas com os outros chefes para abrir os subornos-que-não-eram, e era importante comunicar que esta era uma cúpula de um tipo diferente.

Era certamente maior. Na ausência de Tokchi, Ventner havia reconfigurado às pressas a sua sala de jogos a bordo da *Aleatoriedade* para uma réplica da câmara de conferências em Valboraan. Além dos quatro supostos líderes de gangues que contatara antes da destruição daquela base, adicionara vários rivais dentro de suas organizações à lista de participantes holográficos, trazendo o seu público total para onze. Isso, da mesma forma, não era uma cópia intencional do Conselho Jedi. Era apenas como as peças tinham se despedaçado quando destruiu o sistema que todos conheciam.

— Eu me oponho a *ela* estar aqui, — declarou Bazallo, o Trandoshano que havia reivindicado a liderança dos Infames. Ele estava se referindo, Zilastra sabia, a outra herdeira declarada ao poder: Nanna Frouj, a idosa e notoriamente cruel Chagriana que havia reivindicado uma parte da gangue. — Ela não tem lugar nesta reunião!

— Da minha parte, aprecio você convidar o meu rival, — respondeu Frouj. — Eu pretendo jantar com os órgãos de Bazallo um dia. É bom ver

que ele os mantém frescos.

Sentada na cadeira que costumava usar em sua mesa de jogos, Zilastra revirou os olhos.

— Eu sei que vocês todos ainda estão discutindo entre si quem está no comando. Por isso, expandi o círculo. Vamos resolver o resto depois. O que estamos fazendo é grande o suficiente para que todos tenham uma parte.

— Que parte? Ou isso é algo que vamos 'resolver depois' também? — Linn, a Twi'lek dos Reputações Sujas, havia sido a maior cética de Zilastra. — E que parte grande *você* está pegando?

— Já disse, vocês têm que olhar além disso. Pensar maior.

— Acho que isso é loucura.

— Vamos ter um problema? — Zilastra levantou a voz. — Vocês estão todos fragmentados. Eu não. Mas o que eu quebrei, posso consertar. Com ou sem vocês.

Cada encontro envolvia calar as vozes inquietas. Mas todos, no final, ouviram e seguiram as suas diretrizes. Era bom que ninguém soubesse que havia fugido dos Jedi e da República em Valboraan, mas então nenhum de seus rivais estava ciente de que os Caminhantes da Fenda tinham uma base lá pra começar. Pra proteger *aquela* informação, ela deixara corpos espalhados por todo o sistema por anos. E embora as defesas de seu esconderijo não fossem páreo para Mace Windu e a *Garantia*, a notícia ainda não havia vazado. Isso era um bom sinal. Windu e Depa provavelmente estavam mortos.

E haveria mais corpos de Jedi a seguir. Muitos mais.

— Mantenham o foco, pessoal. Eu mostrei a vocês os holovídeos dos outros Jedi que matei. Aquilo foi apenas um aquecimento. — Zilastra levantou um datapad. — O meu assistente acabou de enviar a vocês outra atualização. Todos precisam estar posicionados quando os Jedi se reunirem na arena em Kwenn. Tanto lá embaixo quanto no espaço.

Isso provocou conversas entre os rivais pela liderança dos Caveiras Empaladas. Nenhum deles tinha o carisma do falecido Eviscerador, mas igualavam a ele em rosnados ameaçadores.

— Você atingiu os Jedi tão forte, que eles vão voltar, — declarou Máquina Ameaçadora.

Banho de Sangue concordou.

— Eles vão atingir todos nós mais forte do que você pode imaginar.

— Com o quê? — Zilastra bufou. — Todas as forças da República por aqui são grupos desarticulados como o de Pell Baylo. Sem treinamento, baixa moral, sem recursos, e as naves mal se comunicam entre si. O motivo pelo qual qualquer um de nós conseguiu fazer o que fizemos nos últimos anos é porque o Senado já acha que a rota Ootmiana não vale a pena proteger.

— Sim, mas e os Jedi?

— Eles fazem o quê? Um golpe grande e decapitador os deixa se contorcendo...

— Eles vão querer vingança!

— Os Jedi não se vingam. Eles são muito preciosos sobre isso. E lembrem-se: Eles trabalham para o Senado. Eles não podem fazer nada sem permissão. E certamente não podem declarar guerra a outro estado.

Os seus ouvintes zumbiam com conversas, como sempre que mencionava isso. O sonho da velha pirata: *um território próprio*, completamente livre de interferência da República, dos Jedi ou de qualquer outra pessoa. Um lugar onde os grupos se protegiam mutuamente, porque sabiam que isso os tornava mais fortes.

Zilastra recapitulou os passos.

— Assim que tomarmos Kwenn e o limparmos dos Jedi, declararemos independência da República. Kwenn, Keldooine, Ord Jannak e todos os outros planetas onde já estamos estabelecidos. E é aí que as negociações começam.

— Negociações? — Linn perguntou.

— Eu os reuni. Posso reunir outra mesa, com um lugar para a Federação do Comércio, a Guilda de Mineração, até algumas corporações. Qualquer um que queira continuar fazendo negócios nesta parte da Galáxia. Seremos capazes de prometer passagem segura para quem comprar o que estamos tentando fazer.

— Bobagem, — respondeu Linn. — Você conhece esses caras da Federação do Comércio? Eles vão querer garantias. Sólidas. Eles não confiam em piratas.

— Nós podemos mostrar a eles o que já fizemos. Todos os cinco grupos concordaram em não atacar nenhuma nave da Viagens Real, e nós cumprimos isso, por meses. Qualquer um que olhar os registros saberá que é verdade. — *Tentativas de sequestro por tolos, no entanto*, ela pensou. Ela continuou. — Eles saberão que podemos ser bons para os negócios se quisermos.

— Mas todo esse esquema foi uma mentira, — interveio um dos novos chefes dos Lâminas Envenenadas. — Nunca houve nenhum acordo com a Viagens Real, tudo foi uma armadilha para matar os nossos chefes. — Ele pausou. — Não que eu não aprecie, ou admire. Mas foi uma farsa.

— Eles não precisam saber disso. Manter isso em segredo serve aos nossos propósitos.

— Os nossos também, — disse Linn. — A verdade nos faz parecer tolos. Mas e os Hutts?

— Os Hutts vão aceitar porque respeitam a força, e porque pensarão que estão ganhando um estado amigável ao lado, entre eles e a República. Livre de Jedi, porque tinha o *poder* para purgá-los!

Era cansativo ter que explicar tudo toda vez que alguém novo se juntava à cúpula, mas Zilastra sabia que também era a última vez. Explicou o que esperava acontecer nas próximas várias horas.

— Vocês ouviram a mulherzinha verde engraçada, assim como eu. Eles vão se reunir na Arena de Gala Key, e um deles vai dizer *Os Jedi estão com vocês*. Quando um deles fizer isso, é o sinal para avançarmos.

Máquina Ameaçadora perguntou:

— E se não ouvirmos?

— Vocês vão saber. Acreditem em mim, vocês vão saber.

Repassou os diversos planos de reserva. Parecia que todos entenderam.

— Mantenham as suas mentes no jogo, — ela instigou. — Vamos conquistar, depois vamos dividir, da próxima vez que nos encontrarmos.

Lindas ilhas resort em Kwenn para todos. E então vamos garantir que nós *as mantenhamos*.

Bazallo teve uma última pergunta.

— Como vamos chamar este território?

Ela levantou as mãos.

— Eu disse a vocês, vamos decidir isso depois.

Ela estava falando sério, mas achou que o Estado Livre de Zilastra tinha um bom som.

— Todos para os seus lugares, — ela declarou. — Nos encontramos no chão!

—

UMA TEMPESTADE ESTÁ chegando. Olhando de uma sala de observação na estação espacial de Kwenn, Depa podia ver as nuvens se agitando no oceano ocidental, a muitos quilômetros da Corrente de Barlavento. Mas a sua preocupação era mais com uma ameaça diferente quando se virou para enfrentar os seus colegas.

— Zilastra dos Caminhantes da Fenda fez um acordo com os quatro principais bandos de piratas na Galáxia, — disse Depa. — Espero que eles ataquem Kwenn, usando os seus membros que já estão no planeta, e outros que transportam. Mais especificamente, eles vão nos atacar, durante a celebração do bicentenário.

Depa estava acostumada a comparecer a reuniões do Conselho onde os outros onze mestres apareciam em holograma, mas não conseguia se lembrar de um momento em que todos, ela inclusa, tivessem ligado de fora do Templo Jedi.

Ela e Mace estavam juntos, com a *Garantia* tendo ancorado na Estação Espacial de Kwenn, mas todos os outros estavam a muitos quilômetros abaixo.

Certamente tinha toda a atenção deles.

— Como você sabe desse plano? — Yoda perguntou.

Depa hesitou antes de responder.

— Eu não sei, com certeza. Eu sei que ela odeia os Jedi o suficiente para assassiná-los. Quando ela teve a chance de me matar, ela segurou a sua mão apenas porque soube da reunião de todo o Conselho Jedi.

Mace ficou ao lado dela.

— A corveta *Garantia* observou múltiplos cessar-fogos repentinos entre bandos rivais, grupos que estavam se enfrentando horas antes. O momento segue pouco depois do anúncio do Mestra Yaddle; suspeitamos que possa ter havido comunicações do ninho dos Caminhantes da Fenda em Valboraan.

O reluzente Piell parecia perplexo.

— Os Caminhantes da Fenda são os mais novos nesse jogo, certo? Por que os outros os seguiriam?

— Porque Zilastra decapitou as lideranças de todos os seus grupos rivais de uma vez só, — Depa disse. — Talvez eles temam que ela possa fazer isso novamente. Ou talvez eles apenas queiram vê-la fazer isso conosco.

A confirmação veio do holográfico Ki-Adi-Mundi, cuja devoção à investigação era evidente em seu disfarce espinhoso.

— Há um cessar-fogo, com certeza, e operações estão sendo planejadas. Muitos sob o domínio dessas organizações criminosas em Kwenn estão sendo convocados.

— O que ouvimos é que muitos deles têm airspeeders ilegais armazenados, — disse Plo Koon com as mãos juntas. — Eles batem hovercrafts todos os dias.

— Depende de quem está dirigindo, — murmurou Saesee Tiin.

Era demais para alguns.

— Devemos cancelar a celebração, — disse Adi. — Muitas pessoas estariam expostas ao perigo.

Yaddle concordou.

— Podemos então encontrar nossos oponentes num ambiente menos complicado.

Vários mestres expressaram objeções vigorosas. Oppo claramente não suportava a ideia. O seu corpo serpentino todo se contorceu.

— Cancelar a celebração agora danificaria irreparavelmente a Ordem na mente dos cidadãos.

Piell se juntou.

— Não podemos muito bem afirmar que estamos com o povo de Kwenn quando estamos fugindo de nosso próprio festival!

— Mas menos pessoas seriam prejudicadas, — disse Yaddle.

— Temos uma saída se quisermos, — disse Adi. Ela consultou o seu datapad. — Como observei, uma tempestade está se formando a oeste que afetará o dia do evento. Não se espera que seja perigoso, mas poderíamos usá-lo como motivo para adiamento.

Ki-Adi-Mundi levantou as mãos.

— Meus amigos, esta opção é efêmera. Eu estive entre eles. Os seguidores dos vários grupos nas ilhas *vão* se levantar, não importa o que aconteça.

— Não somos os únicos que eles estão procurando, — disse Yarael. — Pelo que vimos, eles estão de olho também na autoridade civil. Se não estivermos por perto, eles estarão desprotegidos.

Plo concordou.

— A polícia local estaria rapidamente sobrecarregada.

Mace falou.

— E se a natureza for a nossa aliada? — Ele fez um gesto em direção a Adi. — As chuvas caem. Aqueles nos espaços públicos encontrarão abrigo, certo?

— Sim, — ela disse.

— E um abrigo bastante seguro, por sinal, — acrescentou Ki-Adi-Mundi. — Há um fornecedor que cooperaria conosco. Mas haveria exigências quando se trata de instalação e transporte local.

— Transporte, nós temos, — interveio Saesee. — Em abundância.

— Um ataque frontal provavelmente não é o único perigo, — disse Eeth. — Os Lâminas Envenenadas estão envolvidos, e também foram alvo deste chamado. Pode haver outros estratagemas contra nós, ainda a serem determinados.

Yoda concordou.

— já em ação, um plano está. Como Adi sabe.

Depa olhou pra ela.

— Mestra Gallia?

Adi contou-lhes o que sabia.

— Um gerente de arena foi atacado por gangues operando em conjunto. Ele permanece inconsciente, em estado crítico, e talvez não sobreviva. Os guardas acreditam que eles exigiram algo dele, e quando ele não forneceu, tentaram matá-lo.

Mace ergueu uma sobrancelha.

— E o que *você* acredita?

Ela olhou para Yoda antes de falar.

— Nós acreditamos que ele faria qualquer coisa por qualquer um para ajudar o seu pai.

— Ele forneceu algo aos vilões e foi silenciado, — disse Yoda.

Depa concentrou-se.

— Quais gangues estavam envolvidas nisso?

— Todas, exceto os Caminhantes da Fenda, — respondeu Adi. Os seus olhos brilhantes se arregalaram. — Nós vimos um trabalhador sair da arena, pouco antes do assassinato.

Yoda concordou.

— Um Ithoriano.

A boca de Depa se abriu.

— Ele tinha uma coleira de tradução dourada reluzente?

Adi fez uma pausa.

— Como você sabia?

— Esse é o Tokchi, o fabricante de bombas de Zilastra!

Até mesmo aqueles que ainda não haviam falado muito quebraram o silêncio com isso.

— Esse é o fim, — disse Yaddle. — Não podemos colocar inocentes em perigo.

— Bombas na arena! — Oppo balançou a cabeça. — Eu pensei que a nossa varredura eletrônica não encontrou nada desse tipo.

— Espere, — disse Depa. — Você viu o Tokchi entrar?

— Não, — respondeu Yoda. — Apenas a sua saída. Ele saiu sozinho.

Depa tocou o queixo e iluminou-se.

— Mestre Windu, eu acho que sei o que Zilastra tem em mente.

Mace cerrou o punho.

— Então vamos confrontar isso, diretamente.

— Não, isso vai exigir habilidade. — Ela inclinou a cabeça. — *Vocês* vão confrontá-los, aqui no espaço, com a ajuda do Mestre Qui-Gon e o seu aprendiz, e do Capitão Baylo, se ele ainda estiver falando conosco. — Ela olhou para os outros. — Para todos os outros, isso exigirá todos nós, trabalhando juntos, em Kwenn. Devemos apresentar a aparência de que nada mudou, enquanto trabalhamos para minimizar o perigo para os civis. E o Mestre Ki-Adi-Mundi, lamento que você possa ter que permanecer disfarçado por um pouco mais de tempo.

Ele inclinou a cabeça espinhosa.

— Eu vivo para servir.

Yaddle sorriu para Depa.

— Você está se juntando a nós aqui, não está?

— Logo. — Depa pensou por vários momentos. — Sim, eu sei o que temos que fazer. — Então ela teve outro pensamento, ainda mais importante: — Mestra Yaddle, precisamos discutir o que todos planejam dizer no evento.

— Certamente, — disse Yaddle. — Precisamos mudar algo?

— *Você não pode dizer ao povo que os Jedi estão com eles!*

CAPÍTULO 45

BRAZATTA KEY

KWENN

Planeta agradável, pensou Zilastra ao desembarcar da nave. *Um bom lugar para começar a minha coleção.*

Havia chegado incógnita assim em Kwenn várias vezes antes, observando o ramo local dos Caminhantes da Fenda e avaliando o planeta. Nunca tinha estado maduro para a tomada. As gangues todas tinham bases em várias ilhas, com certeza; aos poucos, estavam corrompendo os lugares que a polícia ainda policiava. Mas os arquipélagos eram como galáxias, pequenos pedaços de terra com muito espaço entre eles que ninguém conseguia controlar. Isso tinha mantido a Capital Key e várias de suas ilhas mais próximas relativamente seguras. Isso, e a visão da maldita base Jedi e o seu farol noturno.

Não havia viagem para Kwenn a bordo da *Aleatoriedade* desta vez; a *Garantia* tinha visto a fuga da nave de Valboraan e certamente tinha alertado a estação espacial e as poucas naves sentinela locais. Ela e a sua equipe avançada haviam chegado silenciosamente em transportes sem graça na Brazatta Key, onde os funcionários do espaçoporto eram pagos para fazer poucas perguntas. Lá, eles seguiram pelo ar da noite fresco até a área de preparação para o próximo ataque.

Viu atracado no porto: o *Pelágico*. Conhecia bem a balsa e sabia que não valia a pena apostar lá; os Reputações Sujas secretamente controlavam o cassino há anos. Era a única ação legal a ser encontrada em Kwenn, mas não era um lugar divertido para visitar. O interior era barato e brega. Canto

Bight, um local muito melhor, pelo menos reinvestia algum dinheiro no lugar.

Mas a aliança presente tinha tornado isso um ativo. Os moradores de Kwenn tinham aplaudido a administração do cassino quando declarou que a balsa estaria fechada durante a celebração. No entanto, não foi um gesto benevolente. Assim que os jogadores saíram, o *Pelágico* havia recolhido uma variedade de membros de gangues para entrega à Gala Key, enquanto Zilastra e os seus novos aliados comandavam os eventos da cabine de controle.

Tokchi estava trabalhando duro aqui, viu, trabalhando ao lado de membros dos outros bandos. Monitores que normalmente mostravam informativos dos deques do cassino estavam sendo conectados a imagens de vigilância da Gala Key e das outras ilhas. Zilastra seria capaz de ver tudo durante a celebração do dia seguinte. Foi onde ela precisava estar. A *Aleatoriedade* ainda estava no espaço, sendo pilotado por Jodak; ele tinha o seu papel a desempenhar também. Mas Kwenn era onde estavam os seus alvos.

— Bom te ver, chefe, — disse Tokchi, palavras saindo da coleira tradutora do Ithoriano.

Deu um tapinha no ombro dele.

— Parece bom até agora.

Ele apontou para uma área no centro da sala.

— Ali terá o holograma da arena, quando a transmissão começar.

Zilastra assentiu. Embora essa configuração tornasse possível observar eventos de qualquer lugar, decidiu que o *Pelágico* atracaria na Gala Key, caso algo desse errado.

Os seus olhos se fixaram no espaço no centro da sala. Os membros do Conselho Jedi provavelmente estavam na arena agora, ensaiando o que pretendiam fazer. Na manhã seguinte, veria-os, e veria-os destruídos. Visitaria a vala comum deles, pessoalmente. Era uma pena que não houvesse restos mortais para ela marcar com os seus cartões de visita.

Foi, pensou Zilastra, um golpe de mestre no planejamento; a ironia era apenas um bônus adicional. A última caixa da Viagens Real que Kylah

entregara a ela em Keldooine dias antes só havia sido para mostrar. Zilastra precisava de uma para segurar quando falasse com os outros chefes piratas pela última vez. A caixa acabou sendo onde Depa escondeu os seus pertences. O comunicador, que a anã irritante da Kylah usou para trazer a ruína à base dos Caminhantes da Fenda em Valboraan; e o seu sabre de luz, que Zilastra tinha guardado pra si mesma.

A execução de Depa não tinha saído conforme o planejado, mas Zilastra tinha guardado a caixa sobressalente, que havia provado ser um excelente sistema de entrega para o coquetel explosivo de Tokchi. Os novos líderes das gangues sabiam de sua eficácia com certeza; alguns deles mal tinham sobrevivido à destruição eles próprios. Eles sabiam também que o conteúdo das caixas não poderia ser detectado.

Então a caixa serviu como uma jogada de abertura útil, e uma que prometia eliminar não apenas os Jedi, mas também os civis mais dedicados à ordem antiga. As mortes de milhares não pesavam nada para os seus novos aliados. As pessoas certas morreriam.

Após a sua primeira reunião com as novas lideranças das outras bandas, mas antes da destruição da base de Valboraan, Zilastra enviou Tokchi para Kwenn. Lá ele se encontrou com representantes das outras gangues, que trabalharam juntos para colocá-lo dentro da arena. *Com a caixa.*

Olhou para Tokchi.

— Você tem certeza de que a caixa está no lugar?

— Oh, sim, — ele disse. — Uma varredura eletrônica não deve detectá-la, ou o que está dentro dela.

Zilastra assentiu. O sistema de travamento ativado por voz da caixa exigia um código falado, mas eles não teriam conseguido esconder um comunicador ao lado dele sem que o receptor fosse detectado. Felizmente, um não seria necessário.

— Foi uma entrega fácil, — disse Nanna Frouj da seção do centro de controle que os Infames tinham reivindicado. — Tínhamos os nossos ganchos em algum coitado que trabalhava para o lugar.

Tokchi assentiu. Ele segurou um pequeno dispositivo.

— Isso me levou para dentro da arena. Eu fiz o trabalho rápido e depois eles me levaram embora.

Zilastra ficou satisfeita. Não apenas pela competência de Tokchi, mas também porque significava que ela tinha feito certo em se aliar com as outras gangues. Embora houvesse Caminhantes da Fenda em Kwenn, sua presença era menor. Os seus rivais aqui tinham as conexões, os ativos no lugar para serem explorados.

Mas algo a incomodava.

— O que aconteceu com o 'coitado'?

— Nós o matamos! — Banho de Sangue gritou do poleiro dos Caveiras.

— Do que você está falando? — Mais Duro, representando os Lâminas Envenenadas, falou. — O assassino era nosso.

— *Todos* participamos, — disse Linn dos Reputações. — Assim como você sugeriu, para que ninguém pudesse recuar.

Zilastra assentiu. Seria típico dos Lâminas ou dos Reputações segurarem o seu traidor para possível uso como moeda de troca. Não seria chantageada.

— Você tem certeza de que ele está morto?

Tokchi se remexeu nos pés.

— Eu saí antes que isso acontecesse.

Zilastra olhou para os outros.

— *Então?*

Silêncio. Finalmente, Mais Duro falou.

— Nosso pessoal foi preso. Mas ninguém falou. Nossos advogados os tiraram rápido.

— *Meus* advogados fizeram isso... — Linn corrigiu. Mais discussões se seguiram.

Ótimo, pensou Zilastra. Queria mais certeza. *O que mais pode estar errado?*

Tokchi, pelo menos, trabalhava pra ela. Encarou-o com olhar de raiva.

— Você tem *certeza* de que ninguém te viu?

— Tenho certeza, tenho certeza. — Ele olhou para uma tela identificando os vários Jedi e mudou de assunto. — Bem, quase esbarrei nesses dois a

caminho pra fora.

Os olhos de Zilastra se arregalaram.

— O quê? Que dois?

— O pequeno e a mulher alta. — Tokchi os apontou.

Um deles era Yoda, difícil para qualquer pessoa que se desentendesse com os Jedi não conhecer. Zilastra supôs quem era a Tholothiana alta.

— Yoda e Adi Gallia. O que você quer dizer com 'esbarrei neles'?

Tokchi tremeu sob o seu questionamento.

— Não foi nada. — Então, depois de uma pausa: — Eles pareciam legais.

Zilastra revirou os olhos.

— Não preciso que mais ninguém seja encantado pelos Jedi!

Como se fosse uma deixa, ela viu Burlug entrar, parecendo ter passado por uma guerra. Ele havia sido encarregado de trazer Kylah a bordo.

— A Clandestina está na solitária.

— Você tem certeza de que ela não pode escapar? Sem janelas, dutos de ventilação ou pisos removíveis?

— Estamos prestes a nos mover. Se ela sair, é melhor aprender a nadar.

Ponto válido, pensou Zilastra. Ela deu o comando.

— Desatracar. Gala Key pela manhã!

—

— A CONSELHO está em ordem!

De pé na Arena de Gala Key em Kwenn, Yoda olhou de suas contemplações para ver Yarael subindo a rampa até o palco. — Não me lembro de ninguém nunca ter usado essa frase.

— Bem, acabei de usar, — disse Yarael.

A arena era um coliseu fechado no estilo popular durante a Alta República, com vinte mil assentos vazios de vários tamanhos olhando pra baixo para um pódio circular que ficava no centro exato da estrutura. Na noite anterior ao grande evento, os preparativos estavam em andamento em todos os lugares. E os Mestres Jedi que não se viam pessoalmente há um

tempo estavam ansiosos pela chance de fazê-lo, enquanto também conversavam mais com o povo de Kwenn.

No entanto, nem todos os membros do Conselho estavam presentes para o ensaio. Apenas Eeth, Oppo e Yoda já estavam presentes. Yarael pôs as mãos nos quadris e olhou ao redor.

— Onde *está* todo mundo?

— Preparando. É a calmaria antes da tempestade, — disse Yoda.

— Literalmente. Você viu as nuvens lá fora?

— Ainda não. Mas você está mais perto delas.

Yarael riu. Bateu palmas.

— Você deveria dar aulas de humor para Ki-Adi-Mundi. Ele e Saesee poderiam transformar uma festa num velório. — Ele olhou ao redor do palco da arena, que tinha poucas decorações além das cadeiras de seus colegas. — Ah, espera. Eles já estiveram aqui?

Yoda olhou para o pódio, onde Oppo Rancisis olhou pra cima de suas discussões com o Senescal Voh e a equipe da arena. Ele lançou um olhar frio para Yarael.

— Entendo que você não aprove a cenografia.

— Oh, não, nenhum problema, — disse Yarael. — Estamos celebrando a Grande Renovação. Um palco vazio vai lembrar as pessoas de como o mundo era antes muito bem.

— Muito pensamento foi dedicado a isso, — disse Oppo, deslizando em sua direção. — Os Jedi não fazem alarde, Mestre Yarael. Seria errado ter colunas e faixas aqui. Se as *pessoas* quiserem decorar, isso é problema delas.

Yoda assentiu.

— Não buscamos reconhecimento.

Yarael sorriu de lado.

— Excelente. Vou dizer a todos no desfile de amanhã que gostaríamos de passar despercebidos.

— Estou preocupado com aqueles lá fora, — disse Oppo, mais preocupado. — Nós providenciamos pra eles?

— Não há dúvida sobre isso. Yarael Poof está no comando! — Ele bateu com a mão no peito.

— Os mestres Plo e Tiin também estão, — disse Yoda.

— Claro, se você quiser ser técnico.

Yoda estava bem ciente dos preparativos. Conforme a noite avançava, mais medidas seriam tomadas. Achava que os seus colegas tinham feito um trabalho admirável.

Um colega que ainda não tinha encontrado em Kwenn entrou naquele momento: Even Piell, seguido por uma dúzia ou mais de crianças.

— É cedo demais para o desfile, — disse Yarael. — Ou estamos começando uma escola aqui também?

— Esses são os nossos guias, — disse Piell. — Ou aqueles que podem ficar acordados esta noite. Teremos mais amanhã.

Ele apresentou o mais velho, um adolescente Twi'lek chamado Hadaro. O garoto olhou ao redor.

— Encarar este lugar vai fazer todo mundo dormir.

— Alguma ideia?

Hadaro olhou para Piell.

— Ainda temos os nossos materiais de arte nos speeders.

— Ele apontou para a parede redonda de três metros de altura onde o pódio estava. — Que tal um belo mural em volta da base do palco?

— Claro, — disse Piell. — Por que não?

Oppo acenou com os dois conjuntos de braços.

— Mestre Piell, eu *devo* discordar!

Yarael sorriu de lado

— Você disse que era problema das pessoas se elas quisessem decorar. — Ele apontou para as crianças sorridentes. — Elas são as pessoas.

Oppo falou mais calmamente.

— Eu quis dizer que elas poderiam decorar o nosso caminho até o posto. *Lá fora,* — ele enfatizou.

— Eu acabei de estar lá. Parece que vai chover. — Piell acenou para as crianças. — Melhor trazer a tinta antes que vocês se molhem!

Hadaro e as crianças correram para a saída.

Yoda sorriu gentilmente. Conhecia muitos de seus colegas mestres há anos; Oppo, Yarael e Yaddle, por séculos. As suas responsabilidades eram muitas, seus fardos esmagadores. No entanto, estar longe do Templo lhes permitira interagir novamente, expressando-se aos outros como raramente tinham a oportunidade de fazer. Yoda achava que a jornada valia a pena apenas por isso, mesmo que tivesse assumido tons mais sérios.

Yoda e Eeth estavam discutindo o cronograma quando o comunicador deste último tocou. Ele deu uma olhada e fez uma dupla tomada.

— Problemas, Mestre Koth?

— Com licença. É uma ligação. De... er, — Ele pausou e se mexeu desconfortavelmente. — De uma mulher que eu conheço.

Os outros se olharam e depois para Eeth.

— Com licença. — Ele se apressou para um lugar onde podia falar confidencialmente.

A boca de Yarael ficou aberta enquanto o via ir embora, mas Yoda não deu muita importância.

— Uma mulher que Eeth conhece.

Yarael arregalou os olhos.

— Eeth conhece uma mulher!

— Isso, acabei de dizer.

— Não é exatamente a mesma coisa. — Yarael começou a andar em direção à borda do palco para ouvir melhor, até que um olhar severo de Oppo o deteve no meio do caminho. Yarael ergueu as mãos. — Estou apenas curioso.

— Você é muitas coisas que não era há duzentos anos, — disse Oppo. — Nem todas são melhorias.

— Sejam gentis, mestres. — Os Jedi se viraram para ver Yaddle subindo a rampa até o palco. Uma mulher de pele roxa caminhava ao lado dela. — Posso apresentar Morna, do programa *Lembre-se de Kwenn*. Ela tirou uma licença breve para ajudar em nossa produção.

Os Jedi a cumprimentaram. A mulher Woostroid olhou pra baixo, com o seu rosto corado.

— Mestres. Ou são Conselheiros?

— Por qualquer nome, ficamos felizes por você estar aqui, — Yaddle a tranquilizou. — O nosso evento precisa aparecer para muitos. As suas habilidades são necessárias.

Yoda assentiu.

— Muito podemos fazer. Nem tudo.

Yaddle pediu desculpas a Morna por um momento. Ela se aproximou para conversar em segredo com Yoda.

— A jovem parece assustada.

— Ela pode lidar com isso, — disse Yaddle. — Morna trabalha com a dupla mais difícil que já conheci.

— E com experiência, você fala.

— Pode ser uma manhã difícil para muitos amanhã. — Yaddle se aproximou para conferir em voz baixa. — Mestra Depa ainda não chegou.

— Há tempo.

— Ainda vamos lidar com isso do jeito dela?

Yoda assentiu.

— Nesse assunto, Mestra Billaba sabe mais. Ela ganhou o direito. Mestre Windu acredita no plano dela.

— Então estou satisfeita. — Ela olhou para Morna. — Muitos de nós serão testados. Estaremos prontos.

Eeth voltou apressado pela rampa, segurando o comunicador na mão e olhando furtivamente ao redor. Ele se aproximou e pôs a mão no ombro de Piell.

— Mestre, eu poderia usar... seu conselho. — Ele olhou para os outros mestres enquanto guiava o Lannik para a borda do palco. Após conferir em voz baixa por alguns momentos, Eeth falou novamente com os outros. — Por favor, nos desculpem.

— Sim, — disse Piell, seguindo Eeth para fora do palco. — Pode demorar um pouco.

Os mestres restantes os observaram sair. Yarael olhou ao redor, perplexo.

— Eeth estava pedindo conselho a Even, sobre uma *mulher*? Nem sei mais o que estou vendo.

Desta vez, Yoda assentiu.

— Uma jornada estranha, esta tem sido.

CAPÍTULO 46

A BORDO DA *PELÁGICO*

KWENN

O problema de esperar por uma explosão, uma vez disse um especialista em demolições a Zilastra, era que mais cedo ou mais tarde, tudo soava como uma. Estrondos sônicos, batidas de portas, animais de estimação pulando dos móveis. Tudo era uma detonação.

Isso certamente se aplicava ao som que ouvia na cabine de controle da barcaça do cassino *Pelágico* na hora antes da celebração do Conselho Jedi. Mais uma vez, era apenas um trovão, mas ainda assim achou perturbador. As nuvens se abriram sobre Gala Key, onde eles estavam agora atracados. Zilastra não achava necessariamente que isso fosse um problema, mas não queria que o clima introduzisse atrasos. O vento também fazia o navio cassino flutuar em sua almofada de levitação, o que não ajudava em nada os estômagos de todas as pessoas na cabine.

Outro clarão do lado de fora da janela. Burlug abriu a porta da cabine vindo de fora, o céu roncando atrás dele.

— Uma coisa é certa. Os Jedi não podem controlar o tempo.

— Eles não vão controlar nada quando terminarmos, — disse Zilastra. — Feche a porta!

Virou o seu olhar para Burlug.

— Você moveu a Clandestina?

— Algemada no barco esquife, como você disse, caso precisássemos movê-la.

— Ela não pode dar partida nele, pode?

— Não sou tão tolo assim. — Burlug esfregou os cotovelos. — Ela me mordeu, duas vezes. Ela está cansada de ser um peão de barganha.

Zilastra realmente não se importava com o que Kylah pensava sobre isso, ou qualquer outra coisa. Mas se Depa fosse tão mole a ponto de fazer qualquer coisa para proteger a Clandestina, isso poderia ser válido pra todos eles. Ia manter a garota por perto, onde quer que ela estivesse.

Enquanto o trovão soava lá fora, prestou atenção ao centro da sala, onde a transmissão holográfica da arena estava ao vivo. Notou que mais Jedi haviam aparecido no palco. Sete, pela sua contagem.

— É só isso? — Nanna Frouj perguntou. — Deveria haver doze, certo?

— Possivelmente menos dois. — A ausência de Depa e Windu era encorajadora para Zilastra; um levantamento feito por Ventner sugeriu que os membros Cereano, Kel Dor e Iktotchi do Conselho também estavam ausentes. A coisa importante, viu Zilastra, era quem *estava* lá. Yaddle, a pequena Mestra Jedi verde que primeiro anunciou a celebração, e que, ao fazer isso, fez Zilastra interromper a execução de Depa em favor de uma chance de marcar um golpe maior.

Banho de Sangue se juntou aos outros líderes encarando o holograma.

— Como isso deveria acontecer de novo?

— Pela centésima vez, se eles se mantiverem no que Yaddle prometeu e no que está no programa oficial, eles vão começar o evento dizendo, *Os Jedi estão com vocês.* Essa é a senha que abre a caixa que Tokchi plantou sob o palco.

O líder dos Reputações Sujas olhou para a plataforma, cuja base estava cercada por murais pintados. Ela fez careta.

— Esse é um dos piores artefatos que já vi.

— Não vai durar muito. — Nanna Frouj sorriu. — E adeus, Conselho!

— Esse também é o sinal de todos os outros, — disse Zilastra. — No chão e no espaço. Todos agimos como um só.

— Não se preocupe. Estamos trabalhando nisso, — disse Mais Duro, visivelmente impressionado por Zilastra. — Algumas das ideias que você teve, você é pura matéria dos Lâminas Envenenadas.

— Só lembre-se, eu fiz isso acontecer. Isso é só o começo!

O evento estava começando também. O primeiro palestrante se aproximou do centro do círculo.

— *Eu sou Yaddle.*

A multidão aplaudiu calorosamente. Segundo relatos, Yaddle havia se tornado uma celebridade local após a sua aparição na transmissão *Lembre-se de Kwenn*, não menos por fazer os coanfitriões Reez e Grom esperarem uma hora enquanto ela supostamente aconselhava alguém fora do palco.

— Não estamos todos presentes ainda, — disse Yaddle. — Mas temos um quórum e podemos começar o programa.

Assobios da plateia.

— Antes de começarmos, gostaria que todos enviassem pensamentos para a família Lunn, moradores de Kwenn por toda a vida. Lyal Lunn, vítima de um crime horrível, e o seu pai, Erwen, faleceu recentemente. No curto período em que os conhecemos, vimos uma família que realmente acredita no que este planeta representa.

Yaddle teve o seu momento de silêncio.

— Pessoas como os Lunn são o coração de Kwenn, — concluiu Yaddle, sob aplausos. — E agradecemos a Lyal e a todos os outros por ajudar a tornar este evento realidade.

— Lyal certamente ajudou a tornar as coisas possíveis para nós, — disse Zilastra. A sua reação à história triste provocou risos dos piratas na cabine com ela, mas achou aquela demonstração um alívio. Se os Jedi não tivessem mencionado o destino do trabalhador da arena, isso teria sido suspeito, embora tenha notado que Yaddle não disse se ele estava morto ou não. Não importava. *Deixe os tolos transformá-lo em herói.*

Uma coisa estava testando a sua paciência: a impaciência de seus colegas ouvintes.

— O que acontece se não pegarmos todos eles? — Linn perguntou.

— Se a bomba derrubar sete deles, podemos fazer o resto, — disse Zilastra. Ela podia dizer que os outros estavam ficando nervosos. Seria bom acabar com essa parte logo, para poderem passar para o assassinato.

— Obrigado pela recepção calorosa. — A holografia de Yaddle juntou as mãos. — Primeiro, porém, um anúncio.

— Um anúncio? — Banho de Sangue sacudiu o punho para a imagem. — Vamos logo com isso!

— Como vocês podem ter visto, um sistema de tempestade se desenvolveu sobre Capital Key e as ilhas associadas. O evento continuará, mas para a sua segurança, gostaríamos de pedir aos que estiverem do lado de fora da instalação para permanecerem nas tendas de segurança que as Indústrias Aptorr gentilmente forneceram.

Gemidos vieram da plateia. Zilastra olhou para Burlug.

— Tendas?

Ele assentiu.

— Você não viu todas as tendas de campismo? Eles tiveram caminhões distribuindo-as e montando-as por toda a parte a noite toda.

Zilastra viu o terreno do festival, mas pensou pouco nas estruturas, exceto para admirar a sua solidez.

— Você disse que estavam *dando* elas?

— Propaganda gratuita, acho.

— Certifique-se de ficar bem selado, — disse Yaddle, — especialmente se você tiver crianças pequenas para proteger do vento e da chuva. Me asseguraram que os abrigos da Aptorr vêm equipados com holoprojetores para que você não perca um momento.

Um dos subordinados de seus rivais entrou de fora, todo molhado.

— É uma coisa maldita. Todo mundo saiu da praça.

— Tanto para vendas de fornecedores. — Burlug riu.

Era uma coincidência estranha, pensou Zilastra, mas isso não mudaria nada. Concentrou-se na imagem.

— Lá vai ela de novo.

— Neste momento, — disse Yaddle, — gostaria de me dirigir ao meu grande e bom amigo Mestre Oppo Rancisis para algumas palavras. Como vocês sabem, o Grande Renascimento foi a sua iniciativa. Bem-vindo, Mestre!

Zilastra colocou a mão na cabeça. *Outro. Vá direto ao ponto!*

— Olhe só pra isto, — disse Burlug, observando o Thisspiasiano deslizar até o centro do palco. — Você pensaria que para algo assim, o cara poderia

fazer algo com o cabelo dele.

— Eles acham que isso os faz parecer inteligentes.

— Inteligentes por não desperdiçarem os seus créditos em barbeiros. Pelo que parece, ele economizou um monte até agora.

Ela o fez calar a boca quando Oppo começou a falar.

— Há dois séculos, me juntei ao povo de Kwenn para remodelar este mundo em algo que seria mais do que habitável. Um exemplo do que poderia ser feito quando a República, a indústria e o povo se uniam no espírito de...

Zilastra queria bater a testa numa parede. *Juro, vou lá fora abrir a maldita caixa pessoalmente!*

— 'Os Jedi estão com vocês', — Banho de Sangue repetiu. — Me diga de novo por que não podíamos detonar a bomba por controle remoto?

— Eles teriam encontrado o receptor, ou os explosivos, em suas varreduras de segurança, seu idiota. — Ela encarou o Caveira Empalada. — A caixa só precisa ouvir as palavras para funcionar. Isso é tudo!

E isso pode ser assim, ela pensou, quando Oppo Rancisis chegou ao fim da sua saudação sem fim.

— Para abrir as cerimônias de hoje, me volto para o meu bom colega que também estava aqui há duzentos anos. Mestre Yoda!

Burlug encarou.

— Outro. — Ele olhou entre as imagens de Yaddle e Yoda. — Ele não é o certo, não é?

Ele não é, Zilastra pensou. Mas agora ela estava toda ouvidos enquanto Yoda chegava ao centro do palco.

— Saudações, — disse o verde numa voz que Zilastra achou peculiar. Ele olhou para a multidão. — *Com vocês, os Jedi estão!*

Uma erupção de som da imagem, e tremores. Mas logo ficou claro que era de aplausos na arena. O Conselho Jedi se levantou.

— Você disse errado! — Zilastra disse, perdendo a calma diante dos outros pela primeira vez. — Ele disse errado!

O clamor na imagem enquanto os sete Jedi levantavam as mãos e acendiam seus sabres de luz não era nada comparado com o tumulto que

criava no centro de controle do *Pelágico*.

Tokchi balançou a cabeça.

— As senhas têm que estar em ordem.

Zilastra gritou.

— Alguém diga direito, caramba!

Os seus rivais foram bombardeados por perguntas de seus ajudantes.

— Era isso? — Linn perguntou. — Tenho pessoas que ouviram o áudio. Eles vão agora?

— Não, eles não vão. Ainda não. — O ataque sem a explosão ainda apresentava uma forte chance de sucesso, mas Zilastra não estava desistindo ainda. — Diga ao seu pessoal pra esperar.

Nanna Frouj resmungou.

— Você nunca comandou os Infame antes. Eles estão doidos e prontos para matar. Eles não vão esperar por causa de uma má gramática!

A confusão se seguiu. Só havia uma coisa a fazer, percebeu Zilastra, se quisesse ter esperanças de manter as gangues unidas. Era hora de um ato de liderança.

— Vou consertar isso. Ninguém faça nada. *Eu resolvo isso!*

CAPÍTULO 47

ARENA DE GALA KEY

KWENN

— Meu nome é Mestre Yarael Poof. Eu também estive presente duzentos anos atrás durante o Grande Renascimento. E foi uma visão, deixe-me dizer...

Zilastra rastejava na escuridão, desejando poder tapar os ouvidos. *Eu tinha que estar aqui enquanto aquele idiota está falando!*

Nos minutos antes de sair do *Pelágico*, ninguém no palco tinha dito algo parecido com a frase-chave, *Os Jedi estão com vocês.* Ainda havia uma chance de que pudessem fazê-lo, caso em que estar embaixo do palco era um lugar mortal para se estar. Mas um grande Ithoriano se movendo embaixo do púlpito poderia ser detectado, e embora Kylah fosse a rainha dos esconderijos, a garota não podia mais ser confiável.

Tinha que ter certeza, e Tinha que fazer isso ela mesma. Antes de sair do *Pelágico*, Zilastra havia obtido a chave da área de manutenção da arena de Tokchi, junto com informações sobre onde encontrar a caixa.

— ...e em nome dos grandes e pequenos, deixe-me dizer que os Caminhos da Harmonia foram uma ideia brilhante que deveria ser replicada em todas as lojas e espaçoportos...

A voz de Yarael vinha de cima dela, ainda tagarelando sobre o milagre do Grande Renascimento. A ideia de estrangular um pescoço tão comprido quanto o do Quermiano tinha certo apelo, mas ela o calaria logo. Eles sabiam que a caixa do Viagens Real estaria protegido contra detecção eletrônica, mas qualquer varredura do tipo já teria sido feita. Tudo que ela

tinha que fazer era depositar um comunicador ativado perto da caixa, seu canal aberto para o exterior, e configurá-lo para o sistema de som público. Poderia ativá-lo de qualquer lugar.

Alcançou uma área onde podia ficar em pé. A caixa deveria estar à frente, embaixo do palco, bem no centro. *Jogo de palavras muito inten...*

— Olá, Zilastra.

Zilastra congelou. A voz vinha do meio da sala e era apenas audível sobre o Quermiano monótono de cima. Mas não havia dúvida de quem pertencia.

— Sim, sou eu, — Depa disse, como se para confirmar. — E eu espero saber por que você está aqui para fazer isso. — A voz se moveu, como se o falante estivesse andando na escuridão. — Não estou surpresa, realmente. Uma boa jogadora de cartas como você não hesitaria em reutilizar uma jogada se estivesse enfrentando pessoas que nunca a viram antes. Bem, eu a vi e ainda estou no jogo.

A mente de Zilastra corria. Não, não tinha sido assegurada da morte de Depa em Valboraan, e o seu plano não exigia isso para funcionar. Mas havia deixado a mulher uma sombra do que já fora. *Como ela pode estar aqui?*

Não importava. Zilastra ficou imóvel e em silêncio enquanto Yarael acima entretinha as pessoas com mais memórias do passado de Kwenn, falando sobre os atores que costumavam viver em Kwenn e quais restaurantes eles gostavam. Lentamente prendeu o comunicador de volta em seu cinto.

— Agora sei de tudo, — Depa disse. — Foi saber do anúncio de Yaddle que fez você suspender a sua mão contra mim. Ela te disse onde o Conselho estaria e quando, e até mesmo as palavras que diriam. Eu sei que você ouviu isso. Você me repetiu. Você me disse que seríamos destruídos por nossas próprias palavras. Mas então você não ouviu essas palavras alguns minutos atrás, não é mesmo? Não na ordem certa, de qualquer maneira. Então agora você está aqui.

Acima, Yarael finalmente chegou à sua conclusão. Depa parecia prestes a fazer o mesmo.

— Melhor eu deixar você ir, — disse Depa. — Você vai querer ficar a uma distância segura e dizer as palavras mágicas.

Zilastra ouviu um som agudo à sua frente, como se Depa estivesse batendo com algo na parte inferior do palco. Em resposta, os Mestres Jedi acima gritaram em palavras amplificadas por toda a arena:

— *Os Jedi estão com vocês!*

Não! Em pânico, Zilastra tropeçou para a frente, deixando cair seu sabre de luz não ativado. Ela ouviu-o tilintar no chão, e isso foi tudo. Sem explosão.

Através da escuridão, Depa respondeu ao som ativando um sabre de luz. Ele brilhou de roxo diante dela.

Olhos arregalados, tudo o que a pirata pôde dizer foi:

— Isso é novo.

— O Mestre Windu me emprestou o dele. Ele gostaria de estar aqui.

Zilastra já tinha um blaster na mão esquerda.

— Onde está a caixa?

Depa deu um passo em sua direção.

— Eu a encontrei, mais cedo, com a ajuda de um engenheiro de transmissões que Yaddle conhece. Não ousamos abri-la, é claro, mas foi movida para algum lugar seguro. Vamos nos livrar dela mais tarde quando...

— Eu odeio jogadores que falam demais. — Zilastra começou a se mover, circulando a borda do espaço escuro. — A *Garantia* te trouxe aqui?

— Eles não são o meu serviço de táxi.

— E você não é uma motorista de caminhão de carga.

— Você estava procurando um?

— Não. Eu tenho o meu próprio motorista. — Zilastra usou a mão esquerda para acionar o seu comunicador. — Burlug!

Uma resposta veio do dispositivo.

— Sim, chefe?

— Escute. Se você não me ouvir por mais de trinta segundos neste canal, mate a Clandestina.

Uma pausa.

— Entendido.

— Ameaçando a Kylah pela *terceira* vez? — Depa balançou a cabeça. — Eu te disse, já vi essa jogada.

— Ainda funciona. Você quer ouvi-la gritar?

Depa franziu o cenho.

— Não.

— Previsível. E estranho. Os Jedi normalmente não se importam com ninguém, certamente não com aqueles que você considera indignos de sua Ordem.

— Eu te disse, sinto muito por como isso aconteceu. A Jedi que estava recrutando, ela deveria ter...

— *Ele*. E desculpas não são suficientes.

— Tudo bem. Estamos encerrando isso. Você sabe onde está e quem está acima. Você não pode escapar. Acabou.

— Você *é* uma idiota! — Zilastra riu. — Já começou. A frase-código não ia simplesmente acionar a explosão. Os seus tolos amigos lá em cima deram o sinal para começar o ataque!

— Então é bom que *nosso* ataque já esteja em andamento.

— *Seu* ataque...?

Os olhos de Depa brilhavam na luz do sabre de luz.

— Estivemos fazendo mais do que planejar o festival. Desista agora.

— Nunca! — Zilastra recuou. — Se eu te vir sair desta arena antes de eu ir embora...

— Prejudique a Kylah, e você sabe o que acontecerá.

As ameaças trocadas foram seguidas pelo silêncio debaixo do palco. Acima delas, Yaddle começou a falar. Zilastra se virou e correu em direção à saída.

Não acabou. Mas vai acabar.

CAPÍTULO 48

ARENA DE GALA KEY

KWENN

— Mantenham a calma, todos, — disse Yaddle do palco. — Por favor, mantenham a calma!

Yaddle ficara encantada de ver sua amiga Depa mais cedo naquela manhã, antes que o público fosse permitido dentro da arena, mas houve pouco tempo para conversa. Demorara algumas tentativas para encontrar uma maneira para Depa sinalizar Yaddle de baixo do palco. O método mais simples, batendo na parte inferior do chão, funcionara bem.

Depa passara por muitas coisas durante a sua prisão, e não dava para saber o que ela seria capaz de fazer caso um inimigo viesse verificar a caixa. Mas ela sugerira que, com sete membros do Conselho Jedi a poucos metros de distância, alguém receberia o sinal. Yaddle o fizera, interrompendo mais uma das reminiscências históricas de Oppo com o lema. Os seus inimigos provavelmente atacariam, quer fossem sinalizados ou não, ou se a arena fosse destruída. Ao os Jedi gritarem a frase código, o sinal era enviado para aqueles dentro e fora da arena: *A defesa de Kwenn havia começado.*

— Agora, jovens! — Piell fez um sinal com a mão para os porteiros do evento, que estavam em cada entrada. Eles agiram conforme instruído, selando e trancando cada porta.

— Permanecer sentados, vocês devem, — Yoda chamou a atenção da multidão. — A tempestade chegou!

Yaddle falou com os espectadores do lado de fora da arena.

— Onde quer que estejam assistindo, por favor, fiquem aí. Iremos avisá-los quando a situação estiver segura!

Os Jedi não mentiram sobre o clima: havia uma tempestade sobre o grupo de ilhas. Mas isso servia aos planos de defesa do Conselho. Manter muitos espectadores seguros em suas casas, enquanto aqueles nos terrenos externos haviam recebido proteção, cortesia de Ki-Adi-Mundi e os seus novos amigos. Aptorr havia se gabado de que os seus abrigos poderiam resistir não apenas a tempestades, mas a disparos de blaster. Os Jedi queriam evitar colocar isso à prova e haviam tomado medidas.

— Devemos nos posicionar, — disse Yoda. Vários Mestres Jedi seguiram por rampas saindo do palco e através da multidão. Eeth e Piell foram para uma saída, enquanto Yoda e Adi seguiam para outra. Oppo rastejou atrás de Yarael em direção a uma terceira.

Yaddle chamou a atenção de Morna. A engenheira, que estava supervisionando os sistemas de som e holográficos de um local nos bastidores, tinha um olhar confuso, e não apenas pelos eventos repentinos.

— Você *me* quer no palco?

— Sim, Morna. Por favor!

Claramente consciente de todos os olhares sobre ela, a mulher de pele roxa correu até o lado de Yaddle e ajoelhou-se ao lado dela. Morna deu o sinal para a sua equipe silenciar a captação de áudio no palco.

— O que foi, Mestra?

— Preciso ajudar os meus colegas. Preciso que você mantenha essas pessoas aqui, e calmas.

— Calmas? — Os olhos negros de Morna se arregalaram, e Yaddle pôde percebê-la tremendo. — Tudo sobre isso é assustador!

— Pra essas pessoas também. — Yaddle colocou a mão no pulso de Morna. — Mas você sabe pra onde o medo leva e pra onde a coragem leva. *Escolha o seu caminho.*

Morna olhou, paralisada, para Yaddle. Ela olhou para a multidão e abriu bem a boca, apenas para fechá-la.

— Eu sei o que vou fazer, — disse ela.

Ela se levantou e deu o sinal para reiniciar o sistema de som.

— Vocês estão no ar.

Yaddle, que tinha lutado com o quanto contar à multidão tanto na arena quanto em casa, tomou uma decisão. Ela pegou na mão de Morna e caminhou até o centro do palco.

— Falarei francamente com todos vocês, — disse Yaddle para a plateia. — Há aqueles que estão tentando se aproveitar da tempestade e deste evento para assumir o controle deste planeta. Mas isso não acontecerá. Fizemos preparativos. Manteremos vocês seguros. — Ela levantou a mão de Morna. — Morna ficará aqui, continuando a transmitir. Se algo inesperado acontecer nesta arena, nós veremos. E estaremos aqui.

Virou-se para Morna. A mulher Woostroid se endireitou e encontrou a sua voz.

— Kwenn é forte. Estaremos bem. — Ela soltou a mão de Yaddle e chamou um operador de holo câmara. — Os mestres estavam compartilhando histórias de Kwenn antes de sermos interrompidos. Podemos fazer isso nós mesmos. — Ela se aproximou da pessoa mais idosa que encontrou na primeira fila. — Tenho certeza de que você tem histórias.

— Eu tenho, — disse o cidadão idoso. — Eu tenho.

—

ENQUANTO OS CAMINHANTES DA FENDA podem ter sido a gangue mais astuta trabalhando na rota de Ootmian, Eeth Koth sabia que os Lâminas Envenenadas haviam trabalhado os seus enganações por muito mais tempo. Eles tinham esquemas sobre esquemas na prateleira, esperando serem usados sempre que surgisse a oportunidade de ganho. De pequenos furtos a audaciosos golpes de poder, os Lâminas operavam a partir de um catálogo de artimanhas em mundo após mundo.

Em Kwenn, os Lâminas haviam se limitado a crimes que poderiam ser perpetrados enquanto se escondiam à vista de todos, aproveitando-se de uma população turística transitória enquanto as autoridades do planeta se concentravam em manter as gangues mais perigosas à distância. Mas praticamente da noite para o dia, a aliança pirata havia motivado a gangue

em Kwenn a recorrer a seu arquivo de caos, ativando vários golpes dentro do tecido da cooperação recém-descoberta com os seus antigos rivais.

Um plano para adoecer as forças a bordo da Estação Espacial de Kwenn se tornou possível graças a uma invasão dos Caveiras Empaladas a um fornecedor de alimentação em seu território em Kwenn. Os Infame encenaram uma rebelião na centro de justiça planetária, distraindo as autoridades enquanto um membro dos Lâminas Envenenadas instalava um dispositivo de gás paralisante de liberação temporizada de fabricação dos Caminhantes da Fenda nos alojamentos da polícia. Era a mesma substância que Zilastra tinha em mente para Depa.

E os Reputações Sujas emprestaram uma de suas empresas de fachada para o esquema mais repugnante de todos, transformando uma das coisas mais inocentes em algo mortal.

Todos esses planos, Eeth descobrira na noite anterior em sua chamada surpresa de Inisa, a mulher que conhecera no bar. Ela falara rapidamente, com medo de ser ouvida, mas ficou claro que os Lâminas trocaram segurança operacional por rapidez, permitindo que as notícias de seus planos se disseminassem pela rede de boatos da organização. Eeth achou que as suas palavras pareciam verdade. Quando perguntou por que ela revelara o que sabia, ela desconectou subitamente.

Eeth estava preocupado com a segurança de Inisa, e ainda estava. Mas os seus avisos tinham que ser ouvidos primeiro. Mace tinha lidado silenciosamente com o assunto da estação espacial naquela manhã, e Yarael havia frustrado o ataque à polícia sem avisar os Lâminas. Mas um assunto, Eeth deixou pra si e pra Piell. Quando Piell ouvira sobre o que os Reputações e os Lâminas haviam feito, insistiu em se envolver.

Os dois correram pra fora da arena em direção à praça. O céu escurecera ainda mais durante o tempo que passaram dentro, e um vento úmido soprava quase em força de tempestade. Por toda parte, os abrigos que Ki-Adi-Mundi havia obtido das Indústrias Aptorr permaneciam firmes, e todos estavam selados.

Isso significava que as únicas pessoas na tempestade eram os vendedores. E não só qualquer vendedor. A maioria havia seguido os

clientes, saindo do céu aberto. Mas por toda parte, os hovercarts pertencentes à Companhia de Confecção Cometa Saboroso Congelado ainda estavam nos terrenos, apesar do vento. E todos pareciam estar fazendo a mesma coisa: lutando para abrir os seus freezers.

Eeth e Piell se aproximaram de um deles. Com aparência desleixada, exceto pelo uniforme branco, um Gotal de crina espessa batia na fechadura de seu carrinho.

Uma voz frenética veio de seu comunicador.

— O sinal foi dado!

— Eu ouvi, eu ouvi! Não consigo abrir essa maldita caixa! — O Gotal olhou em volta pela praça. — Ninguém consegue!

Eeth se aproximou.

— Dois Cometas Saborosos, por favor. — Ele olhou para o amigo. — Você tem algum sabor em mente, Mestre Piell?

— Nos surpreenda, — disse Piell. — E esse é por minha conta, Mestre Koth.

— Muito generoso, Mestre Piell. — Eeth olhou para o vendedor lutando. — Há algum problema?

O Gotal gritou:

— *Sumam!*

— Essa não é maneira de falar com os clientes.

O vendedor jogou o seu comunicador de lado e martelou a fechadura no gabinete do carrinho.

— Eu não consigo abrir, certo Agora saiam daqui!

Piell olhou para Eeth.

— Parece um problema, Mestre Koth.

— Sem problemas, Mestre Piell. — Em um movimento rápido, Eeth tirou o seu sabre de luz de dentro das vestes e o acendeu. Ele o desceu sobre o mecanismo de travamento, destruindo-o. A tampa saltou aberta.

— Vocês são Jedi! — O vendedor Gotal enfiou a mão apressadamente dentro do carrinho. — Não há nada aqui! Onde estão?

— Nenhuma guloseima? — Eeth perguntou.

Piell sorriu.

— Se você está procurando os blasters e as granadas, não vai encontrar.

O Gotal pôs a cabeça para fora, confuso.

— O que?

— Nós atacamos o depósito da Cometa Saboroso ontem à noite, logo depois que vocês carregaram, — disse Eeth. — Levou um tempo considerável desfazer ons seus preparativos.

— Meus alunos teriam ido para aquela fábrica imediatamente, — acrescentou Piell. — Mas o que retiramos é prejudicial à saúde deles.

O aspirante a vendedor colocou a mão dentro do uniforme e sacou uma pistola blaster. Ele a apontou para os Jedi enquanto recuava do carrinho. Vendo uma tenda selada atrás dele, ele se moveu em direção a ela.

— Vocês dois fiquem longe!

Os Mestres Jedi não fizeram tentativa de impedi-lo enquanto ele abria a tenda.

— Não há ninguém aqui dentro!

— Isso é surpreendente, — disse Piell. — Quer verificar outra tenda? Seja nosso convidado.

O Gotal o fez e encontrou a mesma coisa: nada.

— Onde está todo mundo?

— Assistindo o show, mas não daqui, — respondeu Eeth. — Os veículos Kwikhaul que trouxeram as tendas na noite passada levaram as pessoas de volta aos centros de visualização em outras ilhas.

Piell assentiu.

— Nossos colegas Plo e Saesee estavam por trás disso. As pessoas foram informadas de que era caso o tempo ficasse muito ruim pra elas retornarem. Outros de nós apenas deixamos entrar na arena em si. — Ele fez um gesto para fora. — Mas não há ninguém diretamente do lado de fora além de vocês.

Eeth fez um gesto para o carrinho.

— Tanto faz, vocês não têm nada pra vender de qualquer maneira.

O Gotal rosnou e levantou a sua arma. Eeth e Piell fizeram gestos juntos, lançando-o com a Força e o deixando inconsciente.

O chapéu do vendedor caiu, revelando os seus chifres de Gotal e algo mais.

— Caveiras Empaladas, — disse Eeth. — Eles *estão* todos trabalhando juntos!

— E temos a atenção deles, — disse Piell. Do outro lado da praça, pelo menos uma dúzia de outros vendedores viram a altercação deles. Um após o outro, desistiram de seus gabinetes presos e pegaram as suas armas pessoais.

Piell ativou o seu sabre de luz.

— Vamos mantê-los longe da arena.

— Certo, — disse Eeth, começando a avançar.

Piell riu enquanto avançavam em direção ao fogo de blaster que se aproximava.

— O que há de engraçado? — Eeth perguntou.

— Meu droide médico em Coruscant adoraria isso. Estamos declarando guerra à sobremesa!

CAPÍTULO 49

A BORDO DA *GARANTIA*

EM ÓRBITA DE KWENN

— Lá estão eles!

As naves emergiram do hiperespaço uma após a outra, tantas que Mace Windu ficou surpreso que nenhuma delas colidiu entre si. Isso era um perigo real, já que, de acordo com as observações da *Garantia*, elas haviam chegado de muitas direções diferentes.

— Bom palpite, Windu, — disse Baylo enquanto olhava pra fora de sua ponte. — No horário certo.

Não dava para esconder o acumulo de múltiplas naves estelares numa região tão movimentada quanto a rota Ootmiana; Mace e *Garantia* tinham recebido relatórios de que naves de várias facções estavam se reunindo a apenas alguns minutos de hiper salto de Kwenn. Algumas tinham pulado mais cedo, tendo interpretado a versão de Yoda da frase 'vá' como a real; *Garantia* tinha ficado pra trás na época, escondendo-se atrás da lua de Kwenn. A versão da frase gritada pelos sete Jedi havia desencadeado os movimentos de todos os outros.

— Vinte e cinco, não, trinta. Não, — disse o tenente Nellis, totalmente curado e de volta ao seu posto, levantando as mãos do console. — O sistema perdeu a contagem, Capitão.

Mace viu muitas naves que a *Garantia* havia identificado em seus arquivos táticos como ligadas aos Lâminas Envenenadas, Caveiras Empaladas, Infame e Reputações Sujas. Mas havia outras naves que não tinham sido encontradas antes.

O capitão parecia perplexo.

— Qual é a demora? Eles não estão atacando.

— Alguns podem ter esperado a destruição da arena, — disse Mace. — Mas acredite em mim, eles vão atacar de qualquer maneira. Mestra Billaba estava certa disso.

O jovem Veers falou.

— Capitão, acabamos de receber uma resposta da República.

— O que é?

— Eles apreciam ter sido alertados para nossa situação e têm total confiança em nossas habilidades para lidar com isso.

Silêncio na ponte, e depois risos nervosos e contagiantes. Baylo empurrou o seu chapéu pra trás na cabeça.

— Depois de palavras inspiradoras como essa, como podemos perder?

— Mantenham o foco, — disse Mace. Ele apontou. — Alguns estão indo para a estação espacial.

— Interditar, — ordenou Baylo.

A *Garantia* virou, indo em direção ao imenso refúgio espacial, um casamento de uma grande cidade espacial em cima de uma gaiola de atracação grande o suficiente para acomodar todos, exceto os maiores naus capitânias. Um prêmio com certeza, e Mace e Depa esperavam um ataque a ele. Mas enquanto seus armamentos eram fortes, ainda não haviam sido ativados contra os invasores. Enquanto isso, as armas da vanguarda da frota pirata estavam ativas, disparando selvagemente além da *Garantia* no colossal retransmissor de comunicações da estação.

— Talvez devêssemos colocar a cabeça pra fora e contar aos piratas a política da República sobre chamadas de socorro, — disse Baylo.

— Desativar o relé ajuda no ataque terrestre deles, — disse Mace. — Muitas das comunicações oficiais de Kwenn passam por lá.

Importante, a maior parte da grande população da estação já havia saído para o planeta e para a celebração. Mesmo os Infames provavelmente não destruiriam uma instalação com baías de pouso tão grandes e um depósito totalmente abastecido.

— A ganância de nossos oponentes está funcionando a nosso favor, — disse Mace. — Eles estão pegando leve.

Verificou a distância dos invasores até a estação.

— É hora. A manobra, Capitão.

— Lá vamos nós, — disse Baylo. — Virar à estibordo. Tire-nos da linha de fogo!

A *Garantia* se afastou, parecendo abandonar a estação. Mas quando a primeira onda de piratas entrou em alcance, as baterias de turbolaser que estavam inativas acordaram e começaram a disparar.

— Acerto direto! — gritou Nellis quando as naves piratas começaram a explodir em chamas. — Outro. *Outro!*

Baylo cerrou o punho.

— Eles caíram direitinho!

— A estação relata prontidão para repelir abordagens, — Veers anunciou. — A inteligência que você forneceu a eles estava correta, Mestre Windu. O carregamento de alimentos foi adulterado, mas você os alertou a tempo.

— Eles deveriam experimentar os nossos. — Baylo olhava pra frente para o zoológico de espaçonaves enchendo a porta frontal. — Fase dois?

— Afirmativo, — respondeu Mace.

— Muito bem. Encontre-nos uma via e localize a fragata. Encontre a *Aleatoriedade* !

Alguns segundos depois, Mace a viu e notou a diferença de tamanho entre a fragata e a sua própria corveta, metade de seu comprimento. A nave dos Caminhantes da Fenda parecia pouco pior para o desgaste desde a sua fuga de Valboraan, mas as aparências enganam.

Nellis chamou:

— Devemos nos envolver, Capitão?

Baylo olhou para Mace, que ergueu a mão.

— Aguarde, — disse o Mestre Jedi.

Ele esperou, até ver dois pequenos pods disparando através da confusão da estação espacial em direção à fragata. No cacofonia de naves, as

pequenas embarcações percorreram a maior parte da distância entre as duas sem provocar resposta.

— Eles não atiraram neles, — disse Nellis.

— Está certíssimo. — Baylo sorriu admirado para Mace. — *Você* estava certo!

O Mestre Jedi também estava satisfeito, porque esses veículos continham dois agentes muito importantes, Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi. Mas antes que os pilotos dos pods pudessem fazer os seus trabalhos, eles tinham que chegar o resto do caminho sem serem notados. Observou enquanto a *Aleatoriedade* se movia, liderando a massa da força expedicionária para longe da estação e em direção a Kwenn.

— Atrase a *Aleatoriedade* no caminho, Capitão. Não mais do que isso.

— Ela é da classe *Pelta*, independentemente da idade, — disse Baylo. — Podemos até conseguir cuspir nela. — Ele olhou para Mace. — Espero que você esteja certo sobre isso.

Veers chamou:

— Devo transmitir uma mensagem dizendo aos piratas para partirem, Capitão?

Baylo riu.

— Claro, garoto, isso vai ajudar. — Ele olhou para Mace e apontou o polegar para o jovem. — Estou te dizendo. O seu próximo Chanceler.

Mace já estava correndo.

— Estou indo pro meu caça. Que a Força esteja com todos vocês!

—

ABAIXO EM KWENN, Kylah Lohmata cerrou os dentes, novamente. Estava cheia de raiva a cada minuto acordada desde que deixou Valboraan. A segunda traição de Zilastra foi ruim o suficiente, mas Burlug, o seu outro protetor presumido nos Caminhantes da Fenda, decidiu que a sua lealdade estava com a chefe. E os dois frequentemente deixavam Kylah sob os cuidados de alguém que ela não gostava nem um pouco, o droide assassino IK-111.

Eles a trouxeram com eles para Kwenn como mais uma peça de bagagem, e o carregaram da mesma maneira desrespeitosa para o esquife *Pelágico* para a viagem até a arena. Kylah estava exposta aos elementos, com as mãos algemadas e a boca amordaçada, sob o olhar de IK-111 enquanto Burlug escutava por notícias de Zilastra.

Havia trinta segundos desde que Zilastra havia falado pelo comunicador.

Kylah gritou, mas nenhuma palavra saiu, e não estava falando nada específico de qualquer maneira. Era um grito de traição, um pedido de ajuda. Um chamado para Depa, cuja voz ela acabara de ouvir, que estava claramente viva.

Quarenta segundos.

Burlug se virou pra ela.

— Isso é ruim, garota. Me desculpe. — Ele se levantou...

E os olhos de Kylah se arregalaram. Gritou na mordaça. Burlug entendeu a ideia e olhou pra trás. Zilastra correu pela porta de acesso à manutenção para o esquife.

— Vai, vai! — A líder pirata pulou pra trás enquanto Burlug assumia a posição atrás dos controles novamente. Um solavanco, e o esquife girou e disparou à frente.

— Eu imagino que não tenha acontecido nada grave, — disse Burlug.

— Esquece isso, — disse Zilastra. — Tem uma batalha acontecendo. Vamos ver como está indo. — Ela se virou e encarou Kylah. — Estamos nos movendo. Ninguém pode te ouvir gritar agora.

Kylah tentou dizer o nome de Depa, uma e outra vez.

Zilastra mal entendeu a palavra abafada, mas aparentemente se importou o suficiente para se perguntar sobre isso. Ela removeu a mordaça.

— E a Depa?

Kylah respirou com dificuldade.

— Eu te disse... ela estava viva.

— Com o que está vindo para esta ilha? Não por muito tempo.

—

— ALERTANDO TODOS OS CANAIS oficiais! Os insurgentes tomaram o ar!

Em outro lugar em Kwenn, Saesee respondeu.

— Aqui é o Mestre Jedi Tiin. Eu não entendi tudo isso.

— Mestre, bom ouvir você. Aqui é o Patrulheiro de Tráfego de Kwenn. Os Infames estão liderando um ataque em direção à Corrente do Meio. E eles estão quebrando a lei, estão usando airspeeders para chegar lá! Cuidado!

Saesee ficou levemente divertido que no meio de uma invasão, a polícia estava preocupada com uma infração de trânsito. Mas ele não estava muito preocupado em enfrentar airspeeders. Ele desligou o transceptor e olhou para a frente através do para-brisa borrifado de chuva do caça estelar. *Nada preocupado mesmo.*

O proprietário do Kwikhaul, Fraxa, havia dito a ele que o seu caça estelar ARC-8 muito usado durante a Alta República, o que explicava o estado lamentável em que ela o encontrou quando o salvou. O seu trabalho de restauração ao longo dos anos tinha sido principalmente cosmético, e a maioria dos problemas reais do caça de oito asas estava além dos técnicos que ela havia recrutado de seu negócio de aluguel para resolver. Saesee os resolveu em suas poucas horas de folga no planeta, sob a condição de que ele pudesse fazer um voo de teste com o antigo.

Um voo de teste, pensou. Correndo pelas águas de Zyboh Key, ele viu os contatos sobre os quais havia sido avisado bem à frente. Invasores criminosos das ilhas do norte estavam se dirigindo para o sudeste, contornando as pontes enquanto se dirigiam para a Corrente do Meio, o conjunto de ilhas mais pacíficas de Gala a Langdam. À sua frente, Saesee viu um airspeeder tempestuoso após o outro, movendo-se da esquerda para a direita, até onde seus olhos podiam ver.

Ele ativou o transceptor novamente.

— Guarda Costeira, aqui é o Mestre Jedi Saesee Tiin.

Uma voz diferente respondeu.

— Você precisa de assistência, Mestre?

— Estou ligando para relatar aeronaves caídas na água. Alertem as unidades de recuperação.

— Recuperação? — O operador ficou surpreso. — Estamos um pouco ocupados, Mestre. Quando as aeronaves caíram?

— Começando em cerca de vinte segundos, com outra a cada dez.

— O quê? Quantas aeronaves estamos falando?

— Difícil dizer. Deixe-me retornar para você. Eu diria em cerca de cinco minutos...

CAPÍTULO 50

EM ÓRBITA DE KWENN

A vida de um Padawan Jedi era diferente da de um estudante de qualquer outra disciplina. Os aprendizes de poucas profissões se aventuravam em combate como parte de suas formações. E embora algumas outras ocupações envolvessem viagens de estudantes, Obi-Wan duvidava que muitos aprendizes se aproximassem de um planeta pousando em cima de outra nave estelar, que por sua vez estava cruzando a estratosfera.

Mas era exatamente assim que ele e Qui-Gon estavam se aproximando de Kwenn.

— Cuidado, Obi-Wan! — chamou o seu mestre através do seu fone de ouvido. — Corrija o seu alinhamento.

— Corrigindo! — Obi-Wan ajustou os controles no pequeno pod de trabalho. Descobria que a menor dos desvios poderia fazer o pod girar para um lado ou para o outro. Ele e Qui-Gon só tinham tido uma hora de treinamento nas naves de manutenção e tiveram sorte de terem conseguido tanto.

Após deixarem a companhia da *Garantia* sobre Valboraan, a sua nave tinha mal saído do hiperespaço sobre Kwenn quando veio a notícia das pessoas que acabaram de deixar. Os Mestres Billaba e Windu haviam percebido um novo perigo e tinham ordenado que não pousassem. Qui-Gon e o seu Padawan se dirigiram à Estação Espacial de Kwenn, onde lhes foi dito para aguardar novas ordens. Quando essas instruções finalmente chegaram, vieram acompanhadas de uma autorização de nível do Conselho para trocar a sua nave por dois dos pods de manutenção da estação.

Mace e Depa tinham acertadamente suposto que a nuvem de naves piratas pararia primeiro na estação para desativar o seu sinalizador de emergência. Isso deu a Qui-Gon e o seu aprendiz a chance de se lançarem nos pods em direção a uma das naus capitânias da aliança pirata. A *Aleatoriedade* tinha sido identificada como o alvo principal, e embora os dois não tivessem visto isso em Valboraan, a *Garantia* enviara muitos arquivos de identificação para estudo.

Obi-Wan só desejava que tivessem tido mais tempo para treinar nos pods de trabalho, que nunca foram projetadas para o que ele e Qui-Gon estavam pedindo que fizessem. Eles não costumavam viajar longas distâncias, nem eram projetadas para perseguição. E não havia proteção alguma. A *Garantia* pelo menos havia dissipado um pouco do calor ao seguir a *Aleatoriedade;* nenhuma das outras naves, na maioria controladas pelos antigos rivais dos Caminhantes da Fenda, parecia disposta a se aproximar.

Os pods certamente não eram destinados a entrar na atmosfera, como ele e Qui-Gon descobriram quando alcançaram a fragata. Encerrado numa câmara de passageiros não muito maior do que um armário de armazenamento, Obi-Wan lutava com os controles.

— Não teremos mais do que uma tentativa!

— Você sabe o que o Mestre Yoda diz sobre tentar, — respondeu Qui-Gon. — As asas da fragata estão em movimento. Vá agora!

Como em muitas das fragatas da classe *Pelta*, os estabilizadores traseiros da *Aleatoriedade* giraram para fora para viagens aéreas, criando uma superfície plana considerável em ambos os lados da torre de comando. Seguindo o exemplo de Qui-Gon pelo canto do olho esquerdo, Obi-Wan trouxe o seu pod para pairar logo acima e atrás da *Aleatoriedade* .

Durante o planejamento anterior, Qui-Gon havia aconselhado que eles precisavam pousar simultaneamente ou a fragata se sacudiria, possivelmente jogando ou atingindo o outro pod e, sem dúvida, alertando quem estivesse pilotando a *Aleatoriedade*. Mas se agarra a naves estelares era a única coisa para a qual os pods realmente foram projetados. Então, depois que Qui-Gon fez uma contagem regressiva, Obi-Wan conseguiu trazer a sua nave para um pouso magnético, violento.

— Contato!

— Cuide da sua altitude, — disse Qui-Gon. — Você sabe quando ir!

Obi-Wan verificou o altímetro que haviam adicionado aos pods, algo que um veículo projetado apenas para o espaço não tinha uso. Nem um pod exigia muita proteção contra reentrada, mas lá, as asas e os escudos da *Aleatoriedade* tinham sido úteis. Depois de uma viagem turbulenta através de chamas preocupantes, Obi-Wan viu o céu novamente. E quando viu o número certo no altímetro, abriu a escotilha.

O piloto da *Aleatoriedade* nivelou, cruzando o lado noturno de Kwenn numa altitude onde Obi-Wan não precisava mais do seu aparato de respiração. O que precisava era de uma maneira de permanecer na fragata apesar da velocidade extrema da nave. Encontrou isso num par de ganchos que permitiram que escalasse pra fora do pod e abraçasse o casco.

A sua travessia não foi longa, mas foi perigosa, e poderia terminar, junto com a sua vida, a qualquer segundo se a *Aleatoriedade* retornasse subitamente à órbita. Em vez disso, ela alcançou uma área de preparação no ar sobre um atol. Enquanto a nave circulava, Obi-Wan se dirigiu à porta de atracação à estibordo. Com uma mão pendurada num gancho, usou a outra para acionar o mecanismo de travamento com o seu sabre de luz. Um salto desafiador da morte, e estava dentro.

Depois de acionar uma porta de emergência, o barulho do lado de fora finalmente diminuiu. Exausto, Obi-Wan encostou-se ao anteparo, esperando até poder ouvir a sua própria respiração novamente.

Então ouviu algo mais, mais incrível pra ele do que qualquer uma das proezas que acabara de realizar. Estendeu a mão para o seu comunicador, pensando em enviar um aviso.

Então mudou de ideia. *Se Qui-Gon ouvir isso*, pensou Obi-Wan, *ele pode decidir sair da nave. Eu certamente gostaria de fazer isso!*

—

— E AÍ VEM MAIS chuva, — gritou Burlug.

— Não se preocupe com isso, — disse Zilastra. De pé a bordo do esquife do *Pelágico* enquanto cruzava a praça fora da Gala Key Arena, permanecia confiante, apesar dos contratempos inesperados.

Zilastra lamentava que a sua bomba estivesse fora de jogo, mas era apenas uma parte do seu plano. Os seus aliados estavam se aproximando de Capital Key, e eles já estavam nos terrenos do festival, lutando contra dois dos Jedi que haviam saído da arena. Mais forças estavam se aproximando das entradas, e embora estivesse surpresa por não estar vendo mais tiros de blaster, sabia que os números favoreciam os piratas. Se não pudesse eliminar o Conselho Jedi de uma vez, se contentaria em matá-los um por um.

E as coisas só iriam melhorar. Naquele momento, as forças de defesa envenenadas a bordo da Estação Espacial de Kwenn estariam se rendendo e, com sorte, morrendo. A polícia planetária estaria literalmente paralisada. Mais invasores estariam chegando pelas pontes e pela água, e do espaço. Era apenas uma questão de tempo e de manter o foco. O fato de ela não ter recebido atualizações sobre nada não falava de fracasso, mas de quão ocupados todos estavam. Zilastra não tinha perdido nada no planejamento. Toda a sua vida a tinha levado a esse ponto. O sucesso estava garantido.

Os céus finalmente despejaram chuva sobre ela. Deleitou-se com isso. Um tipo de tempo Nautolano, isso adicionava à miséria, à confusão, e ambos trabalhavam a seu favor.

— Você está louca, — gritou uma encharcada Kylah.

— Eu adoro isso, — disse Zilastra. Kwenn seria limpa dos Jedi, neste dia. E muito mais.

—

— HUMF.

Saesee Tiin há muito tempo era cético em relação à filosofia de design por trás da linha de caças estelares ARC. Por anos, alguns engenheiros estavam apaixonados pela ideia tola de que não havia número de asas que fosse demais para um caça; a sua pior expressão havia sido um lótus de

metal de doze asas de um fabricante que merecidamente já havia desaparecido há muito tempo. Em tempos mais recentes, os fabricantes haviam contido os seus instintos mais fantasiosos. Saesee achava que os novos modelos ARC mostravam muito potencial.

O ARC-8 vintage de Fraxa tinha clamado para ser testado se apenas pela novidade perversa. Um conjunto de asas que se separava, e depois se separava novamente, realmente fornecia a Saesee uma pulverização de armas muito mais ampla. Viu isso repetidamente enquanto disparava nos desafortunados airspeeders pegos em seu caminho. O ARC-8 oferecia um círculo completo de disparos de laser com um diâmetro igual à sua envergadura; apenas apontar o caça em qualquer direção perto de um inimigo geralmente resultava num acerto.

O design também fez da relíquia um terror estridente para se pilotar, já que o vento soprando sobre o oceano repetidamente tratava o caça de Saesee como um cata-vento. Uma e outra vez desde que alcançara o final da Corrente do Meio e virou de volta para o sudoeste, teve que forçar a alavanca de controle para o centro com tanta força que quase quebrou nas mãos. Que houvesse uma consequência para os seus disparos era óbvio. Pela quarta vez, o seu tiro planejado contra um airspeeder operado pelos Infames forneceu um acerto mais sólido.

— Desculpe! — Saesee gritou quando o seu alvo aéreo se desfez sob os seus ocupantes, enviando piratas rolando de cabeça pra baixo pelo ar e para o oceano. Esperava que sobrevivessem. Os piratas haviam respondido aos seus ataques anulando a sua vantagem: voando mais perto do mar e mais perto das linhas costeiras. Isso os salvaria.

Saesee tinha a vantagem, mas Plo Koon o tinha convencido da necessidade de misericórdia.

— Muitas dessas pessoas fizeram parte da sociedade civil de Kwenn uma vez, — ele tinha entoado. — Elas podem fazer novamente.

Se esse fosse o caso, Saesee pensou que via os elementos de uma futura reunião da Sociedade de Cidadãos de Bem se aproximando. Um pouso, em Gala Key, onde uma onda anterior de invasores se reunia para um avanço terrestre, provavelmente contra os seus colegas Jedi.

Uma rajada chuvosa que passava sobre a ilha atingiu o ARC-8 com força total, fazendo com que a nave girasse e a alavanca escorregasse de sua mão.

— Certo, chega...

— disse Saesee, retomando o controle e levando a nave em direção à costa.

Ele sobrevoou as cabeças dos insurgentes na praia e pousou o caça no primeiro terraço acima. Assegurada a posição elevada, ele saiu do caça, ativou o seu sabre de luz e atravessou a chuva batendo em direção às escadas que levavam à multidão avançando.

— *Jedi!* — gritou um dos Infames.

— Sim. — Saesee apontou pra trás com a mão livre. — O caça é emprestado. Ninguém o risca!

CAPÍTULO 51

A BORDO DA *ALEATORIEDADE*

SOBRE KWENN

De pé no corredor a bordo da *Aleatoriedade*, Obi-Wan esperava pacientemente enquanto as vozes ficavam mais altas, resignado ao que estava prestes a encontrar.

— ...pare de pensar pequeno, Ghor. Eu disse a você, se chegarmos lá primeiro, será uma grande coisa.

— Pra quem? Pra você?

— Você vai parar com o...

Obi-Wan ficou imóvel enquanto Lobber, Ghor e Wungo viravam a esquina. Ele acenou.

— Olá...

— *Gah!*

Surpreendido por Obi-Wan, Lobber deixou cair o que estava carregando. O Jedi o pegou com a Força. Ficou aliviado ao ver que era um datapad, e não um explosivo.

No entanto, Obi-Wan logo percebeu que tudo o mais que o trio tinha provavelmente *era* um explosivo. Os três usavam coletes sobrepostos com bolsas e pacotes, com bandoleiras de granadas por cima. O trio usava capacetes, cada um originado do que parecia ser sucata antiga de três exércitos diferentes.

— Vocês estão todos arrumados, — disse Obi-Wan.

— Parem de nos seguir! — Lobber gritou.

— Eu não estou te seguindo.

— Eu também não estou, — disse Qui-Gon, fazendo Wungo gritar. Tendo entrado pela escotilha no lado oposto da nave, os Jedi apareceram bem atrás dele. — Silêncio, — disse Qui-Gon. — Você não quer causar uma perturbação durante uma invasão.

Wungo encostou no anteparo e agarrou o peito perto do coração. Ou tentou, os pacotes explosivos estavam no caminho.

— Eu não aguento mais.

Obi-Wan não estava certo se também poderia, mas se lembrou de que Depa disse que os três haviam embarcado na *Aleatoriedade* no último minuto.

— Eu não achei que vocês ainda estariam com a nave.

— E por que não? — Lobber perguntou. Ele arrancou o seu datapad das mãos de Obi-Wan. — Nós somos pessoas muito importantes. Estamos indo com a primeira onda!

Qui-Gon assentiu.

— Eu suspeito que você esteja se referindo à força de invasão que vi se formando no porão enquanto passava por lá.

— Isso mesmo. Estamos na... como se chama?

— Van de guarda, — Ghor ofereceu.

Obi-Wan piscou.

— Você quer dizer *vanguarda*?

— Tanto faz, — disse Lobber. — Zilastra ficou muito impressionada com a nossa fuga da base em Valboraan. Então nós fomos promovidos!

Aquilo não fazia sentido para Obi-Wan.

— Nada foi dito sobre como o arsenal explodiu?

Qui-Gon o dispensou com um gesto.

— Não se preocupe com isso.

Wungo apontou para Lobber.

— Eu não recebo mais ordens dele, nunca mais. Mas eu recebo de Zilastra. Ela é assustadora.

— Ela está a bordo? — perguntou Obi-Wan.

— Eu não sei.

— Eu vi as suas tropas. — Qui-Gon apontou com o polegar pra frente. — Elas estavam todas viradas na outra direção. Você tem certeza de que está liderando?

— Nós teremos, — Lobber disse. — É por isso que voltamos aqui. Eles tentaram nos colocar no fundo, mas vamos sair pelo nossa própria escotilha. Vamos cumprir a nossa missão e estaremos a bordo antes de qualquer um!

Obi-Wan olhou nervosamente pra frente. Qui-Gon muitas vezes dedicava a sua atenção às formas de vida mais patéticas, mas aquilo era ridículo.

— Temos uma missão, Mestre. Temos realmente tempo pra isso?

— Sim, na verdade, pode ter, — respondeu Qui-Gon. Ele olhou para Lobber. — Qual é o seu objetivo?

Lobber bateu em suas pacotes.

— Demolições!

— Eu deduzi isso.

— Eles vão nos deixar em Capital Key, — disse Ghor. — Devemos entrar no prédio do governo principal, colocar as nossas cargas e sair.

— O prédio *principal* do governo? — Qui-Gon perguntou. — Pavilhão Kwenn?

— Não, não aquele.

— Posso? — O Mestre Jedi estendeu a mão para o datapad de Lobber.

— Ei, isso é classificado! — O Devaroniano puxou o dispositivo pra longe, apenas para perdê-lo novamente. Obi-Wan o pegou.

Leu e mostrou para Qui-Gon.

— O Ministério da Educação. Mais especificamente, o escritório do vice-ministro para a consolidação de empréstimos acadêmicos.

Qui-Gon assentiu.

— Isso *é* importante.

— Sim! — Lobber disse. Então ele olhou diretamente para Qui-Gon. — Não é?

— Eu não acho que vocês sejam cruciais para a missão.

Ghor, Wungo e Lobber olharam para ele e depois um para o outro com confusão.

Qui-Gon deixou claro.

— Zilastra está tentando matar vocês.

— De uma forma em que o sucesso ou o fracasso de vocês não importará, — disse Obi-Wan.

Lobber pegou o datapad de volta.

— Isso é ridículo.

— Oh, vocês causarão algum dano. Caos, com certeza, — disse Qui-Gon. — E ela provavelmente terá uma boa risada.

— Bobagem! Nós conhecemos a Zil. E vocês?

— Não, mas eu conheço o tipo. — O Mestre Jedi puxou o colete de Wungo. — Eles te disseram como preparar essas cargas?

— É claro que sim, — disse Lobber. Ele apontou para um bolso estufado em suas calças. — Nós temos os detonadores aqui!

Qui-Gon assentiu.

— Vocês pretendiam ativá-los já?

A mandíbula de Wungo caiu.

— O quê?

Qui-Gon virou uma das pacotes de Wungo.

— Elas parecem estar programadas. E já estão funcionando.

Ghor olhou fixamente e depois olhou para a sua.

— Elas estavam assim quando nos deram!

Obi-Wan cobriu o rosto com a mão.

Lobber, Ghor e Wungo se revezaram olhando para os pacotes que estavam usando.

— Não mexam com elas, — disse Qui-Gon. — Tenho certeza de que podemos ajudar.

A nave sacudiu. Obi-Wan chamou Qui-Gon para o lado do corredor.

— Mestre, — sussurrou ele, — temos uma missão. Não podemos deixar essa nave pousar. — Obi-Wan fez um gesto à frente. — Precisamos ir!

— Nossos amigos estão em perigo.

Obi-Wan arregalou os olhos.

— Nossos *amigos*?

— Você não está vendo, Obi-Wan. — Qui-Gon olhou para o trio briguento. — Esses sujeitos não foram repetidamente colocados em nosso

caminho por acaso. E você e eu não os deixamos ir todas as vezes para não aproveitar uma oportunidade agora.

Uma oportunidade. Obi-Wan olhou para os sequestradores uma vez desafortunados.

E com esse pensamento, ele teve outro. Aparentemente, ao mesmo tempo em que Qui-Gon.

Ambos deram um passo à frente.

Os olhos de Wungo estavam arregalados de pânico.

— Você disse que tiraria essas coisas de nós!

— Podemos, — disse Qui-Gon. — Mas temos algo em mente, primeiro.

Lobber olhou para ele com suspeita.

— O quê?

— Quando nos encontramos, vocês queriam entrar no negócio de adquirir naves estelares, sem o preço de compra. Mas vocês não tinham decidido pra quem estariam adquirindo.

— É mesmo?

Obi-Wan teve que fornecer a próxima parte, mesmo que não pudesse acreditar no que estava prestes a dizer.

— A Ordem Jedi gostaria de fazer negócios com vocês...

—

HÁ ALGO ERRADO.

A situação em Gala Key não estava mais clara do que o tempo, pensou Zilastra enquanto Burlug navegava o esquife pelos terrenos do festival. Muitos dos invasores haviam fugido derrotados, mas ainda mais estavam chegando a cada minuto, correndo em direção a uma arena que ainda estava de pé.

Mas essa não foi a única surpresa desagradável. Os carrinhos de vendedores da Cometa Saboroso estavam por perto, mas muitos foram abandonados, sem armas tiradas deles. E muitos veículos estavam na área trazendo civis para fora e defensores para dentro. As forças do comissário estavam presentes em maior número do que ela suspeitava que pudessem

reunir. E muitos dos abrigos nos terrenos fora da arena pareciam nunca ter sido ocupados desde o início.

Ela ainda não tinha visto onde Depa tinha acabado, mas ela tinha avistado dois Jedi em ação nos terrenos fora da arena. Adi Gallia e o alto Quermiano, que se identificou no palco como Yarael Poof. Os Jedi estavam cercados, mas lutavam ferozmente.

— Traga-nos de volta, — Zilastra ordenou ao ver uma passagem de pedestres à frente. Voltar para uma boa corrida de tiro poderia ser exatamente o que era necessário para superar os Jedi.

— Só um segundo, — disse Burlug, ajustando a direção do esquife. — Eu tenho que... *iiiiiii!* — O grande Feeorin deu um grito de surpresa enquanto Zilastra viu os dois pequenos Mestres verdes do palco, Yoda e Yaddle, saltarem em sua direção de uma passagem de pedestres.

Enquanto eles atingiam a frente do veículo, Burlug desviava. Zilastra disparou os seus blasters pra frente, apenas para os Jedi saltarem em uníssono. Desta vez, eles pousaram nas grades dos dois lados do convés no meio da nave. Preso entre eles, IK-111 mirou ambos os blasters e disparou à queima-roupa. Aparentemente do nada, ambos os Jedi produziram sabres de luz, e eles desviaram tiro após tiro com suas lâminas verdes, mais rápido do que Zilastra conseguia ver. Vários disparos passaram raspando por ela, forçando-a a se abaixar. Um tiro queimou o ombro de Burlug, enquanto Kylah se encolhia atrás de seu assento.

A barragem do droide durou alguns segundos antes de Yoda e Yaddle soltarem cada um uma mão de seus sabres de luz, e puxarem. Diante dos olhos de Zilastra, os blasters nas mãos de IK-111 pararam de disparar, como se puxados por uma força invisível. O droide lutou para soltá-los, e assistiu, atônito, enquanto seus braços se arrancavam de suas tomadas.

Zilastra começou a disparar os seus blasters em seu lugar, então, até que Burlug gritou. Por um segundo, pensou que ele tinha sido atingido por um tiro desviado, e olhou para ele. Foi quando viu a ponte. Outra passagem de pedestres levando à arena, bloqueava o caminho deles, e não havia como evitar. Jogou-se no chão um instante antes do topo do esquife bater contra a parte inferior da estrutura.

Quando abriu os olhos, o esquife ainda estava em movimento, mas as grades tinham desaparecido e tudo acima do torso de IK também. As pernas do droide se contorciam e se agitavam tontamente. Os dois Jedi não estavam à vista.

Correu para a traseira da embarcação procurando. Yoda e Yaddle haviam pulado para a segurança e já estavam enfrentando mais de seus aliados no chão perto da arena.

Burlug olhou pra trás pra ela, tão abalado quanto já o tinha visto.

— *O que foi aquilo?*

— A maré virando! — Kylah disse.

— Silêncio. — Zilastra avançou. — Vou verificar com o centro de comando. Alguma coisa não está certa!

—

A REPÚBLICA GALÁCTICA não tinha exército, e Plo Koon não era um general. Mas tinha a sensação de que se a Defesa de Kwenn fosse algum dia descrita pelos historiadores como um engajamento militar, ele seria considerado o líder da cavalaria móvel. Certamente a havia organizado.

O resgate oroko incomum à parte, ele e Saesee haviam passado toda a estadia no planeta ajudando a administração e a equipe da Kwikhaul. Eles haviam ajudado a empresa de aluguel de veículos a chegar a uma resolução amigável com os seus motoristas, e tinham trabalhado para modernizar e diversificar as capacidades de sua frota de veículos repulsores. E embora Saesee não tivesse exatamente dito a Fraxa, a proprietária, que pretendia levar a sua nave estelar premiada para a batalha, Plo tinha sido franco com todos na empresa quando se encontrou com eles na noite anterior.

O Dia da Celebração não se trataria de pegar corridas. Tratar-se-ia de fazer resgates.

Surpreendentemente, mais de 90 por cento dos motoristas concordaram em ajudar, começando com permanecer no complexo durante a noite para fazer preparativos. Isso também ajudou a manter o conhecimento dos planos de Plo em segredo. Seguro até que os Jedi na arena gritaram as cinco

palavras fatídicas, que todos os motoristas da Kwikhaul ouviram em seus veículos. Táxis que tinham todo motivo para estar na área, pegando corridas; táxis que estavam bem posicionados para realizar outros serviços quando se tornasse uma zona de batalha.

— Três pessoas na colina atrás do calçadão da estátua, — SK-89 relatou de sua estação diante do monitor no caminhão aéreo aberto.

— Unidade Quatro-Seis para a calçadão para recolher civis, — Plo disse em seu comunicador. De pé na parte de trás do veículo, ele manteve o equilíbrio enquanto Teeler, o motorista veterano que concordara em conduzi-lo, circulava os terrenos do festival. — Saiam ao sul do calçadão, Quatro-Seis. Insurgentes se aproximando do oeste!

De tempos em tempos, um landspeeder conduzido por piratas ou os seus aliados locais disputava com o caminhão speeder, tentando derrubá-lo. Quando as manobras evasivas não funcionavam, Plo o defendia dos disparos de blasters com o seu sabre de luz. E quando os tiros chegavam muito perto, geralmente estava perto o suficiente para saltar para o outro veículo, levando a batalha até eles.

E então era voltar a gerenciar uma força que estava em movimento, fazendo muitas coisas ao mesmo tempo. Havia enviado transporte para Piell e Eeth, ambos a caminho de pontos críticos; Yarael e Oppo acabavam de pedir outro. O primeiro de todos tinha ido até Depa, que tinha saído da arena em busca de Zilastra.

Pegou a última ligação de Depa diretamente.

— Você os viu? — ela perguntou.

Por tudo o que Plo sabia, os seus colegas já haviam enfrentado Zilastra, mas não era como se todos tivessem tempo para usar os seus comunicadores. Ainda assim, a sua rede era ampla.

— Os meus contatos ainda estão observando o esquife, — ele disse a ela por meio de seu dispositivo. — Estou te conectando a um canal separado, apenas para esses relatórios.

— Obrigada, Mestre.

— Boa caçada.

Plo se estabilizou e olhou de volta para a praça. Eeth e Piell ainda estavam nisso, ele podia ver, agora acompanhados por Yaddle e Yoda. Mais pessoas estavam correndo deles agora do que correndo em direção a eles.

E havia mais um membro do Conselho sobre o qual ele estava curioso.

— Saesee Tiin fez contato, — o droide relatou, como se fosse na hora certa. — Ele pousou. Ele tem enfrentado um grande número de malfeitores na costa norte.

Plo assentiu.

— Pergunte a ele se precisa que lutemos ao lado dele.

SK-89 enviou a mensagem e reportou de volta, vários segundos depois.

— Eu não entendi a resposta do Mestre.

— O quê?

— Ele perguntou se poderíamos enviar mais pessoas para lutar *contra* ele. — O droide olhou pra trás. — Eu interpretei errado?

— Não, você o interpretou exatamente certo, — Plo disse. — Diga a ele que Plo Koon diz para ser misericordioso.

CAPÍTULO 52

A BORDO DA *PELÁGICO*

KWENN

— Vossa excelência!

Ki-Adi-Mundi olhou pra fora do armário de manutenção.

— Sim?

O jovem humano com cinto de ferramentas parecia nervoso ao ver Ki-Adi-Mundi com os seus espinhos na cabeça, mas também intrigado.

— Eu sou, *uh*, o engenheiro de manutenção desta seção do *Pelágico*. Alguma coisa que posso ajudar a encontrar?

O Mestre Jedi o encarou com o melhor olhar hostil que conseguiu.

— Estou garantindo que esta embarcação não nos falhará!

O trabalhador de manutenção se encolheu sob o seu olhar devastador. Atreveu-se a responder.

— A barcaça passou em todas as inspeções. Quero dizer, *uh*, aquelas que os Reputações não pagaram para pular.

O olhar persistiu e foi acompanhado por um gesto de mão.

— *Você é solicitado nos deques superiores.*

— *Estou sendo solicitado nos deques superiores.* — O trabalhador recuou e partiu rapidamente.

Durante o tempo em que se passou por membro do Caveiras Empaladas, Ki-Adi-Mundi aprendeu que os espinhos na cabeça eram apenas uma expressão pessoal. O número não era nem uma patente nem um sinal de assassinatos cometidos ou qualquer outra estatística abominável. Mas os membros das gangues com as quais os Caveiras haviam acabado de se aliar

não sabiam disso, e tampouco a equipe regular a bordo do *Pelágico*. Pra eles, os excessos do amigo maquiador de Yarael o tornaram uma figura de certa importância.

E desde que os membros das outras gangues começaram a chegar ao Pub do Gutson, Ki-Adi-Mundi tinha tanta chance de encontrar um pirata que não era dos Caveira Empaladas quanto alguém que fosse. Esse fato significava que a sua farsa precisava continuar, mesmo que isso significasse perder o início oficial dos eventos na arena.

Nesse tempo, havia conseguido convencer várias pessoas de que pertencia ali, ao ponto de ter descoberto o papel pretendido do *Pelágico* na revolta. Os Reputações Sujas o aceitaram a bordo com o mínimo de malabarismo Jedi necessário, e ficou ainda mais evidente que a divisão na liderança dos Caveiras significava que até mesmo os membros dessa facção não estavam familiarizados com os próprios companheiros.

Desde então, tinha transmitido muitas informações para Plo Koon e os seus outros colegas, mas o tempo de coleta já passara. Ki-Adi-Mundi havia passado os últimos minutos abaixo do convés, procurando meios de frustrar as comunicações do *Pelágico* com os capangas piratas.

Encontrou a linha de comunicação principal numa cozinha de popa que não estava em uso. Ajoelhou-se para começar o seu trabalho quando outra pessoa o interrompeu.

Não era o trabalhador de manutenção.

— *Olá, querido!*

Ki-Adi-Mundi fez uma careta antes de acolher o pensamento de que Varralis havia se reconciliado com o marido e era altamente improvável que estivesse a bordo do *Pelágico*. Mas o que estava atrás dele era muito pior. Ele saiu para ver uma Chagriana idosa vestida com couro de Gundark tingido de preto esguicho. Viu que ela tinha feito o mesmo com os dentes. Levantou-se e limpou a garganta.

— Você estava me chamando?

— Polidez para um dos Caveiras. Eu sou Nanna Frouj. — Ela beliscou a bochecha dele. — Eu administro os Infames.

Pensou em fazer um comentário negativo refletindo que entendia a rivalidade entre suas duas gangues aparentes, mas tudo o que saiu foi:

— O que você quer?

— A guerra está se prolongando, — ela disse, soltando-o. — Não consigo que ninguém me faça um Tentáculo Flamejante!

Levou um segundo para Ki-Adi-Mundi processar a sua declaração.

— Isso é um refresco?

— Isto é um cruzeiro, não é? Um Caçador de Pod, um Estilingue Mandaloriano, qualquer coisa. — Ela enxugou o suor da testa. — Estou presa com a porcaria que trouxe a bordo!

O Jedi determinou que ela não devia ter desgostado muito, dada a embriaguez em que parecia estar.

— Os Reputações nunca deixam os Infames a bordo dessa coisa, dizem que somos ruins para os negócios. — Ela cuspiu no convés. — Quero dizer, sei que isso não é a *Halcyon*, mas tem que ter alguma coisa. — Ela olhou para o painel de acesso aberto e franziu o cenho. — O que você esconde aí embaixo?

— Nada. Estou, hum, procurando um refresco, o mesmo que você.

— Tratamento típico dos Reputações. Você até parece importante! — Ela estendeu a mão para tocar um dos espinhos em sua cabeça. — Isso é muito metal. Os Caveiras certamente conseguiram o que queriam contigo. Você quer se unir?

Repugnado, Ki-Adi-Mundi se afastou rapidamente. Então avistou a porta prateada do outro lado da cozinha.

— Sim! É o freezer.

— Ooh, faça-me uma Bomba de Gelo de Mygeeto! — Nanna disse. — Faz anos desde a última vez que tomei uma.

Ki-Adi-Mundi abriu a porta da unidade de refrigeração e foi recebido por uma rajada de ar frio. Depois de tanto tempo abaixo do convés, recebeu bem a mudança de temperatura. O mesmo não era verdade, no entanto, para a cola que segurava os espinhos que Nanna havia tocado em sua cabeça. Eles começaram a cair, um por um.

Olhou para eles e depois para ela. Ela riu, gargalhadas sinistras que o deixaram desconfortável.

— Parece que você acabou de ser rebaixado!

Ela parou de rir e produziu uma lâmina preta de sua manga. Ela avançou contra ele, o qual agarrou os seus pulsos e tentou empurrá-la pra trás, espantado com a força que ela estava demonstrando. Eles lutaram de pé por vários segundos, até virá-la e empurrá-la. Nanna caiu pra trás dentro do freezer, gritando. O som parou quando usou a Força para fechar a porta.

Selou-a e voltou apressadamente para o conduíte. Ele trabalhou por alguns momentos quando o seu comunicador apitou. Era Yarael.

— Ainda conhecendo pessoas novas e interessantes?

— De certa forma. — Ele olhou pra trás para o freezer. — O *Pelágico* é de fato o centro nervoso deste ataque.

— Excelente! Estamos indo na sua direção.

— Não há necessidade de pressa. Acabei de desativar as suas comunicações. Eles podem fugir, mas duvido que eu possa fazer algo a respeito disso. Acho que as minhas ações vão chamar a atenção antes que eu possa chegar aos motores.

— Não se preocupe. Oppo tem algo em mente.

— Diga ao Mestre Rancisis que aguardo ansiosamente.

Encerrou a ligação e começou a arrancar os picos restantes de seu crânio. Se a retribuição estivesse chegando, a enfrentaria como ele mesmo.

—

A TEMPESTADE SOBRE as Cidades Gemas havia atingido o seu clímax, mas a que estava a bordo da esquife estava apenas começando. Kylah pensou que Zilastra estava prestes a explodir. A sua ex-ídola havia levado Burlug à distração, ordenando-lhe que dirigisse o esquife pra um lugar e depois outro, para verificar a sua invasão.

Nada estava indo conforme o planejado. A *Aleatoriedade* ainda não havia desembarcado as suas tropas em Capital Key. Jodak ainda mantinha a fragata circulando sobre o oceano ocidental, esperando que o sistema de

tempestades sobre as ilhas se dissipasse. Descobriu-se que uma embarcação dedicada à pirataria espacial não era a melhor escolha quando se tratava de entregar tropas de ataque.

Além disso, relatórios indicavam que mais da metade dos veículos de ataque da Corrente de Barlavento estavam na água. Aqueles que haviam desembarcado aparentemente tinham encontrado uma 'oposição Jedi'. Essa era a mensagem inteira. Zilastra não sabia se era um ou cem.

Pelo que Kylah podia entender, o número não fazia diferença. Singular ou plural, onde quer que os Jedi estivessem ativos, os piratas estavam em desordem. Não perdendo, pelo menos ainda, mas as vozes que Zilastra estava ouvindo estavam ficando mais frenéticas.

Até que pararam.

— Onde está a mensagem confirmando a tomada da estação espacial? Deveria tê-la recebido até agora.

— Talvez haja interferência, — disse Kylah, tentando ser o menos útil possível.

— Deveria ter sido uma vitória fácil. E agora o *Pelágico* não está respondendo.

— Este é o esquife deles, — disse Burlug. — Você tentou o de bordo?

— Claro que tentei o de bordo! — Zilastra martelou no dispositivo embutido no console. — Não estamos recebendo nada!

— Interferência, — disse Kylah. — É mortal.

Zilastra se aproximou dela e gritou.

— Vou te jogar pela borda!

— Não, você não vai. — Kylah encarou-a. — Depa não gostaria. Ela e os seus amigos estão desmontando o seu plano. — Ela sorriu. — Ela vai chegar até você. Seja paciente.

Zilastra soltou um grito primitivo. Levantou a mão para bater na garota, e Kylah recuou. Mas a pirata parou subitamente e recuou a mão.

— Ainda vou vencer. — Zilastra voltou a monitorar.

Kylah rangeu os dentes. *Depa, onde quer que você esteja, não pare de procurar!*

—

NOS TERRENOS fora da arena, Adi Gallia desviou um raio de blaster atrás do outro. Saltava repetidamente, envolvendo os bancos, fontes e pedestais de estátuas da praça em suas acrobacias. E invocava a Força para ajudá-la, empurrando os seus oponentes para longe ou para o chão.

A sua vida não tinha sido inteiramente sem ação. Mais recentemente, havia pegado em armas contra os atacantes de Lyal Lunn. Mas isso era diferente. Um lembrete de tempos anteriores em outros mundos, quando ser um Jedi significava mais do que meditação e burocracia. Lugares onde vidas dependiam do que ela fazia no próximo instante, e realmente podia ver os resultados.

E ainda assim, quando meia dúzia de inimigos desistiram de atacá-la e começaram a fugir, suas responsabilidades mais elevadas falaram com ela. E sabia que tinha que falar com os seus colegas.

Viu Yoda e Yaddle do outro lado do campo, o par tendo acabado de ter um alívio semelhante.

— Mestres, uma palavra!

Seus anciãos se aproximaram dela.

— Sim, Mestra Gallia? — Yaddle perguntou.

— Devemos pensar no amanhã.

Yoda olhou para Yaddle e depois para Adi.

— Um estranho momento para prognósticos, este é.

— Eu sei, — disse Adi. — E viemos aqui *não* para lidar com o futuro. Mas devemos. — Ela apontou para os muitos piratas feridos ao redor. — Precisamos oferecer aos membros dessas gangues uma saída. O seu ataque está quebrado. Pessoas inocentes vão sair da arena, dessas tendas, de suas casas mais cedo ou mais tarde. Se forçarmos os insurgentes a última resistência, eles vão encontrar as ilhas cobertas de corpos. Somos defensores, isso é tudo.

Yaddle assentiu.

— Concordo. Estamos limpando as zonas de batalha, não as vasculhando. Podemos ajudar os oficiais de aplicação da lei de Kwenn

assim que a paz for restaurada.

— Informarei as autoridades, — disse Adi enquanto alcançava o seu comunicador.

E deixarei o Chanceler ou o Senado descobrirem por outra pessoa!

CAPÍTULO 53

JUNTO COM A *PELÁGICO*

KWENN

Oppo Rancisis encontrou o esforço de seus colegas durante a sua visita a Kwenn profundamente gratificante. Sabia que eles não tinham feito tudo por ele, mas havia associado o mundo a si mesmo a tal ponto que parecia. Não era apenas a defesa animada que estavam fazendo agora, mas também as pequenas coisas que levaram a isso, como o trabalho de Plo Koon e Saesee com a companhia de transporte.

Um de seus projetos que havia se concretizado era a conversão de um veículo de turismo para que operasse igualmente bem em terra e na água. Além de ser anfíbio, tinha o benefício de ser leve e relativamente rápido, enquanto o seu convés aberto permitia que o seu corpo se esticasse confortavelmente por todo o comprimento.

Menos confortável era Yarael, que estava curvado sobre os controles como um adulto operando um brinquedo infantil. Ele também estava encharcado pela chuva. Sobre o barulho do motor correndo pela superfície do mar, ele gritou:

— Me diga de novo por que mandamos o motorista sair?

— Os motoristas da Kwikhaul já se arriscaram o suficiente. Você sabe do perigo que estamos enfrentando!

— Na verdade, eu não sei!

Não houve tempo para Oppo explicar totalmente seu plano a Yarael, e ele duvidava que o seu colega acreditaria nele de qualquer maneira.

— O Mestre Ki-Adi-Mundi relata que o centro de comando está bem defendido. Eu não arriscaria outros num ataque frontal.

Yarael apontou pro céu.

— E quanto ao Mestre Windu? Ele tem uma nave de guerra!

— Ele está muito ocupado. E um ataque de turbolaser numa nave civil, mesmo uma com os passageiros que carrega, é algo que eu não posso tolerar. E se você não esqueceu...

— Ki-Adi-Mundi ainda está a bordo.

— Se você sabe, por que reclama, velho amigo?

— É a vontade da Força. — Yarael levantou o seu comunicador. — Você ainda está conosco, Mestre?

— Você poderia dizer que mudei de ofensiva para defensiva, — respondeu Ki-Adi-Mundi pelo comunicador. — As minhas ações a bordo do *Pelágico* causaram grande confusão. Alguns dos líderes estão confrontando uns aos outros. E todos estão me procurando.

— Onde você está agora?

— Enquanto eles não procurarem por alguém deitado sobre as velas voando acima da nave, eles não me encontrarão. Eu simplesmente preciso que os meus queridos amigos não direcionem uma nave de guerra para atirar em mim.

O sorriso de Yarael se desfez.

— Você ouviu isso, né?

— Seja qual for o seu plano, esteja pronto. Os motores estão começando. Eles podem ter decidido que é mais seguro longe da costa.

Oppo tentou ao máximo filtrar as distrações. A sua cabeça pendia sobre a lateral do veículo de turismo, olhando pra baixo para a água. A nave não estava tocando a superfície, mas o seu ruído provavelmente estava, e a sua sombra certamente era visível de baixo.

Viu outra sombra, abaixo.

— Pare!

O veículo diminuiu até pairar no lugar.

— É isso.

Plo transmitiu a notícia.

— O *Pelágico* está se retirando. Fazendo uma viagem para o mar aberto!

— O erro deles, — disse Oppo. Ele respirou fundo e tirou a sua capa. Então mergulhou na água, com o seu corpo serpenteando sobre o lado enquanto descia.

Gala Key separava a sua localização de Malbaira, onde os depósitos de nódulos de oroko haviam sido saqueados. Mas esse não era o lar deles, como havia descoberto dias antes. Gala Sound era o território de casulo, e enquanto Oppo via vários oroko abaixo da água, o ser que ele procurava veio cumprimentá-lo.

Kooroo-coo. Eu disse que visitaria novamente.

As suas palavras eram pensamentos, passando como tentáculos através da Força, e enquanto afastava o cabelo do rosto, a grande criatura nadava ao lado dele. Oppo segurou o oroko de perto e se concentrou. Percebeu que teria que comunicar algo complicado. Kooroo-coo entendia que o Mestre Jedi era um ser separado e consciente, mas caracterizar a balsa a vela como uma embarcação para outras criaturas era outro salto intelectual.

Um salto. Isso foi o começo. O oroko precisava de ar e sabia que Oppo também precisava. Kooroo-coo irrompeu da água, e ele e grande parte de seu volume, seu passageiro incluído, permaneceram no ar por vários segundos, tal era a sua força. A criatura voltou pra baixo. Após dois desses saltos, Oppo o conduziu para uma posição onde podia ver a balsa a vela avançando pelo som.

Olá, meu amigo.

Um som de woot da criatura significava algo como reconhecimento.

Aquele não-carne está roubando os seus nódulos!

Uma série de gritos, e o oroko partiu, correndo em direção ao *Pelágico*. E não apenas Kooroo-coo: Oppo percebeu que várias das feras estavam flanqueando-os, seguindo o exemplo de seu proctor.

A menos de cem metros do cassino em alta velocidade, Oppo antecipou outro mergulho e inspirou o mais profundamente que pôde. Kooroo-coo mergulhou fundo, carregando o seu cavaleiro consigo. Tão abruptamente, o oroko rolou e encontrou a grande sombra cruzando acima. A criatura

disparou pra cima em direção a ela, um míssil de escamas lançado do oceano.

O oroko quebrou a superfície e perfurou o coxim de levitação do *Pelágico* num único ato. A sua carapaça bateu com força no casco da embarcação com um estrondo colossal. Os seus companheiros impactaram em seguida, mesmo enquanto Oppo, se agarrando pela vida, cavalgava Kooroo-coo de volta pra baixo.

Sim! Ataquem o ladrão não-carne. Barrem-no de suas águas!

Após mais dois golpes, Oppo interrompeu suas sugestões tempo suficiente para o oroko emergir na esteira da embarcação. Mas os companheiros de Kooroo-coo continuaram os seus esforços. Espancada por baixo, o *Pelágico* saiu de seu coxim e virou de lado na água. Oppo assistiu enquanto Ki-Adi-Mundi voava das velas para as ondas.

— Rápido, — Oppo disse em vez de pensar. Ele e o oroko alcançaram o seu colega momentos antes da chegada de Yarael com a embarcação de turismo.

Oppo uma vez havia visto um oroko em suas últimas agonias. O *Pelágico* estava passando pelos mesmos movimentos. Os geradores de repulsão gemiam enquanto continuavam tentando operar, mas tudo o que faziam era fazer a embarcação girar no lugar. Após um minuto de movimento, Oppo viu ocupantes lutando para sair. Eles pareciam enfermos.

Acima, a última chuva parou, embora os Jedi encharcados mal notassem. Acariciou o lado da criatura.

— Obrigado, Kooroo-coo. Antes, falhamos em proteger o que você valorizava, e mesmo assim você me ajudou a salvar o que eu valorizava. O seu valor é verdadeiramente é uma alma maior.

Não achava que o oroko entenderia. Mas algo na Força lhe disse o contrário.

—

DE UM LUGAR DE ESTACIONAMENTO em um promontório perto do mar, Zilastra observava o destino do *Pelágico* através de seus

macrobinóculos. Encontrou a sua mente vagando, perversamente, para uma visita a ele anos antes. Naquela época, havia aprendido que os Reputações não administravam um jogo justo, que além da taxa abusiva que tiravam de cada jogo, eles também tinham jogadores 'cúmplices' que trabalhavam diretamente pra eles. Isso a enfureceu. Não pela ofensa contra o jogo; a casa merecia o que pudesse conseguir. Era mais que as autoridades haviam decidido que seria uma perdedora antes mesmo de virar uma carta.

Assim como os Jedi.

Havia pensado em virar a mesa naquela época, matar todos. Agora, enquanto olhava pra baixo do esquife, ela imaginava que todas as mesas de jogo no cassino haviam sido viradas. Cartas, créditos, fichas por toda parte. Eles haviam enganado os seus últimos otários.

E todos eram perdedores. Cinco gangues agora estavam unidas. Todas na água, nadando para longe ou se agarrando ao cadáver do que seria o centro de comando, todas dispostas a aceitar qualquer ajuda que pudessem obter de quem estivesse disposto a oferecê-la. Isso incluía vários civis, que tinham saído do esconderijo para oferecer assistência. Era o tipo de espírito que ela precisava eliminar para transformar Kwenn na capital do Estado Livre de Zilastra.

Mas de alguma forma, as pessoas resistiam. Elas tinham esperança.

Baixou os macrobinóculos e sentou-se no banco ao lado de Burlug, derrotada.

— Você quer ir? — ele perguntou, o motor funcionando. — A *Aleatoriedade* provavelmente pode entrar agora.

Kylah estava, para variar, em silêncio. Zilastra pensou sobre as suas opções.

Olhou pro lado. Através da neblina, as nuvens se dissiparam. Capital Key e o Monte Santuário entraram em vista.

Levantou-se e estalou os dedos.

— Ainda podemos conseguir nossa vitória. Me leve ao entreposto Jedi!

CAPÍTULO 54

A BORDO DA *ALEATORIEDADE*

SOBRE KWENN

— Finalmente, consigo ver algo lá embaixo, — reclamou o piloto da *Aleatoriedade*, — e agora Zil quer que eu faça uma parada antes. Essa operação toda está uma bagunça!

— Concordo plenamente. — Avançando pela ponte da fragata, Qui-Gon Jinn se aproximou do imenso piloto, que mal cabia na enorme cadeira em que estava sentado. — Você é Jodak?

O piloto parou de inserir coordenadas e virou-se. Mais alto do que Trandoshanos ou Saurinos, os Yinchorri tinham focinhos lisos e leitosos; o do piloto se destacava por baixo de sua máscara como se estivesse saindo de uma concha.

— Eu sou Jodak, — ele resmungou. — Quem quer saber?

— Um soldado sem rosto para a causa, — disse Qui-Gon, batendo no peito com a sua armadura. Ele e Obi-Wan haviam trocado de roupa para se misturar com os passageiros aguardando implantação em Capital Key. — Meus companheiros de viagem me elegeram para representar os seus interesses a você.

Jodak o encarou e olhou ao redor para os outros Caminhantes da Fenda que manejavam consoles.

— Ele diz que foi eleito. Peguem esse cara!

Risadas vieram deles. Qui-Gon continuou.

— Eles gostariam de fazer uma reclamação. Parece que estamos circulando por um tempo muito longo, em condições apertadas.

Jodak se levantou, imponente sobre Qui-Gon.

— Eu disse isso. Tirem esse cara *da minha ponte!*

Qui-Gon levantou a mão, impedindo qualquer movimento de Jodak ou de sua tripulação.

— Há um problema de segurança que você deveria saber.

— É mesmo?

— Como eu disse, vocês estão circulando por um longo tempo...

— Isso é para a *sua* segurança, idiota. Acontece que a queda de rochas em Valboraan destruiu o nosso pacote de aviação. Com as correntes descendentes da tempestade, essa coisa poderia ter pousado com um baque. Você gostaria de fazer isso com um porão cheio de pessoas carregando bombas?

— Bem, isso faz parte do problema, como você verá. — Ele se virou e fez um gesto. Lobber, Ghor e Wungo entraram, seguidos por Obi-Wan.

Jodak não estava gostando.

— Oh, não. Tirem eles da minha ponte!

Lobber ficou ofendido.

— Somos Caminhantes da Fenda, não somos?

— Zilastra me avisou sobre vocês. Voltem lá pra baixo com os outros. A tempestade está terminando. Os desembarques começarão em breve!

— Não acho que haja tempo pra isso, — disse Obi-Wan. Ele virou Wungo e indicou um dos pacotes explosivos que ele estava usando. — Como você pode ver, um temporizador foi ativado aqui, uma hora após o início do seu ataque.

— Todas os pacotes têm isso, — acrescentou Ghor, girando para mostrar quantas cargas ele estava carregando.

O copiloto de Jodak olhou pra eles alarmado.

— É assim pra todas as tropas a bordo?

O piloto olhou furioso.

— Não. Era só para garantir que esses idiotas morressem. Ela achou que eles iriam vagar perdidos, procurando por seu alvo por pelo menos esse tempo. Ela estava cansada deles sobreviverem.

— Uma empregadora gentil e generosa, — disse Qui-Gon. — Devo dizer que gastamos boa parte dessa hora circulando.

— A tempestade está se dissipando. Os desembarques acontecerão a tempo, mesmo com a parada lateral que Zil pediu.

— Exceto agora que os meus amigos estão cientes da situação, eles percebem que não querem mais continuar empregados com você.

— Eles *o que*?

— Nós desistimos, — disse Lobber. — Eu jogo bombas. Não sou uma!

Jodak ficou irritado.

— Chega!

Mãos enormes e verdes se estenderam em direção a Qui-Gon. O Mestre Jedi rapidamente sacou e ativou o seu sabre de luz.

— Um Jedi!

— Dois, — disse Obi-Wan, ativando o seu. — Quero dizer, dois pelo menos do seu ponto de vista.

Jodak deu um passo pra trás e olhou para o trio carregado de bombas.

— Você não vai me dizer que esses três também são Jedi, vai?

Qui-Gon e Obi-Wan se olharam, sem palavras. Os outros não ficaram atrás.

— Sim, — disse Lobber. — Jedi!

— Eu gosto disso, — disse Ghor.

— *Mestre Wungo,* — disse o terceiro com reverência.

Qui-Gon os dispensou.

— Não, acho que não podemos passar por isso. — Ele encarou Jodak. — Meu aluno e eu viemos aqui com um aviso, mas também para negociar em nome desses companheiros.

— Negociar? — Jodak rosnou. — Eu tenho uma guerra para voltar!

— Não acho que você faria isso. Porque assim que Lobber e os seus amigos perceberam que os temporizadores das cargas estavam ativos, eles começaram a se livrar de algumas delas. — Ele acrescentou, de maneira bem direta: — *Por toda a nave.*

— Por toda a nave?

Lobber concordou.

— Eu não queria todas essas coisas em mim. — Ele mostrou os pacotes que estava usando. — Comecei com o dobro disso!

O copiloto de Jodak entrou em pânico.

— Bombas, com temporizadores, por toda a nave?

— Relaxe, — disse Jodak. — Podemos desativá-las.

Qui-Gon percorreu a ponte.

— Certamente você poderia desativá-las, se soubesse onde todas estão.

Jodak se virou para Lobber.

— É melhor você nos dizer.

— Eu desisti, lembra? — Lobber cruzou os braços. — Além disso, eu esqueço as coisas.

— Ele esquece mesmo, — disse Ghor.

Wungo assentiu.

— Nunca liga pra mãe no dia do nome dela. Realmente, é uma pessoa terrível.

Jodak apontou para a porta traseira.

— Eu tenho um porão cheio de pessoas, prontas para atacar. Eles ajudarão a procurar e cuidarão de vocês, Jedi ou não!

— Eles podem, — disse Qui-Gon. — Mas algo deu errado com as portas para esse setor da nave.

Obi-Wan assentiu.

— Ficaram fundidas.

Jodak o encarou.

— Fundidas?

— Sim. Suspeitamos de vandalismo.

Qui-Gon assentiu.

— Entendo que é muito comum entre os piratas.

Jodak ficou furioso por um momento, depois os seus braços caíram ao lado.

— O que vocês querem?

Qui-Gon tinha a resposta.

— Não é um problema. Ainda nos lembramos de onde todas as cargas estavam, e o meu parceiro e eu podemos desativá-las. Mas isso exigirá

concentração. Realmente não podemos ser perturbados.

Ghor se ofereceu,

— Há um porão de carga vazio.

— Excelente. Jodak, você e o resto da tripulação da ponte podem esperar lá, para a sua própria segurança, enquanto cuidamos desse assunto trivial.

Os outros membros da tripulação ficaram de pé, obedientes mas incrédulos diante de Qui-Gon.

— Vocês são Jedi, — disse Jodak. — E estão ajudando *eles* a sequestrar essa nave?

O Mestre Jedi olhou ao redor.

— Pelo que pude ver, esta embarcação pertencia a outra pessoa. Duvido muito que você a tenha obtido de maneira justa. Acho melhor que o Lobber e os seus amigos assumam o controle até que tudo isso seja resolvido.

Lobber avançou e empurrou o piloto pro lado.

— Saia do caminho, perdedor! — Ele olhou para Qui-Gon. — Podemos chamar a nave de *O Lobber*?

— Eu não concordei com isso, — disse Ghor.

— Se esse for o nome, — acrescentou Wungo, — estou desistindo, *novamente*!

Obi-Wan sorriu.

— Uma negociação de cada vez, amigos.

—

DEPA NÃO HAVIA chegado a Kwenn com todos os outros, mas certamente havia feito o passeio.

Foi atacada segundos depois de sair da arena, e quer Zilastra tenha planejado isso como tática para impedi-la de perseguir ou não, acabou funcionando assim. Libertando-se da confusão, aproveitou-se do landspeeder que Plo Koon havia fornecido para buscar em toda a Gala Key, seguindo pistas que haviam vindo de sua rede. Sempre chegava tarde demais.

Em várias ocasiões, pegou o rastro apenas para ter que deixá-lo para salvar inocentes do perigo. Em outras ocasiões, foi forçada a parar para se defender. Outros tiveram mais sorte do que ela; Yoda e Yaddle relataram ter encontrado um esquife e lutado brevemente contra alguém que correspondia à descrição de Zilastra. Eles não puderam persegui-la, mas confirmaram que a pirata ainda estava viva e que tinha uma cativa que também estava.

Mas com a luta em Gala Key terminando junto com a tempestade, os civis começaram a espiar de suas casas e os poucos abrigos que não haviam sido evacuados durante a noite. E embora o perigo para a população não tenha passado, Depa sentiu que o tempo para encontrar Kylah estava se esgotando.

Mais colegas estavam na praça fora da arena quando chegou.

— Ainda nada? — ela perguntou a Plo Koon.

Ele balançou a cabeça tristemente.

— Muitos precisaram ser resgatados, realocados. É possível que alguns tenham visto o esquife e não tiveram tempo de relatar.

— Se eles ainda estiverem nele.

Uma coisa era certa, porém: o esquife não retornaria ao *Pelágico.* Oppo, Yarael e Ki-Adi-Mundi ainda estavam lá, pescando pretendentes a conquistadores mundiais da água; muitos tão determinados a possuir este mundo oceânico nunca aprenderam a nadar.

Observando Adi Gallia trabalhando com os guardas locais, Depa olhou pra baixo. A responsabilidade pesava. Ainda havia batalhas em todas as ilhas para lutar, e tinham poucos relatos dos confrontos no espaço. Por mais que ela sentisse que Zilastra representava um perigo, para Kylah e todos os outros, era obrigada a se juntar aos colegas para colocar o planeta em ordem.

— Nave chegando! — Yaddle chamou.

Depa ouviu os motores gritando quando se aproximou e reconheceu o caça estelar danificado como o que havia pilotado em Valboraan.

— É o Mestre Windu!

Os Jedi limparam uma seção da praça fora da arena, criando uma zona de pouso. Mace estacionou a nave e saiu.

Yoda o cumprimentou primeiro.

— Não conseguimos alcançá-la.

Mace apontou para as marcas em sua nave.

— Meus retransmissores estão danificados, e o grande a bordo da Estação Espacial Kwenn está fora de serviço. Mas o cerco a ela foi quebrado, graças à *Garantia*, que lutou admiravelmente.

— Tenho certeza de que você também lutou, — disse Yaddle.

Mace lançou os olhos sobre Depa.

— Como foi?

Explicou que o plano de destruir a arena havia sido frustrado, mas que Zilastra escapara com Kylah.

— Não conseguimos encontrar o esquife.

— O meu caça pode ter gravado o tráfego numa área mais ampla durante a minha descida, — ele disse. — Isso, pelo menos, está funcionando.

Devolveu-lhe o sabre de luz e aceitou a oferta. Ela entrou na cabine. Enquanto Mace conferia com Adi e os outros sobre a situação em todo o planeta, deu uma olhada nos últimos minutos de dados gravados pelo Delta-7.

— O que é isso? — Ela refinou a visualização. Parecia que, em Capital Key, um contato aéreo estava se movendo lentamente pelo lado do Monte Santuário. Ligou para ver se algum dos contatos de Plo tinha uma visualização.

Ele retornou com o comunicador na mão pouco depois.

— Um motorista relata um esquife repulsor lutando para subir a montanha.

Yaddle descreveu o veículo que ela e Yoda haviam encontrado.

— Não é um verdadeiro airspeeder, subiria apenas com grande dificuldade.

Depa percebeu algo.

— Você moveu a caixa, aquele com a bomba, para o entreposto. Ainda está lá?

Adi assentiu.

— Não tivemos tempo de movê-lo. Um ataque era iminente. Foi o lugar mais longe de tudo que conseguimos pensar.

Depa entendeu. E ela entendeu outra coisa, e se sentiu enjoada.

— Eu disse a Zilastra que o levamos para um lugar seguro. Ela poderia ter facilmente adivinhado onde.

— Estou ligando para o senescal, — disse Eeth.

Seja qual fosse a intenção de Zilastra, Depa sabia que alguém precisava chegar ao entreposto rapidamente.

— Você disse que o Mestre Tiin estava em Capital Key?

— Na costa, — disse Plo. — O antigo que ele estava voando recusou-se a participar mais. — Ele apontou para o Delta-7. — Você está sentada na melhor condução disponível.

Os olhos de Depa se arregalaram.

Mace viu sua expressão.

— Vá.

— É seu caça.

— Você já está dentro. Você conhece Zilastra e o que ela pode fazer.

Sentindo-se igualmente preocupada e agradecida, Depa se acomodou e iniciou os motores. Ela olhou para o seu antigo professor.

— Você tem certeza?

Mace devolveu o seu sabre de luz para ela.

— *Ajude uma pessoa*.

CAPÍTULO 55

MONTE SANTUÁRIO

KWENN

Zilastra havia xingou tudo sobre os Jedi inúmeras vezes em sua vida. Mas nunca tantas vezes em tão rápida sucessão como durante a subida do Monte Santuário.

Os Jedi, duzentos anos antes, haviam construído uma estrutura bonita, mas desprovida de meios práticos de subida. Não havia distinção entre o cume da ilha artificial e o posto de pedra acima dele; nenhuma linha divisória onde um terminava e o outro começava, e certamente nenhum local de pouso para um speeder aéreo ou veículo. A única maneira de subir ou descer era um caminho estreito pavimentado que serpenteava até uma placa, sob a qual a área populosa de Capital Key começava. A única maneira do esquife percorrer essa trilha era se Burlug o carregasse nas costas.

Nenhum de seus capangas com veículos mais apropriados havia respondido; a maioria de suas opções foi perdida na carnificina da travessia anterior, e os sobreviventes estavam fugindo ou a ignorando. Então, eles subiram o Monte Santuário de lado, enganando os sistemas de repulsores esquife para pensar que o veículo estava tentando pairar lateralmente sobre um barranco, se um que fosse um quilômetro de altura, e por dez minutos. Os geradores do lado esquerdo gritavam devido à tensão, e houve vários lapsos momentâneos em que todo o esquife quase caiu.

— Finalmente! — Burlug gritou quando o esquife alcançou o trecho menor de planície que era o espaço de pouso entre a porta do posto e o

caminho pra baixo da montanha. O esquife resistiu a estar no local, uma saliência muito estreita para pousar. Ele só podia pairar ali, pressionando o lado direito contra a parede externa do posto. — Se você vai, vá!

Zilastra escalou a grade frontal e pulou no nariz do esquife. Escorregando pra baixo, bateu nas portas duplas, que se abriram contra o seu peso. Rolou pra dentro, caindo no chão.

Um Bimm idoso desceu a rampa que levava pra cima enquanto tentava se levantar.

— Você não pode entrar aqui!

Chutou-o no estômago, fazendo-o dobrar-se de dor. Quando ele fez isso, socou-o na cabeça. Sangrando, ele caiu no chão. Zilastra avançou e se ajoelhou sobre ele, com uma perna de cada lado do Bimm caído. Apontou um blaster para o rosto dele.

— Jedi?

Com dor e terror, sua vítima balançou a cabeça.

— Eu sou... o zelador.

— Tome cuidado, zelador. Se você estiver mentindo, morre. — Ela olhou ao redor. — Quantos outros estão aqui?

— Só... só eu.

Levantou-se e entrou na sala principal. Por toda parte, nichos contendo materiais de referência haviam sido talhados nas colunas. O conteúdo parava a alguns metros de altura, mas os espaços das prateleiras continuavam acima.

Voltou ao átrio e retomou a sua posição sobre o Bimm.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou.

— Senescal... Voh.

— Onde está?

— Onde está o quê? — Ele olhou ao redor freneticamente. — Não há armas aqui. Apenas conhecimento.

— Oh, há uma arma aqui. A caixa.

— O quê?

— A caixa. A caixa da Viagens Real. — Ela pressionou o joelho no pescoço dele. — Depa disse que os Jedi o levaram para um lugar seguro.

Foi aqui?

O Bimm tossiu.

— Foi.

Pressionou o joelho.

— É... foi.

— Onde? — Ela aliviou a sua pressão.

— Eu o movi. Pra cima.

— Pro alto? Com a grande luz?

Ele balançou a cabeça, lágrimas de dor e medo escorrendo dos olhos. — Eles me disseram... que era uma coisa perigosa. Que eles só a deixaram aqui... até que pudesse ser levada para fora do planeta. Para ser lidada.

Isso soou verdadeiro para ela. Os Jedi certamente estiveram ocupados.

— Eu estava com medo... de tê-la perto da minha biblioteca. Então eu a levei para o sótão. O espaço rastejante... logo abaixo do nível com o braseiro.

— Você é pequeno. Você carregou tudo o caminho?

— Eu tenho... um carrinho.

Olhou para a rampa e acenou com a cabeça.

— Voh, há um esquife pairando lá fora. Você vai rastejar por baixo até o caminho e descer a montanha. Se eu não encontrar o que estou procurando...

— Eu... eu entendo. Por favor, apenas me deixe ir.

Deixou, e ele se afastou, fazendo exatamente como ela disse.

Olhou para fora do esquife, onde Burlug franziu a testa.

— Um roedor acabou de passar por baixo de mim?

— Mais ou menos. Deixe-o ir. O que eu quero está lá em cima. — Ela estudou o esquife. Já havia feito uma ligação importante, mas dado quantas pessoas haviam falhado com ela, queria opções. — Aquele negócio vai aguentar?

Ele mexeu nos controles.

— Tivemos sorte de fazê-lo vir até aqui. Precisa se livrar de algum peso.

— Tenho algumas sugestões, — disse Kylah.

— Comece a arrancar as grades e jogar fora os assentos. — Ela olhou para Kylah. — Não vamos levar nenhum passageiro.

—

— POSTO AVANÇADO À FRENTE, — DEPA disse. Era por roteiro, mais do que para alguém; o comunicador do Delta-7 não estava funcionando, como Mace havia dito. E havia encontrado várias outras falhas em seu curto voo. Mace e a *Garantia* estavam realmente no meio disso.

Viu o esquife, oscilando loucamente enquanto tentava pairar no lugar do lado de fora das portas do posto. Burlug estava dentro dele. Quando ele viu a caça avançando, começou a disparar o seu blaster contra ela, enquanto mantinha a outra mão no manche de controle. Incapaz de dizer se Kylah estava no chão dentro dele, Depa decidiu não se envolver. Voou ao redor do prédio, fazendo um arco fechado de subida.

Não havia como pousar no telhado do posto; o peso do caça tinha boas chances de colapsar o topo do farol. Mas podia pairar sobre ele. Ajustou a nave no piloto automático e esperou que, pelo menos, isso estivesse funcionando. Abriu a cabine e lançou o cabo de emergência antes de sair. Não era provável que mantivesse a nave pairando exatamente no lugar em outra tempestade, mas era algo em que poderia subir de volta se necessário.

Ignorando o vento e a altura, pousou delicadamente no telhado do posto. Encontrou o painel de acesso em poucos momentos e desceu por ele. O caldeirão gigante estava diante dela: um disco de duraço dentro de um anel, queimava um gás com baixo teor de poluentes. A sala estava cheia de tanques de combustível, alguns grandes, outros pequenos.

Ouviu movimento por trás deles.

— Senescal?

— Sou eu, — disse Kylah. — Cuidado!

Depa mal teve tempo de ver a garota sentada no chão, algemada aos grandes tanques de gás, quando o primeiro tiro de blaster atingiu. Sacou e ativou o sabre de luz de Mace num instante, mas foi mais do que um golpe superficial, e cambaleou quando girou. De pé na entrada que levava pra

baixo, Zilastra disparou novamente contra ela com ambos os blasters, sem se importar com qualquer perigo representado pelos tanques de combustível atrás de Depa. Um tiro chamuscou a perna da Jedi; o outro, o braço.

Depa fez uma careta e concentrou toda a sua energia em empurrar, através da Força. As costas de Zilastra bateram na parede atrás dela. A Jedi girou, dirigindo o sabre de luz contra a corrente que conectava Kylah aos tanques de combustível.

— Está tudo bem, — Depa disse, atordoada. — Os tiros... não atingiram o combustível. Todos... me atingiram.

Na entrada, Zilastra se esforçava para se endireitar.

— Você está atrasada demais, Jedi!

— Dispare novamente... e você nos explodirá a todos!

— Oh, você explodirá. — Ela fez um gesto para a sala com um de seus blasters. — Eu mantive Kylah viva pra você, pensando que você viria. Mas não estamos mais jogando o jogo de reféns. Você verá quando...

— Cale-se! — Kylah gritou. Ela lançou um dos tanques usados na direção de Zilastra. Ele bateu contra a porta de pedra, passando por ela, mas isso tirou qualquer outra conversa da mente da pirata. Ela desapareceu, correndo pela rampa.

Depa se moveu para seguir, mas os seus ferimentos a desaceleraram. Kylah alcançou a porta primeiro.

— Acho que ela está indo embora, — disse Depa. — Você viu uma pessoa idosa?

— O Bimm? Ele já foi embora.

— Então está tudo bem. Eu te encontrei.

— Não está tudo bem. Ela encontrou a caixa.

Depa lutou para se concentrar além da dor.

— Ela tem a caixa agora?

— Não. Venha ver!

—

ZILASTRA CHEGOU ao fundo da rampa dentro do posto correndo, antes de perceber que precisava parar imediatamente. O nariz do esquife estava diretamente do lado de fora das portas, pendurado no ar enquanto Burlug, ainda a bordo, continuava a arrancar metal da embarcação.

Ele levantou uma chapa de duraço e a jogou para fora. Caiu pela montanha.

— Espero que você não estivesse procurando um lugar para sentar!

— Eu consegui o que queremos. — Ela acenou com o comunicador, aquele que não havia deixado na torre. — Depressa, a Jedi está lá em cima!

— O quê, Depa?

— Sim. — Ela se arrastou sobre a proa e para o esquife, que agora era pouco mais do que uma plataforma com um mecanismo de direção. — O Clandestina está com ela.

Burlug assentiu enquanto se dirigia aos controles.

— Ela está a tirando de lá?

Zilastra procurou uma maneira de se prender à embarcação diminuída. Não havia nenhuma.

— Zil, te fiz uma pergunta. A Jedi vai tirar a garota de lá?

— Estamos aqui para matar Jedi, Luggy!

— A Jedi, não Kylah. Quer dizer, eu fiz a coisa de intimidar quando você quis usá-la como alavanca ou isca. — Burlug olhou para o posto. — Mas imaginei que vocês duas se acertariam. Ela é só uma criança.

Gritou com ele.

— Que tipo de negócio você acha que estamos fazendo?

Ele ergueu a mão.

— Tudo bem. Você é a chefe.

— Você está certo. — Ela conferiu a hora. — Eu disse a *Aleatoriedade* para estar aqui agora mesmo.

Burlug olhou para o céu.

— Eu estive observando. Não vi...

— Espere! — Ela avistou a nave no horizonte oeste. — Perfeito! Jodak está a caminho!

— Ele pode não conseguir pousar na chuva, mas pode encontrar a maior montanha do planeta.

Zilastra riu.

— Vai dar tudo certo. Eles acham que ganharam agora. Mas em alguns minutos, todos verão o que eu fiz. E quando as nossas tropas tocarem o solo, eles verão que os Caminhantes da Fenda não precisam da ajuda de mais ninguém para conquistar este planeta!

CAPÍTULO 56

MONTE SANTUÁRIO

KWENN

Depa precisava da ajuda de Kylah tanto para sair da sala do farol do entreposto quanto para andar apenas alguns metros pela rampa. Mas foi até onde precisaram ir para encontrar o que Kylah queria mostrar a ela: uma abertura mal um metro de altura na parede interna da torre espiralada.

— É isso, — disse Kylah.

Depa já tinha visto aquilo antes. O senescal chamava de 'o seu sótão', um espaço de rastejo de manutenção sob o nível do caldeirão onde os canos que o abasteciam podiam ser atendidos. Até mesmo o Bimm teria que se dobrar para entrar na área, viu, e ninguém de estatura mais alta poderia entrar.

Ergueu o sabre de luz para a abertura. Podia ver o brilho, bem lá dentro.

— A caixa está lá dentro.

— Isso não é tudo. Quando ela estava me trazendo pra cima, Zilastra ligou um comunicador e o jogou lá dentro, bem longe. — Os olhos de Kylah estavam arregalados. — Ela vai...

— Eu sei. Mesmo jogo, mesmo estratagema.

Kylah abaixou-se e subiu para o espaço.

— Eu posso pegar!

Depa tentou alcançá-la.

— Não, não!

A garota olhou pra trás.

— Eu consigo fazer isso. Eu passo por espaços pequenos no escuro o tempo todo! — Ela abaixou a cabeça sob um cano. — Só precisamos pegar

a caixa, ou encontrar o comunicador!

Elas estavam ambas muito dentro, Depa viu. Zilastra não perderia tempo, e provavelmente já estava a caminho de sair do prédio.

— Volte, Kylah!

— Zilastra disse que este prédio é a sua casa. Você tem que salvá-lo!

— Temos que nos salvar. Você me salvou. Eu tenho que salvar *você*.

— Eu roubei a caixa uma vez. Posso fazer de novo!

— Não mais! — Depa estendeu a mão com a Força e agarrou Kylah. Ela arrastou a menina para perto dela.

— Eu consigo!

— Não mais, — Depa disse, agarrando as suas pernas e puxando-a para fora. — *Isso para*.

Segurou Kylah por um segundo. A menina tinha lágrimas nos olhos.

— Precisamos sair daqui. — Kylah olhou pra cima. — Você veio em algo?

— Eu não acho que consigo voltar lá em cima, — Depa disse, segurando o meio do corpo. — Eu não acho que consigo te pegar...

Ela parou. Havia algo mais no espaço do sótão, logo dentro da abertura. *O carrinho da biblioteca!*

Ela mergulhou dentro e o puxou para fora. Deve ter sido como o senescal levou a caixa até aqui.

— Você viu o caminho até a montanha, certo?

— É uma grande espiral, — disse Kylah. — Como esta rampa vezes cem.

Depa examinou o antigo veículo. O senescal preferia isso, sabia, porque conseguia fazer a curva torcida usando a alça de puxar no caminho pra cima e empurrando pra baixo no caminho pra baixo.

Depa usou o seu sabre de luz para cortar a prateleira superior do carrinho, transformando-o numa carroça. Ela se sentou no carrinho.

— Aqui!

Kylah entendeu.

— Você está falando sério?

— Totalmente.

A garota se sentou na frente dela.

— Pegue a alça. Você vai ter que guiar, — disse Depa. — Vou tentar manter longe das paredes o melhor que puder.

— Mas e se o esquife estiver lá fora?

— Então não se esqueça de se abaixar!

—

TÃO FELIZ QUANTO Zilastra estava ao ver a *Aleatoriedade* se aproximar, não conseguia entender por que Jodak não estava respondendo às suas chamadas. A nave se aproximava da montanha como se fosse pilotada por um droide seguindo um curso programado.

A fragata parou no ar, a duzentos metros a oeste do entreposto, e pelo menos vinte metros acima de suas cabeças.

— Você acha que ele está bêbado de novo? — Burlug perguntou. — Eles não nos veem?

— Jodak! Desça e se aproxime. Estamos bem na frente da porta!

Nenhuma resposta.

Burlug cobriu o rosto.

— Acho que o que aconteceu em Valboraan quebrou o cérebro dele. Ele tem medo de se aproximar de qualquer terra.

— Jodak, ou quem quer que esteja lá em cima, estou dizendo pela última vez! — Ela tremia enquanto segurava o comunicador. — Abra a comporta do ar a bombordo e desça até nós!

Ainda nada.

Quando o movimento veio, foi de Burlug. Ele se levantou.

— Enquanto estamos esperando, vou buscar a garota.

A cabeça dela se virou pra ele.

— Não!

— Eu posso fazer isso. — Ele subiu na proa, seu peso pesado fazendo o esquife balançar no ar. — Vou entrar, tirá-la. Estamos fora.

— Você vai embora! A Jedi ainda está viva lá dentro!

— E a Clandestina também! — Burlug começou a virar em direção à porta do posto, apenas para Zilastra tomar o seu lugar atrás dos controles. Ela acelerou os motores, fazendo o esquife saltar violentamente. Burlug perdeu o equilíbrio e acabou pendurado na frente do esquife.

— O que você está tentando fazer? — ele gritou.

— Segure-se! — Confiante de que ele estava segurando, acelerou os controles, fazendo o esquife se afastar da encosta da montanha. Sem estar mais sobre a terra, os seus geradores de repulsão se esforçaram, mas esperava que fossem bons o suficiente para o que precisava.

Enquanto Burlug tentava subir na proa, guiou o esquife pra cima e em direção ao *Aleatoriedade* que estava esperando. Varrida pelo vento, a Feeorin gritou:

— Os motores estão destruídos, Zil! Você não pode...

Sorriu enquanto segurava o manche.

— A escotilha está abrindo! Está abrindo!

O esquife balançou no ar a poucos metros da *Aleatoriedade*. Ela poderia fazer Burlug subir a bordo e depois a si mesma. E já havia pessoas na comporta de ar, esperando para ajudá-los, *Não*.

— Bem-vindos à nossa nave, — chamou Lobber.

— Obrigado por se inscrever, — gritou Ghor.

— Receio, — gritou Wungo. — Receio de que estejamos cheios!

Eles recuaram pra dentro e a comporta de ar bateu.

Zilastra gritou de raiva, as suas mãos poderosas esmagando o manche de controle e o quebrando em pedaços. De repente sem controle, o veículo virou, jogando-a de lado e fazendo outra coisa. Burlug gritou quando foi lançado para o azul.

— *Luggy!*

O Feeorin já tinha caído centenas de metros quando o avistou, caindo. A última coisa que viu dele foi quando ele bateu na encosta da montanha.

— Não, não, não! — Zilastra olhou para a *Aleatoriedade*, que estava subindo rapidamente mesmo enquanto o esquife continuava a girar. Não havia nada que ela pudesse fazer, exceto uma coisa que ela tinha vindo fazer.

Encontrou o seu comunicador, chamou o que havia abandonado e gritou:

— *Os Jedi estão com vocês!*

O posto explodiu, os níveis superiores se despedaçando num flash cegante. A onda de choque pegou o esquife, e o mundo de Zilastra foi do branco para o preto.

—

— AÇÃO EVASIVA!

Na ponte da *Aleatoriedade*, Qui-Gon rapidamente colocou a fragata em movimento enquanto Obi-Wan levantava os escudos da nave. A explosão era uma possibilidade, sabia; ao informar Mace sobre a tomada da nave, alertou-os de que Depa havia ido ao entreposto, procurando por um explosivo. Como o último curso de Jodak estava levando a *Aleatoriedade* para o mesmo lugar, eles seguiram junto.

Mas demorou mais do que esperavam para contornar as autorizações de Jodak. O suficiente para que, antes que a *Aleatoriedade* pudesse se aproximar da torre e do caça estelar ainda pairando, o posto explodiu, consumindo o Delta-7 na explosão.

Mas enquanto o restante do edifício de pedra desmoronava em nuvens, Qui-Gon não estava pronto para desistir.

— Estamos abalados, mas não danificados, — disse Obi-Wan.

— Então segure-se em alguma coisa. Estamos indo!

—

DEPA SEMPRE suspeitou que houvesse um ponto no ciclo de vida da maioria das espécies em que uma experiência ruidosa e emocionante deixasse de ser agradável e se tornasse uma coisa a ser temida. Também notou que o treinamento Jedi tinha o efeito de atrasar essa mudança, às vezes indefinidamente.

Não conseguia se lembrar de um momento em sua vida em que teria gostado da perspectiva de rolar com outra pessoa numa carroça por uma rampa que espiralava por um prédio alto, para fora da porta e depois por

uma espiral ainda mais longa até uma montanha. E ainda assim, Kylah tinha gritado o tempo todo, mesmo depois que a sua voz não era mais audível. Mesmo depois que o flash da explosão tornou impossível ver o caminho por um momento, e depois que as duas ondas de choque, pelo ar e pela montanha, fizeram sua carroça saltar momentaneamente do caminho.

Não ver o amanhã, ou o próximo segundo, era o poder secreto da jovem, como Yoda lhe dissera uma vez. Mas ele havia dito de outra forma.

A mente de Depa estava em mantê-los voando para longe no infinito, e esperando que as rodas não se desintegrassem. No entanto, enquanto segurava Kylah, sabia que a viagem tinha que acabar, devido seja à avalanche de destroços caindo no Monte Santuário, seja a uma curva abaixo que nunca fariam.

Ou tontura. *Aquilo era uma nave espacial?*

Disse 'segure-se' pela vigésima vez quando tudo aconteceu de uma vez. Em uma curva fechada, o trabalho artesanal da antiga carroça finalmente cedeu. Ela se desfez sob o par, primeiro fazendo Kylah voar e depois Depa.

A Mestra Jedi sentiu como se nunca fosse tocar o chão.

E então percebeu que não tinha.

Plo Koon, Mace e Yoda estavam dentro de um speeder, suas mãos levantadas. Juntos, eles a trouxeram pra baixo.

Mais instável do que nunca, Depa olhou em volta, sem fôlego.

— Kylah! Onde está Kylah?

Yoda apontou pra cima.

Olhou para ver a *Aleatoriedade* pairando sobre o lado da colina, não muito longe de onde o deslizamento de rochas havia terminado. Qui-Gon e Obi-Wan estavam na comporta de ar aberta. O braço do Mestre Jedi estava estendido, e ele lentamente trouxe Kylah para o chão.

— Obrigada a ambos, — disse Depa.

— Não fiz nada, — disse Obi-Wan de seu mestre. — Pegar crianças é *especialidade* dele.

Mace juntou as mãos e chamou Qui-Gon.

— Ainda há forças hostis a bordo. Devemos intervir?

— Obrigado, — disse Qui-Gon, — mas vimos uma bela ilha deserta no caminho. Eu estava pensando em deixá-los lá. Eles *estão* esperando um pouso.

— Altamente armados, estão, — disse Yoda. — E muitos são rivais.

— Então eles podem passar o dia aprendendo a se respeitar, — disse Plo. — A Força terá o seu caminho. Assim como trouxe o senescal de volta pra nós. Ele está recebendo cuidados agora.

Depa precisava de sua própria atenção médica, mas parou primeiro para abraçar Kylah. Então teve outro pensamento e olhou pra cima para Qui-Gon e Obi-Wan.

— Espera. Com vocês dois lá, quem está operando a nave?

Qui-Gon e Obi-Wan se olharam por um momento. Então o mestre falou rapidamente.

— Er, isso levaria tempo pra explicar.

— Oh, não, — disse Obi-Wan, desaparecendo na nave.

— Oh, sim, — disse Qui-Gon. Ele fechou a escotilha por trás dele.

CAPÍTULO 57

CAPITAL KEY

KWENN

Zilastra não mostrou misericórdia aos Jedi. E ainda assim, foi a misericórdia de um Jedi que salvou Zilastra.

Depa não foi essa Jedi.

Mais cedo, no longo dia, Saesee Tiin alertou os socorristas marinhos de Kwenn que muitos aspirantes a piratas iriam afundar com as suas naves, ou melhor, os seus airspeeders, ao se aproximarem de seus alvos. E embora os socorristas aterrorizados não tenham sido capazes de agir naquele momento, eles agiram, mostrando decência para com aqueles que não mostrariam nenhuma.

Incluindo a um pirata que caiu no mar horas depois que a batalha começou, tendo sido pego entre um esquife meio funcionando e uma explosão colossal. O esquife do *Pelágico* afundou em águas a muitos quilômetros de onde a nau capitânia havia afundado, mas antes de seu fim, voltou a funcionar apenas o tempo suficiente para amortecer o pouso da pessoa inconsciente a bordo. A mente por trás da insurreição, cujas mãos artificiais estavam presas num aperto mortal no caule quebrado do manche de controle.

Com o sol se pondo sobre a Corrente de Barlavento, os droides paramédicos na praia se retiraram. Depa se aproximou e colocou dois pares de algemas elétricas em Zilastra, prendendo os seus pulsos e antebraços. Não dava para saber o que ela poderia fazer para se libertar.

No entanto, a Nautolana, espancada e machucada, não ofereceu nenhuma resistência. Talvez fosse por causa de seu sofrimento, pensou Depa. Mas mais provavelmente, era por causa da companhia.

Os doze membros do Conselho haviam chegado à praia, cercando a prisioneira. Não foi um show de força intencional nem uma tentativa de intimidar. Depa achou que eles estavam apenas curiosos, querendo entender o que poderia fazer alguém agir como ela havia agido.

Depa teve que admitir que não estava tão interessada assim.

— Acabou, Zilastra. A aliança está quebrada. — Depa a encarou. — *Você* está quebrada.

Sentada na praia, Zilastra tossiu.

— Vá em frente. Me mate. Eu tenho tentado matar você.

Oppo a encarou.

— *Por que* você tem matado Jedi?

— Vocês levaram os meus amigos de mim. E vocês me deixaram. Me deixaram num buraco infernal.

Depa explicou.

— Os únicos amigos dela foram recrutados pelos Jedi, deixando-a sozinha.

— Quando foi isso? — perguntou Adi Gallia.

— Há quase trinta anos, — disse Zilastra, com um rosnado na voz. — Um Jedi veio visitar nossa choupana chamada orfanato. Conversou com o droide e levou meus amigos. E não se importou se eu vivia ou morria!

Mace franziu o cenho.

— Trinta anos. Quem fez isso?

Ela olhou pra ele.

— Ele me esqueceu, mas eu nunca vou esquecer o nome. *Zaifo-Vias!*

Yaddle colocou a mão sobre a boca. Alguns dos outros Jedi suprimiram suspiros.

— O quê, você o conhece? — Zilastra perguntou.

— Mestre Zaifo-Vias era um Jedi poderoso, — disse Yaddle. — Poderoso, sim. Ótimo em muitas coisas, incluindo previsão.

Mace assentiu.

— Ele estava excepcionalmente focado no futuro da Ordem. Às vezes, em detrimento de seus outros deveres.

— Isso impactou o seu recrutamento, — disse Eeth. — Ele ouviria falar de crianças que ele suspeitava terem habilidades Jedi e urgentemente tentaria trazê-las para o grupo.

— *Muito* urgentemente, — acrescentou Piell. — Ele sempre estava com muita pressa. Como se a República acabasse se ele não inchasse as fileiras.

— Bem, ele entrou e saiu num dia, — disse Zilastra. — Conheci negociantes de naves espaciais que não eram tão insistentes!

Yarael balançou a cabeça.

— Zaifo-Vias deveria ter tirado um tempo para aprender mais sobre a sua situação. Nosso Conselho tem regras sobre essas coisas.

— Os Jedi nunca separam famílias levianamente, — disse Oppo, — ou pessoas que dependem umas das outras. Quando possível, pedimos outros serviços para ajudar aqueles que permanecem, para que as coisas não piorem.

Zilastra engasgou.

— *Serviços?* Não havia serviços onde vivíamos!

— E isso às vezes é verdade, — disse Plo Koon. — Zaifo-Vias deveria ter levado isso em conta. Nós levaríamos. Ele muitas vezes não fazia.

Ki-Adi-Mundi franzia a testa.

— De fato, às vezes aqueles que ele trazia para nós nem eram candidatos viáveis.

Zilastra parecia não acreditar no que estava ouvindo.

— Espera. Você está dizendo que os meus amigos nem teriam se tornado Jedi?

— Teríamos que consultar os registros, — disse Saesee. — Mas eu sei disso. Existem procedimentos. Ele não os estava seguindo. Pedimos que ele não recrutasse mais.

Yoda parecia sombrio.

— No final, ele deixou o Conselho.

Zilastra explodiu.

— *Ele estava no Conselho?*

— Estava, — Adi enfatizou. — Como dissemos. Temos regras.

Zilastra balançou a cabeça.

— Isso não melhora nada. Nada disso melhora. Isso piora!

Pela primeira vez desde que se conheceram, Depa olhou pra ela com piedade.

— Não deveria ter acontecido dessa maneira. E por isso, lamentamos. Mas não valia tudo o que você fez. Para Xaran Raal, e pelo que você tentou fazer com Kylah e com Kwenn. Outras pessoas não são a tela na qual você pode pintar a sua dor.

Zilastra a encarou.

Então ela olhou pro lado.

— Por do sol bonito.

— Você deve aprender, se quiser ver mais. — Yoda acenou para os guardas, que levaram Zilastra embora. Os Jedi a observaram até que ela saísse de vista.

—

PESSOAS EM KWENN, pensou Depa, provavelmente haviam esquecido muitas coisas naquele dia, dada a agitação. Mas havia uma coisa grande que os Jedi não podiam negligenciar: as vinte mil pessoas que haviam deixado pra trás mais cedo na arena, sem mencionar aqueles que se abrigaram em outros lugares.

Naquele ponto, muitos em Kwenn tinham visto os atos heroicos dos Jedi. Os piratas haviam sido derrotados e todas as forças de fora haviam fugido. As ameaças locais haviam se escondido, ou simplesmente voltado pra casa. Mas as pessoas também tinham visto a destruição do entreposto. Nesta noite, pela primeira vez em séculos, a Chama Inextinguível não iluminaria o céu.

Yaddle, que havia sido a porta-voz o tempo todo, determinou abordar isso, e os eventos do dia, de volta à Arena de Gala Key, depois que todos na plateia foram alimentados. Os Jedi descobriram que Morna havia realmente mantido todos calmos e no lugar, entrevistando pessoas desde os cidadãos

mais idosos de Kwenn até os filhos de Piell. O pânico foi evitado nas instalações e em todo o planeta, permitindo que os Jedi, os guardas e os socorristas fizessem o seu trabalho.

A reunião já havia sido convocada anteriormente; agora, com os doze presentes, eles tomaram os seus lugares, enfrentando-se num círculo, enquanto uma Morna recém-fortalecida e a sua equipe transmitiam o evento para o mundo.

E então, todos de uma vez, os Jedi se levantaram. Num movimento, eles usaram a Força para levantar as suas cadeiras e virá-las para enfrentar a plateia. A multidão rugiu com aprovação.

— Assim sempre pretendemos que esta reunião ocorresse, — disse Yaddle. — Esta reunião, é a nossa reunião, com vocês. Entendemos que há dor em Kwenn, e nos lugares circundantes. Entendemos que há medo pelo futuro. E entendemos que, embora o entreposto Jedi possa nem sempre ter sido ocupado, a sua presença significava um vínculo para vocês.

Oppo falou.

— O vínculo não está quebrado, embora o prédio esteja. Entendemos isso agora, mais do que nunca. E assim *não* reconstruiremos o entreposto.

Houve suspiros na multidão.

— Não vamos reconstruí-lo, porque era apenas pedra, com os Jedi que vocês não podiam ver. No futuro, vamos garantir que vocês possam ver os Jedi. Eles estarão aqui com mais frequência. Eles vão andar entre vocês. E compartilharemos a coragem uns dos outros.

Mace assentiu.

— *Todo Jedi é um entreposto.* E esse é o nosso compromisso.

— Mas vocês não precisam sentir falta da luz, — disse Adi. — Em vez do desfile que buscamos liderar até o entreposto hoje, vamos limpar o topo do Monte Santuário e instalar uma nova tocha. E vocês, o povo, a acenderão todas as noites. — Ela sorriu. — Um desfile todos os dias, se quiserem.

Depa, que havia passado por tantas coisas, mal sentia que poderia acrescentar alguma coisa. Mas ao ver Kylah nos bastidores, maravilhada com a cerimônia, ela encontrou as palavras.

— Deixei a minha casa nesta região quando era muito jovem. Mas encontrei o meu povo e, lá, o meu lar. Se você encontrar o seu povo, nunca estará sozinho. E nunca estará perdido.

— Com todos vocês, a Força estará, — disse Yoda. E então, dando um sorriso para Depa, ele acrescentou: — *Os Jedi estão com vocês.*

PARTE QUATRO

O RETORNO ALEGRE

CAPÍTULO 58

CAPITAL KEY

KWENN

Era o último dia do Conselho em Kwenn e o primeiro dia de Zilastra sob custódia do estado. Qualquer estado. Que não fosse o *dela*, isso já era óbvio.

Desde que foi processada no Centro de Detenção Regional da Justiça da República em Kwenn, descobriu muito sobre o que aconteceu. Finalmente entendeu que a *Aleatoriedade* foi levada pelos Jedi, que haviam isolado e expulsado sistematicamente a sua tripulação e passageiros. Por mais que odiasse a ideia de sua nau capitânia nas mãos dos Jedi, era um pequeno alívio saber que a sua tripulação não tinha sido derrotada apenas por Lobber e os seus amigos.

Não sabia nada sobre o destino da nave depois disso, além de que as autoridades haviam encontrado o seu baralho de sabacc a bordo da *Aleatoriedade* e o haviam devolvido pra ela. Eles encontraram o sabre de luz de Depa no mesmo lugar; Zilastra imaginou que também o haviam devolvido. Realmente não se importava. As cartas eram tudo o que queria.

Os Caminhantes da Fenda eram história. O bando havia se destacado da noite para o dia devido à sua manobra com a Viagens Real; ele se desintegrou tão rapidamente após a tática falhar em eliminar os Jedi. Isso era tudo parte do jogo, sabia.

Não aposte o que não pode perder.

Recebeu notícias na noite anterior sobre a sua maior perda: Burlug. Houve surpreendentemente poucas baixas no incidente, mas ele foi uma

delas, com o corpo dele sendo encontrado na encosta abaixo do Monte Santuário. Luggy tinha sido o seu subordinado, o seu confidente, o seu protetor e a primeira pessoa que realmente pensou que poderia liderar a sua própria tripulação. Não se culpava por sua morte, ou mesmo pelos Jedi. Foi a ineptidão das gangues aliadas que os colocou em apuros, forçou-a a ir para o entreposto. Conseguia ouvi-lo aconselhando contra todo o negócio.

Os Jedi não tinham lhe contado se seus amigos de infância ainda estavam vivos, e não havia perguntado. Duvidava que eles tivessem respondido de qualquer forma. A Ordem tinha muitas razões para temer que Zilastra não os recebesse calorosamente, de fato, que pudesse se vingar deles. Isso era absurdo. Nunca fez nenhum esforço específico para encontrar os seus amigos enquanto estava livre. Eles estavam tão mortos pra ela quanto ela provavelmente estava pra eles. Era à Ordem Jedi que odiava.

Eles a transferiram para o isolamento, o que não a surpreendeu. Parte de seu crime era se associar e organizar outros criminosos. Não tinha fichas para apostar, nem patronos para recorrer. A sua vida não mudaria até que o governo o fizesse, em Kwenn ou em Coruscant. O primeiro ainda poderia acontecer. O segundo, ela não conseguia prever que acontecesse.

Tudo o que lhe restava eram as suas cartas de sabacc e jogos de paciência. Nunca percebeu o quão apropriado era esse nome antes. Mas poderia jogar qualquer coisa.Iria lidar com isso.

Zilastra embaralhou as cartas para adivinhação, esperando ver algo bom. A Rainha do Ar e da Escuridão era pedir demais; A Morte era miserável demais para contemplar. Todos os frascos, moedas, bastões e sabres eram apenas mais Idiotas pra ela agora. Que não deixou muita coisa.

Virou uma carta.

Resistência.

Poderia viver com isso. Teria que viver.

—

ERA O último dia do Conselho em Kwenn e o último dia de liberdade de Adi Gallia. Sabia, é claro, que a liberdade era relativa. Ajudou a conduzir

muitos dos líderes para a custódia, bem como várias pessoas cujos os crimes durante a revolta foram muito violentos pra ignorar. Mas até mesmo esse ato parecia diferente do seu trabalho burocrático normal de volta em Coruscant. Aqui, realmente via as pessoas que apareceriam como estatísticas em casa. Alguns deles, havia apreendido pessoalmente.

De todas as coisas, um fim deve vir. Riu com o pensamento que acabara de ter.

— Alguma coisa engraçada? — perguntou Yoda.

— Apenas percebendo que até so meus pensamentos estão começando a soar como os seus. — Ela sorriu. — Deixa pra lá.

Seria a primeira a partir, isso foi decidido, tal era a carga de trabalho esperando por ela. Yoda a escoltou até o espaçoporto e a nave privada que a levaria de volta.

— O voo foi doado pela Viagens Real, — ela disse. — Tudo foi uma surpresa absoluta pra eles. Tudo o que eles sabiam é que as suas naves haviam viajado com segurança e o seu inventário de caixas havias sido saqueadas.

— Ilesos, eles estavam.

— Acho que eles estão esperando que nós reservemos mais Jedi em seus voos agora que o acordo dos piratas acabou. Eu disse a eles que a Ordem Jedi não reservava, — Ela parou e colocou a palma da mão na testa. — Já estou de volta para casa na minha cabeça, não é?

— Mm. — Yoda puxou a sua capa para parar a caminhada. — Mestra Gallia, um arrependimento, eu tenho.

A sua testa franziu.

— Não pela celebração?

— Por você. Em Kwenn e em Coruscant. Eu tirei muito proveito de suas habilidades.

Sorriu.

— Mestre Yoda, é pra isso que elas estão aí.

— Não. Aprendeu-as, você fez, para se tornar uma Cavaleira Jedi. Uma Mestra Jedi. Agora uma membro do Conselho Jedi. Demais, eu a sobrecarreguei.

Pareceu decepcionada.

— Mestre, estou à altura do que você requer.

— Meus requisitos? Irrelevantes! Os meus e os do Chanceler ou dos senadores. Você serve à Força. — Yoda olhou pra baixo e balançou a cabeça. — Velho, me tornei. Cansado das rotinas.

— E é por isso que você precisa estar livre, Mestre, para se concentrar em coisas mais importantes. Para nos guiar.

— Não! — Ele olhou pra ela. — Eu olho para você para nos guiar. Você e os mestres mais jovens. Oppo, Yaddle, Yarael e eu, muito temos visto e feito. A sua vez é agora.

Adi riu e levantou o dedo indicador.

— Você sempre disse que um Jedi não busca aventura.

— Nem busca o tédio. — Yoda fez um gesto com o seu bastão. — Diferente, o mundo parece, para olhos jovens. *Isso* é o que precisamos.

Atrás dela, os motores do iate da Viagens Real foram ligados.

Yoda falou sobre o barulho.

— Quando eu chegar a Coruscant, mudanças serão feitas. Ônus, compartilhados de forma diferente.

Compreendeu-o.

— Obrigada. — Ela virou e entrou no voo.

—

DURANTE O TÁXI, desde que viu Adi partir, Yoda pensou no que tinha dito. Quis dizer tudo isso, mas também sabia que os eventos muitas vezes frustravam as suas melhores intenções. Um Jedi poderia passar todos os momentos acordado tentando prever tais coisas, e então algo ainda surgiria, fazendo um mentiroso de seu eu passado. Oito séculos e mais o haviam ensinado a esperar por isso, mas isso não era motivo para desistir de tentar melhorar as coisas.

Poderia dizer aos Padawans que tentar não era suficiente. Mas nunca tentar não era bom de jeito nenhum.

Yoda tinha mais uma coisa que definitivamente pretendia realizar antes de deixar Kwenn, e fez disso sua próxima parada. Lyal Lunn inicialmente havia ido para o centro médico de terapia intensiva em Rayley Key, e de todos os relatos, ele havia se recuperado assim que o ataque a Kwenn terminou. Ele não só havia recobrado a consciência, mas estava bem o suficiente para sentar-se numa cadeira repulsora numa das varandas do hospital, com vista para os parques abaixo.

— Mestre Yoda! — Lyal se animou ao ver o seu visitante chegar.

— É bom te ver novamente. — Yoda olhou para o novo companheiro de Lyal, o droide médico que havia sido comprado para Erwen Lunn. — E você também.

Lyal tentou se levantar para cumprimentar Yoda, mas o droide colocou gentilmente uma mão em seu ombro, lembrando-o de seus ferimentos. Era bom ver a família aproveitando o droide, mesmo que não como Lyal havia planejado. Yoda avançou para uma posição perto do paciente.

— Eles me mostraram as holo imagens do que aconteceu e o que você fez. Foi incrível. — Lyal baixou a voz. — E obrigado por tudo, pelo droide e por visitar o meu pai.

— Um companheiro maravilhoso, ele foi.

Lyal absorveu essa descrição e assentiu.

— Sim, foi.

O Sullustano olhou pra baixo da varanda. O promontório no final dos Caminhos da Harmonia estava num dos terraços mais baixos.

— Vamos fazer um serviço memorial para o meu pai lá, assim que eu sair daqui. Ele amava tanto aquele lugar. — Ele olhou para o Monte Santuário. — O prédio se foi, mas a montanha permanece.

— E os pores do sol.

Lyal assentiu.

— Claro, mas eu provavelmente não vou sair daqui para mais do que isso. Eu tenho que pagar pelo que fiz. O que quase aconteceu, o que eu quase deixei acontecer, foi horrível. — Ele desviou o olhar de Yoda. — Juro, Mestre, eu não tinha ideia de que eles planejavam machucar alguém. Eu nunca... — Lágrimas escorreram, e Lyal balançou a cabeça. — Não, isso

não é verdade. Eu estava deixando eles machucarem as pessoas já. Tudo o que está errado nessas ilhas, e eu estava piorando. Eu estava...

Yoda falou.

— Você *estava* errado, Lyal. Mas me avisou.

— Mas, mas eu não te avisei mais cedo. E não te contei tudo o que poderia.

— Você tentou. Isso importa.

Yoda mudou de assunto para as aventuras dos Jedi em Kwenn, para a recuperação do Sullustan e para um projeto que ele e Yaddle consideraram valioso, no qual ambos imaginavam um papel para Lyal.

— Existe um caminho, pra você lembrar de seu pai e ajudar o povo de Kwenn. Se estiver interessado.

Lyal sorriu, parecendo renovado.

— Seja o que for, Mestre Yoda, eu tentarei.

Yoda começou a dizer algo. Mas apenas segurou a mão de Lyal em vez disso.

—

A MONTANHA sob o entreposto Jedi começou como um monte de destroços. O pico era isso novamente, as suas partes superiores cobertas pelos restos da estrutura.

Oppo Rancisis sentia dor ao ver isso, mas os planos que anunciaram para o local eram restauradores. Uma equipe já estava revirando os destroços, preparando o terreno para um futuro monumento.

Despediu mais cedo de Kooroo-coo e dos oroko, cujas as vidas haviam se tornado parte da dele por tempo demais. Agora lamentava todas as horas que passou no entreposto ao longo dos anos, em vez de no mar. Esperava mudar isso no futuro.

Mas havia alguém que havia passado ainda mais horas no entreposto, e isso lembrou Oppo que ainda tinha uma despedida a fazer. Viu o Senescal Voh, enfaixado de onde Zilastra o havia ferido. O velho Bimm ficava

impassível enquanto os trabalhadores continuavam a trazer as pilhas de escombros.

— Não há nada para encontrar, — disse Voh quando notou Oppo ao seu lado.

— Há algo, — disse Oppo. — Fui informado de que parte do braseiro foi encontrado intacto no oceano. Pode ser incorporada a nova Chama Inextinguível, lembrando as pessoas do entreposto que foi.

A notícia não pareceu aliviar a tristeza de Voh.

— Tudo o que resta da biblioteca é o pouco material que o Mestre Koth conseguiu recuperar em outro lugar.

— Ah, sim, na Boutique do Lamplighter. E não era de grande importância, me disseram.

Voh olhou pra baixo.

— Desculpe que a sua visita tenha terminado assim, Mestre.

— Eu gostei muito do meu tempo com os oroko. E muitos dos meus colegas aproveitaram a oportunidade para se reconectar com um lado de ser Jedi que não costumamos experimentar. Esta foi uma grande jornada.

O senescal o encarou.

— Você está falando sério?

— Perdão?

— Desculpe, Mestre. Mas *o quê*?

Oppo não tinha ideia do que Voh estava irritado, e disse isso.

— Passei décadas cuidando desse prédio. Protegendo-o. Então, quando todos vocês chegaram, mal estavam aqui, exceto para dormir. Os patifes o destruíram, e vocês não só não vão reconstruí-lo, como estão comemorando esse fato. E você chama isso de uma grande jornada?

— O braseiro permanecerá. Ele será cuidado pelo povo...

— Não por mim. Você fez questão disso! — Ele apontou para os destroços. — Zilastra acabou de fazer por você o que você ia fazer de qualquer maneira!

Oppo o encarou. Era altamente inapropriado para um servo Jedi falar com um mestre, muito menos um membro do Conselho, dessa maneira.

Mas Voh havia sofrido fisicamente, e o seu serviço longo e dedicado precisava ser reconhecido.

— Eu peço desculpas, Senescal. Nós presumimos que você estava buscando a aposentadoria. Estamos, é claro, preparados para criar um papel pra você aqui, se for onde você escolher permanecer.

— Fazendo o quê? Ficando por aí enquanto o zelador do dia acende o fogo? — Voh balançou a cabeça. — Ter o entreposto fechado teria sido melhor.

O Bimm se virou e olhou para a distância. Oppo o observou por vários momentos e amaldiçoou a sua própria visão de longo alcance.

— Olhando para o futuro, falhei em ver o que estava próximo. — Oppo pôs a mão no ombro de Voh. — É um risco da minha idade e de estar no Conselho. Foi por isso que viemos aqui, na verdade. Não faz diferença, tenho certeza, mas lamento a perda do entreposto. A sua ótima biblioteca e as muitas obras do ser que a cuidou.

Voh olhou pra trás, visivelmente abalado e parecendo mais do que um pouco envergonhado por seu desabafo.

— Foi um lugar maravilhoso, não foi?

— Foi. E o seu legado vive nas carreiras de todos os Jedi que o visitaram. Aqueles que você serviu, nutriu, educou e cuidou. Isso é algo do qual você pode se orgulhar. Os Jedi te saúdam.

CAPÍTULO 59

ESSAFA KEY

KWENN

A escola estava em sessão em Essafa Key. Mesmo Piell havia visto vários de seus trabalhos se concretizarem rapidamente, e esperava que as proezas do Conselho em Kwenn, e a atenção que haviam trazido para o planeta, fossem a razão.

A Guilda Mercantil havia fornecido financiamento para o sistema escolar, enquanto a Rendili Hyperworks reiniciara o seu programa de almoço. Piell ainda não se sentia confortável com o funcionamento da educação no planeta, mas não era o seu lugar repensar como uma sociedade planetária havia organizado as coisas. Só queria ter certeza de que as crianças estavam bem.

Acabou que todas estavam dentro quando ele atravessou o pátio. Isso era bom. Exceto um estudante Twi'lek, que correu pelo pátio diante dele.

— Mestre Piell! — Hadaro parou na frente dele.

— Correndo de alguém?

O garoto acenou na direção do prédio.

— Estou atrasado.

— Atrasado é bom, — Piell disse. — Atrasado significa que você está indo.

— Sim, por que não? — O adolescente deu de ombros. — Tínhamos um acordo. E você nos mostrou que algumas das outras maneiras de ganhar a vida neste planeta não dão certo.

Piell apertou a sua mão.

— Estou apenas feliz que todos vocês mantiveram todos dentro da arena durante a batalha. Tenho certeza de que foi tentador dar uma espiada lá fora.

— Oh, não. Todos estávamos assistindo em nossos datapads.

Piell olhou pra ele e riu, alto e longo.

— A maneira inteligente de assistir a uma luta. — Ele deu um tapinha nas costas do garoto. — Entre antes que eu me lembre de que sou o oficial de ausências.

—

— É ISSO. Faça uma tentativa.

Sentado dentro do caça estelar ARC-8, Plo Koon respondeu ao pedido de Saesee pressionando o ativador. O motor começou.

— Você fez de novo, Mestre.

Do lado de fora, Saesee fechou o painel na fuselagem.

— Está bom. Desligue e saia antes que a Fraxa veja que deixamos impressões digitais nisso.

Plo fez como instruído. Ele não achava que a proprietária da Kwikhaul iria se opor, já que Saesee havia trazido seu precioso antigo de volta inteiro. E eles salvaram o negócio dela também.

Saesee deu uma última olhada no caça e rosnou.

— Muitas asas.

Os dois saíram do hangar para o terreno corporativo. O lugar estava agitado com atividade. Reparos estavam sendo feitos em embarcações repulsoras danificadas na confusão, e atribuições estavam sendo distribuídas aos funcionários, tanto orgânicos quanto metálicos.

Plo gostou do que viu.

— Podemos nos orgulhar disso. O nosso trabalho com a empresa de transportes nos permitiu ajudar a muitos, e eles nos retribuíram com os seus esforços para proteger este planeta. Uma visita que valeu a pena em todos os sentidos.

— Suponho.

Plo se virou para olhar Saesee.

— O que há de errado agora?

— Tenho que ir pra casa e terminar a atualização do conjunto de veículos de superfície, e descobrir o que há de errado com o software das espaçonaves. Qui-Gon disse que teve que tirar a sua nave do hiperespaço perto de Valboraan para uma verificação mecânica.

— Sim, foi assim que ele ouviu o chamado de Kylah Lohmata.

— Hmm. Ainda assim, uma verificação assim não deveria ter sido necessária.

— Foi uma boa sorte, mas você discute com ela, — Plo disse. — Não importa. Suponho que você tenha uma teoria.

— Pelo menos cinco.

— E a República cairá se você não explorar cada uma delas numa semana.

Saesee o encarou furioso.

— Sim, a República vai cair.

— Você teve uma das visões sombrias de Zaifo-Vias?

— Não. Eu só sei. Tenho que ir pra casa e começar a trabalhar.

O suspiro de Plo pôde ser ouvido através de seu respirador.

— Eu esperava ver um Saesee Tiin diferente nesta viagem.

— Tenho certeza de que há outra pessoa com esse nome neste planeta. Talvez você não tenha procurado o suficiente.

— Divertido. — Plo o estudou. — Você *estava* cético em relação a essa iniciativa.

— Não somos mais meros Cavaleiros Jedi. Temos responsabilidades maiores.

— Você diz isso, e é verdade. Mas...

Plo não terminou a frase.

Saesee o encarou.

— Problemas com o seu regulador?

— Não.

— Então fale. 'Mas' o quê?

— Mas como membro do Conselho, você conseguiu se dedicar a deveres que permitem que você pratique as habilidades que usou como um Padawan

Jedi, como um Cavaleiro Jedi, como um Mestre Jedi. Voo. Mecânica. Operação de caças.

— E daí? — Saesee deu de ombros. — Eu sei o que estou fazendo. Você não esquece como carregar um torpedo, ou disparar um, só porque avança.

— Claro que não. E por esse motivo, você também não esquece como interagir com as pessoas, ajudá-las diretamente. Saesee, o Padawan, sabia.

Saesee resmungou.

— Eu era um *Padawan* frustrante. Nunca ouvi, nunca me adaptei à parte pública das coisas. — Ele cruzou os braços. — Eu nunca me avançaria.

— E ainda assim isso aconteceu, de novo e de novo. — Plo parou diante dele. — Não somos Yoda e Yaddle, capazes de falar em tons reconfortantes. As pessoas temem a minha aparência. Você, elas simplesmente temem.

Saesee arqueou uma sobrancelha.

— Há um objetivo?

— O objetivo é que às vezes as pessoas precisam de tons reconfortantes, mas outras vezes precisam de algo mais. Ouvi a verdade diretamente, de alguém que não ameniza o golpe. Ouvi-la de alguém que assume que todos os seres vivos devem buscar competência e que espera que as pessoas aprendam com os seus erros. Quando é isso que elas precisam, Saesee Tiin deve estar pronto. — Ele pausou. — Seria uma terrível pena se ele estivesse sempre indisponível, na sala de conferências, garagem ou hangar.

Saesee o encarou por vários momentos. Então murmurou:

— Competência não é suficiente.

Plo deu um passo pra trás e riu.

— Tão significativo quanto *Que a Força esteja com você* é para os Jedi. Profundo e verdadeiro. — Ele deu um tapinha surpreso em Saesee no ombro. — Eu abraço isso. Será a *minha* máxima também.

— Hmph.

Plo se afastou. Fileiras de trabalhadores o aplaudiram enquanto ele passava por eles. Ele acenou para eles.

— Adeus, equipe da Kwikhaul. E lembrem-se sempre: *Competência não é suficiente!*

—

EETH KOTH DESCOBRIRA que se despedir de Kwenn era mais difícil do que pensava. Teve que deixar o trabalho na Boutique do Lamplighter inacabado; mesmo a ajuda tardia de Yaddle e Piell havia feito apenas um pequeno impacto nas acumulações da vida da proprietária da loja. Mas estava claro que o que eles haviam encontrado ali era de interesse mínimo. Não fazia sentido comprometer nem mesmo o tempo de um Padawan com o lugar.

Pogee Shrag não queria vê-lo partir e insistiu para que levasse um de seus boolahs favoritos consigo. Quando apontou que já tinha três pendurados em suas mangas, ela o acusou de ser ganancioso e pegou todos de volta. Pelo menos a mulher não tinha favoritismo. Ela amava cada um dos animais. Esperava por ela que, quando eles destruíssem a sua casa, ela escapasse sem ferimentos.

Optando por um voo comercial, Eeth se sentou no bar do espaçoporto pensando nos incidentes da visita. Não estava esperando por companhia, e certamente não por Inisa. Ela estava vestida com roupas de viagem conservadoras, e levou um segundo para reconhecê-la. Mas ela certamente o reconheceu.

— Vejo que está partindo, — ela disse, colocando a sua bolsa ao lado do assento ao lado dele.

— Vejo que você também está.

— Vejo *você* em todo lugar.

Não sabia como responder a isso, até que ela apontou para o holo vídeo rodando atrás do bar, mostrando o combate do lado de fora da arena. Baixou a cabeça.

— Acho que ganhei uma repentina notoriedade.

— Notoriedade, eu gosto. — Ela se sentou ao lado dele e disse o seu nome como se estivesse experimentando. — Mestre Eeth Koth. Você não me disse que estava no Conselho Jedi.

— É pra onde o meu chamado me levou. — Ele olhou para a bolsa dela. — Pra onde você está indo?

— Estou indo pegar o próximo voo e ver pra onde ele me leva. Pensei em voar com a Viagens Real. Parece que ninguém mexe com os seus transportes. — Ela apontou pra bolsa dela. — Eu ia pegar um das caixas de segurança deles, mas por algum motivo eles os confiscaram todos.

Eeth decidiu não explicar.

— O que você vai fazer?

— Algo mais. Eu não sei. Não pensei nisso. Mas os Lâminas não estão mais em atividade, e estou duvidando que quem os seguirá será melhor. — Ela olhou para ele. — Para onde *você* está indo?

— Pra casa. Coruscant.

— Pra um grande Templo Jedi.

— É isso mesmo. Com a destruição do entreposto, muitos relatórios devem ser feitos. A Ordem Jedi tem grande interesse em manter as coisas sob controle.

— Isso parece ser muito trabalho.

Eeth não pôde discordar.

— É.

— Você precisa de férias.

— Acabei de ter uma.

Inisa sorriu.

— Isso é o que você chama de férias?

— Parte disso. — Eeth olhou ao redor. — Estou pensando em fazer uma mudança, eu mesmo.

— Ah, é?

— Vou abrir mão de manter os registros de fechamento do entreposto. Era um dever importante. Mas é hora de dar a chance pra outra pessoa.

— Fico feliz. Posso perceber quando alguém já teve o bastante de uma parte de sua vida.

Eeth a estudou.

— É por isso que você me ligou pra me avisar? Você já tinha tido o bastante?

— Eu não queria ver ninguém se machucar.

Assentiu, apenas para perceber depois de um momento que não aceitava a resposta.

Ela observou os seus olhos.

— O que foi?

— Desculpe, mas você sabia o que eram os Lâminas Envenenadas. Você tinha que saber que eles machucavam as pessoas frequentemente.

Ela desviou o olhar.

— Sim, eu sabia.

— Então...

— Então, eu não queria ver você se machucar, certo? — Ela o encarou. — O quê, as pessoas não podem se importar com o que acontece com os Jedi individualmente?

Eeth ficou surpreso.

— O que? — ela perguntou. — Uma pergunta difícil?

— Não, — ele disse, franzindo o cenho. — Mas quando você coloca dessa forma, eu nunca pensei sobre isso. Eu suponho que as pessoas *podem* se importar com o que acontece com os Jedi individualmente.

— Mas vocês não podem se importar de volta.

— Oh, nós certamente nos importamos, — Eeth disse. — Mas no contexto de cuidar de toda a vida.

— Toda a vida. — Ela sorriu. — Então, como árvores? Fungos? Advogados?

— Mais ou menos.

— Isso é lisonjeiro. Acho que estou incluída, então. Mas você não fica mais específico.

Balançou a cabeça.

— Está meio que nos estatutos.

O anúncio para o voo dela chegou. Ela se levantou.

— Eu te digo uma coisa, Mestre. Eu me importarei com o que acontece com você. E se você estiver fazendo rondas, verificando o bem-estar da vida selvagem e das samambaias, ficarei feliz em te contar como estou me saindo.

Ela compartilhou alguns dados com o dispositivo de comunicação dele. Eeth ficou olhando.

— Você está me dando o *seu* contato?

— Apenas para os seus registros oficiais. — Ela terminou e pegou a sua bolsa. — Voo seguro, Eeth.

— E pra você, Inisa.

Ele a viu partir. Então seguiu para a sua baía de embarque.

CAPÍTULO 60

CAPITAL KEY

KWENN

Assim que Yaddle entrou nas salas de transmissão, Morna a guiou pra fora.

— Rápido!

— O que houve, querida?

— Eu não deixaria Reezingrom saber que você está aqui. — A mulher Woostroid olhou para dentro do escritório. — Eles vão tentar te reservar pra hoje à noite e todas as noites pelos próximos vinte anos.

— Imagino que tenham opiniões sobre o que aconteceu durante a celebração.

— E como têm. Mas é muito grande. Eles ainda estão tentando descobrir quem vai aprovar o quê e quem vai desaprovar.

— Tenho certeza de que seria uma excelente exibição. — Yaddle se lembrou de como os apresentadores de duas cabeças trataram a sua produtora. — Você ainda está com medo do Reez e do Grom?

Morna riu.

— Oh, não. Eu nunca tive realmente medo, acho. Só não posso deixá-los me atropelarem.

— Mas você nos apressou para fora.

— Foi por sua causa. Mestra. Você ainda não construiu uma imunidade.

Yaddle olhou para a jovem. Morna havia passado por muita coisa, mas estava mais firme, seus olhos não estavam mais no chão.

— Não podemos agradecer o suficiente por sua ajuda. Tanto com a produção quanto em falar com aqueles que estavam lá. Você está se sentindo diferente, querida?

— Você quer dizer *melhor*?

— Eu disse o que quis dizer.

Morna pensou sobre isso.

— Eu aprecio o que o Conselho fez, e sei o quanto vocês arriscaram por todos nós. Mas você vai embora, e o Reez e o Grom vão continuar brigando, e os Hutts ainda estarão lá. E talvez coisas que nem sabemos.

Yaddle assentiu.

— Assim é a vida, Morna. Às vezes, vejo vislumbres do futuro, e quando isso acontece, posso perder o ânimo. Os meus colegas e eu nos preocupamos por não estarmos fazendo o suficiente para tornar o futuro mais seguro. Mas acho que o primeiro passo de tudo isso tem que ser tornar o *presente* mais seguro. O sofrimento de amanhã, ele não existe, pelo menos ainda. O sofrimento de hoje sim.

Morna olhou pra cima.

— Só sei disso: O que fiz esta semana importou. Preciso ter certeza de me sentir assim também na próxima semana. Em todas as semanas.

— Este é o desafio que todos enfrentamos, minha criança. — Yaddle sorriu. — Sei que você vai conseguir. — Ela olhou pra cima. — E o que vem a seguir pra você?

— Oh, queria te contar isso. Estou tão feliz que o Mestre Yoda me apresentou ao Lyal Lunn, e que você me disse onde encontrar a coleção de holos de Erwen Lunn. A sua família tem imagens da história de Kwenn que *ninguém* tem, nem mesmo os arquivos planetários! — Ela se empolgou. — Que pessoa incrível Erwen deve ter sido, e que história a família deles tem.

— É a história de Kwenn. E as pessoas deste mundo deveriam vê-la.

— Elas vão ver. Lyal concordou em me ajudar a revisá-las todas enquanto se recupera. Vou produzir o meu próprio programa. Para ajudar pessoas como o pai de Lyal, e aquelas crianças incríveis com quem o Mestre Piell trabalhou, e muitos outros, a contar as suas histórias.

— Entendo que até Lyal é uma história. Quando ele se curar, as autoridades planejam deixá-lo trabalhar com o droide médico para ajudar pessoas como seu pai, aqueles que precisam de cuidados, mas não podem recebê-los.

— Que ótima ideia! — Morna fez uma anotação animada num datapad. — Foi sua ideia ou do Mestre Yoda?

— Foi ideia do Lyal, e uma ideia muito boa. Certifique-se de informar às pessoas. Os Jedi recebem crédito demais como está.

Morna assentiu.

— Tantas histórias para serem compartilhadas. Vou ter muito o que fazer.

Yaddle sorriu.

— Todas essas histórias, de todas essas pessoas de Kwenn. Você vai fazer as perguntas, diante das holo câmeras?

Morna assentiu.

— Não tenho medo. Não estarei sozinha, estarei com eles.

—

KI-ADI-MUNDI ESTAVA MEDITANDO quando Yarael o encontrou.

Era considerado de má educação no Templo Jedi interromper alguém que estava meditando, especialmente um membro do Conselho Jedi. Até onde Yarael sabia, poderia ser rude, também, pra um civil interromper outro civil meditando. Não conhecia nenhum para perguntar. Mas não conseguia imaginar que a sanção se aplicasse a pessoas tentando meditar enquanto estavam no meio de um festival na maravilhosa Langdam Key.

— Levante-se, Mestre!

Ki-Adi-Mundi não abriu os olhos.

— Há alguma necessidade pra mim?

— Você está no caminho, — disse Yarael.

O Cereano abriu um olho.

— É um festival de rua. Estou na rua.

— Levante-se de uma vez. Todos os restaurantes reabriram, — disse Yarael. — É um jubileu, todos comem.

Ki-Adi-Mundi se levantou relutantemente.

— Não estou com fome.

— Como é possível? Toda a nossa comida explodiu. O pouco que o Piell não deu, é isso.

— Não me falta nada. Eu tenho a Força.

— Eu não trabalho polindo pedras, — retorquiu Yarael. — Eu também tenho a Força. Mas também como.

Ki-Adi-Mundi apontou para a direita.

— Tive um monte de gelo vários dias atrás, a cem metros daqui.

— Um monte de gelo.

— Correto.

— Deve ter sido um monte de gelo. — Yarael colocou a mão sobre o rosto. — É isso, então. Você deu uma volta numa cidade portuária e decidiu que estava cansado de se divertir. — Ele olhou ao redor do burburinho. — Temos apenas algumas horas. Por que você quis voltar aqui mesmo?

— Porque onde os outros estão felizes, posso estar em paz. Mas posso estar em paz em qualquer lugar. E agora, terminei. — Ki-Adi-Mundi começou a andar. — Será bom voltar para o Templo Jedi e aos nossos deveres.

— Nossos deveres?

— Sim.

Yarael se apressou para alcançá-lo.

— Acho que você perdeu a lição dessa jornada, — disse ele. — Passamos muito tempo focando em coisas grandes e não o suficiente nas pequenas. A sua interação com Aptorr e a sua esposa levou à generosidade deles, e o produto deles ajudou a proteger milhares de pessoas.

— Eu temo que *você* perdeu a lição dessa jornada, — respondeu Ki-Adi-Mundi. — Se tivéssemos sido mais conscientes da rota Ootmiana, poderíamos muito bem ter previsto a sublevação dos piratas. Poderíamos ter tomado medidas antes que acontecesse.

Yarael o interrompeu.

— O que é 'ser consciente' além de sair e conversar com as pessoas?

— Existem outras maneiras de aprender. A análise de dados que a equipe do Chanceler usa. O feedback da República e das suas instituições. O senador de Kwenn. E, sim, a interação em primeira mão...

— Viu?

— ...mas como realizada por Mestres Jedi, Cavaleiros e Padawans em campo. — Ki-Adi-Mundi tocou a sua alta testa. — A nossa posição, as nossas habilidades nos colocam além desse nível. Vemos muito e olhamos para o futuro e vemos mais.

Yarael riu.

— Posso garantir que nem mesmo Zaifo-Vias teria visto uma avó cujo gosto por cirurgias não autorizadas a levou a se juntar aos Infames e depois a uma revolução.

— Você pode se surpreender. Muito disso ainda me incomoda e inspirou preocupações adicionais. Eu estava meditando sobre isso agora mesmo.

— Agora mesmo. Na rua. — Yarael gemeu. — Você simplesmente não aceita um final feliz.

— Mas é? — Ki-Adi-Mundi olhou para ele. — Pense nos casos. Os casos da Viagens Real que causaram tanta destruição.

— Eles pareciam inocentes, mas por trás de um manto que nada podia penetrar, guardavam algo terrível. E se houvesse outra ameaça assim, mas uma que colocasse toda a galáxia em risco? Algo que nós Jedi vemos como rotina. Que ignoramos todos os dias?

— Levaria uma quantidade enorme de bagagem para colapsar a República.

Ki-Adi-Mundi o encarou e se animou.

— Você está certo, é claro. Os sistemas e salvaguardas que temos em vigor são o produto de séculos de experiência. Eu, mais do que ninguém, deveria saber melhor do que ceder ao alarmismo.

— Eu te disse para nunca meditar com o estômago vazio. — Yarael o guiou até um vendedor de comida. — Hoje em dia, se tento dormir mais do que quatro horas, a minha mente começa a imaginar todo tipo de bobagem. É só a parte de envelhecer.

— Você deveria pedir conselhos ao Mestre Yoda.

— Oh, não. — Yarael o dispensou. — Nunca mais. Ele me pediu para parar de contar os meus sonhos a ele há cem anos. — Ele deu de ombros. — Para ser honesto, eu estava ficando chato.

Ki-Adi-Mundi sorriu.

— Isso, meu amigo, eu nunca poderia prever.

—

A FLORICULTURA era uma das várias em Langdam Key, e para o conhecimento do Senescal Voh, não era melhor nem pior do que as outras. O que valia a pena na viagem, e o que tornara todas as suas outras visitas valiosas, era o cômodo atrás da porta de correr no anexo de presentes.

Entrou na sala escura. Depois de fechar a porta atrás de si, ouviu a voz.

— Bem-vindo, Senescal.

— Senador Palpatine, — disse Voh, olhando para a luz do holograma. — Eu nem tinha apertado o controle pra te mandar uma mensagem.

— Eu tinha um pressentimento de que você viria. Por favor, sinta-se à vontade.

Voh puxou a sua cadeira habitual. Não era apropriado para os assistentes dos Jedi terem contato com senadores; era mal aceitável para os Cavaleiros Jedi individuais. Mas ele e Palpatine haviam se conhecido anos antes durante a turnê senatorial deste por Kwenn, e Voh havia gostado de suas conversas. Foi Palpatine quem sugeriu que continuassem em particular.

— Senador, fui honrado por sua disposição em falar comigo ao longo dos anos. Sou de pouca importância...

— Bobagem. Você tem experiência de muitos anos num papel vital.

— É gentil da sua parte dizer isso. Eu o considero um amigo.

— *Mas?*

— Mas me sinto...traído.

— Traído. Conte-me mais.

— Você prometeu que o Senado sempre se comprometeria com a rota Ootmiana, para que os Jedi nunca tivessem motivo para fechar o entreposto.

Isso foi o que combinamos. Eu trago registros e material da coleção aqui, e o seu agente vem à floricultura depois para selecionar o que você quer.

— Isso foi o que combinamos. Mas percebo que você se desviou disso.

— O quê? — Voh quase pulou da cadeira. — Não! O que você quer dizer com isso?

— O nosso acordo era que você daria ao meu assistente qualquer material que eu escolhesse dos lotes que você trouxe aqui, e que você destruiria os que eu não quisesse.

— E daí?

— Então você não os tem destruído. O que sobrou acabou numa loja. Você os vendeu.

Pego, Voh juntou as mãos.

— Não consegui me forçar a destruí-los. São documentos históricos, afinal, do Monte Santuário. Você não me deixaria devolvê-los ao lugar...

— Porque teria exposto que apenas os textos mais importantes, com as ideias mais proibidas, eram os que faltavam. E isso não é algo que os Jedi poderiam atribuir à incompetência de um antigo zelador ou ao roubo aleatório. — A atitude de Palpatine mudou, e a sua voz ficou mais afiada. — Eles teriam visto outra mão em ação. A minha.

— Você está preocupado à toa. Então, o Mestre Koth encontrou algumas das sobras no Lamplighter. Não havia o suficiente pra ele presumir que o restante foi para uma pessoa. Dessa forma, as obras ainda existem, e ninguém sabe o que você fez.

O senescal não sabia se isso tinha cortado alguma conversa com Palpatine. O senador era volúvel; os seus interesses, peculiares. Mas pensou que ainda poderia apelar pra eles.

— Tudo isso não vem ao caso, — disse Voh. — O entreposto se foi. Mas o Mestre Rancisis se sente culpado. Acho que posso transformar isso numa nova posição em outro entreposto Jedi. — Ele sorriu. — Com outra biblioteca, é claro.

— Hmm. — O senador holográfico recostou-se. — Acho que não.

— O quê?

— Você é velho. Velho demais para ser de muito mais serviço para os Jedi, ou pra mim. Além disso, os meus interesses mudaram.

— O que você quer dizer?

— As peças estão quase em seus lugares para o grande jogo. A República, a Federação do Comércio, o resto, todos estão prontos para desempenhar os seus papéis. Serve-me ter a Ordem Jedi sempre se movimentando, seguindo os caprichos do comércio e do Senado. Movimentando forças e dividindo a sua atenção. O fechamento dos entrepostos avançados ao longo da rota Ootmiana faz parte disso.

— E a infelicidade que isso causa em planetas como Kwenn?

— É sua própria recompensa. — Palpatine continuou falando, ignorando-o. — Admiro a crueldade com que Zilastra levou a cabo seu esquema, mas duvidava que ela tivesse sucesso. É bom assim.

— Do que está falando?

— Ela é de interesse, é claro. Qualquer pessoa que despreze tanto os Jedi é. Vou mantê-la em mente.

Voh achou que estava ouvindo bobagens do senador. Delírios. Mas não pôde deixar de responder. Ele se mexeu nervosamente.

— Por que...você está me dizendo isso?

— Eu não estava te dizendo. Estava dizendo *a ele*.

Voh se virou, esperando ver o dono do prédio. Em vez disso, o seu corpo se levantou da cadeira, impulsionado por uma força invisível para o meio do ar. O seu corpo girou, revelando o zabrak tatuado de vermelho por trás dele.

O senescal nunca o havia visto antes, mas estava bastante certo de que ele não era o florista.

EPÍLOGO

A BORDO DA *GARANTIA*

EM ÓRBITA DE KWENN

— Não, não, não! — rosnou o Capitão Baylo. — Volte para a mesa de sinais antes que nos enrolemos na estação espacial!

De volta a bordo da *Garantia*, Mace observou enquanto o jovem cadete se arrastava de volta para o seu console habitual.

— Outro dia de treinamento?

— Todos os dias são dias de treinamento, — disse o capitão. — Mas o leme não é pra todos. — Ele olhou para o garoto. — Não esperava que alguém chamado Veers voasse direito!

Mace lançou um olhar compreensivo ao jovem. *Todos começam de algum lugar.*

Era correto para o Mestre Jedi parar em órbita para se encontrar com Baylo; nunca tinha visto o capitão no chão e só podia imaginar como ele poderia parecer deslocado lá. O espaço era o seu habitat natural.

A *Garantia*, em todos os aspectos, havia tido sucesso em sua missão, muito além das imaginações daqueles que sugeriram a missão. O que começou como uma chance para os políticos darem um discurso sobre o combate à pirataria resultou, contra todas as probabilidades, no colapso completo de todas as principais organizações criminosas desta seção da Região. Estava além das expectativas de todos, especialmente do capitão.

E a República tinha notado.

— Indenizações Chokoll e a Via Hydiana terão que esperar, — disse Baylo enquanto caminhavam pela ponte. — É difícil de acreditar, mas o

nosso contrato com as Forças Judiciais foi renovado.

— Isso foi inesperado?

— É quase sem precedentes. Significa que alguém que nos contratou realmente nos deu crédito por causar um impacto. — Ele olhou para Mace. — Suspeito que você teve algo a ver com isso.

Mace levantou as mãos.

— Relatei à República, assim como você. Não houve pressão aplicada.

Isso não era inteiramente verdade, Mace sabia, mas também sabia que Baylo não gostava de dever nada a ninguém, muito menos a um Jedi.

Ficou feliz em ver que ele e Baylo haviam chegado a um equilíbrio de alguma forma. Mace estava no auge de uma organização de imenso poder; Baylo era um líder num campo onde o poder nunca foi permitido consolidar. Os seus temperamentos eram semelhantes de algumas maneiras, diferentes de outras. No entanto, ambos tinham o mesmo senso de responsabilidade com os seus trabalhos e eram ambos profissionais consumados com longos registros.

Baylo deu de ombros.

— Não é a mim que você deveria fazer algo de qualquer forma. É à tripulação. — Ele apontou para a ponte. — E não apenas a minha tripulação. Cada tripulação que está aqui, cutucando os ninhos, vendo se algo rasteja para fora. Eles merecem mais do que perder seus empregos porque o velho não conseguiu uma carta de marca. Eles precisam de algo permanente, e eu também.

Mace ouviu algo nisso e teve um pensamento.

— Posso ter algo permanente pra você.

— Não tenho certeza do que. Sem um adversário digno, os poderes estabelecidos sempre considerarão a marinha um luxo desnecessário.

— E ainda não apoio a ideia de uma força militar para a República, naval ou de outra forma, — disse Mace. — Mas pode haver uma maneira de criar algo diferente. Os vários grupos de interdição de piratas que temos agora se beneficiariam de um componente educacional, correto?

Baylo parou de andar. Ele olhou.

— Você está falando de uma academia de serviço?

— Ou uma nave de treinamento. — Mace olhou para a ponte com aprovação. — Com uma comissão permanente da República, você poderia começar um aqui, ensinando outros a fazer o tipo de trabalho que você tem feito há anos.

Baylo olhou pra ele, sem palavras pela mudança.

— Acho que você poderia encontrar patrocínio pra esse programa. O que você diria a isso?

O capitão olhou ao redor e resmungou com desdém.

— Eu digo que nenhum cadete deveria servir a bordo de uma nave nomeado para agradar uma corporação de seguros.

— Chame do que quiser. Você está no comando, *Comandante*.

Baylo se endireitou. Então ele sorriu de forma irônica.

— Você não é tão ruim, Windu. Quero dizer, para um Jedi.

—

— E O QUE É ISSO? E *aquilo*?

Depa lutava para responder a cada uma das perguntas de Kylah antes que outra a atingisse. Do convés da *Garantia* às suas baías de pouso e o seu arsenal, Kylah usou o seu passeio pela corveta para fazer um inventário completo, dizendo o que era igual a *Aleatoriedade* e o que era diferente. Era fácil lembrar que a garota passara a maior parte de sua vida se esgueirando dentro e fora de naves estelares.

A descoberta mais importante, no entanto, aguardava ao virar da esquina.

— *Tripulação em atenção! Jedi nos alojamentos!*

A adolescente que gritara ficou ao lado da porta. O seu uniforme era igual ao dos outros cadetes a bordo da *Garantia*, e o mesmo acontecia com os outros ocupantes nos alojamentos atrás dela. Todos ficaram em atenção ao lado de seus beliches: pessoas de muitas espécies diferentes, algumas da idade de Kylah, outras mais velhas.

— À vontade! — A ordem não veio de Depa, mas de Baylo, que se aproximava por trás. Ele parou e olhou para Depa. — É esta?

— Kylah Lohmata, — disse Depa. — Vários anos de serviço em, bem, mais naves do que consigo me lembrar dela me contando.

Kylah olhou pra cima para o capitão, fascinada. Depa e a garota já tinham visto Baylo quando entraram com Mace, mas o capitão, como era o seu costume, tinha completamente ignorado-a. Não agora.

Baylo olhou Kylah de cima a baixo.

— Serviço com quem? Fale!

— Caminhantes da Fenda, senhor. A *Aleatoriedade* e outras naves.

— Caminhantes da Fenda. — Sua mandíbula se contraiu. — Eles nos deram um bom trabalho. Está pronta para se juntar a uma unidade de verdade?

Os olhos de Kylah se arregalaram. Ela olhou para Depa.

— Nós não tínhamos chegado a discutir isso, — disse Depa.

— Bem, informe-a ou expulse-a. Não quero piratas assustando os cadetes. — Baylo seguiu pelo corredor.

Depa e Kylah o observaram ir embora, então olharam para os alojamentos da tripulação, onde todo o turno olhava para Kylah com espanto. Baylo tinha falado de propósito na frente deles, percebeu Depa.

Kylah puxou Depa de volta para o corredor.

— É essa a ideia que você estava me contando?

Depa assentiu.

— Eu não quero você num orfanato, e por mais que eles fossem, os Caminhantes da Fenda eram a sua família. — Ela apontou para a porta dos alojamentos. — Eu morei nesta nave por um tempo. Essas são boas pessoas, Kylah. Muitas da sua idade. As escalas numa nave como esta são difíceis de conseguir, são caras. E não só Baylo ofereceu uma pra você, ele acabou de fazer a sua reputação com todos aqui.

Kylah olhou para a porta enquanto o turno partia para o refeitório. Cada cadete que passava pela garota lhe lançava um olhar lateral e curioso.

Quando eles partiram, ela olhou urgentemente para Depa.

— Eu quero isso. Mas eu não quero te deixar.

— Eu tenho o meu papel. Você sabe disso. E só posso aceitar Jedi treinados como alunos.

— Isso não é justo.

Zilastra certamente achava isso, pensou Depa.

— Os Jedi e naves como esta trabalham juntos o tempo todo. Há uma chance de nos vermos. Tenho muitos amigos fora da Ordem. Se as coisas não derem certo, Baylo a trará de volta para Coruscant e encontraremos algo mais.

— E se derem certo?

— O céu é o limite, Cadete Lohmata.

Kylah olhou para ela espantada, e então as lágrimas começaram. As duas se abraçaram.

Então a garota enxugou as lágrimas.

— Vou verificar a comida, — disse ela. — Não posso deixá-los me ver chorando!

Depa enxugou os próprios olhos enquanto Kylah corria pelo corredor em direção ao seu novo mundo.

A Jedi não ficou surpresa ao perceber que estava sendo observada.

— Você viu?

— A nossa nave chegou. — Mace deu um passo à frente. — Não queria interferir.

— Você não interferiu. Obrigada por ajudar a organizar isso.

— Baylo nos ouviu. — Ele olhou pra baixo do corredor. — Acho que você ajudou uma pessoa.

— Espero que tenhamos ajudado mais do que ela. — Depa endireitou-se e soltou um suspiro profundo. — Você sabe, tenho pensado em aceitar um aprendiz de novo.

— Enquanto no Conselho? — Mace pareceu considerar. — É incomum, com certeza. Raramente há tempo.

— E raramente estamos ativos o suficiente para ensiná-los muito, — disse Depa. — Mas talvez finalmente seja a hora. Talvez não este ano, mas em breve.

— Então acontecerá. — Mace assentiu. — A Força olhará gentilmente para quem você escolher.

—

QUI-GON NÃO tinha a intenção de estar na última festa Jedi a deixar Kwenn, mas foi assim que aconteceu. Sem um entreposto para fazer os detalhes de encerramento, o Mestre Koth instruiu a ele e Obi-Wan a deixarem a *Aleatoriedade* em forma para partir para Coruscant, onde descobriram que estavam os verdadeiros proprietários. Qui-Gon esperava apenas o Mestre Yoda, que havia ido se despedir do senescal, e a conclusão de sua revisão da nave.

— Parece bom, — disse Qui-Gon para Lobber. — Não há um único detonador térmico por aí.

— O grande problema foi consertar todas as portas que vocês trancaram, — respondeu Lobber. Ele estendeu a mão para o sabre de luz no cinto de Qui-Gon. — Posso pegar um desses?

Qui-Gon se afastou rapidamente.

— Absolutamente não. — Ele olhou para um corredor lateral. — Ah, Obi-Wan. Como foi?

— Incrivelmente, muito bem. — Obi-Wan levou Ghor e Wungo para fora da sala de manutenção. — O tempo que passaram a bordo desta nave parece ter valido a pena. As coisas parecem estar funcionando, e as canalizações estão surpreendentemente limpas e polidas.

— Isso era coisa da Zilastra, — disse Ghor.

Wungo enxugou o suor da testa.

— Não me lembre disso.

Lobber encarou Qui-Gon.

— É isso aí, Homem Jedi Man. Conseguimos a sua nave pra você e até a limpamos. O que você vai nos dar em troca?

— É sobre isso que eu queria discutir. Venha comigo.

Ele e Obi-Wan os levaram até a rampa do pouso do espaçoporto. Lá, ele enfrentou os três.

— Cometi um erro quando nos encontramos, — disse ele. — Meu aluno e eu estávamos preocupados com os passageiros que vocês ameaçaram, e não pedimos desculpas por protegê-los. Mas haviam tantos deles que não

dedicamos tempo suficiente para investigar as suas situações, o que os levou a sequestrar a nave.

Obi-Wan pegou o fio da meada.

— É claro que é possível que vocês estejam comprometidos com essa carreira, irremediavelmente corrompidos, caso em que mais cedo ou mais tarde nos encontraremos. Se isso é algo que vocês estão ansiosos para acontecer, veremos então.

— Mas não precisa ser assim. — Qui-Gon apontou para a nave. — Vocês podem fazer o que sabem, começando aqui e agora.

Lobber parecia confuso.

— O quê, roubar de novo?

— Um contrato foi oferecido pela Recuperação Cidade Galáctica em Coruscant. Eles fazem retomadas de naves estelares e devolvem as naves roubadas aos seus verdadeiros proprietários, mediante uma taxa. Esta nave, descobriu-se, era uma vez uma *Resiliente*.

Obi-Wan sorriu.

— De todas as coisas, uma perseguidora de piratas.

— Eles estão dispostos a lhes dar uma parte, e fornecer mais trabalho, se vocês devolverem esta nave para Coruscant agora.

Os olhos de Ghor se arregalaram.

— Você está nos dando um emprego!

— Não eu. Mas podemos fazer isso acontecer.

— Vamos lá! — disse Wungo. Os seus companheiros o seguiram pela rampa, quase derrubando Obi-Wan.

Obi-Wan juntou as mãos e gritou pra cima da nave.

— Não saiam sem nós!

— Shh. — Qui-Gon falou confidencialmente. — Eu tenho os códigos de partida.

— Que alívio.

Do outro lado do pátio de pouso, eles viram Yoda se aproximando. Confiantes de que a fragata não iria a lugar nenhum, encontraram-no no meio do caminho. Yoda não parecia muito feliz.

— Já partiu, o senescal. Em seu nome, um bilhete para Corellia foi comprado.

— Suponho que ele esteja levando a sua aposentadoria para outro lugar, — disse Qui-Gon, olhando ao redor da ampla extensão do mundo visível do terraço onde o pátio de pouso estava. — Uma pena ele ter ido embora. Kwenn é um lugar agradável.

— Eu só queria ter tido a chance de ver, — brincou Obi-Wan.

Yoda se juntou a eles para olhar Kwenn.

— Estou feliz que você tenha vindo até mim em Coruscant, Mestre Qui-Gon.

Qui-Gon assentiu.

— Eu não teria pressionado o Conselho tanto quanto fiz se não achasse que você estaria receptivo.

Obi-Wan olhou pra eles surpreso.

— Espera. Vocês dois conversaram sobre isso antes?

— Ao longo dos anos, em várias ocasiões, — disse Qui-Gon. — Mas sim, antes de eu me encontrar com o Mestre Windu no Templo Jedi, finalmente encontrei o Mestre Yoda. Concordamos que alguma forma de retiro era necessária. Kwenn surgiu como uma escolha apenas depois que parti, mas foi uma escolha apropriada.

Obi-Wan parecia atordoado.

— Da maneira como as pessoas ao redor do Templo estavam falando, você emitiu um desafio desafiador.

— Já te falei sobre aquele prédio e o fofocar, — disse Qui-Gon. — Não sou insubordinado. Sou pouco ortodoxo. Os insubordinados são ignorados. Os pouco ortodoxo são ouvidos, relutantemente.

Ele encarou Yoda.

— Então o retiro. Funcionou?

— Uma leveza retornou, — disse Yoda. — Os primeiros sorrisos em décadas, pra alguns.

Qui-Gon o olhou atentamente.

— Eles estão alegres. Mas estão *conscientes*?

— A Força viva fluiu através de nós. Não apenas dias para nós mesmos, foram estes. Para outros, eles foram.

— Então os dias também se tornaram seus, — disse Obi-Wan.

— Você está entendendo, — disse Qui-Gon sorrindo.

Eles se afastaram da vista. Depois de alguns momentos, Obi-Wan quebrou o silêncio.

— Mestres, há apenas...

Ele não terminou a frase. Qui-Gon e Yoda olharam para ele e depois um para o outro. Yoda comentou primeiro.

— Confuso, o seu aprendiz está.

— Tenho medo de que seja uma condição perpétua, — disse Obi-Wan.

Qui-Gon abriu as palmas das mãos.

— Fale.

Obi-Wan avançou.

— A Mestra Billaba agiu corretamente ao escolher repetidamente a garota em vez de derrotar Zilastra? Quero dizer, acabou tudo bem. Mas parece ir contra o que me ensinaram.

— Uma pergunta difícil, — disse Yoda. — Uma etapa de muitas, é a vida. Não devemos nos apegar a ela.

— As nossas próprias vidas, ou as dos outros, — acrescentou Obi-Wan. — Sem apegos, é a primeira coisa que aprendemos!

— É claro, — disse Qui-Gon. — Essas são as regras Jedi e as regras do Conselho. Mas permito que a Força possa ter uma opinião mais sutil.

Obi-Wan riu.

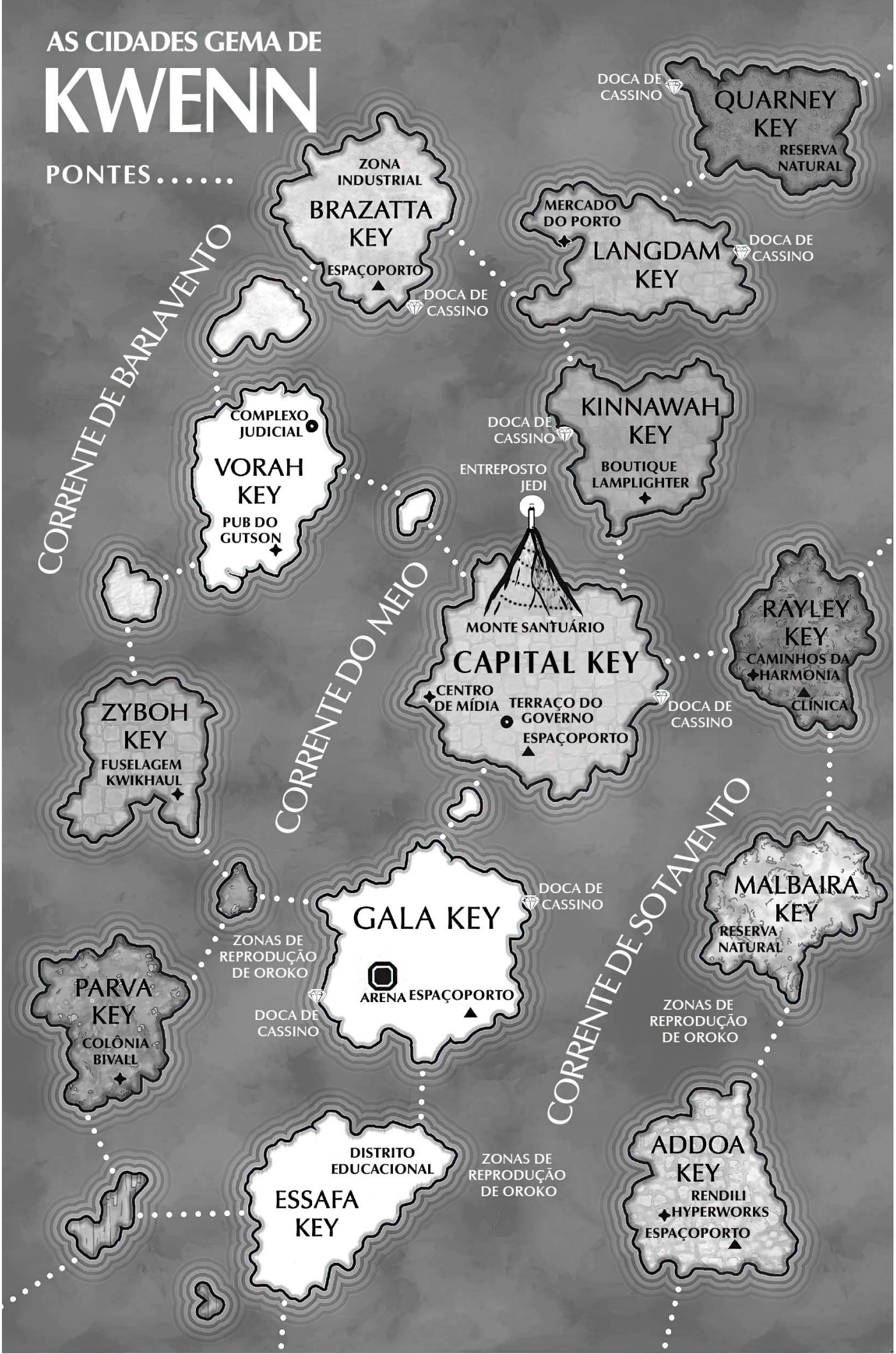
— A Força soa como um certo mestre que eu conheço.

— Ria se quiser, mas os caminhos da Força viva são misteriosos. Quando você ajuda uma pessoa agora, cria o potencial para que ela faça muitas boas obras no futuro.

— Mas...

Qui-Gon colocou a mão no pulso de seu Padawan.

— Os apegos não são o problema. *A indiferença é*. — Ele se virou e chamou enquanto caminhava em direção à nave. — Salve um amigo, Obi-Wan, e o amigo pode te salvar.


AS CIDADES GEMA DE
KWENN
PONTES.....
QUARNEY KEY
RESERVA NATURAL
DOCA DE CASSINO
ZONA INDUSTRIAL
BRAZATTA KEY
ESPAÇOPORTO
DOCA DE CASSINO
MERCADO DO PORTO
LANGDAM KEY
DOCA DE CASSINO
CORRENTE DE BARLAVENTO
COMPLEXO JUDICIAL
VORAH KEY
PUB DO GUTSON
DOCA DE CASSINO
KINNAWAH KEY
BOUTIQUE LAMPLIGHTER
ENTREPOSTO JEDI
MONTE SANTUÁRIO
CAPITAL KEY
CENTRO DE MÍDIA
TERRAÇO DO GOVERNO
ESPAÇOPORTO
DOCA DE CASSINO
CORRENTE DO MEIO
RAYLEY KEY
CAMINHOS DA HARMONIA
CLÍNICA
ZYBOH KEY
FUSELAGEM KWIKHAUL
CORRENTE DE SOTAVENTO
MALBAIRA KEY
RESERVA NATURAL
DOCA DE CASSINO
GALA KEY
ARENA
ESPAÇOPORTO
ZONAS DE REPRODUÇÃO DE OROKO
DOCA DE CASSINO
PARVA KEY
COLÔNIA BIVALL
ZONAS DE REPRODUÇÃO DE OROKO
DISTRITO EDUCACIONAL
ESSAFA KEY
ZONAS DE REPRODUÇÃO DE OROKO
ADDOA KEY
RENDILI HYPERWORKS
ESPAÇOPORTO

STAR WARS

STAR WARS / A FORÇA VIVA

TÍTULO ORIGINAL: Star Wars / The Living Force
COPIDESQUE: TRADUTORES DOS WHILLS
REVISÃO: TRADUTORES DOS WHILLS
DIAGRAMAÇÃO: TRADUTORES DOS WHILLS
ILUSTRAÇÃO: Oliver Cuthbertson | Scott Biel | TdW
GERENTE EDITORIAL: TRADUTORES DOS WHILLS
DIREÇÃO EDITORIAL: TRADUTORES DOS WHILLS
VERSÃO ELETRÔNICA: TRADUTORES DOS WHILLS
ASSISTENTES EDITORIAIS: TRADUTORES DOS WHILLS

COPYRIGHT © & TM 2024 LUCASFILM LTD.
COPYRIGHT ©TRADUTORES DOS WHILLS, 2024
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL)
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

STAR WARS - A FORÇA VIVA É UM LIVRO DE FICÇÃO. TODOS OS PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS SÃO FICCIONAIS.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M93jj **Miller**, John Jackson
Star Wars - A Força Viva [recurso eletrônico] / John Jackson Miller ; traduzido por Tradutores dos Whills
448 p. : 3.0 MB.
Tradução de: Star Wars - The Living Force
ISBN: 9780593597965 (Ebook)
1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I. Dos Whills, Tradutores CF. II. Título.
2020-274 CDD 813.0876
CDU 821.111(73)-3

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3

tradutoresdoswhills.wordpress.com

SOBRE O AUTOR

JOHN JACKSON MILLER é o autor mais vendido pelo *New York Times* e premiado com o Scribe Award, *Star Wars: Kenobi*, assim como *Star Wars: Um Novo Amanhecer*, *Star Wars: A Tribo Perdida dos Sith*, *Star Wars: Cavaleira Errante*, e as coleções de HQs de *Star Wars Legends*: *A Velha República* da Marvel. Ele também escreveu romances e hqs para outras franquias, incluindo *Star Trek*, *Battlestar Galactica*, *Halo*, *Homem de Ferro*, *Mass Effect*, *Planeta dos Macacos* e *Os Simpsons*. Historiador da indústria de quadrinhos, ele mora em Wisconsin com a sua família, associado a uma variedade de vida selvagem e um número excessivo de quadrinhos.

AGRADECIMENTOS

Exatamente dez anos se passaram entre a escrita do meu último romance completo de *Star Wars*, *Um Novo Amanhecer*, e *A Força Viva*, mas eu não poderia ter escrito este livro há dez anos atrás.

Foi durante a década que se passou que eu reconheci o fio condutor entre os meus trabalhos anteriores de *Star Wars*, com as HQs dos *Cavaleiros da Velha República*, bem como os romances da Random House *Kenobi*, *Cavaleira Errante*, *Um Novo Amanhecer* e até *Tribo Perdida dos Sith*, era que todos eles retratavam Cavaleiros Jedi que estavam isolados e por conta própria, muito parecidos com o protótipo solitário, como Luke Skywalker. Ao longo do caminho, a própria Ordem Jedi passou por muita análise crítica nesses trabalhos, e não pouca crítica.

Mas claramente havia uma diversidade de pensamento dentro da Ordem, e Qui-Gon Jinn era o maior símbolo disso. Então, quando o meu editor Tom Hoeler, que me ajudou a manter o meu passaporte para a Galáxia Distante atualizado com trabalhos mais curtos enquanto eu explorava as fronteiras de outro universo, me pediu para considerar um romance retratando o Conselho Jedi antes de *A Ameaça Fantasma*, eu soube qual história eu tinha que contar. O desafio de Qui-Gon me deu a chance de dar voz a muitos personagens, alguns dos quais não tinham falado muito antes, sobre o que ser um Jedi significava não apenas pra eles, mas pra todos aqueles a quem serviam.

Meus agradecimentos vão para Tom por me ajudar a lidar com o elenco colossal, e também para a equipe da Random House Worlds, incluindo Elizabeth Schaefer, Keith Clayton e todos os outros nos bastidores. Agradecimento como sempre vai para a equipe da Lucasfilm, incluindo

Jennifer Heddle, o Diretor Criativo Michael Siglain e todo o Grupo de Histórias da Lucasfilm.

Agradeço novamente aos meus revisores Meredith Miller e Brent Frankenhoff, e também aos membros da minha equipe de apoio Katie Dunn, James Mishler e Ann Rosenstein, que me ajudaram a equilibrar a escrita com uma agenda de eventos movimentada.

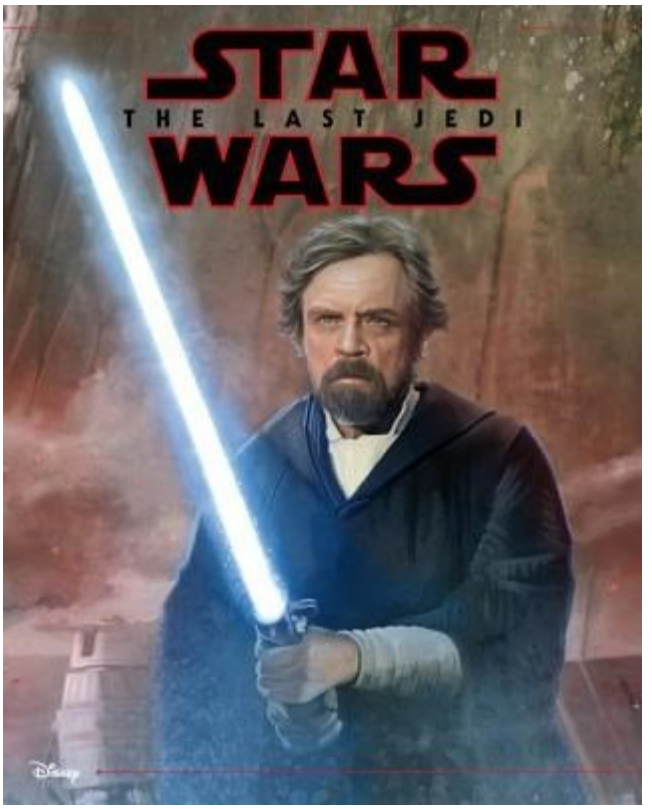
E os meus agradecimentos a vocês, caros leitores, pelo seu apoio, e paciência, ao longo de todos esses anos. Que a Força esteja com vocês!

Star Wars: Guardiões dos Whills

Baixe agora e leia

No mundo do deserto de Jedha, na Cidade Santa, os amigos Baze e Chirrut costumavam ser Guardiões das colinas, que cuidavam do Templo de Kyber e dos devotos peregrinos que adoravam lá. Então o Império veio e assumiu o planeta. O templo foi destruído e as pessoas espalhadas. Agora, Baze e Chirrut fazem o que podem para resistir ao Império e proteger as pessoas de Jedha, mas nunca parece ser suficiente. Então um homem chamado Saw Gerrera chega, com uma milícia de seus próprios e grandes planos para derrubar o Império. Parece ser a maneira perfeita para Baze e Chirrut fazer uma diferença real e ajudar as pessoas de Jedha a viver melhores vidas. Mas isso vai custar caro?

Baixe agora e leia



STAR WARS: Episódio VIII: Os Últimos Jedi (Movie Storybook)

Baixe agora e leia

Um livro de imagens ilustrado que reconta o filme Star Wars: Os Últimos Jedi.

Baixe agora e leia

Chewie e a Garota Corajosa

Baixe agora e leia

Um Wookiee é o melhor amigo de uma menina! Quando Chewbacca conhece a jovem Zarro na Orla Exterior, ele não tem escolha a não ser deixar de lado sua própria missão para ajudá-la a resgatar seu pai de uma mina perigosa. Essa incrível Aventura foi baseada na HQ do Chewbacca… (FAIXA ETÁRIA: 6 a 8 anos)

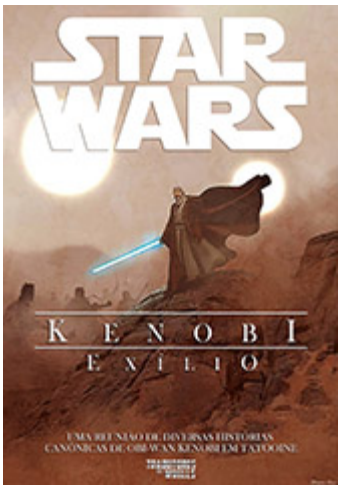
Baixe agora e leia

Star Wars: Ahsoka

Baixe agora e leia

Esse é o Terceiro Ebook dos Tradutores dos Whills com uma aventura emocionante sobre uma heroína corajosa das Séries de TV Clone Wars e Rebels: Ahsoka Tano! Os fãs há muito tempo se perguntam o que aconteceu com Ahsoka depois que ela deixou a Ordem Jedi perto do fim das Guerras Clônicas, e antes dela reaparecer como a misteriosa operadora rebelde Fulcro em Rebels. Finalmente, sua história começará a ser contada. Seguindo suas experiências com os Jedi e a devastação da Ordem 66, Ahsoka não tem certeza de que possa fazer parte de um todo maior de novo. Mas seu desejo de combater os males do Império e proteger aqueles que precisam disso e levará a Bail Organa e a Aliança Rebelde….

Baixe agora e leia



Star Wars: Kenobi Exílio

Baixe agora e leia

A República foi destruída, e agora a galáxia é governada pelos terríveis Sith. Obi-Wan Kenobi, o grande cavaleiro Jedi, perdeu tudo… menos a esperança. Após os terríveis acontecimentos que deram fim à República, coube ao grande mestre Jedi Obi-Wan Kenobi manter a sanidade na missão de proteger aquele que pode ser a última esperança da resistência ao Império. Vivendo entre fazendeiros no remoto e desértico planeta Tatooine, nos confins da galáxia, o que Obi-Wan mais deseja é manter-se no completo anonimato e, para isso, evita o contato com os moradores locais. No entanto, todos esses esforços podem ser em vão quando o “Velho Ben”, como o cavaleiro passa a ser conhecido, se vê envolvido na luta pela sobrevivência dos habitantes por uma Grande Seca e por causa de um chefe do crime e do povo da areia. Se com o Novo Cânone pudéssemos encontrar todos os materiais disponíveis aos anos de Exílio de Obi-Wan Kenobi em um só Lugar? Após o Livro Kenobi se tornar Legend, os fãs ficaram sem saber o que aconteceu com o Velho Ben nesse tempo de reclusão. Então os Tradutores dos

Whills também se fizeram essa pergunta e resolveram fazer esse trabalho de compilação dos Contos, Ebooks, Séries Animadas e HQs, em um só Ebook Especial e Canônico para todos os Fãs!!

Baixe agora e leia

Star Wars: Dookan: O Jedi Perdido

Baixe agora e leia

Esse é o Quarto Ebook dos Tradutores dos Whills com uma aventura emocionante sobre um Vilão dos Filmes e da Série de TV Clone Wars: Conde Dookan! Mergulhe na história do sinistro Conde Dookan no roteiro original da emocionante produção de áudio de Star Wars! Darth Tyranus. Conde de Serenno. Líder dos Separatistas. Um sabre vermelho, desembainhado no escuro. Mas quem era ele antes de se tornar a mão direita dos Sith? Quando Dookan corteja uma nova aprendiz, a verdade oculta do passado do Lorde Sith começa a aparecer. A vida de Dookan começou como um privilégio, nascido dentro das muralhas pedregosas da propriedade de sua família. Mas logo, suas habilidades Jedi são reconhecidas, e ele é levado de sua casa para ser treinado nos caminhos da Força pelo lendário Mestre Yoda. Enquanto ele afia seu poder, Dookan sobe na hierarquia, fazendo amizade com Jedi Sifo-Dyas e levando um Padawan, o promissor Qui-Gon Jinn, e tenta esquecer a vida que ele levou uma vez. Mas ele se vê atraído por um estranho fascínio pela mestra Jedi Lene Kostana, e pela missão que ela

empreende para a Ordem: encontrar e estudar relíquias antigas dos Sith, em preparação para o eventual retorno dos inimigos mais mortais que os Jedi já enfrentaram. Preso entre o mundo dos Jedi, as responsabilidades antigas de sua casa perdida e o poder sedutor das relíquias, Dookan luta para permanecer na luz, mesmo quando começa a cair na escuridão.

Baixe agora e leia

Star Wars: Discípulo Sombrio

Baixe agora e leia

Esse é o Quinto Ebook dos Tradutores dos Whills com uma aventura emocionante sobre um Vilões e Heróis dos Filmes e da Série de TV Clone Wars! Baseado em episódios não produzidos de Star Wars: The Clone Wars, este novo romance apresenta Asajj Ventress, a ex-aprendiz Sith que se tornou um caçadora de recompensas e uma das maiores anti-heróis da galáxia de Star Wars. Na guerra pelo controle da galáxia entre os exércitos do lado negro e da República, o ex-Mestre Jedi se tornou cruel. O Lorde Sith Conde Dookan se tornou cada vez mais brutal em suas táticas. Apesar dos poderes dos Jedi e das proezas militares de seu exército de clones, o grande número de mortes está cobrando um preço terrível. E quando Dookan ordena o massacre de uma flotilha de refugiados indefesos, o Conselho Jedi sente que não tem escolha a não ser tomar medidas drásticas: atacar o homem responsável por tantas atrocidades de guerra, o próprio Conde Dookan. Mas o Dookan sempre evasivo é uma presa perigosa para o caçador mais hábil. Portanto, o Conselho toma a decisão ousada

de trazer tanto os lados do poder da Força de suportar, — juntar o ousado Cavaleiro Quinlan Vos com a infame acólita Sith Asajj Ventress. Embora a desconfiança dos Jedi pela astuta assassina que uma vez serviu ao lado de Dookan ainda seja profunda, o ódio de Ventress por seu antigo mestre é mais profundo. Ela está mais do que disposta a emprestar seus copiosos talentos como caçadora de recompensas, e assassina, na busca de Vos.Juntos, Ventress e Vos são as melhores esperanças para eliminar a Dookan, — desde que os sentimentos emergentes entre eles não comprometam a sua missão. Mas Ventress está determinada a ter sua vingança e, finalmente, deixar de lado seu passado sombrio de Sith. Equilibrando as emoções complicadas que sente por Vos com a fúria de seu espírito guerreiro, ela resolve reivindicar a vitória em todas as frentes, uma promessa que será impiedosamente testada por seu inimigo mortal… e sua própria dúvida.

Baixe agora e leia

Star Wars: Episódio IX: A Ascensão do Skywalker: Edição Expandida

Baixe agora e leia

Leia o épico capítulo final da saga Skywalker com a novelização oficial de Star Wars: A Ascensão Skywalker, incluindo cenas ampliadas e conteúdo adicional não visto nos cinemas! A Resistência renasceu. Mas, embora Rey e seus companheiros heróis estejam de volta à luta, a guerra contra a Primeira Ordem, agora liderada pelo líder supremo Kylo Ren, está longe de terminar. Assim como a faísca da rebelião está reacendendo, um sinal misterioso é transmitido por toda a galáxia, com uma mensagem assustadora: o Imperador Palpatine, há muito pensado derrotado e destruído, está de volta dos mortos. O antigo Senhor dos Sith realmente voltou? Kylo Ren corta uma faixa de destruição pelas estrelas, determinado a descobrir qualquer desafio ao seu controle sobre a Primeira Ordem e seu destino para governar a galáxia – e esmagá-la completamente. Enquanto isso, para descobrir a

verdade, Rey, Finn, Poe e a Resistência devem embarcar na aventura mais perigosa que já enfrentaram. Apresentando cenas totalmente novas, adaptadas de material nunca visto, cenas excluídas e informações dos cineastas, a história que começou em Star Wars: O Despertar da Força e continuou em Star Wars: Os Últimos Jedi chega a uma conclusão surpreendente.

Baixe agora e leia

Star Wars: Os Segredos Dos Jedi

Baixe agora e leia

Descubra o mundo dos Jedi de Star Wars através desta experiência de leitura divertida e totalmente interativa. Star Wars: Jediografia é o melhor guia do universo Jedi para o universo dos Jedi, transportando jovens leitores para uma galáxia muito distante, através de recursos interativos, fatos fascinantes e ideias cativantes. Com ilustrações originais emocionantes e incríveis recursos especiais, como elevar as abas, texturas e muito mais, Star Wars: Jediografia garante a emoção das legiões de jovens fãs da saga.

Baixe agora e leia

Star Wars:Thrawn: Alianças

Baixe agora e leia

Palavras sinistras em qualquer circunstância, mas ainda mais quando proferidas pelo Imperador Palpatine. Em Batuu, nos limites das Regiões Desconhecidas, uma ameaça ao Império está se enraizando. Com a sua existência pouco mais que um vislumbre, as suas consequências ainda desconhecidas. Mas é preocupante o suficiente para o líder imperial justificar a investigação de seus agentes mais poderosos: o impiedoso agente Lorde Darth Vader e o brilhante estrategista grão almirante Thrawn. Rivais ferozes a favor do Imperador e adversários francos nos assuntos imperiais, incluindo o projeto Estrela da Morte, o par formidável parece parceiros improváveis para uma missão tão crucial. Mas o Imperador sabe que não é a primeira vez que Vader e Thrawn juntam forças. E há mais por trás de seu comando real do que qualquer um dos suspeitos. No que parece uma vida atrás, o

general Anakin Skywalker da República Galáctica e o comandante Mitth’raw’nuruodo, oficial da Ascensão do Chiss, cruzaram o caminho pela primeira vez. Um em uma busca pessoal desesperada, o outro com motivos desconhecidos... e não divulgados. Mas, diante de uma série de perigos em um mundo longínquo, eles forjaram uma aliança desconfortável, — nem remotamente cientes do que seus futuros reservavam. Agora, reunidos mais uma vez, eles se veem novamente ligados ao planeta onde lutaram lado a lado. Lá eles serão duplamente desafiados, — por uma prova de sua lealdade ao Império... e um inimigo que ameaça até seu poder combinado.

Baixe agora e leia

Star Wars: Legado da Força: Traição

Baixe agora e leia

Esta é a era do legado de Luke Skywalker: o Mestre Jedi unificou a Ordem em um grupo coeso de poderosos Cavaleiros Jedi. Mas enquanto a nova era começa, os interesses planetários ameaçam atrapalhar esse momento de relativa paz, e Luke é atormentado com visões de uma escuridão que se aproxima. O mal está ressurgindo “das melhores intenções” e parece que o legado dos Skywalkers pode dar um ciclo completo.A honra e o dever colidirão com a amizade e os laços de sangue, à medida que os Skywalker e o clã Solo se encontrarem em lados opostos de um conflito explosivo com repercussões potencialmente devastadoras para ambas as famílias, para a ordem Jedi e para toda a galáxia. Quando uma missão para descobrir uma fábrica ilegal de mísseis no planeta Aduman termina em uma emboscada violenta, da qual a Cavaleira Jedi Jacen Solo e o seu protegido e primo, Ben Skywalker, escapam por pouco com as suas vidas; é a evidência mais alarmante ainda

que desencadeia uma discussão política. A agitação está ameaçando inflamar-se em total Rebelião. Os governos de vários mundos estão se irritando com os rígidos regulamentos da Aliança Galáctica, e os esforços diplomáticos para garantir o cumprimento estão falhando. Temendo o pior, a Aliança prepara uma demonstração preventiva de poder militar, numa tentativa de trazer os mundos renegados para a frente antes que uma revolta entre em erupção. O alvo modelado para esse exercício: o planeta Corellia, conhecido pela independência impetuosa e pelo espírito renegado que fizeram de seu filho favorito, Han Solo, uma lenda. Algo como um trapaceiro, Jacen é, no entanto, obrigado como Jedi a ficar com seu tio, o Mestre Jedi Luke Skywalkers, ao lado da Aliança Galáctica. Mas quando os Corellianos de guerra lançam um contra-ataque, a demonstração de força da Aliança, e uma missão secreta para desativar a crucial Estação Central de Corellia; dão lugar a uma escaramuça armada. Quando a fumaça baixa, as linhas de batalha são traçadas. Agora, o espectro da guerra em grande escala aparece entre um grupo crescente de planetas desafiadores e a Aliança Galáctica, que alguns temem estar se tornando um novo Império. E, enquanto os dois lados lutam para encontrar uma solução diplomática, atos misteriosos de traição e sabotagem ameaçam condenar os esforços de paz a todo momento. Determinado a erradicar os que estão por trás do caos, Jacen segue uma trilha de pistas enigmáticas para um encontro sombrio com as mais chocantes revelações… enquanto Luke se depara com algo ainda mais preocupante: visões de sonho de uma figura sombria cujo poder da Força e crueldade lembram a ele de Darth Vader, um inimigo letal que ataca como um espírito sombrio em uma missão de destruição. Um agente do mal que, se as visões de Luke

acontecerem, trará uma dor incalculável ao Mestre Jedi e a toda a galáxia.

Baixe agora e leia

Star Wars: Battlefront II: Esquadrão Inferno

Baixe agora e leia

Após o humilhante roubo dos planos da Estrela da Morte e a destruição da estação de batalha, o Império está na defensiva. Mas não por muito. Em retaliação, os soldados imperiais de elite do Esquadrão Inferno foram chamados para a missão crucial de se infiltrar e eliminar os guerrilheiros, a facção rebelde que já foi liderada pelo famoso lutador pela liberdade da República, Saw Gerrera. Após a morte de seu líder, os guerrilheiros continuaram seu legado extremista, determinados a frustrar o Império, não importa o custo. Agora o Esquadrão Inferno deve provar seu status como o melhor dos melhores e derrubar os Partisans de dentro. Mas a crescente ameaça de serem descobertos no meio de seu inimigo transforma uma operação já perigosa em um teste ácido de fazer ou morrer que eles não ousam falhar. Para proteger e preservar o Império, até onde irá o Esquadrão Inferno. . . e quão longe deles?

Baixe agora e leia

Star Wars: Catalisador: Um Romance de Rogue One

Baixe agora e leia

A guerra está destruindo a galáxia. Durante anos, a República e os Separatistas lutaram entre as estrelas, cada um construindo uma tecnologia cada vez mais mortal na tentativa de vencer a guerra. Como membro do projeto secreto da Estrela da Morte do Chanceler Palpatine, Orson Krennic está determinado a desenvolver uma super arma antes que os inimigos da República possam. E um velho amigo de Krennic, o brilhante cientista Galen Erso, poderia ser a chave para a tentativa de vencer a guerra. Como membro do projeto secreto da Estrela da Morte do Chanceler Palpatine, Orson Krennic está determinado a desenvolver uma super arma antes que os inimigos da República possam. E um velho amigo de Krennic, o brilhante cientista Galen Erso, poderia ser a chave. A pesquisa focada na energia de Galen chamou a atenção de Krennic e de seus inimigos, tornando o cientista um peão crucial no conflito galáctico.

Mas depois que Krennic resgata Galen, sua esposa, Lyra, e sua filha Jyn, de sequestradores separatistas, a família Erso está profundamente em dívida com Krennic. Krennic então oferece a Galen uma oportunidade extraordinária: continuar seus estudos científicos com todos os recursos totalmente à sua disposição. Enquanto Galen e Lyra acreditam que sua pesquisa energética será usada puramente de maneiras altruístas, Krennic tem outros planos que finalmente tornarão a Estrela da Morte uma realidade. Presos no aperto cada vez maior de seus benfeitores, os Ersos precisam desembaraçar a teia de decepção de Krennic para salvar a si mesmos e à própria galáxia.

Baixe agora e leia

Star Wars: Ascensão Rebelde

Baixe agora e leia

Quando Jyn Erso tinha cinco anos, sua mãe foi assassinada e seu pai foi tirado dela para servir ao Império. Mas, apesar da perda de seus pais, ela não está completamente sozinha, — Saw Gerrera, um homem disposto a ir a todos os extremos necessários para resistir à tirania imperial, acolhe-a como sua e dá a ela não apenas um lar, mas todas as habilidades e os recursos de que ela precisa para se tornar uma rebelde.Jyn se dedica à causa e ao homem. Mas lutar ao lado de Saw e seu povo traz consigo o perigo e a questão de quão longe Jyn está disposta a ir como um dos soldados de Saw. Quando ela enfrenta uma traição impensável que destrói seu mundo, Jyn terá que se recompor e descobrir no que ela realmente acredita… e em quem ela pode realmente confiar.

Baixe agora e leia

Star Wars: A Alta República: A Luz dos Jedi

Baixe agora e leia

Muito antes da Primeira Ordem, antes do Império ou antes mesmo da Ameaça Fantasma . . . Os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia na Alta República. É uma era de ouro. Os intrépidos batedores do hiperespaço expandem o alcance da República para as estrelas mais distantes, mundos prosperam sob a liderança benevolente do Senado e a paz reina, reforçada pela sabedoria e força da renomada ordem de usuários da Força conhecidos como Jedi. Com os Jedi no auge de seu poder, os cidadãos livres da galáxia estão confiantes em sua habilidade de resistir a qualquer tempestade. Mas mesmo a luz mais brilhante pode lançar uma sombra, e algumas tempestades desafiam qualquer preparação. Quando uma catástrofe chocante no hiperespaço despedaça uma nave, a enxurrada de estilhaços que emergem do desastre ameaça todo o sistema. Assim que o pedido de ajuda sai, os Jedi correm para o local. O escopo do surgimento, no entanto, é o suficiente

para levar até os Jedi ao seu limite. Enquanto o céu se abre e a destruição cai sobre a aliança pacífica que ajudaram a construir, os Jedi devem confiar na Força para vê-los em um dia em que um único erro pode custar bilhões de vidas. Mesmo enquanto os Jedi lutam bravamente contra a calamidade, algo verdadeiramente mortal cresce além dos limites da República. O desastre do hiperespaço é muito mais sinistro do que os Jedi poderiam suspeitar. Uma ameaça se esconde na escuridão, longe da era da luz, e guarda um segredo.

Baixe agora e leia

Star Wars: A Alta República: O Grande Resgate Jedi

Baixe agora e leia

Conheça os nobres e sábios Jedi da Alta República!Quando um desastre acontece no hiperespaço, colocando o povo de Hetzal Prime em grave perigo, apenas os Jedi da Alta República podem salvar o dia! Esse ebook é a forma mais incrível de introduzir as crianças nessa nova Era da Alta República, pois reconta a história do Ebook Luz dos Jedi de forma simples e didática para as crianças. (FAIXA ETÁRIA: 5 a 8 anos)

Baixe agora e leia

Star Wars: A Alta República: Na Escuridão

Baixe agora e leia

Muito antes da Primeira Ordem, antes do Império ou antes mesmo da Ameaça Fantasma... Os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia na Alta República. Padawan Reath Silas está sendo enviado da cosmopolita capital galáctica de Coruscant para a fronteira subdesenvolvida, e ele não poderia estar menos feliz com isso. Ele prefere ficar no Templo Jedi, estudando os arquivos. Mas quando a nave em que ele está viajando é arrancada do hiperespaço em um desastre que abrange toda a galáxia, Reath se encontra no centro da ação. Os Jedi e seus companheiros de viagem encontram refúgio no que parece ser uma estação espacial abandonada. Mas então coisas estranhas começaram a acontecer, levando os Jedi a investigar a verdade por trás da estação misteriosa, uma verdade que pode terminar em tragédia...

Baixe agora e leia

Star Wars: A Alta República: Um Teste de Coragem

Baixe agora e leia

Muito antes da Primeira Ordem, antes do Império ou antes mesmo da Ameaça Fantasma... Vernestra Rwoh é mais nova Cavaleira Jedi com dezesseis anos, mas a sua primeira missão de verdade parece muito com ser babá. Ela foi encarregada de supervisionar a aspirante a inventora Avon Starros, de 12 anos, em um cruzador rumo à inauguração de uma nova estação espacial maravilhosa chamada Farol Estelar. Mas logo em sua jornada, bombas explodem a bordo do cruzador. Enquanto o Jedi adulto tenta salvar a nave, Vernestra, Avon, o droide J-6 de Avon, um Padawan Jedi e o filho de um embaixador conseguem chegar a uma nave de fuga, mas as comunicações acabam e os suprimentos são poucos. Eles decidem pousar em uma lua próxima, que oferece abrigo, mas não muito mais. E sem o conhecimento deles, o perigo se esconde na selva…

Baixe agora e leia

Star Wars: A Alta República: Corrida para Torre Crashpoint

Baixe agora e leia

Outra história emocionante da série mais vendida do New York Times! A Feira da República está chegando! Visitantes de toda a galáxia estão viajando para o planeta Valo para um festival enorme e inspirador que celebra a República. Enquanto os seus companheiros Valons se preparam para a feira, o Padawan Jedi Ram Jomaram está se escondendo em seu lugar favorito: uma garagem suja cheia de peças mecânicas e ferramentas. Mas quando um alarme de segurança dispara no topo de uma colina próxima, apelidado de Pico Crashpoint, ele se aventura com o seu confiável droide V-18 para investigar. Lá, ele descobre que alguém derrubou a torre de comunicações de Valo, um sinal assustador de que Valo e a Feira da República estão em perigo. Com certeza, enquanto Ram corre para avisar os Jedi, os temidos Nihil desencadeiam um ataque surpresa! Cabe a Ram enfrentar o inimigo

na Torre Crashpoint e enviar um pedido de ajuda à República. Felizmente, ele está prestes a receber ajuda de novos amigos inesperados… Não perca todas as aventuras de Star Wars: A Alta República! (Material indicado para crianças a partir de 8 – 12 anos)

Baixe agora e leia

Star Wars: Velha República: Enganados

Baixe agora e leia

“Nossa hora chegou. Durante trezentos anos nos preparamos; ficamos mais fortes enquanto você descansava em seu berço de poder... Agora sua República cairá.”Um guerreiro Sith para rivalizar com o mais sinistro dos Lordes Sombrios da Ordem, Darth Malgus derrubou o Templo Jedi em Coruscant em um ataque brutal que chocou a galáxia. Mas se a guerra o coroasse como o mais sombrio dos heróis Sith, a paz o transformará em algo muito mais hediondo, algo que Malgus nunca gostaria de ser, mas não pode parar de se tornar, assim como ele não pode impedir a Jedi desobediente de se aproximar rapidamente. O nome dela é Aryn Leneer - e o único Cavaleiro Jedi que Malgus matou na batalha feroz pelo Templo Jedi

era seu Mestre. Agora ela vai descobrir o que aconteceu com ele, mesmo que isso signifique quebrar todas as regras da Ordem.

Baixe agora e leia

Star Wars: Thrawn: Traição

Baixe agora e leia

Essa foi a promessa que o Grão Almirante Thrawn fez ao Imperador Palpatine em seu primeiro encontro. Desde então, Thrawn tem sido um dos instrumentos mais eficazes do Império, perseguindo os seus inimigos até os limites da galáxia conhecida. Mas por mais que Thrawn tenha se tornado uma arma afiada, o Imperador sonha com algo muito mais destrutivo. Agora, enquanto o programa TIE Defender de Thrawn é interrompido em favor do projeto ultrassecreto conhecido apenas como Estrelinha, do Diretor Krennic, ele percebe que o equilíbrio de poder no Império é medido por mais do que apenas perspicácia militar ou eficiência tática. Mesmo o maior intelecto dificilmente pode competir com o poder de aniquilar planetas inteiros. Enquanto Thrawn trabalha para garantir o seu

lugar na hierarquia Imperial, seu ex-protegido Eli Vanto retorna com um terrível aviso sobre o mundo natal de Thrawn. O domínio da estratégia de Thrawn deve guiá-lo através de uma escolha impossível: dever para com a Ascendência Chiss ou a fidelidade para com o Império que ele jurou servir. Mesmo que a escolha certa signifique cometer traição.

Baixe agora e leia

Star Wars: Mestre e Aprendiz

Baixe agora e leia

Um Jedi deve ser um guerreiro destemido, um guardião da justiça e um erudito nos caminhos da Força. Mas talvez o dever mais essencial de um Jedi seja transmitir o que aprenderam. Mestre Yoda treinou Dookan o qual treinou Qui-Gon Jinn; e agora Qui-Gon tem um Padawan próprio. Mas enquanto Qui-Gon enfrentou todos os tipos de ameaças e perigos como um Jedi, nada o assustou tanto quanto a ideia de falhar com seu aprendiz. Obi-Wan Kenobi tem profundo respeito por seu Mestre, mas luta para entendê-lo. Por que Qui-Gon deve tantas vezes desconsiderar as leis que obrigam os Jedi? Por que Qui-Gon é atraído por antigas profecias Jedi em vez de preocupações mais práticas? E por que Obi-Wan não disse que Qui-Gon está considerando um convite para se juntar ao Conselho

Jedi - sabendo que isso significaria o fim de sua parceria? A resposta simples o assusta: Obi-Wan falhou com seu Mestre. Quando Jedi Rael Aveross, outro ex-aluno de Dookan, solicita sua ajuda em uma disputa política, Jinn e Kenobi viajam para a Corte Real de Pijal para o que pode ser sua missão final juntos. O que deveria ser uma tarefa simples rapidamente se torna obscurecido por engano e por visões de desastre violento que tomam conta da mente de Qui-Gon. Conforme a fé de Qui-Gon na profecia cresce, a fé de Obi-Wan nele é testada - assim como surge uma ameaça que exigirá que o Mestre e o Aprendiz se unam como nunca antes, ou se dividam para sempre.

Baixe agora e leia

Star Wars: Legado da Força: Linhagens de Sangue

Baixe agora e leia

Uma nova era de aventuras emocionantes e revelações chocantes continua a se desenrolar, à medida que a lendária saga Star Wars avança em um novo território surpreendente. A guerra civil se aproxima enquanto a incipiente Aliança Galáctica enfrenta um número crescente de mundos rebeldes... e a guerra que se aproxima está separando as famílias Skywalker e Solo. Han e Leia retornam ao mundo natal de Han, Corellia, o coração da resistência. Os seus filhos, Jacen e Jaina, são soldados na campanha da Aliança Galáctica para esmagar os insurgentes. Jacen, agora um mestre completo da Força, tem os seus próprios planos para trazer ordem à galáxia. Guiado por sua mentora Sith, Lumiya, e com o filho de Luke, Ben, ao seu lado, Jacen embarca no mesmo caminho que

o seu avô Darth Vader fez uma vez. E enquanto Han e Leia assistem o seu único filho homem se tornar um estranho, um assassino secreto emaranha o casal com um nome temido do passado de Han: Boba Fett. Na nova ordem galáctica, amigos e inimigos não são mais o que parecem...

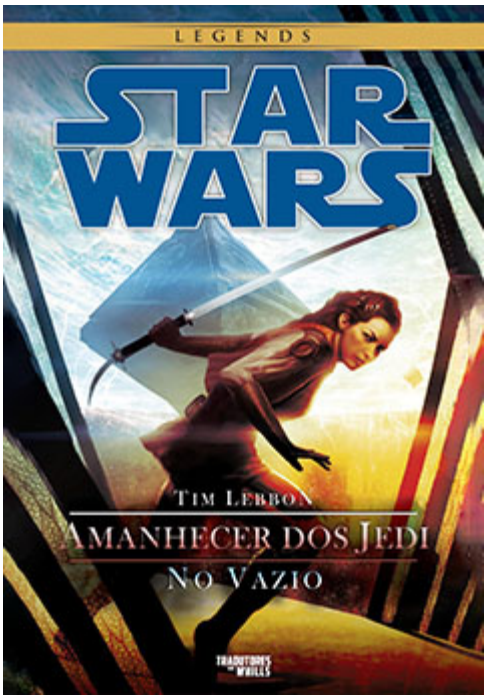
Baixe agora e leia

Star Wars: A Sombra da Rainha

Baixe agora e leia

Quando Padmé Naberrie, Rainha Amidala de Naboo, deixa sua posição, ela é convidada pela rainha recém-eleita para se tornar a representante de Naboo no Senado Galáctico. Padmé não tem certeza sobre assumir a nova função, mas não pode recusar o pedido para servir seu povo. Junto com suas servas mais leais, Padmé deve descobrir como navegar nas águas traiçoeiras da política e forjar uma nova identidade além da sombra da rainha.

Baixe agora e leia



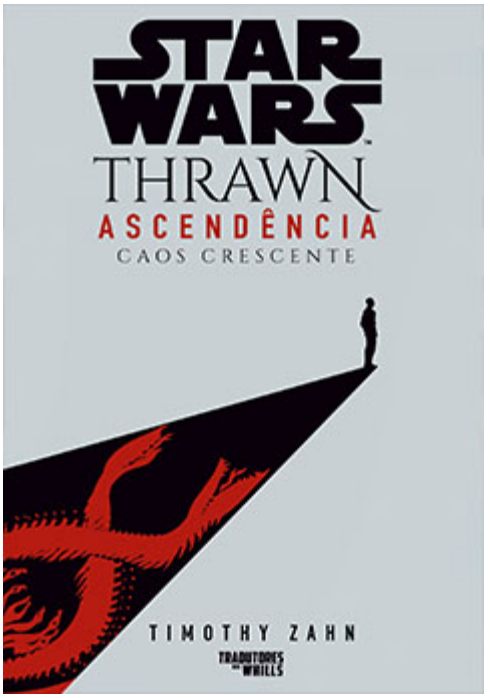
Star Wars: Amanhecer dos Jedi - No vazio

Baixe agora e leia

No planeta Tython, a antiga ordem Je'daii foi fundada. E aos pés de seus sábios Mestres, Lanoree Brock aprendeu os mistérios e métodos da Força, e encontrou seu chamado como um de seus discípulos mais poderosos. Mas tão fortemente quanto a Força fluiu dentro de Lanoree e seus pais, ela permaneceu ausente em seu irmão, que passou a desprezar e evitar os Je'daii, e cujo treinamento em seus métodos antigos terminou em tragédia. Agora, de sua vida solitária como um Patrulheira mantendo a ordem em toda a galáxia, Lanoree foi convocada pelo Conselho Je'daii em uma questão de extrema urgência. O líder de um culto fanático, obcecado em viajar além dos limites do espaço conhecido, está empenhado em abrir um portal cósmico usando a temida matéria

escura como chave - arriscando uma reação cataclísmica que consumirá todo o sistema estelar. Porém, mais chocante para Lanoree do que até mesmo a perspectiva de aniquilação galáctica total, é a decisão de seus Mestres Je'daii de incumbi-la da missão de evitá-la. Até que uma revelação surpreendente deixa claro por que ela foi escolhida: o louco brilhante e perigoso que ela deve rastrear e parar a qualquer custo é o irmão cuja morte ela lamentou por muito tempo, e cuja vida ela deve temer agora.

Baixe agora e leia



Star Wars: Thrawn: ASCENDÊNCIA (Livro I – Caos Crescente)

Baixe agora e leia

Além do limite da galáxia estão as Regiões Desconhecidas: caóticas, desconhecidas e quase intransitáveis, com segredos ocultos e perigos em igual medida. E aninhada em seu caos turbulento está a Ascendência, lar dos enigmáticos Chiss e das Nove Famílias Regentes que as lideram. A paz da Ascensão, um farol de calma e estabilidade, é destruída após um ousado ataque à capital de Chiss que não deixa vestígios do inimigo. Perplexo, a Ascendência despacha um de seus jovens oficiais militares para erradicar os agressores invisíveis. Um recruta nascido sem título, mas adotado na poderosa família de Mitth e que recebeu o nome de Thrawn. Com o poder da Frota Expansionista em suas costas e a

ajuda de sua camarada Almirante Ar’alani, as respostas começam a se encaixar. Mas conforme o primeiro comando de Thrawn investiga mais profundamente a vasta extensão do espaço que seu povo chama de Caos, ele percebe que a missão que lhe foi dada não é o que parece.

Baixe agora e leia

Star Wars: A Alta República - Tormenta Crescente

Baixe agora e leia

Os heróis da era da Alta República retornam para enfrentar uma paz destruída e um inimigo terrível, após os eventos dramáticos de Luz dos Jedi. Na esteira do desastre do hiperespaço e do heroísmo dos Jedi, a República continua a crescer, reunindo mais mundos sob uma única bandeira unificada. Sob a liderança da Chanceler Lina Soh, o espírito de unidade se estende por toda a galáxia, com os Jedi e a estação Farol Luz Estelar recentemente estabelecida na vanguarda. Em comemoração, a chanceler planeja a Feira da República, será uma vitrine das possibilidades e da paz da República em expansão, uma paz que os Jedi esperam promover. Stellan Gios, Bell Zettifar, Elzar Mann e outros se juntam ao evento como embaixadores da harmonia. Mas à medida que os olhos da

galáxia se voltam para a feira, o mesmo ocorre com a fúria dos Nihil. O seu líder, Marchion Ro, pretende destruir essa unidade. Sua Tempestade desce sobre a pompa e a celebração, semeando o caos e exigindo vingança.

Baixe agora e leia

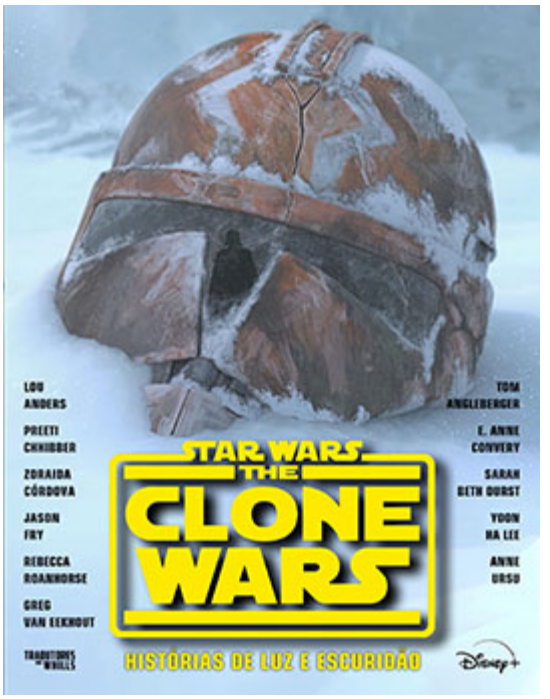
Star Wars: Velha República – Aniquilação

Baixe agora e leia

O Império Sith está em fluxo. O imperador está desaparecido, dado como morto, e a tentativa de um ambicioso lorde Sith de tomar o trono terminou fatalmente. Ainda assim, Darth Karrid, comandante do temível cruzador de batalha Imperial *Lança Ascendente*, continua seus esforços incansáveis para alcançar o domínio Sith total da galáxia. Mas a determinação implacável de Karrid é mais do que compatível com a determinação de aço de Theron Shan, cujos negócios inacabados com o Império podem mudar o curso da guerra para sempre. Embora filho de uma mestra Jedi, Theron não exerce a Força... mas, como a sua renomada mãe, o espírito de rebelião está em seu sangue. Como um importante agente secreto da República, ele desferiu um golpe crucial contra o Império ao

expor e destruir um arsenal de super arma Sith, o que o torna o agente ideal para uma missão ousada e perigosa para acabar com o reinado de terror da *Lança Ascendente*. Juntamente com a contrabandista Teff'ith, com quem ele tem uma ligação inexplicável, e o sábio guerreiro Jedi Gnost-Dural, ex-mestre de Darth Karrid, Theron deve combinar inteligência e armas com uma tripulação testada em batalha da escuridão mais fria discípulos secundários. Mas o tempo é brutalmente curto. E se eles não aproveitarem sua única chance de sucesso, certamente terão inúmeras oportunidades de morrer.

Baixe agora e leia



Star Wars – The Clone Wars – Histórias de Luz e Escuridão

Baixe agora e leia

Um confronto épico entre as forças da luz e das trevas, entre a República Galáctica e os Separatistas, entre bravos heróis e vilões brilhantes – o destino da galáxia está em jogo na série de animação ganhadora do Emmy Award, Star Wars: The Clone Wars. Nesta emocionante antologia, onze autores que também são fãs da série trazem histórias de seu programa favorito para a vida. Reunidos aqui estão momentos memoráveis e aventuras impressionantes, de tentativas de assassinato a generosidades roubadas, de lições aprendidas a amores perdidos. Todos os seus personagens favoritos de The Clone Wars estão aqui: Anakin Skywalker, Yoda,

Obi-Wan Kenobi, Ahsoka Tano, Capitão Rex, Darth Maul, Conde Dookan e muito mais!

Baixe agora e leia

Star Wars – Tribo Perdida dos Sith: Coletânea de Histórias

Baixe agora e leia

Finalmente, em um volume único, as oito partes originais da épica série de e-books Tribo perdida dos Sith… junto com o final explosivo e nunca antes publicado, Pandemônio, com mais de cem páginas de novo material! Cinco mil anos atrás. Após uma emboscada Jedi, a nave mineira Sith Presságio está destruída em um planeta desconhecido e remoto. Seu comandante, Yaru Korsin, luta contra o derramamento de sangue de uma facção amotinada liderada por seu próprio irmão. Encalhados e enfrentando a morte, a tripulação Sith não tem escolha a não ser se aventurar em seus arredores desolados. Eles enfrentam inúmeros desafios brutais, predadores cruéis, pragas letais, tribos que adoram deuses vingativos… e,

como verdadeiros guerreiros Sith, enfrentam-nos com o lado sombrio da Força. As lutas só estão começando para os orgulhosos e intransigentes Sith, dirigidos como estão para governar a todo custo. Eles vencerão os nativos primitivos e encontrarão o caminho de volta ao seu verdadeiro destino como governantes da galáxia. Mas à medida que o seu legado cresce ao longo de milhares de anos, os Sith acabam sendo testados pela ameaça mais perigosa de todas: o inimigo interno.

Baixe agora e leia

Star Wars – Esquadrão Alfabeto

Baixe agora e leia

O Imperador está morto. A Rebelião é vitoriosa. No rescaldo, Yrica Quell é apenas um dos milhares de desertores imperiais que vivem em uma favela de desertores. Incerta sobre o seu lugar na República contra a qual ela lutou uma vez, ela começou a perder qualquer esperança de redenção, até que ela seja selecionada para se juntar ao Esquadrão do Alfabeto. Formados por uma variedade eclética de pilotos e caças, os cinco membros da Alfabeto são encarregados pela própria general da Nova República, Hera Syndulla. A missão deles: rastrear e destruir o misterioso Shadow Wing, uma força letal de TIE fighters exigindo uma vingança sangrenta e impiedosa no crepúsculo de seu reinado. Mas passar de rebeldes menos favorecidos a heróis célebres não é tão fácil

quanto parece. Os rebeldes guerreiros do Esquadrão Alfabeto terão que aprender a voar juntos para proteger a nova era de paz que lutaram tanto para conquistar.

Baixe agora e leia

Star Wars - Comandos da República - Contato Hostil

Baixe agora e leia

Enquanto a Guerra dos Clones se enfurece, a vitória ou a derrota estão nas mãos de esquadrões de elite que assumem as tarefas mais difíceis na galáxia, soldados frios que vão aonde ninguém mais iria, para fazer o que ninguém mais poderia... Em uma missão para sabotar uma instalação de pesquisa de armas químicas em um planeta controlado pelos Separatistas, quatro soldados clones operam sob o nariz de seus inimigos. Os comandos estão em menor número e com menos armas, bem atrás das linhas inimigas, sem apoio, e trabalhando com estranhos em vez de companheiros de equipe de confiança. As coisas não melhoram quando Darman, o especialista em demolições do esquadrão, se separa dos outros durante a queda do planeta. Mesmo a aparente boa sorte de

Darman em encontrar uma Padawan inexperiente desaparece quando Etain admite a sua terrível inexperiência. Para os comandos clones divididos e o Jedi preso, uma longa e perigosa jornada está à frente, através de um território hostil repleto de escravos Trandoshanos, Separatistas e nativos suspeitos. Um único passo em falso pode significar descoberta... e morte. É uma missão suicida virtual para qualquer um, exceto para os Comandos da República.

Baixe agora e leia

Star Wars - Alta República - Confronto na Feira

Baixe agora e leia

Muito antes das Guerras Clônicas, do Império ou da Primeira Ordem, os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia em uma era dourada conhecida como Alta República! Este emocionante livro de histórias colorido traz à vida um confronto épico entre os Cavaleiros Jedi e seus misteriosos inimigos, os Nihil. Burryaga, o Wookiee Padawan e seus companheiros Jedi devem salvar o dia! Esse ebook é a forma mais incrível de introduzir as crianças nessa nova Era da Alta República, pois reconta a história do Ebook Tormenta Crescente do ponto de vista do Padawan Jedi Burryaga, que conta de forma simples e didática para as crianças. (FAIXA ETÁRIA: 6 a 8 anos)

Baixe agora e leia

Star Wars – A Alta República – Fora das Sombras

Baixe agora e leia

Sylvestri Yarrow vive uma maré de azar sem fim. Ela tem feito o possível para manter o negócio de carga da família em funcionamento após a morte de sua mãe, mas entre o aumento das dívidas e o aumento dos ataques dos Nihil a naves desavisados, Syl corre o risco de perder tudo o que resta de sua mãe. Ela segue para a capital galáctica de Coruscant em busca de ajuda, mas é desviada quando é arrastada para uma disputa entre duas das famílias mais poderosas da República por um pedaço do espaço na fronteira. Emaranhada na política familiar é o último lugar que Syl quer estar, mas a promessa de uma grande recompensa é o suficiente para mantê-la interessada... Enquanto isso, o Cavaleiro Jedi Vernestra

Rwoh foi convocada para Coruscant, mas sem nenhuma ideia do porquê ou por quem. Ela e seu Padawan Imri Cantaros chegam à capital junto com o Mestre Jedi Cohmac Vitus e seu Padawan, Reath Silas, e são convidados a ajudar na disputa de propriedade na fronteira. Mas por que? O que há de tão importante em um pedaço de espaço vazio? A resposta levará Vernestra a uma nova compreensão de suas habilidades e levará Syl de volta ao passado... e às verdades que finalmente surgirão das sombras.

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - A Estrela Cadente

Baixe agora e leia

Uma e outra vez, os invasores viciosos conhecidos como Nihil tentaram trazer a era de ouro da Alta República a um fim ardente. Repetidamente, a Alta República emergiu desgastada e cansada, mas vitoriosa graças a seus protetores Jedi, e não há monumento à sua causa maior do que o Farol Luz Estelar. Pendurado como uma joia na Orla Exterior, o Farol encarna a Alta República no ápice de suas aspirações: um centro de cultura e conhecimento, uma tocha brilhante contra a escuridão do desconhecido e uma mão estendida de boas-vindas aos confins do mundo. a galáxia. Enquanto sobreviventes e refugiados fogem dos ataques do Nihil, o Farol e a sua tripulação estão prontos para abrigar e curar. Os agradecidos

Cavaleiros e Padawans da Ordem Jedi estacionados lá finalmente têm a chance de se recuperar, da dor de seus ferimentos e da dor de suas perdas. Mas a tempestade que eles pensavam ter passado ainda continua; eles são simplesmente capturados em seus olhos. Marchion Ro, o verdadeiro mentor dos Nihil, está preparando o seu ataque mais ousado até agora, um projetado para extinguir a luz dos Jedi.

Baixe agora e leia

Star Wars - Os Segredos dos Sith

Baixe agora e leia

e você conhecesse o poder do lado sombrio! Descubra os caminhos dos Sith neste livro infantil emocionante, informativo e totalmente ilustrado. Junte-se ao Imperador Palpatine, também conhecido como Darth Sidious, nesta exploração dos Sith e dos aliados malignos do lado sombrio. Star Wars: Os Segredos dos Sith irá emocionar os jovens fãs com conhecimento do lado sombrio, obras de arte incríveis e recursos interativos, como pop-ups, livretos e inserções de levantar a aba. Experimente o poder do lado sombrio : Narrado pelo Imperador Palpatine, este livro dará aos jovens leitores uma visão do poder do lado sombrio. Aprenda sobre alguns dos maiores vilões do lado sombrio de Star Wars : abrangendo filmes, programas de televisão, livros, quadrinhos e videogames, Star Wars: Os Segredos dos Sith narra alguns dos praticantes mais infames do lado sombrio, incluindo Darth Maul, Conde Dookan, Asajj Ventress, Darth Vader, o Grande Inquisidor e Kylo Ren. Ilustrações originais

incríveis: Star Wars: Os Segredos dos Sith é um livro infantil lindamente ilustrado que os leitores vão querer revisitar várias vezes. Cheio de recursos interativos empolgantes: Pop-ups, folhetos e inserções de levantar a aba vão emocionar os jovens fãs, proporcionando uma experiência envolvente enquanto investiga as histórias sobre os Sith. O complemento perfeito para qualquer biblioteca virtual de Star Wars : Este lindo ebook encadernado é um item obrigatório para a coleção de qualquer jovem fã.

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República – Missão para o Desastre

Baixe agora e leia

Os Jedi acham que os temidos saqueadores Nihil foram todos derrotados. O seu líder está fugindo e os seus números diminuíram. A Cavaleira Jedi Vernestra Rwoh espera que isso signifique que ela finalmente terá tempo para realmente treinar o seu Padawan, Imri Cantaros, mas os relatos de um ataque Nihil a Porto Haileap logo frustram essas esperanças. Pois não só os Nihil que atacaram o pacífico posto avançado, como também sequestraram a amiga de Vernestra e de Imri, Avon Starros. Os dois Jedi partiram para Porto Haileap, determinados a descobrir para onde os Nihil levaram a sua amiga. Enquanto isso, Avon deve colocar a sua inteligência e

habilidades à prova enquanto luta pela sobrevivência entre os Nihil, e descobre um plano sinistro. Vernestra e Imri podem encontrar a sua amiga antes que o desastre aconteça?

Baixe agora e leia

Star Wars - Alta República - Batalha Pelo Farol Luz Estelar

Baixe agora e leia

Muito antes das Guerras Clônicas, do Império ou da Primeira Ordem, os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia em uma era dourada conhecida como Alta República! Este emocionante livro de histórias colorido traz à vida uma outra emocionante aventura no livro de histórias com heróis Jedi e os seus Padawans enquanto lutam contra os nefastos vilões Nihil!!

Baixe agora e leia

Star Wars - Alta República - Horizonte à Meia Noite

Baixe agora e leia

Séculos antes dos eventos de Star Wars: A Ameaça Fantasma, na era da gloriosa Alta República, os Jedi são os guardiões da paz e da justiça na galáxia! Depois de uma série de perdas impressionantes, a República parece finalmente ter os vilões saqueadores de Nihil em fuga, e parece que há luz no fim do túnel. Até que venha a notícia de um suposto ataque de Nihil ao mundo cosmopolita industrial de Corellia, bem no Núcleo Galáctico. Enviados para investigar estão os Mestres Jedi Cohmac Vitus e Kantam Sy, juntamente com os Padawans Reath Silas e Ram Jomaram, todos travando as suas próprias batalhas particulares após meses de perigo implacável. Em Corellia, Reath e Ram encontram um descarado jovem especialista

em segurança chamado Crash, cujo amigo foi uma das vítimas do ataque Nihil, e eles se unem a ela para se infiltrar na elite de Corellia enquanto os Mestres buscam caminhos mais diplomáticos. Mas se disfarçar com Crash é mais perigoso do que qualquer um esperava, mesmo quando Ram puxa seu amigo Zeen para ajudar com um estratagema elaborado envolvendo uma estrela pop galáctica. Mas o que eles descobrem em Corellia acaba sendo apenas uma parte de um plano maior, que pode levar os Jedi à sua derrota mais impressionante até agora...

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - Executora da Tempestade

Baixe agora e leia

Mergulhe no mundo cruel de um dos maiores inimigos da Alta República, a impiedosa Lourna Dee, neste roteiro completo para o áudio original de Star Wars: Executora da Tempestade. A tempestade Nihil assolou a galáxia, deixando caos e tristeza em seu rastro. Poucos de seus invasores são tão cruéis quanto a Executora da Tempestade Lourna Dee. Ela fica um passo à frente da Ordem Jedi no comando de uma nave com o nome de um dos monstros mais mortais da galáxia: ela mesma. Mas ninguém pode fugir dos defensores da Alta República para sempre. Após a derrota de sua tripulação, Lourna cai nas mãos dos Jedi, mas não antes de

esconder a sua identidade, tornando-se apenas mais uma condenada de Nihil. Os seus captores não entendem a fera que encurralaram. Assim como todos os tolos que ela já enterrou, seu primeiro erro foi mantê-la viva. Lourna está determinada a subestimá-la pela última vez. Trancada em uma nave correcional da República, ela é arrastada pela galáxia para reparar os danos que ela e seus companheiros Executores da Tempestade infligiram. Mas enquanto Lourna planeja a sua gloriosa fuga, ela faz alianças que se aproximam perigosamente das amizades. Fora dos Nihil, separada da sua infame nave, seu terrível arsenal e seu temido nome, Lourna deve trilhar seu próprio caminho. Mas isso levará à redenção? Ou ela emergirá como uma ameaça mais mortal do que nunca?

Baixe agora e leia

Star Wars – Legado da Força – Tormenta

Baixe agora e leia

Enquanto a guerra civil ameaça a unidade da Aliança Galáctica, Han e Leia Solo enfureceram suas famílias e os Jedi ao se juntarem aos insurgentes Corellianos. Mas os Solos traçam a linha quando descobrem o plano dos rebeldes para fazer do Consórcio Hapan um aliado – que depende dos nobres Hapan assassinarem sua rainha pró-Aliança e a sua filha. No entanto, a determinação altruísta dos Solos de salvar a rainha não pode dissipar as consequências inevitáveis de suas ações que colocarão mãe contra filho e irmão contra irmã nas batalhas à frente. À medida que os poderes sombrios de Jacen Solo se fortalecem sob o Jedi Negro Lumiya, e sua influência sobre Ben Skywalker se torna mais insidiosa, a

preocupação de Luke com seu sobrinho o força a uma luta de vida ou morte contra seu inimigo mais feroz, e Han e Leia Solo descobrem ficam à mercê de seu inimigo mais mortal... O filho deles.

Baixe agora e leia

Star Wars: Irmandade

Baixe agora e leia

As Guerras Clônicas começaram. As fileiras de batalha estão sendo desenhadas por toda a galáxia. Com cada mundo que se junta aos Separatistas, a paz guardada pela Ordem Jedi está escorregando por entre os dedos. Depois que uma explosão devasta Cato Neimoidia, a joia da Federação do Comércio, a República é culpada e a frágil neutralidade do planeta é ameaçada. Os Jedi despacham Obi-Wan Kenobi, uma das mentes diplomáticas mais talentosas da Ordem, para investigar o crime e manter o equilíbrio que começou a mudar perigosamente. Enquanto Obi-Wan investiga com a ajuda de uma heroica guarda Neimoidiana, ele se vê trabalhando contra os Separatistas que esperam atrair o planeta para a sua conspiração, e

sente a mão sinistra de Asajj Ventress nas brumas que cobrem o planeta. Em meio ao caos crescente, Anakin Skywalker sobe ao posto de Cavaleiro Jedi. Apesar da ordem de que Obi-Wan viaje sozinho, e da insistência de seu ex-mestre para que ele ouça desta vez, A determinação obstinada de Anakin significa que nada pode impedi-lo de invadir a festa e trazer um jovem promissor, mas conflitante. Antes um Padawan de Obi-Wan, Anakin agora se encontra em pé de igualdade, mas incerto, com o homem que o criou. O atrito persistente entre eles aumenta o perigo para todos ao seu redor. Os dois cavaleiros devem aprender uma nova maneira de trabalhar juntos, e devem aprender rapidamente, para salvar Cato Neimoidia e seu povo dos incêndios da guerra. Para superar a ameaça que enfrentam, eles devem crescer além de mestre e aprendiz. Eles devem permanecer juntos como irmãos.

Baixe agora e leia

Skywalker – Uma Família em Guerra

Baixe agora e leia

Descubra os segredos dos Skywalkers: a família que moldou uma galáxia muito, muito distante... A história de Skywalker tem tudo: paixão, intriga, heroísmo e feitos sombrios. Esta biografia reveladora explora cada reviravolta da dinastia Skywalker: a lenta sedução ao lado sombrio de Anakin; seu casamento condenado com Padmé Amidala; o heroísmo de Luke e Leia; a queda e redenção do filho de Han Solo e da princesa Leia, Ben; e as lutas de sua díade na Força, Rey. Sem deixar pedra sobre pedra ao traçar as provações e tribulações da dinastia, esta biografia definitiva da primeira família de Star Wars explora e explica a história mais profunda e pessoal

dos Skywalkers, seus personagens, motivações e, contra probabilidades aparentemente impossíveis, seu triunfo final.

Baixe agora e leia

Star Wars – Comandos da República – Triplo Zero

Baixe agora e leia

Após a erupção das sangrentas Guerras Clônicas na batalha de Geonosis, ambos os lados permanecem em um impasse que só pode ser quebrado por equipes de guerreiros de elite como o Esquadrão Ômega, comandos clone com habilidades de combate aterrorizantes e um arsenal letal... Para o Esquadrão Ômega , implantado bem atrás das linhas inimigas, é a mesma velha rotina de operações especiais: sabotagem, espionagem, emboscada e assassinato. Mas quando o Esquadrão Ômega é levado às pressas para Coruscant, o novo ponto de acesso mais perigoso da guerra, os comandos descobrem que não são os únicos a penetrar no coração do inimigo. Uma onda de ataques separatistas foi rastreada

até uma rede de células terroristas de Separatistas na capital da República, planejada por um espião no Quartel General do Comando. Identificar e destruir uma rede de espionagem e terror separatista em uma cidade cheia de civis exigirá talentos e habilidades especiais. Nem mesmo a liderança dos generais Jedi, juntamente com a assistência do esquadrão Delta e um certo notório CRA trooper, pode igualar as chances contra os Comandos da República. E enquanto o sucesso pode não trazer vitória nas Guerras Clônicas, o fracasso significa derrota certa.

Baixe agora e leia

Star Wars – De um Certo Ponto de Vista – Uma Nova Esperança

Baixe agora e leia

Em 25 de maio de 1977, o mundo foi apresentado a Han Solo, Luke Skywalker, Princesa Leia, C-3PO, R2-D2, Chewbacca, Obi-Wan Kenobi, Darth Vader e uma galáxia cheia de possibilidades. Em homenagem ao quadragésimo aniversário , mais de quarenta colaboradores emprestam sua visão a esta releitura de Star Wars . Cada um dos quarenta contos reimagina um momento do filme original, mas através dos olhos de um personagem coadjuvante. De um Certo Ponto de Vista apresenta contribuições de autores mais vendidos, artistas inovadores e vozes preciosas da história literária de Star Wars.

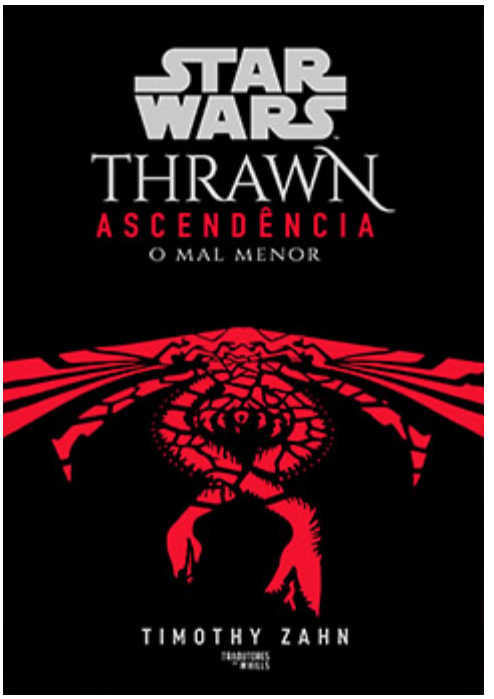
Baixe agora e leia

Star Wars: Velha República - Aliança Fatal

Baixe agora e leia

O contrabandista Jet Nebula encontrou um rico tesouro. Os Hutts querem leiloá-lo pelo maior lance, seja a República ou o Império. O Alto Conselho Jedi envia um investigador; um Mandaloriano está perseguindo algo ligado a um crime há muito esquecido; enquanto um espião joga em todos os lados ao mesmo tempo. No final, o que Jet descobriu surpreenderá a todos.

Baixe agora e leia



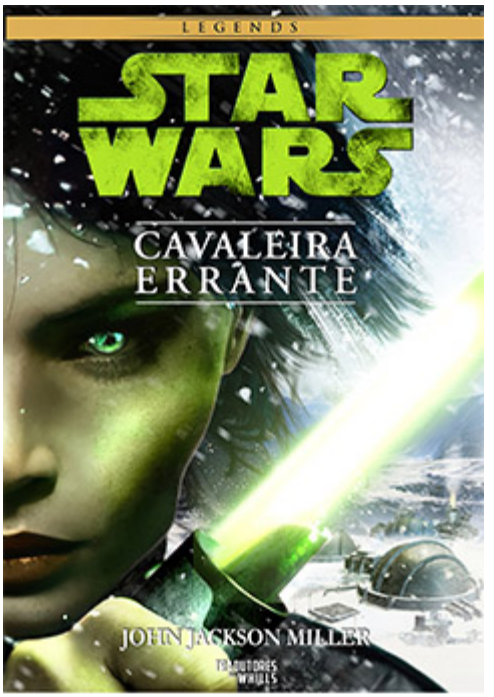
Star Wars: Thrawn: ASCENDÊNCIA (Livro III - O Mal Menor)

Baixe agora e leia

Por milhares de anos, a Ascendência Chiss tem sido uma ilha de calma, um centro de poder e um farol de integridade. É liderado pelas Nove Famílias Governantes, cuja liderança é um baluarte da estabilidade contra o Caos das Regiões Desconhecidas. Mas essa estabilidade foi corroída por um inimigo astuto que elimina a confiança e a lealdade em igual medida. Laços de fidelidade deram lugar a linhas de divisão entre as famílias. Apesar dos esforços da Frota de Defesa Expansionista, a Ascendência se aproxima cada vez mais da guerra civil. Os Chiss não são estranhos à guerra. O seu status mítico no Caos foi conquistado por meio de conflitos e

atos terríveis, alguns enterrados há muito tempo. Até agora. Para garantir o futuro da Ascendência, Thrawn mergulhará profundamente em seu passado, descobrindo os segredos sombrios que cercam a ascensão da Primeira Família Governante. Mas a verdade do legado de uma família é tão forte quanto a lenda que a sustenta. Mesmo que essa lenda seja uma mentira. Para garantir a salvação da Ascendência, Thrawn está disposto a sacrificar tudo? Incluindo a única casa que ele já conheceu?

Baixe agora e leia



Star Wars – Cavaleira Errante

Baixe agora e leia

Mil anos antes de Luke Skywalker, uma geração antes de Darth Bane, em uma galáxia muito, muito distante... A República está em crise (1032 ABY). Os Sith vagam sem controle, competindo entre si para dominar a galáxia. Mas uma Jedi solitária, Kerra Holt, está determinada a derrubar os Lordes das Trevas. Seus inimigos são estranhos e muitos: Lorde Daiman, que se imagina o criador do universo; Lord Odion, que pretende ser seu destruidor; os curiosos irmãos Quillan e Dromika; a enigmática Arcádia. Tantos Sith em guerra tecendo uma colcha de retalhos de brutalidade, com apenas Kerra Holt para defender os inocentes pegos sob os pés. Sentindo um padrão sinistro no caos, Kerra embarca em uma jornada que a

levará a batalhas ferozes contra inimigos ainda mais ferozes. Com um contra tantos, sua única chance de sucesso está em forjar alianças entre aqueles que servem seus inimigos, incluindo um misterioso espião Sith e um general mercenário inteligente. Mas eles serão seus adversários ou sua salvação? Coruscant, o novo ponto de acesso mais perigoso da guerra, os comandos descobrem que não são os únicos a penetrar no coração do inimigo.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Esperança da Rainha

Baixe agora e leia

Padmé está se adaptando a ser uma senadora de guerra durante as Guerras Clônicas. O seu marido secreto, Anakin Skywalker, está lutando na guerra e se destaca por ser um Jedi de guerra. Em contraste, quando Padmé tem a oportunidade de ver as vítimas nas linhas de frente devastadas pela guerra, ela fica horrorizada. As apostas nunca foram tão altas para a galáxia ou para o casal recém-casado. Enquanto isso, com Padmé em uma missão secreta, a sua serva Sabé assume o papel de senadora Amidala, algo que nenhuma serva faz há muito tempo. No Senado, Sabé fica igualmente horrorizada com as maquinações que ali acontecem. Ela fica cara a cara com uma decisão angustiante quando percebe que

não pode lutar uma guerra dessa maneira, nem mesmo por Padmé. E o Chanceler Palpatine paira sobre tudo isso, manipulando os jogadores para os seus próprios fins...

Baixe agora e leia

Star Wars – O Vencedor Perde Tudo

Baixe agora e leia

Lando Calrissian não é estranho a torneios de cartas, mas este tem uma atmosfera verdadeiramente eletrizante. Isso porque o prêmio é uma escultura rara que vale cinquenta milhões de créditos. Se Lando não tomar cuidado, ele vai falir, especialmente depois de conhecer as gêmeas idênticas Bink e Tavia Kitik, ladras mestres que têm motivos para acreditar que a escultura é falsa. As Kitiks são fofas, perigosas e determinadas a acertar as coisas, e convenceram Lando a ajudá-las a expor o golpe. Mas o que eles enfrentam não é uma simples simples traição, nem mesmo uma traição tripla. É um jogo de poder completo de proporções colossais. Pois um mentor

invisível detém todas as cartas e tem uma solução à prova de falhas para cada problema: Assassinato.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Sombra do Sith

Baixe agora e leia

O Império está morto. Quase duas décadas após a Batalha de Endor, os restos esfarrapados das forças de Palpatine fugiram para os confins da galáxia. Mas para os heróis da Nova República, o perigo e a perda são companheiros sempre presentes, mesmo nesta nova era de paz. O Mestre Jedi Luke Skywalker é assombrado por visões do lado sombrio, predizendo um segredo sinistro crescendo em algum lugar nas profundezas do espaço, em um mundo morto chamado Exegol. A perturbação na Força é inegável… e os piores medos de Luke são confirmados quando o seu velho amigo Lando Calrissian vem até ele com relatos de uma nova ameaça Sith. Depois que a filha de Lando foi roubada de seus

braços, ele procurou nas estrelas por qualquer vestígio de seu filho perdido. Mas cada novo boato leva apenas a becos sem saída e esperanças desbotadas, até que ele cruza o caminho de Ochi de Bestoon, um assassino Sith encarregado de sequestrar uma jovem. Os verdadeiros motivos de Ochi permanecem ocultos para Luke e Lando. Pois em uma lua ferro-velho, um misterioso enviado da Eternidade Sith legou uma lâmina sagrada ao assassino, prometendo que responderá às perguntas que o assombram desde a queda do Império. Em troca, ele deve completar uma missão final: retornar a Exegol com a chave para o glorioso renascimento dos Sith, Rey, a neta do próprio Darth Sidious. Enquanto Ochi persegue Rey e os seus pais até o limite da galáxia, Luke e Lando correm para o mistério da sombra persistente dos Sith e ajudam uma jovem família que corre para salvar suas vidas.

Baixe agora e leia

Star Wars – Boba Fett – Um Homem Prático

Baixe agora e leia

Na superfície, parece apenas mais um contrato de rotina para Boba Fett e os seus comandos Mandalorianos, mas o cliente misterioso que os contrata para iniciar uma pequena guerra é mais perigoso do que qualquer um deles pode imaginar. Quando a força de invasão Yuuzhan Vong varre a galáxia, os Mandalorianos descobrem que estão do lado errado, lutando por uma cultura alienígena que trará o fim da sua própria. Agora Fett tem que escolher entre sua honra e a sobrevivência de seu povo. Como ele é um homem prático, ele está determinado a ajudar a resistência a derrotar os Yuuzhan Vong, mesmo que isso signifique trabalhar com um agente Jedi. O problema é que ninguém confia em um homem com a reputação de

Fett. Então, convencer a Nova República de que eles estão lutando do mesmo lado é uma tarefa difícil. Denunciados como traidores, os Mandalorianos de Fett precisam ficar um passo à frente de seus pagadores Yuuzhan Vong, e da República que os vê como colaboradores do inimigo mais destrutivo que a galáxia já enfrentou...

Baixe agora e leia

Star Wars – Nova Ordem Jedi - Yuuzhan Vong

Baixe agora e leia

Enquanto a Nova República e os Jedi tentam resolver os seus problemas de convivência, e também tentam resolver pequenas intrigas entre planetas. Surge algo sombrio e malévolo que nem a Força consegue perceber. Os Yuuzhan Vong surgem como um predador de planetas tomando-os e transformando-os. Como a Galáxia de Star Wars vai derrotar o inimigo mais destrutivo que já enfrentou? Desvende tudo sobre a raça, planetas, armas, cultura, história, guerras, mapas, etc... que mudaram o Universo Expandido Legend de Star Wars para sempre. Esse material vai ser o seu guia definitivo para toda a série Nova Ordem Jedi.Enquanto a Nova República e os Jedi tentam resolver os seus problemas de

convivência, e também tentam resolver pequenas intrigas entre planetas. Surge algo sombrio e malévolo que nem a Força consegue perceber. Os Yuuzhan Vong surgem como um predador de planetas tomando-os e transformando-os. Como a Galáxia de Star Wars vai derrotar o inimigo mais destrutivo que já enfrentou? Desvende tudo sobre a raça, planetas, armas, cultura, história, guerras, mapas, etc... que mudaram o Universo Expandido Legend de Star Wars para sempre. Esse material vai ser o seu guia para toda a série Nova Ordem Jedi.

Baixe agora e leia

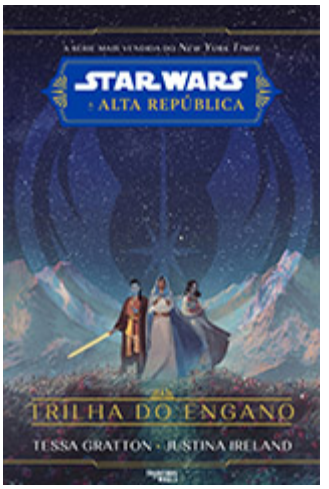
Star Wars – Nova Ordem Jedi - Vetor Primário

Baixe agora e leia

Vinte e um anos se passaram desde que os heróis da Aliança Rebelde destruíram a Estrela da Morte, quebrando o poder do Imperador. Desde então, a Nova República lutou bravamente para manter a paz e a prosperidade entre os povos da galáxia. Mas a agitação começou a se espalhar; as tensões surgem em surtos de rebelião que, se não forem controlados, ameaçam destruir o tênue reinado da República. Nesta atmosfera volátil vem Nom Anor, um incendiário carismático que aquece as paixões ao ponto de ebulição, semeando sementes de dissidência por seus próprios motivos sombrios. Em um esforço para evitar uma guerra civil catastrófica, Leia viaja com a sua filha Jaina, sua cunhada Mara Jade e o leal droide de protocolo C-3PO, para conduzir negociações diplomáticas cara a cara com Nom Anor. Mas ele se mostra resistente às súplicas de Leia, e, muito mais inexplicavelmente, dentro da Força, onde um ser deveria estar, estava... espaço em

branco. Enquanto isso, Luke é atormentado por relatos de Cavaleiros Jedi desonestos que estão fazendo justiça com as próprias mãos. E então ele luta com um dilema: ele deve tentar, neste clima de desconfiança, restabelecer o lendário Conselho Jedi? Enquanto os Jedi e a República se concentram em lutas internas, uma nova ameaça surge, despercebida, além dos confins da Orla Exterior. Um inimigo aparece de fora do espaço conhecido, carregando armas e tecnologia diferente de tudo que os cientistas da Nova República já viram. De repente, Luke, Mara, Leia, Han Solo e Chewbacca, junto com as crianças Solo, são lançados novamente na batalha, para defender a liberdade pela qual tantos lutaram e morreram. Mas desta vez, toda a sua coragem, sacrifício e até mesmo o poder da própria Força podem não ser suficientes...

Baixe agora e leia



Star Wars – A Alta República – Trilha do Engano

Baixe agora e leia

Situado no mundo da Alta República, 150 anos antes da narrativa da Fase I, uma era de mudanças traz novas esperanças e possibilidades... mas também novos perigos. O planeta da Orla Exterior Dalna se tornou o foco de uma investigação Jedi sobre um artefato roubado da Força, e a Zallah Macri e o seu Padawan, Kevmo Zink, chegam ao mundo pastoral para acompanhar uma possível conexão com um grupo missionário de Dalnan chamado Caminho da Mão Aberta. Os membros do Caminho acreditam que a Força deve ser livre e não deve ser usada por ninguém, nem mesmo pelos Jedi. Um desses crentes é Marda Ro, uma jovem que sonha em deixar Dalna para espalhar a palavra do Caminho por toda a galáxia. Quando Marda e Kevmo se encontram, a sua conexão é instantânea e elétrica… até que Marda descobre que Kevmo é um Jedi. Mas Kevmo é tão gentil e ansioso para aprender mais sobre o Caminho, que ela espera poder convencê-lo da justeza

de suas crenças. O que Marda não percebe é que a líder da Trilha, uma mulher carismática conhecida apenas como a Mãe, tem uma agenda própria, que nunca poderá coexistir pacificamente com os Jedi. Para seguir a sua fé, Marda pode ter que escolher se tornar a pior inimiga de sua nova amiga... Não perca essas outras aventuras ambientadas na era da Alta República!

Baixe agora e leia

Star Wars – Star Wars – Episódio I – A Ameaça Fantasma

Baixe agora e leia

No mundo verde e intocado de Naboo, o Mestre Jedi Qui-Gon Jinn e seu aprendiz, Obi-Wan Kenobi, chegam para proteger a jovem rainha do reino enquanto ela busca uma solução diplomática para acabar com o cerco de seu planeta pelas naves de guerra da Federação do Comércio. Ao mesmo tempo, em um Tatooine varrido pelo deserto, um menino escravo chamado Anakin Skywalker, que possui uma estranha habilidade de entender e “corrigir” as coisas, labuta durante o dia e sonha à noite, em se tornar um Cavaleiro Jedi e encontrar uma maneira de conquistar a liberdade pra si e para a sua amada mãe. Será o encontro inesperado de Jedi, da Rainha e de um menino talentoso que marcará o início de um drama que se tornará uma lenda.

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - Em Busca da Cidade Oculta

Baixe agora e leia

Séculos antes das Guerras Clônicas ou do Império, nos primeiros dias da Alta República, era uma era de exploração em uma galáxia muito, muito distante… Pilotos ousados traçam novas rotas através do hiperespaço, enquanto as equipes de Desbravadores fazem contato com mundos fronteiriços para convidá-los a se juntarem à República. Quando um droide de comunicações da equipe de Desbravadores é encontrado flutuando no espaço, danificado e carregando uma mensagem enigmática, a Cavaleira Jedi Silandra Sho e a sua Padawan, Rooper Nitani, são enviadas para encontrar os membros da equipe de desaparecidos. A sua investigação os leva ao planeta Gloam, um mundo devastado que dizem ser assombrado por monstros míticos. Os Jedi podem encontrar os Desbravadores desaparecidos e desvendar o mistério dos

monstros? As respostas estão em uma cidade escondida sob a superfície do planeta…

Baixe agora e leia

Star Wars – Legado da Força – Exílio

Baixe agora e leia

Na galáxia de Star Wars, o mal está em movimento enquanto a Aliança Galáctica e os Jedi ordenam as forças de batalha visíveis e invisíveis, da traição interna desenfreada ao pesadelo da guerra total. A cada vitória contra os rebeldes Corellianos, Jacen Solo se torna mais admirado, mais poderoso e mais certo de alcançar a paz galáctica. Mas essa paz pode ter um preço. Apesar dos relacionamentos tensos causados por simpatias opostas na guerra, Han e Leia Solo e Luke e Mara Skywalker permanecem unidos por uma suspeita assustadora: alguém insidioso está manipulando esta guerra e, se ele ou ela não for impedido, todos os esforços de reconciliação podem ser perdidos. por nada. E como visões sinistras levam Luke a acreditar que a fonte do mal não é outro senão Lumiya, Lady Sombria dos Sith, o maior perigo gira em torno do próprio Jacen.

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - Convergência

Baixe agora e leia

É uma era de exploração. Os Jedi viajam pela galáxia, expandindo sua compreensão da Força e de todos os mundos e seres conectados por ela. Enquanto isso, a República, liderada por seus dois chanceleres, trabalha para unir os mundos em uma comunidade cada vez maior entre estrelas próximas e distantes. Nos planetas de órbita próxima de Eiram e E'ronoh, as dores de crescimento de uma galáxia com recursos limitados, mas ambição ilimitada, são sentidas profundamente. O ódio entre os dois mundos alimentou meia década de conflitos crescentes e agora ameaça consumir os sistemas circundantes. A última esperança de paz surge quando os herdeiros das famílias reais dos planetas planejam se casar. Antes que a paz duradoura possa ser estabelecida, uma tentativa de assassinato visando o casal leva Eiram e E'ronoh de volta à guerra total. Para salvar os dois mundos, a Cavaleira Jedi Gella Nattai se oferece para descobrir o culpado, enquanto a

Chanceler Kyong nomeia o seu próprio filho, Axel Greylark, para representar os interesses da República na investigação. Mas a profunda desconfiança de Axel nos Jedi vai contra a fé de Gella na Força. Ela nunca conheceu um festeiro tão arrogante e privilegiado, e ele nunca conheceu uma benfeitora mais séria e implacável. Quanto mais eles trabalham para desvendar a teia sombria da investigação, mais complicada parece ser a conspiração. Com acusações voando e inimigos em potencial em cada sombra, a dupla terá que trabalhar juntos para ter alguma esperança de trazer a verdade à tona e salvar os dois mundos.

Baixe agora e leia

Star Wars - Mão de Thrawn - Espectro do Passado

Baixe agora e leia

Uma vez que o mestre inquestionável de incontáveis sistemas solares, o Império está cambaleando à beira do colapso total. Dia a dia, sistemas neutros estão correndo para se juntar à coalizão da Nova República. Mas com o fim da guerra à vista, a Nova República foi vítima de seu próprio sucesso. Uma aliança pesada de raças e tradições, a confederação agora se encontra dividida por antigas animosidades. A princesa Leia luta contra todas as probabilidades para manter a Nova República unida. Mas ela tem inimigos poderosos. Um ambicioso Moff Disra lidera uma conspiração para dividir a desconfortável coalizão com uma trama engenhosa para culpar os Bothanos por um crime hediondo que pode levar ao genocídio e à guerra civil. Ao mesmo tempo, Luke Skywalker, junto com Lando Calrissian e Talon Karrde, persegue um misterioso grupo de navios piratas cujas tripulações consistem em clones. E então vem a notícia mais surpreendente de todas: o Grande Almirante

Thrawn, que se acredita estar morto há dez anos, é dado como vivo. O guerreiro mais astuto e implacável da história imperial aparentemente voltou para liderar o Império ao triunfo. Enquanto Han e Leia tentam impedir o desmoronamento da Nova República diante dessa terrível e inexplicável ameaça do passado, Luke decide rastrear as naves de piratas desonestos. À espreita nas sombras está o enigmático Major Tierce, um discípulo do Imperador Palpatine, compartilhando o desejo de poder de seu mestre morto há muito tempo, educado nos estratagemas tortuosos do próprio Thrawn e armado com os seus próprios planos sombrios para a Nova República e o Império.

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - Batalha de Jedha

Baixe agora e leia

Em Jedha. As ruas desgastadas deste mundo antigo servem como uma confluência para a galáxia. Visitado por todos, mas propriedade de ninguém. Aqui, os Jedi são apenas um credo entre muitos que adoram e estudam a Força. Dos Guardiões dos Whills ao Caminho da Mão Aberta, incontáveis seres vêm aprender e compartilhar em paz. Aqui, os Jedi são apenas um credo entre muitos que adoram e estudam a Força. Dos Guardiões dos Whills ao Caminho da Mão Aberta, incontáveis seres vêm aprender e compartilhar em paz. Enquanto toda Jedha se prepara para o Festival do Equilíbrio, a galáxia ainda se recupera da violência em Eiram e E'ronoh. Mas depois de frustrar um plano para intensificar a guerra entre os dois planetas, os Jedi acreditam que uma paz duradoura pode estar ao seu alcance. O Mestre Creighton Sun e a Cavaleira Jedi Aida Forte chegam a Jedha com delegações de ambos os planetas para encerrar formalmente a “Guerra Eterna”. Os Jedi esperam que a

harmonia das muitas facções de Jedha, juntamente com a assinatura de um tratado de paz, crie um símbolo para o resto da galáxia do que pode ser alcançado através da unidade. Mas nem todos estão felizes com o envolvimento dos Jedi ou prontos para se preocupar com a paz. Começam a circular rumores de que os Jedi trazem a guerra em seu rastro. A desconfiança e a raiva que por tanto tempo alimentaram a Guerra Eterna agora ameaçam corromper as comunidades de Jedha. Quando a violência irrompe na lua sagrada, a guerra que deveria terminar em Jedha pode em breve envolver o mundo inteiro.

Baixe agora e leia

Star Wars Jedi: Cicatrizes de Batalha

Baixe agora e leia

Cal Kestis construiu uma nova vida para si mesmo com a tripulação do Stinger Mantis. Juntos, a equipe de Cal derrubou caçadores de recompensas, derrotou inquisidores e até evitou o próprio Darth Vader. O mais importante, Merrin, Cere, Greez e o fiel droide BD-1 são a coisa mais próxima que Cal teve de uma família desde a queda da Ordem Jedi. Mesmo com o futuro da galáxia ficando mais incerto a cada dia, a cada golpe desferido contra o Império, a tripulação da Mantis se torna mais ousada. No que deveria ser uma missão de rotina, eles encontram um stormtrooper determinado a traçar seu próprio curso com a ajuda de Cal e a sua tripulação. Em troca de ajuda para começar uma nova vida, a desertora Imperial traz a notícia de uma ferramenta poderosa e potencialmente inestimável para sua luta contra o Império. E melhor ainda, ela pode ajudá-los a chegar lá. O único problema, persegui-la os colocará no caminho de um dos servos mais perigosos do Império, o Inquisidor

conhecido como o Quinto Irmão. A desertora imperial pode realmente ser confiável? E enquanto Cal e os seus amigos já sobreviveram a confrontos com os Inquisidores antes, quantas vezes eles podem escapar do Império antes que sua sorte acabe?

Baixe agora e leia

Star Wars – Darth Maul – Caçador das Sombras

Baixe agora e leia

Depois de anos esperando nas sombras, Darth Sidious está dando o primeiro passo em seu plano mestre para colocar a República de joelhos. A chave para o seu esquema são os Neimoidianos da Federação do Comércio. Então um de seus contatos Neimoidianos desaparece, e Sidious não precisa de seus instintos afiados pela Força para suspeitar de traição. Ele ordena que o seu aprendiz, Darth Maul, cace o traidor. Mas é tarde demais. O segredo já passou para as mãos do corretor de informações Lorn Pavan, o que o coloca no topo da lista de alvos de Darth Maul. Então, nos becos labirínticos e esgotos de Coruscant, capital da República, Lorn cruza o caminho de Darsha Assant, uma Padawan Jedi em uma missão para ganhar seu título de Cavaleira. Agora o futuro da República depende de Darsha e Lorn. Mas como pode uma Jedi inexperiente e um homem comum, estranho aos caminhos poderosos da Força, esperar triunfar sobre um dos assassinos mais mortais da galáxia.

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - Crônicas dos Jedi

Baixe agora e leia

Pela luz e pela vida. Este guia ilustrado do universo irá mergulhá-lo na era de ouro dos Jedi, tornando-o obrigatório para os fãs dA Alta República , bem como para novos leitores que procuram um emocionante ponto de entrada na saga épica. Situado séculos antes da Saga Skywalker, este livro é o guia definitivo do universo de Star Wars: A Alta República, fornecendo uma visão fascinante de uma época de heróis valentes, monstros aterrorizantes e exploração ousada. Apresentando ilustrações originais impressionantes, este livro impressionante é um item colecionável essencial que o transportará para a era de ouro da galáxia.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Alta República – Cataclisma

Baixe agora e leia

Após cinco anos de conflito, os planetas Eiram e E’ronoh estão à beira de uma verdadeira paz. Mas quando surgem as notícias de um desastre na assinatura do tratado em Jedha, a violência reacende nos mundos sitiados. Juntos, os herdeiros reais de ambos os planetas, Phan-tu Zenn e Xiri A’lbaran, trabalhando ao lado dos Jedi, descobriram evidências de que o conflito está sendo orquestrado por forças externas, e todos os sinais apontam para a misterioso Trilha da Mão Aberto, de quem os Jedi também suspeitam ter causado o desastre em Jedha. Com tempo, e respostas, escassos, os Jedi devem dividir seu foco entre ajudar a acabar com a violência renovada em Eiram e E’ronoh e investigar o Caminho. Entre eles está Gella Nattai, que se volta para a única pessoa que acredita poder desvendar o mistério, mas a última pessoa em quem deseja confiar: Axel Greylark. O filho da Chanceler, preso por seus crimes, sempre procurou se livrar do peso do nome de sua família. Ele se reconciliará com os Jedi e os ajudará em sua busca por justiça e

paz, ou abraçará a promessa de verdadeira liberdade da Trilha? Como todos os caminhos levam a Dalna, Gella e os seus aliados se preparam para enfrentar um inimigo diferente de qualquer outro que já enfrentaram. E será preciso toda a confiança deles na Força, e uns nos outros, para sobreviver.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Alta República – Trilha da Vingança

Baixe agora e leia

Esta fascinante continuação de Trilha do Engano encontra as primas Marda e Yana Ro ligadas pelo sangue, mas separadas pela fé. Marda e Yana pertencem ao Trilha da Mão Aberta, um grupo liderado por uma mulher carismática chamada Mãe, que acredita que a Força não deve ser usada por ninguém. Enquanto Marda se junta a uma perigosa expedição ao Planeta X em busca de mais criaturas misteriosas para usar contra os Jedi, Yana se vê formando uma inesperada aliança com o pai de seu amante morto na tentativa de arrancar a Trilha do controle da Mãe. Essas duas jovens enfrentarão uma encruzilhada, forçadas a escolher não só os seus próprios destinos, mas o da própria galáxia.

Baixe agora e leia

Star Wars – Comandos da República – Verdadeiras Intenções

Baixe agora e leia

Na luta desesperada do Grande Exército para esmagar os Separatistas, as missões secretas de operações especiais de seus guerreiros clones de elite nunca foram tão críticas… ou mais perigoso. Uma ameaça crescente ameaça a vitória da República, e os membros do Esquadrão Omega fazem uma descoberta chocante que abala a sua própria lealdade. À medida que as linhas entre amigos e inimigos continuam a se confundir, os cidadãos, de civis e Sargentos a Jedi e Generais, se deparam com um novo inimigo: a dúvida em seus próprios corações e mentes. A verdade é uma ilusão frágil e instável, e apenas o inferno que se aproxima revelará os dois lados em suas verdadeiras cores.

Baixe agora e leia

Star Wars – Colheita Vermelha

Baixe agora e leia

Ao contrário dos outros Jedi marginalizados do Corporação Agrícola, jovens Jedi cujas habilidades não provaram ser suficientes - Hestizo Trace possui um extraordinário talento da Força: um dom com plantas. De repente, sua existência tranquila entre espécimes de estufas e jardins é violentamente destruída pela chegada de um emissário de Darth Scabrous. Pois a rara orquídea negra com a qual ela nutriu e se uniu é o ingrediente final de uma antiga fórmula Sith que promete conceder a Darth Scabrous seu maior desejo. Mas no coração da fórmula está um vírus nunca antes visto que é pior do que fatal, ele não apenas mata, ele transforma. Agora os mortos apodrecidos e famintos estão se levantando, impulsionados por uma fome sanguinária por todas as coisas vivas, e comandados por um Mestre Sith com um desejo insaciável de poder e o prêmio final: a imortalidade... não importa o custo.

Baixe agora e leia

Star Wars – Linhas de Tempo

Baixe agora e leia

Um companheiro indispensável para todos os fãs de Star Wars, este ebook de alta qualidade exibe cronogramas visuais que mapeiam cronologicamente os principais eventos, personagens e desenvolvimentos e marcam seu significado. Acompanhe conflitos cruciais ao longo dos anos que afetam a galáxia de maneiras profundas. Siga o sabre de luz Skywalker enquanto ele passa pelas gerações e testemunhe a evolução do icônico TIE fighter em diferentes épocas. Rastreie o movimento dos planos da Estrela da Morte ao longo dos anos e descubra várias linhas do tempo ramificadas que dividem batalhas importantes. Veja rapidamente os eventos essenciais organizados por era e analise os detalhes para descobrir eventos maiores e menores, datas importantes e informações fascinantes, tudo organizado cronologicamente. Examine linhas do tempo intrincadas em quase todas as páginas.

Baixe agora e leia

Star Wars – Legado da Força - Sacrifício

Baixe agora e leia

Uma guerra civil assola a galáxia, enquanto a Aliança Galáctica, liderada por Cal Omas, e as forças Jedi de Luke Skywalker batalham contra uma confederação de planetas rebeldes que se uniram ao lado da Corellia insubmissa. Suspeitos de envolvimento em um plano de assassinato contra a Rainha Mãe Tenel Ka do Consórcio Hapes, Han e Leia Solo estão fugindo, perseguidos pelo próprio filho, Jacen, cujas as táticas cada vez mais autoritárias como chefe da segurança da Aliança Galáctica têm feito Luke e Mara Skywalker temerem que o seu sobrinho esteja se aproximando perigosamente do lado sombrio. Mas enquanto sua família enxerga em Jacen a arrepiante herança de seu avô Sith, Darth Vader, muitos dos soldados na linha de frente o adoram e inúmeros cidadãos o veem como um salvador. A galáxia foi dilacerada por inúmeras guerras. Tudo o que Jacen quer é segurança e estabilidade para todos, e ele está disposto a fazer qualquer coisa para alcançar esse objetivo. Para acabar com o derramamento de sangue e o

sofrimento, qual sacrifício seria grande demais? Essa é a pergunta que atormenta Jacen. Ele já sacrificou muito, abraçando os ensinamentos impiedosos de Lumiya, a Lady Sombria dos Sith, que lhe ensinou que uma vontade forte e um propósito nobre podem conter os excessos malignos do lado sombrio, trazendo paz e ordem à galáxia, mas a um preço. Pois há um último teste que Jacen deve passar antes de poder obter o poder imenso de um verdadeiro Lorde Sith: ele deve causar a morte de alguém a quem valoriza profundamente. O que perturba Jacen não é se ele tem a força para cometer assassinato. Ele se fortaleceu para isso e para coisas piores, se necessário. Não, a pergunta que perturba Jacen é quem deveria ser o sacrifício. Conforme os fios do destino se entrelaçam cada vez mais em uma teia que abrange a galáxia, a resposta chocante irá despedaçar duas famílias... e lançar uma sombra escura sobre o futuro.

Baixe agora e leia

Star Wars – Inquisidor - Ascensão da Lâmina Vermelha

Baixe agora e leia

Padawan Iskat Akaris dedicou sua vida a viajar pela galáxia ao lado de seu mestre, aprendendo os caminhos da Força para se tornar um bom Jedi. Apesar da dedicação de Iskat, a paz e o controle permaneceram indescritíveis e, a cada revés, ela sente que seus companheiros Jedi ficam mais desconfiados dela. Já incerta sobre seu futuro na Ordem Jedi, Iskat enfrenta uma tragédia quando seu mestre é morto e as Guerras Clônicas engolem a galáxia no caos. Agora general na linha de frente contribuindo para esse caos, ela é frequentemente lembrada: Confie em seu treinamento. Confie na sabedoria do Conselho. Confie na Força. No entanto, à medida que as sombras da dúvida se instalam, Iskat começa a fazer perguntas que nenhum Jedi deveria fazer: perguntas sobre seu próprio passado desconhecido. Perguntas que os Mestres Jedi considerariam perigosas. Conforme os anos passam e a guerra perdura, a fé de Iskat nos Jedi diminui. Se eles lhe concedessem

mais liberdade, ela tem certeza de que poderia fazer mais para proteger a galáxia. Se eles confiassem nela com mais conhecimento, ela poderia finalmente deixar de lado as sombras que começaram a consumi-la. Quando a Ordem Jedi finalmente cai, Iskat aproveita a chance de abrir seu próprio caminho. Ela abraça a salvação da Ordem 66.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Princesa e o Canalha

Baixe agora e leia

A Estrela da Morte é destruída. Darth Vader está morto. O Império está desolado. Mas na lua da floresta de Endor, entre o caos de uma galáxia em mudança, o tempo parou para uma princesa e seu canalha. Depois de ser congelado em carbonita e arriscar tudo pela Rebelião, Han está ansioso para parar de viver sua vida para outras pessoas. Ele e Leia ganharam seu futuro juntos mil vezes. E quando ele pede Leia em casamento, é a primeira vez em muito tempo que ele tem um bom pressentimento sobre isso. Para Leia, uma vida inteira de lutas não parece ter acabado. Ainda há trabalho a fazer, penitência para pagar pelo segredo obscuro que ela agora sabe que corre em suas veias. Seu irmão, Luke, está oferecendo a ela essa chance, uma que vem com a família e a promessa da Força. Mas quando Han a pede em casamento, Leia encontra a resposta imediatamente em seus lábios. . . Sim. No entanto, felizes para sempre não vem facilmente. Assim que Han e Leia partem de sua cerimônia idílica para sua lua de mel, eles se encontram no palco

mais grandioso e glamoroso de todos: o Halcyon, uma embarcação de luxo em uma jornada muito pública para os mundos mais maravilhosos da galáxia. O casamento deles e a paz e a prosperidade que ele representa são um para-raios para todos, incluindo os remanescentes imperiais que ainda se apegam ao poder. Enfrentando seu momento mais desesperador, os soldados do Império se dispersaram pela galáxia, se concentrando em planetas isolados e vulneráveis à sua influência. Enquanto a Halcyon viaja de mundo a mundo, uma coisa fica bem clara: a guerra ainda não acabou. Mas à medida que o perigo se aproxima, Han e Leia descobrem que lutam suas melhores batalhas não sozinhos, mas como marido e mulher.

Baixe agora e leia

Star Wars – Episódio III – A Vingança dos Sith

Baixe agora e leia

À medida que o combate se intensifica em toda a galáxia, o palco está montado para um final explosivo: Obi-Wan empreende uma missão perigosa para destruir o temido líder militar separatista, General Grievous. O Supremo Chanceler Palpatine continua a suprimir as liberdades constitucionais em nome da segurança, enquanto influencia a opinião pública a se voltar contra os Jedi. E um Anakin conflituoso teme pela vida de seu amor secreto, a Senadora Padmé Amidala. Atormentado por visões indescritíveis, Anakin se aproxima cada vez mais do limite de uma decisão que moldará a galáxia. Resta apenas para Darth Sidious dar o golpe final avassalador contra a República, e consagrar um novo Senhor Sith temível: Darth Vader. Baseado no roteiro do último filme da saga épica de George Lucas, o livro do aclamado autor de Star Wars, Matthew Stover, estala com ação, captura os personagens icônicos em toda a sua complexidade e fecha a obra-prima da ópera espacial com um estilo impressionante.

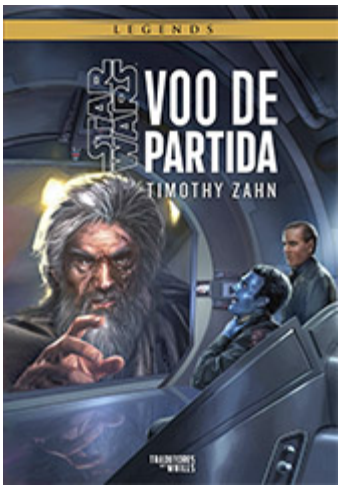
Baixe agora e leia

Star Wars – Jornada para Star Wars – Os Último Jedi As Lendas de Luke Skywalker

Baixe agora e leia

Enquanto uma nave de carga atravessa a galáxia em direção a Canto Bight , os marinheiros a bordo contam histórias sobre o lendário Cavaleiro Jedi Luke Skywalker. Mas as histórias do icônico e misterioso Luke Skywalker são verdadeiras ou apenas contos fantásticos passados de um canto da galáxia a outro? Skywalker é realmente um herói Jedi famoso, um charlatão elaborado ou mesmo parte droide? Os marinheiros terão que decidir por si mesmos quando ouvirem As Lendas de Luke Skywalker.

Baixe agora e leia



Star Wars – Voo de Partida

Baixe agora e leia

Antes do início das Guerras Clônicas, um grupo de Jedi liderado pelo Mestre Jorus C’baoth pressionou o Senado da República para financiar um projeto para procurar e contatar vida inteligente fora da galáxia conhecida. Seis Mestres Jedi, 12 Cavaleiros Jedi e 50.000 funcionários de apoio adicionais embarcaram em uma nave estelar incrível e partiram em sua aventura… apenas para desaparecer sem deixar rastros. Este foi o primeiro encontro dos Jedi com os alienígenas chamados Chiss, e o futuro arqui-inimigo da Nova República, Thrawn. Mas até Luke Skywalker e a sua esposa Mara partirem para as Regiões Desconhecidas em Survivor’s Quest, o destino do Projeto Voo de Partida permaneceu um enigma.

Baixe agora e leia

Star Wars - Contos de Luz e Vida

Baixe agora e leia

Contos emocionantes com personagens favoritos dos fãs da amada série Alta República, cada um escrito por um autor best-seller do New York Times. Os autores da Alta República compartilham contos imperdíveis que conectam Fases, resolvem mistérios e oferecem dicas tentadoras do que está por vir. Junte-se novamente às aventuras dos Jedi e Padawans, Desbravadores e membros da Trilha, heróis e vilões antes do lançamento da Fase III.

Baixe agora e leia

Star Wars - Nova Ordem Jedi - Rumo Sombrio I - Ofensiva

Baixe agora e leia

É um momento perigoso para a Nova República. Justamente quando a unidade é mais necessária, a desconfiança aumenta. Até os Jedi sentem a tensão, à medida que elementos rebeldes se rebelam contra a liderança de Luke. Quando invasores alienígenas conhecidos como Yuuzhan Vong atacam sem aviso, a Nova República fica na defensiva. Guerreiros impiedosos, a glória de Yuuzhan Vong na tortura. A tecnologia deles é tão estranha quanto mortal. O mais sinistro de tudo é que eles são imunes à Força. Agora Luke deve exercer todos os poderes incríveis de um Mestre Jedi para derrotar a ameaça mais grave desde Darth Vader. Enquanto Leia e Gavin Darklighter lideram refugiados desesperados em uma retirada de combate das forças de Yuuzhan Vong, Mara Jade, Anakin, Jacen e Corran Horn são testados como nunca antes por um inimigo implacável e sem rosto determinado a sufocar para

sempre a luz da Nova República. uma mortalha do mal mais sombrio...

Baixe agora e leia

Star Wars [Jornada para Star Wars - A Ascensão Skywalker] Colecionador da Força

Baixe agora e leia

Karr é um adolescente como muitos outros na galáxia. Ele vai à escola, ajuda os pais nos negócios da família, gosta de speeders e droides. Mas Karr também tem um segredo: quando toca em certos objetos, ele sente fortes dores de cabeça e desmaia. E junto com a dor às vezes vêm visões de pessoas que ele não conhece e de lugares onde nunca esteve. Os pais de Karr temem que ele esteja doente; sua avó está convencida de que as visões vêm da Força. Mas já se passaram anos desde que alguém ouviu falar do último Jedi, Luke Skywalker. Sobrou algum Jedi para guiar Karr no uso de suas habilidades? Alguém está disposto a falar sobre os Jedi e o que aconteceu com eles, à medida que sua memória continua a desaparecer e a Primeira Ordem surge? Preso em seu isolado planeta natal, Karr se torna um colecionador de artefatos históricos, na esperança de um dia encontrar um objeto que lhe dê uma visão sobre os segredos dos Jedi.Quando sua avó morre e os seus pais

anunciam que vão mandá-lo para uma escola no outro lado do planeta, Karr chega ao limite. Ele precisa saber o que seu destino reserva e se os Jedi estão envolvidos. Acompanhado por Maize, a nova garota rude e imprevisível da escola com ligações com a Primeira Ordem, e RZ-7, o solícito companheiro droide de Karr, ele parte para a galáxia maior para descobrir a verdade. Suas aventuras o levarão de Utapau a Jakku, a Takodana e além, enquanto ele aprende mais sobre os Jedi do que poderia esperar... e sobre seu próprio lugar na Força.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Alta República – Olho da Escuridão

Baixe agora e leia

A galáxia está dividida. Após a chocante destruição do Farol Luz Estelar, os Nihil estabeleceram uma barreira impenetrável chamada Muralha de Tempestade ao redor de parte da Orla Exterior, onde Marchion Ro governa e os seus seguidores causam estragos a seu bel-prazer. Os Jedi presos por trás das linhas inimigas, incluindo Avar Kriss, devem lutar para ajudar os mundos saqueados pelos Nihil, enquanto ficam um passo à frente dos saqueadores e os seus terrores Inomináveis. Fora da chamada Zona de Oclusão dos Nihil, Elzar Mann, Bell Zettifar e outros Jedi trabalham junto à República para alcançar os mundos que foram isolados do resto da galáxia. Mas cada tentativa de romper a Muralha de Tempestade falhou, e até a comunicação através da barreira é impossível. Os fracassos e as perdas pesam muito tanto para Elzar quanto para Bell, enquanto procuram desesperadamente por uma solução. Mas mesmo que as forças da República e dos Jedi consigam romper a Muralha de Tempestade, como os Jedi podem se defender contra as criaturas

Inomináveis que se alimentam da conexão dos Jedi com a Força? E que outros horrores Marchion Ro tem guardados? À medida que a desesperança cresce tanto para os Jedi quanto para a República, qualquer esperança de reunir a galáxia pode estar prestes a se extinguir completamente…

Baixe agora e leia

Star Wars - Mão de Thrawn - Visão do Futuro

Baixe agora e leia

Para um Império sitiado, tempos desesperadores exigem medidas desesperadas. Semeando a discórdia entre a frágil coligação da Nova República, os remanescentes do outrora poderoso Império fazem uma última jogada pela vitória. Tendo implicado os Bothanos no genocídio dos Caamas, eles agora planejam um ataque a Han e Leia, que também deve ser atribuído aos Bothanos. Se tiverem sucesso, a Nova República será dilacerada. Para evitar o desastre inevitável, Luke, Leia, Han e os seus amigos devem provar a inocência dos Bothanos e revelar a traição do Império. Mas o tempo esta se esgotando. O astuto Major Tierce juntou-se ao ambicioso Moff Disra no plano mestre do Império. No seu cerne está o golpe mais elaborado de todos: o boato de que o lendário Grão Almirante Thrawn, há muito considerado morto, retornou para liderar o Império a um triunfo profetizado. A notícia do retorno de Thrawn já está reunindo as forças imperiais contra a Nova República. Enquanto Leia viaja para um encontro secreto com um comandante imperial

que afirma querer a paz, Han e Lando Calrissian viajam para o território inimigo para descobrir a verdade sobre a destruição de Caama. Enquanto isso, Luke e Mara Jade se infiltram em uma fortaleza escondida onde os seguidores mais fanáticos de Thrawn aguardam seu chamado às armas. E Talon Karrde retorna ao seu passado no submundo e a um brutal senhor do crime cujo conhecimento pode salvar a República. Mas é a verdade sobre Thrawn que é mais importante. Em suas mãos, vivas ou mortas, está o destino da Nova República.

Baixe agora e leia

Star Wars - Escalada Escarlate

Baixe agora e leia

Nem todos têm a chance de ser o herói. Qi’ra ouviu os sonhos e promessas de um rapaz com um sorriso imprudente, apenas para ser arrancada dele e devolvida à gangue dos Vermes Brancos enquanto Han seguia o seu caminho rumo à liberdade. Agora, a liberdade parece um luxo que ela não pode se permitir enquanto se concentra na sobrevivência e desespera por deixar Corellia para trás. Mas a sua sorte parece mudar quando um representante do sindicato criminoso da Aurora Escarlate tira Qi’ra da captura e a leva até o líder do sindicato, o misterioso e volúvel Dryden Vos. Vos oferece a Qi’ra uma oportunidade que ela nunca teve antes: a chance de construir algo semelhante a uma vida confortável, se ela conseguir provar o seu valor para a organização dele. Com o fracasso significando morte certa, Qi’ra sabe que deve se imergir no mundo impiedoso e assassino da Aurora Escarlate. O que ela não sabe é quem será se sobreviver..."

Baixe agora e leia

Star Wars - Desencadear da Força

Baixe agora e leia

A queda da República está completa. O poder absoluto agora repousa no punho de ferro de Darth Sidious, o astuto Lorde Sith mais conhecido como Imperador Palpatine. Mas há mais a ser feito. Bolsões de resistência na galáxia ainda precisam ser derrotados, e Jedi desaparecidos devem ser contabilizados… e lidados. Essas tarefas cruciais ficam a cargo do impiedoso executor do Imperador, Darth Vader, que, por sua vez, treinou um aprendiz Sith letal e sem nome para eliminar secretamente os últimos inimigos de seus mestres. A jornada deste acólito o levará pelos confins da galáxia e o testará com revelações devastadoras que atingem o cerne de tudo em que acredita, despertando nele esperanças há muito esquecidas de recuperar seu nome… e mudar o seu destino.

Baixe agora e leia

Star Wars - Padawan

Baixe agora e leia

Obi-Wan Kenobi não é aprendiz de Qui-Gon Jinn há muito tempo e está irritado com o estilo de treinamento de Qui-Gon: só meditação, sem ação. Obi-Wan anseia por provar o seu valor em uma missão, mas quando ele e Qui-Gon finalmente partem em uma missão, Qui-Gon não é encontrado em lugar nenhum. Irritado com o abandono de seu mestre, Obi-Wan parte sozinho na missão, determinado a provar seu valor. Em um planeta misterioso, ele encontra um bando de adolescentes ferozes e manejadores da Força, que parecem ser os únicos habitantes do planeta. Enquanto ele experimenta uma liberdade selvagem com eles e se pergunta se esta não é a vida para a qual ele foi criado, Obi-Wan não consegue escapar da sensação incômoda de que algo está errado com a Força ali. Apegos crescentes, revelações surpreendentes e uma ameaça iminente tanto para o planeta quanto para seus novos amigos colocarão Obi-Wan cara a cara com seu pior medo: que talvez ele

nunca devesse ser um Jedi. Ele conseguirá se conectar com a Força viva a tempo de salvar a si mesmo e a todos ao seu redor?

Baixe agora e leia

Star Wars – Comandos da República – Ordem 66

Baixe agora e leia

As Guerras Clônicas avançam em direção ao seu ápice sangrento. A traição reina. A traição exige coragem. Comandos, Jedi e toda a República Galáctica devem enfrentar o fim da vida como a conhecem… e a temida aurora de um novo império. Mesmo quando as Guerras Clônicas estão prestes a alcançar uma conclusão explosiva, ninguém sabe se a vitória favorecerá o Grande Exército da República ou os Separatistas. Mas, não importa quem vença, as apostas são mais altas para os clones de Operações Especiais de elite, como os Comandos da República nos esquadrões Ômega e Delta, e os notórios troopers renegados de Comando Avançado de Reconhecimento conhecidos como CRAs Nulos. E agora, até mesmo a arma mais letal pode não ser poderosa o suficiente para derrotar a verdadeira ameaça: o horror apocalíptico que será desencadeado quando Palpatine pronunciar as palavras arrepiantes “Chegou a hora. Execute a Ordem 66.” Tradução: Os Jedi tentaram realizar um golpe, e todos devem ser executados imediatamente.

Com a fé na República e a lealdade aos seus aliados Jedi colocadas no teste final, como os homens dos esquadrões Ômega e Delta reagirão ao comando mais infame na história galáctica?

Baixe agora e leia

Star Wars - A Alta República - Fuga de Valo

Baixe agora e leia

Séculos antes das Guerras Clônicas ou do Império, é um momento perigoso para a galáxia, e os Jedi da Alta República devem enfrentar as maiores provações de todos os tempos... O vilão Nihil controla uma área do espaço conhecida como Zona de Oclusão, onde ninguém está seguro, muito menos os Jedi. Um dos Jedi presos atrás das linhas inimigas é Padawan Ram Jomaram, fazendo o seu melhor para ajudar as pessoas de seu planeta natal, Valo, a sobreviver à ocupação Nihil enquanto mantém sua identidade Jedi escondida. Quando Ram descobre um trio de jovens Jedi vivendo nas ruínas do zoológico da cidade, ele se vê em uma posição que nunca poderia ter imaginado: líder. Ram e os outros terão que se unir para enfrentar seus medos e proteger o povo de Valo como só os Jedi podem fazer!

Baixe agora e leia

Star Wars - Trilogia Han Solo - O Jogo dos Hutts

Baixe agora e leia

Aqui está o segundo romance na nova trilogia de sucesso que revela a história nunca antes contada do jovem Han Solo. Ambientado antes das aventuras cinematográficas de Star Wars, esses livros narram o amadurecimento do mais famoso vigarista, contrabandista e ladrão da galáxia. Antes uma das estrelas mais brilhantes da Academia, Han Solo agora é um fugitivo da Marinha Imperial. Mas ele fez um valioso amigo em um ex-escravo Wookiee chamado Chewbacca, que jurou a Han uma dívida de vida. Han precisará de toda a ajuda possível. Pois os Hutts de Ylesia despacharam o temido caçador de recompensas Boba Fett para rastrear o homem que já os enganou uma vez. Mas Han e Chewie se veem em ainda mais apuros quando concordam em emprestar seus serviços aos senhores do crime Jiliac e Jabba the Hutt. De repente, os dois contrabandistas são lançados no meio de uma batalha entre o poder do Império e a traição de seus aliados fora da lei... uma batalha onde até a vitória significa morte!

Baixe agora e leia

Star Wars - Trilogia Han Solo - O Jogo dos Hutts

Baixe agora e leia

As notícias da vitória da Nova República ainda ecoam pela galáxia. Em seu rastro, as naus capitânias do recém-legitimado governo galáctico viajam até as estrelas mais distantes, buscando e esmagando os remanescentes da tirania Imperial. Mas alguns fantasmas antigos são mais difíceis de banir do que outros. E nenhum é mais perigoso do que Shadow Wing. A esquadrilha improvisada de Yrica Quell, o Esquadrão Alfabeto, ainda lidera a busca pela Shadow Wing, mas eles não estão mais perto de seu objetivo, e a pressão para encontrar a sua presa antes que seja tarde demais começou a despedaçá-los. Determinada a terminar a luta de uma vez por todas, Quell trabalha com o controverso Caern Adan da Inteligência da Nova República e a lendária General Hera Syndulla para preparar o lance mais arriscado de sua carreira de combate espacial, uma armadilha para a Shadow Wing que poderia acabar com a perseguição de uma vez por todas. Mas na escuridão, seu inimigo evoluiu. Soran Keize, último dos áses Imperiais,

assumiu o vácuo de poder à frente da Shadow Wing, reavivando a unidade vacilante em seu momento de necessidade. Antes à deriva nos tremores pós-guerra, Keize encontrou significado novamente, liderando os soldados perdidos de sua unidade para a segurança. A única coisa em seu caminho? O esquadrão mais descoordenado da Marinha da Nova República, liderado por sua ex-aprendiz: a traidora Yrica Quell.

Baixe agora e leia

Star Wars - Nova Ordem Jedi - Rumo Sombrio II - Desastre

Baixe agora e leia

Os alienígenas Yuuzhan Vong lançaram um ataque aos mundos da Orla Exterior. Eles são implacáveis, sem consideração pela vida, e estão completamente fora da Força. As suas táticas em constante mudança confundem o exército da Nova República. Mesmo os Jedi, uma vez os maiores guardiões da paz na galáxia, se tornaram impotentes por esse inimigo impassível, e a sua solidariedade começou a desmoronar. Enquanto Luke luta para manter os Jedi unidos, os Cavaleiros Jacen Solo e Corran Horn partem em uma missão de reconhecimento ao planeta Garqi, um mundo ocupado. Lá, finalmente, eles descobrem um segredo que poderia ser usado para minar o inimigo, se ao menos conseguirem permanecer vivos tempo suficiente para usá-lo!

Baixe agora e leia

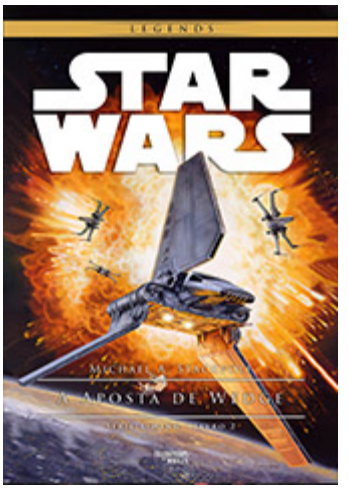
Star Wars - A Alta República - Desafio da Tormenta

Baixe agora e leia

A República Galáctica está um caos após a chocante destruição da reluzente estação espacial Farol Luz Estelar pelos Nihil. Aproveitando a sua vitória, os Nihil ergueram uma barreira chamada Muralha de Tempestade em torno de uma seção do espaço da República e a reivindicaram para si. Dentro desta Zona de Oclusão, as pessoas vivem à mercê dos Nihil,e os Nihil não são conhecidos pela misericórdia. A Cavaleira Jedi Vernestra Rwoh, acreditando que o seu Padawan, Imri Cantaros, estava entre as vítimas do Farol Luz Estelar, retirou-se para um planeta pacífico onde espera cuidar de suas feridas e recuperar algum senso de equilíbrio. Mas a sua velha amiga Avon Starros tem outros planos. Avon sabe que Imri está vivo dentro da Zona de Oclusão, e ela e Vernestra devem ser as únicas a encontrá-lo. Com a ajuda da ex-deputada da fronteira Jordanna Sparkburn e do extremamente indigno de confiança Xylan Graf, Avon e Vernestra decidiram romper o Stormwall e entrar na Zona de Oclusão em busca de Imri. Mas dentro do território Nihil, o perigo

espreita em cada esquina... assim como criaturas aterrorizantes conhecidas como Inomináveis.

Baixe agora e leia



Star Wars - X-Wing - A Aposta de Wedge

Baixe agora e leia

Ágeis, velozes e letais, eles são os caças X-wing. E à medida que a batalha contra o Império se intensifica pela vastidão do espaço, os pilotos arriscam suas vidas e suas máquinas pela causa da Aliança Rebelde. Agora, eles precisam embarcar em uma perigosa missão de espionagem, enfrentando traição e morte no mundo natal Imperial para desmantelar o poder de um inimigo impiedoso! É o coração maligno de um Império abalado e cambaleante: Coruscant, a gigantesca cidade-mundo de cujas torres imensas o Alto Comando Imperial direciona a guerra. Os Rebeldes invadirão esta poderosa cidadela em um movimento audacioso para derrubar o Império. Mas primeiro, Wedge Antilles e seus pilotos X-wing devem se infiltrar em Coruscant para obter informações cruciais de inteligência. Ser capturado significa a morte, ou pior, presos nas garras da líder cruel conhecida como "Coração de Gelo", Ysanne Isard, agora Imperatriz de fato.

Baixe agora e leia

No ano anterior a A Ameaça Fantasma, Yoda, Mace Windu e todo o Conselho Jedi confrontam uma galáxia à beira da mudança.

Os Jedi sempre viajaram pelas estrelas, defendendo a paz e a justiça em toda a galáxia. Mas a galáxia está mudando, e a Ordem Jedi junto com ela. Cada vez mais, a Ordem se encontra focada no futuro da República, isolada em Coruscant, onde os doze membros do Conselho Jedi ponderam crises em uma escala galáctica.

Enquanto mais um posto avançado Jedi remanescente da era de ouro da República está prestes a ser desativado no planeta Kwenn, Qui-Gon Jinn desafia o Conselho sobre o aumento do isolamento da Ordem. Mace Windu sugere uma resposta audaciosa: Todos os doze Mestres Jedi embarcarão em uma missão de boa vontade para ajudar o planeta e lembrar às pessoas da galáxia que os Jedi permanecem tão firmes e presentes como sempre foram ao longo dos séculos.

Mas a chegada da liderança Jedi não é vista por todos como motivo de celebração. Na crescente ausência dos Jedi, facções piratas beligerantes infestaram o setor. Para manter sua dominação, os piratas se unem, com a intenção de assassinar os membros do Conselho. E estão dispostos a destruir inúmeras vidas inocentes para assegurar seu poder.

Isolados de Coruscant, os Mestres Jedi devem enfrentar uma verdade indesejada: Enquanto ninguém pensa mais no futuro do que o Conselho Jedi, ninguém precisa mais de sua ajuda do que aqueles que vivem no presente.

starwars.com

Disney • Tradutores dos Whills • Lucasfilm Ltd

readstarwars.com
Facebook.com/Star Wars Books
Twitter: @DelReyStar Wars
tradutoresdoswhills.wordpress.com

Arte de capa: Jeff Langevin
Desenho de capa: Jeff Langevin e Scott Biel

FICÇÃO CIENTÍFICA

ISBN 978-1-9848-2021-1

9 781984 820211 90000

EAN S